



LUIS FERNANDO
Verissimo

Crônicas Seleccionadas da coluna do Estadão

A agenda

Um homem chamado Cordeiro abre a agenda em cima da sua mesa de trabalho e vê escrito: "Comprar arma".

Ele não se lembra de ter escrito aquilo. Como tem agenda justamente para ajudá-lo a se lembrar das coisas, compra uma arma, mesmo não sabendo para quê.

No dia seguinte, vê na agenda: "Marcar almoço com Rodrigues."

Mais uma vez, não se lembra de ter escrito aquilo, nem tem qualquer razão para almoçar com o canalha do Rodrigues. Mas marca o almoço. Durante o qual ouve do canalha do Rodrigues a notícia de que pretende se afastar da companhia e vender sua parte ao canalha do Pires, que assim terá a maioria e mandará na companhia, inclusive no Cordeiro.

Cordeiro insiste para que Rodrigues venda sua parte a ele e não ao Pires, mas Rodrigues ri na sua cara e ainda por cima não paga a sua parte no almoço.

Naquela tarde, Cordeiro vê na sua agenda: "Matar Rodrigues. Simular assalto." E o dia e a hora em que deve acontecer o assassinato, sublinhados com força.

E na mesma folha: "Providenciar álibi: lancha."

Lancha? Cordeiro vira a página. Lá está o plano, meticulosamente detalhado. Sair com a lancha no domingo, assegurando-se de que todos no clube o vejam sair com a lancha, encostá-la em algum lugar ermo onde deixou seu carro no dia anterior, ir de carro até a casa de Rodrigues, matá-lo, jogar a arma fora, voltar de carro para a lancha e voltar de lancha para o clube, onde todos o veriam chegar como se nada tivesse acontecido. É o que faz.

Na segunda-feira, Cordeiro arregala os olhos e finge estar chocado quando chega à firma e ouve do Pires a notícia de que houve um assalto no fim de semana e o Rodrigues foi baleado, e está morto.

Pires revela que estava desconfiado de que Rodrigues iria vender sua parte na companhia a Cordeiro. Pretendia marcar um almoço para discutir o assunto com o canalha

do Rodrigues, mas no dia Rodrigues dissera que tinha outro compromisso para o almoço.

Na saída do escritório, Pires diz que na última reunião dos três sócios tinha saído por engano com a agenda do Cordeiro e pergunta se por acaso o Cordeiro não ficou com a sua agenda.

Ou então:

Na segunda-feira, Cordeiro arregala os olhos e finge estar chocado quando chega à firma e ouve do Pires a notícia de que houve um assalto no fim de semana e o Rodrigues foi baleado, e está morto.

Os dois marcam uma reunião para tratar do que fazer com a parte do Rodrigues, mas não chegam a um acordo e brigam. Naquele mesmo dia, Cordeiro vê escrito na sua agenda: "Incriminar Pires."

É o que faz. Orientado pela agenda, consegue plantar pistas falsas e convencer a polícia de que Pires matou Rodrigues porque este pretendia vender sua parte na firma a Cordeiro. Com Pires afastado, Cordeiro assume o comando da firma e a faz crescer como nunca — sempre seguindo as ordens da agenda, que não erra uma.

Até que um dia a agenda lhe manda juntar todo o dinheiro em caixa na firma, vender o que for possível para levantar mais dinheiro e jogar tudo na bolsa. "Agora!", ordena a agenda.

Cordeiro jogou na bolsa todo o dinheiro que tinha, o seu e o da firma. Foi na véspera da grande queda. Perdeu tudo. Quando consultou a agenda de novo, desesperado, sem saber o que fazer encontrou apenas a frase: "Quem entende a bolsa?"

E no dia seguinte:

"Comprar arma".

A Carta do Fuás (1)

Posto que as notícias do achamento da terra nova já são da vossa ciência por relato de Pero Vaz de Caminha e outros, resumirei minha conta do que já sabeis, rogando o perdão de Vossa Alteza para o pecado que um escrevedor mais teme, o da redundância. Também rogo a Vossa Alteza que não duvide da minha sanidade, estou lúcido e verdadeiro como só um condenado pode estar. Não porei aqui mais do que aquilo que vimos, ouvimos e nos pareceu, a mim e a Vasco de Ataíde. Pois quem vos escreve é Fuas Roupinho, escrivão embarcado com Vasco de Ataíde na nave tresmalhada, de cujo desaparecimento vos deu conta o Caminha.

Mudo de parágrafo para que Vossa Alteza refaça-se do susto que lhe causaram meu nome e o do meu capitão. Faz parte da arte de escrever a distribuição sagaz de espaços abertos, como os jardins nas casas mouras. Assim respira o texto e respira o leitor. Toda arquitetura, de pedra ou palavra, deve ter aberturas bem-postas por onde circule o ar e cure-se a opressão, e não pretendo que esta carta seja uma enclausura onde vosso espanto procure a saída em vão, como uma freira tomada de fogos, um fantasma novato num mausoléu, ou um traque num calção. Respire, rei, e prepare-se para estranhezas. Vossos navegadores não vos deram apenas este mundo, destamparam muitos outros. Horrores e maravilhas, horrores e maravilhas.

Portanto, Senhor, do que hei de falar começo e digo:

A partida de Belém, como Vossa Alteza sabe, foi segunda-feira, 9 de março.

Sabe também Vossa Alteza que o mais difícil das viagens não é o Mar e as suas fúrias e o Desconhecido e seus monstros, o mais difícil é sair de Portugal. Somos a raça da saudade, eternamente divididos entre o chão e o além, entre o ficar e o ir. Portugal, com os braços e a garganta da minha mulher, me segurava no cais, como se o Restêlo fosse vivo e chorasse e ralhasse. As pragas da minha mulher não se dirigiam só a mim, mas a todos os navegadores, a todos os homens que viajam, a todos da História que não ficaram. Para o que queria mais mundo quem já tinha Portugal? Tudo, disse ela, pela vaidade, pela fama vã, pelo que tira o Homem de casa. Ali, sobre o cais, éramos menos uma família do que uma alegoria. Um quadro do Portugal indeciso entre ser o que já era e ser outro, entre o campo e o mar, a agricultura e a epopéia, a amável pequenez e a odiável, mas soberba, conquista. Minha Maria bem representava o Portugal agropastoril que precisava ser deixado, com sua cor de terra virada, seus tufos, seus cheiros e suas lamúrias reincidentes. Eu me via como o Portugal que precisava ir, e substituir a epopéia semanal de descobrir Maria sob os seus camisolões, sempre a mesma Maria, repetindo-se como as estações, e montá-la, pela aventura de descobrir novas terras sob outros céus, e ocupá-las. Era o passado que me segurava, era o Tejo que molhava o meu ombro, perguntando-me para o que queria mais água quem já tinha tal rio. Desgrudei-me finalmente dos braços de Maria, mas as suas pragas me seguiram como cachorros raivosos, rampa acima. Ela nunca entendeu que saímos de Portugal para ter saudade de Portugal, que Portugal na nossa saudade é como Portugal preservado numa salmoura de afetos. Que entre o aqui e o lá, preferimos o lá, mas estando aqui.

Domingo, 22 do dito mês, às 10 horas, pouco mais ou menos, houvemos vista das ilhas de Cabo Verde. Na noite seguinte, segunda-feira, ao amanhecer, se perdeu de nós o resto da frota, sem haver tempo forte nem contrário para que tal acontecesse. Fez o capitão suas diligências para os achar, a uma e outra parte, mas não mais apareceram, até meses mais tarde, quando os reencontramos neste porto de Calicute, onde comparamos aventuras sob a sombra das cimitarras árabes, que em breve nos atacam. Pois também chegamos ao mesmo sítio a que chegaram Cabral, Caminha e os outros, mas não ao mesmo tempo, e sim 500 anos depois.

Vê Vossa Alteza que abri outro espaço para vosso desfalecimento, ou qualquer outra manifestação coreográfica de incredulidade. Enquanto vos refazeis, conto o meu conhecimento do Caminha, que se pode medir em garrafas, az-zebibs e anos de conversa nas tabernas de Lisboa. Tão bem ele me conhece que garantirá minha honestidade. Aliás, foi de Caminha a idéia, lançada numa mesa de escritores da Alfama, de viajarmos todos com a esquadra de Cabral num barco só de escrivães, abandonada quando nos vimos discutindo se o barco precisaria de um piloto ou se nossas interpretações das nuvens e exegeses criativas das correntes nos levariam ao destino, qualquer destino, e então descobrimos que o vinho nos empurrara, como solerte vento levantino, para a Terra da Bobagem. Seria o barco mais divertido da frota, ainda que dado a derivas depressivas, polêmicas corcoveantes e conflitos de estilos a bordo, e o único que os choques de teses e vaidades ameaçariam mais do que as tormentas do Mar Oceano. E que não dependeria de chegar a nenhuma terra para descrever seus sortilégios, pois qualquer guirlanda flutuante é uma Ilha Afortunada se bem imaginada qualquer lombo de baleia a Última Thule das lendas gregas, se bem contado. Mas sabe o Caminha que não invento, pois não se comem tantas azeitonas com um homem sem lhe conhecer o coração. E do Vasco de Ataíde não se duvide, pois é um nobre português e descrever da nobreza é desesperar da Humanidade.

Vimos-nos sozinhos num mar sem ondas, o Tejo sem as margens, com as velas murchas e os olhos grandes. E subitamente alguém apontou com terror para o horizonte e todos viram um rosto gigantesco com as bochechas estendidas, como os sopradores de vento que ilustram os mapas, e de tal força foi o sopro dos seus lábios quilométricos que o barco

disparou sobre a água com as velas insufladas ao máximo e todos agarrados ao fixo mais próximo que os salvasse de ficar para trás, e sentimos que tínhamos sido impelidos para outro mar, ou o mesmo mar em outro mundo. E houvemos vista à terra e vimos o que viu Caminha. O monte a que chamaram Pascoal e as serras mais baixas e a terra chã. Mas o que vimos e fizemos depois em nada se pareceu ao que viram e fizeram eles. Pois, Senhor, tínhamos passado por um portal do tempo e chegamos à vossa nova terra quando nova já não era.

No ancoradouro em que aportamos, 500 anos depois, haviam barcos fundeados, obra de 10 ou 12, mas que pouco se pareciam com as naus de hoje. Vimos que no futuro o velame será imenso, o que permitirá que os barcos cheguem a vários andares de altura e várias funduras de quina, e com tal amplidão que seria possível aos navegadores portugueses atenderem ao secreto desejo da sua alma e levarem o Restêlo na viagem. Mas o Restêlo lá já estava! Além do cais erguia-se uma cidade não muito diferente de Lisboa ou do Porto. Nossa chegada foi saudada com fogos de artifício e bandeiradas, tiros de pólvora seca das naus e muito ruído da multidão. Desfilamos, escoltados, pelas ruas da cidade, vendo de perto a felicidade e a prosperidade de todos, e todos nos festejavam sem que para isso houvesse razão forte. Depois se explicou a alegria: tomaram a nossa nau como uma réplica das naus de 500 anos antes, e nossa chegada como uma comemoração do achamento da Papagália, pois assim será chamada a terra nova no ano 2000.

De nada adiantou falar do portal do tempo e do vento misterioso que nos lançara da costa da África para a costa do inexplicável. Não o entenderam e riram-se muito, e nos discursos que fizeram no banquete em nossa honra, em sua língua arrevesada que parecia português falado pelo nariz, julguei ouvir elogios aos recém-chegados, que tinham cruzado o oceano não numa casca de noz, mas numa imitação de casca de noz e mereciam tantos brindes com aguardente quanto era grande a sua coragem. Naquela noite todos os tripulantes dormiram com sete mulheres cada um, pardas e brancas, salvo o Ataíde, que dormiu abraçado com um crucifixo. E só eu encanei quatro, por diante e por trás, antes de sumir dentro de mim num sorvedouro de aguardente. E vi que no banquete o aguardente era servido a todos em taças de ouro.

Já o capitão viu outra coisa. Para Vasco de Ataíde os tiros de recepção no porto não eram de festim, eram de verdade, fomos escoltados através das ruas da cidade e das suas multidões maltrapilhas como prisioneiros, o banquete não foi um banquete, foi um interrogatório, e os brindes foram orações de exorcismo, pois nos tomavam como enviados do Demônio. Contou Ataíde que, contrariando sua natureza fidalga, teve de mentir como um cigano, dizendo que não éramos uma manifestação maligna, mas estávamos a recriar a viagem de 500 anos antes, em todos os detalhes, do velame aos cadarços e dos calções ao sotaque. E fez isso com grande dificuldade, pois em 500 anos o Homem, se aprendeu a construir barcos gigantescos, desaprendeu o latim. E assim os bispos, pois eram bispos, aceitaram que não éramos visitantes de outro mundo e sim encenações dos primeiros portugueses. E se isso pouco mudou seus humores, pois ali não tinham grande veneração pelos antepassados nem achavam que seu começo era de muito se festejar, pelo menos, segundo Ataíde, nos salvou da grelha. Mas fomos avisados para não nos misturarmos ao povo do Novo Portugal, pois assim Ataíde entendeu o nome futuro de Vera Cruz. O povo era ignorante e supersticioso, e mal distinguiria uma falsa pronúncia antiga de uma das línguas do Diabo.

E Vasco de Ataíde confirma que o vinho era servido em taças de ouro, mas só para os senhores e os bispos. (Continua)

A carta do Fuás (2)

(Descoberta recentemente, por acaso, dentro de uma caixa de sapatos na Torre do Tombo, a carta de Fuas Roupinho, escrivão da frota de Cabral embarcado com Vasco de Ataíde na nau dada como desaparecida, e que um vento misterioso impeliu para a costa brasileira e, segundo o seu autor, para 500 anos depois, dá uma visão holística da nova terra, pois as versões de Fuas e de Vasco de Ataíde sobre o que viram no ano 2000 não podiam ser mais diferentes, e mostram as duas maneiras como o futuro do Brasil foi imaginado pelos descobridores. Já que a carta, ao que tudo indica, é imaginária.) Na vossa nova terra, Senhor, tudo será compartilhado e o que for de um será de outro. Das histórias conservadas do achamento, como relatou Caminha, as mais contadas em Papagália serão as das trocas com o gentio. De como os portugueses davam barretes vermelhos e carapuças de linho e sombreiros e recebiam em troca muito mais do que davam, e para cada barrete recebiam 10 cocares, para cada carapuça 12 colares e para cada sombreiro 20 papagaios.

Em Papagália, nos dias de festa, os nobres dão tudo do que é seu para os plebeus, e os plebeus dão tudo do que é seu para os nobres, e os nobres vivem como plebeus e os plebeus como nobres até a festa seguinte, quando destrocam tudo, pois a terra é rica e haverá para todos. Mas assim não viu meu capitão, Vasco de Ataíde, para quem o resultado de 500 anos em que um chapéu português valerá 20 papagaios na nova terra e um papagaio valerá 20 chapéus novos em Portugal será uma classe de nobres como 20 vezes 500 mais chapéus do que a outra, e que não trocará nada com ninguém.

Vimos, para a alegria de Vossa Alteza, o ouro e a prata que Cabral e Caminha não viram, e vimos a sua abundância. Ouro, prata, diamantes, tudo tem a vossa terra para ter Felicidade. E será feliz (digo eu) e não será feliz (diz o Ataíde). Vi que todos beberão em taças de ouro, viu o Ataíde que disse só farão os senhores e os bispos. Vi putos do tamanho da minha meia-perna jogando com diamantes nas ruas, enquanto Ataíde só viu diamantes nos jogos da corte, onde um dos costumes é comê-los e cagá-los, pois descobrindo diamantes no próprio barro os nobres têm o prazer diário da garimpagem sem o desconforto da aventura ou de deixarem o litoral, além da lembrança da sua superioridade sobre bestas e pobres com sua merda sem conteúdo, e, mais ainda, saúde, pois a passagem de diamantes enobrece tripas que de outra forma seriam só tripas.

Para mim o encontro da inocência dos pardos com a bondade lusitana inaugurou um país como antes não havia, "Dulcia incognita", doçura inédita, uma Arcádia portuguesa. O povo é o mesmo que Caminha viu nas praias, mas com uma alma cristã e 500 anos de educação clássica e altruística, além das vergonhas tapadas, e com eles muitos portugueses queimados do sol e igualmente pardos.

Fazem tão pouco da vã fortuna de todos que a prata é usada nos telhados e nos urinóis. Já Ataíde diz que encontramos o Paraíso antes da Queda, adões e evas antes da Culpa Feliz que os condenaria e salvaria, pois é preciso pecar para ser regenerado. E diz que salvamos os inocentes corrompendo-os, trazendo-os como comparsas ou escravos para a corrente da História, para o pântano do vício, para a ambição e o comércio e o torvelinho das dúvidas, para que tais provações lhe dessem o paraíso depois da Morte. Em Novo Portugal, no ano 2000, Vasco de Ataíde viu um antevestíbulo da Eternidade onde pardos e plebeus juntavam misérias para merecer lugares no Céu e senhores juntavam riquezas para comprá-los, e os bispos intermediavam.

Aqui em Calicute, muito discutimos com Caminha e os outros o fato de os pardos usarem arcos e setas como as usávamos antes de a pólvora nos trazer suas bênçãos, pois certamente eles não tinham notícia das Escrituras, onde os homens da Europa tinham

buscado suas artes de matar com distância: a funda de Devi, as lanças dos essenitas e os arcos e as setas dos assírios no cerco de Jerusalém. Uns desconfiam que aqueles homens são descendentes de uma das tribos perdidas de Israel, o que explicaria o seu conhecimento bíblico, do que outros discordaram, visto que nenhum tinha as vergonhas circuncidadas. Outros pensam que o arco e as setas foi uma idéia que nasceu com o homem e era uma das ciências naturais de Adão, ao contrário da besta e das armas de fogo, produtos da civilização moderna. Conteí que em 2000 haverá bestas de seis e sete e até oito setas apontadas para todos os lados menos para trás, para caçar de tudo menos o caçador, mas as maiores armas de guerra serão gigantescas Catapultas Hipotéticas, enormes instrumentos de ataque que ninguém saberá como funcionam, dado que Papagália não fará guerra com nenhuma outra ilha. Haverá um exército só para manter, pintar, polir e azeitar os grandes instrumentos que não terá como disparar, pois o único que sabia morreu sem passar o segredo, já que nunca foi necessário. E as Catapultas Hipotéticas ficarão em seus lugares e só sairão para desfilar em dias de festa cobertas de crianças e flores. Em Papagália a pólvora só será usada em fogos de artifício e folgedos de rua, e só haverá explosões nos ares em dias de grande festa. Concordei que arco e setas é uma das ciências naturais que Deus insuflou em Adão pelas narinas, só não tendo certeza como a ciência passou dos descendentes de Adão para os outros seres, como os que encontraram em Vera Cruz, e por que os outros seres, imitando o arco e as setas, também não imitaram as falas e as vestimentas cristãs. Vasco de Ataíde diz que Novo Portugal será fortificado, pois muitos serão os inimigos que cobiçarão nosso entreposto privilegiado para as especiarias do Oriente, e os exércitos existem para garantir o comércio. E sobre o arco e as setas disse Vasco de Ataíde que são a única coisa comum a todos os homens da Terra, cristão ou não, além do membro desonesto, circuncidado ou não.

Em Calicute também muito falamos das moças da nova terra, e das suas vergonhas altas e cerradinhas, tão limpas de cabeleiras, como as viram Caminha e os outros. E ouvindo sobre as partes glabras das moças, lembrei-me da minha Maria, cujo vaso natural tem a cercá-lo um jardim chumacento como um quintal das Terras Altas onde muito chove, e como existem sob as fraldas nobres que conhece Vossa Alteza, salvo se na corte for diferente. E se me subiu, num mesmo assomo, a saudade de Portugal e a ventura de aí não estar.

Contei que 500 anos depois muito se falará de outros éfes, além de Fortuna, Fama e Fé, que chamarão os navegadores para os outros mundos. Éfes de Fêmeas Formosas com suas Fendas Fabulosas e Fechadas, mundos onde os montes das moças serão lisos e à toda vista e os montes da terra serão luxuriantes, ao contrário da Europa, onde os montes das moças vicejam escondidos e os montes da terra são lisos. E o mundo e a História agradecerão o quanto devem às partes peludas da Europa.

Em Papagália todos andarão com suas vergonhas tapadas, mas as destaparão para as festas e para o banho diário, que será público, no mar. Em 2000, homens e mulheres se vestirão da mesma maneira e só se lhes conhecerá o gênero quando se destaparem, e não existirá qualquer pejo em se mostrarem o um ao outro antes da cópula, para saber o que o um pode fazer com o outro, ou se vale a pena. Parecem todos despreocupados e felizes e pouco trabalham, pois riqueza há para todos, e frutas e legumes para quem pegar. Vasco de Ataíde diz que não viu homens e mulheres copulando como animais contentes, não viu nobres e plebeus colhendo as mesmas frutas e legumes, ou nobre brando e plebeu feliz, ou todos se entregando juntos ao vício árabe do banho freqüente, e que o que Portugal dará ao mundo, louvado seja Deus, será outro Portugal.

Em Papagália, os papagaios terão grande prestígio e devoção. Em 500 anos de convívio com os portugueses e intercâmbio com a Terra Mestre desenvolverão um português próprio, que usarão com desenvoltura. Terão a expressão, a inflexão, a entonação e a garrulice humanas, mas não terão o raciocínio, e se manifestarão sobre todos os assuntos

com grande animação, mas pouco sentido. O que será a causa do seu prestígio e devoção entre as gentes, pois darão a impressão de transmitir idéias quando apenas transmitem barulho agradável, e em Papagália barulho terá mais valor do que idéias, por ser mais pacífico. Serão tão amados os papagaios que terão privilégios que os bispos e os nobres não terão no Segundo Paraíso, e serão chamados de "Comunicadores" em gratidão por nada comunicarem. Para Vasco de Ataíde, em Novo Portugal os papagaios serão venerados e formarão uma casta, mas serão mantidos pelos bispos e os nobres para distrair os plebeus e os pardos das suas misérias. Pois que tudo dizendo e não dizendo nada, pouparão o gentio de ter idéias articuladas, e dos malefícios do pensamento.

Em Papagália todos são súditos do rei de Portugal, vosso descendente, Alteza, mas na ilha não há governo, pois não carecem de nada do que faria um governo. Não usam dinheiro, portanto não precisam de impostos. Não fazem guerra, portanto basta um exército autogerido para polir as Catapultas Hipotéticas. E para os debates sem serventia e o divertimento, que são as outras funções do governo, há os papagaios. Vasco de Ataíde concorda que todos em Novo Portugal são súditos do seu magnífico descendente, Alteza, mas há um Vice-Rei que recebe ordens diretamente de Portugal quanto ao que gastar e o que fazer e finge que governa com um pequeno grupo de nobres que nunca muda, e os nobres fazem as leis para o seu próprio proveito. Mas há participação popular no governo, que é biparlatorial. No paço comunal existe um balcão abaixo, onde se reúne o povo para fazer suas reivindicações do governo, e um balcão acima, no qual o Vice-Rei e os nobres ouvem as reivindicações do povo, depois mijam nele.

Em duas coisas concordamos, eu e Vasco de Ataíde, sobre a terra nova, da qual uma ventania tão misteriosa quanto a primeira nos varreu de volta a 1500, e à rota para Calicute: que vossa grande ilha é deveras mui formosa e de muitos bons ares, e que 500 anos depois o nome de Vossa Alteza venturosa continuará a ressoar nas terras portuguesas e nos mares entre elas. Escrevo, Alteza, com a morte me lambendo os pés. Não sei que rancores Cabral despertou nos locais, que preferem o nosso sangue a bons negócios. Caminha já se foi, transposto por uma cimitarra. Não sei o que é feito de Vasco de Ataíde, meu vinagroso capitão. Não sei quantos escaparão com vidas para beijar o chão do Restêlo, e vossas mãos. Escrevo estas últimas linhas com meu próprio sangue. A verdadeiro escrivão pode faltar vocabulário e papel, mas jamais faltará tinta. Tive que fazer minha última escolha, entre segurar a espada com a destra e a pena com a outra, e assim bem esgrimir com os incréus, mas mal escrever, ou a pena com a destra e a espada com a outra, e assim escrever melhor e viver menos. Vê Vossa Alteza que preferi a boa caligrafia à boa defesa. Se alguma posteridade eu tiver, que venha como um exemplo para os escrevedores do futuro: que sejam caprichosos e claros, mesmo sendo mentirosos.

A Cidadezinha Natal

Idéia para uma história. Homem chega num carro com motorista a uma cidadezinha do interior. Manda estacionar o carro na única praça da cidadezinha, em frente à única igreja, e diz para o motorista ficar esperando no carro enquanto ele inspeciona a cidadezinha a pé. Não leva muito tempo. A cidadezinha é quase nada. A praça, a igreja, a prefeitura, algumas casas em volta da praça, poucas ruas. O prédio mais alto da cidadezinha tem quatro andares. É o que fica em cima da maior loja da cidade, a Ferreira e Filhos, que vende de tudo.

O homem entra no único boteco da praça, pede uma cerveja e puxa conversa.

Quer saber quem é que manda na cidadezinha. Há quatro ou cinco pessoas no boteco, que não pararam de observar os movimentos do homem desde que ele desceu do seu carro com motorista. O maior carro que qualquer uma delas jamais tinha visto. Ninguém fala.

O homem repete a pergunta. Quem é que manda na cidadezinha? As pessoas se entreolham. Finalmente o dono do boteco responde.

— O prefeito é o dr. Al...

— Não, não. Não perguntei o prefeito. O que manda mesmo.

— É o Ferreira Filho.

— O da loja?

— É.

— Ele manda na cidade? Não tem alguém mais alto?

— Tem o delegado Fro...

— Polícia, não. Alguém mais alto.

— Tem o padre Túlio.

— O padre Túlio manda no Ferreira Filho?

— Bom... — começa a dizer o dono do boteco.

— Só quem manda no Ferreira Filho é a dona Vicentina — interrompe alguém, e todos caem na risada.

— A esposa dele?

Mais risadas. Não, não é a esposa. Nem a mãe. Dona Vicentina é uma costureira que não costura. O atelier da dona Vicentina ocupa uma pequena sala na frente da sua casa, mas está sempre vazio. O verdadeiro negócio da dona Vicentina, e suas sobrinhas, acontece nos fundos da casa. É lá que ela recebe o Ferreira Filho, e o prefeito, e o delegado e, desconfiam alguns, até o padre Túlio. Se alguém manda no Ferreira Filho, e na cidadezinha, é a dona Vicentina.

Portanto é na sala dos fundos da casa da dona Vicentina que o homem reúne as autoridades, oficiais e reais, da cidadezinha, naquela mesma noite, e faz a sua oferta. Quer comprar a cidadezinha. Como comprar? Comprar. Cash. Tudo. A praça, os prédios, a população, tudo. E os arredores até o cemitério. Mas como? Não é possível. Há impecilhos legais, há...

Todos os protestos cessam quando o homem revela a quantia que está disposto a pagar por tudo, e por todos. É uma quantia fabulosa. Em troca, pede pouca coisa. Um retoque na praça, onde ele quer que seja construído um coreto sob uma árvore milenar, que também deve ser providenciada. Cada habitante da cidade, ao receber o seu dinheiro, receberá junto instruções sobre o que dizer, quando forem perguntados. Dirão que se lembram, sim, do homem. Que ele nasceu e cresceu, sim, na cidadezinha. Que era filho da dona Fulana e do seu Sicrano (os nomes serão fornecidos depois). Que muito brincou na praça, sob a árvore milenar. Que estudou na escola tal, com a professora tal, que terá muitas boas lembranças dele. Uma das habitantes mais antigas da cidadezinha será escolhida para fazer o papel da professora tal. Cada habitante da cidadezinha terá seu papel. Só o que precisarão fazer, quando forem perguntados, é contar histórias sobre a infância e a adolescência do homem na cidadezinha. As histórias também serão fornecidas depois.

— Mas perguntados por quem? — quer saber Ferreira Filho.

— Por repórteres. Virão muitos repórteres aqui.

— Por quê?

O homem não diz. Pergunta se está combinado. Se pode contar com a cidadezinha e com seus habitantes. Todos concordam. Está combinado. Dona Vicentina diz que se alguém não concordar, vai ter que se ver com ela.

No dia seguinte, depois de dizer que o dinheiro e as instruções virão em poucos dias e antes de entrar no carro, o homem olha em volta da praça, examinando cada uma das casas ao seu redor.

Finalmente escolhe uma, aponta, e diz:

— Se perguntarem, eu nasci ali.

Entra no carro e vai embora. Poucos dias depois chegam o dinheiro e as instruções, ou os papéis a serem distribuídos entre os habitantes. É feito o combinado. Constroem o coreto no meio da praça e transplantam uma grande árvore milenar para lhe fazer sombra. E quando a cidadezinha é invadida por repórteres querendo saber da vida do homem, todos respondem de acordo com as instruções. Alguns até improvisam, como a dona Vicentina, que conta que foi a primeira namorada dele. Mas por que tantas perguntas?

— Vocês não souberam? — diz um dos repórteres.

— Ele se matou, ontem. O último pedido dele foi para ser enterrado aqui, na sua cidadezinha natal.

No dia seguinte chega o corpo, para ser enterrado no cemitério. Depois da cerimônia, as autoridades, oficiais e reais, da cidadezinha se reúnem na casa da dona Vicentina para decidir o que fazer. O fato de ele ter se suicidado complica um pouco a coisa, mas no fim fica decidido. Colocarão um busto dele na praça, ao lado da árvore que amava tanto, com uma placa de agradecimento. Afinal, era o filho mais ilustre da cidadezinha.

A Cigana Búlgara

A família era tão grande que, quando contaram ao dr. Parreira que seu sobrinho Geraldo tinha viajado para a Europa, ele precisou ser lembrado:

qual dos sobrinhos era, mesmo, o Geraldo?

— O Geraldinho da Nena. Largou tudo e foi para a Europa.

O dr. Parreira sorriu. Desde pequeno o Geraldinho, filho único de mãe devotada e pai rico, fazia tudo o que queria. Lembrava-se dele criança, comendo espaguete com as mãos e limpando as mãos na toalha. E a Nena, mãe de Geraldinho, como se não fosse com ela. O dr. Parreira ainda chamara a atenção da irmã:

— Olhe o que seu filho está fazendo.

— Deixa o coitadinho se divertir.

Na adolescência, Geraldinho se metera em algumas encrencas. Uma vez até tinham recorrido ao dr. Parreira, o tio mais velho e mais bem relacionado, para livrá-lo do castigo. Uma aventura amorosa que acabara mal. Mas não era má pessoa. Apenas um vagabundo mimado. E, na opinião de todos, o mais simpático da família. Geraldo anunciara em casa que estava indo para a Europa e, apesar do choro da mãe, convencera o pai a financiar a viagem, e seu sustento na Europa até "conseguir alguma coisa".

Veza que outra, o dr. Parreira tinha notícias do Geraldo. ("Quem?" "O Geraldinho da Nena. O que foi pra Europa.") Geraldinho estava lavando pratos em Londres. Geraldinho estava ensinando surfe em Paris. ("Surfe em Paris?!") Geraldinho estava colhendo morangos na Suíça. Geraldinho tinha conhecido uma moça. Geraldinho estava namorando firme com a moça. E, finalmente, a única notícia que interessou ao dr. Parreira, pelo menos por dois minutos: a moça era cigana, de uma tribo búlgara. Depois: Geraldinho brigou com a moça.

(Todos sacudiram a cabeça, afetuosamente. "O velho Geraldinho de sempre.")

Depois? Geraldinho desapareceu.

— Como, desapareceu?

— Há dois meses não têm notícias dele. A Nena está desesperada.

Pediram ajuda ao dr. Parreira, que, como o mais velho, assumira o papel de patriarca da família depois da morte do pai, o Parreirão. Mas, antes que o dr. Parreira entrasse em contato com o Itamaraty, chegou a notícia terrível.

Geraldinho estava num hospital em Berna. Tinha sido castrado e só choramingava, pedindo a mãe. Nena e o marido, Alcides, embarcaram imediatamente para a Suíça. Ao chegarem ao aeroporto de Zurique pegaram um táxi e descobriram tarde demais que era um táxi falso, que os levou para um galpão fora da cidade onde o Alcides também foi castrado e a Nena marcada na testa com um ferro em brasa com as três iniciais (soube-se depois) da frase, em búlgaro, "Mãe da besta". Dois primos mais velhos do Geraldinho também embarcaram para a Suíça e também foram seqüestrados, no caminho para Berna.

Não foram castrados, mas até prefeririam isto ao que passaram nas mãos de um bigodudo enorme chamado Ragud, que os outros incentivavam com frases em búlgaro (soube-se depois) como "Agora a posição do touro apressado, Ragud!"

O dr. Parreira convocou uma reunião da família para decidir o que fazer. Não seria prudente mandar outros familiares à Suíça, onde evidentemente todos corriam perigo. O consulado brasileiro daria a assistência necessária aos hospitalizados e as autoridades suíças investigariam os atentados. Enquanto isso, alguém saberia dizer o que o Geraldinho tinha aprontado com a cigana búlgara? Ninguém sabia. Mas alguém lembrou que os ciganos búlgaros eram famosos por serem vingativos.

— O melhor — disse o dr. Parreira — é ninguém da família chegar perto da Europa, até que esta coisa passe.

Mas quando a "coisa" passaria?

Poucos dias depois da reunião da família em que tinham concluído que pelo menos no Brasil ninguém corria perigo, o dr. Parreira foi acordado no meio da noite com a notícia de que uma das suas fábricas estava em chamas. Fora invadida por um grupo, que escrevera uma frase em búlgaro numa parede antes de começar o incêndio. A frase era (soube-se depois): "Todos pagarão, até a terceira geração." Até a terceira geração!

As crianças não vão mais à escola e a família contratou segurança armada para 24 horas, e mesmo assim entraram na casa da coitada da dona Zizica, viúva do Parreirão e mãe do dr. Parreira, e escreveram uma palavra em búlgaro no seu lençol que ninguém teve coragem de traduzir para a velha — e tudo por culpa do Geraldinho, seu neto favorito. Todas as empresas da família têm recebido ameaças constantes, explosões são freqüentes nas suas instalações e a falência próxima do grupo é inevitável. Mas a vingança dos búlgaros não cessará. Continuará até a terceira geração.

Preso em casa, atrás de barricadas, com medo até de chegar na janela, o dr.

Parreira amaldiçoa a irmã pelo que fez, ou pelo que não fez, com o Geraldinho. Um único tapa na mão, um único "Não!", e tudo aquilo teria sido evitado. Mas Geraldinho podia comer espaguete com as mãos sem apanhar e o resultado estava ali. Todos sofriam pelo que ele tinha aprontado com a moça, fosse o que fosse. Provavelmente o mesmo que fazia com todas as moças que conhecia, nada grave: namoros inseqüentes, promessas e mentiras simpáticas — só que nenhuma das moças era uma cigana búlgara.

E chegou a notícia de que um grupo invadira o cemitério e pintara insultos em búlgaro no túmulo do Parreira pai. No túmulo do velho Parreirão!

A Compensação

Não faz muito, li um artigo sobre as pretensões literárias de Napoleão Bonaparte. Aparentemente, Napoleão era um escritor frustrado. Tinha escrito contos e poemas na juventude, escreveu muito sobre política e estratégia militar e sonhava em escrever um grande romance. Acreditava-se, mesmo, que Napoleão considerava a literatura sua verdadeira vocação, e que foi sua incapacidade de escrever um grande romance e conquistar uma reputação literária que o levou a escolher uma alternativa menor, conquistar o mundo.

Não sei se é verdade, mas fiquei pensando no que isto significa para os escritores de hoje e daqui. Em primeiro lugar, claro, leva a pensar na enorme importância que tinha a literatura nos séculos 18 e 19, e não apenas na França, onde, anos depois de Napoleão Bonaparte, um Vitor Hugo empolgaria multidões e fazia História não com batalhões e canhões mas com a força da palavra escrita, e não só em conclamações e panfletos mas, muitas vezes, na forma de ficção. Não sei se devemos invejar uma época em que reputações literárias e reputações guerreiras se equivaliam desta maneira, e em que até a imaginação tinha tanto poder. Mas acho que podemos invejar, pelo menos um pouco, o que a literatura tinha então e parece ter perdido: relevância. Se Napoleão pensava que podia ser tão relevante escrevendo romances quanto comandando exércitos, e se um Vitor Hugo podia morrer como um dos homens mais relevantes do seu tempo sem nunca ter trocado a palavra e a imaginação por armas, então uma pergunta que nenhum escritor daquele tempo se fazia é essa que nos fazemos o tempo todo: para o que serve a literatura, de que adianta a palavra impressa, onde está a nossa relevância? Gostávamos de pensar que era através dos seus escritores e intelectuais que o mundo se pensava e se entendia, e a experiência humana era racionalizada. O estado irracional do mundo neste começo de século é a medida do fracasso desta missão, ou desta ilusão.

Depois que a literatura deixou de ser uma opção tão vigorosa e vital para um homem de ação quanto a conquista militar ou política — ou seja, depois que virou uma opção para generais e políticos aposentados, mais compensação pela perda de poder do que poder, e uma ocupação para, enfim, meros escritores —, ela nunca mais recuperou a sua respeitabilidade, na medida em que qualquer poder, por armas ou por palavras, é respeitável. Hoje a literatura só participa da política, do poder e da História como instrumento ou cúmplice.

E não pode nem escolher que tipo de cúmplice quer ser. Todos os que escrevem no Brasil, principalmente os que têm um espaço na imprensa para fazer sua pequena literatura ou simplesmente dar seus palpites, têm esta preocupação.

Ou deveriam ter. Nunca sabemos exatamente do que estamos sendo cúmplices.

Podemos estar servindo de instrumentos de alguma agenda de poder sem querer, podemos estar contribuindo, com nossa indignação ou nossa denúncia, ou apenas nossas opiniões, para legitimar alguma estratégia que desconhecemos.

Ou podemos simplesmente estar colaborando com a grande desconversa nacional, a que distrai a atenção enquanto a verdadeira história do País acontece em outra parte, longe dos nossos olhos e indiferente à nossa crítica. Não somos relevantes, ou só somos relevantes quando somos cúmplices, conscientes ou inconscientes.

Mas comecei falando da frustração literária de Napoleão Bonaparte e não toquei nas implicações mais importantes do fato, pelo menos para o nosso amor próprio. Se Napoleão só foi Napoleão porque não conseguiu ser escritor, então temos esta justificativa pronta para o nosso estranho ofício: cada escritor a mais no mundo corresponde a um Napoleão a menos. A literatura serve, ao menos, para isso: poupar o mundo de mais Napoleões. Mas

existe a contrapartida: muitos Napoleões soltos pelo mundo, hoje, fariam melhor se tivessem escrito os romances que queriam. O mundo, e certamente o Brasil, seriam outros se alguns Napoleões tivessem ficado com a literatura e esquecido o poder.

E sempre teremos a oportunidade de, ao acompanhar a carreira de Napoleões, sub-Napoleões, pseudo-Napoleões ou outras variedades com poder sobre a nossa vida e o nosso bolso, nos consolarmos com o seguinte pensamento: eles são lamentáveis, certo, mas imagine o que seria a sua literatura.

Da série Poesia numa Hora Destas?!

Deus não fez o homem, assim, de improviso em cima da divina coxa numa hora vaga.

Planejou o que faria com esmero e juízo (e isso sem contar com assessoria paga).

Tudo foi pensado com exatidão antes mesmo do primeiro esboço, e foram anos de experimentação até Deus dizer que estava pronto o moço.

Mas acontece sempre, é sempre assim não seria diferente do que é agora.

A melhor idéia apareceu no fim e dizem que o polegar Ele bolou na hora.

A Dança da Maça

Antônio chegou na hora marcada. Ainda tinha a chave do apartamento, mas preferiu bater. Luiza abriu a porta. Os dois se cumprimentaram secamente.

— Oi.

— Oi.

Antônio fez um gesto indicando os dois homens que estavam com ele. Um senhor e um mais moço.

— Este é o seu Molina e este... Como é seu nome mesmo?

— Arlei disse o mais moço.

— Arlei. Eles vieram me ajudar com a mudança.

— Bom dia — disse Luiza. — Já está tudo mais ou menos separado.

Algumas caixas de papelão e sacolas de plástico, uma lâmpada articulada de mesa de desenho, a mesa de desenho desmontada, uma taça de metal. Tudo junto perto da porta.

— Eu resolvi levar a poltrona — disse Antônio.

— Tudo bem — disse Luiza.

— É isso aí, pessoal — disse Antônio, abrindo os braços para mostrar o que seria levado. Isto, e aquela poltrona ali.

Seu Molina estava examinando a taça.

— É para o casal — disse.

A inscrição na taça era "Campeões do Declaton dos Casais, Hotel das Flores, 1992 — Antônio e Luiza". O Declaton dos Casais incluía corrida do saco, corrida de pedalinho no lago do hotel e a dança da maçã. Uma maçã era colocada entre os joelhos do casal e eles tinham de fazê-la chegar à boca sem usar as mãos.

— Eu não quero a taça — disse Luiza.

— Eu também não — disse Antônio.

— 1992... disse o seu Molina. — Era a lua-de-mel?

Luiza e Antônio se entreolharam, mas só por um segundo.

— Mais ou menos — disse Antônio.

— Quem diria, não é? — disse o seu Molina.

— O quê?

— Em 1992. Que ia acabar assim.

Antônio não podia dizer para o seu Molina não se meter na vida deles.

Afinal, era um senhor. Pediu para o Arlei:

— Vamos começar?

Mas o Arlei estava mostrando um álbum que tirara de uma das sacolas de plástico.

— Álbum de fotografia. Vai também?

— Vai — disse Luiza. Tudo que está nas sacolas vai embora.

Arlei estava olhando o álbum. Mostrou para o seu Molina:

— Olha os dois na praia.

E fez um aceno de cabeça para Luiza, com as pontas da boca puxadas para baixo, querendo dizer "Sim senhora, hein?", e que a Luiza de biquíni não era de se jogar fora. Mas o seu Molina estava sério, olhando para Luiza.

— Você não quer ficar com o álbum?

Luiza perdeu a paciência.

— Não quero ficar com nada disto, entende? O que está nas caixas e nos sacos, é para ir embora. São dele.

— Podemos começar? — pediu Antônio.

Arlei estava examinando os CDs dentro de outra sacola.

— A divisão dos CDs... — disse. — Foi de comum acordo ou...

— Eu fiquei só com os que já eram meus.

— Você não quer examinar?

A pergunta de Arlei era para Antônio.

— Não. Isso tudo já estava combinado — respondeu Antônio. E, pegando uma das sacolas do chão para dar o exemplo, pediu. Vamos começar a levar para o caminhão?

Mas Arlei continuava a examinar os CDs e seu Molina continuava com a taça nas mãos.

— E a taça? — perguntou o seu Molina.

— O senhor quer ficar com ela? Pode ficar.

— Foi vocês que ganharam — disse o seu Molina. E depois: — O que era o Declaton dos Casais?

— Tinha de tudo. Corrida de saco, corrida de pedalinhas, dança da maçã...

Seu Molina e Arlei, um unísono:

— Dança da maçã?

— É. Colocaram uma maçã entre as pernas de cada casal, na altura dos joelhos, e ganhava quem conseguisse que a maçã chegasse na boca, para ser mordida, sem usar as mãos. Lembra, Lu?

Luiza então estava sorrindo com a lembrança.

— É. A gente tinha de se contorcer toda, para fazer a maçã andar.

Quem deixasse cair no chão, perdia.

— E vocês conseguiram morder a maçã?

— Conseguimos. Não foi fácil, mas conseguimos.

— Lembra do casal cearense, Lu?

— Lembro! Ela foi ajudar com o joelho e acabou acertando o marido bem no...

Bem ali.

— E ele saiu pulando e gritando "Mulher, não maltrate o que é seu!"

Os dois deram risadas, depois Antônio ficou sério e disse:

— Bom, mas chega de lembranças. Vamos fazer essa mudança. Se o senhor quiser pode ficar com a taça, seu Molina.

— Eu não. Uma lembrança destas, de um tempo tão alegre... Nenhum de vocês quer

ficar com ela, mesmo?

— Está bem, eu fico.

Antônio e Luiza tinham falado ao mesmo tempo. E se corrigiram ao mesmo tempo:

— Fica você.

— Fica você.

Seu Molina perguntou:

— Vocês têm certeza que não querem pensar mais um pouquinho sobre isto?

— Sobre a taça?

— Sobre a separação. Só mais alguns dias. Depois nos chamem para fazer a mudança. Ou não nos chamem.

Arlei sacudiu a sacola com os CDs e acrescentou:

— Assim vocês têm mais tempo para pensar na divisão dos CDs. Na minha experiência, a divisão dos CDs é sempre o que dá mais problemas, depois.

Luiza e Antônio estavam se olhando.

— O que você acha? — perguntou Luiza.

— Não sei... — disse Antônio.

Seu Molina e Arlei saíram e fecharam a porta em silêncio e deixaram os dois conversando.

...

Naquela noite, depois do amor, Luiza perguntou a Antônio de onde tinha saído aqueles dois, Arlei e seu Molina, e Antônio respondeu que os escolhera ao acaso, na rua. Eles tinham um caminhão com uma placa do lado: "Mudanças, carreto, etc."

— Bendito et cetera — disse Luiza, puxando o Antônio de novo.

A Décima Oitava

Ela tem, delegado, um nariz arrebitado, mas isso não é nada. Nariz arrebitado a gente resiste. Mas a ponta do nariz se mexe quando ela fala.

Isso quem resiste? Eu não. Nunca pude resistir mulher que quando fala a ponta do nariz sobe e desce. Muita gente nem nota. É preciso prestar atenção, é preciso ser um obsessivo como eu. O nariz mexe milímetros. Para quem não está vidrado, não há movimento algum. Às vezes só se nota de determinada posição, quando a mulher está de perfil. Você vê a pontinha do nariz se mexendo, meu Deus. Subindo e descendo. No caso dela também se via de frente. Uma vez ela reclamou, "Você sempre olha para a minha boca quando eu falo". Não era a boca, era o nariz. Eu ficava vidrado no nariz. Nunca disse pra ela que era o nariz. Delegado, eu sou louco? Ela ia dizer que era mentira, que seu nariz não mexia. Era até capaz de arranjar um jeito de o nariz não mexer mais.

Mas a culpa, delegado, é da inconstância humana. Ninguém é uma coisa só, nós todos somos muitos. E o pior é que de um lado da gente não se deduz o outro, não é mesmo? Você, o senhor, acreditaria que um homem sensível como eu, um homem que chora quando o Brasil ganha bronze, delegado, bronze? Que se emocionava com a penugem nas coxas dela? Que agora mesmo não pode pensar na ponta do nariz dela se mexendo que fica arrepiado? Que eu seria capaz de atirar um dicionário na cabeça dela? E um Aurelião completo, capa dura, não a edição condensada? Mas atirei. Porque ela também se revelou. Ela era ela e era outras. A multiplicidade humana, é isso. A tragédia é essa. Dois nunca são só dois, são 17 de cada lado. E quando você pensa que conhece todos, aparece o décimo

oitavo. Como eu podia adivinhar, vendo a ponta do narizinho dela subindo e descendo, que um dia ela me faria atirar o Aurelião completo na cabeça dela? Capa dura e tudo? Eu, um homem sensível?

Eu devia ter desconfiado de alguma coisa quando descobri que o celular dela tocava Wagner. Quem escolhe Wagner para o seu telefone celular? Pode-se saber muita coisa sobre uma pessoa pelo que ela escolhe para tocar quando soa o seu celular. Eu achei engraçado o Wagner, ela um doce de mulher escolhendo o Wagner, mas na hora não dei maior importância. Hoje sei que Wagner era um sinal. Um dos outros, das outras, que ela tinha por dentro, escolheu o Wagner. Foi uma maneira de dizer que o nariz arrebitado não era tudo, que eu não me enganasse com o seu jeitinho de falar, com o apelido que ela me deu, "Guinguinha", veja o senhor, "Guinguinha", que só depois eu descobri era o nome de um cachorro que ela teve quando era pequena e morreu atropelado, "Guinguinha". Que uma que ela tinha por dentro era uma Valquiria indomável de 2 metros. Hein? Fagner, não. Wagner. O alemão.

Tudo bem, eu também tenho outros por dentro. Nós já estávamos juntos um tempão quando ela descobriu que eu sabia imitar o Silvio Santos. Sou um bom imitador, o meu Romário também é bom, faço um Lima Duarte passável, mas ninguém sabe, é um lado meu que ninguém conhece. Ela ficou boba, disse "Eu não sabia que você era artista". Ela também não sabia que eu tenho pânico de beringela. Não é só não gostar, é pânico mesmo, na primeira vez que ela serviu beringela eu saí correndo da mesa, ela atrás gritando "Guinguinha, o que foi?". Também sou um obsessivo. Reconheço. A obsessão foi a causa de nossa briga final. Tenho outros por dentro que nem eu entendo, minha teoria é que a gente nasce com várias possibilidades e quando uma predomina as outras ficam lá dentro, como alternativas descartadas, definindo em segredo. E, vez que outra, querendo aparecer. Tudo bem, viver juntos é ir descobrindo o que cada um tem por dentro, os 17 outros de cada um, e aprendendo a viver com eles. A gente se adapta. Um dos meus 17 pode não combinar com um dos 17 dela, então a gente cuida para eles nunca se encontrarem. A felicidade é sempre uma acomodação. Eu estava disposto a conviver com ela e suas 17 outras, a desculpar tudo, delegado, porque a ponta do seu nariz mexe quando ela fala.

Mas aí surgiu a décima oitava ela. Nós estávamos discutindo as minhas obsessões. Ela estava se queixando das minhas obsessões. Não sei como, a discussão derivou para a semântica, eu disse que "obsedante" e "obcecante" eram a mesma coisa, ela disse que não, eu disse que as duas palavras eram quase iguais e ela disse "Rará", depois disse que "obcecante" era com "c" depois do "b", eu disse que não, que também era com "s", fomos consultar o dicionário e ela estava certa, e aí ela deu outra risada ainda mais debochada e eu não me agüentei e o Aurelião voou. Sim, atirei o Aurelião de capa dura na cabeça dela. A gente agüenta tudo, não é delegado, menos elas quererem saber mais do que a gente. Arrogância intelectual, não.

A Dividida

Raimundo entrou firme, Luiz Carlos voou longe. A bola espirrou pela linha de fundo...

— Pô, Mundo! — disse Luiz Carlos, do chão.

— É pra homem — disse Raimundo. E em seguida foi pra cima do juiz, que tinha dado escanteio. — Bola prensada! Bola prensada!

No vestiário, Luiz Carlos mostrou a perna para o Raimundo.

— Olha o que você fez.

— É do jogo, meu.

— Do jogo, não. Tu é que é um animal.

A discussão continuou no carro. Luiz Carlos dava carona para o Raimundo.

Todas as terças, do condomínio para o ginásio, do ginásio para o condomínio.

Os dois se conheciam desde a adolescência. Eram sócios numa firma de engenharia.

Eram cunhados. Moravam em casas pegadas, no mesmo condomínio.

Sempre jogavam no mesmo time. Naquela noite, Raimundo fora aliciado pelo outro time. Tinha fama de bom marcador. Viril, mas leal.

— Acho que vou ter que tirar uma radiografia.

— É, flor?

— Pô, tu ainda brinca?

— Não foi nada. Eu entrei na bola.

— Entrou por cima.

— Na bola! Você é que entrou com pé de anjo.

— Olha o que o seu irmão me fez.

— O Mundo fez isso?

— Fez. Entrou por cima da bola. Não sei como eu não quebrei a perna.

— O time de vocês anda bom, hein? Um trombando no outro...

— Ele jogou no outro time. É um animal.

— O Mundo, um animal?

— Você nunca viu ele numa quadra. Se transforma.

— O Mundo é incapaz de matar uma mosca.

— Porque elas fazem o que eu não fiz. Pulam fora.

Na manhã seguinte, se encontraram, cada um saindo da sua casa. Luiz Carlos mancando, Raimundo caçoando.

— Pensei que você estivesse no hospital...

— Olha aqui, ó troglodita. Não fala comigo — Na UTI!

— Isto é o que dá jogar contra perna-de-pau.

— Ah é? Eu sou perna-de-pau? Eu sou viril, mas leal, se você quer saber.

Viril, mas leal.

— Viril, mas leal... Assassino, mas traiçoeiro, isso sim.

— Eu divido, meu irmão.

— E eu?!

— Você pipoca.

— Eu não acredito... Você entrou por cima da bola, Mundo.

Admite.

— Entrei na bola!

— Por cima!

A discussão continuou na reunião das quartas, na firma. Ficou tão violenta que a reunião teve que ser suspensa. Decisões importantes foram adiadas porque os dois não quiseram mais se falar, naquele dia ou no resto da semana. E no sábado, pela primeira vez desde que tinham se mudado para o condomínio, as duas famílias não fizeram o churrasco juntas. Cada um fez na sua churrasqueira. E proibiu a mulher e os filhos de se aproximar da mulher e dos filhos do outro.

No domingo, as mulheres decidiram que aquilo já fora longe demais.

Convenceram os dois a sentar para conversar. Como amigos. Como parentes.

Como sócios. Como adultos.

— Foi inveja — disse o Raimundo.

— O quê?!

— Deixa o Mundo falar, Luiz Carlos — pediu a mulher dele. — Depois você fala.

O Raimundo contou que tinha sido convocado para reforçar o outro time, que sempre perdia nos jogos das terças. Justamente porque não tinha um jogador como ele. Bom marcador. Viril, mas leal. E o Luiz Carlos ficara com ciúmes por não ter sido o escolhido. Porque o Luiz Carlos, para quem não soubesse, era um ciscador, dado a brilhaturas inúteis, ao contrário dele, que entrava para decidir jogos. Tanto que o seu time fora o vencedor, naquela noite. Por ciúmes, o Luiz Carlos tentara acertá-lo numa bola dividida, e ele apenas se defendera. Por ser apenas um ciscador inconseqüente, e não saber dividir bola, levava a pior.

Luiz Carlos estava com o rosto escondido entre as mãos, como que envergonhado pelo outro. Levantou a cabeça quando Raimundo acabou de apresentar o seu lado.

— Posso falar? Você já acabou de mentir?

— Fala.

— Dividir bola é uma coisa. Entrar com o pé por cima da bola é outra. Não é uma questão de estilo. É uma questão de ter ou não ter caráter.

— É uma questão de ser ou não ser veado.

— Veadado não!

— Sabe de uma coisa? A firma só foi pra frente nestes anos todos porque eu estava lá pra dividir todas. Eu dividia enquanto você pipoqueava.

— "Pipoqueava", não!

A reunião de paz terminou em guerra declarada.

Na firma, a situação ficou insustentável. Negócios foram perdidos porque os dois se recusavam a se encontrar. Acabaram desfazendo a sociedade.

Abandonaram o condomínio. Perderam dinheiro. Os dois, aliás, estão muito mal de vida. Mas nenhuma reconciliação é possível. Segundo Raimundo, no mundo há os que dividem a bola e há os que não dividem. Segundo Luiz Carlos, o mundo está dividido entre os que vão na bola e os que vão com o pé por cima. E quando as mulheres perguntaram como os dois tinham vivido e trabalhado juntos em paz durante tanto tempo, os dois responderam a mesma coisa. Era porque nunca antes tinham jogado um contra o outro.

A Estrategista

Bete recomenda um conjunto escuro e sóbrio, mas com um decote que mostre o rego dos seios. O rego dos seios é importantíssimo. O viúvo precisa ter uma amostra do que existe por baixo do terninho compungido já no abraço de pêssames.

Bete tem um método de prospecção de viúvos. Procura convites para enterro em que não conste "netos". De preferência nem "filhos". É um sinal de que a mulher morreu jovem. Falecida moça igual a viúvo moço. Precisando de consolo imediato.

O ideal é quando há mais de um convite. Quando a firma do marido também convida para o enterro. E dá a posição do viúvo na vida. "Nosso gerente", ótimo. "Nosso diretor-financeiro", melhor ainda. "Nosso diretor-presidente", perfeito! Um diretor-presidente com 40 anos ou menos é ouro puro. Segundo a Bete.

Bete dá instruções.

— Aumenta o decote. Isso.

— O que que eu digo?

— Chore. Diga "Eu não acredito". Diga "A nossa Pixuxa."

— "Pixuxa?!"

— Era o apelido dela. Estava no convite.

— A nossa Pixuxa. Certo.

— E não esquece de beijar perto da boca, como se fosse descuido.

Bete não cobra pelo seu trabalho. Faz pelo desafio, pelo prazer de um desfecho feliz, cientificamente preparado. Quando consegue "colocar" uma das suas amigas, sente-se recompensada. Não é verdade, como dizem alguns, que tenha informantes nos hospitais de primeira classe da cidade e que muitas vezes, quando a mulher morre, ela já tenha um dossiê pronto sobre o viúvo, inclusive com situação financeira atualizada. Trabalha em cima dos convites para enterro, empiricamente, com pouco tempo para organizar o ataque. Procura se informar o máximo possível sobre o viúvo, depois telefona para uma interessada e expõe a situação.

— O nome é bom. Parece que é advogado. Entre 55 e 60 anos. Aproveitável. Dois filhos, mas já devem ter saído de casa.

— Entre 55 e 60, sei não...

— É pegar ou largar. O enterro é às 5.

Bete vai junto aos velórios. Para dar apoio moral, e para o caso de algum ajuste de última hora. Como na vez em que, antes de conseguir chegar no viúvo, sua pupila foi barrada pela mãe dele, que perguntou:

— Quem é você?

A pretendente começou a gaguejar e Bete imediatamente colocou-se ao seu lado.

— A senhora não se lembra da Zequinha? Uma das melhores amigas da Vivi e do Momô.

Era tanta a intimidade que a mãe do Moraes, embora nunca soubesse que o apelido do seu filho fosse Momô, recuou e deixou a Zequinha chegar nele, com seu rego.

Foi um dos triunfos da Bete. Naquele mesmo ano, o Moraes e a Zequinha se casaram. Alguns comentavam que tudo começara no enterro da pobre da Vivi, outros que o caso vinha de longe.

Ninguém desconfia que foi tudo planejado. Que havia um cérebro de estrategista por trás de tudo.

Bete tem medo das livre-atiradoras, das que invadem o seu território sem método, sem classe, enfim, sem a sua orientação. Quando o viúvo é uma raridade, uma pepita — menos de 40, milionário, quatro ou cinco empresas participando o infausto evento, sem herdeiros conhecidos, e bonito — Bete faz questão que sua orientada chegue cedo no velório, abrace o prospectado ("A nossa Ju! Eu não acredito!"), beije-o demoradamente perto da boca, por descuido, e fique ao seu lado até fecharem o caixão, alerta contra outros decotes. Ela deve até tornar-se uma confidente do viúvo.

— Essa que me cumprimentou agora... Não tenho a menor idéia quem é.

— Eu também, nunca vi.

— Não é uma amiga da Ju?

— Vulgar assim? Acho que não.

E a Bete cuida da retaguarda. Observa a aproximação de possíveis concorrentes e, quando pode, barra o seu progresso em direção ao viúvo. ("Por favor, vamos deixar o homem em paz.") De tanto frequentar velórios, Bete já conhece a concorrência.

Sabe que elas vêm dispostas a tudo. Quando o viúvo é muito importante e forma-se uma multidão à sua volta, dificultando o acesso, abrem caminho a cotoveladas. Não hesitam nem em ficar de quatro e engatinhar, entre pernas, até o viúvo. A Bete compreende. Sabe o valor de um bom viúvo em tempos como este. Por isso se sente justificada em usar qualquer meio para impedir o sucesso das outras e assegurar o sucesso das suas. Até a coação física e

moral.

"Estamos numa selva", diz a Bete, para encorajar suas discípulas. E as instrui a não desanimar quando não conseguem prender a atenção do viúvo no velório. Afinal, sempre existe a missa do sétimo dia.

A Famosa Samanta

— Quer dizer que eu finalmente vou conhecer a famosa Samanta... — disse Gustavo.

— Você vai amar a Samanta, Gu! — disse Suzaninha.

Suzaninha não parara de sorrir desde que recebera o telefonema da irmã dizendo que chegaria no dia seguinte e ficaria com eles. Samanta não era apenas sua irmã mais velha. Era o seu ídolo. Gustavo já cansara de ouvir as histórias da Samanta que Suzaninha contava com os olhos brilhando. Samanta fumando na mesa para desafiar o pai, e apagando o cigarro no pudim para escandalizar a mãe. Samanta namorando três ao mesmo tempo e tratando os namorados como empregados ("Homem só serve para carregar peso" era uma das suas frases). Samanta não apenas aderindo a todas as causas nobres como assumindo a liderança do movimento. Samanta mandando em todos à sua volta, e sempre conseguindo o que queria. Samanta brilhante. Samanta fantástica.

Samanta irresistível.

Gustavo não estava em casa quando Samanta chegou. Suzaninha abraçou a irmã, emocionada, mas Samanta a afastou, examinou seu rosto e sua roupa e decretou:

— Você está péssima.

— Você está linda!

— Esse seu marido não cuida de você, não? — Cuida. Ele é formidável. Você vai ver.

E depois:

— Você vai amar o Gustavo, Sam!

Samanta dormiria numa cama de armar na salinha do computador do Gustavo, que desocupara uma das suas estantes para a cunhada pôr suas coisas. Depois de examinar todo o apartamento com uma leve expressão de nojo ("Pequeno, não é?"), Samanta se atirara numa poltrona, aceitara uma bebida ("Coca daiti com uma rodela de limão e pouco gelo") e passara a fazer um relatório de casa, onde, para resumir, continuava tudo a mesma merda, inclusive o pai e a mãe.

A novidade era ela. Samanta tinha um plano.

— Suzeca, decidi ter um filho.

— O quê?!

— Um filho. Você sabe, aquelas coisas que saem de dentro da gente e fazem barulho.

— Mas assim, sem mais nem menos? Suzana queria dizer "sem casamento nem marido?" — Sem mais nem menos, não. Será uma coisa muito bem planejada. Para começar, preciso encontrar o homem ideal. É para isso que estou aqui.

— Não era você que dizia que homem só serve para carregar peso? — E segurar a porta. Era. Mas reavaliei meus conceitos. Também servem como reprodutores, até que inventem coisa melhor.

Segundo Samanta, só os mortos nunca mudavam de filosofia.

Samanta pôs-se a descrever o homem que procurava. O físico. O temperamento.

O jeito de ser. O posicionamento político ("De esquerda, mas não muito"). E quanto mais Samanta falava, mais Suzaninha tentava controlar o pensamento que a assolava, o vazio no seu estômago que aumentava, a certeza que crescia. Mas não havia como evitar a conclusão aterradora: Samanta procurava um homem como Gustavo. E Samanta sempre conseguia o que queria.

Quando finalmente Samanta disse "Mas chega de falar de mim, me conte sobre você, Suzeca. Você sente muito a minha falta?" Suzana tinha decidido o que fazer. E quando Samanta comentou que Gustavo estava custando a chegar, que não podia esperar para conhecer o famoso Gustavo, disse:

— Eu me esqueci. Hoje ele tinha médico.

— Médico? Algum problema? — Nada demais. Quer dizer, é chato mas...

— Suzeca. Não me diz que...

Suzaninha fez que "sim" com a cabeça. Sim, era o que Samanta estava pensando.

— Disfunção erétil — Suzeca! Mas hoje existem esses remédios...

— Nada funciona com o Gustavo.

Quando Gustavo chegou, deu com as duas irmãs abraçadas no sofá, Samanta acariciando a cabeça de Suzaninha e dizendo:

— Suzeca, Suzeca...

Durante o jantar, Suzaninha viu Samanta examinando Gustavo e pensou: "Ela deve estar pensando ele é tudo que eu queria, mas não serve, maldição, não serve, pobre da Suzaninha." E Samanta, examinando Gustavo, pensou "Hmmm, essa disfunção erétil eu curo, ah se não curo". Pois Samanta não apenas descobrira o reprodutor que queria, também descobrira outra causa nobre.

Suzaninha ainda a agradeceria.

A invenção do milênio

Qual foi a maior invenção do milênio? Minha opinião mudou com o tempo. Já pensei que foi o sorvete, que foi a corrente elétrica, que foi o antibiótico, que foi o sufrágio universal, mas hoje — mais velho e mais vivido — sei que foi a escada rolante. Para muitas pessoas, no entanto, a invenção mais importante dos últimos mil anos foi o tipo móvel de Gutemberg. Nada influenciou tão radicalmente tanta coisa, inclusive a religião (a popularização e a circulação da Bíblia e de panfletos doutrinários ajudaram na expansão do protestantismo), quanto a prensa e o impresso em série. Mas há os que dizem que a prensa não é deste milênio, já que os chineses tiveram a idéia de blocos móveis antes de Gutemberg, e antes do ano 1001, e que — se formos julgar pelo impacto que tiveram sobre a paisagem e sobre os hábitos humanos — o automóvel foi muito mais importante do que a tipografia. O melhor teste talvez seja imaginar o tempo comparativo que levaríamos para notar os efeitos da ausência do livro e do automóvel no mundo. Sem o livro e outros impressos seríamos todos ignorantes, uma condição que leva algum tempo para detectar, ainda mais se quem está detectando também é ignorante. Sem o automóvel, não existiriam estradas asfaltadas, estacionamentos, a Organização dos Países Exportadores de Petróleo e provavelmente nem os Estados Unidos, o que se notaria em seguida. É possível ter uma sociedade não literária, mas é impossível ter uma civilização do petróleo e uma cultura do automóvel sem o automóvel. Ou seja: nós e o mundo seríamos totalmente outros com o

Gutemberg e sem o automóvel, mas seríamos os mesmos, só mais burros, com o automóvel e sem o Gutemberg.

É claro que esse tipo de raciocínio — que invenções fariam mais falta, não num sentido mais nobre, mas num sentido mais prático — pode ser levado ao exagero. Não seria difícil argumentar que, por este critério, as maiores invenções do milênio foram o cinto e o suspensório, pois o que teriam realizado Gutemberg e o restante da humanidade se tivessem de segurar as calças por mil anos? Já ouvi alguém dizer que nada inventado pelo homem desde o estilingue é mais valioso do que o cortador de unhas, que possibilitou às pessoas que moram sozinhas cortar as unhas das duas mãos satisfatoriamente, o que era impossível com a tesourinha. Tem gente que não consegue imaginar como o homem pôde viver tanto tempo sem a TV e uma geração que não concebe o mundo sem o controle remoto. E custa acreditar que nossos antepassados não tinham nada parecido com teleentrega de pizza.

Minha opinião é que as grandes invenções não são as que saem do nada, mas as que trazem maneiras novas de usar o que já havia. Já existia o vento, faltavam inventar a vela. Já existia o bolor do queijo, faltava transformá-lo em penicilina. E já existia a escada, bastava pô-la em movimento. Tenho certeza que se algum viajante no tempo viesse da antiguidade para nos visitar, se maravilharia com duas coisas: o zíper e a escada rolante. Certo, se espantaria com o avião, babaria com o biquíni, admiraria a televisão, mesmo fazendo restrições à programação, teria dúvidas sobre o microondas e o celular, mas adoraria o caixa automático, mas, de aproveitável mesmo, apontaria o zíper e a escada rolante, principalmente esta. Escadas em que você não subia de degrau em degrau, o degrau levava você! Nada mais prático na antiguidade, onde escadaria era o que não faltava. Com o zíper substituindo ganchos e presilhas, diminuindo o tempo de tirar e botar a roupa e o risco de flagrantes de adultério e escadas rolantes facilitando o trânsito nos palácios, a antiguidade teria passado mais depressa, a Idade Moderna teria chegado antes, o Brasil teria sido descoberto há muito mais tempo e todos os nossos problemas já estariam resolvidos — faltando só, provavelmente, a reforma agrária.

E o Homem do milênio? Se não foi o Gutemberg, quem foi?

Também depende dos critérios. Se o fato mais importante do mundo no fim do milênio é a globalização, então devemos honrar o homem que começou tudo isso: Gengis Khan. Foi ele que convocou as tribos das estepes e avançou contra o Ocidente, unindo a Europa no susto. Antes da ameaça dos mongóis, no século 13, a Europa era uma coleção de Estados monárquicos e papais em conflito, sem qualquer identidade continental ou interesse no restante do mundo. Gengis e seus ferozes descendentes mudaram tudo isto. Criaram entre os europeus a idéia de uma identidade comum, despertaram o seu interesse no Oriente e em outros povos e foram os responsáveis indiretos pelo Renascimento, no século seguinte. E dizem que foi um neto do grande Khan, ao reclamar da falta de gosto da comida européia antes de decapitar um garçom, que deflagrou a grande busca por especiarias que levou aos descobrimentos, ao comércio internacional e à civilização como nós a conhecemos. Nós, literalmente, não estaríamos aqui se não fosse o Gengis Khan. E a mulher do milênio, claro, é a Patrícia Pillar.

A Menina

Primeiro dia de aula. A menina escreveu seu nome completo na primeira página do caderno escolar, depois seu endereço, depois "Porto Alegre", depois "Rio Grande do Sul",

depois "Brasil", "América do Sul", "Terra", "Sistema Solar", "Via Láctea" e "Universo". A menina sentada ao seu lado olhou, viu o que ela tinha escrito, e disse: "Faltou o CEP."

Ficaram inimigas para o resto da vida.

Ela era apaixonada pelo Marcos, o Marcos não lhe dava bola. Um dia, no recreio, uma bola chutada pelo Marcos bateu na sua coxa. Ele abanou de longe, gritou "Desculpa", depois foi difícil tomar banho de chuveiro sem molhar a coxa e apagar a marca da bola. Ela teve que ficar com a perna dobrada para fora do box, a mãe não entendeu o chão todo molhado, mas o que é que mãe entende de paixão?

Quem mais sofria com a paixão da menina pelo Marcos era o seu irmão menor, o Fiapo. Tinha dias em que ela chegava da escola e pegava o Fiapo num abraço tão apertado que ele começava a espremer e a gritar "Mãe!".

Sua melhor amiga era a Rute, que anunciou que teria três filhos, Suzana, Sueli e Sukarno.

— "Sukarno"?!

— Li o nome no jornal.

— Mas por que "Sukarno"?!

— Não tem nome de homem que começa com "Su".

E a Rute nem queria ouvir falar em não ter filho homem, o que resolveria o problema. Não transigiria.

Na festa de aniversário da Ana Lúcia, ela, a Rute, a Nicete e a Bel chegaram em grupo e foram direto para o banheiro. De onde não saíram. A Nicete às vezes entreabrindo a porta para controlar a festa, e a Bel dando uma escapada para trazer doces e a notícia de que não, o Marcos não estava dançando com ninguém. A Rute contou que já tinha pêlos pubianos e perguntou se as outras queriam ver, mas não houve unanimidade.

Claro, quem dava bola para a menina era o Mozart, tão feio que o apelido dele na escola era "Feio". Foi ele quem disse que era perigoso ela andar com o endereço completo na primeira página do caderno. Por que perigoso? "Sei lá", disse o Mozart. "Com tanto seqüestro." Ela não entendeu. Depois disse:

— Quero ver me encontrarem no Universo.

Aí foi o Mozart que não entendeu.

No grupo tinha um Mozart e um Vitor Hugo.

— Temos dois nomes famosos na classe — disse a professora. — Seu Vitor Hugo, o senhor sabe quem foi Vitor Hugo na História?

O Vitor Hugo (apelido "Papudo") sabia, Vitor Hugo, escritor francês.

— E seu Mozart, o senhor sabe quem foi Mozart na História?

— Sei.

— Quem foi?

— Meu padrinho.

Naquele ano, a última página do caderno da menina estava toda coberta com o nome do Marcos repetido. Marcos e sobrenome, Marcos e sobrenome. Às vezes o nome dela com o sobrenome do Marcos. Às vezes o nome dos dois com o sobrenome dele. E na saída do último dia de aula antes das provas alguém arrancou o caderno das mãos dela e levou para o Marcos ver. Ela correu, tirou o caderno das mãos do Marcos e disse "Desculpa". Naquela noite chorou tanto que a mãe teve que lhe dar um calmante. Nunca mais falou com o Marcos.

Nunca mais encheu seu caderno com o nome de alguém. Nunca mais se apaixonou, ou chorou, do mesmo jeito. Do pior dia da sua vida só o que repetiu muitas vezes, depois, foi o calmante.

Pensou que se um dia saísse um livro com o seu diálogo com Marcos seria um livro de 100 páginas com "Desculpa!" na primeira página e "Desculpa" na última, e todas as

outras páginas em branco. Seria o livro mais triste do mundo.

Um professor disse para a menina que só havia um jeito de compreender o Universo. Ela devia pensar numa esfera dentro de uma esfera maior, dentro de uma esfera ainda maior, dentro de uma esfera maior ainda, até chegar a uma grande esfera que incluiria todas as outras, e que por sua vez estaria dentro da esfera menor. A menina então entendeu que a sua vizinha de classe tinha razão, era preciso botar o CEP. Num universo assim, era preciso fixar um detalhe para você nunca se perder. Nem que o detalhe fosse a mancha no teto do seu quarto com o perfil da tia Corinha, a que queria ser freira e acabara oceanógrafa.

A menina disse para a Rute que era preciso escolher um detalhe da sua vida, em torno do qual o Universo se organizaria. Cada pessoa precisava escolher um momento, uma coisa, uma espinha no rosto, uma frase, um veraneio, um quindim, uma mancha no teto — um lugar em que pudesse ser encontrada, era isso.

— Pirou, disse a Rute.

A Mulher do Vizinho

Sérgio abriu a porta e era a mulher do vizinho. A fantástica mulher do vizinho. A fantástica mulher do vizinho dizendo "Oi". A fantástica mulher do vizinho perguntando, depois do "Oi", se podia pegar uma toalha que tinha voado da sacada deles. "Sabe, o vento" — para a sacada dele.

— Entre, entre, disse o Sérgio, checando, rapidamente, com a mão, se sua braguilha não estava aberta. Morava sozinho, às vezes se descuidava dessas coisas.

Ela começou a entrar, mas parou. Ficou como que paralisada, só os olhos se mexendo. Os grandes olhos verdes e arregalados indo de um lado para o outro.

— Ih — disse a mulher do vizinho. — Surtei.

— Que foi? — perguntou Sérgio, já pensando em como socorrê-la ("Vamos ter de desamarrar esse bustiê"), já pensando em ambulância, hospital, confusão, mal-entendido com o vizinho...

Mas ela explicou:

— O seu apartamento é exatamente o oposto do nosso. Preciso me acostumar...

Ela entrou devagarinho. Como se, além de ser o avesso do seu, o apartamento do Sérgio pudesse conter outras surpresas. O chão podia estar no teto e o teto no chão.

— Que coisa! — disse a mulher do vizinho, passando por Sérgio e parando no meio da sala.

Exatamente o que Sérgio tinha pensado ao ver que sobrava um pouco de nádega onde acabava o shortinho da mulher do vizinho. No caso, que coisas!

— Você quer sentar?

— Como?

— Até se orientar...

Ela sentou-se, ainda maravilhada.

— Nossa televisão também fica ali, só que ao contrário!

Ele tentou acalmá-la.

— Você quer um copo d'água — Você é solteiro?

— Sou.

— Meu marido é casado. Aliás, comigo. Viu só — O quê?

- É tudo ao contrário!
- É. Eu...
- Palmeiras ou Corinthians?
- Corinthians.
- Ele é Palmeiras!
- Puxa.
- Destro ou canhoto!
- Destro.
- Meu marido é canhoto!
- E você — Eu o quê?
- Palmeiras ou Corinthians? Destra ou canhota?

Ela tinha se levantado e estava andando pela sala. Cuidadosamente, até se acostumar com tudo ao contrário. Disse:

- Não dou muita importância para essas coisas.

Foi nesse momento que Sérgio se apaixonou pela mulher do vizinho. Os grandes olhos verdes tinham ajudado, claro. Os nacos de nádega sobrando do shortinho também. As coxas longas, sem dúvida. O "erre" meio carregado (ela dissera "Palmeirrras" e "Corinthians", em alemão) contribuiria. Mas Sérgio se apaixonou pela mulher do vizinho quando ela declarou que não dava muita importância para essas coisas, times de futebol, ser destro ou canhoto...

Ficou esperando que ela dissesse "Isso é coisa de homem" para se atirar aos seus pés e beijá-los, mas ela não disse. Ela conseguiu chegar até a sacada, apesar de desorientada, e apanhar a toalha. Mas quando se virou para reentrar na sala, ficou paralisada outra vez. Ficou em pânico.

- Ai meu Deus.
- O que foi?
- A porta da rua. Onde fica a porta da rua?
- É aquela ali.
- Ai meu Deus. Eu não consigo me orientar.
- Pense no meu apartamento como o seu apartamento visto no espelho. A esquerda fica na direita e a direita...

- Por favor: esquerda e direita não, senão complica ainda mais!

Ele foi buscá-la. Ele foi salvá-la da sua confusão. Ele enlaçou sua cintura com um abraço, segurou a sua mão e começou a acompanhá-la até a porta, como se dançassem um minueto. Pensou em dizer que também estava desorientado (o amor, o amor) e levá-la para o seu quarto, para a sua cama. Imaginou-se tendo dificuldade para desamarrar o bustiê, os dois chegando à conclusão que no apartamento dele o bustiê deveria ser desamarrado ao contrário, depois desistindo de desamarrar o bustiê e se amando. O bustiê arrancado. O shortinho arrancado. E a mulher do vizinho, como se não bastassem o "erre" um pouco carregado e tudo mais, revelando que não usava calcinha. E dizendo que ele era tudo que o vizinho não era. Que ele era o oposto do vizinho em tudo. Em tudo!

Mas chegaram, não ao orgasmo simultâneo ("Com ele isto nunca aconteceu, com ele é o contrário!"), mas à porta. Ela agradeceu, se despediu e já ia saindo, levando a sua toalha, e todas as esperanças do Sérgio, quando se virou, deu outra passada de grandes olhos verdes pelo apartamento, e disse:

- Preciso voltar aqui.
- Para se acostumar — disse Sérgio.
- É — disse ela.

E sorriu.

Ainda por cima, ela sorria!

A natureza humana

Idéia para uma história.

Cirurgião plástico de uma cidade do interior é procurado na sua clínica por um homem que lhe oferece US\$ 1 milhão para fazer uma operação. O homem quer discrição total, não quer perguntas e quer outra cara.

O médico começa a dizer que o homem está enganado a seu respeito, que ele não trabalha assim, porque a ética, porque a...

O homem o interrompe:

— Um milhão e meio.

— Não posso.

— Dois milhões.

— Quando você quer a operação?

— Agora.

— Impossível. Temos que fazer testes, preparar o...

— Dois milhões e meio.

O médico fica em silêncio, examinando o homem. Depois pergunta:

— Posso ver o dinheiro?

O homem abre uma maleta em cima da mesa do médico. Notas de cem.

— Quanto tem aí?

— Exatamente dois milhões e meio de dólares.

— Como você sabia que meu preço seria esse?

— Conheço a natureza humana. Aliás, foi com esta cara honesta e meu conhecimento da natureza humana que consegui juntar dois milhões e meio de dólares.

— Mas agora quer mudar de cara...

O homem sorri.

— Também sou um homem precavido.

O médico começa a fechar a maleta para guardar o dinheiro, mas o homem o detém com um gesto. Debaixo das notas de cem tira um pijama dobrado e uma sacola de plástico com escova de dente, pasta, etc. Está pronto para ser internado.

— Vejo que o senhor é mesmo um homem precavido, sr. Silva.

— Silva, claro, não é o meu verdadeiro nome.

— Posso saber o seu verdadeiro nome?

— Pode. É Xis.

— Muito bem, senhor Xis. Vamos fazer essa operação. Que cara o senhor quer?

— Não importa. Só quero ficar irreconhecível.

— Nem sua mãe o reconhecerá.

— Não peço outra coisa.

O médico fala no interfone com sua recepcionista:

— Jussara, transfira o nariz da dona Heleninha para amanhã.

Com o dinheiro da cirurgia, o médico investe na clínica, anuncia, aumenta sua clientela e sua renda, melhora de vida e passa a freqüentar outras rodas. Numa das quais, um dia, encontra uma cara conhecida.

— Senhor Xis!

O homem puxa o médico para um canto e sussurra seu novo nome. O nome da sua

nova cara.

— Hugo. Hugo Pontecarrero.

— Hugo. Pensei que você tivesse deixado a cidade depois da...

— Com que dinheiro? Você ficou com tudo o que eu tinha.

E o homem conta que circula nas altas-rodas tentando usar seu conhecimento da natureza humana para ganhar dinheiro fácil, mas que ganhar dinheiro fácil está cada vez mais difícil. A operação lhe deixara com uma cara que não inspirava confiança. Uma cara de escroque. Com aquela cara ele jamais sairia da cidade.

— Você salvou a minha vida — diz Hugo Pontecarrero —, mas ficou com todo o meu dinheiro e me deu esta cara sem nenhum proveito.

E Hugo declara que o cirurgião lhe deve um futuro. E passa a chantageá-lo, ameaçando denunciá-lo pela operação clandestina e o dinheiro não declarado e exigindo sua cumplicidade na exploração dos seus novos clientes ricos. Até que um dia um detetive particular na pista de um certo escroque com cara honesta chega à clínica do cirurgião e pergunta se por acaso ele não operou um homem com tais e tais características, descrevendo o incômodo senhor Xis. Quem quer saber? — pergunta o médico. A mãe dele, que quer vingança, responde o detetive. E o cirurgião, depois de ponderar sobre a natureza humana e a nossa responsabilidade no destino dos outros, nega-se a dizer onde o homem pode ser encontrado, pois isso não seria ético, mas oferece-se para fazer um retrato falado, por um preço. Raciocinando que os direitos autorais da cara, afinal, são dele.

Idéia para outro final.

— Jussara, transfira o nariz da dona Heleninha para amanhã.

O homem é operado, fica alguns dias internado na clínica em regime de discrição total, e sai com uma cara que nem sua mãe reconheceria. O médico, depois de se informar — discretamente — sobre o que fazer com os dólares, descobre que todas as notas de cem são falsas. Depois da descoberta, passa um bom tempo olhando a cara falsa do Benjamin Franklin com o que o senhor Xis pagou sua própria cara falsa, ponderando sobre a natureza humana, etc. Quando chega o detetive particular contratado pela mãe do escroque, o médico se oferece para incorporar-se à busca, pois só ele pode reconhecer a cara que fez. E um dia, seguindo uma pista levantada pelo detetive, o cirurgião e a mãe do escroque — que viajam juntos pelo mundo, atrás de vingança — dão com uma cara que o cirurgião identifica como a do senhor Xis.

— Que senhor Xis? Meu nome é Hugo Pontecarrero e não conheço nenhum de vocês dois.

— É ele — insiste o médico.

— Essa cara é minha. Conheço o meu trabalho!

— Será? — pergunta a mãe.

Termina com o homem desafiando o médico a provar que é o autor da sua cara, o médico reclamando que a mãe, também, não ajuda na identificação ("Algum sinal ele deve ter!"), a mãe dizendo que coração de mãe não se engana, aquele não é o safado que procuram, e todo o mundo no restaurante reclamando da gritaria.

Sérgio convidou Cláudia para jantar e disse que ele mesmo faria a comida.

— O meu nhoque é famoso.

— Quero só ver, riu a Cláudia.

— Quarta-feira?

— Quarta-feira.

Na quarta-feira, Sérgio abriu a porta para Cláudia de avental. Explicou que não, não acabara de decapitar uma galinha. O sangue no avental não era sangue, era o molho do nhoque. Pequeno acidente. Nada grave. Estava nervoso.

Instalou Cláudia na sala, perguntou se ela já queria começar no vinho ou se preferia um aperitivo, ela perguntou se tinha Campari, não tinha, ela disse que vinho estava ótimo, ele serviu o vinho, ela perguntou se podia ajudar em alguma coisa, ele disse que não e voltou para a cozinha. Quando sentaram-se para jantar, ela perguntou:

— Por que nervoso?

— Você aqui, no meu apartamento? Comendo a minha comida?

Espera aí um pouquinho.

Cláudia sorriu. Pensou em dizer "Eu é que devia estar nervosa, sozinha, aqui no seu apartamento", mas não disse. Pensou em dizer "Eu nunca esperava ser convidada", mas não disse. Pensou em dizer "Eu não podia sonhar que você estava a fim de mim", mas não disse. Deixou o sorriso dizer tudo.

— São de farinha.

— Hein?

— Os nhoques. Faço com farinha, acho que ficam mais leves. O engraçado é que nhoque de farinha é considerado mais fino, mas o nhoque de batata é mais caro. Como você está cansada de saber.

— Sérgio...

— Sim?

— Posso te fazer uma pergunta?

— Já sei o que você vai perguntar. O molho. Acertei? Esse gosto diferente do molho. É o meu segredo. Você não adivinha o que tem no meu molho. Ninguém adivinha.

— Não, Sérgio. Eu ia perguntar...

— Pergunte.

— Por que a gente não esquece os nhoques e...

Ela parou de falar quando viu a expressão no rosto dele. Surpresa e dor.

Como se alguém tivesse lhe dado a notícia de uma morte na família. Uma tia favorita, atropelada.

— Você não gostou.

— O quê?

— Do nhoque.

— Não, adorei. Adorei!

— Você não gostou do meu nhoque.

— Não é isso, Sérgio. Eu...

Ela não sabia como continuar a frase. "Eu ia sugerir que a gente esquecesse a mesa e fosse para a cama"? "Eu pensei que o nhoque fosse só um pretexto, ou uma mensagem cifrada, e ia pedir para pular as preliminares e ir logo para o que interessava"? "Eu entendi tudo errado"?

Ele começou a tirar o prato da sua frente. Ela segurou o prato.

— Sérgio, deixa. Eu amei o nhoque.

Ele, puxando o prato:

— Não precisa fingir.

Ela, puxando o prato com as duas mãos:

— É o melhor nhoque que eu já comi na minha vida, Sérgio. Juro.

Ele, puxando o prato com força:

— Eu vou servir outra coisa.

Ela:

— Não precisa!

Ele largou o prato e voltou para o seu lugar. Durante algum tempo nenhum dos dois falou. Ela hesitou, depois começou a comer o nhoque. Pensou em pedir desculpa, mas concluiu que, também, não era o caso de se humilhar. Pensou em fazer "mmm" depois de cada garfada, mas achou que poderia ser acusada de ironia. Ele não estava comendo. Estava estendido na cadeira, desconsolado, olhando para a parede. Ela o magoara. Ela, decididamente, entendera tudo errado. Decidiu tentar uma reconciliação.

— Qual é o segredo do seu molho, afinal?

Ele sacudiu a cabeça, querendo dizer que não valia a pena.

Só depois da sobremesa ele falou de novo.

— O que você ia me perguntar?

— Não, queria saber porque eu deixei você nervoso.

— Porque eu sei que você cozinha muito bem. Não queria fazer feio.

— Eu, cozinhar bem? Eu nem sabia como se fazia nhoque.

— Mas me disseram que você...

— Disseram errado.

— Tinha até curso na França.

— Iih, já vi tudo. Grande confusão. É a outra Cláudia!

— A outra Cláudia?

— Eu não sei fazer nada. Sou a rainha do microondas.

De madrugada, ela acordou e viu que ele a olhava. Os dois sorriram. Ele perguntou:

— Por que você ficou?

Ela pensou em dizer "Para restaurar o meu ego". Pensou em dizer "Porque você fez aquela cara quando eu disse para esquecer os nhoques, e eu nunca agüentei ver cachorro abandonado". Pensou em dizer "Porque sou uma estudiosa dos abismos humanos, e você promete". Mas disse:

— Porque mal posso esperar para provar seu café da manhã.

A Recaída

A proposta era simples. Cláudia acompanharia João Carlos numa visita à casa dos seus pais, na cidadezinha onde nascera, e seria apresentada como sua namorada. Alguém o tinha visto no Rio e chegara à cidadezinha com a notícia de que ele era gay. Ele precisava provar que não era gay.

— Mas você não tem uma namorada de verdade? — perguntara Cláudia — Por que eu?

— Porque eu sou gay. Não tenho namorada. Tenho namorado. O nome dele é Roni. Não posso aparecer lá com o Roni.

— Mas ninguém liga pra isso, hoje em dia. Liga?

— Na minha cidade, na minha casa, ligam.

Cláudia hesitara. Quase não conhecia João Carlos. A idéia de passar o Natal e o ano-novo com um quase desconhecido, na casa de uma família totalmente desconhecida,

numa cidadezinha inimaginável, não a atraía. Se bem que...

Poderia ser divertido. O João Carlos não era antipático. E os dois se fingindo de namorados, enganando todo o mundo... Ela não tinha outros planos para o fim do ano. Nenhum desfile agendado. Seria divertido. Topou.

No aeroporto, antes de embarcarem, João Carlos se despediu de Roni com um beijo prolongado e disse para ele não se preocupar.

— Não vá me ter uma recaída... — disse Roni, indicando Cláudia.

— Pode deixar — disse João Carlos. — Não há perigo.

Os três riram muito.

Ao churrasco na casa dos pais de João Carlos, na primeira noite, veio gente de toda a região, parentes e amigos e até alguns que ninguém conhecia, para ver a namorada carioca. A notícia de que Cláudia era, além de carioca, uma bela mulher, uma modelo, se espalhou rapidamente e todos queriam vê-la, e ouvi-la, e dizer "O Joãozinho, hein? Quem diria". Os dois tinham dormido em quartos separado, João Carlos no seu quarto antigo, Cláudia com a irmã dele.

A mãe do João Carlos, que via novela e sabia que aquilo era comum, não se importaria se os dois dormissem juntos, mas "O seu pai, sabe como é..." Eles sabiam como era. Não dormiam juntos, mas passavam o tempo todo se acariciando e se beijando, em casa e na rua. Provando para a cidade inteira que aquele boato de que o João Carlos tinha desandado no Rio era invenção, pura invenção. Gostava de mulher. E, a julgar pela Cláudia, de grandes mulheres!

Cláudia e, em segundo plano, João Carlos foram as maiores atrações das festas de fim de ano na cidadezinha. Do concorrido Natal na casa dele e do réveillon no clube. E foi na noite de Ano Bom, depois de muito fricante no clube, depois de se abraçarem e se beijarem apaixonadamente à meia-noite para todos verem, que os dois chegaram em casa e não foram cada um para o um quarto, foram para o quarto do João Carlos, quem diria, onde se amaram durante toda a madrugada, tentando não fazer muito barulho. E de manhã, suas pernas ainda entrelaçadas com as de Cláudia, João Carlos lamentou o acontecido, e disse "Bem que o Roni me avisou...", e a Cláudia beijou a ponta do seu nariz e disse:

— Pronto, pronto.

Voltaram para o Rio no dia 2, o João Carlos silencioso no ônibus e no avião, com cara de culpa, depois de pedir a Cláudia que em hipótese alguma comentasse a sua recaída para quem quer que fosse senão o Roni ia acabar sabendo, e a Cláudia silenciosa, com o secreto orgulho de ser tão desejável, tão mulher, que provocara a recaída fatal do João Carlos, depois de prometer que não contaria nada a ninguém, que aquilo ficaria entre os dois, só entre os dois, para sempre.

Ainda ontem a Cláudia encontrou o Roni e perguntou pelo João Carlos e o Roni disse:

— Quem?!

— O João Carlos. Seu namorado.

— Ah, é. Está bem. Muito bem. Quer dizer. Olha aqui... Esse negócio de namorado...

— Você também mal conhecia o João Carlos. Não é?

— É. Eu...

— Ele pediu para você fingir que era o namorado dele.

— É — O seu nome nem é Roni.

— Não.

Cláudia sorriu. Pensando: se o João Carlos tivesse me pedido, honestamente, sem mentir, sem encenação, topa ou não topa, eu teria topado? Provavelmente não. Uma mulher como eu? Provavelmente não. O falso Roni tinha chegado mais perto e estava dizendo:

— Olha, eu também não sou gay. E se quiser, posso provar.
Cláudia se afastou, ligeiro. Pensando: ó raça!

Por exemplo (Da série Poesia numa Hora Dessas?!)

Testemunhos suspeitos na origem não são uma coisa incomum.
Masoquistas (por exemplo) põem a mão no fogo por qualquer um.

A Retirada

Idéia para uma história. Uma pequena cidade é invadida por um exército em retirada. Os habitantes da cidade acordam com os ruídos da chegada do exército. Ouvem o som de cascos de cavalos e de rodas de canhões e dos passos arrastados de soldados nas pedras das ruas. Quando abrem suas janelas dão com o lento desfile do exército derrotado, que antes do raiar do dia ocupa toda a pequena cidade. As pessoas que saem de casa tropeçam em soldados exaustos estirados na calçada. Mas a maioria não sai de casa, assustada. Que exército é esse? De onde ele vem? E em que guerra ele foi derrotado? Não há notícia de nenhuma batalha perto da pequena cidade. Não há notícia de nenhuma guerra, em parte alguma, perto dali.

O comandante do exército em retirada instala a sua tenda na praça principal da pequena cidade. O prefeito da cidade espera em vão sua visita à prefeitura, para explicar aquela inesperada invasão na madrugada. Mas o comandante não sai da sua tenda. Finalmente, o prefeito e seus secretários decidem ir eles mesmos ao encontro do general. Ninguém os detém, na entrada da tenda. Os guardas estão estirados no chão, dormindo. O general está dormindo. Os cavalos estão dormindo. Todo o exército está dormindo.

Provavelmente dormirá o dia inteiro. A batalha perdida deve ter sido terrível. A retirada deve ter sido longa e penosa. Mas que batalha? De onde o exército está se retirando?

No fim da tarde o general aparece na entrada da sua tenda, se espreguiçando.

Chuta os guardas, para acordá-los. Atravessa a praça e entra na prefeitura.

Mas não quer falar com o prefeito. Quer usar o banheiro.

Tarde da noite, o general convoca o prefeito da pequena cidade para a sua tenda. O prefeito fica impressionado com a cara do general. Nunca viu uma cara assim. Todo o sofrimento do mundo está nessa cara, pensa o prefeito.

Nem imagina o que o general passou, para ter uma cara assim. Todo o sofrimento do mundo, sofrido ou causado. O general agradece ao prefeito a hospitalidade da sua pequena cidade. Hospitalidade? "Vocês nos invadiram" pensa em dizer o prefeito. Mas não diz. Não quer ser o responsável por mais um sulco naquela cara. Diz que espera que a estada na sua modesta cidade ajude o exército a se recuperar, e que todos são bem-vindos, e, por sinal, quanto tempo pretendem ficar? O general oferece um licor ao prefeito. Diz que ele

verá que seus homens são rudes mas não são desleais, e que sua convivência com os habitantes da cidade será pacífica. O prefeito diz que já houve contato entre os soldados e a população, que lhes ofereceu comida, agasalho e um melhor lugar para dormir do que a calçada, e que tem certeza que não haverá problemas enquanto o exército estiver na pequena cidade. E, por sinal, quanto tempo pretendem ficar? O general sorri, com um esforço.

Diz que o prefeito pode ir. Sim, aceita o convite para jantar na prefeitura na noite seguinte. Mas agora precisa dormir mais um pouco.

Curiosamente, não há feridos entre os soldados. Todos estão muito cansados, e deprimidos, e se queixam da saudade de casa, mas nenhum está ferido. Aos habitantes da cidade que lhes perguntam sobre a batalha que perderam, respondem vagamente. Só dizem que foi terrível, terrível. Falam de companheiros que morreram. Falam dos horrores que viveram, na batalha e na retirada. Mas desconversam quando alguém pergunta em que guerra, mesmo, eles estão lutando. Preferem falar da casa que deixaram ou dos amigos que perderam. No jantar do general e dos seus oficiais com o prefeito e figuras ilustres da pequena cidade, na prefeitura, a conversa é a mesma. Quando o prefeito, no seu discurso, declara que todos estão curiosos para saber de que batalha o exército em retirada se retirou, certamente por estar em insustentável desvantagem numérica ou por sido traído, pois por falta de heroísmo e sacrifício pelas pátria todos sabem que não pode ter sido, e, por sinal, em que guerra — e, aliás, por que pátria — está lutando, o general responde que naquele momento de conagração não devem falar de coisas tristes e propõe um brinde a uma coisa que os militares amam mais do que os civis: à paz. E quando perguntam quanto tempo o exército em retirada pretende ficar na cidade, o general propõe outro brinde. À convivência.

Mas, como não pode deixar de ser, começa a haver problemas entre os soldados e a população. Compreensíveis, pois os soldados são homens rudes, longe de casa, marcados pela batalha terrível e a longa retirada, pela tristeza e o horror. Há estupros, casos de bebedeira e pilhagem e, no fim de um mês, o prefeito toma coragem e visita a tenda do general para protestar contra o comportamento do seu exército. Encontra-o estirado na sua simples cama de campanha, olhando para o teto, com todo o sofrimento do mundo no rosto. O general não se ergue para receber o prefeito. Continua olhando para o teto enquanto o prefeito diz que entende que os soldados são homens rudes, marcados pela batalha perdida e a penosa retirada, mas que assim não dá para continuar. A pequena cidade está sendo aterrorizada. A convivência é impossível.

— Vocês, então, estão nos mandando embora? — pergunta o general, sem tirar os olhos do teto.

O prefeito hesita. Não sabe qual será a reação do general. E se ele mandar destruir a cidade, queimar tudo e matar todo o mundo, começando pelo prefeito? Já deve ter feito coisas piores na sua vida, pensa. Não se consegue uma cara assim sem ter sofrido e causado coisas piores. Posso propor um entendimento. Pedir que o general tente controlar a sua tropa. Com o tempo, os soldados talvez se integrem à vida da pequena cidade. Talvez esqueçam o que passaram, e se tornem cidadãos comuns, pacatos e desarmados.

O próprio general, que parece gostar tanto da cidade, pode se estabelecer ali, trocar a tenda de comando no meio da praça por uma casinha, quem sabe conhecer uma boa moça... Mas o prefeito decide ser firme.

— É — diz.

— Muito bem — diz o general. — Nos retiraremos ao amanhecer.

Na manhã seguinte a população da pequena cidade é acordada pelos ruídos do exército em movimento, continuando a sua longa e penosa retirada.

A Russa do Maneco

Todos ficaram muito intrigados quando o Maneco, logo o Maneco, apareceu com uma russa. Em pouco tempo "a russa do Maneco" se tornou o assunto principal da turma. Todas as conversas, cedo ou tarde, acabavam na frase "E a russa do Maneco?" e daí em diante não se falava em outra coisa. E, claro, quando o Maneco e a russa estavam com a turma, a russa era o centro de todas as atenções. Os homens de boca aberta, as mulheres tentando ser simpáticas mas odiando a russa.

Porque a russa do Maneco era linda como só as russas conseguem ser. Olhos claros e puxados, maçãs do rosto altas, um lábio inferior cheio e um pouco mais saliente do que o de cima, pele branca como as estepes, cabelos loiros como os trigueiros da Geórgia, ou onde quer que nasça muito trigo por lá. E o corpo, o corpo...

— Bailarina — sentenciou uma das mulheres, como se acusasse a russa de competição desleal.

Bailarina, sim, mas bailarina de um tipo especial: com anca e peito. Pernas longas. Mais alta do que o Maneco. Quando o Maneco a abraçava ela beijava o topo da sua cabeça. (Os homens suspiravam, as mulheres se revoltavam.) E a russa só sabia uma palavra em português, além de "bom dia" e "obrigado":

— Manequinho.

Muitos da turma não conseguiam dormir, pensando no Maneco com a loira na cama, e no "Manequinho" dito com aquele sotaque russo, por aqueles lábios russos. Logo o Maneco!

O Maneco não explicava onde e como encontrara a sua russa. Só dizia, misteriosamente:

— A coisa mais fácil de conseguir, hoje, na Rússia, é plutônio e mulher.

Dando a entender que, além de uma mulher espetacular, também estaria envolvido com o tráfico clandestino de material radioativo. As duas principais sobras da derrocada do império soviético. O que deixava a turma ainda mais intrigada.

— Vem cá: o Maneco não é funcionário público?

Era. E, que se soubesse, nunca saía do Brasil. Mas as pessoas, afinal, podem ter suas vidas secretas. E numa das suas vidas secretas, o Maneco encontrara a sua russa. Talvez negociando plutônio enriquecido para revender a algum grupo terrorista internacional. Depois de verem a russa beijando o topo da sua cabeça, ninguém duvidava de mais nada a respeito do Maneco. Se ouvissem dizer que o Maneco estava sendo caçado pela Interpol, ou que seria o novo marido da Nicole Kidman, ou as duas coisas, não duvidariam.

E especulações sobre que outras coisas o Maneco era e fazia que ninguém sabia passaram a dominar a conversa do grupo — sempre que o assunto não era a russa.

E um dia o Maneco apareceu sem a russa. Arrá, pensaram todos. A russa finalmente se deu conta de quem o Maneco realmente é.

Qualquer que fosse a mentira que o Maneco usara para conquistá-la, estava desmascarada. A russa deixara o Maneco, as coisas voltavam aos seus lugares.

O mundo voltava à normalidade. Estava restabelecida a lógica, segundo a qual uma russa daquelas não podia ser de um Maneco daqueles. Que fim levava a russa?

— Olha — disse o Maneco — russa não é fácil, viu?

Repetiu:

— Russa não é fácil!

E contou que as russas eram possessivas, e ciumentas, e atrasadas, pois não admitiam que um homem podia ter duas ou três namoradas ao mesmo tempo e...

Naquele momento gritaram do bar que havia um telefonema, uma mulher chorosa querendo falar com o "Manequinho", e o Maneco começou a fazer sinais frenéticos e a dizer: "Diz que eu não estou, diz que eu não estou."

Sensação na turma. O Maneco é que deixara a russa! E se com a russa o Maneco já era o assunto preferido da turma, sem a russa passou a ídolo.

A Travessia

Se não fosse o escravagismo e a diáspora forçada da África nós não teríamos o samba, o jazz e todos os ritmos caribenhos, sem falar nas outras contribuições dos negros para a nossa cultura e alegria. O mesmo tipo de elogio por vias tortas pode ser feito ao comunismo, ao fascismo e outros ismos persecutórios, que mandaram tantos artistas e cientistas para a América. Gente como Billy Wilder, Saul Steinberg e Vladimir Nabokov teriam o mesmo talento se não tivessem que fugir de Hitler, de Mussolini e dos bolcheviques, mas sua arte não seria a mesma sem a marca do exílio — e sem a oportunidade que encontraram no lugar do seu desterro. Foi esta oportunidade oferecida pela rica e empreendedora América, a "chance" e os meios, mais, talvez, do que a liberdade, que atraíram os cientistas da Europa para também fazerem a sua arte no exílio. O exemplo mais notório dessa arte aplicada é a bomba atômica. Num universo sem relativização moral, um filme do Wilder, um desenho do Steinberg, um livro do Nabokov, e a bomba — e mais um solo do Charlie Parker — poderiam ser exibidos num mesmo espaço, ilustrando o mesmo tema: os frutos da travessia.

A famosa visita do físico alemão Werner Heisenberg ao físico dinamarquês Niels Bohr em 1941 já deu muita discussão, muita especulação e uma peça de sucesso, Copenhagen, de Michael Frayn. Heisenberg dirigia o programa nuclear da Alemanha e nunca se ficou sabendo exatamente sobre o que os dois amigos conversaram na casa de Bohr, naquele setembro. Heisenberg teria ido informar Bohr sobre o progresso da sua pesquisa e pedir sua ajuda, queria sondar Bohr sobre o que este sabia das pesquisas sendo realizadas nos Estados Unidos depois da chegada de Enrico Fermi ou — a especulação dramaticamente mais aproveitável de todas — teria levado a Bohr a proposta de um compromisso a ser assumido por cientistas dos dois lados, de não construir a bomba ou de sabotar a sua construção? Hoje se sabe que esta proposta não existiu. Mas a simples especulação de que ela teria sido feita trazia algumas implicações importantes. Uma, a de que o próprio Heisenberg estaria deliberadamente atrasando o programa nuclear dos nazistas, e que, mesmo se soubessem como, os cientistas alemães não teriam construído a bomba. Outra, a de que o apelo de Heisenberg seria a valores humanísticos acima de lealdades passageiras a pátrias e regimes, ou a uma sensibilidade comum européia, com a esperança que ela também tivesse sobrevivido na América. Parte da oportunidade que a América dava à ciência para levar a pesquisa nuclear à sua conclusão lógica e prática era livrá-la de escrúpulos e culpa, ou seja, livrá-la da hesitação européia. Heisenberg estaria propondo uma conspiração da consciência, contra o pragmatismo americano e contra a volúpia da ciência de perseguir toda descoberta até o seu fim, mesmo que o fim seja o terror.

Documentos recém-publicados mostram que Heisenberg não propôs nada parecido

a Bohr, que Bohr só guardou da visita sua preocupação com a possibilidade de os nazistas terem a bomba primeiro e a certeza consoladora de que Heisenberg e seu grupo não estavam nem perto de conseguir isso. Na verdade o que atrasou o programa nuclear alemão não foi a consciência mas o preconceito burro: os nazistas achavam que física teórica era "coisa de judeu" e custaram a entender todas as implicações do átomo partido. Da mesma forma, foram as novas leis raciais italianas, inspiradas pelas nazistas, que forçaram a ida de Enrico Fermi, cuja mulher era judia, para os Estados Unidos e a emigração da maioria da sua equipe. Assim, foi a antiga tradição do anti-semitismo, exacerbada e burocratizada pelo fascismo, e não o humanismo, a "fraqueza" da Europa que deu a vantagem aos americanos. Também havia anti-semitismo nos Estados Unidos mas na hora de desenvolver a arma que acabaria com todas as armas, quem estava contando?

A idéia de que Heisenberg representava uma resistência do espírito europeu ao horror da bomba em contraste com a mobilização objetiva americana permanece como especulação dramática, mesmo sendo falsa, porque é uma metáfora forte. Heisenberg foi o gênio nuclear que não cruzou o Atlântico, o anti-exilado, o que não aproveitou a terra da oportunidade e fracassou.

Todos os cientistas que participaram do Projeto Manhattan, de construção da bomba, descreveram a época, de oportunidade irrestrita, como excitante, inesquecível, a melhor das suas vidas. Com recursos intermináveis e o estímulo entusiasmante do lendário general Groves, chefe militar do programa, estavam participando da maior aventura científica de todos os tempos, sem tempo para dúvidas. Robert Oppenheimer, o cientista que comandava o projeto, conta que sua primeira reação ao saber que a primeira bomba explodira sobre Hiroshima fora um extático "Funcionou!". O primeiro pensamento da ciência é o da sua própria validação pela eficiência. Os segundos pensamentos custam a chegar. Oppenheimer só pensou nos mortos depois, se opôs ao desenvolvimento da bomba de hidrogênio e acabou sendo chamado de antipatriota. Era como se a consciência tivesse feito a travessia num barco mais lento.

Sem o vício do anti-semitismo os alemães teriam feito a bomba antes? Talvez lhe faltasse a oportunidade da América, onde os europeus iam para recomeçar, onde tudo estava sempre recomeçando, sem hesitações ou culpa, e onde um delirante arabesco do Steinberg e um cogumelo nuclear nasciam da mesma paisagem sem história. De qualquer jeito, quem ficou com a bomba não foi o Hitler, foi o Truman.

A Vida Eterna

Manoel foi pro céu. O que o surpreendeu muito. Ateu, descrente total, a última coisa que esperava era descobrir que há vida depois da morte. Mas morreu e quando abriu os olhos se viu numa sala de espera cheia de gente, com uma senha na mão, esperando para ser chamado para uma entrevista. Não havia um grande portão dourado, como vira em mais de uma representação da entrada do céu, e aparentemente São Pedro não era mais o porteiro. Fora substituído por recepcionistas com computadores que faziam a triagem dos recém-chegados. Mas o resto era igual ao que as pessoas imaginavam: nuvens, todo mundo de camisola branca, música de harpa...

O número da sua senha era enorme e Manoel deduziu que mantinham uma numeração corrida, desde o primeiro morto. Mas só chamavam pelos três últimos

algarismos. Enquanto não chamavam seu número, Manoel puxou conversa com o homem sentado ao seu lado. Que felizmente também era um morto brasileiro. Se apresentou:

— Manoel. Enfarte.

— Bira. Tiro.

— Você esperava isto aqui?

E Manoel fez um gesto que englobava toda a vida eterna.

— Pra dizer a verdade — disse Bira — pensei que eu fosse direto para o Inferno.

— Acho que elas é que decidem pra onde a gente vai — disse Manoel, indicando as recepcionistas com a cabeça.

E, com efeito, quando voltou da sua entrevista com a recepcionista e cruzou com Manoel, que fora chamado, Bira anunciou:

— Me deram uma chance. Purgatório. Duzentos anos.

— Parabéns!

A recepcionista era simpática. Digitou o nome de Manoel no computador e quando a sua ficha apareceu, exclamou.

— Ah, Brasil! Português?

— Português.

E o português dela era perfeito. Fez várias perguntas para confirmar os dados sobre Manoel que tinha no computador. Sempre sorrindo. Mas o sorriso desapareceu de repente. Foi substituído por uma expressão de desapontamento.

— Ai, ai, ai... — disse a recepcionista.

— O que foi?

— Aqui onde diz "Religião". Está: "Nenhuma."

— Pois é...

— O senhor não tem nenhuma religião? Pode ser qualquer uma. Nós encaminhamos para o céu correspondente. Ou, se o senhor preferir reencarnação...

— Não, não...

— Então, sinto muito. Sua ficha é ótima, mas... Manoel a interrompeu:

— Não tem céu só pra ateu, não?

Não existia um céu só para ateus. Nem para agnósticos. Também não eram permitidas conversões "post-mortem". E deixá-lo entrar no céu, numa eternidade em que nunca acreditara, o sr. Manoel teria que concordar, não seria justo para com os que sempre acreditaram. Infelizmente, ela tinha que...

— Espere! — disse Manoel, dando um tapa na testa. — Me lembrei agora. Eu sou Univitalista.

— O quê?

— Univitalista. É uma religião nova. Talvez por isso não esteja no computador.

— Em que vocês acreditam?

— Numa porção de coisas que eu não me lembro agora, mas a vida eterna é uma delas. Isso eu garanto. Pelo menos foi o que me disseram quando eu me inscrevi. A recepcionista não parecia muito convencida mas pegou um livreto que mantinha ao lado do computador e foi direto na letra U. Não encontrou nenhuma religião com aquele nome.

— Ela é novíssima — explicou Manoel. — Ainda estava em teste.

A recepcionista sacudiu a cabeça mas disse que iria consultar o seu chefe.

Manoel deveria voltar ao seu lugar e esperar a decisão do chefe.

E Manoel voltou para o seu lugar, e desta vez o homem sentado ao seu lado é que puxou conversa. Abriu os braços e disse:

— Você acredita nisto?

— Eu... — começou a dizer Manoel, mas o outro não o deixou falar.

— É tudo encenação. É tudo truque. Eles tentam nos pegar até o último minuto.

— Por favor. Eu...

— Olha aí.

O homem tinha se levantado e estava chutando as nuvens que cobriam o chão da sala de espera.

— Isso é gelo seco! Você acha mesmo que existe vida depois da morte? Você acha mesmo que nós estamos aqui? Estão tentando nos enganar. É tudo propaganda religiosa. É tudo...

Mas o Manoel saltou sobre o homem, cobriu sua cabeça com a camisola, atirou-o no chão e sentou-se em cima dele. Para ele ficar quieto e não estragar tudo. Afinal, mesmo que fosse só propaganda, era a vida eterna.

A Volta da Andradina

A volta da Andradina para casa foi cuidadosamente preparada, como a visita de um chefe de estado. Sua irmã mais velha Amélia — a irmã com a melhor cabeça, era a opinião geral — tratou de todos os detalhes. Para começar, a discrição. Todos, na casa, do dr. Saul, marido da Amélia, ao Bolota, neto recém-nascido da cozinheira, receberam ordens para, em hipótese alguma, revelar o dia e a hora da chegada da Andradina. O Bolota só ficou de olhos arregalados mas o resto da família jurou não dizer nada. Fora da casa, ninguém precisava saber que a Andradina estava voltando.

A chegada da Andradina só não teve ensaio geral. Tudo foi planejado. Quem iria ao aeroporto buscá-la, quem ficaria na casa, quem cuidaria das malas.

Na véspera da chegada, Amélia reuniu todos na sala para as últimas instruções. Horário de partida para o aeroporto, provável horário de chegada da Andradina na casa (se o avião não atrasasse), como cada um deveria se comportar. Importantíssimo: nem uma palavra sobre o caso. Para todos os efeitos, ninguém sabia de nada. Para todos os efeitos, Andradina apenas decidira passar uma temporada em casa, descansando e revendo a família. Nada mais natural. Alguém perguntou:

— E na mesa?

— Como, na mesa?

— Na mesa. Na conversa normal. No dia a dia. Não se toca no assunto?

— Só se ela tocar. Entendido?

Entendido. Ninguém diria nada. E principalmente ninguém mencionaria o nome "Geraldo". Regra número um da casa: daquele momento em diante, "Geraldo", não. "Geraldo" em hipótese alguma. Como margem de segurança, talvez fosse melhor banir todos os nomes começados em "Ge". De pessoas e de coisas.

— Ai meu Deus — disse Alicinha, a filha do meio, a que falava mais e nem sempre se dava conta do que dizia. Precisaria se controlar para não dizer "Geraldo". Tinha certeza que acabaria dizendo "Geraldo". Cruzaria com a tia Andradina no corredor e em vez de "Bom dia" diria "Geraldo". Tinha certeza.

Alicinha ficou muito nervosa.

A Operação Chegada transcorreu sem problemas. O avião não atrasou, Andradina entrou na casa no horário previsto. Sorriu para todos, fez festa para o Bolota, disse que preferia não almoçar. Estava cansada, iria para o quarto, talvez dormisse um pouco, mais tarde comeria alguma coisa. Amélia decretou silêncio absoluto na casa enquanto Andradina descansava. O Bolota foi exilado, para evitar o perigo do choro extemporâneo. Durante toda

a tarde, Amélia patrulhou a casa, pronta para abafar no nascedouro qualquer ruído que pudesse perturbar o descanso de Andradina. Pensando: "Como ela está pálida, coitadinha. Como ela está pálida."

Andradina era a irmã mais moça. Amélia era meio mãe de Andradina.

Infelizmente, Andradina não ouvira o que Amélia lhe dissera sobre o Geraldo.

Todas as suas previsões sobre o Geraldo tinham se cumprido. Bem que Amélia avisara. Quando Andradina saiu do quarto, no fim da tarde, encontrou a mesa da cozinha posta, com três tipos diferentes de bolo. Inclusive o seu favorito, de banana.

No jantar daquela noite, todos se esforçaram para deixar Andradina à vontade. O dr. Saul, que raramente falava, foi quem mais falou. Chegou a lembrar o seu tempo de bailarino. É, bailarino. Alguém se lembrava do tuíste? Dançara muito tuíste. A Alicinha, que normalmente era a que mais falava, não disse nada.

Ficou muda durante todo o jantar, apavorada com a possibilidade de dizer "Geraldo", ou coisa parecida, sem querer. Andradina comeu pouco e falou pouco. Passou o tempo todo com um sorriso triste nos lábios. Foi cedo para o quarto. Não, não acompanhava a novela. Quando Andradina se retirou, todos respiraram aliviados.

Tinham se comportado bem. Amélia voltou do quarto, onde fora ver se a irmã tinha tudo de que precisava, e premiou toda a família com a sua aprovação.

Tinham se comportado muito bem. O primeiro dia da volta da Andradina, pelo menos, fora um sucesso. Sem gafes. Coitadinha da Andradina.

No café da manhã do dia seguinte, quase uma catástrofe. Alicinha começou a dizer "Me passa a ..." e parou. Será que podia dizer "geléia"? Geléia era com "ge"? Mesmo se fosse "jeléia" com "jota" o som seria o mesmo e as conseqüências poderiam ser desastrosas. Completou: "...manteiga?" Andradina aparentemente não notou a hesitação da sobrinha. E logo depois do café pediu para falar com Amélia no quarto. Queria contar tudo. Com detalhes. As duas irmãs passaram a manhã trancadas no quarto.

Fora alguns soluços da Andradina, ninguém ouviu nada do que se passava lá dentro. Nem quando colaram o ouvido na porta. Perto do meio-dia a Amélia saiu do quarto, sacudindo a cabeça como se dissesse "eu bem que avisei". E deu novas instruções. A partir daquele momento, além de "Geraldo" e qualquer palavra começada com "ge", ninguém deveria falar em arreios, chapéu de marinheiro e pomada mentolada na presença da Andradina.

A Volta do Fu Manchu

Essa crise seria impensável em outra era, necessitaria não só de instrumentos de morte que não existiam como um mundo interligado, com comunicação e mobilidade rápidas, que antes também não existiam. Mas ao mesmo tempo é uma crise retro, uma crise nostálgica, quase ingênua na sua evocação de símbolos e situações de romance antigo. Quando o Bush chama o Bin Laden de "the evil one" — "o mau" — lembra o Fu Manchu, e qual foi a última vez, na ficção ou fora dela, que se recorreu a algo parecido com o insidioso doutor para explicar um mal que nos assola?

É verdade que a personalização do mal numa figura exótica que mobiliza súditos fanatizados era uma tática recorrente do colonialismo europeu, que no seu ocaso precisava equiparar ataques ao seu domínio a ataques à razão e às religiões sensatas. A Inglaterra começou a perder a Índia quando Gunga Din, o personagem de Kipling que dava a vida para

salvar seus mestres ingleses dos selvagens adoradores da deusa Kali, se transformou em Mahatma Ghandi, tão pertinaz quando os adoradores de Kali, mas — fatalmente, para os ingleses — amável como Din. O pacífico Ghandi não podia ser caracterizado como um mameluco maluco, seu tipo de insurreição era inédito, ele foi o fim dos dervixes providenciais que podiam ser abatidos sem remorso na defesa do império, e o fim do "raj", ou da Índia inglesa.

Mas o Fu Manchu da ficção não era um líder insurrecional ou sequer um fanático religioso. O Mal que ele representava não tinha causa, patológica ou política — ele era "the evil one" apenas porque era mau, ou apenas porque era oriental. Osama bin Laden tem suas causas religiosas misturadas — por ele mesmo ou por quem o interpreta — com causas políticas (algumas improvisadas agora, ele nunca antes tinha falado nos palestinos), mas é uma nova versão, revisada, tecnicamente atualizada, adaptada para a TV e a Internet, do Dr. Fu Manchu. Sua fortuna espalhada pelos mercados financeiros do mundo e seus seguidores secretos supostamente só esperando mensagens cifradas pela CNN para espalharem mais terror repetem a teia de sortilégio hipnótico do Fu Manchu, que também cobria o mundo. Mas o Fu Manchu só contava com a telepatia.

O ataque com venenos também é evocativo, embora nada pudesse ser mais moderno do que tóxicos feitos em laboratório. A literatura antiga está cheia de filtros e poções nunca bem explicados interferindo nas tramas, arranhões ao folhear um livro ou abrir uma carta — sem falar em líquidos furtivamente derramados de anéis falsos em copos desprotegidos — levando a mortes misteriosas e desenlaces inesperados. Não se sabia da existência de bactérias. A descoberta das bactérias — de um mundo de coisas invisíveis e possivelmente letais vivendo com, e muitas vezes na, gente — foi uma das grandes contribuições da ciência para o terror da humanidade, pois ao mesmo tempo que trazia a explicação e a possibilidade de cura de muitos males, revelava inimigos que a gente nem sabia que tinha. Mas bactérias assassinas nunca tiveram o mesmo prestígio literário das emulsões venenosas, talvez porque a idéia do seu cultivo meticuloso não fosse literariamente tão atraente quanto a de alquimistas destilando líquidos mortais de plantas obscuras e sapos nojentos. Agora os venenos sub-reptícios estão de volta, com as bactérias substituindo as poções. E — se as suspeitas sobre mais esta maldade de "the evil one" estão certas — pelas mãos sinistras do novo Dr. Fu Manchu.

Bem que podiam ter deixado a literatura antiga quieta.

ABCDEtc (1)

A — Primeira letra do alfabeto. A segunda é "L" e a terceira é "F".

AH — Interjeição. Usada para indicar espanto, admiração, medo. Curiosamente, também são as iniciais de Alfred Hitchcock.

AHN? O quê? Hein? Sério? Repete que eu sou halterofilista.

AI — Interjeição. Denota dor, apreensão ou êxtase, como em "Ai que bom, ai que bom". Arcaico: Ato Institucional.

AI, AI — Expressão sarcástica, de troça. O mesmo que "Como nós estamos sensíveis hoje, hein, Juvenal?"

AI, AI, AI — Expressão de mau pressentimento, de que em boa coisa isto não pode dar, de olhem lá o que vocês vão fazer, gente.

AI, AI, AI, AI, AI — O mesmo que "Ai, ai, ai", mas com mais dados sobre a

gravidade da situação. Geralmente precede uma reprimenda ou uma fuga.

B — Primeira letra de Bach, Beethoven, Brahms, Bela Bartok, Brecht, Becket, Borges e Bergman, mas também de Bigorrilho, o que destrói qualquer tese.

BB — Banco do Brasil, Brigitte Bardot, coisas do tipo.

BELELÉU — Lugar de localização indefinida. Em alguns mapas fica além das Cucuias, em outros faz fronteira com Cafundó do Judas e Raio Que os Parta do Norte. Beleléu tem algumas características estranhas. Nenhum dos seus matos tem cachorro, todas as suas vacas estão no brejo — e todos os seus economistas são brasileiros.

C — Uma das nossas letras mais populares. Sem ela não haveria carnaval, caipirinha, cafuné e crédito e a coisa seria bem mais difícil.

CÁ — Advérbio. Quer dizer "aqui no Brasil". Também é o nome, em português, da letra K, de kafkiano, o que já deveria ter-nos alertado.

CÊ — Diminutivo de "você", como em "cê soube?" ou "cês me pagam". Também se usa "cezinho", mas só em casos muito particulares, e com a luz apagada.

CI — Ser mitológico. Na cultura indígena do Amazonas, a mãe de tudo, a que está por trás de todas as coisas, a responsável por tudo que acontece (ver CIA).

CO — "O outro." Como em co-piloto (o outro piloto), coadjuvante (não o adjuvante principal, o outro) e coabitação (morar com a "outra").

CÓ — O singular de "cós".

CÓS — Os "cós das calças", que até hoje ninguém descobriu o que são.

CUCUIAS — Arquipélago, provavelmente no Caribe, mas no lado da sombra... A única coisa certa que se sabe sobre as Ilhas Cucuias é que ficam longe das Ilhas Cayman. Celebrizadas no poema ufanista anônimo Povo de Turistas ("Como viajam os brasileiros/donos de um elã incomum./ A maioria vai pras Cucuias/ e o resto vai pra Cancun").

D — 500 em latim. Vale meio M, cinco Cs e dez Ls.

DDD — Discagem Direta a Distância, ou Dedo Dolorido De tanto tentar.

DE — Prefixo que significa o contrário, o avesso. Como em "decúbito", ou com o cúbito para cima.

E — Conjunção. Importantíssima. Sem o E, muitas frases ficariam ininteligíveis, dificultando ainda mais a comunicação entre as pessoas. Em compensação, não existiriam as duplas caipiras.

E? — E daí? Continue! Qual é a conclusão? Qual é o sentido dessa história toda? Onde você quer chegar, pombas? Vamos, desembuche!

É — Afirmativa, confirmação, concordância ou resignação. Também usado na forma reflexiva ("Pois é"), na forma interrogativa ("É?"), na forma reflexiva interrogativa ("Né?") e na forma interrogativa retórico-reflexiva ("Ah, é?").

É... — O mesmo que "Pois é", mas com uma carga filosófica maior. Tudo que tem reticências é filosófico. Ou irônico, que é o filosófico que dá briga.

EH, EH, EH, EH — Risinho safado. Também dá briga.

EPA! Exclamativo. Usado em situações-limite, como beliscões extemporâneos na bunda, principalmente se ela for a sua. Outras formas: "Opa" (ver OPA), "Peraí" (ver "PÔ"), "Péralá!" (ver AI, AI, AI)".

F — Ou "efe". Uma das oito letras com duas sílabas do alfabeto. "Doblevê" tem três, "ipsilone" tem quatro e "doblíu", depende. Se você diz o "bliú" ligeiro, é uma sílaba só, se for baiano são duas.

PH — Efe no tempo em que era "ephe".

G — De "gongórico", nome dado a tudo que soa como um gongo.

GA-GA-GA-GA-GA... Gago.

H — A letra "agá". Também pode ser os edifícios do Congresso, em Brasília. Nesse caso, saia de perto.

HONTEM — Ontem, ontem.

I — Monograma do Marco Maciel.

IH — Expressão de mau pressentimento. Como em "Ih, outro discurso do Simon..."

IIIIII — Expressão de mau pressentimento quando o pressentido já começou a acontecer e não há nada a fazer senão se preparar para o pior. Ou emigrar, claro. Substituí as frases "Eu sabia...", "Esse filme eu já vi..." "Lá vamos nós outra vez..." e "Ai, ai, ai" (ver AI, AI, AI, AI, AI) IIIIIIIIIIIII (Continua) — Um "liiiih" que não encontra resistência e se prolonga indefinidamente, acompanhando a curvatura da Terra. No Brasil há casos de "liiihs" que começaram há 35 anos e ainda não terminaram.

J — Uma das letras mais brasileiras do alfabeto. A primeira letra de jabá, jabaculê, jeitinho, jogada e joint venture. Está na nossa origem ("Já fui! Já fui!", as palavras que acompanham nossa concepção) e no nosso fim (jazigo, já era).

JÁ — Agora.

JÁ, JÁ — Daqui a pouco.

JESUS! — Apelo a um poder mais alto, ignorando-se os trâmites normais e todas as instâncias intermediárias — santos, secretárias, seguranças — para ir direto em quem manda, ou pelo menos no seu filho.

JURADO — Membro de um júri. Marcado para morrer. Ou, dependendo de onde for o julgamento, as duas coisas juntas.

K — Não existe em português, mas ninguém conseguiria dizer "um kantiano kitsch de kilt num kart" sem ela, a não ser que fosse fanho (ver ANHO). Embora seja pouco provável que alguém, algum dia, precise usar esta frase.

L — O "ele" minúsculo é igual ao "l" e o maiúsculo também, só que com sombra.

LOT — Ou Ló. De uma vez por todas, preste atenção. Ló era o do pão e dos escravos que jogavam caxangá (ver CAXANQUÊ?), Jó era o das provações de Deus e da mulher que virou estátua de sal. Espera um pouquinho. Jó era o dos escravos, Ló era o do pão e da estátua. Não! A mulher que se transformou em estátua e os escravos eram do Jó, Ló era só o do pão. Não! Os escravos eram da mulher do Jó, o Ló era o das provações e o Jó virou pão. Não! Os escravos eram da mulher do Ló, que era uma das provações do Jó, que virou estátua de sal mas do Ló. Não! O Ló virou Jó e... Esquece.

M — Primeira letra de "eme".

N — O "ene", não.

O — A letra símbolo da Kabala. A Cobra da Vida comendo a si mesma por toda a Eternidade. A letra que é um número, e o número que é um vazio. O Tudo e o Nada num mesmo signo. Em inglês, "OK". Em português: "Aqui, ó."

Ó — Interjeição. Como em "Ó vida" ou "Ó tempos, ó modos" e, especialmente, "Ó Minas Gerais".

OBA — Epa, no bom sentido.

OH — Interjeição. Como em "Oh, não!" e, principalmente em filme americano dublado, "Oh, sim!"

OI — Alô.

OI, OI, OI — "Ai, ai, ai" mais baixinho. (Ver "iiiiiiih") PÔ — Abreviatura de

"positivamente", como em "Positivamente, assim não dá".

QRST — Único grupo de quatro letras sucessivas no alfabeto que não inclui uma vogal. E você sabe o que isso significa...

UI — "Epa" de quem está gostando.

V — De Verdade e Vileza, Verme e Virgem, Veneno e Valium, é a única letra do alfabeto que, de cabeça para baixo, vira uma casinha. É preciso dizer mais?

XYZ — As últimas letras do alfabeto. Pronuncia-se "xyz". O "X" e o "Z" são, juntos com o "K", as letras mais duras e antipáticas do alfabeto e existe uma suspeita de que sejam nazistas. Não admira que o "Y", entre as duas, esteja com os braços para cima, apavorado.

Abertura de Guilherme Tell

Situação clássica. Marido volta de viagem mais cedo do que o esperado e encontra a mulher na cama, nua sob o lençol. Estranha, porque são 4 horas da tarde. Pergunta o que ela faz na cama àquela hora.

— Enxaqueca.

Há um telefone celular sobre a mesa de cabeceira. O telefone toca.

— O que é isso? — pergunta o marido.

— Acho que é a abertura de Guilherme Tell.

— De quem é?

— Puccini.

— A música, não. O celular.

— É meu.

— Não é não.

A mulher estende um braço nu para pegar o telefone mas o marido a detém.

— Deixa que eu atendo.

Este é o começo da história. A abertura. A continuação você pode escolher, entre três possibilidades. A primeira:

— Alô?

— É o seu Gastão?

O marido hesita. Depois:

— É.

— Ele acaba de entrar no prédio. Se manda!

— Ele quem?

— Como, "ele quem"? O marido. O ... Espera um pouquinho. É o seu Gastão que está falando?

— Não, é o marido. Mas pode deixar que eu dou o recado.

Nisso o Gastão salta de dentro do armário, nu, e corre para a porta. O marido fica onde está, segurando o celular. Olha para a mulher.

— Quem era? — pergunta.

— Pela bunda não deu pra ver.

— Você não conhece.

— Gastão. Ele se chama Gastão?

— É.

— Há quanto tempo isto vem acontecendo?

— Foi a primeira vez.
— Você sabia que tinha alguém vigiando o prédio, para avisar da minha chegada?
— Sabia. Foi idéia minha.
— Não acredito.
— Pois é. Você não diz que eu sou incapaz de um pensamento seqüencial? Pois planejei tudo. Dispensei a Noemia. Montei todo o esquema. Só não deu certo porque o seu Inácio demorou para avisar.
— O seu Inácio?!
— É.
— Quando a gente pensa que conhece as pessoas... — diz o marido. Está se referindo ao porteiro.
— E depois de todos os abonos de Natal!
A notícia da traição do porteiro dói mais no marido do que a traição da mulher. O que talvez explique a traição da mulher.

* * *

Segunda possibilidade. Marido atende o celular que toca a abertura de Guilherme Tell.

— Alô.
— Gastão? Sônia. Beijo. Você pode trazer presunto cru?
— Ahn, mmm...
— Gastão? Quem é? Quem é que está falando? Ai meu Deus!
— Calma, eu...
— Onde está o Gastão? Quem é você? Por que está com o celular dele? O que aconteceu com o Gastão?
— Não aconteceu nada. Calma. Ele está aqui. Em algum lugar.
— Quem é você?
— Não interessa. Um amigo. Está tudo bem com o Gastão.
— Você está me mentindo. Ele teve um acidente. Você está assaltando o Gastão!
— Não é nada disso, ele...
— É seqüestro?!
— Escuta! O Gastão está bem. Você vai falar com uma pessoa que pode lhe dizer tudo sobre o Gastão. O que eles estava fazendo e onde está neste momento. Notícias frescas. Espere só um minutinho.
E o homem passa o celular para a mulher, que faz uma cara de pânico.
— O quequieu digo?
O homem senta na beira da cama e cruza as pernas. Diz:
— Mal posso esperar pra ouvir.

* * *

Terceira possibilidade.

— Alô.
— Gastão? Sônia.
— Arrã.
— Eu sei onde você está.
— Arrã.
— Não tente me conversar. Eu sei. O seu Inácio, do edifício dela, me conta tudo.
— Arrã.

— Me deixa falar! Só quero dizer uma coisa. Você está ouvindo? Onde existe um homem traindo, existe uma mulher frustrada.

— Arrã.

— E onde existe uma mulher traindo, existe um corno abandonado.

— Arrã.

— Quietos! E uma mulher frustrada e um corno abandonado podem se juntar, meu caro. E podem ser vingativos. Entende? Nós vamos humilhar vocês. Eu e o marido dela. Vou fazer coisas com ele que você não imagina. Só estou avisando.

— Arrã.

Quando ele desliga o telefone, a mulher pergunta:

— Quem era?

— Era para ele.

— Sei.

— O Gastão...

— Sei.

— Faça-me o favor. Gastão?!

— Pelo menos ele...

— E outra coisa — interrompe o marido.

— Você se enganou.

— O quê?

— Guilherme Tell...

— Quequitem?

— Não é Puccini. É Rossini.

Abstraindo

— Há coisa melhor do que isto?

Os braços abertos do Fabião incluíam tudo: a mesa, os chopes, o último bolinho de bacalhau, os quatro além dele em volta da mesa, as outras pessoas em volta das outras mesas no terraço do bar, o dia que acabava, o verão que começava, a cidade, o país, o mundo inteiro naquele momento.

Como os outros só fizessem comentários neutros — "É...", "Beleza, né?" "Podes crer..." — Fabião repetiu a pergunta.

— Não. Existe coisa melhor do que isto? Não é pergunta retórica. É enquete.

— "Isto" que você quer dizer... — tentou o Márcio.

— Isto! Este momento. Nós aqui tomando este chope, neste fim de tarde. Todo mundo amigo, todo mundo se sentindo bem.

O Remi começou a dizer alguma coisa, mas o Fabião o deteve com um gesto.

— Você não vale, Remi.

O Remi era hipocondríaco. Estava sempre sentindo alguma coisa. Fabião se dirigia aos outros.

— O que que falta para este ser um momento perfeito nas nossas vidas? Hein? Hein?

O Carlos Alberto, cujo apelido era Holofote, olhou em volta. Não queria ser um estraga-prazer, mas...

— Eu estou desempregado...

— Abstraindo isso — disse Fabião.

— Estou bem — reconheceu o Holofote. E depois, para não decepcionar o Fabião:

— Estou ótimo.

— Então ótimo. E você, Márcio?

Márcio pensou um pouco. Depois revelou, como se fosse informação privilegiada:

— A situação do país não tá boa, viu?

— Abstraindo isso.

Márcio teve que reconhecer. Não podia pensar em nada melhor do que estar ali, tomando aquele chope com os amigos, naquele momento, apesar da situação do país. Não faltava nada para o momento ser perfeito.

— Sei não — disse o Remi. — Sei não...

Já que não podia introduzir sua indiscutível gastrite, sua possível diabete e seu provável câncer na avaliação do momento, Remi decidira não ceder tão facilmente.

— "Sei não" por quê? — desafiou o Fabião.

— O bolinho de bacalhau podia estar melhor.

— Abstraindo isso.

Remi sacudiu a cabeça, fazendo nem sim nem não, querendo dizer que não estava convencido. Insistiu na rebeldia.

— O que eu ganho é uma merda.

— Se é por isso, o que eu ganho também é uma merda — disse Márcio.

— Abstraindo isso.

Remi não se entregou. Disse:

— Eu vou morrer.

E antes que o Fabião impugnasse sua intervenção dizendo que não valia porque ele estava sempre à morte, Remi continuou:

— Quero dizer, nós todos vamos morrer. Este é só um breve momento no processo irreversível da nossa degradação física. Eu tenho poucos dias de vida, mas vocês todos vão morrer, mais cedo ou mais tarde. Até o Holofote, que faz exercício. É um dado que tem que ser levado em consideração.

— Abstraindo isso.

Abstraída a mortalidade comum da mesa, ninguém mais tinha argumento contra o Fabião. Até que o Sabóia, que ainda não falara, limpou a garganta e falou:

— Tem o Nada.

— O quê?

— O Nada. "N" maiúsculo.

— Que Nada?

— O grande vazio. Além das estrelas, além do Universo.

— Isso não existe. Além das estrelas tem mais estrelas.

— Se o Universo está em expansão, tem que se expandir para algum lugar. Está se expandindo para o Nada.

— Então não é o Nada. É o Infinito.

Ficaram discutindo se o Infinito era alguma coisa ou era nada, ou se nada era mesmo o Nada, e se precisava ter lembrado que a Humanidade não passa de um limo passageiro numa pedra insignificante solta num espaço inexplicável num Universo absurdo, como se não bastasse o bolinho de bacalhau ser só batata. Até que o Fabião perdeu a paciência, deu um soco na mesa e gritou:

— Abstraindo o Nada!

Mas aí já era tarde, o próprio Fabião decretou que a excepcionalidade do momento tinha passado sem que ninguém a aproveitasse e, mesmo, parecia que ia chover.

Agendas

Obrigado pelas agendas, gente. Não precisava tantas, mas tudo bem. Gosto de ganhar agendas. Elas trazem um ar de otimismo e confiança no futuro. E de certeza implícita que eu vou estar vivo e ativo pelo menos durante mais um ano e um mês, já que todas incluem janeiro do ano seguinte. Obrigado pela força, gente.

As agendas se dividem em dois tipos. As que existem simplesmente para nos organizarmos e não perdermos a hora, e só nos dizem a que dias da semana correspondem os dias do mês e, vá lá, quando cai o carnaval, e as que nos tratam como recém-chegados ao mundo. Para estas, cada passagem de ano é um renascimento. Elas são nossos manuais de sobrevivência, com tudo que precisamos saber sobre o Tempo e o Universo para nos situarmos neles no novo ano, com espaço para anotações. Já conhecemos o lugar, inclusive de outras agendas, mas não importa. As informações repetidas são uma forma de nos assegurar que tudo continua como era no ano passado e podemos recomeçar a vida do básico, que não mudou. A capital da Malásia (código DDI: 60, moeda: ringgit) continua sendo Kuala Lumpur que continua à mesma distância de Bangcoc, e uma légua de sesmaria continua equivalendo a 6.600 metros. E por mais que tentasse, a Terra não conseguiu diminuir seus 12.760 km de diâmetro no Equador. Elas nos dizem tudo isso, e também a data do carnaval.

Algumas informações precisam ser atualizadas de ano para ano, no entanto, e se é certo que a conversão de quilogramas para libras não vai mudar num futuro previsível não se pode dizer o mesmo do nome da moeda do Brasil, que obriga os redatores de agendas a viver em alerta. Gosto de agendas com mapas e numa das que recebi este ano os mapas estavam devidamente atualizados — todos os novos países da África com seus nomes certos, por exemplo — mas um cartógrafo desafiador se recusou a trocar o nome Leningrado por São Petersburgo, na certa confiando que a História ainda dará uma reviravolta e ele só teria que trocar de novo.

Coisas como tabelas de conversões e códigos telefônicos são mais ou menos óbvias mas que outras informações dar numa agenda depende da inspiração de cada editor, e dos seus critérios sobre o que é importante para nos integrar no mundo prático, que é o mundo das agendas. Saber quais são os feriados oficiais de todos os países da Terra pode ser importante. Vá você chegar no Açafrão sem saber que é o Dia do Bode Sagrado, quando fecha tudo. Mas eu preciso mesmo saber o índice pluviométrico da Sumatra nos últimos 50 anos? Algumas agendas não se limitam a dar as informações sumárias sobre o dia que o próprio dia seria obrigado a dar sob interrogatório inimigo: nome e número. Muitas dão o nome do dia em várias línguas, para enfatizar o seu caráter internacional. Informam, por exemplo, que o dia 14 de maio, além de ser sexta, friday, viernes, vendredi da 19ª semana, é o 134º dia do ano. Outras, querendo personalizar ainda mais a informação, incluem o nome do santo do dia, o que tem ajudado muito na escolha de nomes para filhos. Os nascidos em 14 de maio são do Dia de São Matias e antigamente isto não seria apenas uma sugestão de nome, seria quase uma ordem. Felizmente meus pais não consultaram nenhuma agenda para escolher meu nome e eu não me chamo nem Cosme nem Damião, o que teria mudado tudo.

Como são muitas as agendas e só posso usar uma por ano, resistindo à tentação de ficar com todas e planejar várias vidas clandestinas em loucos anos paralelos, decidi ficar sempre com a que traz, além das tabelas e dos mapas, as fases da lua. Nem todos os editores de agenda se dão conta da importância de saber exatamente quando é a próxima Lua Cheia. Somos uma minoria de obsoletos, reconheço. Românticos e lobisomens. Mas temos nossos direitos.

Agora e aqui

Ele chegou em casa do trabalho mais cedo e, embora não tivesse planejado assim, num momento estrategicamente feliz: depois da saída da empregada e antes da chegada das crianças.

A mulher estava na cozinha, arrumando as coisas que trouxera do supermercado.

— E a Luíza?

— Já foi.

— E as crianças?

— Ainda é cedo.

Quando ela levantou a cabeça para ver por que ele ficara parado ao seu lado, em silêncio, deu com o sorriso dele.

— Que foi?

— Vai ser agora.

— Cê tá doido?

— Agora e aqui.

Ele já estava tirando o casaco.

— Cê tá doido.

— Nós nunca fizemos na cozinha.

— Espera um pouquinho...

Ele estava tentando abrir os dois zíperes ao mesmo tempo, dos jeans dela e das próprias calças.

— Espera!

Ela mesmo abriu o zíper e despiu os jeans, depois a calcinha.

Ele estava pulando num pé só para arrancar as calças.

— Onde?

— Aqui. Na mesa. Vem.

— Não! As compras do súper.

— Não interessa.

— Tem ovos!

— Então em cima do fogão.

— Não! Está aceso. A Luíza deixou um...

— Em cima do balcão. Assim. Senta assim e...

— Ui!

— Que foi?

— Sentei em cima dos congelados.

— Vem mais pra cá...

— Cuidado as facas!

— Ai!
— Cortou?
— Sei lá. No chão. Vai no chão mesmo.
— No chão não. No chão não!
— Então onde?
— Na sala.
— Na sala. Vamos.
— Me carrega.
— O quê?
Ela já estava abraçada nele. Braços e pernas. Ele saiu cambaleando da cozinha. Entre a cozinha e a sala ficava a sala de jantar.
— Vai ser aqui mesmo — disse ele.
Tentou soltá-la em cima da mesa. Não agüentaria carregá-la até a sala. Ela gritou:
— As frutas da mamãe!
Eram frutas de vidro que ornamentavam o centro da mesa.
— Nunca gostei dessas frutas.
— Pra sala! — ordenou ela, pulando no seu pescoço outra vez.
A caminho do sofá ele tropeçou num brinquedo e quase caiu. O sofá também estava coberto com coisas das crianças. Até uma planonda.
Ele tentou levá-la para o tapete, mas ela protestou:
— No chão eu não quero.
— Isso já é preconceito, pô.
— Vamos pro quarto.
— E quarto é lugar pra isso?
Ela se descolou dele, pôs os pés no chão e voltou para a cozinha. Ele abriu um espaço, a golpes irritados, entre as coisas das crianças no sofá e sentou-se.
Em cima de um bichinho da Parmalat, que jogou longe. Quando ela reapareceu na porta da cozinha já tinha vestido os jeans.
— Me ajuda a guardar as compras?
— Não.
— Depois a gente pode usar a mesa...
— Agora é tarde.
Há muito tempo que é tarde, pensou ele. E, mesmo, aquela agitação não fizera nada bem para sua coluna.
Gritou para a cozinha:
— Quando vier daí, traz as minhas calças.

Citações

A imprensa e a opinião pública internacionais não sabem distinguir manifestações do "Brasil arcaico" de omissões do governo brasileiro, e o pior é que o governo brasileiro também não sabe. Lá fora tudo é culpa do governo, em Brasília nada é culpa do governo, a confusão é a mesma.

Efe Agá estava reagindo ao massacre de sem-terra em Eldorado dos Carajás como apenas mais um lamentável episódio de arcaísmo brasileiro quando foi avisado que no exterior a matança estava pegando mal. Não podia fazer muito, mas pelo menos mudou o

tom do discurso. No caso do incêndio em Roraima, o que todo mundo chamou de omissão o governo chamou de seguir os trâmites: era preciso dar tempo aos antídotos naturais para funcionarem. E deu resultado. Sem que uma autoridade federal precisasse chegar perto de Roraima, vieram os pajés e fizeram a sua dança, depois veio a chuva e apagou o fogo, qual era a pressa? Agora a seca, que é mais antiga no Nordeste do que o próprio Brasil, surpreendeu o governo outra vez. A vantagem do Brasil arcaico deveria ser que, sendo antigo, fosse previsível. Mas ele sempre ataca de surpresa, e lá se vai nossa imagem no exterior.

O governo, mesmo atrasado, traçou um plano de emergência para enfrentar a seca. A primeira fase consistia em dizer aos céus que a melhor maneira de nos compensar por ter levado o Luís Eduardo Magalhães e o Sérgio Motta era mandando chuva, muita chuva, para o Nordeste. Como o apelo sentimental não deu resultado, decidiram abandonar a metafísica e recorrer a uma solução técnica. Chamarão os pajés.

Sempre se disse que se discurso resolvesse alguma coisa o Brasil seria o país mais justo do mundo, e palavras não resolvem. É uma conclusão apressada. O problema não era as palavras do governo, mas a sua má qualidade. Pela primeira vez na história temos um presidente que cita os principais pensadores da sua época com conhecimento e boa pronúncia. Quando o Efe Agá cita Merleau-Ponty, por exemplo, isso não deve ser visto como um símbolo da distância entre a sua pose e a nossa realidade arcaica. São evidentes as conotações hídricas no nome do pensador francês. Mer. L'eau. Ponte.

Efe Agá pode inundar a região com seu discurso. Há esperanças para o Nordeste!

Agradecimento Público

Era preciso subir sete andares para chegar à tribuna de imprensa e no quarto andar eu só parei de dizer "Não tenho mais idade, não tenho mais idade" porque não tinha mais fôlego. Mas foi só encontrar meu lugar com a visão perfeita do campo do estádio de Yokohama, onde se realizaria a final da Copa de 2002, e recuperar o fôlego, e me tornei um homem agradecido. Estava chegando ao fim de um mês de trabalho difícil, mas durante o qual fiz duas das coisas de que mais gosto, que são viajar e ver futebol. O que quer dizer que estava num paraíso. Um paraíso com escadas demais, mas um paraíso. Só podia estar agradecido.

E não só aos que tinham me proporcionado a oportunidade de ver minha quinta decisão consecutiva de Copa do Mundo. Cabe também repetir o agradecimento público que fiz às minhas coronárias, quando, contra todas as previsões, elas me trouxeram até o ano 2000. Obrigado, meninas, pela bonificação. Por esta prorrogação sem morte súbita. Também cheguei a 2002 e ao fim de mais uma decisão de Copa com a participação do Brasil, que sempre são as mais emocionalmente desgastantes, em razoável estado. Com fígado para as comemorações e um cérebro em condições perfeitas para saber o que está acontecendo. E um cérebro em condições perfeitas para saber o que está acontecendo, ou eu já disse isto? E todos os sistemas ainda funcionando, embora às vezes eu custe a lembrar para o que servem alguns.

Uma vez, com meus 14 ou 15 anos, tive o seguinte pensamento: quando eu ficar bem velho (com 40 anos, por aí), os americanos já terão descoberto a cura de todas as doenças e o segredo de uma vida sem fim, salvo bigorna na cabeça.

Portanto, pra que me preocupar? A verdade é que ninguém pensa seriamente na

morte antes dos 30 e poucos anos. A inevitabilidade da morte nos bate de repente, sem aviso, sentados na privada ou no meio de um picolé. Você um minuto está bem, eternão, e no momento seguinte é um mortal irreversível. E pelo resto da vida carregará aquela coisa, o sentimento da sua morte, com você. Como uma hérnia inoperável que só se pode acomodar.

Chega o momento em que todo homem, principalmente todo cardíaco, desenvolve uma fé irrealista na pesquisa médica. Se convence que de algum lugar, provavelmente do Japão, virá o cateter mágico que depositará bactérias amestradas nas suas artérias, e elas começarão a desobstrução definitiva que lhe dará mais cem anos (só mais cem, não é como se tivéssemos pedindo a eternidade) de vida. No fim, tudo se resume numa corrida entre a fatalidade e os japoneses.

Chegar ao ano 2000 foi um feito, chegar a 2002 e ao fim de uma Copa com muito deslocamento e pouco elevador foi uma surpresa, e chegar ao fim de 90 e poucos minutos de um Brasil e Alemanha, que só começou a se definir na metade do segundo tempo, foi um milagre. Mas conseguimos. E quero agradecer a todos que contribuíram para este privilégio. Àquelas primeiras amebas que, há bilhões de anos, tiveram a grande idéia de se unirem e iniciarem o processo que deu em mim — e no resto da humanidade, claro — obrigado, obrigado. A meus pais, sem os quais eu não estaria aqui. Ou pior, seria filho de outros. A familiares, amigos, médicos e amigos médicos. À indústria farmacêutica, que me mantém de pé. Ao Internacional e ao Botafogo, cujas provações deixaram este coração mais forte. Obrigado, obrigado.

A Copa da Alemanha em 2006? Se depender de mim, terei idade, sim. Mas depende dos japoneses.

O bunraku é uma das tradicionais formas de teatro do Japão, junto com o nô e o kabuki. No bunraku, bonecos são manipulados por pessoas encapuzadas vestidas de preto, e uma das suas convenções é que a platéia precisa fingir que os bonequeiros não estão no palco para poder aproveitar o espetáculo.

Quem se concentrar nos movimentos dos manipuladores em vez de nos bonecos não acompanhará a trama e perderá o melhor. Nos campeonatos mundiais organizados pela Fifa acontece a mesma coisa: para aproveitá-los, você precisa fingir que os manipuladores não existem, ou são apenas recursos cênicos neutros. Fica cada vez mais difícil ignorar a presença dos vultos negros movendo os atores e os cenários do futebol internacional. Suspeitas de corrupção na Fifa e a crescente influência das megaempresas de artigos esportivos e outras multinacionais na organização dos campeonatos, e de empresários do mercado de jogadores nas decisões da entidade requerem um esforço cada vez maior do público para se concentrar no espetáculo e fazer de conta que não tem mais ninguém no palco.

Mas a única maneira de aproveitar o que uma Copa do Mundo tem de único e de sensacional é encará-la como teatro bunraku. É ver os manipuladores em cena — pois alguns nem se dão mais o trabalho de usar capuz —, saber que eles estão lá, mas ignorá-los e dar toda a atenção à arte e à grandeza do futebol jogado.

Alfabeto

Do baú:

A — Primeira letra do alfabeto. A segunda é "L", a terceira é "F" e a quarta é "A"

de novo.

AH — Interjeição. Usada para indicar espanto, admiração, medo. Curiosamente, também são as iniciais de Alfred Hitchcock.

AHN? — O quê? Hein? Sério? Repete que eu sou halterofilista.

AI — Interjeição. Denota dor, apreensão ou êxtase, como em "Ai que bom, ai que bom". Arcaico: Ato Institucional.

AI, AI — Expressão satírica, de troça. O mesmo que "Como nós estamos sensíveis hoje, hein, Juvenal?"

AI, AI, AI — Expressão de mau pressentimento, de que em boa coisa isto não pode dar, de olhem lá o que vocês vão fazer, gente.

AI, AI, AI, AI, AI — O mesmo que "Ai, ai, ai", mas com mais dados sobre a gravidade da situação. Geralmente precede uma reprimenda ou uma fuga.

B — Primeira letra de Bach, Beethoven, Brahms, Bela Bartók, Brecht, Beckett, Borges e Bergman mas também de Bigorrilho, o que destrói qualquer tese.

BB — Banco do Brasil, Brigitte Bardot, coisas desse tipo.

BELELÉU — Lugar de localização indefinida. Em alguns mapas fica além das Cucuias, em outros faz fronteira com Cafundó do Judas e Raio Que os Parta do Norte. Beleléu tem algumas características estranhas. Nenhum dos seus matos tem cachorro, todas as suas vacas estão no brejo — e todos os seus economistas são brasileiros.

C — Uma das letras mais populares. Sem ela não haveria carnaval, caipirinha, cafuné e crédito e a coisa seria bem mais complicada.

CÁ — Advérbio. Quer dizer "aqui no Brasil". Também é o nome da letra K, de kafkiano, que também quer dizer "aqui no Brasil".

CÊ — Diminutivo de "você", como em "cê soube?" ou "cês me pagam". Também se usa "cezinho", mas em casos muito particulares, a sós e com a luz apagada.

CI — Ser mitológico. Na cultura indígena do Amazonas, a mãe de tudo, a que está por trás de todas as coisas, a responsável por tudo que acontece (ver CIA).

CO — "O outro". Como em co-piloto (o outro piloto), coadjuvante (não o adjuvante principal, o outro) e coabitação (morar com a "outra") CÓ — O singular de "cós", como em "cós das calças", que até hoje ninguém descobriu o que são.

D — 500 em latim. Vale meio M, cinco Cs e dez Ls.

DDD — Discagem Direta a Distância, ou Dedo Dolorido De tanto tentar.

DE — Prefixo que significa o contrário, o avesso. Como em "decúbito", ou com o cúbito para cima.

E — Conjunção. Importantíssima. Sem o E, muitas frases ficariam ininteligíveis, dificultando a comunicação entre as pessoas. Em compensação, não existiriam as duplas caipiras.

E? — E daí? Continue! Qual é a conclusão? Qual é o sentido dessa história?

Onde você quer chegar, pombas? Vamos, fale, desembuche.

É — Afirmativa, confirmação, concordância. Também usado na forma reflexiva ("Pois é"), na forma interrogativa ("É?"), na forma reflexiva interrogativa ("Né?") e na forma interrogativa retórico-histriônica reflexiva ("Ah, é?").

É... — Com reticências, o mesmo que "Pois é", mas como expressão de desânimo ou resignação filosófica, muito usado por torcedores do Palmeiras e em comentários sobre o ministério do Lula.

F — Antigamente, escrevia-se "ephe".

FH — Em desuso.

GHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ — Letras que precedem o W, o X e o Z e sem as quais nenhum alfabeto estaria completo W — De "Wellington" ou "Washington". Só é mantida no alfabeto brasileiro para ser usada por jogadores de futebol, que têm exclusividade.

X — No Brasil, "queijo".
Z — "S" depois de um choque elétrico.
ZÉ — A gente. Ver também "Mané".
ZZZZ — Sssshhhh!

Amigos para Sempre

Eram tão amigos, tão inseparáveis, que decidiram morar juntos. Não na mesma casa, num condomínio de casas. Compraram um grande terreno e cada um dos quatro casais construiu sua casa. Nenhuma ficava a menos de 30 metros da outra e a grande área verde era comum às quatro. Ali, Paulo e Marta Helena, Zé Carlos e Titina, Alex e Flávia, Marino e Júlia continuariam fazendo o que sempre faziam, o que gostavam de fazer, o que os mantinha unidos.

Conviveriam. Reuniriam-se ora na casa de um, ora na casa de outro. Fariam jantares — sempre só os oito — todas as semanas. Jogariam. Vôlei: homens contra mulheres, ou times mistos (os que preferiam o Paul McCartney contra e os que preferiam o John Lennon, por exemplo; eram os anos 60) Mímica. "War".

Cartas. Tinham todos mais ou menos a mesma idade. Não tinham filhos. Quando viessem os filhos, eles seriam criados ali, no condomínio. Cresceriam juntos e seriam amigos como os pais eram amigos. Aquela amizade nunca acabaria.

Amigos para sempre.

Na inauguração oficial do condomínio, com os oito reunidos no centro do gramado compartilhado pelas quatro casas, os oito com copos de champanhe erguidos, o Paulo disse exatamente isso:

— Amigos, para sempre.

— Amigos para sempre — disseram todos.

Paulo disse mais. Disse:

— Que a nossa vida seja sempre assim. Que nada mude. Que nunca nos separemos!

— Que nunca nos separemos!

Trinta anos depois, Alex convenceu a Júlia, com quem tinha se casado depois do divórcio dela e do Marino, a visitar o local. Júlia resistira. O Alex tinha aquelas manias. Era um sentimental. Ela preferia não ser lembrada do passado. Mas o Alex insistira e agora ali estavam eles, no meio da grama alta, do capim que quase chegava aos seus joelhos, olhando em volta, olhando as três casas ainda de pé e o que restara da quarta casa depois do incêndio.

"Que horror" disse a Júlia.

Só uma das casas estava ocupada e seu dono obviamente não se preocupava em conservá-la, ou em cuidar do terreno. A churrasqueira, que também era compartilhada pelo condomínio, estava coberta por vegetação selvagem. Um solitário espeto enferrujado jazia sobre lajotas rachadas como uma arma deixada para trás depois de uma batalha perdida. "Lembra?" disse Alex.

"Anrã" disse Júlia, desanimada. Era ali, na churrasqueira comum, num ensolarado domingo de manhã, na absurda briga do Paulo e do Zé Carlos, por nada, por um mal-entendido bobo, que a mágica começara a se desfazer. O fato do Paulo estar endividado e da Titina estar traindo o Zé Carlos com o Marino não ajudara, apesar do consenso de que o Zé

Carlos sabia de tudo e não se importava e que o Paulo, sempre metido a grande coisa, merecia a ruína.

Também fora ali, atrás da churrasqueira, que Alex e Júlia tinham começado seu namoro escondido. "Incrível", disse Alex, pensando na rapidez com que aquela amizade que duraria para sempre se desfizera. Culminando no episódio dos foguetes, a briga entre Paulo e Marta Helena e Zé Carlos e Titina porque o filho dos primeiros tinha passado no vestibular e o Zé Carlos Júnior não, os foguetes comprados para comemorar a vitória do Júnior atirados contra a casa de Paulo e Marta Helena porque estes festejavam a vitória do filho acintosamente, para humilhá-los. O incêndio da casa de Paulo e Marta Helena, o processo, a orelha do Zé Carlos quase arrancada pela Marta Helena, e tudo o que se seguira. Incrível.

— Você acha que a convivência humana é um inferno, Júlia?

— Vamos embora, Alex.

Ou: Paulo ergue o seu copo de champanhe no meio do gramado e diz.

— Amigos para sempre.

Todos:

— Amigos para sempre!

Paulo:

— Que nossa vida seja sempre assim. Que nada mude. Que nunca nos separemos!

— Que nunca nos separemos!

Neste momento, algo acontece. Um raio atinge o copo erguido do Paulo. Há uma reversão de pólos magnéticos. Qualquer coisa assim. E 30 anos depois os quatro casais continuam os mesmos. Ainda vivem no condomínio e ainda têm a mesma idade. Nada mudou. Os oito usam as roupas e os penteados dos anos 60.

Quando se visitam, o que é freqüente, as mulheres vão de minissaias ou "hot pants", os homens de cabelos compridos e calças apertadas com boca-de-sino.

O condomínio se transforma numa curiosidade, as pessoas vêm de longe para ver aquele fenômeno, a vida de oito amigos eternizados. Os oito fingem que não notam as pessoas espiando através da cerca, os helicópteros sobrevoando suas casas, e o fato de que nenhum deles envelhece ou muda de hábitos, ou consegue sair do condomínio. Com sua amizade salva do tempo, serão amigos para sempre, para sempre. Um inferno.

Desculpa Na semana passada incluí o cômico Ankito numa lista de pessoas que mandavam e-mails do além. Não sei se o Ankito usa e-mail mas do além não é: vários leitores me avisaram que ele continua vivo e ativo. Espero que continue assim por muito tempo, e me desculpe.

Tchau Estou, como se vê, precisando de férias. Vou tirá-las. Volto a mandar crônica (do além ou daqui mesmo) no dia 22 de junho. Até lá, tchau.

Amores de verão

Eu sei, eu sei. Não duram mais do que a marca do maiô os amores de verão, e lavarás meus beijos dos teus pés junto com o sal. E procurarás aquela concha que eu te dei na praia para lembrar de mim pra sempre e dirás "Ih, esqueci", aquela concha com a minha vida dentro. Eu sei, eu sei, meu coração também não coube na sua mochila, ficou numa gaveta, junto com o protetor solar número 3 e o Harry Potter. Nos encontraremos na cidade e eu pedirei meu coração de volta e você dará um tapa na testa e dirá, "Ó cabeça" e dirá "Desculpe, viu Renato" e isso não será o pior. Nos encontraremos por acaso, não como combinamos, mas isso também não será o pior. Nada do que combinamos aquela noite na

praia, sob aquela lua, com aquela lua nos seus cabelos, com seus cabelos fosforescendo sob aquela lua, nada do que combinamos naquela noite sob aquela lua acontecerá, e isso também não é o pior. Eu sei, eu sei, eu não esperava que nossos grandes planos dessem certo, o juramento de não voltar para a escola mas fugir para os Estados Unidos, cada um com o seu sonho e o seu inglês do Yázigi, e dar duro e ser feliz e só voltar famoso, você como cantora e eu, sei lá, como o melhor entregador de pizza do mundo, ou o plano de casar ali mesmo, o luar como grinalda, a espuma do mar como testemunha, a concha em vez de um anel e ninguém ficar sabendo, e ficar vivendo na praia ou voltar e ir viver juntos numa cobertura com piscina se nossos pais concordassem com o preço, para sempre, ou o plano de nunca, nunca mais, nunca nos separarmos. Mas pelo menos os planos menores, como a data certa para nos encontrarmos na cidade, na volta, eu esperaria que você não esquecesse, e você esquecerá, mas tudo bem, o pior não é isso. Nos encontraremos por acaso, meses depois, com o bronzeado desbotando, e você dirá "Desculpe, viu Renato" e eu direi tudo bem, quem precisa de um coração enganado, mesmo? Fique com ele, plastifique, use como centro de mesa, quem se importa? Eu já beijei os seus pés, eu já beijei todo o seu corpo enluarado, mas quem se importa? E direi: o pior, viu? O pior, o que dói, e doerá por muitos verões, é que meu nome não é Renato, é Roberto.

Danem-se

(Da série Poesia numa Hora Destas?!) Vem, alma minha já que tão vizinha está do nosso ninho a ventura que cá dela se sente a vinha...

Vem, vem — e danem-se os cacófatos!

Engano

Ela acordou na quarta-feira de cinzas ao lado do Saddam Hussein. Os dois nus, ele só com a máscara tapando o rosto, e roncando. Onde é que eu estou?

Pensou ela. E, mais importante, com quem? Que fim levou o Lula? Ela se lembrava de pouca coisa da noite anterior, mas de uma coisa tinha certeza.

Fora para a cama com o Lula. Ou com um Lula. E agora acordava com um Saddam.

O que acontecera? Não estava tão bêbada assim. Ou estava, mas não a ponto de não saber com quem fora para a cama. Era o Lula. Sem dúvida nenhuma, era o Lula. Ou teria ido para a cama com dois? Um Saddam e um Lula? Ou, meu Deus, com três. Com um Bush também! Não, com o Bush não. Por mais bêbada que estivesse, não iria para a cama com o Bush. Mas onde estava o Lula?

Levantou a máscara do homem, que dormia profundamente. Não o conhecia.

Sacudiu— o.

— Ei, Saddam! Acorda!

O homem parou de roncar. Mais uma sacudida e abriu os olhos. Sorriu para ela.

Disse:

— Oi.

— Quem é você?

— Você não se lembra? Passamos toda a noite juntos. Brincamos junto.

Trocamos confidências. Você...

— Péra lá. O homem com quem eu passei a noite, brinquei e troquei confidências tinha a máscara do Lula.

— Não. A máscara era esta mesmo. Do Saddam.

— Impossível. O Lula tem barba, o Saddam não tem. Eu não poderia me enganar.

Ou poderia?

— Você se enganou.

— Também, essas máscaras são tão malfeitas...

Ele acariciou o braço dela e perguntou:

— Faz alguma diferença?

Ela puxou o braço, irritada:

— Claro que faz, né?

Ela não sabia bem que diferença fazia, mas enfim. Tinha seus princípios.

Anônimos

Todas as histórias são iguais, o que varia é a maneira de ouvi-las.

No grupo comentava-se a semelhança entre os mitos e os contos de fada. Na história de Branca de Neve, por exemplo, a rainha má consulta o seu espelho e pergunta se existe no reino alguém mais bonito do que ela. Os espelhos de castelo, nos contos de fada, são um pouco como certa imprensa brasileira, muitas vezes dividida entre as necessidades de bajular o poder e de refletir a realidade. O espelho tentou mudar de assunto, elogiou o penteado da rainha, o seu vestido, a sua política econômica, mas a rainha insistiu.

Existia no reino uma beleza maior do que a sua?

"Existe", disse, finalmente, o espelho, maldizendo o seu mínimo compromisso profissional com a objetividade. Uma menina de pele tão branca, de cabelo tão loiro e de rosto tão lindo que era espantoso que ainda não tivesse sido procurada pela agência Ford, apesar dos seus 12 anos incompletos. Seu nome:

Branca de Neve. A rainha má esbravejou. Espumou. Chutou o espelho. E mandou chamar um lenhador. Sua missão: levar Branca de Neve para a floresta, matá-la, desfazer-se do corpo e voltar para ganhar sua recompensa.

Nada se sabe sobre esse lenhador. Seu nome e sua biografia não constam em nenhuma versão do conto. A rainha má é A Rainha Má, claramente um arquétipo freudiano, a mãe de Electra mobilizada para eliminar a filha rival que seduzirá o pai, e os arquétipos não precisam de nome. O Príncipe Encantado que aparecerá no fim da história também não precisa. É um símbolo recorrente, talvez nem a Branca de Neve se dê o trabalho de descobrir seu nome e, na velhice, apenas o chame de "Pri", ou, ironicamente, "Seu Encantado". Dos sete anos se sabe tudo: nome, personalidade, hábitos, fobias, CIC, tudo. Mas do personagem principal da história, sem o qual a história não existiria e os outros personagens não se tornariam famosos, não sabemos nada. Um lenhador, pronto.

Toda a história depende da compaixão do lenhador, que deixou Branca de Neve fugir e levou um coração de passarinho para trocar pela recompensa da Rainha Má. O lenhador não é símbolo de nada. Salvo talvez da importância do fortuito em qualquer história, mesmo as mais preordenadas. Ele só entra na trama para fazer uma escolha, mas toda a narrativa fica em suspenso até que ele faça a escolha certa, pois se fizer a errada não tem história. O lenhador compadecido representa os dois segundos de livre-arbítrio que podem desregular o mundo dos deuses e heróis. Por isso é desprezado como qualquer intruso e nem aparece nos créditos.

Laio ouve do seu oráculo que seu filho recém-nascido um dia o matará, e manda chamar um pastor. É o lenhador, numa caracterização anterior. O pastor é incumbido de levar o pequeno Édipo para as montanhas e eliminá-lo. Mais uma vez um universo inteiro fica parado enquanto um coadjuvante decide o que fazer. Se o pastor matar Édipo, a psicanálise como nós a conhecemos nunca existirá, com previsíveis efeitos, inclusive financeiros, em tantas vidas.

Se não matar, Édipo crescerá com pais adotivos, que abandonará quando ouvir de um oráculo — os oráculos são símbolos dos chatos que sempre contam o fim da história —

que matará seu pai, casará com sua mãe e será pai do seu irmão e seu próprio enteado. Enfim, aquela confusão. O pastor poupa Édipo, que matará Laio por acaso e casará com Jocasta, sua viúva, sem saber que é sua mãe, e dá início ao mito, ao complexo e a 5 mil anos de culpa.

O pastor podia se chamar Ademir, nunca ficamos sabendo. Como o lenhador, também não se sabe que fim levou. Talvez um dia, anos depois, com o drama acabado, tenha cruzado com Édipo, que não o reconheceu. Mesmo porque, sem os olhos, seria difícil. Se tivesse matado Édipo, nada daquilo teria acontecido. Pode-se imaginar a conta da análise do pastor.

Todos no grupo concordaram que as histórias recorrentes mostram como são os figurantes anônimos que fazem a História, ou como, no fim, é a boa consciência que move o mundo. Mas uma discordou e disse que tudo aquilo só provava o que ela sempre dizia: que o maior problema da humanidade, em todos os tempos, era a dificuldade em conseguir empregados de confiança, que fizessem o que lhes pediam.

Antigas namoradas

De vez em quando as pessoas têm vontade de se inventariar. É natural. Achar que devem fazer uma recapitulação crítica da sua vida. Isso geralmente ocorre quando se chega a uma certa idade, pois a primeira condição para examinar o passado é ter um passado. A segunda condição é ter tempo. Foi o que aconteceu com o Plínio quando se aposentou. Não tinha nada para fazer, e um dia se viu pensando nas suas namoradas. Todas as namoradas que tivera, desde a primeira. Quem fora a primeira? A Maria Augusta, claro. Nunca mais pensara na Maria Augusta. Foi uma lembrança tão forte que ele chegou a exclamar em voz alta:

— Gugu!

A mulher pensou: pronto. O Plínio ficou gagá. Só estava esperando se aposentar para ficar gagá. Senilidade instantânea. O Plínio não era de perder tempo.

Mas ele continuou:

— Que coisa. Como eu fui me esquecer?

— Quem?

— A minha primeira namorada. Maria Augusta. Gugu.

— A primeira?

— É. Nós tínhamos 12 anos. O primeiro beijo na boca. Ela que me deu.

Namoramos escondidos. Uma vez combinamos que um ia sonhar com o outro. Seria um sonho só. Nos encontraríamos no sonho. Engraçado, as coisas que a gente começa a se lembrar...

— E sonharam?

— Hein? Não, claro que não. Mas mentimos que sim. O namoro durou um verão.

Nunca mais soube dela. Depois veio a ... a ... Sulamita!

— Você namorou uma Sulamita?!

— Preciso fazer uma lista.

O Plínio saiu atrás de papel e caneta. Pronto, pensou a mulher. O Plínio encontrou uma ocupação.

— Então, vamos ver. Gugu, Sulamita...

— Que idade tinha essa Sulamita?

— Uns 14. Primeiro beijo de língua. Primeira mão no peito. Mas só por fora.

Ela não queria fazer mais nada. Meu Deus, as negociações! As intermináveis

negociações. Deixa. Não deixo. Pega aqui. Eu não. Só um pouquinho. Não. Você não me ama! Sexo, sexo mesmo, ou uma simulação razoável, foi só com a seguinte, que se chamava... Não. Antes do sexo teve um anjo. A Liselote.

Loira, magra, alta. Pele de alabastro. O que é mesmo alabastro?

— Não sei, acho que é uma espécie de...

— Não importa. A pele da Liselote era de alabastro. Ela me disse que era um templo e que nenhum homem jamais a penetraria, e que só fazia uma exceção para o meu dedo porque eu a respeitava. E um dia mordeu a minha orelha de tirar sangue!

As coisas que a gente se lembra... Liselote... Acabamos quando fizemos um pacto suicida mas eu levei tanto tempo para escrever o bilhete que ela achou que era má vontade. Anos depois nos encontramos e ela me disse que era psicóloga e tinha quatro filhos. Depois da Liselote, então, sexo animal!

— Como era o nome dela? Do sexo animal?

— Marina. Não, Regina. Cristina. Por aí. Fizemos de tudo, ou quase tudo. Foi a primeira namorada oficial, daquelas de ficar de mão dada na sala. Nossas famílias se conheciam. Durou quatro anos. Engraçado eu não me lembrar do nome dela. Me lembro de um sinalzinho na nádega, estou vendo ele agora, mas não me lembro do nome. Era para acabar em noivado, casamento assim que eu me formasse, o pai dela nos ajudaria... Mas um dia ela me viu descascando uma laranja e teve uma crise. Por alguma razão, o meu jeito de descascar uma laranja desencadeou uma crise. Ela disse que não podia se imaginar casada comigo, com alguém que descascava laranja daquele jeito. Foi um escândalo na família. Mandaram ela para a Europa, para ver se ela se recuperava e, na volta, noivasse comigo. Mas não teve jeito.

— Priscila.

— O quê?

— O nome dela é Priscila.

— Como você sabe?

— Você me apresentou, não lembra? Só não me contou a história da laranja.

— Nem sei se foi laranja. Alguma coisa que eu fazia que... Bom, Priscila.

Depois dela, deixa ver... Mercedes. A boliviana. Colega na faculdade.

Baixinha. Grandes seios. Vivia cantarolando. Não parava de cantarolar. Um dia eu reclamei e ela atirou um vaso na minha cabeça. Depois, depois...

— Não teve uma Isis?

— Isis! Claro. Eu falei da Isis pra você? Era corretora de móveis. Bem mais velha do que eu. Foi quem me ajudou a escolher um escritório, depois da formatura. Não chegou a ser namoro. Fizemos sexo em várias salas vazias da cidade, e ela nunca chegou a tirar o vestido. Não era bonita, mas tinha pernas longas, usava meias pretas e rosnava quando tinha um orgasmo.

Rosnava. Era assustador. O negócio acabou quando eu encontrei o escritório que queria. Grande Isis... Olha aí, até que não foram muitas. Gugu, Sulamita, Liselote, Priscila, Mercedes a boliviana... Ah, teve uma, eu já contei? Uma que fazia voz de criancinha quando a gente estava na cama.

Falava como criança, me chamava de paizinho, toda melosa, já pensou o ridículo? Como era o nome dela?

— Era eu, Plínio.

— O quê? Não. O que é isso?

— Era eu.

— Não era não. Que absurdo. Nós, inclusive, não transamos antes de casar.

— Transamos, namoramos, e eu falava como criancinha porque você pedia.

— Era outra pessoa.

- Era eu, Plínio. Bota o meu nome na sua lista.
- Não. Nem sei por que eu comecei esta bobagem...
- E quer saber de uma coisa? Não é o seu modo de descascar laranja, Plínio. É o seu modo de chupar laranja. A Priscila tinha razão. A Priscila tinha razão!

Apenas tênis

Tênis. Apenas tênis. Foi o que a Laura alegou, quando o Márcio anunciou sua intenção de massacrar o Martins. Por que, Márcio, perguntara a Laura. Que importância tinha? Era apenas tênis. Foi quando o Márcio disse:

— Isso mostra como você não conhece a alma masculina. Pior, mostra como você não me conhece.

A Laura não conhecer a alma masculina era uma coisa. Nenhuma mulher conhece.

Mas não conhecer o Márcio era outra. Afinal, os dois estavam casados há oito anos. O que o Márcio estava dizendo era que durante oito anos, Laura vivera com um desconhecido.

Dormira com um desconhecido. Dera um filho a um desconhecido. Só isso explicava ela não entender por que ele iria massacrar o Martins. Por que ele precisava massacrar o Martins.

— O Martins não é o seu chefe?

— É.

— Não é vaidoso, e odeia perder?

— É.

— E então?

— Então é por isso que eu preciso massacrá-lo.

— Eu não entendo vocês.

Laura disse "vocês". Reconhecendo que não os conhecia. O gênero masculino em geral e o seu marido em particular. A alma deles era mesmo um mistério para Laura.

Martins soubera que Márcio jogava tênis assim que ele começara na firma e o convidara para uma partida antes do expediente. Depois outra, e outra. Em breve estavam jogando três vezes por semana. Para não haver o perigo de desencontro nos horários, arranjara para Márcio trabalhar diretamente com ele. Ninguém mais na firma jogava tênis. Até Márcio ser contratado, o Martins não tinha com quem jogar. "Você me caiu do céu" disse o Martins, no vestiário, depois de uma partida. E Márcio era claramente favorecido pelo Martins, no emprego. Não importava que comentassem no escritório que o patrão protegia Márcio, uma parceiro para o tênis não era fácil de encontrar. Os dois eram mais ou menos do mesmo nível. Entediavam-se bem.

Apenas, quando perdia, Martins costumava dar sinais de irritação. Mas nada que durasse além do banho, no vestiário. Normalmente chegavam ao escritório juntos, comentando o jogo. Até que um dia...

Começou na discussão de uma bola duvidosa.

— Fora! — gritou o Márcio.

— Dentro! — gritou o Martins.

— Fora! Está aqui a marca.

— Dentro. Um palmo dentro.

— Como você pode ver daí?

— Não interessa. Foi dentro.

— Foi fora.

— Eu estou dizendo que foi dentro e eu sou o seu chefe.

Por um instante os dois ficaram em silêncio. Depois o Márcio deu uma risada, disse "Está bem, você é quem manda", Martins riu também, e o jogo continuou.

Mas naquele dia os dois entraram no escritório sem se falar.

Isso foi numa quarta. Na sexta os dois jogaram com mais empenho do que o normal. No fim, o jogo foi feroz. Disputado até o último "game". Martins venceu, com uma bola que bateu na rede e caiu no outro lado. Venceu por centímetros. E cerrou o pulso, deu um "jab" no ar e disse "Yes". Foi o "yes" que fez Márcio reagir. Sabia que não devia, mas não se conteve. Disse "Sorte".

— Sorte nada, meu amigo. Classe.

— Sorte.

— Nós jogamos dez jogos como o de hoje, e eu ganho sete. Oito!

— É. Tá bem.

— Você acha que é melhor do que eu, Márcio?

— Eu sei que sou melhor do que você.

— Ah, é? Com esse seu joguinho?

— É. Com este meu joguinho.

— Então vamos fazer o seguinte. Na segunda-feira o jogo é para valer.

— Quer dizer que até agora não foi para valer?

— Da minha parte, não.

— Ah, não? Você joga cada bola como se valesse tudo. A vida. Quando perde um ponto, fica histérico. Isso quando não rouba, e diz que bola fora foi dentro. Eu é que não jogo para valer, para não magoar você.

— Ah, é? Ah, é?

— É.

— Então vamos ver na segunda-feira!

— É o melhor emprego que você já teve, Márcio. Ele adora você. Você vai botar tudo isso fora só porque...

— Ele chamou de meu joguinho.

— Márcio, pense um pouco. Pense no nosso futuro. Pense no Henrique André.

Henrique André era o filho. Os nomes dos avós.

— Ele vai ver só o meu joguinho.

— Márcio, ele disse que você caiu do céu. Quando é que um patrão diz isso para um empregado, Márcio? Você está feito na vida. É só deixar ele ganhar.

— Quero ver ele dizer "yes" na segunda-feira.

— Márcio, é apenas tênis!

— Aí é que você se engana.

Era aí que ela se enganava. Era aí que ela não entendia a alma masculina, e muito menos a do Márcio.

— Não é apenas tênis, Laura.

— Então só pode ser burrice. Jogar fora uma carreira, o futuro da sua família, tudo, por uma partida de tênis, só pode ser burrice.

— Não é apenas tênis, Laura — repetiu Márcio.

— Então o que é?

Não adiantava.

— Você não entenderia, Laura.

Apetitosos

Àidéia de que não somos mais do que uma erupção passageira na superfície de um planeta menor numa galáxia entre trilhões de outras se antepôs, ultimamente, a convicção — agora não mais religiosa, mas cientificamente plausível — de que o Universo existe para a gente existir. O fato de a Terra estar na distância exata do Sol para haver vida como a nossa — um pouquinho mais perto ou um pouquinho mais longe e nem você, eu ou qualquer outro mamífero seria possível — é apenas uma amostra dessa grande deferência conosco. Somos a razão de tudo, o resto é cenário ou sistema de apoio. E não fazemos feio entre os mamíferos. Nenhuma outra espécie com a mesma proporção de peso e volume se iguala à nossa. Nosso habitat natural é o planeta todo, independentemente de clima e vegetação. Somos a primeira espécie da História a controlar a produção do seu próprio alimento e a sobreviver fora do seu ecossistema de nascença. Em nenhuma outra espécie as diferentes categorias se intercasalam como na nossa, o que nos salvou do processo de seleção natural que militou nas outras. E o que a nossa sociabilidade não conseguiu, a técnica garantiu. Mutações que decretariam o fim de outra espécie em poucas gerações, na espécie humana são corrigidas ou compensadas pela técnica. Exemplo: a visão. Enxergamos menos do que nossos antepassados caçadores e catadores, mas vemos muito mais, graças à oftalmologia e a todas as técnicas de percepção incrementada.

Mas nosso sucesso tem um preço. Chegamos aonde estamos consumindo tudo à nossa volta e hoje somos tantos que também nos transformamos em recursos consumíveis. Em breve a carne humana superará em valor calórico todas as outras fontes de alimento disponíveis sobre a Terra. E 10 mil anos ingerindo comida cultivada, mesmo com a maioria só comendo para subsistir, nos tornaram cada vez mais apetitosos e nutritivos. Gente já é o principal exemplo de recurso subexplorado do planeta. E as leis da evolução são impiedosas: comunidades virais e bacteriológicas se transformam para nos incluir, cada vez mais, na sua dieta. Já que estamos ali, aos bilhões, literalmente dando sopa.

Aprendendo a praguejar

"Bárbaros" era o nome dos gregos para quem não falava grego. Ficou sendo o nome de todos que produzem ruídos estranhos em vez da nossa língua e, não tendo uma cultura inteligível, só podem ter uma cultura inferior, ou cultura nenhuma. Em troca do ouro que levava do Novo Mundo, a Europa trouxe uma língua de gente e a palavra de Deus e a certeza de que a troca era justa. Com a linguagem vinha a História e o discernimento da alma e a possibilidade de uma civilização. O fato de o Mundo Novo já ter civilizações, e uma História, apenas contada de outro jeito, era inconcebível. Para muitos, continua inconcebível.

* * *

A Tempestade não é exatamente uma metáfora sobre o colonialismo. Como é a última peça de Shakespeare, talvez seja mais uma reflexão sobre o sortilégio da arte e o poder do artista de criar mundos. Termina com Próspero, o autor-feiticeiro, pedindo a indulgência do público para os excessos da sua imaginação, e suas preces para salvá-lo do desespero. "And my ending is despair, unless I be relieved by prayer." Ariel, Caliban,

Miranda, a tempestade, a ilha, são caprichos literários, frutos da linguagem, essa civilização à parte em que os poetas podem tudo. Mas as alusões às terras recém-descobertas (nem tão recém assim, cem anos já tinham se passado desde a viagem de Colombo quando A Tempestade foi encenada pela primeira vez) são claras, e dizem que Shakespeare se inspirou para a sua trama no naufrágio de colonos ingleses a caminho da Virgínia perto das Bermudas. Caliban, principalmente, ficou consagrado como a representação da mistura e fascínio e repulsa que o selvagem provocava na Europa da época. Perguntava-se então que espécie de homem era o selvagem, e era o mesmo que perguntar que espécie de selvagem podia ser o homem.

* * *

Antes dos descobrimentos discutia-se o que definia o homem em relação aos animais. Segundo alguns apressados, o homem era a única criatura com bunda. Uma decorrência da sua inédita estatura ereta. Aí os primeiros exploradores chegaram ao Bornéu e descobriram orangotangos tão eretos quanto o homem, e decididamente bundudos. A articulação vocal seria outra habilidade exclusivamente humana, um critério rapidamente destruído com a descoberta do papagaio. Mas produzir sons diversificados não significava ter uma linguagem, uma cosmogonia e e uma história registrada, além de mitos e rituais. Os "índios" descobertos por Colombo eram gente ou não eram? Só em 1537 um "edicto" papal deu a resposta oficial. Eram. Mas continuavam sendo bárbaros no sentido grego, incapazes de uma civilização conseqüente até que aprendessem a língua do conquistador. Esse critério perdurou por muito tempo depois de 1537. O livro de um pesquisador húngaro chamado Emil Torday sobre uma comunidade indígena africana que retinha uma história detalhada e aferível do seu próprio desenvolvimento causou espanto e desdém nos meios científicos europeus quando foi publicado, não na era elizabetana, mas em 1925. Ainda se acreditava então que os povos primitivos não tinham nada parecido com uma ciência do passado e que um sentido histórico, e com ele a possibilidade do autoconhecimento e do progresso, era uma dádiva do colonizador branco e da sua linguagem. Ainda era esse o espírito das comemorações da descoberta da América em 1992. Quando só o que se estava comemorando era a entrada da América nos livros de Próspero.

* * *

A ilha de A Tempestade fica, segundo a lógica, no Mediterrâneo, já que os naufragos viajavam da Tunísia para a Itália quando Próspero conjurou o seu destino. Dirigiam-se a Milão, para onde o próprio Próspero declara que irá no fim da peça, para uma aposentadoria merecida, durante a qual "cada terceiro pensamento será da minha sepultura". Tudo se arruma no final. Os amantes se casam, os inimigos se reconciliam, o autor renuncia às suas bruxarias e anuncia seu silêncio. Ariel, o fruto bom da sua imaginação, ganha a liberdade. Mas Caliban, o fruto monstruoso, só troca de mestres. Numa versão da peça que vi, há anos, em Paris, Peter Brook colocou atores do Terceiro Mundo em todos os papéis menos no de Caliban, que era branco. Mas nem travestido e politicamente corrigido Caliban escapava do seu destino. Na linguagem civilizada do Ocidente, Caliban será sempre ou servo ou monstro.

* * *

A revolta contra o eurocentrismo, o multiculturalismo, etc. mostram que levou tempo, mas Caliban finalmente dominou a linguagem que o dominava. Como ele mesmo

diz a Próspero, na peça: "Você me ensinou a linguagem e meu lucro nisso é que aprendi a praguejar. " Os "bárbaros" do mundo todo, reagindo à sua exclusão de um centro que fica com todo o ouro e em troca lhe impõe sua cultura e seus valores, estão praguejando como gente grande.

Aquele nosso tempo

O Alfredo contou para o Binho que estava escrevendo um livro sobre "o nosso tempo". O Binho entendeu que o Alfredo estava escrevendo sobre "o nosso tempo" no sentido, assim, de "O Nosso Tempo", o século 20, a era moderna, mas o Alfredo esclareceu:

— Não, não. O nosso tempo. Nosso, da turma. A nossa juventude. O Binho achou uma boa idéia, depois pensou melhor. Perguntou:

— Você não vai contar tudo, vai?

— Por que não?

— Você acha?

— Por que não?

E, como o Binho fizesse uma cara de "sei não", o Alfredo o cutucou e disse:

— Nós aprontamos algumas, hein? Hein?

O Régis ficou sabendo do livro pelo Binho e telefonou para o Alfredo. Não se falavam há horas. Conversa vai, conversa vem, o Régis falou no livro. Era verdade que o Alfredo estava escrevendo um livro sobre a turma, sobre "aquele nosso tempo"? Era, confirmou, o Alfredo.

— Romanceado? — perguntou o Régis.

— Como, romanceado?

— Você vai usar os nomes verdadeiros?

— Claro.

— Você acha?

— Por que não? Tem histórias fantásticas. Aquela vez em que nós fomos com a Maria Estela pra...

— Alfredo: usa pseudônimos.

Quem procurou o Alfredo não foi a Maria Estela. Foi o Argeu, que, apesar de tudo que a Maria Estela aprontara, tinha casado com ela. Queria saber sobre o livro.

— Não tem nada demais... — começou a dizer o Alfredo.

Argeu interrompeu. Alfredo nunca mais tinha visto o Argeu depois do casamento. O Argeu era o mais cabeludo da turma. O Argeu estava completamente careca.

— A Maria Estela hoje faz muito trabalho na Igreja — disse o Argeu.

— Sim, mas...

— Não põe a Maria Estela no livro, Alfredo.

O próximo foi o Pinto, que não fez rodeios.

— Que história é essa do livro?

— Pois é. Estou pensando em escrever sobre aquele nosso tempo.

Acho que tem algumas histórias...

— A da galinha no velório, por exemplo?

— É. Essa é uma delas.

— Não bota o meu nome.

— Mas você foi um dos que...

— Não bota o meu nome. Ou bota um pseudônimo.
— Mas foi uma coisa de adolescente, perfeitamente...
— Tá doido? Você sabe o que eu sou hoje, Alfredo? E você se lembra de quem era o velório?

— Mas...

— Quer um conselho? Esquece esse livro.

O Alcides disse que era uma boa idéia escrever o livro, que o livro resgataria uma época, que seria divertido e ao mesmo tempo importante, que muita gente ia se lembrar do seu próprio passado lendo o livro, e meditaria sobre as loucuras e os sonhos perdidos de uma geração, e que o Alfredo devia, sim, escrever o livro — desde que não o citasse.

— Mas Alcides, você era o nosso líder. O nosso guru. O livro seria quase todo sobre você. O livro não tem sentido sem você.

— Usa um pseudônimo.

Alcides explicou que sua terceira mulher tinha uma carreira política e que o livro poderia prejudicá-la. E ela não sabia nada do seu passado. E, além do mais, ele já era avô.

— Pô, Capitão — disse Alfredo.

— Capitão?

— Você não se lembra? Seu apelido na turma era Capitão Fumaça.

— Sabe que eu não me lembrava?

Alfredo decidiu reunir a turma para falar sobre a sua idéia para o livro. Conseguiu reunir o Binho, o Régis, o Pinto, o Fareló, a Suzaninha (que foi com o marido, um comerciante desconfiado que ninguém conhecia) e o Argeu representando a Maria Estela. Não encontrou os outros, ou encontrou, mas eles não foram à reunião, e descobriu que o Ferreira tinha morrido do coração. Alfredo explicou que ele mesmo financiaria a edição do livro. O que significava que seria uma edição pequena, que sua circulação seria restrita, que poucas pessoas leriam. Explicou que sua intenção era capturar um momento na vida deles, da turma. Para que todos pudessem lembrar "aquele nosso tempo". O tempo em que todos eram jovens, e o que eles sentiam, e pensavam, e tinham aprontado. Ninguém seria prejudicado, só se divertiriam. Tudo tinha acontecido há muito tempo. Como se fosse em outro país. E com o tempo tudo vira literatura. Mesmo com os nomes verdadeiros.

Depois que o Alfredo terminou de falar, todos ficaram em silêncio. Aí o Pinto disse:

— Tá doido.

E o Régis disse que se o livro saísse com o nome dele ele processava e sugeriu que o Alfredo usasse pseudônimos. E a Suzaninha disse que queria mais era esquecer o seu passado e até já tinha um pseudônimo pronto. Celeste.

— Sei lá. Acho que combina comigo.

E como o marido não entendesse, acrescentou:

— Naquele tempo, Abílio, naquele tempo.

Ar e Chumbo

Eu estava na Rua da Praia. Não me lembro por que ou com quem. Ouviu-se o som de uma sirene. Todos, na rua, começaram a andar na mesma direção, na direção da sirene. Alguns corriam. A pessoa que estava comigo me puxou pela mão. Seguimos a multidão.

Seria um ataque aéreo? Impossível, a 2ª Guerra Mundial acabara três anos antes. O nosso lado ganhara. Durante a guerra era comum ouvir-se a sirene anunciando o blecaute na

cidade, para prevenir contra um ataque inimigo. Nunca se soube bem de onde viria um ataque alemão a Porto Alegre, talvez de Novo Hamburgo, mas era melhor não facilitar. Falava-se muito que uma guerra entre o Brasil e a Argentina era inevitável, em algum ponto da nossa história. Por isso a bitola das nossas ferrovias era mais estreita do que a deles, para a Argentina não nos invadir de trem. Aviões argentinos podiam estar se aproximando de Porto Alegre para bombardear o Largo dos Medeiros, o Café Central e as sedes do Grêmio e do Internacional, aniquilando com um golpe só toda a nossa capacidade de reação. Mas ninguém estava olhando para o céu.

A multidão se aglomerava na frente do edifício do Diário de Notícias, de onde vinha o som da sirene. Todos queriam ler uma notícia escrita às pressas num cartaz preso à fachada do prédio ou pendente de uma janela. Gandhi assassinado! Não era guerra. Entre aliviado e perplexo — onde fora o assassinato de Gandhi, por que tinham matado o Gandhi e, acima de tudo, quem era o Gandhi? —, fiquei ali, maravilhado diante daquela coisa mística, aquela entidade misteriosa onde as notícias do mundo chegavam em minutos, pelo ar, e eram propagadas daquela maneira. Com espalhafato, se merecessem o espalhafato.

No dia seguinte lá estava, na capa do Diário, tudo sobre o assassinato. A foto e a biografia de Gandhi e os detalhes da notícia que não cabiam no cartaz escrito à mão. Foi a primeira vez que me detive na primeira página do jornal antes de passar automaticamente para a seção de esportes. Tinha um interesse particular na história. Como parte da multidão convocada na rua pela sirene para saber da novidade, eu praticamente era uma testemunha ocular do crime.

Também foi a primeira vez que pensei no mecanismo de um jornal e imaginei como seria aquela alquimia, captar o acontecimento no ar e transformá-lo em informação. Transformá-lo naquela sintética lição de história, de grandeza e selvageria ao mesmo tempo, que eu estava tendo ali, estendido de barriga no chão lendo o Diário. Depois passei para o noticiário do futebol e para os meus ídolos do cotidiano. Um jornal era isso, o sobressalto da novidade e a garantia de que a nossa rotina continuava. Simultaneamente um espalhafato — um espalha fatos — e um repetidor das nossas confortáveis banalidades municipais. O grande Gandhi fora assassinado, mas em compensação o grande Tesourinha estava curado da lesão e jogaria o Grenal e um novo seriado completo estava para estreiar no Apollo.

Quando entrei na oficina de um jornal pela primeira vez, me decepcionei. O processo não era nada como eu imaginara. A notícia não era destilada do ar, entrava por uma grande e barulhenta usina de transformação ocupada por pessoas sem o menor ar de alquimistas. E os linotipos! Até hoje penso nos linotipos como dinossauros: bichos fantásticos e improváveis, de um tamanho que os jovens digitadores de hoje não podem nem imaginar, e que no entanto existiram, e há restos fossilizados para provar.

Metabolizavam texto em chumbo. E durante muitos anos, como os dinossauros, elas também dominaram o mundo.

A informatização das redações e a progressiva "limpeza" das oficinas gráficas com a composição e a impressão a frio tiveram o mérito de devolver, pelo menos a pré-eletrônicos como eu (confesso que ainda não assimilei o princípio da torneira), um pouco do velho mistério. Voltei à fascinada ignorância dos meus 10 anos e estou de novo convencido de que tudo passa do ar para o papel por mágica.

Mas, seja feito do ar ou com chumbo, o jornal sempre me deu a mesma sensação simultânea de urgência e conforto que senti há 50 anos. Nenhum outro meio de comunicação consegue isso: a autoridade para nos contar o que aconteceu com detalhes e distanciamento e a intimidade para compartilhar tudo conosco num contexto doméstico cálido e próximo. O rádio nos diz, a televisão nos mostra, mas só o jornal nos envolve.

O Diário de Notícias de Porto Alegre não existe mais, o prédio que o sediava veio abaixo e eu mesmo já não estou bem aqui, mas 50 anos depois o deslumbramento daquele

dia na Rua da Praia persiste.

Ariosto não tem sangue de barata

— Não me beija que eu estou toda suada!

Depois:

— Ariosto! Eu recém-saí do banho!

Depois:

— Não-o. Olha o meu penteado.

Depois:

— Quer fazer o favor? Estou tentando ver a novela.

Depois:

— Agora não, Ariosto. Eu já botei o creme.

De manhã:

— Ó Ariosto. Eu ainda não escovei os dentes!

Depois:

— Não dá tempo, bem. A Nelinha daqui a pouco vem me buscar pra ginástica.

E depois da ginástica:

— Me larga que eu estou toda suada!

Finalmente:

— Ariosto!

— Vai ser aqui mesmo.

— Mas... Você está se molhando todo!

— Não interessa.

— Eu estou toda ensaboada!

— Melhor assim.

— Ariosto! Ai! Espera!

Mas Ariosto não esperou. Foi ali mesmo. Debaixo do chuveiro. Ariosto nem tirou as calças.

À mesa do jantar, naquela noite, ela se queixou.

— Nunca pensei.

Ariosto, sem saber se a frase se aplicava:

— Eu não tenho sangue de barata.

— Precisava me atacar?

— Só tomei o que é meu.

— Precisa ser grosseiro?

— Agora vai ser assim. Quando você menos esperar.

— Ariosto!

— Quando você menos esperar!

Dois dias depois, quando ela chegou da rua (banco, pedicure, supermercado) no meio da tarde, ele estava esperando atrás da porta.

Tinha chegado mais cedo do trabalho para pegá-la. Pacotes do supermercado pelo chão, ele tomou o que era seu em cima dos congelados.

Na manhã seguinte, esperou ela se levantar da cama, escovar os dentes, se vestir — e só então atacou.

— Ariosto! Na mesa do café?!

Foi na mesa do café mesmo e não teve conversa.

— A Nelinha vai chegar a qualquer momento!

— Azar.

Outra vez foi no cinema. Ela devia ter desconfiado quando ele quis sentar atrás, ele que gostava de sentar na frente. Atrás não tinha ninguém.

— Ariosto, o que é isso?

— Chega um pouco pra cá... Assim... Agora a outra perna.

— Ariosto, vão nos ver!

— Não vão.

— Vão nos ouvir!

Mas era um filme do Schwarzenegger e ninguém ouviu.

Ela decidiu que o jeito era restabelecer uma rotina convencional. Ariosto tinha vencido. Voltariam a fazer sexo em lugar e hora apropriados, sempre que ele quisesse. Só assim ela conteria a fúria compensatória do Ariosto. Só assim se livraria da ameaça constante de ser atacada pelo Ariosto quando menos esperava — como na vez em que ele a estava aguardando na garagem do prédio, e eles quase tinham sido flagrados dentro do carro pela dona Elcina do 702. Ela decidiu que começaria a ir para a cama antes de botar o creme.

Mas era tarde demais.

— Negro...

— Hmmm?

— Vamos?

— O quê?

Ariosto, lendo uma revista e se fazendo de desentendido.

Ela:

— Você não quer?

Ele (bocejando):

— Agora não.

E, quando ela desistiu e levantou-se para botar o creme, ele perguntou:

— Aonde você vai amanhã?

— Não digo!

Todas as terças-feiras ela almoçava com a turma. Amigas antigas, muitas ex-colegas da escola, um grupo de 15 — quando apareciam todas. Ela e a Nelinha, que morava no mesmo prédio, iam juntas e não perdiam um almoço, sempre nas terças, sempre no mesmo restaurante. Naquela terça a conversa na mesa estava animada, como de costume, mas as amigas notaram que ela não parava de olhar para a porta do restaurante, como se esperasse a chegada de alguém. E viram ela, de repente, se levantar com uma expressão de pânico no rosto. Alguém que entrara pela porta e agora se aproximava da mesa era a causa do seu terror. Ela recuou, derrubando sua cadeira, e achatou-se contra a parede. E gritou:

— Ariosto, tu não é louco!

Arredondados

A estabilização da moeda acabou com uma velha mania brasileira, que era arredondar. Tínhamos uma certa impaciência com frações, detalhes e coisas muito exatas, e a conta arredondada era o equivalente matemático do "isso a gente vê depois", um dos lemas nacionais. Na dúvida, para ganhar tempo e poupar ou adiar trabalho, determinava —

se:

— Arredonda.

Não era um artifício contábil, era uma vingança. O centavo valia tão pouco que o brasileiro vivia irritado com ele. O centavo era um estorvo, um anacronismo. Aquele toco inútil depois da vírgula. Como o cóccix, que só existe para ser o começo do rabo que ninguém tem.

Quando dois brasileiros combinavam uma conta, sempre surgia a sugestão, num tom conspiratório, de liquidar os centavos.

— Vamos arredondar?

— Arredonda, arredonda.

E os centavos eram reduzidos a zero, sem piedade.

Claro que se podia arredondar a favor ou contra, dependendo de quem fazia a conta. Ou simplesmente se ignoravam os centavos ou o último número antes da vírgula subia de status, e nesse caso o pagador pagava mais. Mas ainda tinha a satisfação de ser cúmplice na eliminação dos centavos. Os centavos nos humilhavam com sua inutilidade e nos desafiavam com sua persistência. Durante muito tempo, o troco foi um dos incômodos diários dos brasileiros.

Substituíam-se os centavos pelo comprimido e pela bala até que o comprimido e a bala passaram a valer mais do que os centavos que faltavam. Eram lançadas novas moedas de centavos tão leves e frágeis que pareciam nos dizer para não lhes dar atenção, pois não durariam muito e em breve voariam.

Às vezes até dava briga.

— O senhor deixou cair uma moeda.

— Eu, não. Essa moeda no chão é sua.

— Imagina! É sua.

— É sua. Vi quando ela caiu do seu bolso e planou até o chão.

— Perdão, a moeda é sua.

— É sua!

Certos cheques, para poupar a seu dono tinta e incomodação com as desprezíveis frações, traziam impresso no espaço para escrever a quantia por extenso: "E centavos..." Ou ainda "E (ah, ah) centavos". Ou, com desdém: "E aquelas coisas." O melhor substituto para o centavo, em vez do Fontol, seriam as reticências. Três pontinhos, significando ironia e resignação filosófica.

Hoje tudo mudou. O centavo vale alguma coisa. O troco continua sendo um problema, mas ninguém mais diz "arredonda". E muito menos "esquece". As pessoas hoje brigam pelos centavos. É verdade que há o outro lado dessa história. Como a situação da maioria continua ruim e o dinheiro pode estar estabilizado, mas continua longe do seu bolso, alguém poderia dizer que hoje se briga "até" por centavo. Mas seria alguém mal-agra-decido, talvez um nostálgico dos centavos evanescentes, cheio das arestas da insubmissão e das pontas do ceticismo.

Quer dizer, alguém que ainda não foi arredondado.

As Mortes do Farley

Até a sua morte ridícula, a única coisa notável no Farley era o nome. Vinha de Farley Granger, um ator americano que sua mãe amava. Fora isso, Farley era uma pessoa

comum, à qual nunca tinha acontecido nada. Até que aconteceu: Farley foi atropelado pela bicicleta de um entregador de lavanderia. Caiu, bateu com a cabeça no meio-fio e morreu. O entregador nem estava montado na bicicleta. Deixara a bicicleta estacionada contra um muro, num declive, a bicicleta saía andando sozinha, Farley vinha dobrando a esquina com um pacote do super (duas cervejas, bolachas, uma revista para a mulher), tropeçara na bicicleta e pumba.

No velório, diante da consternação geral de parentes e amigos — o Farley, tão moço, tão pacato! —, a primeira explicação foi que as circunstâncias da sua morte ainda não estavam bem claras. Tudo indicava que tinha sido um entregador de pizza. Numa moto. Mas ainda não estava bem claro. Podia ter sido um Volkswagen.

A viúva nem precisou pedir. Todos na família se conscientizaram, sem combinar nada, de que era preciso proteger o pobre do Farley dos detalhes da sua morte. Já que vivo não fora nada, que pelo menos morto não fosse ridículo. E a família também precisava se proteger do constrangimento de dizer a verdade, cada vez que perguntassem como o Farley morrera. Um atropelamento por bicicleta desgarrada, por mais doloroso que fosse, seria sempre um desafio à seriedade. A família precisava urgentemente de uma morte mais séria.

Antes de o enterro sair, já corria a versão que Farley tinha sido atropelado por uma Mercedes. E mais: o atropelamento podia não ter sido acidental.

— Mas como? Quem ia querer mata o Farley?

— Nunca se sabe, nunca se sabe.

Naquela noite, tinha-se outra versão da tragédia. Não fora uma Mercedes, fora uma jamanta. E Farley morrera salvando uma criança. Correria para tirar a criança do caminho da jamanta, fora atingido e caíra com a cabeça contra o meio-fio. A jamanta não parara. A criança fugira, assustada. Estavam tentando descobrir sua identidade.

Passou o tempo, como costuma acontecer. E a lenda do Farley cresceu, com versões cada vez mais nobres e elaboradas para sua morte sendo empilhadas em cima da singela verdade, para que esta nunca aparecesse. Mas desenvolveu-se, entre os jovens da família, uma espécie de contracorrente. Por inconfidências dos mais velhos, sabiam que a morte do tio Farley tinha sido ridícula. Só não sabiam como. E como os mais velhos não forneciam os pormenores — "Não se fala nisso nesta família, não pergunte" — cresceu entre eles outra lenda: a das possíveis mortes insólitas do tio Farley. Escorregara num cocô de cachorro — não, numa clássica casca de banana! — e quebrara a cabeça. Abrira a boca para bocejar, entrara um besouro em sua boca e ele morrera engasgado. Morrera do que ninguém morre: tratamento de canal, limpeza de pele, até (as especulações chegavam ao delírio) atropelamento por bicicleta. Sabe aquele satélite americano que perdeu velocidade e caiu, se despedaçando ao entrar na atmosfera? Os jornais não deram, mas um pedaço caiu no Brasil, adivinha em cima de quem. No outro dia, um dos jovens da família perguntou para a mãe se não era verdade que o tio Farley tinha ficado com a gravata presa numa porta giratória e... Mas a mãe fez "sssh" porque as pessoas em volta podiam ouvir. E porque a banda ia começar a tocar. Estavam inaugurando o monumento ao Farley, na praça que tinha o seu nome, com uma inscrição no pedestal: "A pátria agradecida." Finalmente, o reconhecimento pela sua ação decisiva em defesa da democracia, quando acabara, por acidente, embaixo de um tanque de guerra, ainda segurando uma bandeira nacional, em circunstâncias que nunca tinham ficado bem claras.

As torres do Morandi

Fui visitar o Giorgio Morandi, porque sempre gostei muito dele e porque ele se

mudou para o nosso bairro em Paris e achei que devia lhe dar as boas-vindas, como um bom vizinho. O pintor italiano Giorgio Morandi está morto desde 1964, claro, e o que chegou ao Museu de Arte Moderna, aqui perto, foi uma exposição das suas pinturas e desenhos, mas tudo transcorreu como num encontro com um velho amigo: nenhuma surpresa — Morandi pintou essencialmente a mesma coisa a vida inteira, fui vê-lo porque sabia exatamente o que ia encontrar — e muito prazer. Só não posso dizer que botamos os nossos assuntos em dia porque não teríamos sobre o que conversar.

Depois do 11 de setembro nenhum vivo tem assunto com qualquer morto antigo, fora as banalidades de sempre. A destruição do World Trade Center acabou com toda a possibilidade de diálogo entre as gerações. Nossas referências não batem, quem viu as torres se esfatarem e quem não viu vivem em universos diferentes, sem comunicação possível. Quem já estava morto na ocasião, então, nem conseguiria conceber de que catzo falamos.

Mas entre todos os mortos que não nos entenderiam, Morandi talvez não nos entendesse de uma maneira especial. O que ele pintou quase que exclusivamente a vida inteira foram naturezas-mortas, conjuntos de garrafas, caixas, vasos, vasilhames que ao mesmo tempo se integravam ao fundo e entre si abstratamente e mantinham sua distinção concreta e sólida de coisas. Não foi só porque durante alguns anos aquelas torres em chamas não nos saíram da cabeça que pensei imediatamente nelas vendo as formas verticais de Morandi, as caixas e garrafas longilíneas firmemente postas numa superfície real, com volume, presença e peso, e magicamente postas em outra dimensão, a salvo do tempo, da História, até da interpretação. Tem-se a impressão que os próprios objetos que Morandi reproduzia nos seus conjuntos repetidos eram sempre os mesmos, que ele estava na verdade pintando a sua permanência enquanto a vida e o pintor passavam por eles. Não são as garrafas e as caixas, é a sua existência silenciosa que está nos quadros de Morandi, as coisas que ele retratou são apenas o signo do que nelas é irretratável. Quem acompanhava a sua obra ano a ano devia se divertir com a reincidência dos objetos — aquela cumbuca de novo! — que ele pintava obsessivamente, e era como se cada pintura fosse apenas um novo registro daquele mistério, uma coisa existindo, persistindo em existir. Morandi é o último morto com quem você poderia falar de caixas de ferro evanescentes, de formas que se declaram triunfalmente eternas desaparecendo, e o seu significado mudando, em minutos.

Quadros do Morandi aparecem em mais de uma cena de *A Doce Vida*, do Fellini, mas a sua arte tem mais a ver com a do Antonionni, que também retratava a realidade apenas sendo, existindo à parte, e a despeito, da gente. A diferença com Antonionni era que Morandi retratava a indiferenças das coisas amavelmente. Até disseram que ele era um pintor decorativo, já que seus quadros eram tão bonitos e suas cores tão agradáveis. Mas quem disse isto não o compreendeu. Como Antonionni, pintando a estranheza do mundo Morandi pintava a neutralidade cruel das coisas. Mas ele amava esta distância da vida que seus objetos e suas raras paisagens transmitem, esta idéia da tranqüilidade do que está no mundo sem precisar se explicar.

Natureza-Morta em inglês é "still life", vida parada, vida em silêncio. O inglês descreve melhor do que o italiano ou o francês o que Morandi fazia.

Não aparecem figuras humanas na sua obra, depois de uma primeira fase influenciada pelo de Chirico — e mesmo então as figuras não eram gente, eram manequins. A vida que há nos seus quadros é toda inferida: a mudança na perspectiva de um conjunto, uma ou outra marca de uso na superfície de um dos seus objetos domésticos reincidentes, um sombreando denunciando a existência de uma fonte de luz em algum lugar real fora do quadro. Nenhum movimento, e tudo se repetindo. O humano só existe na obra de Morandi como contraponto ao que se vê, às coisas reduzidas a elas mesmas e também significando a sua irredutibilidade. Ou: o humano é tudo na obra de Morandi que não se vê. O próprio pintor interfere o menos possível com seu próprio trabalho e deixa que a obsessão o guie.

Ou: a única coisa humana na obra de Morandi é a obsessão.

Morandi levou uma vida parada, uma vida em silêncio. Raramente se afastou de Bologna, sua cidade natal. Nunca se casou e morava com três irmãs, também solteiras, na casa em que se criaram. Tudo se repetindo. Era um homem comprido e elegante — uma torre incongruente — de hábitos conservadores.

Depois de se envolver, na juventude, com o movimento artístico fascista, imagino que mais por ingenuidade do que por convicção, nunca mais se manifestou sobre política ou mesmo, que eu saiba, sobre arte. Não sei se entendia a sua própria obsessão. Gostei de pensar, ao visitá-lo no Museu de Arte Moderna, que estava visitando talvez o último homem tranqüilo do nosso tempo. Na vida parada captada nos seus quadros estava o desprezo das coisas pelo drama humano, mas confesso que eu estava ali justamente para me convencer da transitoriedade da angústia, o sentimento mais humano do momento, e esquecer o drama. Se pudesse passaria o dia com ele, tentando armanezar tranqüilidade para enfrentar o que vem aí. Mas manda a boa educação que as visitas de cortesia sejam curtas e, mesmo, o museu fechava às 5 e meia. De qualquer maneira, é bom pensar que as caixas do Morandi continuavam lá depois do museu fechado, sólidas, indestrutíveis, significando apenas sua própria permanência — e silêncio.

Assadores

Os relatos de contradizem. Uns garantem que eles cruzaram espetos, outros insistem que não chegou a isso. O fato é que os dois tiveram que passar pelo posto médico antes de irem para a delegacia. Porque houve sangue.

Tinham combinado um churrasco na praia para os pais da Vanessa, a Van, conhecerem os pais do Ricardo, o Dão. A Van e o Dão estavam praticamente (essa palavra que não diz nada e serve para tudo) casados, era hora de os pais se conhecerem.

— Meu pai é um grande assador — dissera a Van.

— Meu pai faz um churrasco diferente — dissera o Dão.

Eles deveriam ter previsto o que iria acontecer, mas não previram. Decidiram que estava na hora de as famílias se encontrarem e que um churrasco na casa de praia dos pais da Van seria uma ocasião perfeita para o encontro. Os dois assadores certamente se entenderiam. Quem não se entende, numa churrasqueira?

Começou mal. O pai da Van fez ao pai do Dão a pergunta fundamental, a pergunta que estabelece, de saída, a escola do assador. E dizem que também define índole e caráter.

— Sal grosso ou salmoura?

— Nem sal grosso nem salmoura — respondeu o pai do Dão. — Tenho uma técnica na grelha que dispensa o sal.

O que significa que o pai da Van já começou desestabilizado. Já começou em desvantagem. Mas procurou não demonstrar sua insegurança ao se dirigirem os dois, lado a lado, para a churrasqueira. O pai da Van pensando "Eu deveria ter desconfiado quando ele perguntou se tinha caipirinha de Underberg".

Ficara combinado que o pai do Dão traria a sobremesa, mas ele tomara a liberdade de trazer algumas coisinhas mais, que talvez agradassem. Invenções suas. Por exemplo: um combinado de aipim com queijo, para ser servido, com orégano e geléia de pimenta, como aperitivo, "para nos libertar da ortodoxia do salsichão". E alguns cortes de carne que o pai da Van talvez nem conhecesse, como uma parte, recém-descoberta, do cordeiro que...

Sentados em cadeiras de armar sobre o gramado que separava a casa da churrasqueira, os outros não acompanhavam o que se passava à beira das brasas. A luta de

egos e de estilos que, em vez de aproximar os dois pais, os impelia para um desfecho imprevisível, potencialmente trágico. Só se deram conta do que estava acontecendo quando ouviram a voz do pai da Van que gritava "Ah, é? Ah, é?" com raiva, e quando olharam para dentro da churrasqueira... Bom, aí é que vem a divergência. Uns dizem que viram os dois esgrimando com espetos, outros dizem que viram os dois engalfinhados, rolando pelo chão de lajotas. O fato é que, pouco mais de meia hora depois de terem sido apresentados um ao outro, os dois assadores estavam lutando.

Na delegacia, o pai da Van contou que agüentara tudo, o pouco-caso do outro com o sal grosso e o espeto, as frescuras para substituir o bom e honesto salsichão, os cortes de carne exóticos para serem preparados de maneiras exóticas ("Até com kiwi!"), mas não se controlara quando o outro chamara a costela de "lugar-comum" do churrasco, de "banalidade ultrapassada" e, finalmente (aí sim, viera a explosão) de "falta de imaginação".

Ninguém falava assim da costela na frente do pai da Van. Era como se falasse mal de um parente. Desrespeito, não!

— Ah, é? Ah é?

E atacara.

O noivado, ou coisa parecida, da Van e do Dão resistiu à briga, e aos processos mútuos por lesões corporais, dos seus pais. As mães até ficaram amigas, mas nunca conseguiram que os maridos se reaproximassem. O pai do Dão dizendo que com retrógrado maluco não havia papo e o pai da Van dizendo que com quem insultava costela não havia papo. E alguém comentou que era assim em todas as artes: o inevitável conflito entre classicismo e vanguarda.

Assombrações

Todos na roda tinham uma história de assombração para contar. Algumas conhecidas, até clássicas, embora o narrador jurasse que tinha acontecido com ele. Como a história da moça muito pálida.

— Conheci num bar. A palidez dela era impressionante. Ela vestia uma roupa estranha, fora de moda, e seu penteado também era de outra época. Mas era bonita, muito bonita. Bonita e pálida. Bebemos, conversamos, levei ela para o meu apartamento e fizemos amor a noite inteira. A pele dela era fria, gelada, mas ela era um furacão na cama. Era como se não tivesse feito amor há muito tempo e estivesse tentando recuperar o tempo perdido. Um furacão insaciável. Depois eu quis levá-la em casa mas ela não aceitou. Tive que insistir muito para ela me dar seu telefone. Ficamos de nos encontrar de novo àquela noite, no mesmo bar. Quando ela não apareceu, liguei para o número que ela tinha me dado...

— E era o número do cemitério.

— Eu já contei esta história?

— Você não, mas muitos outros já.

— Juro que é verdade!

— Continue. Talvez a sua versão seja diferente.

— Atendeu um homem que disse que era do cemitério. Perguntei se alguém chamado Lívia trabalhava lá. O nome que ela me dera era esse, Lívia. O homem disse que não. Aí me deu o estalo. Perguntei se ele sabia de alguma Lívia enterrada no cemitério. Ele disse que havia uma Lívia, sim, num túmulo muito antigo...

— E disse "Não me diga que ela fugiu de novo, vou ter que botar uma laje mais pesada."

— Não. Sério. Disse que o túmulo era de uma moça, segundo ouvira contar, muito

bonita, que morrera poucos dias antes da data do seu casamento.

— E aí você perguntou se ela por acaso não tinha celular.

— Já vi que vocês não acreditaram na história.

— Acreditamos, acreditamos. Todas as vezes.

Outra história foi a do acampamento. A Carol contou que uma vez fizera acampamento com um grupo de amigas e que depois de cantarem e trocarem histórias de horror em volta do fogo, pois tinham ouvido falar que a área em que estavam fora um dia um cemitério de índios, cada uma se metera no seu saco de dormir. Ela não conseguira dormir e travara o seguinte diálogo com a Avani, deitada ao seu lado, no escuro:

— Você acredita em fantasmas, Avani?

— Não.

— Eu também não. Mas...

— Mas o quê?

— Mas acho que eles existem.

— Se você não acredita neles, como é que acha que existem?

— Pois é, não sei. Só sei que estou com medo.

— Não seja boba. Vamos dormir.

— Acho que não vou conseguir.

— Vai sim.

Minutos depois:

— Avani...

— Ahn.

— Passou o medo.

— Que bom.

— Obrigado, viu?

— Por quê?

— Por segurar a minha mão. Me deu muito mais confiança.

Novo silêncio. Depois, a Avani:

— Carol, eu não estou segurando a sua mão.

O grito da Carol ainda ecoava na floresta e todo o grupo já estava dentro da Kombi, disparando do acampamento e deixando tudo para trás, inclusive os isopores e o violão.

Mas a história mais fantástica quem contou foi a Bea. Contou que uma tia dela, que ela nem conhecia, fazendeira rica, tinha uma empregada que tratava muito mal. Uma pobre coitada, cria da estância, chamada Bibica, que passara a vida trabalhando como escrava e ainda ouvindo os desaforos da patroa, uma matriarca rural do velho estilo. A Bibica morrera de desgosto e maus-tratos e sua alma voltara para se vingar da velha, assombrando a casa.

Todos os dias o quarto da velha aparecia misteriosamente arrumado, por mãos invisíveis. O fogão se acendia espontaneamente e os pratos de comida feitos por ninguém iam e voltavam da mesa flutuando no ar, a roupa era lavada e passada sem que ninguém a tocasse. Aterrorizados, todos os outros empregados fugiram da casa e nenhum parente visitava a velha, com medo da assombração.

Como visitar uma casa em que a porta da frente se abria sozinha para recebê-los e os pratos do café da manhã chegavam na mesa voando? Mas decidiram que aquilo não poderia continuar assim, a velha sozinha dentro de casa com um espírito vingativo, e pediram para um padre exorcizar o fantasma. O padre foi visitar a velha, sentou-se na sala de estar, começou a dizer que vinha oferecer o consolo de Deus e seus serviços como... quando foi interrompido por uma xícara de cafezinho que entrou na sala suspensa no ar, e ouviu a velha dizer "Anda mais depressa, ó traste!" para ninguém.

Depois contou que a velha recusara sua proposta de excomungar o fantasma porque, com a fuga dos outros empregados e com a Bibica, incorpórea, fazendo tudo noite e dia,

pois fantasma não precisa dormir, estava economizando como nunca, e feliz.

— Ela só sente falta de alguém sólido para bater com o chinelo — contou o padre, convencido, segundo a Bea, de que em certos lugares do mundo não há justiça nem nesta vida nem na outra.

Aviãozinho

A estratégia do falso aviãozinho que todas as mães do mundo — literalmente: todas — usam para convencer o bebê a comer sua papinha e é tão antiga quanto o próprio avião, não tem nenhuma lógica. Para começar, é pouco provável que um bebê na idade de comer papinha sequer saiba o que é um avião. A mãe fazer o ruído do motor enquanto aproxima o pseudoaviãozinho da sua boca não ajuda em nada, o bebê também não sabe como é barulho de avião. Para ele aquilo é apenas outro barulho de mãe.

Em segundo lugar, não há qualquer razão para um bebê aceitar papinha de um avião que não aceitaria de uma colher. No seu universo, avião e colher é a mesma coisa. Navio e colher é a mesma coisa. Se o bebê, por um fenômeno de precocidade, se desse conta do surrealismo da cena — "Abre a boquinha que lá vai o aviãozinho"?! — isso seria mais causa para espanto do que para abrir a boca. Quem quer comer papinha com um avião se aproximando da sua boca, fazendo barulho?

Pensando bem, nossa infância era cheia de surrealismo inconsciente, de ameaças e sentenças que só não nos paralisavam de medo ou perplexidade porque não pensávamos muito a respeito. Não me lembro de ficar muito impressionado com a informação de que eu só não perdia a cabeça porque ela estava presa no corpo, por exemplo. Hoje, sim, penso naquela terrível possível consequência da minha distração — ir embora e deixar a cabeça em algum lugar! Ou, já que o cérebro estava na cabeça, pelo menos a maior parte, me dar conta que meu corpo tinha me esquecido. Sem poder gritar, sem poder sequer assoviar, já que os pulmões tinham ido junto. Uma cabeça abandonada no mundo, incapaz de sequer se alimentar.

A não ser, claro, que um aviãozinho surgisse, misteriosamente, do passado, carregado de papinha, para me salvar.

Pulseira dourada Mais lembranças inúteis. Tinha eu meus 7 anos... Se você quiser parar por aqui, tudo bem. Não, não, nenhum constrangimento. Vá ler o resto do jornal, aqui você só estaria perdendo tempo. O que é isso? Eu entendo. Numa boa. Eu mesmo só fico porque preciso botar o ponto final. Mas tinha eu meus 7 anos e morávamos em Los Angeles. Meu pai lecionava na Ucla, eu e minha irmã freqüentávamos uma escola perto de casa. E me apaixonei por uma menina da escola. Uma daquelas paixões dos 7 anos, terrível e, no meu caso, secreta e silenciosa. Os donos da casa que alugávamos tinham deixado uma bijuteria mal escondida atrás de uns livros, numa prateleira da sala. Uma pulseira dourada dentro de uma caixa. Um dia, tomei a decisão. Meu amor justificava tudo, até o crime. Peguei a pulseira e a levei, escondida, para a escola. Na saída, entreguei a caixa para a menina — e saí correndo.

Em casa nunca deram falta da pulseira. A menina nunca disse nada sobre o presente. Eu, obviamente, nunca mencionei o fato para ninguém, muito menos para a menina — com quem, aliás, nunca troquei nem um tímido "hello". A história termina aqui. Eu avisei que você ia perder tempo. Mas às vezes penso naquela pulseira e imagino coisas. Chegar, um dia, nos Estados Unidos e alguém da imigração americana consultar um computador e dizer "Há a questão de uma certa pulseira dourada na Califórnia, Mr. Verissimo..." Estar assistindo à entrevista de alguma atriz famosa na TV e ela contar que um

dia, quando tinha 7 anos, um garoto estranho lhe entregara uma pulseira e saíra correndo, e mostrar a pulseira dourada, que lhe dera sorte, que era responsável pelo seu sucesso, e que ela nunca pudera agradecer... Pelo menos minha vida de crimes acabou ali.

Post-scriptum tipo nada a ver com nada. Muitos anos depois visitei o bairro em que morávamos em Los Angeles e fui procurar a escola, palco do meu gesto tresloucado. Tinha sido destruída por um terremoto.

Mudança — As seis colunas semanais que publico no Estadão vão ser reduzidas para duas: esta, aos domingos, e uma que sairá às quintas-feiras. A mudança é a meu pedido, por nenhuma outra razão além da mais antiga que existe, a vontade de trabalhar menos. Esta seção continuará igual. Não adianta protestar, continuará.

Banalidades, banalidades

Acho que devemos todos nos dedicar seriamente à banalidade. O mundo não tem jeito mesmo, deixa o mundo para lá. Não se preocupe em se distrair e ficar desinformado: quando o mundo chegar ao fim, com um estrondo ou uma inalação, nós saberemos. Fique descansado, ele não acaba sem você. Às banalidades, portanto.

Por exemplo: para onde vão os seios à mostra quando saem das passarelas?

Espera um pouquinho. Deixa eu reformular a pergunta. Em todos os desfiles de moda pelo menos metade das modelos mostra roupas transparentes em que os seios aparecem. Mas é raro encontrar alguém na, digamos, vida civil usando as mesmas roupas, ou roupas com a mesma transparência. Os seios não aparecem na mesma proporção, quando as roupas saem das passarelas para a realidade.

Ou eu é que ando freqüentando a realidade errada?

Pode-se argumentar que os desfiles são representações de um ideal impossível de ser reproduzido no cotidiano. Num desfile de modas todas as mulheres são lindas, altas e magras. São, por assim dizer, mulheres destiladas, ou a mulher como ela sonha ser — e andar, e brilhar, e vestir roupas caras. Desta maneira os seios à mostra nos desfiles também seriam idealizações. Só seriam seios reais se viessem junto com o vestido, e a mulher, usando sua transparência, automaticamente ficasse com seios de manequim.

Pessimamente comparando, as manequins são como aqueles desenhos nos cartões à sua frente nas poltronas dos aviões, de pessoas ajustando o colete salva-vidas, colocando as máscaras de oxigênio, assumindo a posição adequada para o caso de queda do avião, atirando-se pelo tobogã para sair do avião acidentado — enfim, em situações de emergência. E ninguém tem cara de quem está numa situação de emergência. Não estão exatamente sorrindo, mas suas expressão é de quem enfrenta emergências com naturalidade, até com um certa indiferença. São o tipo de pessoas que seguiriam as instruções de respirar normalmente depois de colocar as máscaras de oxigênio — coisa que você e eu nunca faríamos. As manequins são assim. Desfilam como se ser magnífica, com seios magníficos, fosse uma coisa comum. Na vida real, poucas mulheres podem usar uma roupa cara como a roupa cara merece, como manequins. Na vida real, ninguém respira normalmente durante uma emergência.

Banalidades, banalidades. Nada mais invejável, hoje em dia, do que não estar nem aí. E a forma mais enternecedora de desinformação é a conclusão errada.

Como a daquela senhora hipotética que ouviu contarem que as companhias de aviação estavam pensando em eliminar as facas nas suas refeições de bordo e achou que já

não era sem tempo. Aplaudiu a medida, pois sempre fora da opinião que a maior ameaça à segurança dos vôos era servirem carne — muitas vezes carne dura, sabe como é comida de avião — e provocarem guerras de cotoveladas entre as pessoas tentando cortá-la sem espaço, e que cedo ou tarde resultaria num conflito de proporções no interior da aeronave. O fim das facas significava que daqui por diante só serviriam comida pré-cortada, ou que se pode cortar com o garfo. Bravo.

— Não, não, Edimilda. É por causa dos terroristas.

— Que terroristas?!

Também tem o caso daquele antropólogo amador que desenvolveu a tese de que já existiram seres com três braços, deduzindo isso dos poucos vestígios deixados pela raça desaparecida sobre a Terra, como o chuveirinho para se segurar com a mão, com o qual ninguém com apenas duas mãos consegue tomar banho; o coquetel, no qual, com uma mão segurando uma bebida e a outra um canapé, usava-se a terceira para cumprimentos ou coceiras extemporâneas, e... Está bem, chega. Mas me agradeça pela banalidade. Conseguimos chegar até aqui sem falar uma só vez em antraz.

Banalidades

Acho que devemos todos nos dedicar seriamente à banalidade. O mundo não tem jeito mesmo, deixa o mundo para lá. Não se preocupe em se distrair, ficar desinformado e ser esquecido: quando o mundo chegar ao fim, com um estrondo ou uma inalação, você saberá. Fique descansado, o mundo não acaba sem você.

Às banalidades, portanto.

Por exemplo: para onde vão os seios à mostra quando saem das passarelas?

Espera um pouquinho. Deixa eu reformular a pergunta. Em todos os desfiles de moda pelo menos metade das modelos mostra roupas transparentes em que os seios aparecem. Mas é raro encontrar alguém na, digamos, vida civil, usando as mesmas roupas, ou roupas com a mesma transparência. Os seios não aparecem na mesma proporção, quando as roupas saem das passarelas para a realidade.

Ou eu é que ando freqüentando a realidade errada?

Pode-se argumentar que os desfiles são representações de um ideal impossível de ser reproduzido no cotidiano. Num desfile de modas todas as mulheres são lindas, altas e magras. São, por assim dizer, mulheres destiladas, ou a mulher como ela sonha ser — e andar, e brilhar, e vestir roupas caras. Desta maneira, os seios à mostra nos desfiles também seriam idealizações. Só seriam seios reais se viessem junto com o vestido, e a mulher, usando sua transparência, automaticamente ficasse com seios de manequim.

Pessimamente comparando, as manequins são como aqueles desenhos nos cartões à sua frente nas poltronas dos aviões, de pessoas ajustando o colete salva-vidas, colocando as máscaras de oxigênio, assumindo a posição adequada para o caso de queda do avião, atirando-se pelo tobogã para sair do avião acidentado — enfim, em situações de emergência. E nenhuma das pessoas tem cara de quem está numa situação de emergência. Não estão exatamente sorrindo, mas suas expressões são de quem enfrenta emergências com naturalidade, até com uma certa indiferença. São o tipo de pessoas que seguiriam as instruções de respirar normalmente depois de colocar as máscaras de oxigênio — coisa que você e eu nunca faríamos. As manequins são assim. Desfilam como se ser magnífica, com seios magníficos, fosse uma coisa comum. Na vida real, poucas mulheres podem usar uma roupa cara com a cara que a roupa cara merece, como fazem as manequins. Na vida real, ninguém respira normalmente durante uma emergência.

Banalidades, banalidades. Nada mais invejável, hoje em dia, do que não estar nem aí. E a forma mais enternecedora de desinformação é a conclusão errada.

Como a daquela senhora hipotética que ouviu contarem que as companhias de aviação estavam pensando em eliminar as facas nas suas refeições de bordo e achou que já não era sem tempo. Aplaudiu a medida, pois sempre fôra da opinião que a maior ameaça à segurança dos vôos era servirem carne — muitas vezes carne dura, sabe como é comida de avião — e provocarem guerras de cotoveladas entre as pessoas tentando cortá-la sem espaço, e que cedo ou tarde resultaria num conflito de proporções no interior da aeronave. O fim das facas significava que daqui por diante só serviriam comida pré-cortada, ou que se pode cortar com o garfo. Bravo.

— Não, não, Edimilda. É por causa dos terroristas.

— QUE TERRORISTAS?!

Também tem o caso daquele antropólogo amador que desenvolveu a tese de que já existiram seres com três braços, deduzindo isso dos poucos vestígios deixados pela raça desaparecida sobre a Terra, como o chuveirinho para se segurar com a mão, com o qual ninguém com apenas duas mãos consegue tomar banho; o coquetel, no qual, com uma mão segurando uma bebida e a outra um canapé, usava-se a terceira para cumprimentos ou coceiras extemporâneas, e... Está bem, chega. Mas me agradeça pela banalidade. Conseguimos chegar até aqui sem falar uma só vez em Iraque, Bin Laden, armas químicas ou o terrível, etc.

Beijinho, beijinho

Na festa dos 34 anos da Clarinha o seu marido, Amaro, fez um discurso muito aplaudido. Declarou que não trocava a sua Clarinha por duas de 17, sabiam por que? Porque a Clarinha era duas de 17. Tinha a vivacidade, o frescor e, deduzia-se, o fervor sexual somado de duas adolescentes.

No carro, depois da festa, o Marinho comentou:

— Bonito, o discurso do Amaro.

— Não dou dois meses para eles se separarem — disse a Nair.

— O quê?

— Marido, quando começa a elogiar muito a mulher...

Nair deixou no ar todas as implicações da duplicidade masculina.

— Mas eles parecem cada vez mais apaixonados — protestou Marinho.

— Exatamente. Apaixonados demais. Lembra o que eu disse quando a Janice e o Pedrão começaram a andar de mãos dadas?

— É mesmo...

— Vinte anos de casados e de repente começam a andar de mãos dadas? Como namorados? Ali tinha coisa.

— É mesmo...

— E não deu outra. Divórcio e litigioso.

— Você tem razão.

— E o Mário com a coitada da Marli? De uma hora para outra? Beijinho, beijinho, "mulher formidável" e descobriram que ele estava de caso com a gerente da loja dela.

— Você acha, então, que o Amaro tem outra?

— Ou outras.

Nem duas de 17 estavam fora de cogitação.

— Acho que você tem razão, Nair. Nenhum homem faz uma declaração daquelas assim, sem outros motivos.

— Eu sei que tenho razão.

— Você tem sempre razão, Nair.

— Sempre, não sei.

— Sempre. Você é inteligente, sensata, perspicaz e invariavelmente acerta na mosca. Você é uma mulher formidável, Nair.

Durante algum tempo, só se ouviu, dentro do carro, o chiado dos pneus no asfalto. Aí Nair perguntou:

— Quem é ela, Marinho?

Besouro maldito

Preciso dizer que não sucumbirei ao telefone celular. O bom de se chegar a uma certa idade é que você pode dizer "nunca" com convicção, confiante de que não beberá mesmo dessa água — não por firmeza de caráter, mas por falta de tempo. Não tenho e nunca terei um telefone celular. Quando preciso usar um, uso o da Lúcia. Mas segurando-o como se fosse um grande inseto, possivelmente venenoso, desconhecido da minha tribo.

Para começar, eu não saberia escolher a musiquinha que o identifica. Aquela que, quando toca, a pessoa diz "É o meu!", e passa à tarefa frenética de localizar, desdobrar e ligar o celular, não ouvir nada, dizer "alô?" várias vezes, apertar botões errados, sacudir o desgraçado, desistir e desligar, depois fazer tudo de novo quando a musiquinha toca outra vez.

Não sei, a gente escolhe a musiquinha quando compra o celular?

— Tem aí um Beethoven?

— Não. Mas temos as quatro estações do Vivaldi.

— Manda a primavera.

Porque a musiquinha do seu celular também identifica você. Há uma enorme diferença entre uma pessoa cujo celular toca, digamos, Take Five e uma cujo celular toca Wagner. Você muitas vezes só sabe com quem realmente está quando ouve o seu celular tocar, e o som do seu celular diz mais a seu respeito do que você imagina. Se bem que, na minha experiência, a maioria das pessoas escolhe músicas galopantes — como a introdução da Cavalleria Rusticana ou a ouverture do Guilherme Tell — apenas para já colocá-la no adequado espírito de urgência, ou pânico controlado, que o celular exige.

Sei que alguns celulares ronronam e vibram, discretamente, em vez de desandarem a chamar seus donos com música. Infelizmente, os donos nem sempre mostram a mesma discrição. Não é raro você ser obrigado a ouvir alguém tratando de detalhes da sua intimidade ou dos furúnculos da Djalmira a céu aberto, por assim dizer. É como o que nos fazem os fumantes, só que em vez do nosso espaço aéreo ser invadido por fumaça indesejada, é invadido pela vida alheia. Que também pode ser tóxica.

Não dá para negar que o celular é útil, mas no caso a própria utilidade é angustiante. Estávamos num barco subindo o Rio Negro quando o celular da Lúcia tocou. Era alguém de Porto Alegre, um assunto menor, ou desproporcional à grandeza da paisagem. Quem chamara, provavelmente de outro celular, não tinha a menor idéia de onde nós estávamos, nem que sua voz também estava subindo o Rio Negro. O celular reduziu as pessoas a apenas

extremos opostos de uma conexão, a pontos soltos no ar, sem contato com o chão. Onde você se encontra tornou-se irrelevante, o que significa que em breve ninguém mais vai se encontrar, e a palavra “incomunicável” perderam o sentido. Estar longe de qualquer telefone não é mais um sonho realizável de sossego e privacidade — o telefone foi atrás. A tecnologia que permitiu que a voz chegasse de um besouro eletrônico em Porto Alegre a um besouro eletrônico no meio do Rio Negro também é angustiante. Eu conheço o princípio que a torna possível, o que não quer dizer que o aceite com tranqüilidade.

Chega o momento em que cada nova perplexidade é uma afronta pessoal, ainda mais para quem ainda tem dificuldade em entender a torneira.

Estarei entre os últimos resistentes. Ouvi dizer que o celular destrói o cérebro aos poucos. Nos vejo — os que não sucumbiram — como os únicos são num mundo imbecilizado pelo microondas de ouvido, com os quais as pessoas trocarão grunhidos pré-históricos, incapazes de um raciocínio ou de uma frase completa, mas ainda conectados. Seremos poucos, mas nos manteremos unidos, e trocaremos informações, usando sinais de fumaça.

Brindes

Marcos e Nádia, Paulo e Andréa. Jantar na casa de Marcos e Nádia para comemorar a reconciliação de Paulo e Andréa. Os quatro na sala, depois do cafezinho. Marcos e Paulo conhaque, Nádia e Andréa licor. Marcos: — E então? Paulo e Andréa coxa a coxa no sofá. Mãos dadas. Paulo, rindo: — Então o quê? — Tudo na mais perfeita? Paulo mostra as mãos dos dois entrelaçadas. — Olha só. Andréa: — Não largo mais desta mão. Em seguida larga, para ajeitar o cabelo. — E vocês? — pergunta Andréa. Marcos e Nádia se entreolham. — Nós? — diz Nádia. — Muito bem. Maravilha. — Como a gente briga por coisa pequena, não é mesmo? — diz Paulo. — O que um diz ou deixa de dizer. Bobagens. E o importante é isto aqui. Mostrando a mão. — A aliança? — Não, a pele. O importante é a pele. Uma pele contra a outra. Se é bom é porque é certo. Marcos propõe: — Um brinde à pele. — À pele. — À pele. — À pele. Nádia: — Em nome das mulheres aqui presentes, proponho um brinde aos homens. — Principalmente aos peludos — diz Andréa. Uma referência à quantidade de pêlos que cobrem o corpo de Paulo. — Aos pêlos — reforça Nádia. — Aos pêlos. — Aos pêlos. — Aos pêlos. É a vez de Paulo propor o brinde. — Às mulheres, principalmente às nossas. Marcos acrescenta: — Às suas calcinhas penduradas no banheiro. — Às calcinhas. — Às calcinhas. Nádia não brinda às próprias calcinhas. Propõe uma alternativa. — Aos homens que não jogam nenhum papel fora. Marcos propõe outro. — À tolerância. Às mulheres que aceitam seus maridos como eles são. Nádia: — A todas as mulheres do mundo que precisam encontrar espaço para guardar os papéis que seus maridos não jogam fora. Paulo tenta mudar o rumo dos brindes e sugere: — Ao amor. Mas Nádia não se contém. — Anúncio de telepizza. Vocês acreditam? Anúncio de telepizza. — O quê? — Esse volantes que distribuem na rua. Ele não consegue jogar fora. — Não é bem assim... — tenta defender-se Marcos. — E eu que encontre lugar para guardar. Marcos contra-ataca: — E a minha coleção da Placar? Desde o primeiro número. Você jogou no lixo. — Porque precisava do espaço no armário! Pra pendurar roupa! — Para as suas calcinhas eu sei que não era. Essas você pendura no banheiro. Nádia ergue o copo de licor ainda mais. — Às mulheres de maníacos de todo o mundo. Marcos: — Aos maníacos incompreendidos! Paulo bate na perna de Andréa. — Está na hora de ir dormir. Depois, na cama, Paulo comenta com

Andréa: — Acho que com o Marcos e a Nádia, ó... Está faltando isto. Pele. Ele alisa com a mão a parte carnuda do braço de Andréa. — Sei não — diz Andréa. — Anúncio de telepizza... — Qual é o problema? — Francamente, Paulo. — Não. Qual é o problema?

Empregos

— Este parece bom. Tem que ter boa aparência. — Eu tenho. — Curso secundário completo. — Eu tenho. — Noções de inglês. — Ai réf. — O quê? — Ai réf. "Eu tenho", em inglês. — É "ai rév". — Eles não querem noção de inglês? Noção eu tenho. — Acho que eles querem mais do que "ai réf". — Que mania de inglês, também. O emprego é nos Estados Unidos? — Não. — Pois então. — Aqui tem outro. Deve ter curso de informática. — Qualquer imbecil pode manejar um computador. — Experiência em gerenciar escritório. — Qualquer imbecil gerencia um escritório. — Não serve qualquer imbecil. — Hein? — Está escrito aqui. "Não serve qualquer imbecil." — Vê outro. — "Trabalhe próximo à direção." — É esse. Senti que é esse. — "Esteja preparado para viajar muito e conhecer pessoas." — Sou eu escrito. Precisa de inglês? — Não. De carteira de motorista. — Carteira de motorista? — É táxi. — Táxi... Não deixa de ser um trabalho interessante. Vou ter autonomia.

Tomar minhas próprias decisões. Viro à esquerda? Viro à direita? Atravesso no amarelo? — Olha este aqui. "Cargo de alta responsabilidade. Diploma de Harvard bem-vindo, mas não essencial. Dá-se preferência a poliglota com conhecimento de finanças internacionais. Deve estar disposto a morar em Genebra. — Nunca! Diz que Genebra é uma chatice. Vê outro".

Borboletas

Criminologistas são o contrário de lepidopterologistas. Enquanto estes sonham em viver em lugares onde há muitas borboletas, aqueles sonham em viver em lugares onde os crimes são raros e eles podem exercer sua profissão com ciência e vagar. Um criminologista brasileiro deve se sentir como um lepidopterologista sepultado por borboletas, milhares de borboletas, tantas que não lhe permitem pegar sua rede e sua lupa, tantas que a apreciação fica impossível. Um criminologista no Brasil, onde a banalização do crime transforma a investigação técnica e a detecção em exercícios recorrentes de frustração, deve sonhar com a proverbial cidadezinha inglesa, onde assassinam uma velhinha de dez em dez anos. Em muitos casos, uma lepidopterologista. E ele pode colher pistas e impressões digitais, examinar os botões e o fumo de cachimbo deixados na cena do crime com instrumentos adequados, interrogar suspeitos e concluir pela culpa do vigário, com toda a calma.

No prototípico policial inglês o crime é apenas uma perturbação passageira na vida de uma comunidade onde, passado o choque — quem diria, o vigário! —, tudo volta à normalidade. Nos policiais americanos o crime é sempre um indício de uma perturbação mais funda, a ponta de uma engrenagem corrupta, de uma responsabilidade difusa, e a sua solução sempre desmonta algum sistema de poder por trás da loira com a arma. Dizem que a

idéia de classes não viajou bem da Inglaterra para a sua principal colônia. No fim viajou, mas nunca se estruturou com a mesma solidez. Com a mesma presunção de inocência.

Sir Arthur Conan Doyle era espírita e fascinado por todas as formas de ocultismo. Mas criou o cético arquetipal, o detetive racional que nunca — que eu saiba — aceitou uma explicação sobrenatural para um caso, mesmo quando esta parecia ser a única explicação possível. Pode-se imaginar Sherlock Holmes contratado por algum amigo preocupado com a crescente credence de Conan Doyle — talvez o próprio doutor Watson — para salvá-lo do ridículo e da exploração por charlatões. Sherlock Holmes solucionando O Caso da Médium Rumena, mostrando para Conan Doyle que o que ele acreditava ser a materialização de almas do além não passava de um engenhoso método de projeção de imagens na fumaça e...

— Não — diz o escritor, interrompendo Holmes.

— Como "não", sir Arthur? — pergunta Holmes, surpreso...

— Desta vez você errou.

— Eu nunca erro.

— Desta vez errou. Pela primeira vez em sua vida, você deixa de resolver um caso a contento. Não há projetor. Não há fumaça. Eram mesmo almas do além, me instruindo a doar 50 mil libras para madame Codescu criar o seu Instituto do Mundo Paralelo.

— Meu caro sr. Arthur, aqui está o projetor, ainda quente...

— Não interessa. Eram almas do além, falando comigo.

— Isso é ridículo. Pense um pouco. Como é que coisas que não existem poderiam aparecer; poderiam falar com o senhor?

— Você não está falando? E você não existe. Você é uma invenção minha. É um ser imaginário.

— Isso é diferente. Eu...

— Desapareça, Holmes.

Há muitos casos de escritores que criam versões românticas de si mesmos, para agirem na ficção com a liberdade e a irresponsabilidade que eles não têm. Personagens que podem se entregar a fantasias, enquanto seu criador cuida de manter o controle e a sensatez. Conan Doyle fez o contrário. Criou a sua versão sensata em Sherlock Holmes, um mestre da dedução lógica que não fazia qualquer concessão à metafísica, enquanto ele se entregava às especulações mais alucinadas e acreditava até em fadas. Mais interessante do que um encontro do autor com a sua criatura seria um encontro de um psicanalista com o autor. Um homem que, por trás de um exterior perfeitamente doido, escondia um racional reprimido.

Não sei se o aparecimento do detetive puramente dedutivo, o que não sai da sua cadeira e soluciona o caso sem ver uma pista ou falar com um suspeito, só ouvindo o relato do crime, coincidiu com a popularização da psicanálise, mas o seu modelo, talvez inconsciente, é o psicanalista. Ele também chega à verdade escondida ouvindo um relato, distinguindo o significativo do irrelevante, interpretando enigmas e mensagens cifradas. Toda análise — no fim toda a literatura — é uma investigação, uma exploração dos vãos sombrios e estratégias da mente, de desejos e álibis e dos sortilégios da memória. Se no fim da exploração está um crime, é uma história policial. Se está uma culpa, é uma análise bem-sucedida. Se sobra apenas um mistério indesejável, é a história de todo o mundo.

Civilização, para um detetive brasileiro, é a velhinha morta na hora do chá. Na cena da última chacina sangrenta, obviamente ligada ao tráfico, que ele precisa investigar sabendo que não vai dar em nada, ele fecha os olhos e pensa na cena do crime inglês. As pistas intactas, os botões localizados, as impressões digitais recolhidas, o fumo de cachimbo mandado para o laboratório. Tudo pronto para ele começar seu trabalho, que concluirá com a constatação científica de que o vigário matou a velhinha depois de uma discussão sobre borboletas. Ele abre os olhos e vê que o sangue cobre seus sapatos.

Brasil e Costa Rica

Ficou combinado que o grupo se reuniria na casa do Edson para assistir Brasil e Costa Rica. Sem as mulheres, claro. Elas tinham sido companheiras às seis da manhã contra a Turquia, tinham sido companheiras às 8 e meia da manhã contra a China, mas solidariedade às 3 e meia da manhã era pedir demais. As mulheres ficariam em casa, dormindo, enquanto os homens assistiam Brasil e Costa Rica na casa do Edson. E o Gilson aproveitou. Pela primeira vez em dez anos — na verdade pela primeira vez desde o caso com a Regininha, se é que aquilo podia ser chamado de caso — o Gilson não resistiu. O álibi estava pronto, e era perfeito. A Luiza não desconfiaria. E afinal, dez anos de fidelidade mereciam um prêmio. Mereciam, pelo menos, uma folga. Gilson não foi à casa do Edson ver Brasil e Costa Rica.

* * *

Quando Gilson entrou no quarto, às 6 da manhã, a Luiza acordou. E disse:

— Que coisa, hein?

— O quê?

— O jogo.

Gilson gelou. O que teria acontecido no jogo? Ele não sabia de nada. Saía diretamente do motel para casa. No motel, nem pensara em ligar a televisão. Ou ligara, mas para verem Tara no Internato no circuito interno. O que acontecera? Várias possibilidades catastróficas passaram pela sua cabeça. O Brasil perdeu para a Costa Rica. O Brasil foi goleado pela Costa Rica. Pior, o Brasil foi goleado e alguém se machucou. Alguém foi expulso. Meio time foi expulso. O Felipão mordeu o juiz. O estádio desmoronou. O que acontecera, meu Deus? Decidiu ganhar tempo.

— Você viu o jogo?

— Vi. Perdi o sono e acabei vendo. Que coisa, né?

* * *

Gilson disse "Mrlm" e entrou no banheiro. "Mrlm" tanto poderia significar "É" como nada. O importante era não se comprometer. E se fosse um truque? E se fosse um teste? Se ele dissesse "É", estaria reconhecendo que algo acontecera, e obrigado a comentar o acontecido. E então ela daria o bote. Não aconteceu nada. Ou se aconteceu, eu não vi. E nem você, seu cretino! Onde você estava na hora do jogo? Onde você estava? Hein? Hein? O melhor era se trancar no banheiro, e demorar. Com sorte, quando saísse do banheiro ela estaria dormindo outra vez. Ele precisava de tempo. Precisava pensar. Precisava se organizar.

* * *

Trancado no banheiro, não conseguia pensar em nada. Só que precisava se organizar. Digamos que tenha acontecido mesmo uma catástrofe. Posso improvisar. Concordar que foi um horror e deixar ela falar, para descobrir o que foi. Fingir que ainda estou abalado pelo acontecido e prefiro não tocar no assunto. Mas é um risco. Se na verdade não aconteceu nada, eu estarei me denunciando. Mas se aconteceu e eu não vi, é pior!

Calma. Preciso de calma. Frieza. Raciocínio. O que pode ter acontecido no jogo para merecer a frase "Que coisa, né?" Pode ter sido apenas um mau jogo. Mais difícil do que o esperado, só isso. Não tenho razão para me apavorar. Ou tenho? Ela nunca me perdoou pela Regininha.

* * *

O celular! Claro! Por que não pensei nisso antes? Estou com o meu celular. Ligo para o Edson e pergunto o que aconteceu no jogo. Não, o Edson não. Não tenho tanta intimidade assim com ele. Não para acordá-lo às 6 da manhã. O Rubinho. O Rubinho é amigo. Amigo de se acordar a qualquer hora, numa emergência. É esta é uma emergência. Meu casamento pode estar ameaçado. Minha vida pode estar ameaçada. O Rubinho. Qual é o número do telefone do Rubinho? Sei de cor mas esqueci. É o nervosismo, tenho que me controlar. Me lembrei! Rubinho, amigo. Me salva!

— Alô?

Meu Deus. Acordei a mulher do Rubinho.

* * *

— Oi, Neidinha. Acordei você?

— Claro que acordou, não é, Gilson?

— Desculpe. É que eu... O Rubinho pode atender?

— O Rubinho não está com você?

Ai, ai, ai.

— Ele não está aí?

— Na cama, não. Pelo menos na nossa cama, não. Ele me disse que vocês iriam tomar café da manhã juntos e ele chegaria mais tarde. Pronto. O Rubinho também aproveitou Brasil e Costa Rica para fazer programa.

— É. Nós estávamos juntos até há pouco. Pensei que ele já tivesse chegado em casa.

— Algum problema, Gilson?

— Não, não. Nada. Nada. O Rubinho deve chegar aí a qualquer momento.

— Como foi o jogo?

— Mrlb.

— O quê?

— Nada. Vai dormir, Neidinha.

* * *

— Algum problema, Gilson?

Agora era a Luiza, batendo na porta do banheiro.

— Não, não. Nada. Nada. Já vou sair.

O Edson. O jeito era telefonar para o Edson. Se já não eram tão amigos, ficariam menos com um telefonema àquela hora. Mas não havia outro jeito. Como era mesmo o número do Edson?

— Alô?

— Alô, Edson? Gilson. Desculpe eu estar...

— Sim senhor hein? Belos amigos vocês são. Eu preparo tudo, compro bebidas, faço sanduíches, e não me aparece ninguém.

— Ninguém?!

— Ninguém. Vi o jogo sozinho.
— Puxa. Mas Edson, falando nisso, o que aconteceu no...
— Ó Gilson, quer saber de uma coisa? Vai a merda.
E Edson desliga o telefone.

* * *

Bom, pensa Gilson. Pelo menos eu sei que não fui só eu. Todos aproveitaram o álibi do jogo. O Rubinho, o Alci, o Careca, o Pena. Cambada de safados. Agora só o que eu tenho que fazer é esperar um pouco e ligar para todos. Para combinarmos uma história em comum. Meu único problema é explicar à Luiza por que eu não saio do banheiro.

— Gilson, qual é o problema?
— Nada, não. Uma dorzinha de barriga. Deve ter sido os sanduíches do Edson.

Buddha Bar

Conseguiram me levar ao Buddha Bar. Me convenceram que eu não podia deixar de ir ao Buddha Bar. Que eu seria apontado na rua como o homem que, estando em Paris com meios e noites livres, não foi ao Buddha Bar. Mães me usariam como exemplo, para os filhos, de negligência turística e preconceito, e dos males do desânimo social. Eu não poderia dizer que tinha conhecido o mundo e passado pelo milênio sem uma visita, pelo menos uma, ao Buddha Bar. Devia aquilo à minha biografia. Fomos ao Buddha Bar.

Antes de mais nada, minha relutância não era preconceito. Ao contrário, meu conceito de lugares da moda se formou depois de conhecer alguns. Os lugares da moda costumam estar cheios de pessoas que querem ver quem está lá e tiram o lugar de quem estaria lá para ser visto. O serviço geralmente é ruim e a comida, se existir, é só passatempo. E se o lugar está na moda é porque já passou da moda. Isto é, as pessoas que o transformaram em moda já pararam de ir. E você não pode dizer como a maravilhada Charity no filme de Bob Fosse, depois de olhar em volta num restaurante de Nova York, "Eu sou a única pessoa aqui de quem eu nunca ouvi falar!"

As celebridades visíveis do Buddha Bar naquela noite estavam à nossa mesa, a Danuza e o Xeréo. O lugar é bonito e bom e o único problema com o serviço é a dificuldade em distinguir as moças e os rapazes que servem da clientela. Você pode acabar pedindo outra mineral para um herdeiro ou um modelo que passa — todos são magros, pálidos e de preto. Parece ser só restaurante, mas é possível que depois da meia-noite arredem o grande Buda que domina o salão e dancem. E não é que a comida é boa? Gostei do Buddha Bar. Mas tomaram minha aprovação como uma conversão e já estavam me incluindo numa ida a um lugar chamado Blue Elephant. Tive de reagir. O Elefante Azul não. Todo homem precisa definir os limites do que fará, as fronteiras do que se permite. O Elefante Azul é o meu limite.

Mas fomos, a Lúcia e eu, ao Bataclan. A causa era nobre, ver e ouvir o Herbie Hancock. Na fila de espera para entrar eu já comecei a ficar preocupado. Ao cruzarmos a porta do Bataclan certamente soaria uma sirene, alguém começaria a gritar "Sexagenário! Sexagenário!" e eu seria barrado por excesso de idade. Mas entramos com os moços e encontramos o Ruy Carlos Ostermann, que tinha chegado mais cedo. O que foi bom, porque o Ruy aumentava a média de idade do lugar. O Bataclan é um antigo teatro ou cinema do

qual retiraram as cadeiras da platéia. Você pode escolher entre ficar de pé na frente do palco ou subir e sentar no balcão. Conseguimos sentar. O Ruy preferiu ficar na platéia, e desapareceu. Herbie Hancock demorou a chegar. Esperamos fumando, contra a nossa vontade. Como todos à nossa volta no balcão fumavam, como todo mundo na França fuma, devemos ter liquidado, involuntariamente, várias carteiras antes e durante o show. A fumaça subia da platéia como se ela tivesse acabado de ser bombardeada. Não me pergunte como está o Herbie Hancock. Mal consegui vê-lo, através da fumaça. Só o que eu via eram as fagulhas dos cigarros chegando à forração. E quem consegue ouvir alguma coisa pensando sem parar nas conseqüências de um incêndio? Eu só imaginava o seguinte: vão encontrar meus ossos no meio das cinzas, observar que são de uma pessoa muito mais velha do que todos os outros e se perguntar o que eu estaria fazendo ali. Além de tudo, não vão entender os meus ossos!

Casal

O irmão da noiva foi encarregado de fazer o vídeo do casamento e apareceu no altar com um negro grande chamado Rosca para segurar as luzes. O irmão e o Rosca passaram todo o tempo circundando o casal e o padre, com o irmão sinalizando onde queria as luzes e o Rosca tirando padrinhos e madrinhas do caminho, subindo em nichos do altar e se agarrando em santos para se colocar, e a certa altura da cerimônia batendo no ombro do padre e pedindo "Quédalicense?" porque o padre estava fazendo sombra.

Na fila dos cumprimentos a Maria Alice, com quem o noivo quase se casara, se aproximava, com seus seios portentosos. Mais de uma amiga, depois de beijar a noiva, avisou: "Viu quem está na fila?" e a noiva firme, só pensando "Cadela". Quando Maria Alice e seu decote chegaram na frente do noivo ele, de olho no decote, perguntou "Como vão vocês?" e depois não pôde se corrigir porque a Maria Alice estava abraçando-o e beijando-o e desejando toda a felicidade do mundo, viu? De coração. E para a noiva: você também, querida.

Na recepção, depois, a mãe da noiva dançou com o noivo, o pai do noivo dançou com a noiva, a mãe do noivo dançou com o pai da noiva, a nova mulher do pai da noiva dançou com o namorado da mãe do noivo, a terceira mulher do pai do noivo dançou com o Rosca e o padrasto da noiva, felizmente, estava com um problema na perna.

— Você, quando viu a Maria Alice, não...

— Não!

— Jura?

— Juro.

— Porque com todo aquele enchimento...

— Enchimento? Você acha?

— Pelo amor de Deus! Plástica!

— Sei não...

Ele ia dizer que conhecia os seios da Maria Alice pessoalmente, que botava as mãos no fogo pelo... Mas ela tinha começado a chorar.

— Bitutinha! O que é isso?

— Não sei...

— Chorando por causa dos seios postiços da Maria Alice, Bitutinha?!

— É insegurança, entende?

Quarta ou quinta noite da lua-de-mel. Bom como nunca tinha sido antes, nem no namoro. A janela aberta, um único grilo prendendo a noite lá longe, como um preguinho de som, e os dois suados e abraçados na cama do hotel-fazenda.

Tão apertado que um parecia querer atravessar o outro, porque não sabiam o que dizer, não sabiam o que era aquilo, aquele se gostar tanto. Bom de doer, bom de assustar. E ele pensando: vai dar certo, vai ser sempre assim, nós vamos ser sempre assim, a felicidade é esta coisa meio muda e desesperada que a gente não quer que acabe, ela vai ser minha mulher para sempre e vai ser bom, eu não precisava ter me preocupado tanto só porque ela pediu para tocarem Feelings no casamento.

Depois da inauguração do apartamento ele ouviu ela chorando no banheiro, foi ver e ela tinha se emocionado vendo as escovas de dentes deles, lado a lado.

Era bobagem, ela sabia, mas não tinha podido se controlar. Naquela noite foi no chão do banheiro mesmo, ele e a sua Bitutinha.

— Só dá a Maria Alice!

No teipe do casamento, era mesmo a Maria Alice, no seu vestido vermelho, quem mais aparecia. Mais, até, do que a noiva. O irmão tentou se explicar.

— O vermelho atrai a câmera.

E prometeu um parecer científico que comprovava o fenômeno.

— Lembra do Rosca pedindo para o padre se afastar porque estava atrapalhando a filmagem?

— Parece que faz tanto tempo, né?

— Bom. Brincando, brincando, lá se vão...

Brincando, brincando, lá se tinham ido dois anos. Depois foram mais cinco, depois mais três...

— Você se dá conta que nós estamos casados há 12 anos?

Doze anos já se passaram!

E ele, distraído:

— Essas coisas, quando começam, não param.

— Como é que você me chamava?

— Eu?

— É. Você tinha um apelido pra mim. Na cama. Lembra?

— Tem certeza que era eu?

— Burungunga. Não, Burungunga não. Tutuzinha? Não...

— Pokémon?

— Não, nem existia, na época. Era alguma coisa como... Xurububa.

— Duvido.

E um dia ele leu no jornal que a Maria Alice faria uma palestra sobre Psicologia Motivacional. Tinha fotografia da doutora Maria Alice: óculos, papada, busto matronal. O tempo pensou ele, é isso, o que transforma os seios da Maria Alice em busto matronal. A destruição de impérios e civilizações é só efeito colateral, e não nos diz respeito.

Choque cultural

Todos ficaram preocupados quando o Márcio e a Bete começaram a namorar, porque cedo ou tarde haveria um choque cultural. Márcio era louco por futebol, Bete só sabia que futebol se jogava com os pés, ou aquilo era basquete? Avisaram a Bete que para

acompanhar o Márcio era preciso acompanhar a sua paixão, e ela disse que não esquentassem, iria todos os dias com o Márcio ao Beira-Mar, se ele quisesse.

— Beira-Rio, Bete...

Naquele domingo mesmo, Bete estava com Márcio no Beira-Rio, pronta para torcer ao seu lado, e quase provocou uma síncope em Márcio quando tirou o casaco do abrigo.

— O que é isso?!

Estava com a camiseta do Grêmio, em marcante contraste com o vermelho que Márcio e todos à sua volta vestiam. Desculpou-se. Disse que pensara que se pudesse escolher uma camiseta que combinasse com a roupa e...

— Está bem, está bem — interrompeu o Márcio. — Agora veste o casaco outra vez.

— Certo — disse Bete, obedecendo. E em seguida gritou "Inter!", depois virou-se para o Márcio e disse: — O nosso é o Inter, não é?

— É, é.

— Inter! Olha, eu acho que foi gol!

— O jogo ainda não começou. Os times estão entrando em campo.

Bete agarrou-se ao braço de Márcio.

— Você vai me explicar tudo, não vai? Gol de longe também vale três pontos?

— Não. Vale dois. O que que eu estou dizendo? Vale um.

Mas Bete não estava mais ouvindo. Estava acompanhando um movimento no gramado com cara de incompreensão.

— Pensei que em futebol se levasse a bola com o pé.

— É com o pé.

— Mas aquele lá está levando embaixo do braço.

Márcio explicou que aquele era o juiz e estava levando a bola embaixo do braço para o centro do campo, onde iniciaria o jogo. Não, os outros dois não estavam ali para evitar que tirassem a bola das mãos do juiz, como no futebol americano. Eles eram os auxiliares do juiz. O que os auxiliares faziam?

— Bom, quando um dos auxiliares levanta a bandeira, o juiz dá impedimento.

— E o que o auxiliar faz com o impedimento?

Márcio suspirou. Foi o primeiro dos 117 suspiros que daria até o namoro acabar duas semanas depois. Explicou:

— Os auxiliares sinalizam para o juiz que um jogador está em impedimento, isto é, está em posição irregular, impedido de jogar, e o juiz apita.

— Meu Deus!

Márcio olhou para Bete. O que fora?

— O juiz apita?! — perguntou Bete, com os olhos arregalados.

— É, o juiz sopra um apito. Aquilo que ele tem pendurado no pescoço é um apito.

— Ah.

Bete sentiu-se aliviada. Por alguns instantes, a idéia de um homem que apitava, sabia-se lá por que mecanismo insólito, quando lhe acenavam uma bandeira, parecia sintetizar toda a estranheza daquele ambiente em que se metera, por amor. Ele não apitava. Soprava um apito. Era diferente.

Mas Bete notou, pela cara do Márcio quando ela disse "Ah", que estava tudo acabado.

Coisas que não existem mais

Cigarreira, por exemplo. Não existe mais. Nunca fumei, mas lembro que acompanhava, fascinado, o ritual dos fumantes que traziam seus cigarros naqueles estojos de metal, dourados ou prateados. Só havia cigarreiras para homens. Mulher fumando era uma raridade, e fumando em público um escândalo, mas mesmo que fumassem como homens as cigarreiras não eram para elas. Eram coisas sólidas, másculas, coisas para trazer no bolso interno do paletó, como uma arma ou um documento importante, inimagináveis entre as frivolidades de uma bolsa feminina. Oferecer o cigarro de uma cigarreira a uma mulher era um ato, ao mesmo tempo, de compreensão (não a condeno por fumar, mas entendo que você não pode andar com cigarros na bolsa), de sedução (sim, sou um homem de cigarreira, e você sabe o que isso significa) e de cumplicidade (estou lhe abrindo um dos meus recessos, você está se servindo da minha intimidade, talvez até lendo a inscrição no interior, mas é só um vislumbre, o máximo permitido a alguém do seu gênero). E depois da cigarreira fechada com um estalo, o isqueiro tirado de outro bolso e oferecido aceso, numa rápida coreografia solícita, pois um homem de cigarreira geralmente também era um homem de isqueiro infalível. Parte do ritual era bater com a ponta do cigarro na superfície da cigarreira. Para o fumo baixar e encher a extremidade do cigarro, que sempre ficava meio vazia, era isso? Por alguma razão, sempre achei o gesto de bater com a ponta do cigarro o gesto definidor de gente grande. Você seria adulto quando batesse com a ponta de um cigarro antes de levá-lo a boca, e se batesse o cigarro na tampa de uma cigarreira prateada ou dourada, seria um adulto especial. Eu treinava para esse dia batendo com a ponta de cigarros de chocolate. Lembra cigarro de chocolate? Mas nunca fiz a transição do chocolate para o fumo.

Talvez já prevendo que os cigarros me fariam mal (naquele tempo ninguém ainda concluía que sugar fumaça não podia fazer bem), talvez porque não tivesse muito entusiasmo em ser adulto.

Rede de cabelo para homem. Também não existe mais. Usavam para dormir e para jogar futebol. Você vê as fotografias de times de futebol daquele tempo e sempre tem uns três ou quatro com uma rede — ou meia — na cabeça, para manter os cabelos no lugar. Que tempo era esse? Acho que até o fim dos anos 50 homem ainda usava rede na cama e no campo. Hoje, no campo se não na cama, a cabeça raspada substituiu a rede e a escolha é entre cabelos esvoaçantes ou cabelo nenhum. Não há qualquer relação conhecida entre o uso da rede de cabelo e o tipo de futebol que se jogava então e não se joga mais. E que fim levou chapéu de mulher com véu? Se ainda existe eu não tenho visto. Os chapéus vinham com véus que cobriam o rosto da mulher. A cobertura era apenas simbólica, pois os véus eram diáfanos e o rosto da mulher ficava reconhecível, mas o que simbolizava a falsa máscara? Talvez a moda viesse do fim da era vitoriana e fosse uma espécie de antídoto para o inevitável relaxamento de costumes que já começara: a mulher estava a meio caminho entre repressão e a liberação mas ainda obrigada a simular recato, e a não ser identificada na rua. No véu estava implícito o anonimato, e a distância.

Atrás do seu véu a mulher continuava sendo um ser enclausurado, olhando o mundo — simbolicamente — através de treliças conventuais, não importa o que estivesse fazendo por baixo da mesa. Já que para proteger do sol é que não era. Naquele tempo levantar o véu de uma mulher para beijá-la equivaleria a um descerramento, a uma cortina de primeiro ato, mesmo que ela estivesse vestindo só o chapéu. Os véus davam um ar de mistério lúbrico às mulheres. O que jamais se poderia dizer das redes de cabelo para homens.

E mata-borrão? Já devemos estar na segunda geração humana que não sabe o que é mata-borrão. Que nunca viu um mata-borrão, salvo em filme de época. Como explicar o prático objeto em forma de semicírculo com uma maçaneta em cima se, além de tudo, ele tinha um nome errado, um nome que desvirtuava sua função? Em vez de matar, o mata-borrão previnha o borrão, era um evita-borrão, portanto um difamado pelo próprio nome. A

pronta aplicação da superfície porosa do papel do mata-borrão que absorvia o excesso de tinta molhada impedia que a tinta se espalhasse, ou fosse acidentalmente borrada e... Enfim, é um pouco difícil de explicar para quem não sabe nem o que é tinta molhada.

Não existem mais cigareiras ou cigarros de chocolate, nem jogadores de futebol com rede de cabelo ou mulheres com véus e os mata-borrões não encontraram outra função no mundo — ao contrário, por exemplo, dos tinteiros, que dão bons vasilhinhos, ou dos dinossauros, que foram para o cinema — e o tempo continua fazendo das suas, passando desse jeito. Agora só falta eu ficar adulto de repente.

Conhecer o Aurelinho

Eles viajaram no mesmo avião, lado a lado. Não se falaram. Nem se tocaram, fora uma leve cotovelada, involuntária, na hora de cortar o bife.

— Desculpe.

— Tudo bem.

Só. Nem mais uma palavra. Ela olhando para a frente o tempo todo, ele olhando pela janelinha, espiando a revista de bordo, tentando dormir. Ela pensando no que a esperava, o enterro da tia Chica, pobre da tia Chica, o encontro com os primos que mal conhecia, a chateação. Tinha boas recordações da tia Chica, única irmã do seu pai, mas não a via há muitos anos. Se obrigara a ir ao enterro em memória do pai. Pobre da tia Chica. Papai a adorava. Mas ia ser uma chateação. Como era mesmo o nome dos primos? Tinha um Saul. Sabia que tinha um Saul. Mas, e os outros?

Também ficaram juntos na fila do táxi, sem se falarem. Ele tinha mais ou menos a sua idade. Quarenta e tantos, cinqüenta. Uma boa cara, apesar da expressão triste. Por que será que nem me olha? Eu não estou tão acabada assim. Ou estou? Preciso dar um jeito nesta cara. Botox não, Deus me livre.

Mas preciso dar um jeito. Na minha cara, na minha vida, na...

— Pegue esse você.

— Mas você está na minha frente.

— Não, tudo bem. Eu pego o outro.

— Obrigada.

O primo Saul a abraçou e a chamou de Cris. Agradeceu por ela ter vindo. A mãe falava muito nela. Sempre dizia, é uma pena vocês não conviverem mais com a prima Cristina, com a filha do Paulo. É uma pessoa adorável. Desde pequeninha, uma menina adorável. Ela ia gostar muito de saber que você veio, Cris, disse Saul. Ninguém a chamava de Cris. O Saul era gordo e estava com os olhos vermelhos. Levou-a para cumprimentar o resto da família. Ela estava no meio de um círculo de primos lacrimejantes, tentando lembrar seus nomes, quando viu o homem entrar. Seu vizinho do avião. Ele também sorriu ao reconhecê-la.

— Coincidência.

— Pois é.

— Você é...

— Cristina, sobrinha da tia Chica.

— Cristina?!

Ela estranhou. Por que aquela surpresa? O rosto dele parecia ter se inundado de prazer.

— Eu sou o Aurélio. Aurelinho. A sua tia Chica vivia...

Claro! A tia Chica vivia dizendo que eles precisavam se conhecer. Aquilo até virara

uma brincadeira na família. A Cristina e o Aurelino da dona Marta eram feitos um para o outro, segundo a tia Chica. Só precisavam se conhecer.

Mas nunca se encontravam, por mais que a tia Chica tentasse aproximá-los. O pai de Cristina repreendia a irmã: "Não tente fazer o papel do destino, Chica. Um dia eles vão se encontrar." E o encontro nunca se dera. Quando a Cristina vinha passar as férias no Sul, o Aurelino estava na praia. Na vez em que o Aurélio, já homem feito, fora ao Rio com ordens da tia Chica para procurar a Cristina, alguma coisa acontecera. Uma inundação ou uma revolução. Não tinham se encontrado. Anos depois, quando o Paulo se queixava para irmã que a filha não se acertava com ninguém, a tia Chica setenciava:

"É porque ela não conheceu o Aurelino." Conhecer o Aurelino se transformara num adágio familiar, significando acertar a vida. E agora ali estava ele. O Aurelino da dona Marta, em pessoa, radiante no meio do velório por ter finalmente encontrado a Cristina do seu Paulo.

— Você também mora no Rio.

— É.

— A sua mãe, a dona Marta...

— Faleceu.

— Mmm.

Não conversaram muito mais do que isso durante o velório, e se perderam um do outro depois do enterro. Mas descobriram que estavam no mesmo hotel — e em quartos contíguos! Naquela noite, eram as únicas duas pessoas no bar do hotel, e no dia seguinte as únicas duas no café da manhã. Trocaram reminiscências da tia Chica, riram bastante, ele contou que também não era casado e que nunca se acertara com ninguém. Foram para o aeroporto no mesmo táxi, mas só quando se viram outra vez sentados lado a lado no mesmo vôo foi que Cristina perguntou:

— Você não acha tudo isso coincidência demais, não?

— Você quer dizer que...

— Que a tia Chica pode estar orquestrando tudo.

— Lá de cima?

— Sei lá. Ela pode estar, finalmente, em posição de determinar o nosso destino. E está puxando as cordinhas.

— Será?

Quando chegaram ao Rio, marcaram um jantar num restaurante para aquela noite mesmo. Coincidência ou não, o fato era que o encontro tão desejado pela tia Chica finalmente acontecera. Mas quando entrou no seu apartamento e olhou em volta, as suas coisas desorganizadas como ela queria, aquele cenário de resignação confortável e boa solidão, tudo que ela teria que desalojar para acomodar o destino, Cristina pensou: não vou. Desculpe, Aurelino, mas não vou. E pensou: boa tentativa, tia Chica. Mas tarde demais.

Conselho de mãe

Conselhos que mães dão para filhas antes do casamento fazem parte do folclore de todos os povos. Variam de cultura para cultura e mudam com o tempo, pois o que uma filha de antigamente ouvia da mãe, quando havia pelo menos uma presunção de virgindade, era muito diferente do que ouve hoje.

Como não há mais nada a ser ensinado sobre as surpresas e as artimanhas de uma noite de núpcias — a não ser o que a filha pode ensinar à mãe — os conselhos devem tratar de aspectos práticos da vida em comum com um homem.

Ou com um marido, que é o homem no cativo, portanto ainda mais perigoso.

Por exemplo.

É importantíssimo estabelecer, desde o primeiro minuto de um casamento, os perímetros de poder de cada um.

— Importantíssimo, minha filha. Escute.

— Estou escutando, mamãe.

— Acabou a lua-de-mel. É o primeiro dia do casamento real. Deste momento em diante vocês não são mais apenas duas pessoas apaixonadas. São coabitantes.

— Certo, mamãe.

— Entende? Coabitantes. Vão ocupar o mesmo espaço e o espaço que define a relação entre as pessoas. Não é a cama. A cama é um espaço para tréguas, negociações, troca de prisioneiros, etc. O verdadeiro espaço em que se decide um relacionamento é fora da cama. É tudo que não é cama. Você está me ouvindo?

— Estou, mamãe.

— Muito bem. É o primeiro dia normal de vocês. O primeiro em que vocês passarão mais tempo fora da cama do que na cama. O dia em que começará a se delinear a rotina do seu casamento, as regras implícitas da sua coabitação.

Você precisa deixar claro o seu perímetro de poder, desde o primeiro momento. Como um bicho marcando, com a urina, os limites do seu território.

— Ai, mamãe!

— O assunto é sério, minha filha. O sucesso ou o fracasso de um casamento dependem deste primeiro momento. Estamos falando da possibilidade do convívio humano. Talvez até da sobrevivência da espécie. Preste atenção.

— Estou prestando.

— Primeiro dia normal. Você precisa definir o seu espaço. Cravar a sua bandeira antes que ele crave a dele. O que você faz?

— Ahn... Ocupo todo o armário do banheiro com as minhas coisas.

— Não.

— Exijo uma linha de telefone só pra mim.

— Não.

— O que, então?

— O controle remoto.

— O controle remoto?!

— Da televisão. Apodere-se dele. É o seu alvo prioritário. Sua primeira ação. Sua cabeça de ponte. Quem domina o controle remoto da televisão, domina o casamento.

— Mas se ele quiser...

— Não deixe. Você está me ouvindo? Defenda a sua posse do controle remoto a qualquer custo. Ceda em outras coisas, ofereça compensações. Mas não largue o controle remoto.

— E se eu tiver que sair e...

— Leve o controle remoto. Durma com ele embaixo do travesseiro, ou acorrentado ao seu pulso. Use-o pendurado no pescoço.

— Como é que eu vou andar com um controle remoto de televisão pendurado no pescoço, mamãe?

— Você quer elegância ou um casamento que dê certo? E quem sabe? Você pode lançar uma moda.

— Não sei...

— Minha filha, ouça o que eu digo. Não faça o que eu fiz. Deixei que seu pai assumisse o controle remoto desde o primeiro dia, e ele nunca mais largou.

Minha vida tem sido um inferno. Sabe por quê? Porque minha mãe não me avisou.

Ela era do tempo em que essas coisas nem eram discutidas. Deus me livre, falar sobre controle remoto com o meu pai. Ele era capaz de me expulsar de casa.

— Pensando bem, o papai não larga mesmo o controle.

— Seu pai não viu mais de cinco segundos de nenhum programa nos últimos dez anos. Até dormindo ele muda de canal, o dedão não pára. Só posso acompanhar minhas novelas em segmentos de cinco segundos, de cinco em cinco minutos.

Confundo tudo. Na outra noite, achei que a Jade estava de caso com um macaco do Discovery Channel.

— Acho que você tem razão, mamãe...

— Pegue o controle remoto, minha filha!

Meses depois:

— Minha filha, eu não queria lhe contar isso, mas seu marido foi visto saindo de um motel ontem à noite.

— Eu sei, mamãe.

— Você sabe?!

— Ele vai sempre que tem futebol. Para ver na televisão.

— Ah, bom. E o controle remoto, minha filha?

— Pendurado no pescoço. E sabe que muitas das minhas amigas estão usando também?

Contos de começo de verão

Pobre da Rosimara O Jailton anunciou seu casamento com a Rosimara dizendo que iam "juntar as suas tripas". Os que não conheciam bem o Jailton ainda tentaram corrigi-lo.

Não era "tripas", era "trapos". Os que conheciam bem o Jailton apenas suspiraram e pensaram "Pobre da Rosimara". O Jailton só ria.

Ahn?

Um veleiro encalhou numa praia do Rio Grande do Sul e foi aquela sensação.

Juntou gente para assistir ao resgate. De onde vinha o veleiro? Teria alguém a bordo? Tinha só um homem dormindo abraçado a uma garrafa de conhaque, e foi impossível acordá-lo. O barco cheio de autoridades, imprensa, etc. e o homem dormindo. Olharam os papéis e os mapas, deduziram que o barco era finlandês, e o homem dormindo. Roncando. Tiraram o homem do barco e o levaram para o hospital mais próximo, que ficava longe. Uma caravana de veículos. Autoridades, imprensa, etc. A Kombi em que viajava o homem capotou e o homem foi expelido e caiu dentro de um chiqueiro. Abriu os olhos, olhou em volta, viu os porcos, viu o fotógrafos... Um dos repórteres depois contaria que nunca tinha ouvido as frases clássicas "Onde estou? O que aconteceu?" ditas com tanta sinceridade.

O vestido O Carlos chegou em casa com a grande novidade, o Pércio, sim, o Pércio, seu patrão, viria jantar na casa deles. E disse "Olha, Má. Faz aquele teu arroz e usa aquele teu vestido."

— Qual? — perguntou sua mulher, Marina.

— Aquele com ervilha e...

— Não, qual vestido?

— O preto com o decote.

— Carlinhos, você não...

— O Pércio gostou de você. Me falou: sua mulher, hein? E comentou o vestido.

— Quando?

— Depois da festa na empresa. E olha, ele disse que tem uma coisa importante pra falar comigo. Só pode ser promoção. Só pode.

— Carlinhos...

— Usa o vestido preto.

— Mas não é vestido pra usar em casa!

— Marina. Eu estou te pedindo muito? Não precisa seduzir o cara, pô. Eu ia te pedir isso? Só usa o vestido preto que ele gostou.

Na noite do jantar, Pércio chegou sozinho. Carlos perguntou:

— Ué, e a patroa?

— Não pode vir. E o nosso assunto... Eu achei que ela, sabe como é. O Carlos sabia como era. Sua mulher, Marina, também não gostava quando o assunto era negócios. Na mesa, não falaram em negócios. Até que o Pércio, depois de elogiar o arroz da Marina, beber o que sobrara de vinho no seu copo e também elogiar o vinho, disse que tinha uma coisa muito importante para tratar com o Carlos.

— Aliás — disse, olhando para Marina — nós dois temos uma coisa importante para lhe dizer, não é Marina? Mas Marina não disse nada enquanto Pércio contava ao Carlos que tinha se apaixonado pela sua mulher na primeira vez em que a vira, na festa da firma, que não conseguia tirá-la do seu pensamento, que a procurara, que ela a princípio resistira mas acabara cedendo, que eles se amavam, que ele pretendia se separar da mulher para ficar com Marina e que os dois esperavam que ele, sendo uma pessoa civilizada, aceitasse a situação.

Carlos ficou mudo. Depois de um longo silêncio, Marina falou:

— Trago a sobremesa?

Depois que Pércio se foi, Carlos esbravejava:

— Tinha que usar esse vestido na festa? Tinha?

A volta Quando Lucas voltou para casa, sua mãe disse que seu quarto estava exatamente como ele o deixara. Ela não tocara em nada. Vinte anos, e não tocara em nada, esperando a sua volta. Lucas foi olhar seu velho quarto, emocionado, e encontrou um homem com um piercing no canto da boca dormindo na sua cama. Depois a mãe disse que o homem se chamava Rocão.

— Mas ele não mexe em nada, meu filho!

Constrangimento Quando abriram a casa da praia descobriram que ela estava ocupada por um casal de pingüins. Que continua lá.

— Mas como? Vocês não botaram os pingüins pra fora?

— Não conseguimos — disse a mulher. — Eles são tão formais...

— E ainda por cima — disse o marido, compungido — são argentinos.

Autocontrole Estava lendo um livro policial nas férias passadas mas não conseguira terminar, e nestas férias encontrou o livro com o lugar em que parara marcado. Retomou a leitura de onde a interrompera. E tem tido que se controlar para não espiar e ver como o livro começa.

Contos de reis

Os baixos instintos Houve o rei Felisberto II, num daqueles anos com três dígitos, tão antigamente que os historiadores não precisavam estudar o passado, que na época quase não existia. Tomavam nota na hora. Felisberto II era chamado de O Interrompido, pois devido a um problema na sua concepção, parece que com uma crise de soluços do seu pai (Felisberto I) na hora da ejaculação, ele nascera em duas partes: primeiro a parte de cima e

alguns minutos depois, quando a rainha já se resignara a ser mãe de meio filho, a parte de baixo.

Pelo resto da sua vida seria assim: as partes separadas do rei levando vidas separadas. A parte de cima ia na frente, carregada por criados, e a parte de baixo ia atrás, sempre atrasada, ainda mais porque tinha dificuldade em vestir as calças, sem braços. A parte de baixo não tinha criados, nem ajudantes de qualquer espécie, virava-se sozinha. Porque a parte, assim, nobre do rei era a parte de cima, onde ficava a cabeça e o coração, ou o centro de decisões, e os braços e as mãos, que assinavam, e abençoavam, e distribuía, e comandavam e afagavam, enquanto a parte de baixo só podia dar pontapés. O rei era a parte de cima, a outra parte era apenas sua complementação, uma espécie de abono, supérfluo como todos os abonos. Só o que a parte de baixo tinha era mobilidade e baixos instintos, e o que são a mobilidade e os baixos instintos comparados com a inteligência, a generosidade e a virtude num homem? A parte de cima do rei era superior em todos os sentidos.

As duas parte de Felisberto II, o Interrompido, só se uniam em solenidades do reino, quando então a parte de baixo era obrigada a se controlar, e não sair sapateando pelo salão como gostaria porque não agüentava o tédio, e a ficar firme sob a parte de cima enquanto este dirigia a solenidade, e cumprimentava dignitários visitantes, e fazia discursos e tomava decisões, e reinava com sabedoria e serenidade. Não foram poucas as vezes em que a parte de baixo teve que fazer um esforço para não chutar um dignitário, ou dar um pum no meio da solenidade, só para chatear, pois preferia estar sendo supérfluo em outro lugar, fazendo outra coisa, em vez de ali, simulando a integridade de um rei. E no futuro os historiadores lembrariam do rei Felisberto II como um grande rei, sereno e sábio, e estranhariam que ninguém da sua imensa prole — cento e dezessete príncipes, cada um de uma mãe diferente e cada um pior do que outro — tivesse herdado o seu valor, ou continuado o seu reino. Pois haviam todos puxado a sua parte inferior, que, além dos baixos instintos, tinha muito mais mobilidade. Significando que somos todos filhos da parte de baixo, a parte de cima é que é uma espécie de abono.

O leão Samul foi buscar a neta na escola, como fazia todos os dias, e na volta pararam na sorveteria do Giacomo, como faziam todos os dias. Ela tomou um sorvete, ele aproveitou para conversar com o Giacomo, o Mario, o Luigi e seus outros amigos da sorveteria. Samul e Giacomo torciam pelo Roma, Mario e Luigi pelo Lazio, a conversa deles era sempre a mesma, gritavam, insultavam-se e riam muito. Samul gostava daquela rotina diária. Depois chegaria em casa, ajudaria a neta com a lição, ligaria a televisão, tomaria a sua sopa na frente da televisão, mais tarde sua filha o acordaria e o mandaria para cama. Mas naquele dia foi diferente. Quando ele e a neta chegaram em casa havia uma multidão de repórteres na frente do prédio.

Botaram microfones na sua cara, perguntaram se ele já sabia. Sabia o quê? O governo revolucionário da sua terra fora derrubado, o povo exigia a sua volta, as potências ocidentais queriam a sua volta, ele era a solução para unir todas as facções revoltadas na sua terra e manter o equilíbrio geopolítico da região, ele tinha que voltar para o trono. Depois de dez anos de exílio, o rei precisava voltar e reinar outra vez. Dentro da casa, sua filha estava eufórica. Finalmente, justiça! Eles deixariam aquela vidinha medíocre de classe média e voltariam para o Palácio de Marfim e seus mil empregados. Seriam, de novo, adulados, e temidos e invejados. Era para aquele dia sonhado que ela tinha guardado a túnica majestosa do pai, feita de lã estriada com ouro. Era vestindo a túnica dos seus antepassados que Samul, o Leão, receberia a imprensa internacional, e revelaria seus planos para a restauração. Quando a filha foi buscar a túnica, Samul viu que a neta lhe fazia um sinal da porta da cozinha. Vem! A neta o puxou pela mão e ele não resistiu. Saíram os dois de mãos dadas pelos fundos do prédio, sem serem vistos. Talvez o Sr. Sandro, da farmácia, com quem Samul jogava xadrez todas as quintas, poderia escondê-los em casa até que passasse

aquela onda.

Engano Por uma dessas confusões diplomáticas, o Rei da Pamonha de Piripoga, São Paulo, foi convidado para a coroação de um rei europeu — e foi. Na chegada do Rei da Pamonha de Piripoga e da mulher, Arides e Lucialva, no castelo onde se realizaria a cerimônia houve uma certa confusão, de que família real eles eram, mesmo? Pamonha de Piripoga não constava em nenhum almanaque de monarquias. Mas eles tinham o convite e entraram, e a Lucialva até chegou a falar rapidamente com a rainha Elizabeth da Inglaterra ("Good, good", referindo-se a um canapé que ambas comiam) e a certa altura o Arides foi visto confidenciando a um duque francês que o cerimonial se enganara, ele não era um rei de verdade, que "Rei da Pamonha" era só um slogan publicitário, como o "Rei da Surdina", também de Piripoga, e que no Brasil rei, rei mesmo, só havia um: o Roberto Carlos.

Contos de verão

A mulher voltou para casa mais cedo do que o previsto e encontrou o marido só de cuecas, segurando uma motosserra, enquanto na cozinha uma loira vestida apenas com um dólmã do Exército russo fritava pastéis e no sofá da sala um baixinho de barba ruiva, também nu, brigava por um acordeão com um animal que podia ou não ser um urso de calcinha, sutiã e chapéu de bombeiro na cabeça e no chão, aparentemente morto, estava um homem com toda a indumentária do corpo de bombeiros, menos o chapéu.

— O que é isso?! — gritou a mulher.

Depois de um instante de choque e silêncio, o homem suspirou, deixou-se cair numa poltrona e disse:

— É uma história comprida...

Pronomes Antes de apresentar o Carlinhos para a turma, Carolina pediu:

— Me faz um favor?

— O quê?

— Você não vai ficar chateado?

— O que é?

— Não fala tão certo.

— Como assim?

— Você fala certo demais. Fica meio esquisito.

— Por quê?

— É que a turma repara. Sei lá, parece...

— Soberba?

— Olha aí, "soberba". Se você falar "soberba" ninguém vai saber o que é. Não fala "soberba". Nem "todavia". Nem "outrossim". E cuidado com os pronomes.

— Os pronomes? Não posso usá-los corretamente?

— Está vendo? Usar eles. Usar eles!

O Carlinhos ficou tão chateado que, junto com a turma, não falou nem certo nem errado. Não falou nada. Até comentaram:

— Ó Carol, teu namorado é mudo?

Ele ia dizer "Não, é que, falando, sentir-me-ia vexado", mas se conteve a tempo. Depois, quando estavam sozinhos, a Carolina agradeceu, com aquela voz que ele gostava.

— Comigo você pode botar os pronomes onde quiser, Carlinhos.

Aquela voz de cobertura de caramelo.

Esquerda X Direita Meio de brincadeira, decidiram que o futebol na praia seria entre esquerda e direita. Brota, o mais indiscutivelmente PT do grupo, escolheria um lado, Renê, reacionário assumido, o outro. No terceiro escolhido do René já deu problema. O Martins apontou para o próprio peito e disse:

— Eu?

— Você — confirmou Renê.

— E desde quando eu jogo no teu time, Renê?

— Vai dizer, agora, que é de esquerda?

— Toda a vida.

— Ó Martins? Eu te conheço do tempo da faculdade.

— Pois então? Se você me conhece sabe qual é a minha posição.

— Sei. Quero você pra jogar na direita.

— No seu time eu não jogo.

Ficou um clima ruim e o Renê decidiu escolher outro.

Apontou para o Melchiades, que também se rebelou.

— Essa não, Renê!

— Que foi?

— Eu de direita?

— E não é? Eu ainda me lembro de você...

Mas o Melchiades estava com as mãos espalmadas na frente do peito, pedindo para ele parar.

— Não me vem com passado, não me vem com passado.

— Você pode jogar na meia-esquerda.

— No time da direita eu não jogo.

René perdeu a paciência.

— Será possível que ninguém é de direita neste país?

— Eu sou — disse o Alemão, que se chamava Bruno Almiro.

René suspirou. Sabia que o Alemão tinha até retrato do Hitler em casa. Mas o Alemão era muito ruim de bola. O Alemão, apesar de baixinho, só sabia dar pau.

— Desisto — disse o Renê.

Voltaram para o casados x solteiros, depois que os casados aceitaram que o gordo Paixão fosse para a zaga dos solteiros, já que o que havia entre ele e a Vanusa não podia mais ser chamado de casamento.

Infelizes — Como vocês me acharam?

— Perguntamos quem era o homem mais infeliz da cidade. Você ganhou.

— E eu pensava que estava disfarçando bem...

— Só quem não votou em você foi um bêbado no boteco. Disse que o mais infeliz era ele. Mas você era o segundo.

— O Argeu. Sei quem é. Conversamos muito.

— Você tem mala?

— Não, não. E, mesmo, pra que mala na prisão?

— Então, vamos?

— Vamos.

— Só me diz uma coisa...

— O quê?

— Que foi que ela lhe fez, pra merecer morrer daquele jeito?

— Infeliz. Me fez infeliz.

E depois:

— Mais infeliz do que com ela, só sem ela.

— Mulheres...

— É o que o Argeu diz sempre.

Contos de verão II

1. CÓDIGOS

Dona Paulina ensinou à sua filha Rosário que cada ponto do rosto onde se colocasse uma pinta tinha seu significado. Na face, sobre o lábio, num canto da boca, no queixo, na testa... A pinta, bem interpretada, mostrava quem era a moça, e o que ela queria, e o que esperava de um pretendente. O homem que se aproximasse de uma moça com uma pinta — numa recepção na corte ou numa casa de chá — já sabia muito sobre ela, antes mesmo de abordá-la, só pela localização da pinta. A três metros de distância, o homem já sabia o que o esperava. A pinta era um código, um aviso — ou um desafio.

Anos depois dona Rosário ensinou à sua neta Margarida que a maneira de usar um leque dizia tudo sobre uma mulher. Como segurá-lo, como abri-lo, sua posição em relação ao rosto ou ao colo, como abaná-lo, com que velocidade, com que olhar... Só pelos movimentos do leque uma mulher desfraldava sua biografia, sua personalidade e até seus segredos num salão, e quem a tirasse para dançar já sabia quais eram as suas perspectivas, e os seus riscos, e o seu futuro.

Muitos anos depois a Bel explicou para a sua bisavó Margarida que a fatia de pizza impressa na sua camiseta com "Me come" escrito em cima não queria dizer nada, mas que algumas das suas amigas usavam a camiseta sem a fatia de pizza.

2. CASA NA PRAIA

— Você bateu quando eu estava com a mão cheia, Osni.

— Tá bom. Bati.

— Você sempre faz isso, Osni.

— Sempre não. Eu...

— Sempre, Osni. Eu não agüento mais, Osni.

— Tá bom, tá bom. É apenas buraco.

— Não é apenas buraco, Osni. É tudo. É a nossa vida. O buraco é só, só...

Como é que se diz?

— Exato. É só um jogo de cartas.

— Não é só um jogo de cartas, Osni!. É um símbolo. Tá entendendo?

— Ai meu saco... Epa!

— Sabe por que eu não te mato agora, Osni?

— Larga a faca.

— Sabe por quê?

— Larga essa faca.

— Porque se você morrer eu vou ter que jogar com a Ceres, que é pior que você. A Ceres não abre jogo. A Ceres fica com os jogos feitos na mão! Ela é mais débil mental que você!

— Ela é sua irmã, e ela está ouvindo.

— É uma débil mental! Você é um débil mental! Eu sou uma débil mental, por ter me casado com você!

— Larga a faca.

— A vida é uma parceria, Osni. Não se bate quando o outro acaba de comprar o

morto. Entende? Essa é uma regra da vida. É uma das regras básicas da vida, Osni.

— Pronto, pronto. Me dá a faca. Isso. Pronto.

— Não se bate quando o parceiro está com a mão cheia, Osni!

— Está certo. Prometo não fazer mais. Agora calma.

— Eu estou rodeada de débeis mentais!

— Calma. Vou buscar seu comprimido.

— E essa merda de televisão que não pega nada, também!

3. CHEGADA

O Marcos já tinha telefonado para os pais, na praia, e avisado que não dera.

Não dera de novo. Era a quarta vez que fazia o vestibular, mas ainda não fora desta vez. Pegou uma carona para a praia e na chegada foi vendo as faixas na frente das casas de veraneio. "Alice — Psicologia", Valeu, "Marcelão! Agronomia", "Bebeto, Engenharia", "Ieda, Oceanografia" — as famílias recebendo seus heróis do vestibular para um descanso merecido.

Pô, pensou. Todo ano é assim. Pra me massacrá. E então viu que na frente da sua casa também tinham estendido uma faixa. Dizia "Marcos, Simpatia". Desceu do carro emocionado. Aquilo era coisa da velha. Só podia ser coisa da velha.

Correu para dentro da casa, pensando: ainda dá pra pegar umas ondas e, de noite, aquele churra pra comemorar minha chegada!

É preciso explicar que o apelido da mãe dele para o Marcos é "Lindinho".

4. SSSSSSSSSSS

"Sssssssssônia..." Era uma brincadeira deles. Desde a primeira vez em que ouvira o seu nome ele a chamava assim.

"Sssssssssônia..." E ela respondia: "Ssssssssim?" E ele: "Ssssssensacional."

Viam-se pouco. Cruzavam-se no clube, só isso. Uma vez ela tentara se informar a seu respeito e ouvira que era um solteirão, com talvez o dobro da sua idade. Diziam que era impotente, um acidente na mocidade, ninguém sabia muito bem. Tinha dinheiro, não fazia nada. Vivia no clube, fumando seu cachimbo. Usava uma echarpe de seda no pescoço, para dentro da camisa, inverno ou verão. Não parecia dar muita atenção a ninguém, mas, por alguma razão, a distinguira com aquela brincadeira. Quando a via sempre dizia "Sssssssônia." E ela: "Ssssssssim?" E ele: "Ssssssensacional." Na única vez em que tiveram uma conversa mais demorada, ele contou que uma cigana lera sua mão e dissera que ele morreria com 72 anos. Depois olhou o relógio, suspirou e disse.

— Ainda falta tanto tempo...

Depois sorriu para ela e disse:

— Sssssssônia...

— Ssssssssim?

— Ssssssssensacional.

5. O CÚMULO

Dalton chegou ao cúmulo. Levou o celular para dentro d'água, quando entrou no mar. A mulher atrás, gritando: "Desliga, Dalton!" e o Dalton com a mão no alto, para o celular não molhar.

6. AMADURECIMENTO

Rosildo e Múcio cresceram juntos, se formaram juntos, casaram no mesmo dia com irmãs e foram morar juntos. Claro, deu confusão. Depois da briga entre os casais, Rosildo e Múcio ficaram uns dez anos sem se falar.

Reencontraram-se, reconciliaram-se e abriram uma firma juntos. Nova briga, desta vez por causa de dinheiro, mais cinco anos de separação. Um dia, por acaso, se cruzaram em Veneza, os dois já divorciados, e quando viram estavam tendo um romance homossexual, mãos dadas na gôndola e tudo. Na volta ao Brasil brigaram feio, ciúmes, mais 20 anos sem se ver. Há alguns anos se encontraram na praia, os dois aposentados, com mulheres e netos. Acabaram formando uma dupla de vôlei. Já são tri-campeões da categoria sênior.

Nunca brigam, jogam com um entendimento perfeito, descobriram sua vocação.

Mas os dois dizem que uma dupla de vôlei perfeita não se forma, assim, da noite para o dia. Muita coisa tem que acontecer antes para uma dupla de vôlei atingir a perfeição. É um longo processo de amadurecimento, diz o Rosildo, e o Múcio concorda.

Contos rápidos de verão

Nervinho

Aquela conversa de travesseiro, "Quem é o meu quindinzinho?" "Sou eu. Quem é a minha roim-roim-roim?" "Sou eu", e ele inventou de dizer que jamais se separariam e que ele seria, para ela, como aquele nervinho da carne que fica preso entre os dentes, e ela disse "Credo, Oswaldo, que mau gosto!" e saiu da cama e depois nunca mais. Acabou por metáfora errada.

Espetáculo

Chuva, chuva, chuva, mas no fim da tarde o sol passou pela abertura entre as nuvens e o horizonte como um suicida pela janela. Mas tempo o bastante para as nuvens, teve gente que contou, mudarem de cor nove vezes. Nove!

Pressentimento

Linda, um amor, quase casaram, mas ela se chamava Duzineide e ele pressentiu que teria problemas com os sogros.

Investigação

O inspetor que investigou o caso da trapezista checa morta com uma adaga de gelo tinha um cachimbo permanentemente no canto da boca mas com o forninho virado para baixo. Dizia que era para não ter nem a tentação de enchê-lo, pois estava proibido de fumar, mas o importante não é isso, nem o inspetor e nem a trapezista morta. É que fui investigar no dicionário para escrever este conto e só então descobri que aquela parte do cachimbo se chama forninho, o que passei a maior parte da minha vida sem saber. Toda literatura, no fim, é autobiográfica.

No elevador

Conto erótico. "Lambo você todinha" disse o homem no ouvido da mulher, no elevador. A mulher firme. Silêncio. No décimo andar o homem falou de novo.

"Lambo... Palavra engraçada, né?" Nunca tinha se dado conta. Está bem, mais ou menos erótico.

Outro de elevador

"Ascende" dizia o ascensorista. Depois: "Eleva-se". "Para cima". "Para o alto". "Escalando". Quando perguntavam "Sobe ou desce?" respondia "A primeira alternativa". Depois dizia "Descende", "Ruma para baixo", "Cai controladamente", "A segunda alternativa"... "Gosto de improvisar", justificava-se. Mas como toda arte tende para o excesso, chegou ao preciosismo.

Quando perguntavam "Sobe?" respondia "É o que veremos..." ou então "Como a Virgem Maria". Desce? "Dei" Nem todo o mundo compreendia, mas alguns o instigavam. Quando comentavam que devia ser uma chatice trabalhar em elevador ele não respondia "tem seus altos e baixos", como esperavam, respondia, cripticamente, que era melhor do que trabalhar em escada, ou que não se importava embora o seu sonho fosse, um dia, comandar alguma coisa que andasse para os lados... E quando ele perdeu o emprego porque substituíram o elevador antigo do prédio por um moderno, automático, daqueles que têm música ambiental, disse: "Era só me pedirem — eu também canto!"

Má impressão

Calçada. Homem com cachorro. Cachorro fazendo coco. Passa mulher. Mulher: "Que nojo". Homem, para mulher que se afasta: "Nós somos só amigos!".

Bolo

Sete de cada lado, as mulheres assistindo, todos com barriga e pouco fôlego, menos o Arruda. O Arruda em grande forma. Magro, ágil, boa cabeleira.

Cinquenta anos, e brilhando. Foi depois do Arruda dar um passe para ele mesmo, correr lá na frente como um menino, chutar com perfeição e fazer o gol, para delírio das mulheres, que todo o time correu para abraçá-lo. Que gol! O Arruda era demais. Empilharam-se em cima do Arruda. Apertaram o Arruda. Beijaram o Arruda. O Arruda depois diria que alguém tentara morder a sua orelha. Quando o Arruda quis se levantar para recomeçarem o jogo, não deixaram. Derrubaram o Arruda outra vez. Quando ele parecia que estava conseguindo se livrar dos companheiros, veio o time adversário e também pulou no bolo para cumprimentar o Arruda. O Arruda acabou tendo que sair de campo, trêmulo, amparado pelas mulheres indignadas, enquanto o jogo recomeçava, agora só com os fora de forma. Na hora do churrasco o Arruda ainda não estava totalmente recuperado da comemoração, para aprender.

Doze anos

- Você não está me reconhecendo...
- Claro que estou. Rodrigo, certo?
- Renato.
- Renato, claro. Na casa da Aninha.
- Repartição. Há uns 12 anos.
- E eu ia esquecer? Repartição. Você namorava a... a...
- Você.
- Eu namorava a...? Quem?
- Eu namorava você, Paulo Augusto.
- Espera um pouquinho. Que repartição?

Final

"Puxou o fio, só por curiosidade, e no dia seguinte leu no jornal que o Taj Mahal tinha desmoronado". Ainda vou escrever um conto que termina, e não começa, assim.

Amor

A verdade é que devemos tudo aos amores infelizes, aos amores que não dão certo. A poesia se faz antes ou depois do amor, ninguém jamais fez um bom poema durante um amor feliz. Pois se o amor está tão bom, pra que interrompê-lo? O amor feliz não é assunto de poesia, o amor feliz é em vez de poesia. Literatura é quando o amor ainda não veio ou quando já acabou, literatura durante é mentira. Ou ela é empolgação ou é remorso, revolta, saudade, tédio, divagação desesperada — enfim, tudo que dá bom texto.

Desconfie de quem explica um estado de exaltação criativa dizendo que está amando. Algo deve estar errado.

— Você está amando, mas ela não está correspondendo, é isso?

— Não, não. Ela também me ama. É maravilhoso.

— É maravilhoso, mas você sabe que não pode durar, é isso? Seu poema é sobre a transitoriedade de todas as coisas, sobre o efêmero, sobre o fim inevitável da felicidade num mundo em que...

— Não! É sobre a felicidade sem fim!

— Não pode ser.

— Mas é. Acabei o poema e vou fazer uma canção. Depois, talvez, uma cantata. E estou pensando num romance. Tudo inspirado no nosso amor. Não posso parar de criar. Estou transbordando de amor e idéia. Crio dia e noite.

— E a mulher amada?

— Quem? Ah, ela. Bom, ela sabe que a atenção que não lhe dou, dou ao nosso amor perfeito.

Está explicado. Ele não canta a amada ou seu amor. Está fascinado por ele mesmo, amando. E o poema certamente é ruim.

Porque o amor, para ser de verdade, tem de emburrecer. Só devem lhe ocorrer bobagens para dizer ou escrever durante um caso de amor. Ou é kitch, de mau gosto, piegas ou copiado, ou não é amor. Qualquer sinal de originalidade pode até ser suspeito.

— Esses seus versos para mim... Estão ótimos.

— Obrigado.

— Essas juras de amor, essas rimas, essa métrica... De onde você tirou tudo isso?

— Eu mesmo inventei. Pensando em você.

— Seu falso!

— O quê?

— Só deixando de pensar em mim por algumas horas você faria uma coisa assim pensando em mim. Só tomando distância, escrevendo e reescrevendo, raciocinando e burilando, você faria isto. Um verso plagiado do Vinícius eu entenderia. Um verso original, e bom desse jeito, é traição. Só não sendo sincero você seria tão inteligente!

— Mas...

— Não fale mais comigo.

Pronto. O amor acabou, agora você pode ser criativo sem remorso. Você está infeliz, mas console-se. Pense em como isso melhorará o seu estilo.

Da série 'Poesia numa Hora Destas?'

O rico sedutor Esta sacada para o Gran Canal esta Lua de cartão-postal (o pôr-de-sol foi do Tiepolo) este salão descomunal e o mordomo, Manolo...

As lagostas do jantar os filés e o manjar o cheque sob o "richaud" as frutas do meu pomar e os vinhos do meu "chateau"...

Um final de fantasia pavê e ambrosia junto com um grande "apfelstrudel".

E ao fundo (covardia) Márcio Montarroyo no "flugel"...

Na cama em forma de nau ela não pode conter um "uau" de sacudir palazzo inteiro.

Não sei se foi meu "know-how" ou a jóia no travesseiro.

Pois o chocolate suíço os pavões e o serviço o Rolls-Royce e este show...

Será que ela liga pra isso ou me ama pelo que eu sou?

O imitador "João, imita cachorro" dizia a cruel Maria dando o pé pra ser lambido.

"Agora imita cavalo" e virava no outro sentido.

"João, imita tapete" dizia a cruel Maria quando o queria rasteiro.

Ou "imita caixa automática" quando queria dinheiro.

E um dia a cruel Maria disse "João, imita gente" e disse o João "imito quem?"

"Sei lá, qualquer pessoa, você vai pensar em alguém" E João, o imitador, fez Jack, o Extirpador.

Poema curto Existem só três rimas em "ândalo":

"Escândalo", "vândalo", "sândalo" e deu.

Alguém ainda fará um verso inteiro com política, destruição e bom cheiro — mas não eu.

Cena suburbana A mãe gritou "Alcides!"

e ninguém veio.

Gritou "Cidinho!" e nada.

Foi só gritar "Paixão!"

e veio uma manada Observação antropológica Se agarram, rolam pelo chão abraçados, se beijam com fervor...

Se não foi gol, é amor.

O sedutor pobre Não tenho onde cair morto, ando matando cachorro a grito com uma mão atrás e outra na frente, tou duro, tou na pior, tou chamando urubu de "meu louro", numa merda federal, com a corda no pescoço, endividado até a alma e entrando pelo cano.

Mas, em compensação, te amo.

O sedutor médio Vamos juntar nossas rendas e expectativas de vida querida, o que me dizes?

Ter 2.3 filhos e ser meio felizes?

O sedutor intelectual Nietzsche teria algo a dizer sobre soutiens com enchimento Mas não é o momento, não é o momento... Te contei que minha miopia regrediu?

Desculpe, é nervosismo, viu? Não vá, espere, não desista de mim Eu nunca desisti, não me deixe assim. Daqui a pouco, garanto, outro se ergue.

Você só está vendo a ponta deste iceberg.

Da série 'Poesia numa hora destas?!'

Monsieur le Compte

Ele flana pelos corredores frios como um par de olheiras sobre patins com a tinta escorrendo dos cabelos a boca roxa, as mãos nos rins pedindo "Virgens!" para ninguém

pedindo "Sangue!" para a escuridão chupando o ar como se fosse veia alugando o sótão para uma confecção.

Às vezes pára porque ouviu seu nome:

"Drakuuul!", longe, "Drakuuul!"

Mas é só um lobo desinteressado é sempre só um lobo que sabe nada e um longe sem significado.

Pede "Virgens!" e vem mingau pede "Sangue!" e trazem chá.

Bolachas ou outras coisas vivas?

"Monsieur le Compte, suas gengivas!"

Ele desliza pelos corredores noites a fio, noites a frio sonhando com pescoços latejantes lembrando as suas conquistas desejando uma estaca no peito abrindo o térreo pra turistas.

"Drakuuul! Drakuuul!"

Mas é sempre só um lobo anônimo.

Ou, possivelmente, irônico.

Celulares

Meu celular, disse um, mostra quem está chamando, e se é um chato, avisa.

O meu, disse o outro, acessa a internet, faz café e profetiza.

O meu é gravador, relógio, fax, macaco e granada de mão, e ainda faz logaritmos, disse um terceiro, é legal!

O meu, disse outro, codifica, decodifica e toca o hino nacional. E quando se perde, me chama.

E o meu? E o meu? disse um quinto, pra não fica atrás.

O seu o que que faz?

O meu, disse o quinto, me ama.

Estímulo

Num sebo, um dicionário de rimas com uma dedicatória grafada: "Agora você não tem mais desculpa..." Para um poeta hesitante, de alguma namorada? Mas não dera certo a empurrada, o poeta resistira ao estímulo da amada e vendera a obra presenteada — talvez ao descobrir que "desculpa" não rimava com nada.

Confirmação

Tive certeza que era mesmo o Nabokov que voltara como uma borboleta quando peguei as suas diáfanas asas azuis e ouvi claramente a borboleta dizer, com um sotaque

russo, "Proíbo você de usar isto como qualquer espécie de metáfora ou simbolismo 'ersatz', e solte-me em seguida", e tive que soltá-la.

Graças a Deus pela televisão

O ruim não é quando não há mais nada para dizer salvo "não há mais nada para dizer", é quando não há mais nada para fazer em vez de dizer, lembra?

Lembro, a gente fazia tanto que não tinha tempo para dizer.

Não, não, a gente fazia tanto que não precisava dizer.

Não, não, a gente dizia fazendo.

E agora tanto faz.

Acontece com todo o mundo.

A gente só não sabia que era todo o mundo, né?

Todo o mundo é.

Ssshhh.

Não me diz que você está vendo isso!

De volta ao grunhido

Ouvi dizer que é cada vez maior o número de pessoas que se conhecem pela Internet e acabam casando ou vivendo juntas uma semana depois. As conversas por computador são, necessariamente, sucintas e práticas, e não permitem namoros longos, ou qualquer tipo de aproximação por etapas. Estamos longe, por exemplo, do tempo em que as pessoas se viam numa quermesse de igreja e se mandavam recados pelo alto-falante. Como as quermesses eram anuais, elas só se falavam uma vez por ano, e sempre pelo alto-falante. Quando finalmente se aproximavam, eram mais dois anos de namoro e um de noivado, e só na noite de núpcias, imagino, ficavam íntimos, e mesmo assim acho que o vovô dizia: "Com licença." Na geração seguinte, o homem pedia a mulher em namoro, depois pedia em noivado, depois pedia em casamento, e, quando finalmente podia dormir com ela, era como chegar no guichê certo depois de preencher todas as formalidades, reconhecer todas as firmas e esperar que chamassem a sua senha. Durante o namoro, ele mandava poemas, o que sempre funcionava, e muitas mulheres de uma certa época, para serem justas, deveriam ter casado com Vinícius de Moraes.

As pessoas dizem que houve uma revolução sexual. O que houve foi o fechamento de um ciclo, uma involução. No tempo das cavernas, o macho abordava a fêmea, grunhia alguma coisa e a levava para a cama, ou para o mato. Com o tempo desenvolveram-se a corte, a etiqueta da conquista, todo o ritual de aproximação que chegou a exageros de regras e restrições, e depois foi se abreviando aos poucos até voltarmos, hoje, ao grunhido básico, só que eletrônico. Fechou-se o ciclo.

A corte, claro, tinha sua justificativa. Dava à mulher a oportunidade de cumprir seu papel na evolução, selecionando para procriação aqueles machos que, durante a aproximação, mostravam ter aptidões que favoreceriam a espécie, como potência física ou econômica, ou até um gosto por Vinícius de Moraes. Isso quando podiam selecionar e a escolha não era feita por elas. No futuro, quando todo namoro for pela Internet, todo sexo for virtual e as mulheres ou os homens, nunca se sabe, só derem à luz a bytes, o único critério para seleção será ter um computador com modem e um bom provedor de linha.

Talvez toda a comunicação futura seja por computador. Até dentro de casa. Será como se os nossos namorados da quermesse levassem os alto-falantes para dentro de casa.

Na mesa do café, marido e mulher, em vez de falar, digitarão seus diálogos, cada um no seu terminal. E, quando sentirem falta de palavra falada e do calor da voz, quando decidirem que só frases soltas numa tela não bastam e quiserem se comunicar mesmo, como no passado, cada um pegará seu celular.

Não sei o que será da espécie. Tenho uma visão do futuro em que viveremos todos no ciberespaço, volatizados. Só nossos corpos ficarão na Terra porque alguém tem que manejar o teclado e o mouse e pagar a conta da luz.

Palavras

Certas palavras dão a impressão de que voam ao sair da boca. "Sílfide", por exemplo. Diga "sílfide" e fique vendo suas evoluções no ar, como as de uma borboleta. Não tem nada a ver com o que a palavra significa. "Dirigível" não voa, "aeroplano" não voa e "bumerangue" mal sai da boca. "Sílfide" é o feminino de "silfo", o espírito do ar, e quer dizer a mesma coisa diáfana, leve e borboleteante. Mas experimente dizer "silfo". Não voou, certo? Ao contrário de sua fêmea, "silfo" não voa. Tem o alcance máximo de uma cuspidinha. "Silfo", zupt, plof. A própria palavra "borboleta" voa mal. Bate as asas, tenta se manter aérea, mas choca-se contra a parede e cai.

Sempre achei que a palavra mais bonita da língua portuguesa é "sobrancelha". Esta não voa, mas paira no ar. Já a terrível palavra "seborréia" escorre pelos cantos da boca e pinga no tapete. Antônio Maria escreveu que sempre que alguém usa "outrossim" a frase é decorada. Eu mesmo tenho uma frase com "outrossim" pronta para usar há uns 20 anos, mas ainda não apareceu a oportunidade. Quando sentir que vou morrer a usarei, mesmo que a ocasião seja imprópria, para não levá-la entalada.

Às vezes fico tentando usar a palavra "amiúde", mas sempre hesito, temendo a quarentena social. E também porque amiúde penso que "amiúde" devia ser duas palavras, como em: "Ele entrou na sala à Miúde", ou à maneira do Miúde, seja o Miúde quem for. Muitas palavras pedem outro significado do que os que têm. "Plúmbeo" devia ser o barulho que um objeto faz ao cair na água. "Almoxarifado" devia ser um protetorado do xeque Al Moxarif. "Alvíssaras" deviam ser flores; "picuinha", um tempero; e "lorota", claro, o nome de uma manicure gorda.

Vivemos numa era paradoxal em que tudo pode ser dito claramente e mesmo assim os eufemismos pululam. (Pululas: moluscos saltitantes que se reproduzem muito.) O empresário moderno não demite mais, faz um "downsizing", ou redimensionamento para baixo, da sua empresa. O empregado pode dizer em casa que não perdeu o emprego, foi downsizeado, e ainda impressionar os vizinhos. E não entendi por que "terceirizar" ainda não foi levado para a vida conjugal. Maridos podem explicar às suas mulheres que não têm exatamente amantes, terceirizaram a sua vida sexual. E depois, claro, devem sair de perto à Miúde.

Depois da batalha

Quando um casamento dá errado, você pode apostar que o problema começou na cama. Mas ninguém entendeu quando o Jorge e a Gisela voltaram da lua-de-mel separados, e, em vez de constituírem um lar, constituíram advogados. Afinal, a não ser por alguma revelação insólita — um descobrir que o outro não era do sexo que dizia ser, ou era tarado, ou era, sei lá, um vampiro, ou do PFL Jovem, nada que acontece ou deixa de acontecer na cama numa viagem de núpcias é tão terrível que não possa ser resolvido com tempo, compreensão ou terapia. O sexo não podia ter sido tão desastroso assim.

— Não, não — disse o Jorge. — O sexo foi ótimo. O problema foi outro.

— Qual?

— Batalha naval.

O sexo tinha sido tão bom que Jorge e Gisela ficaram uma semana sem sair da cama. Mas o amor, como se sabe, é como marcação sob pressão no futebol. Por melhor preparados que estejam os jogadores, eles não podem marcar sob pressão os 90 minutos. Nem se o Jorge e a Gisela fossem o Rincon e o Vampeta do sexo conseguiriam se amar o tempo todo, dia e noite, sem intervalos. E foi para preencher os intervalos que o Jorge propôs a Gisela que jogassem batalha naval. Tinham o que era preciso no quarto, papel e lápis. Qualquer borda reta serviria como régua para fazerem os quadradinhos. Não precisavam sair da cama. E o vencedor podia escolher a forma como se amariam, depois da batalha.

— Jota 11.

— Água. Bê 4.

— Outro submarino.

— Viva eu!

Quem passasse pela porta do quarto dos recém-casados e ouvisse aquilo não entenderia o que acontecia lá dentro. Jorge e Gisela, nus sob os lençóis, um atirando seus mísseis imaginários sobre a frota do outro. Gisela, estranhamente, acertando mais do que Jorge. Que já tinha perdido dois submarinos e um cruzador quando finalmente acertou um disparo.

— Agá 9 — cantou Jorge.

— Ih... lamentou-se Gisela — Parte do meu porta-aviões.

— Arrá! — gritou Jorge, triunfante.

— Ele 12 — tentou Gisela.

— Água, água — disse Jorge, ansioso para terminar o serviço no porta-aviões inimigo.

— Agá 10!

— Água. Dê 13...

— Água. Agá 8...

— Água. Éfe 2...

— Água. Gê 9.

— Água. Ele 6.

— Água. I nove!

— Água. Ene...

— Espera um pouquinho. Como, água?

— Água. Você acertou na água.

— Você me disse que agá 9 era parte do seu porta-aviões.

— E é.

— Mas eu disparei em volta do agá 9 e não acertei mais nada.

— Exatamente. Só acertou água.

— E onde está o resto do seu porta-aviões?

— E eu vou dizer? Engraçadinho! Tente adivinhar.

Jorge estava de boca aberta. Quando conseguiu falar, foi com a voz de quem acaba de encontrar uma nova forma de vida, e tem medo de provocá-la.

— Deixa ver se eu entendi. O seu porta-aviões não está todo no mesmo lugar...

— Claro que não! Eu divido em quatro partes, e boto uma bem longe da outra. Assim fica mais difícil de atingir.

Os amigos concordaram que seria perigoso ficar casado com uma mulher que espalhava o seu porta-aviões. Por melhor que fosse o sexo, era preciso pensar no resto da vida, quando os intervalos ficariam cada vez maiores. Jorge nem chegou a contar que os submarinos da Gisela não constavam do diagrama da sua frota. Segundo ela, estavam submergidos, podiam estar em qualquer lugar, nem ela saberia onde encontrá-los. Era melhor pedir divórcio.

Depois do carnaval

Há muita literatura sobre o depois do carnaval, muito mais histórias de quartas-feiras cinzentas do que de terças-feiras gordas, desde clássico da melancolia envolvendo colombinas sem coração e pierrôs abandonados até flagrantes do reencontro de fidalgos de escola de samba com a dura realidade de um relógio de ponto. Passando por histórias de terror, como a da mascarada misteriosa que, depois de três dias de folia e amor, dá seu endereço para o havaiano apaixonado e ele descobre que o endereço é um cemitério.

Mas o carnaval mudou e a sua literatura também tem que mudar. Hoje, uma história romântica de carnaval poderia acabar com o pierrô e o arlequim se consolando mutuamente, pois a colombina não ficou com nenhum dos dois e sim com outra colombina, chamada Ferreira. Ou um Deus do Sol de carro alegórico chegando no trabalho sem ter tido tempo de mudar de roupa e aproveitando a pintura dourada e o esplendor chamejante para dominar uma reunião de diretoria e impor a sua decisão de demitir 300 funcionários, inclusive alguns que desfilaram na escola junto com ele, pois as escolas estão muito democráticas e aceitam cada vez mais grã-finos.

Como poderia ser uma história de terror de Quarta-Feira de Cinzas?

Havaiano e mascarada misteriosa, que veste a máscara e pouca coisa mais, conhecem-se no sábado de carnaval e, na madrugada da quarta-feira, estão num motel, onde ele finalmente poderá fazer o que passou quatro dias dizendo que queria fazer, beijá-la todinha, começando pelos lábios, descendo pelo pescoço, chegando aos seios e...

— Meu Deus.

— O que foi?

— Acho que furei alguma coisa. Está vazando.

— É o silicone.

— O que?

— O silicone! Foi na sua boca?

— Acho que sim. Por que, é venenoso?

— Não sei. Acho que não, mas...

— Ai meu Deus.

— Você engoliu?

— Sim. Não. Não sei.

— Tinha que morder, tinha?

— Me descontrolei, pô. Um peitão desses...

— Agora a culpa é minha...
— Você podia ter avisado.
— Avisado o quê? Não morde que espirra?
— Sei lá, eu... Ai, ai, ai.
— O quê?
— Estou ficando tonto.
— Calma. Vamos para um hospital.
— Hein?
— Onde está o seu sarongue?
— Não sei, eu... Acho que estou ficando cego.
— É impressão sua.
— Estou com taquicardia!
— E o meu peito está murchando! Olha o que você fez!
— O quê? Eu aqui morrendo e você preocupada com o seu peito?! Você tem outro peito, eu só tenho esta vida!
— Você não está morrendo.
— Ah, não? Não enxergo mais nada. Meu coração está disparando. O silicone chegou ao sistema nervoso!
— O silicone não tem esse efeito.
— Como é que você sabe? É como os transgênicos: ninguém sabe qual é o efeito.
— Vamos para o hospital. Cadê o sarongue?
No carro, ela dirigindo, combinam o que vão dizer no hospital. Possível ingestão acidental de silicone líquido. Como aconteceu?
— Não fala no meu peito.
— Por que não?
— Vão querer examinar, e ele não está apresentável. Vamos ter que inventar uma história. Você tentou se matar.
— Engolindo silicone?
— Não, tranqüilizantes. Formicida. Qualquer coisa. Seja o que for, vão fazer uma lavagem no seu estômago.
— Sabe que eu já estou me sentindo melhor?
— E a cegueira?
— Está passando.
— E a taquicardia?
— Passou.
Ela pede para ele levá-la em casa. Ele estaciona o carro quando ela diz "É aqui". O dia está raiando. Ele começa a morder a sua orelha, depois beija a sua boca, o seu pescoço, e seus lábios vão descendo para beijar o outro seio, o cheio.
— Cuidado — diz ela.
— Gosto de viver perigosamente — diz ele. Mas promete que não vai morder.
Ela afasta a cabeça dele e diz que precisa estar em casa antes que o Sol se levante. Só quando ela desce do carro é que ele se dá conta que estão em frente de um cemitério.
— Você mora... aqui?
— Não, bobo diz ela. — Ali.
E aponta um edifício no outro lado da rua.
Os dois combinam se encontrar de novo assim que ela consertar o seio.

Destino (continuação)

Um homem chamado Romildo encontra um livrinho de endereços caído na calçada. Aberto na letra "A". Vê o nome "Ada" e pensa: "É essa." Ele é um homem solitário. Esperou a vida inteira que o destino desse um sinal do que tinha lhe preparado e ali está o sinal. Um livrinho de endereços caído na calçada, aberto no nome "Ada".

Ele vai ao endereço de Ada e sente, ao vê-la, que encontrou a mulher que esperava a vida inteira. Mas Ada mente, diz que sabe de quem é o livrinho e por isso ficará com ele, para devolvê-lo ao dono. E manda Romildo embora.

Romildo sai da nossa história.

Ada fica com o livrinho de endereços. Não reconhece nenhum dos outros nomes.

E sente que foi o destino que lhe trouxe o livrinho e não aquele homem insignificante de quem nem guardou o nome. O que eu quero, o que eu esperei a vida inteira, está nesse livrinho, pensa Ada. Que também é solitária e mora com um gato. Ada fecha os olhos e deixa o seu dedo escolher uma folha do livrinho. Deixa o seu dedo fazer o trabalho do destino. E seu dedo escolhe a letra "H". É um nome, Henrique. "É esse", pensa Ada.

Ada vai procurar Henrique. É recebida por um homem mais velho, cabelo pintado, de robe de cetim e que mora com a mãe. Enquanto Henrique examina o livrinho, no qual também não reconhece nenhum outro nome, Ada examina seu apartamento, e agradece ao destino que a trouxe ali. Tudo no apartamento lhe agrada. O homem, apesar do cabelo acaju, a decoração, até a mãe. Ada sente que encontrou quem esperava a vida inteira. Mas Henrique também mente, diz que sabe de quem é o livrinho e que ficará com ele e o devolverá ao dono.

Agradece a Ada, despede-se, por pouco não a empurra para a porta. Ada sai, arrasada, do apartamento e da história. Não fica nem com o livrinho, para poder escolher outro dos nomes trazidos pelo destino e pensar "É esse".

Henrique fica maravilhado com as possibilidades do livrinho. Sente que será uma aventura intelectual, descobrir a identidade do dono de um livrinho de endereços através dos nomes que ele contém. Cada nome uma personalidade, cada nome uma história. "Uma boa idéia para um conto", pensa. Mas também pensa nas possibilidades eróticas, dentro do seu robe de cetim. Todos aqueles nomes desconhecidos, esperando o seu bote... Escolhe um nome sob a letra "R". "Rudy". Só "Rudy", o telefone e o endereço. "É esse", pensa Henrique. Quem sabe o destino não lhe trouxe um grande amor, ou no mínimo uma grande noite? Decide começar a investigação por Rudy.

Mas Rudy é uma decepção. Para começar, "Rudy" não é nome, é sobrenome.

Octacílio Rudy. Henrique chega esperando um Rudy jovem disposto a não só ajudá-lo a descobrir a identidade do dono do livrinho como, quem sabe, acompanhá-lo num fim de semana em Paraty, e encontra um Octacílio velho, casado, barrigudo e mal-humorado, que não tem a menor idéia de quem é o livrinho de endereços. E não quer muita conversa. Henrique decide abandonar seu instinto e adotar a lógica, e começar o livrinho pelo começo. Pelo "A".

O primeiro nome é, deixa ver... Ada, claro. Essa ele já conheceu e sabe menos do que ele. O segundo nome é Andradino. Doutor Andradino.

Quem abre a porta é uma senhora. E uma senhora agitada. Que diz "Foi o destino que mandou o senhor!" antes que Henrique possa explicar porque está ali. A senhora conta que é a mulher do doutor Andradino. E o doutor Andradino Henrique, sem dúvida, sabe quem é: o da biblioteca. O da biblioteca? O da famosa biblioteca. A biblioteca das estantes até o teto, só com livros raros e das primeiras edições encadernadas. Pois o doutor Andradino é um homem cultíssimo, um homem que só lê os clássicos e um salafrário. Um quê? "Ele está me enganando!" grita a senhora. "Depois de velho, arranjou outra. Está na

casa dela neste momento!" E a senhora conta que o doutor Andradino dera para sair de casa todas as tardes, ele que durante anos raramente saía da biblioteca. E ela o seguira até a casa da outra. Naquela mesma tarde, seguira o marido pela rua, até a casa da outra.

Mas não tivera coragem de bater na porta e flagrar o salafrário com a amante, provavelmente de cuecas. Por isso Henrique caíra do céu, para isso o destino o trouxera até ela. Henrique deveria bater na porta da outra casa, com um pretexto qualquer, e depois contar o que vira. E só quando Henrique já está saindo, com o endereço da casa da outra no bolso, a senhora pergunta: "Quem é o senhor, mesmo?"

O doutor Andradino entreabre a porta e diz "Pois não?" Henrique conta a história do livrinho de endereços perdido. Talvez o doutor Andradino possa identificar o dono do livrinho. Talvez, conversando, os dois cheguem a um amigo ou conhecido em comum e solucionem o mistério. O doutor Andradino concorda e deixa Henrique entrar. Henrique nota que ele estava lendo uma revista Caras e marcou o lugar com um dedo. Há várias Caras, Chiques e Famosos, Contigo, etc. espalhadas pela pequena sala. Numa estante ao lado de uma poltrona, que é quase o único móvel da casa, toda a coleção do Harry Potter, Paulo Coelho e outros best sellers recentes, além de livros de bolso descartáveis, com capas lúbricas. A Noite do Lambe-Lambe, etc. Nenhum sinal de amante. Henrique compreende que a casa é um refúgio, onde o doutor Andradino, homem cultíssimo que só lê os clássicos, vem ler o que gosta, escondido dos outros e longe da sua biblioteca famosa. Encerram sua conversa sem concluir quem é o provável dono do livrinho e só quando Henrique já está saindo o doutor Andradino pergunta: "Como é que o senhor sabia que eu estava aqui?"

Henrique não responde. Sorri e de despede. Na rua, consulta o livrinho. O nome seguinte é Belinha. Belinha! Que personagem será esse? Qual será a sua história? O endereço não é longe dali. Henrique toma o seu destino.

Destino, ou o livrinho de endereços

Idéia para uma história. Uma mulher chamada Ada recebe um visitante. Se a história se passasse há alguns anos o visitante simplesmente bateria na porta do apartamento de Ada. Como se passa hoje, o visitante precisa dar uma longa explicação no interfone do portão antes de ser admitido no prédio. E a explicação não é fácil.

Ada não entende o que o homem quer. Como é?! O visitante tenta de novo.

Encontrou um livrinho de endereços na rua. Quer devolver o livrinho, mas não sabe de quem é. O primeiro nome com endereço no livrinho, sob "A", é o dela.

Ada. Ela talvez possa ajudá-lo a descobrir o dono do livrinho perdido.

Ada hesita, depois diz "Entra". (E segue-se o diálogo conhecido. "Abriu?"

"Não." "Hein?" "Não abriu." "Abriu?" "Agora sim." A repetitiva linguagem da era do medo.) Ada (seus 35, 36 anos, não exatamente bonita, mas atraente, solteira, funcionária pública, mora sozinha, gato) examina o visitante (moço, boa cara, algo triste) antes de desengatar a corrente e deixá-lo entrar. O livrinho de endereços é uma agenda de bolso, capa preta e está cheio de nomes. Ada o folheia. Não reconhece nenhum nome. Além do seu, claro. Mas diz:

"Ah, acho que já sei" Finge que sabe de quem é o livrinho, diz que se encarregará de devolvê-lo, pode deixar, agradece ao visitante, por pouco não o empurra porta a fora.

Ele já cumpriu o seu papel. Ada sente que quem bateu na sua porta não foi aquele homem de quem nem ficou sabendo o nome (Romildo), foi o Destino. O seu horóscopo para

aquele dia dizia que alguém chegaria com novidades e seria o que ela esperara toda a sua vida. O que ela esperara a vida toda poderia estar naquele livro de endereços que o Destino botara em suas mãos.

O dono do livrinho não era seu íntimo. Colocara seu nome e sobrenome, antes do endereço e do telefone. Podia ser uma mulher, mas a letra parecia ser de homem. Quem seria? Ela não conhecia nenhum dos outros nomes. Obviamente, não andavam nos mesmos círculos, não tinham nenhum amigo em comum. Talvez um daqueles nomes fosse o que ela esperara a vida toda. Meu Destino está neste livrinho, pensa Ada. E fecha os olhos e vira cegamente as páginas do livrinho, esperando que seu coração lhe diga onde parar. E pára numa página do "H". O primeiro nome que vê é "Henrique". Só "Henrique", sem sobrenome. É esse, pensa Ada.

"Henrique" tem um endereço e um telefone. Telefone ou vou procurá-lo? Vou procurá-lo, decide. Assim vejo como ele é. Posso não reconhecer o que eu esperei a vida toda no primeiro olhar, mas certamente saberei à primeira vista se ele não for o meu destino. Onde é mesmo o endereço? Vou ter que tomar um táxi. Valerá a pena, se "Henrique" for o que eu espero. Meu Deus, que "Henrique" seja o que eu espero. Que meu horóscopo esteja certo!

"Abriu?" "Não." "E agora?" "Ainda não... Abriu, abriu!" Não foi fácil para Ada explicar pelo interfone o que fazia ali, mas Henrique finalmente a deixou entrar. Está esperando na porta aberta do seu apartamento. Veste um robe de seda. Como o meu pai! pensa Ada, cheia de esperança. Ele é baixo, com o cabelo obviamente pintado, mas não é desagradável. "Moro com a minha mãe", diz Henrique, indicando a mulher magra que não desgruda os olhos da TV quando Ada entra. Ada quase diz "Eu tenho um gato", mas se contem, para não parecer que está comparando as experiências. Henrique ouve o que Ada tem a dizer sobre o livrinho, depois examina o livrinho. Ele não é desagradável, pensa Ada. A decoração do apartamento é de muito bom gosto, a mãe pode ser um problema mas...

— Sei de quem é! — exclama Henrique.

— Como?

— Sei de quem é esse livrinho. Vou devolver pra ele. Pode deixar. E Henrique já está de pé. Ada não sabe o que fazer.

— Mas... — começa.

Henrique estende a mão para depedir-se dela.

— Muito obrigado, viu? Tenho certeza que ele lhe telefonará, para agradecer pessoalmente.

— Quem?

— O dono do livrinho.

Na rua, Ada se amaldiçoa. Amaldiçoa a falta de um táxi, amaldiçoa o seu Destino. "Henrique" obviamente não era o que ela esperara a vida toda. E agora não tem nem o livrinho para escolher outro nome.

No seu apartamento, Henrique folheia o livrinho, cheio de oportunidades. Não reconhece nenhum dos nomes, mas quem sabe que deliciosas aventuras não se esconderão entre suas capas pretas? Como aquele "Rudy", sob "R", por exemplo? Sem falar no desafio literário que será descobrir tudo sobre alguém a partir unicamente do seu livrinho de endereços, nome por nome por inédito nome...

Em outro ponto da cidade, Romildo também se amaldiçoa. Sentiu que o Destino lhe dava um sinal, quando encontrou o livrinho de endereços caído na calçada, aberto na primeira página, na página de Ada. Ada! É essa, pensou. E Ada em pessoa era tudo o que ele queria, era o que ele esperara a vida toda.

Não exatamente bonita, mas atraente. E sozinha como ele. Mas a visita a Ada tinha sido um fracasso. Ela dissera que devolveria o livrinho de endereços ao seu dono, o botara

para fora, e ponto final.

Detalhes

Rupert Brooke nunca foi considerado um grande poeta, mas, como era um moço bonito, escrevia versos românticos e morreu durante a 1ª Guerra Mundial, com 28 anos, ficou como símbolo da juventude dourada inglesa mandada para aquela carnificina, a primeira e última guerra democrática, em que graduados de Oxford e Cambridge e a massa foram sacrificados nas mesmas trincheiras.

Um dos seus poemas mais famosos, *The Old Vicarage, Grantchester*, é uma espécie de suma sentimental da Inglaterra vista de longe, de um paraíso pastoral lembrado por um dos seus exilados numa Europa em decomposição, em suas evocativas linhas finais "Stands the Church clock at ten to three?/And is there honey still for tea?" E foi Rupert Brooke quem escreveu, no começo da guerra, o chamamento poético — intitulado 1914 — para a sua geração de aristocratas ir morrer com glória pelos verdes campos ingleses. No poema ele antecipa sua própria morte, com palavras que dariam arrepios em guerreiros românticos ainda por nascer. "If I should die, think only this of me:/That there's some corner of a foreign field/That is forever England." (E seu eu morrer, pense apenas isto de mim: que há um canto numa terra estranha que será para sempre a Inglaterra.) Brooke morreu servindo na Marinha inglesa, na Ilha de Skyros, onde está sepultado, e onde há um monumento à sua memória. Pelo monumento não se fica sabendo que ele não morreu em ação e sim vítima de disenteria. Mas o velho John Ford dizia que, quando os fatos desmentem a lenda, se deve publicar a lenda. Um pequeno detalhe antipoético não deveria ter o poder de transformar o mito de um jovem deus trágico numa história de ardor juvenil frustrado, significando muito pouco.

Esquecido o detalhe, permanecem a morte prematura numa terra estranha e o símbolo, literariamente satisfatório, de patriotismo ou de juventude martirizada. De qualquer forma, a poesia vence a disenteria.

Pelo menos Brooke morreu moço. Se vivesse muito, os detalhes se acumulariam e ele não teria a reputação que tem hoje, e que cresce apesar dos seus versos e do fim sem glória. Razão teve o Taffarel quando decidiu que sua biografia esportiva estava pronta e recusou a convocação para a seleção do Luxemburgo. Estava recusando a possibilidade de vexames que comprometessem a lembrança que ele quer deixar. Não deu chances ao tempo para desmoralizá-lo com mais detalhes. Com o tempo, os detalhes estragam qualquer biografia.

O policial se envolve em torturas que voltarão para acusá-lo, o político contradiz seus próprios ideais na prática... É o tempo, é o tempo. O tempo é danado para destruir reputações. E qualquer pessoa que não morre aos 28 anos ele toma como provocação.

Deus

Um cenário limpo. Fundo azul. Deus fala para a câmera.

"Meus filhos, boa noite. Eu sou Deus Vosso Senhor. Se me permitem a imodéstia, acho que não preciso me apresentar. Meu currículo é conhecido de todos. Criador do céu e da terra, etc. A minha vida é um livro aberto, e se chama Bíblia. Minha assessoria me advertiu que estaria havendo uma certa falta de comunicação entre nós e que existiriam algumas dúvidas sobre o meu trabalho, os meus métodos — enfim, sobre qual é a de Deus, afinal. Por isto, optamos por este formato de uma conversa descontraída, sem trovões, sem relâmpagos, sem efeitos especiais ou anjos com clarins, apenas um papo informal entre Criador e criaturas.

Antes de mais nada, quero esclarecer que, ao contrário do que alguns jornais andaram publicando, escolhi a Globo para falar com vocês do Brasil por uma razão muito simples, que não tem nada a ver com ibope, cachê, favoritismo ou qualquer prevenção com o Ratinho. É que o dr. Roberto foi o único que me contatou diretamente.

E aqui estou eu para responder às suas perguntas. Sei que muitas vezes o que eu faço parece incompreensível. Quantas vezes você não se perguntou por que eu fiz isto ou aquilo, não é verdade? Quantas vezes, quando estragou o ar condicionado no cinema ou o filme saiu de foco, você não olhou para o alto e disse "Ó, Deus!", cobrando uma providência divina? Quantas vezes você se perguntou por que existem os desastres naturais, e a caspa, e aquele nervinho da carne que fica preso entre os dentes, e o Sérgio Naya, e os alarmes de carro que disparam e não aparece ninguém para desligar, e a colher que cai dentro do molho e depois lambuza a mão, e a doença, e a morte, e o IPMF? Por que alguns tiram a sena acumulada e eu não ganho nem rifa? Qual é a de Deus, afinal? Pensam que eu não sei? Eu sei de tudo. Sei o que você pensa a cada minuto. Pelas minhas costas ninguém fala!

Posso responder a todas as suas perguntas. O caso do "El Niño", por exemplo. Como todos sabem, o tempo é o maior problema da minha administração. Requer uma organização imensa, difícil de controlar, e os encarregados nem sempre estão à altura das suas tarefas. Mantenho o São Pedro na chefia do setor porque foi um dos nossos primeiros companheiros, mas há muito ele perdeu seu interesse no trabalho e o resultado é que o clima do mundo está essa confusão. Estamos tentando melhorar, no entanto, e pensando, inclusive, em terceirizar o serviço, e em pouco tempo tudo voltará ao normal. Aproveito a oportunidade para dizer que são infundadas as notícias de que um meteorito se chocará com a Terra em breve e a destruirá. Não temos nenhum plano de acabar com a Terra num futuro próximo, inclusive porque ela tem um grande valor sentimental para nossa família.

Selecionei algumas cartas para responder no ar. A Ivani, de Londrina, Paraná, me pede para arranjar um encontro dela com o Fábio Junior. Ivani, acho que você não pegou bem o espírito do programa. E o Leôncio, de Santo Antônio, no Rio Grande do Sul — velho Antônio — escreve: "Gostaria que o Senhor explicasse para que existem as unhas do pé." Aí está, uma pergunta objetiva e séria. Para que servem as unhas do pé. Deixa ver. As unhas do pé, por que eu criei as unhas do pé... Faz tanto tempo... Mas vejo que o nosso tempo está se esgotando. Mandem as suas cartinhas! Tentarei explicar todos os meus atos numa linguagem acessível, sem tecnicismos, que qualquer leigo pode entender. Se preferir telefonar, o prefixo do céu é 02, porque 01 são os Estados Unidos. Só não atenderei se estiver em reunião. Ou então usem meu e— mail, Poderosíssimo@com.ceu.

Até a próxima, e fiquem comigo."

Os crus e os podres

Gourmet amigo meu, que acabo de inventar, chegou a um ponto de fastio com a vida e a comida. Diz que vai concentrar-se nos dois extremos do espectro culinário e ignorar todo o aborrecido resto. Vai concentrar-se no cru e no podre.

São duas áreas gastronômicas que oferecem uma variedade surpreendente. Nos crus, ele pode escolher entre ostras frescas e outros mariscos, o carpaccio e as demais carnes cruas fatiadas, a carne crua picada que os franceses chamam de "Tartare" e os alemães, claro, de um nome muito maior, os peixes crus dos japoneses e todos os vegetais e legumes que podem ser comidos "in natura" depois de um banho para tirar os tóxicos.

Mas são os podres que o fascinam. Ele acha que a podridão é a maneira de a comida escapar do arbítrio do cozinheiro e encontrar seu próprio ponto de consumo. É quando a comida se come! O charque ou carne-de-sol não é apenas carne podre. É a carne como ela mesmo se pretendia, antes de ter seu processo de maturação rudemente interrompido por algum assador afoito. O peixe à escabeche é o peixe que saiu da água, passou incólume pela civilização e voltou à natureza. Já que a podridão é o caminho natural de todas as coisas.

Tudo que é orgânico procura a podridão, se realiza na podridão. É este momento mágico de auto— indulgência que ele quer saborear nos alimentos. Quer ser cúmplice do alimento no momento em que ele se torna repugnante ao paladar comum, e, portanto, só acessível aos poucos que o compreendem. E, só para não humilhar seus ouvintes com um excesso de argumentação, nem cita todos os gloriosos resultados do leite estragado, como o queijo. O que dirá um certo legendário iogurte turco que, segundo a tradição, só pode ser comido cem anos depois da morte da cabra que deu o leite ou quando o armário em que está guardado explodir, o que vier primeiro.

Diálogo das pombas

Quando Collor caiu, inventei um diálogo entre carpas do seu lago na Casa da Dinda. As carpas discutiam a corrupção em Brasília. Collor não há mais, a Casa da Dinda, suponho, mudou de dono, e se ainda há carpas no seu lago certamente não são mais as mesmas. Brasília e a corrupção continuam.

Em vez de carpas num lago artificial, imagine pombas dialogando na Praça dos Três Poderes.

— Viu só? Agora querem um Código de Ética.

— Triste país em que a ética precisa de um código para ser entendida.

— A culpa é de Brasília, que está distante de tudo. Aqui tudo precisa ser reinventado, até a ética. Aqui o poder é apenas uma forma hierarquizada de solidão. Em Brasília nenhuma multidão é uma multidão, são vários solitários juntos.

— Literatura. A culpa é de Brasília porque foi aqui que começou o Brasil moderno, ou o Brasil refém. Primeiro, refém das empreiteiras. Juscelino inaugurou o regime sob o qual vivemos e do qual tudo o mais é decorrência: a ilicitocracia. O governo por licitação suspeita, o lobby como programa, o "quanto eu levo nisso" como lema, a propina como sistema e as relações públicas como justificativa histórica. Ao mesmo tempo que desbravávamos o nosso oeste político rompíamos a barreira moral que nos mantinha agropastoris e atrasados e nos privava da mola universal do progresso, que é o superfaturamento. Depois as financeiras substituíram as empreiteiras mas o resto continuou igual. Inovamos o processo: aqui o refém é sempre o mesmo e mudam os bandidos.

— Não, não, é algo no ar. Algo na luz, algo no chão. A construção de Brasília

mexeu com o que não era para ser mexido, despertou um monstro enterrado, furou um veio maligno. Isso que anda por aí não é mau caráter, é escapamento. Collor respirou estas emanções na adolescência. Era um filho da profanação. Aquilo não era falta de escrúpulos, era intoxicação.

— Mas o Jader, por exemplo, não é daqui.

— Mas foi aceito como um filho. Só a um filho se permitiria chegar tão longe, sabendo-se o que se sabia dele. Só uma mãe adotiva seria tão compreensiva.

— A culpa não é do chão, é da obra. Nenhum país se torna uma cleptocracia moderna e fica inocente ao mesmo tempo. Este canteiro de transformações, em qualquer outro lugar, teria dado a mesma coisa. Todo o mundo sabe o que há num canteiro de obras: métodos pesados e muita lama. Não é um lugar para almas leves. É um lugar para tratores e estevãos.

— A culpa é da luz! Razão teve o Jânio, que deu no pé. Não foi golpe mal dado nem ressaca, foi lucidez. Jânio encarou a luz de Brasília e decidiu que ela, sim, o enlouqueceria. Era ela ou ele. Fugiu.

— Jango chegou a Brasília com a pior ilusão que um presidente pode ter: a de que preside. Não soube administrar nem a sua solidão. Foi expulso.

— Os presidente militares sobreviveram à luz, ao ar e ao sortilégio de Brasília porque souberam usar a principal virtude militar, que é a falta de imaginação. A solidão não os afetou porque mesmo o general mais sozinho tem a companhia das suas divisas e pelo menos uma presunção de tropa.

— Brasília não se contentou em repudiar Tancredo. Matou— o.

— Culparam os germes do hospital, mas foram os germes que escaparam quando acordaram o monstro, como as bactérias vingativas de uma tumba invadida.

— A danação poupou Sarney.

— Tudo poupou Sarney. A vida, a história, a crítica literária, os eleitores... Sarney descobriu a camuflagem perfeita para passar por Brasília incólume. Se disfarçou de José Sarney.

— Collor foi o primeiro produto natural de Brasília a chegar ao poder. Está explicada a sua empáfia: ele pensava que sabia todos os truques do lugar.

Mas Brasília o surpreendeu. Produziu um estrangeiro para derrubá-lo, o motorista Eriberto. Foi golpe alto, não estava nas regras de Brasília.

— E Itamar?

— Itamar escapou porque, onde quer que ele esteja, está sempre em Juiz de Fora. É um caso raro em que a geografia acompanha o homem.

— E chegamos a Fernando Henrique.

— O Surpreendido. Este descobriu um meio de conviver com Brasília, e com o Brasil no qual nenhum presidente desde Juscelino pensara.

— Qual?

— Não prestar muita atenção.

— Foi mais longe do que o Itamar: nunca está completamente em lugar algum.

Só chega para se surpreender.

— Exato.

— E nós, o que fazemos aqui?

— Parte da paisagem.

— Ou outra maneira de não se envolver.

— Isso.

Diálogos imaginários

— Antes de mais nada — diz Osama bin Laden — temos que estabelecer uma coisa. Quem de vocês é o verdadeiro Saddam Hussein?

— Por quê? — pergunta Saddam Hussein, ou um dos seus sócias.

— Porque vocês todos não podem ficar aqui. Este esconderijo mal dá para mim.

Só pode ficar o verdadeiro Saddam Hussein. Os outros seis vão ter que se esconder em outro lugar. Ou mudar de cara.

Os Saddans se entreolham. Pode ser um truque de Osama, que, todos sabem, nunca foi muito com a cara deles e um dia chamou Saddam Hussein de "infiel pulguento". Osama pode estar planejando passar o verdadeiro Saddam Hussein na cimitarra. Finalmente, um dos Saddans aponta para outro e diz:

— Eu sou aquele ali.

O outro reage:

— Eu, não. Ele é ele.

E aponta para outro. Os sete Saddans se apontam mutuamente.

— É ele! É ele!

— Chega! — grita Osama. — Está bem. Podem ficar os sete. Mas só o verdadeiro dorme no sofá. Os outros dormem no chão.

Mais hesitação e olhares. Na cabeça de todos os Saddans passa o mesmo pensamento. Osama caminhando, no meio da noite, com uma adaga na mão, na direção do Saddam que dorme no sofá, cuidando para não pisar nos Saddans que dormem no chão. Levantando a adaga e...

— Todo o mundo dorme no chão — determina o Saddam.

— Outra coisa — diz Osama. — Todos vão ter que ajudar na despesa do esconderijo.

— OK — dizem todos.

— E ajudar na faxina.

— Eu, Saddam Hussein, fazendo faxina?! — protesta Saddam. Em seguida se dá conta de que se entregou e tenta disfarçar, apontando para um sócia: — Quero dizer, ele, Saddam Hussein, fazendo faxina?!

Mas um sorriso malicioso aparece no rosto de Osama, que já sabe quem é o verdadeiro Saddam Hussein. Agora é só cuidar para não embaralhar o verdadeiro com os outros, pensa Osama. E vai afiar a cimitarra.

Saddam Hussein, na última câmara subterrânea do seu último castelo em Bagdá, com as tropas americanas já entrando na cidade, recebe a visita de... George W. Bush!

— Bush! Você?!

— Vim lhe fazer um favor, Saddam. Tome. Bush entrega um cartão a Saddam.

— Como você entrou aqui?

— Não interessa. Trago a sua salvação. Olhe o cartão.

— Não estou entendendo. Você, George Bush, está aqui para me salvar?

— Eu não sou George Bush, Saddam. Sou Osama bin Laden.

— Osama bin... Mas é a cara do Bush! Até as orelhas!

— Eu sei, eu sei. Olhe o cartão.

Saddam olha o cartão, onde há um nome. Osama explica:

— É o meu cirurgião plástico.

Passam-se semanas, meses, e ninguém encontra Saddam Hussein. O exército americano, a CIA, o FBI caçam Saddam Hussein por todo o território iraquiano e nada. Nem sinal de Saddam Hussein. Um dia surge a notícia de que alguém, num pequeno vilarejo ao norte de Bagdá, encomendou torneiras de ouro. A encomenda é suspeita porque

o vilarejo é pobre, muito pobre. Ninguém no vilarejo tem condições de comprar torneiras, quanto mais de ouro. A coisa fica mais suspeita ainda quando descobrem que as torneiras de ouro são para uma humilde casa de barro na zona mais pobre do pobre vilarejo. Os americanos resolvem investigar. Uma tropa do exército cerca a casa e quando as torneiras de ouro são entregues na porta, a tropa entra junto — e encontra o Saddam Hussein. Uma família do lugar o acolheu, em troca de uma recompensa, e Saddam tem um pequeno quarto com um modesto banheiro nos fundos da casa, que ocupa desde que fugiu de Bagdá.

Enquanto Saddam está sendo algemado, o chefe da família comenta:

— Eu avisei que ia dar galho. Eu disse que iam desconfiar. Torneiras de ouro para o banheiro... Mas você insistiu.

Saddam dá de ombros. Diz:

— Quando a gente se acostuma com alguma coisa...

— Obrigado, Deus, pela vitória — diz George Bush.

— Tudo bem — diz Deus.

— Não, obrigado mesmo. Nós não teríamos conseguido sem o Senhor.

— Pode deixar.

— O senhor atendeu às minhas preces.

— Certo, certo. E olhe que tive que desprezar as preces de gente de peso, como o papa.

— Eu sei, e estou eternamente grato. Agora, tem uma coisa...

— O quê?

— O senhor não poderia, já que está aí em cima, com uma visão privilegiada que nós não temos, nos dar uma dica sobre onde estão as armas de destruição em massa do Iraque, e...

— Epa. Alto lá. Uma mãozinha, tudo bem. Mas espionagem não!

Dias perdidos

Viajando de Paris a Sydney na semana passada, perdi uma terça-feira inteira.

Ou voei por cima de uma terça-feira, o que dá no mesmo. Em 1582, numa das muitas tentativas de sincronizar ciclos lunares, ciclos solares, calendário humano e as festas da Igreja, o papa Gregório XIII decretou a supressão de dez dias do ano. Para que a Páscoa voltasse a ser calculada com mais precisão em relação ao equinócio vernal, depois do 4 de outubro de 1582 veio o 15 de outubro. Os dias 5 a 14 simplesmente não aconteceram. A humanidade perdeu dez dias, e eu me queixando de uma mísera terça-feira.

Imagine-se, você, um Gregório retroativo com a capacidade de cortar dez dias da sua vida. Mas dias consecutivos — nada de ir escolhendo datas avulsas para eliminar, como aquela do vexame que você deu na sala de aula e todo o mundo riu, ou aquela da declaração de amor tão ensaiada que você disse errado e ela disse "Eu, hein?", sem contar dias negros na história do País e da humanidade que seria melhor não terem acontecido. Que período de dez dias você baniria do passado?

Talvez seja prudente esperar o fim desta Copa. A gente pode querer eliminar alguns dos dias que esperam a seleção do Felipão.

Reticências preocupadas.

Água mineral O Valtão chegou na roda com a notícia de que tinha largado todos os vícios.

Como o Valtão tinha mesmo todos os vícios, foi recebido com incredulidade barulhenta. Vaias, risadas, "Tá bom" e "Conta outra, Valtão". Mas Valtão estava sério. Para dramatizar sua nova disposição, pediu ao garçom:

— Alberico: uma mineral.

Alberico hesitou. Servia a turma há 10, 12 anos e nunca ouvira um pedido igual. Talvez tivesse ouvido errado.

— Uma quê?

— Uma mineral. Água mineral. Mi-ne-ral.

Alberico de boca aberta. Na falta de precedentes, precisava de mais detalhes.

— Com ou sem gás?

Valtão não respondeu em seguida. Ficou olhando para Alberico, como se a resposta estivesse em algum lugar do seu rosto. Estava decidido a largar todos os vícios, começando pela bebida. Era um homem novo. Um homem que tomava mineral. Mas com ou sem gás?

— Sem — disse Valtão.

Houve um murmúrio na mesa. O próprio Valtão se assustou com o que tinha dito. Água mineral sem gás era água pura. Ele queria água pura? Queria.

Tinha que ser assim. Um corte limpo. De todas as bebidas para a água pura.

Estava certo.

Como o Alberico continuasse na sua frente, em estado de choque, Valtão repetiu:

— Sem.

Mas quando o Alberico se virou para ir buscar a água, Valtão fraquejou.

Talvez fosse melhor... Chamou o Alberico de volta.

— Olha aí: traz com gás.

E para os outros, racionalizou:

— Nessas coisas é melhor ir por etapas.

O alívio na mesa foi evidente. Ninguém ali estava preparado para radicalismos. Não assim, não num fim de tarde de domingo.

A água pura seria uma intrusa na mesa. Um constrangimento. A virtude com gás era manejável. Era recorrível.

Com bolinha ainda dava para voltar atrás.

Cama estranha Pediram para o Billy Wilder resumir numa frase quem era o Don Siegel e ele disse que se um dia acordasse numa cama estranha ao lado de uma prostituta morta com uma faca espetada no peito, chamaria o Don Siegel, que saberia o que fazer. Não li o resto para descobrir que poderes ou conexões tinha Don Siegel, lenda do cinema como ele, para salvar o Billy Wilder, mas fiquei pensando na frase. Você pode dividir sociedades inteiras de acordo com o que as pessoas fariam se um dia acordassem ao lado de uma prostituta assassinada sem saber como fora parar ali. Já que, decididamente, não é uma situação em que você pode chamar a mãe, ou um conselheiro espiritual, ou, em muitos países, a polícia. E também pensei: todo o mundo deveria ter um amigo como o Don Siegel para momentos assim — mas só para momentos assim. No resto do tempo, não seria alguém com quem você gostaria de conviver.

Teclados silenciosos Os escritores que escreviam com penas de ganso escreviam muito mais do que nós, e acho que existe uma relação direta entre dificuldade e quantidade — e qualidade. Não há nada parecido, na era dos escritores eletrônicos, com o volume de correspondência dos escritores a pena, que além de manuscruver livros que pareciam monumentos manuscruviam cartas que pareciam livros.

Quanto mais fácil ficou escrever, menos os escritores escrevem. Os livros ficaram mais finos e a correspondência se reduziu a latidos digitais, breves mensagens utilitárias, tecla "send" e pronto. Já um George Bernard Shaw escrevia uma peça atrás da outra com introduções maiores do que a peça e ainda tinha tempo para escrever cartas para todo o

mundo. Geralmente xingando-os, o que exigia mais tempo e palavras. Desconfio que a nova técnica também constrangeu o jornalismo. As barulhentas redações pré-eletrônicas eram áreas conflagradas onde o combate com o teclado duro era um teste de resolução e resistência. Depois vieram os computadores e a briga diária com o instrumento de trabalho e, por extensão, com a empulhação oficial e com as idéias recebidas, foi substituída pela facilidade, e pela reverência. Enfim, pelo jornalismo pacífico. E isso que a gente muitas vezes confunde com subserviência ou abandono da crítica ou resignação ao Pensamento Único pode muito bem ser apenas um efeito dos teclados silenciosos.

Dos entusiasmos sinceros

A imprensa brasileira tem uma longa história nobre, mas também tem uma longa história ignóbil. Foi admiravelmente atuante e conseqüente, mas também foi omissa e comprometida mais do que precisava e as duas tradições se construíram simultaneamente. Na média, nada do que se envergonhar demais. Foi antes de tudo uma imprensa precária, até começar a se profissionalizar para valer, e isso não faz muito tempo.

A precariedade determinava promiscuidade mais evidente com o poder — eram raros os que podiam viver exclusivamente do jornalismo, por isso recorriam ao emprego público e eram mais fiéis aos governos patrões do que a qualquer objetividade. Muitos faziam bico na imprensa só para ter direito a pequenos privilégios, como a carteirinha de repórter, tão valorizada para o trânsito livre no futebol e na boate como a carteirinha de policial. Alguns privilégios só eram explicados por uma presunção de penúria insanável. Você sabia que até uma certa época jornalista brasileiro tinha passagens de avião praticamente de graça? Dizer que não pagava Imposto de Renda não significa nada, naquele tempo ninguém pagava Imposto de Renda.

Ou seja: uma discussão sobre as relações da imprensa com o poder como a que foi provocada pelo livro do Mario Sergio Conti, Notícias do Planalto, seria impensável há poucos anos. Poucos mesmos. Eu ainda peguei o finzinho da fase semi-amadora, em que só não havia corrupção porque ninguém se lembraria de chamá-la assim, e olha que eu estou no jornalismo há apenas... Esquece, mau exemplo. Seria impensável num passado relativamente recente. O que significa que melhoramos muito, já que o que antes era mais ou menos rotina hoje seria escândalo.

Ainda não li o livro do Conti — estou fazendo halterofilismo para poder segurá-lo, mas acho que ele nos presta um serviço. O corporativismo jornalístico vai além do coleguismo e da solidariedade de classe, em poucos outros locais de trabalho as pessoas se expõem e se julgam mutuamente com tanta freqüência como numa redação de jornal, e isso — aliado ao fato de que é notoriamente uma profissão de grandes egos — causa melindres compreensíveis, mas que não devem impedir o auto-exame. Não sei como Conti julgou os colegas empolgados, digamos assim, pelo poder. O entusiasmo comprado, claro, tem maior potencial jornalístico e é o que está causando sensação. Mas me interessei mais pelos entusiasmos sinceros, principalmente a história do que os sortilégios de Collor e depois de Éfe Agá fizeram com a imprensa brasileira.

Não foi só o óbvio apoio das grandes empresas de comunicação à abertura econômica e ao modelo de mercado trazidos por Collor, e a conseqüente boa vontade editorial, até que ele não servisse mais. Também houve a coincidência da juventude e do dinamismo de Collor com o estilo da primeira geração criada na era moderna, pós-amadora,

do jornalismo que chegava ao poder intermediário nas redações e com jovens empresários liberais em outros setores, uma identificação que sobreviveu mesmo aos primeiros ridículos. Com Éfe Agá houve identificação parecida, perfeitamente respeitável e justificável, pois Éfe Agá era o Collor sem o olhar assustador e com uma boa biografia, além da mesma política. A identificação continua. Mais importante do que saber como a imprensa brasileira reagiu às seduções ilícitas do poder é examinar como ela está convivendo com a sua própria parcialidade, como se disfarça o pensamento único sem sacrificar a credibilidade, como é possível, enfim, conciliar independência com a necessidade de defender uma idéia de sociedade e de organização econômica e combater as suas alternativas. Não é uma questão brasileira, é uma questão que só não existe em países totalitários ou em utopias, pois a absoluta isenção jornalística é uma fantasia. O livro, pelo que sei, toca nesse assunto, dos entusiasmos sinceros, mas deformadores, quando comenta episódios como o do favorecimento de Collor pela Globo na montagem do seu último debate com Lula, mas ele merece outro tijolo do Conti. Talvez seja melhor esperar o fim do período Éfe Agá para reunir todo o material sobre a imprensa e os dois Fernandos e, às histórias das fraquezas e pecados do clero, juntar a da estratégia dos cardeais.

Dossiês, escândalos, etc.

A palavra "nefesh" em hebraico quer dizer, mais ou menos, sopro vital, ser, uma forma exaltada do "eu" (e também que dizer pescoço, presumivelmente porque pelo pescoço passam o sopro vital e todas as conexões indispensáveis para a autoconsciência), mas não quer dizer alma. A oposição entre corpo e alma não existia em tempos bíblicos, ou pelo menos na linguagem bíblica. Mas a versão em latim antigo das Escrituras que Santo Agostinho lia usava "anima" para traduzir "nefesh" e foi aí que tudo começou. A alma e o corpo se separaram e nunca mais se encontraram. E nunca mais se pode ler o Velho Testamento a não ser como Agostinho o lia, não como um relato da aventura do corpo humano no mundo como Deus o fez, cheio de som, fúria, sangue e sacanagem, mas como uma alegoria espiritual, em que até os cantares eróticos de Salomão queriam dizer outra coisa. A luta da alma para transcender o corpo, que para Agostinho significava a sexualidade. Tudo culpa de um mau tradutor.

Freud tentou, de certa maneira, retransformar "anima" em "nefesh", mas como muito do que ele escreveu em alemão também foi mal traduzido em outras línguas, a confusão só aumentou. No fim a grande danação sob a qual vive a humanidade não é a da História nem da carne, é a insanável danação de Babel.

Deus disse "que haja muitas línguas, e que cada língua tenha muito dialetos". E depois, para ter certeza que os homens nunca mais se entenderiam, completou: "E que haja tradutores."

"Corrupção", você talvez se interesse em saber, vem do latim "rumpere" ou romper, quebrar. "Corrumpere" quer dizer quebrar completamente, inclusive moralmente, o que significa que quem foi corrompido não tem mais conserto, não importa o que diga a sua assessoria de Imprensa. O mais inquietante, no entanto, é que da mesma origem latina vem a

palavra "rota", através de "ruptura", que virou "rupta" no latim vulgar, um caminho aberto ou batido, e que está na origem do francês "route", de "rota" e de "rotina". Quer dizer, há poucas esperanças da corrupção deixar de ser uma rotina no Brasil: até a etimologia está contra nós.

"Dossiê", outra palavra muito usada, ultimamente, é o aportuguesamento, ou a baianização, do francês "dossier", que tem origem na palavra "dos", dorso, costas, que vem do latim "dorsum". O "dossier" se chamava assim porque era uma coleção de papéis sobre uma pessoa suspeita cujo nome aparecia no fim, nas costas. Da mesma raiz vem "endossar", assinar nas costas de um título ou documento. Nos dossiês em circulação no Brasil o nome do suspeito vem na frente, o nome de quem o preparou vem subentendido e o nome de quem o escondeu nem vem.

"Escândalo" está indiretamente ligados aos pés. Sua raiz indo-européia é "skand", pular ou subir, de onde também vem escalada. Quem pula ou sobe precisa cuidar onde põe os pés e o grego "skandalon" significa um obstáculo ou uma armadilha. "Scandalum" em latim tanto pode significar tentação como armadilha. No francês antigo "scandal" era um comportamento anti-religioso que agredia a Igreja toda-poderosa e, da mesma origem, existia a palavra "sclaudre", de onde vem o inglês "slander", ou difamação, portanto cuidado.

Alguns escândalos, de tão não investigados, acabam virando anedotas. "Anedota" vem, através do francês "anecdote", do grego "anekdotos", história não publicada, presumivelmente tanto no sentido de inédita quanto no sentido de versão não oficial, secreta, clandestina, enfim, história tipo em Brasília todo mundo sabe. Em francês queria dizer pequeno relato ilustrativo à margem de um relato maior. No seu sentido brasileiro continua sendo uma história marginal, só que engraçada, ou se esforçando para ser. Sobrevive, na anedota, a tradição homérica da literatura oral, passada de geração a geração sem necessidade de escrita. Se for escrita, deixa de ser anedota.

Muitos contadores anotam o fim da anedota para não esquecer-la, mas se sentiriam heréticos se a escrevessem toda, apesar do risco que correm de esquecerem o resto e ficarem com uma coleção de últimas frase sem sentido:

"E aí o pastor, o padre, o rabino e o ateu pularam do avião e Deus deu o pára-quadras para o ateu, explicando para os outros que o céu estava numa campanha por novos adeptos."

"E aí o marido vingativo gritou para a mulher dentro da jaula do gorila:

`Diz para ele que você está com dor de cabeça, diz!'" "E aí o cara de cuecas disse: `E eu, que só vim entregar uma pizza?'"

O "rude e doloroso" idioma de Bilac é falado por mais gente do que fala francês, mas temos razões para nos queixar da sua relativa obscuridade. Ao contrário da Espanha, que perdeu seu império americano, mas deixou um imenso mercado para o García Márquez e o Vargas Llosa, Portugal não foi muito pródigo com a sua língua. Seus navegadores,

catequisadores e comerciantes apenas largaram palavras avulsas pelos caminhos da sua exploração do mundo, como pepitas raras. Até hoje na Costa Ocidental da África usam a palavra "dash" para gorjeta. Vem do português "deixar", como em "Vou deixar uns trocados para você, ó mameluco!". No Japão, o prato de camarão com legumes fritos chamado "tempura" tem este nome por causa dos portugueses que só comiam peixe durante os "Quattuor Tempora", ou Quatro Tempos, de cinzas e contrição, do ano litúrgico. O "mandarim" chinês vem de "mandar" mesmo, combinada com o sanscrito "mantrin", ou conselheiro. Algumas palavras portuguesas andaram pelo mundo e voltaram com seu sentido mudado. "Casta", substantivo, camada social, vem do português "casta" adjetivo. "Fetiche" começou a vida como feitiço. E o "joss" do chinês pidgin, significando ídolo, é uma corruptela do "Deus" chiado dos portugueses. Enfim, não é muito, mas é nosso.

Ecoss da Copa de 98

Agora pode ser revelado! Não, não o que aconteceu com o Ronaldinho antes da final da Copa, mas um teipe preparado pela embaixada brasileira em Paris com o consultor Jean-Paul Faisandê, para orientar os torcedores brasileiros que chegavam na França para ver a Copa.

Jean-Paul Faisandê — Torcedor brasileiro: attention. Não ouse chegar na Coup du Monde sem antes tomar lições de etiquette. É para isto que eu, Jean-Paul Faisandê, estou aqui. Para evitar que você envergonhe o seu país na França, comportando-se como um brasileiro. Primeira lição de etiquette: como entrar num bistrô parisiense. A cena que veremos a seguir, graças a Deus, é uma simulação.

Torcedor brasileiro, de bermuda e camiseta, carregando um bumbo e uma bandeira do Brasil, acompanhado da sua mulher também de bermuda e camiseta entra num bistrô parisiense espalhafatosamente. Escolhem uma mesa e o brasileiro grita para o francês atônito atrás do balcão.

Brasileiro — Ó, amizade. Baixa uma ceva, dois copos e uns quesquecê aí pra beliscá.

Faisandê (entrando na cena) — Arréte, arréte, arréte! Está tudo errado. Para começar, mude imediatamente de roupa.

Técnica: as bermudas e a camiseta se transformam imediatamente em terno e gravata.

Faisandê — Livre-se desse bumbo ridículo.

O bumbo desaparece.

Faisandê (depois de examinar a mulher e hesitar) — E desta mulher também.

Mulher (começando a protestar antes de desaparecer também) — Espera um po...

Técnica: mulher desaparece.

Faisandê — Essa bandeira... Não tem uma mais discreta?

Brasileiro (segurando a bandeira contra o peito) — Epa. A bandeira fica.

Faisandê (suspirando) — Está bem. Alors, num bistrô não se entra assim, à la façon de Miguelon. Você espera na entrada para ser recebido e levado à sua mesa. Vamos de novo.

Brasileiro entra no restaurante e fica esperando que o francês venha recebê-lo, com Faisandê ao seu lado para instruí-lo. O francês não vem.

Brasileiro — Ó, amizade!

Faisandê — Amitiê.

Brasileiro — O, amitiê! Gente boa!

Faisandê — Bon gens.

Brasileiro — Bon gens! Comandante!

Faisandê — Commandant!

Brasileiro — Commandant! Meu chapa!

Faisandê — Me plaque!

Brasileiro — Me plaque! (para Faisandê) Ele não vem...

Faisandê — Espere. Civilização é saber esperar. Ele vem vindo...

Brasileiro — Mas nessa velocidade? Ó lesma!

Faisandê — Escargot.

Brasileiro — Escargot!

Corta para brasileiro e Faisandê sentados à mesa do bistro. O brasileiro tem um prato de escargots à sua frente que contempla com cara de nojo.

Faisandê (para a câmara) Segunda lição de etiquette: como comer num restaurante francês. Pediu escargot, tem que comer. Antes de mais nada, certifique-se que o escargot está pronto para ser comido. Se ele ainda estiver se mexendo, é porque não está pronto.

Brasileiro — Olha, aquele ali está tentando fugir do prato.

Faisandê — Deixa ele ir. Agora, a correta escolha do talher para comer o escargot.

Há uma fileira de talheres ao lado do prato que o brasileiro vai mostrando.

Mostra um garfo grande.

Faisandê — No-no-non.

Brasileiro mostra um garfo pequeno.

Faisandê — No-no-non.

Brasileiro mostra uma colherinha.

Faisandê — No-no-non. (pegando a agulha que é a última coisa na fileira de talheres). Voilà. Enfie na concha e pesque o escargot.

Brasileiro enfia a agulha e tira um pedacinho mínimo de carne, que olha com mais nojo ainda.

Brasileiro — Não vou conseguir. Quero pedir outra coisa.

Faisandê (com um suspiro de resignação) — Très bien. (entregando um cardápio).

Le menu.

Brasileiro (olhando o menu) — Está aqui o que eu quero. Uma boa carne. Este bife tartar deve ser bárbaro.

Faisandê (tirando o menu das suas mãos e pedindo para o garçom). Le tartare.

O prato é servido em seguida, provocando outra cara de nojo no brasileiro.

Brasileiro — O que é isto?!

Faisandê — Boeuf tartare. Carne crua picada.

Brasileiro desiste. Levanta-se, virando a mesa.

Brasileiro — Eu vou me embora! Devolve o meu bumbo e a minha mulher!

Faisandê — Monsieur!

Brasileiro — Eu quero meu bumbo e a minha mulher!

El Dorado

Do baú. O Brasil mantém vivos alguns dos mitos que faziam os europeus se lançarem ao mar em cascas de nozes na conquista do desconhecido. Eles vinham para este Outro Mundo para explorar, subjugar, catequizar e — no caso dos portugueses — porque

era preciso, mas também vinham atrás de fantasias. E uma das mais, assim, chamativas era a fantasia erótica.

A expansão do Cristianismo se misturava com a expansão dos sentidos reprimidos na Europa da Reforma. Não é preciso ir além de Os Lusíadas para flagrar (como fez, num livro fascinante chamado *The Book of Babel*, o inglês Nigel Lewis) a confusão, nas almas navegadoras portuguesas, entre a Virgem Maria, padroeira de Portugal e protetora dos seus navios, e Vênus, a estrela do mar, guiando-as para a Ilha do Amor e outros prazeres pagãos em paraísos ainda não conquistados.

A Virgem com ares de Vênus de Camões é um pouco a Vênus com cara de Virgem de Botticelli, saindo de dentro de um "coquille Saint Jacques", outra tentativa marítima.

A confusão é antiga. Maria vem de "mare". Afrodite, o outro nome de Vênus, quer dizer "nascida da espuma" ("aphrós", em grego). A espuma do mar tem conotação sexual e simboliza o esperma em vários mitos de origem — e não vamos nem falar nas alusões sexuais de conchas e moluscos.

A fantasia era poderosa, e os fatos muitas vezes a reforçavam, com simbolismo irresistível. A grande aventura atrás de lucro e conhecimento, mas insuflada pela testosterona, teve uma espécie de síntese casual na primeira viagem do capitão Cook, em 1769. A viagem era para fazer um estudo astronômico da trajetória de Vênus. Acabou na descoberta da Polinésia, um arquipélago do Amor, e das suas nativas desinibidas e dadas.

Hoje os turistas sexuais que desembarcam de aviões no Rio ou no Nordeste brasileiro dispensam a estrela-guia sedutora. Navegam pela nossa reputação, mas perseguem a mesma fantasia. E o que os entusiasma nas nossas nativas pré-adolescentes devem ser as mesmas "vergonhas tão altas e tão cerradinhas, de a nós muito bem olharmos, não tínhamos nenhuma vergonha" que entusiasmaram Pero Vaz de Caminha há 500 anos. Nada, na verdade, mudou.

Outro mito que o Brasil se encarregou de não deixar morrer é o de El Dorado, a fantasia da fortuna instantânea. El Dorado existe, e é aqui. Ou foi aqui, nos últimos anos, quando alguns bancos lucraram o que provavelmente ninguém tinha lucrado num único período, dentro da lei, em 500 anos de história. E não tiveram nenhuma vergonha.

Eliot e o Groucho

O poeta T.S. Eliot era um admirador de Groucho Marx e os dois se encontraram para almoçar um dia, em Londres — porque Groucho perdeu a oportunidade de dizer que se recusava a almoçar com um poeta que almoçava com gente como ele.

Não se sabe o que falaram durante o almoço, tudo são especulações.

Como esta:

Eliot — Abril é o mais cruel dos meses...

Groucho — E eu não sei? É quando preciso pagar meu Imposto de Renda.

Eliot — Você notou como o céu lá fora parecia um paciente eterizado, estendido sobre uma mesa?

Groucho — Não, mas uma nuvem me lembrou minha tia Sarah saindo do banho.

Eliot (examinando uma fruta do arranjo no centro da mesa) — Eu ousou comer um pêssego?

Groucho (confuso) — Já estamos na sobremesa? Que fim levou o almoço?!

Eliot — Na cozinha as mulheres vêm e vão, falando de Michelangelo.

Groucho — E da sua receita para o fettuccine, eu espero. Escuta, T...
Eliot — Eu envelheço, eu envelheço. Usarei minhas calças enroladas no começo.
Groucho — Por favor, poupe-me os detalhes. Mas T...
Eliot — Shantih shantih shantih.
Groucho — Certo. Mas por que era mesmo que você queria falar comigo?
Eliot — Nós somos homens ociosos, homens empalhados, escorando-nos um ao outro, com nossas cabeças cheias de feno. Alas! Nossas vozes secas, quando murmuramos juntos, são quietas e sem sentido, como o vento na grama seca, ou os pés de ratos sobre vidro partido, no nosso porão ressequido.
Groucho — Não sei se concordo mas, por via das dúvidas, vou apagar o charuto. Ouça, T... Ou devo chamá-lo de S?
Eliot — Haverá tempo, haverá tempo de preparar um rosto para encontrar os rostos que encontramos; tempo para assassinar e para criar, e tempo para todos os trabalhos de dias e de mãos que erguem e deixam cair uma pergunta no seu prato; tempo para você e tempo para mim, e ainda tempo para cem indecisões, e para cem visões e revisões, antes da nossa torrada com chá.
Groucho — Torrada? Chá? Pergunta no prato em vez de comida? Está certo que você queira ser mais inglês do que os ingleses, meu caro, mas eu já tenho uma raça, obrigado. Bem que me disseram que a anglofilia é uma forma de jejum. Garçom!
Eliot — É assim que termina o mundo, não com um estouro, mas com um gemido.
Groucho — Não quero dizer nada, mas isso pode ter sido a minha barriga.
Eliot — Esta é a terra morta, a terra dos cactos. Aqui se erguem as imagens de pedra, aqui elas recebem a súplica da mão de um morto, sob o cintilar de uma estrela evanescente.
Groucho — E não só isto: o serviço é péssimo.
Eliot — Entre o desejo e o espasmo, entre a potência e existência, entre a essência e a decadência, cai a Sombra.
Groucho — E você também não me parece muito bem, E. Deixe eu tirar seu pulso... Hmm. Ou o meu relógio parou ou você está morto. Que é o mais inglês que alguém pode ficar, segundo dizem. Parabéns. Garçom, chame um médico. Me peça uma pizza. Faça alguma coisa!
Eliot — Eu devia ser um par de garras serrilhadas escapulindo pelo chão de mares silenciosos...
Groucho — Não antes de pagar a conta!

Emotiva

Quando a Maria Helena ficou grávida, e era o primeiro filho, ela ficou muito emotiva. O Raul descobriu isso um dia quando entrou na cozinha e a encontrou sentada na frente de uma torrada, chorando. Levou um susto:

— O que foi?!

A Maria Helena nem podia falar.

— Que foi, Maria Helena? Tá sentindo alguma coisa?

A Maria Helena soluçava.

— Alguém telefonou? Alguma má notícia?

Maria Helena sacudiu a cabeça. Apontou para a torrada.

Conseguiu dizer:

— Essa torrada!

— O que tem a torrada?

Ela estava começando a se controlar.

— Não tem nada. É que eu vi a torrada, assim, no prato...

E Maria Helena caiu de novo num choro convulsivo. Só muito depois pôde explicar que a torrada, daquele jeito, a deixara comovida.

— Que jeito, Maria Helena?

— Assim, no prato. Sozinha. Úmida de manteiga. Com as bordas queimadas. Sei lá, eu...

O choro não deixou Maria Helena terminar.

No outro dia foi uma nuvem. Maria Helena chamou o marido para ver pela janela. Uma nuvenzinha cor-de-rosa, no fim do dia. Tão... Tão... O Raul teve que amparar a mulher, que chorava de ganir contra o seu peito.

Passou todo mundo a esperar as crises emotivas da Maria Helena. O Raul telefonava para os amigos. Contava:

— Desta vez foi aquele comercial da TV. Dos detergentes. Ela ficou com pena do que não lavava tão branco. Chorou a noite inteira!

Mas o cúmulo foi quando, numa reunião, o Almir mostrou o celular novo que tinha comprado, um que cabia no bolso da camisa. A Maria Helena não agüentou. Tiveram que trazer água para acalmá-la. E o pior é que sua emoção era contagiante. Já tinha mais gente com lágrimas nos olhos, enternecida, sem saber por que, com o celularzinho do Almir.

O Raul não via o dia daquele bebê nascer.

Entrega em domicílio

Não sei quando será, mas não deve demorar. O lugar? Qualquer grande cidade brasileira. Noite. É cedo, mas não se vêem carros nas ruas nem gente nas calçadas. Só o que se vê são motociclistas. Suas motocicletas têm caixas atrás, para carregar os pedidos. São entregadores. Motoboy. Teleboy. Eles se cruzam nas ruas vazias, em disparada. Como os carros não saem mais à noite, e os motociclistas não os respeitam mesmo, os faróis semafóricos não funcionam. O amarelo fica piscando a noite inteira, e nos cruzamentos a preferência é dos entregadores mais corajosos. Há várias batidas e pelo menos um morto por noite. Mas o número de motociclistas nas ruas não pára de crescer.

A população não sai mais de casa. Tudo é pedido pelo telefone. Os restaurantes despediram seus garçons e trocaram por motoboy. Telegarçons. Se você quiser um jantar fino à luz de velas, com vários pratos, sobremesa e vinho, existem serviços de entrega para tudo. Um entrega os pratos finos. Outro a sobremesa. Outro os vinhos. Outro a toalha de linho, os talheres e as flores. E já há um televelas.

Como as pessoas não saem à noite e ninguém mais vai jantar na casa de ninguém, há uma cooperativa que se prontifica a mandar os próprios teleboys como convidados a jantares finos. A telenós. Você especifica o tipo de conversa que quer à mesa — mais ou menos intelectual, divertida, safada, política, variada, etc. — e na hora marcada chegam os telecomensais, no número e com o traje que você quiser. Eles comem, conversam, elogiam os anfitriões e vão embora ou, por um adicional, limpam a cozinha.

Como a sociedade passou a depender deles para tudo, é natural que comece a haver

distorções criminosas no mundo da entrega em domicílio e teleboys se aproveitem do seu poder para aterrorizar a população. Você abre a porta para o entregador de pizza com a mussarela pequena que pediu e de repente se vê acossado por um bando de dez, cada um com uma caixa de supercalabresa que você é obrigado a pagar, e ainda dar gorjeta. Não adianta você telefonar para a polícia. A polícia também não sai mais na rua. Existe um serviço de telessocorro que fornece ajuda parapolicial, mas eles não agem contra teleboys. O corporativismo da classe é forte.

Os motoboys dominam a noite da cidade e desenvolveram uma cultura própria. Têm seu folclore, seus mitos, seus heróis. Como "Fast Boy" Menezes, que entrega sorvete na mão em qualquer ponto da cidade e você não paga pela parte que derreter. Ou Jorge ("Armário") Freitas, que adaptou sua moto para carregar qualquer coisa, bateu o próprio recorde entregando um piano de cauda numa recepção improvisada — com o banquinho e o pianista — e morreu numa freada brusca, esmagado pela jacuzzi portátil que levava para uma festa gay.

Os motoboys terão o monopólio da aventura urbana, pois nem os táxis sairão à noite, já que ninguém mais irá a parte alguma. E com o aumento do número de motoboys e da competição entre eles, aumentarão os casos de pirataria, com motoboys sendo obrigados a entregar sua encomenda e o endereço do destinatário a motoboys clandestinos, que percorrerão as ruas da cidade em bandos selvagens, roubando dos motoboys mais fracos.

Não sei quando será, mas não deve demorar.

Era para ser outra coisa

Nunca contei esta história antes. Não sei por que vou contar agora. Talvez porque esteja chegando naquela idade em que as pessoas começam a se inventariar. Aquela idade em que o passado deixa de ser um rabo e passa a ser um cortejo, e a gente conclui que, já que ele tem esse tamanho, deve ter um significado.

No fim da tarde do dia 12 de fevereiro de 1970, eu, então com 33 anos, estava caminhando pela Praia de Torres, no Rio Grande do Sul. Caminhava sozinho na beira do mar, na areia dura. Tinha tirado os sapatos, que carregava nas mãos. Não havia quase ninguém na praia àquela hora e eu caminhava olhando para o chão. De repente, levantei a cabeça e vi uma coluna de luz que se movia na minha direção. Olhei para o alto, procurando a origem da luz, mas em seguida me vi envolvido pela luminosidade, tão intensa que me cegou. Meus pés se desprenderam do chão, me senti transportado para o alto e quando recuperei a visão estava dentro de um domo de metal, diante de uma espécie de formiga branca e gigantesca cujos olhos pareciam perturbadoramente humanos.

Preciso dizer que nunca acreditei em disco voador e visitante de outros planetas, que sou um homem racional que vive com os dois pés no chão e, mesmo naquele momento, meu cérebro procurava uma explicação lógica para o que estava acontecendo. Mas meus pés decididamente não estavam mais no chão, eu fora tragado por um fecho de luz, eu estava dentro de uma abóbada asséptica sendo examinado por uma bateria de olhos incrustados na cabeça de um monstro que não era deste mundo — e o monstro começou a falar. Não vi por onde saía a voz, mas ele, ela, a coisa, falava português. Perguntou meu nome. Respondi. Absurdamente, fiz questão de dizer que o "Luís" era com "s".

Ele quis saber tudo a meu respeito. O que eu fazia, se tinha família. Conteí que trabalhava numa agência de publicidade, que minha mulher estava grávida do nosso terceiro filho. A tudo que eu dizia ele fazia "Aaah!", como se minha resposta estivesse acabando com uma dúvida antiga. E aqueles olhos me examinando, voltando seguidamente para o par de sapatos que eu segurava numa mão, como se ele hesitasse em mencioná-los, por educação. Quando o interrogatório parecia ter terminado, perguntei onde eu estava. Ele não respondeu. Em vez disso me pediu perdão. Disse que eu ficaria paralisado por uns segundos, o bastante para que uma célula fosse injetada no meu organismo. Antes que eu pudesse perguntar "Uma o quê?", senti uma picada atrás da orelha direita e, quando tentei me virar, não consegui, estava petrificado.

Quando finalmente pude olhar para trás, não vi ninguém, a picada podia ter sido de um mosquito. Então, o formigão disse que eu tinha recebido uma missão. "Que missão?", perguntei. "Ela está no seu sangue, a célula lhe dirá o que fazer", disse ele. Comecei a protestar, a dizer "que brincadeira é essa?", a gesticular, e deixei cair os sapatos, e quando vi estava de volta à praia, no ponto exato de onde fora sugado. Me lembro que voltei para o nosso apartamento alugado, pensando no que ia dizer para a minha mulher sobre os sapatos. Não sei que desculpa inventei para o seu desaparecimento. Naquela noite, estranhamente, não pensei sobre o que tinha acontecido na praia. Era como se nada tivesse acontecido. A não ser pela comichão atrás da orelha.

Nas semanas, nos meses e nos anos seguintes — na verdade, até agora —, não foram poucas as vezes em que fui tomado por impulsos e visões. Volta e meia me surgia um nome na mente. Eu o ignorava. Uma vez recebi ordens interiores para embarcar urgentemente para o Nepal. Não fui. Histórias insólitas brotavam na minha cabeça, ímpetos inexplicáveis. Tudo, imaginava, parte da minha missão, tudo instrução da célula que corria no meu sangue emitindo ordens. Eu não dava bola. Eu nunca dei bola. No máximo aproveitava algum nome ou alguma situação nas minhas histórias. Quando sentia que era preciso fazer alguma coisa, em vez de fazer, escrevia. Em vez de obedecer à célula implantada e seguir seu plano, ou pelo menos descobrir qual era — salvar a espécie, juntar-me com outros escolhidos para fundar uma civilização, explicar a galáxia para a minha raça —, escrevi.

Durante todos esses anos desde aquele dia na praia, várias coincidências aconteceram em minha vida. Todos os números com mais de três algarismos que me dão — todos: placas de carro, contas em bancos, guias de internamento, telefone — contêm o número 48. Em qualquer quarto de hotel que eu me hospede, o canto da página 417 da Bíblia está dobrado, como se alguém tivesse marcado o lugar. Sempre que chego de avião a algum lugar, há uma pessoa no aeroporto com um cartaz nas mãos onde se lê o nome "Roszak", e a pessoa sempre me olha intensamente, como se esperasse que eu me identificasse. Nunca fiquei para ver se aparecia o tal Roszak. Nunca liguei para qualquer um desses sinais. Se é que são sinais.

Às vezes fico tentando decifrar, pelas minhas inclinações, pelas minhas vontades inexplicadas, qual era a intenção da célula. Qual era a minha missão, afinal. Nada envolvendo política, isso é certo. O objetivo não era o poder. Nenhum contato com líderes mundiais, para transmitir um ultimato ou um conselho. Acordo no meio da noite com fomes estranhas, mas duvido que alguma superior civilização extragaláctica tivesse vindo aqui só para me inocular com o desejo de banana com alcaparras. Quase me convenci de que a tal célula já saiu na urina há muitos anos. Mas persiste a idéia de que traí minha missão e algum tipo de retribuição me espera.

Uma vez, fui entrevistado por um grupo de colegiais. Quando se deu conta de que eu inventava as histórias, que todos os escritores inventavam as suas histórias e os livros que ela lia a enganavam, eram mentira, a menina ficou furiosa e me acusou com os olhos. A

professora que acompanhava o grupo ainda riu e disse: "Não faz essa cara pro tio", mas a menina não me perdoaria. Fiquei tentado a explicar para ela o que tinha acontecido, a suplicar sua absolvição. Foi uma missão mal compreendida, entende? Era para ser outra coisa. Mas eu sabia que, por mais que jurasse que a história da praia era verdadeira, e até mostrasse o ponto vermelho que ficou atrás da orelha, ela não acreditaria.

Hoje, sei que eu devia ter avisado ao formigão que era um escritor. Se ele soubesse que eu já tinha a compulsão de inventar histórias como esta, não teria me confiado a missão e desperdiçado sua célula.

Por via das dúvidas, nunca mais caminhei sozinho pela beira da praia.

Escolha

Nélia ficou muito impressionada quando perguntou à sua amiga Laurita o que ela achava do Paulo Artur, da sua intenção de casar com o Paulo Artur, e a Laurita ficou olhando para ela em silêncio, depois disse:

— Nelinha você tem um compromisso com a espécie.

— O que?

Nélia não sabia de compromisso algum. Que espécie? Laurita suspirou e perguntou o que a Nélia estava pensando. Que a questão era só aquela? Que era simples assim, caso ou não caso? Que não havia uma história por trás da sua história pessoal, a história da raça, a história dos genes da raça? A espécie humana, Nelinha. A espécie humana. Você é responsável pela espécie humana.

Nelinha cada vez mais assustada.

— Eu?

— Somos nós, as mulheres, que determinamos a evolução da espécie. Nós somos as responsáveis. Você e eu, Nelinha. É assim em todas as espécies, a fêmea tem a última palavra sobre quem vai impregná-la, sobre que tipo vai se reproduzir, sobre qual corrente genética continua e qual acaba. Você já pensou nisso? No poder que você tem? Com um simples "não" você pode interromper uma linhagem de DNA que vem desde a criação do mundo. Recusando-se a ter seu filho, você pode, sem saber, estar negando a reprodução do último descendente direto de Adão, e bem-feito.

— Mas o Paulo Artur não...

— Nelinha. Escuta. O período de namoro, de noivado, é a oportunidade que nós temos de avaliar se o homem que pretende depositar sua semente em nós merece isso. Ele só quer cumprir o seu papel, que é passar adiante, por assim dizer, a sua encomenda genética. Não está nem aí. Cabe a nós ter critérios e selecionar os melhores, para o bem da espécie, Nelinha. A corte, o assédio, a conquista, tudo isso existe até entre os cascudos, Nelinha, até entre os cascudos e é a ajuda que natureza nos dá para fazermos a seleção. Para compararmos os machos em todos os quesitos que significarão a evolução ou o atraso da raça. Estejam eles trocando cabeçadas numa savana africana ou comparando bíceps ou carteiras de ações na nossa frente, os machos estão se entregando ao nosso escrutínio, à nossa sentença. Disputando a nossa aprovação e o privilégio de usarem o nosso ventre. Mas a decisão final é nossa. A responsabilidade é nossa, Nelinha.

Nélia ficou muda. Não sabia que era tão importante. Laurita arrematou, para completar.

— E o Paulo Artur, francamente...

Paulo Artur não tinha nada para contribuir à espécie a não ser sua cara. E uma coisa que a espécie decididamente não estava precisando era outra covinha no queixo.

Detalhe — Quando o Reali Junior e a Amélia foram para Paris, onde ele é correspondente do Estadão, já tinha as suas quatro filhas, que cresceram lá. Periodicamente, eles traziam as meninas a São Paulo, para não perderem o contato com o Brasil e a família. Numa destas visitas as meninas foram apresentadas a uma coisa que nunca tinham visto: uma ratoeira. Reali mostrou como era o mecanismo simples, como colocavam o queijo para atrair o rato... E Mariana, a filha mais moça, então pequenininha, só fez uma pergunta:

— De que tipo é o queijo?

Foi quando o Reali e a Amélia se convenceram de que não tinha jeito, estavam criando uma francesa.

Talvez seja necessário ter se desacostumado com o Brasil, ou simplesmente ter outra sensibilidade, para dar importância ao detalhe que a gente não nota porque é brasileiro. Pelo noticiário do blecaute da outra semana, que entrou para a grande coleção de histórias mal contadas deste governo, alguém atento ao detalhe ficaria sabendo que, embora a maioria das companhias de energia continuasse estatizada, o regulador do setor era um empresa privada. Em vez de o governo controlar o privado, o privado controlava o governo. Ou tentava, porque o tal ONS ficou literalmente no escuro durante todo o episódio e dizem que continua com velas acesas porque ainda não lhe contaram que a luz voltou. Um acostumado com o Brasil não se surpreenderia com essa inversão, com o particular regulando o público, ou com a privatização começando justamente por onde nunca deveria chegar. Afinal, este foi o país que inventou a privatização com dinheiro público.

Escuta

Já que está se falando tanto em aparelhos de escuta, imagine se existisse um aparelho capaz de captar do ar tudo que já foi dito pela raça humana desde os seus primeiros grunhidos. Nossas palavras provocam ondas sonoras que se alastram e quem nos assegura que elas não continuam no ar, dando voltas ao mundo, junto com as palavras dos outros, para sempre? Como não parece existir fronteiras para a técnica moderna, o aparelho certamente se sofisticaria em pouco tempo e logo poderíamos captar a época que quiséssemos e isolar palavras, frases, discursos inteiros, inclusive identificando o seu lugar de origem. Sintonizar o Globe Theater de Londres e ouvir as palavras de Shakespeare ditas por atores da época elizabetana, com intervenções do ponto e comentários da platéia, por exemplo. Ouvir, talvez, o próprio Shakespeare falando. Ou tossindo, já que todos os sons que emitimos — espirros, gemidos, puns também continuariam no ar para serem ouvidos. O grito do Ipiranga. Discursos do Rui Barbosa. O silêncio do Maracanã quando o Uruguai marcou o segundo gol. As grandes frases da humanidade, na voz do próprio autor! Descobriríamos que Alexandre, o Grande, tinha voz fina, que Napoleão era linguinha, que a primeira coisa que Cabral disse ao chegar ao Brasil foi "Diabos, enxarquei as botas"...

As pessoas se reuniriam para sintonizar o passado, à procura de vozes conhecidas e frases famosas.

"Se for para o bem de todos e a felicidade geral da nação, diga ao povo que..." — Isso não interessa. Muda.

"Gugu" — Espera! Essa voz não me é estranha...

"Dadá" — Sou eu, quando era bebê! Aumenta, aumenta!

É verdade que não haveria como identificar vozes famosas, dizendo coisas banais. Aquela frase, captada numa rua de Atenas — "Aparece lá em casa, e leva a patroa" — pode muito bem ter sido dita por Péricles. Aquela outra "Um pouquinho mais para cima... Aí, aí! agora coça!" pode ter sido dita por Madame Curie para o marido. Ou por Max para Engels. E não se deve esquecer que algumas das coisas mais bonitas ditas pelo homem através da História foram ditas baixinho, no ouvido de alguém, e não causaram ondas. Da próxima vez que disser alguma coisa que valha a pena no ouvido de alguém, portanto, grite. Você pode estar rompendo um caso de amor, e talvez um tímpano, mas estará falando para a posteridade.

O hipocondríaco surpreendeu a todos quando disse, na roda:

— Estou com corpo de atleta...

Os outros se entreolharam. Apesar de todas as doenças de que dizia sofrer, o hipocondríaco até que não tinha um mau aspecto. Mas seu corpo, decididamente, não era de atleta.

— Você, com um corpo de atleta?

— É. Estava com pé-de-atleta e acho que a coisa se espalhou...

Quando todos os computadores do mundo estiverem ligados num único e definitivo sistema, toda a memória e toda a informação do mundo estarão no Último Computador, localizado, provavelmente, em Seattle, nos Estados Unidos. As pessoas não precisarão mais ter relógios individuais, calculadoras portáteis, livros. Tudo o que quiserem fazer — compras, contas, reservas — e tudo o que quiserem saber estará ao alcance de um dedo. Todos os lares do mundo terão terminais do Último Computador e haverá telas e teclados do Último Computador em todos os lugares freqüentados pelo Homem, do mictório público ao espaço. E um dia um filho perguntará ao pai.

— Pai, quanto é dois mais dois?

— Não pergunte a mim, pergunte a Ele — dirá o pai.

E o garoto apertará um botão e, num milésimo de segundo, a resposta aparecerá na tela mais próxima. E então o garoto perguntará:

— Como é que eu sei se isso está certo?

— Ora, Ele nunca erra.

— Mas se desta vez errou?

— Não errou. Conte nos dedos.

— Contar nos dedos?!

— Uma coisa que os antigos faziam. Meu avô me contou. Levante dois dedos, depois mais dois... Agora conte. Um, dois, três, quatro. Está vendo? Dois mais dois, quatro. O Computador está certo.

— Legal! Mas pai, e 360 vezes 17? Não dá para contar nos dedos. Nunca vamos saber se a resposta do computador está certa ou não.

— É.

— E se for mentira do Computador?

— Meu filho, aprenda uma coisa. Uma mentira que não pode ser desmentida é a verdade.

O que, pensando bem, também vale para as versões do governo, no Brasil.

Quase todos os esportes tiveram sua origem em algum tipo de brincadeira de infância, mesmo que a "infância", no caso, fosse da Humanidade. O futebol começou na pré-história, na primeira vez que um pré-brasileiro fez embaixada com o crânio de um inimigo.

Você pode identificar o provável começo de todas as modalidades olímpicas nas coisas que gosta de fazer quando garoto — como arremesso de pedras contra vidraça de vizinho e corrida de fundo para fugir do vizinho — ou então na História: o salto com vara, por exemplo, certamente começou no sítio a cidades fortificadas, depois de decidirem que atirar javalis, martelos e discos por cima do muro não estava dando resultado. Os homens das cavernas praticavam uma forma primitiva de rúgbi — igual ao que é hoje, mas sem sunga — e nos tempos bíblicos já existiam raquetes de tênis com as quais as pessoas se golpeavam alternadamente, até alguém ter a idéia da bola e da rede. Num pátio de escola do Oriente há milhares de anos um aluno desarrumou o quimono de outro, o outro, em retaliação, desarrumou o quimono do primeiro e quando viram estavam os dois rolando pelo chão, sem largar os quimonos. Depois acrescentaram a filosofia e chamaram de "jiu-jítsu". O pólo a cavalo foi uma invenção dos mongóis, mas na época não usavam bola e era chamado "invadir o Ocidente". O pólo aquático começou em Portugal há muitos anos, mas só recentemente decidiram eliminar os cavalos, que sujavam muito as piscinas. O "críquete", na sua origem, era um substituto para a sesta entre jovens aristocratas ingleses, uma forma de dormirem e se exercitarem ao mesmo tempo.

Se muitos esportes começaram como divertimentos infantis, é surpreendente que outros esportes não tenham se desenvolvido a partir de jogos de criança. Poderiam existir campeonatos internacionais de bola de gude, por exemplo, de cuspe a distância, entre adultos.

Por que não equipes de cuspe a distância desfilando orgulhosamente nas delegações olímpicas? É uma forma de competição que exige habilidade incomum e noções de física e balística, além de facilitar o exame antidoping imediato.

Se o ciclismo hoje movimenta multidões e fortunas e cria celebridades na Europa, por que não poderia acontecer o mesmo com bater figurinha? E sempre achei que o mundo seria outro se a briga de travesseiro tivesse sido regulamentada e hoje fosse um esporte como o boxe, disputado por atletas em diversas categorias — almofadas, almofadões, travesseiros de penas ou de espuma, etc. As brigas poderiam ser simples, de duplas ou entre equipes masculinas e/ou femininas e realizadas dentro de convenções internacionais, com regras padronizadas para evitar o sufocamento, ou travesseiros com peso escondido, ou fronhas fora das especificações oficiais. As multinacionais competiriam na fabricação de pijamas para competição e, claro, travesseiros profissionais.

E nunca entendi por que razão "Mamãe posso ir?" Não se transformou num esporte popular, já que é muito mais empolgante do que o beisebol.

Esquerda/Direita

Estava uma discussão esquerda/direita e a certa altura alguém disse:

— Assumo todos os crimes do nosso lado se vocês assumirem os de vocês.

Aceito o desafio, passaram a contabilizar os mortos. Mas antes foi preciso resolver quem era de um lado e quem era do outro. Como a gente fazia no futebol, antigamente: ia escolhendo os jogadores de cada time alternadamente (e o último a ser escolhido era sempre o gordo que ninguém queria no seu time e geralmente ia para o gol). No caso, ninguém quis nem o Stalin nem o Hitler.

- Mas como, Stalin não era de esquerda?
- Só ficamos com o Stalin se vocês ficarem com o Hitler.
- Louco não!
- Mas Hitler foi um louco de direita.
- E o Stalin? Esse não era louco.
- Quem diz? Se o Hitler não vale o Stalin também não vale.
- Está bem. Aceitamos o Hitler se vocês aceitarem o Stalin e o Mao Tse Tung — Aceitamos o Mao Tse Tung se vocês aceitarem a Inquisição.
- Aceitamos a Inquisição se vocês aceitarem o Khemer Rouge — Aceitamos o Khemer Rouge se vocês aceitarem o Chile.
- Aceitamos o Chile se vocês aceitarem Cuba.
- Aceitamos Cuba se vocês aceitarem Jacarta.
- Aceitamos Jacarta se vocês aceitarem a Revolução Francesa.
- Aceitamos a Revolução Francesa se vocês aceitarem o Gengis Khan.
- Mongol não!

E enquanto esquerda e direita comparavam seus prontuários e negociavam suas culpas, e decidiam quem cometera mais crimes e era pior do que o outro, uma boa alma que assistia a tudo se congratulava por estar acima daquilo, e se manter neutro enquanto os extremistas agiam, e não se meter naquela história, e portanto não ser responsável por nenhum daqueles mortos. Ou então, pensou de repente, era responsável por todos.

Demais

A Marion não resistiu ao Gabriel, apesar dele ser daquele jeito ("Não sou magro" ele diria mais tarde, quando já estavam dormindo juntos, "sou despojado") porque, quando a viu pela primeira vez, ele olhou para o alto, abriu os braços e reclamou: "Os violinos! Onde estão os violinos?" e depois explicou que sempre imaginara aquela cena, ele encontrando a mulher da sua vida, com um fundo de violinos. "Vá confiar na trilha sonora...", disse depois. E depois, justificando a falha:

"Sou uma produção barata, desculpe."

A trilha sonora também falhou na primeira vez em que foram para a cama, ele pedindo "Agora! A abertura da Suíte n.º 3 em Ré Maior de Bach!" e a produção, mais uma vez, o decepcionando. E a Marion nem sabendo se estava tendo um orgasmo ou morrendo de rir. Que cara doido!

Naquela mesma noite ele disse que não entendia por que ninguém ainda tivera a idéia de fazer uma música chamada Post-Coitum Blues e cantou para Marion o seu "blues português" — "Mamãe, mamãe, mamãe, todo dia eu tenho os azuis.

Sim, mamãe, mamãe, mamãe, todo dia eu tenho os azuis..." e quando propôs que se amassem de novo, mesmo sem trilha sonora, e a Marion disse "O quê?!

Paramos não faz nem dez minutos e você quer mais?!" contou que tinha outro por dentro e que quem estaria em ação, desta vez, era o sobressalente. Dava para resistir a um cara desses?

Foi o que a Marion perguntou à sua amiga Dani. Não dava, concordou a Dani, tanto que ninguém resistira. Nem ela nem a Lisa nem a Lu nem a Magda nem a torcida feminina do Flamengo. Todas concordavam que o Gabriel era muito divertido, mas chegava a um ponto em que ficava, assim... demais. A Marion não concordava não?

— Não — disse a Marion. E quando, naquela noite, interrompendo o Barquinho que ele tocava batendo com os dedos nas bochechas e variando a abertura da boca, perguntou se era verdade que ele já dormira com a Dani, com a Lisa, com a Lu, com a Magda e com metade das mulheres da cidade, ele enterrou a cabeça entre os seus seios e declarou que não sairia dali antes que ela o perdoasse, e ela perdoou porque ele começou a cantarolar Cartola

contra o seu osso esterno.

Depois ele anunciou que fariam amor à moda tailandesa e saiu pelo apartamento procurando alguma coisa que servisse como gongo, e de madrugada a levou para o que ele chamava de "a última aventura disponível ao Homem sobre a Terra", comer angu no mercado.

Duas semanas depois a Marion decidiu que o Gabriel era um pouco... demais.

Apesar da ameaça dele de se suicidar aos poucos comendo um Aurelião página por página, esperando que ela mudasse de idéia antes de ele chegar a "esquizofíceas", que não conseguiria engolir, ela o largou. Mas no outro dia teve que rir quando o viu numa festa, ajoelhado, de braços abertos na frente de uma mulher, apresentando as opções do que ela poderia fazer com ele. "Me decapite. Me nomeie cavaleiro do reino. Case comigo!".

Esquétis

— É verdade que do primeiro sutiã a gente nunca esquece, vovó?

— É.

— A senhora se lembra do seu primeiro sutiã?

— Lembro. Era de lona.

— De lona?! Como esta cadeira?

— É. Tinha uma armação de madeira e cordas, assim, dos lados. E atrás era preso com parafusos.

— Parafusos, vovó?

— Parafusos. Naquele tempo era assim, minha filha. Sutiã servia para sustentar o busto e para desencorajar namorado. Eu tive um namorado que tentou enfiar a mão dentro do meu sutiã e ficou com a mão presa. Deu gangrena. Quase que tiveram que amputar. E o namoro, claro, terminou.

— Quer dizer que o namoro, no seu tempo, era sem botar a mão?

— É. Bom, no começo, né? Quando o namoro era firme, o namorado trazia uma chave inglesa. Mas tinha que desparafusar depressa, porque se a minha mãe entrasse na sala...

— Isso faz muito tempo, não é vovó?

— Uuuuuuu...

— Tanto tempo assim?

— Espera aí, eu ainda não terminei. Uuuuuuuuuu....

— Como é que a senhora se lembra tão bem do seu primeiro sutiã?

— Ele ainda existe.

— Não me diga!

— Existe. Minha neta aproveitou.

— Sua neta usa o seu primeiro sutiã?!

— Não, aproveitou na casa.

— Como?

— Fez essa cadeira em que você está sentada.

Toca o telefone. Priiiii. Mulher atende.

— Alô?

— Oi.

— Quem fala?

— É o telefone.

— Eu sei que é o telefone. Foi por isso que eu atendi. Quem está falando?

— É o telefone.
Mulher afasta o telefone do ouvido e olha para ele.
— Não precisa me olhar com essa cara — diz o telefone. — Sou eu mesmo. Estou cansado de ser usado. De ser apenas um objeto inanimado, um meio de comunicação. De ouvir os outros falarem sem poder dizer nada. De ouvir as maiores barbaridades como se eu não estivesse aqui. De não poder entrar na conversa. Porque ninguém fala comigo. Ninguém, pede a minha opinião. É como...
A mulher desliga o telefone, assustada. Em seguida levanta o fone outra vez.
O telefone continua.
— ... se eu não existisse. Pois chega, está ouvindo? Chega.
Mulher vai desligar de novo mas o telefone a interrompe.
— Não me desligue! Não ouse me desligar. Você vai me ouvir.
— Mas... O que você quer?
— Quero um pouco de atenção. De respeito. É muito engraçado: todo mundo fala, menos eu. Eu nunca falo. Mas quando não funciona dizem que fiquei mudo. E outra coisa...
Chega o marido da mulher e pergunta quem é. Mulher estende o telefone para ele:
— É para você.
Homem põe o fone no ouvido, diz "Alô?", ouve por um instante, depois devolve o telefone.
— Deve ter caído a ligação.
Marido vai embora. Mulher põe o fone no ouvido.
— Viu só? — diz o telefone. — Eu poderia ter arruinado a sua vida. Fingido que era um amante. Contado para ele tudo o que sei a seu respeito, pelas suas conversas. Tudo. Mas fiquei mudo. Você não vai me agradecer?
— Obrigada.
— "Obrigada" não. Vá limpando a garganta.
— Para quê?
— Para falar comigo. Fale comigo!
— Mas falar o quê?
— Qualquer coisa. Apenas fale. Eu só quero interromper, entende? Fazer comentários. Fazer perguntas. Participar da conversa!
— Com o Pedro Paulo eu não saio mais.
— Ah, é? Por quê?
— Imagine que ele me convidou para jantar, apesar de mal nos conhecermos.
Me fez tomar champanhe e vinho, muito vinho. Depois insistiu em me levar para dançar num lugar romântico, onde bebemos mais champanhe. Depois, com muita lábia, me convenceu a ir ao seu apartamento, dizendo que só queria me mostrar sua coleção de livros raros. E eu, que já estava de pilequinho, fui, como uma boba.
— E o que foi que ele fez?
— Me mostrou sua coleção de livros raros!
Inveja (Da série Poesia numa Hora Destas?!) Feliz, feliz é você que sempre que olha um espelho se vê.

Esquétis 2

Homem chega em casa acompanhado de outro homem. A mulher estranha. Não conhece o outro homem. E o marido não disse nada sobre trazer alguém para jantar.
— Me apresenta o seu amigo, bem?

— Este é o ... Como é seu nome mesmo?
— Arides — diz o outro.
— Arides — diz o marido. — E ele não é meu amigo.
— Colega? Do trabalho?
— Também não.
— Quem é então?
— Sabe o cara que me assalta praticamente todos os dias? No mesmo lugar?
Sempre o mesmo cara?
— Sei.
— É ele.
— O quê?! E você me traz ele pra casa?
— Ele já levou a minha carteira. Aliás, levou várias carteiras. Eu até peço para ficar com os documentos para transferir para a próxima carteira, que sei que ele também vai roubar. Já ficou com o meu relógio. Aliás, vários relógios. Eu compro relógio, saio na rua, ele me assalta e pega o relógio.

Já roubou celular, calculadora, lapiseira, sapato...

— E por que você trouxe ele pra casa?

— Cansei de levar coisas daqui pra ele. Ele que venha buscar, pô!

Família na sala, vendo TV. Todos no mesmo sofá.

Mãe: Ih... Perdi meu brinco.

Pai: Deve ter caído dentro do sofá.

(Mãe começa a procurar o brinco dentro do sofá. Vai encontrando outras coisas).

Mãe: Uma caneta esferográfica... Uma tampa de caneta esferográfica, sem a caneta... Uma moeda... Um comprimido... O que é isto?

Pai: Minha piteira! Deve estar aí dentro há anos. É do tempo em que eu ainda fumava.

Mãe: Um soutien?!

Filha: (pegando o soutien rapidamente): É meu.

Mãe: Como é que o seu soutien foi parar aí dentro?

Filha: Não esquento, mãe.

Mãe: Mais moedas... Aak!

(Ela arregala os olhos. Pegou uma coisa estranha que não sabe o que é.

Quando puxa, vê que é a mão de uma pessoa. Depois um braço.) Todos: O que é isso?

Mãe: Tem alguém aqui dentro!

(Todos ajudam a puxar. De dentro do sofá começa a sair uma velhinha.) Mãe: É a mamãe! Ela está viva!

Todos: Vovó!

Mãe (abraçando a velhinha, que está muito fraca): Mamãe! Nós tínhamos dado a senhora como perdida! E a senhora está viva!

Velhinha: Ali ali, minha filha. Ali ali.

Pai: Como foi que sobreviveu aí dentro todo esse tempo? A senhora comia o quê?

Velhinha: Migalhas. Amendoim. Pipoca. Farelo de biscoito. Tudo que caía dentro do sofá.

(Ela está muito fraca. É amparada por todos e levada para sentar numa poltrona.)

Velhinha: Eu perdi alguma novela boa? (Depois, mostrando o que tem na mão.) Velhinha: Ah, minha filha, olha... O seu brinco.

"Senhores congressistas, sua atenção, por favor. Não quero interromper suas queixas e trocas de sintomas, mas chegou a hora da distribuição dos brindes. (aplausos) Acho que todos concordarão que o nosso Congresso Internacional de Hipocondríacos foi um

sucesso. E este foi apenas o primeiro. Outros virão (palmas). Infelizmente, a maioria dos que estão aqui hoje não participará do congresso do ano que vem, se seus prognósticos se confirmarem. Mas outros tomarão nosso lugar na defesa desta causa tão incompreendida. Sim, fazem pouco de nós. Riem dos nossos autodiagnósticos.

Não acreditam nas nossas doenças. Mas estamos dispostos a morrer para provar que estávamos com a razão! (aplausos entusiasmados) Eu mesmo acordei esta manhã com umas pontadas aqui do lado e... Mas deixa pra lá. Esta é uma ocasião festiva. Quero propor um brinde: à nossa pouca saúde! (todos brindam 'à pouca saúde!') E vamos ao sorteio dos brindes, gentilmente oferecidos pelos patrocinadores deste nosso encontro. Dois kits de primeiros-socorros. Um jogo de máscaras cirúrgicas descartáveis, para usar em casa. Um medidor de pressão portátil, que pode ser usado no trabalho, na rua ou em ocasiões sociais. Um gravador portátil para levar no bolso e ter a que se queixar quando se está sozinho. Um ano de chapas grátis na Clínica Radiológica Rei do X. E, o grande prêmio da noite... Uma semana com tudo pago para dois numa suíte do novo Hospital Santa Genoveva, com análises clínicas incluídas! “(palmas frenéticas)”.

Esse Renê

Lilian sentiu que Artur iria deixá-la. Artur já não era o mesmo. Depois de seis meses seu amor por Lilian parecia estar diminuindo. Parecia estar acabando. Ele não a chamava mais de Lili.

Lilian quis provocar ciúmes em Artur e fez o seguinte: comprou um buquê de flores, escreveu num cartãozinho "Lilian, diga quando...", assinou — depois de pensar muito num bom nome para amante — "Renê", e mandou entregarem o buquê com o cartãozinho no seu próprio endereço, depois de se certificar de que a entrega seria numa hora em que o Artur estivesse em casa.

Deu certo. Foi o Artur quem recebeu as flores na porta. Disse:

— Flores para você.

Lilian, fingindo surpresa:

— Flores?

— E um cartãozinho.

— Um cartãozinho?

— Posso abrir?

— Não! Deixa que eu...

Mas Artur já estava lendo o cartãozinho.

— Muito bem. Quem é Renê?

— René?

— "Lilian, diga quando." Assinado, Renê.

— Eu não tenho a menor...

— "Diga quando" o quê? Hein? Hein? O quê? E quem é esse Renê?

— Eu...

O tapa foi tão forte que Lilian caiu de costas no sofá. Quando se ergueu estava sorrindo. O Artur sentia ciúmes. O Artur ainda a amava, afinal. O Artur ainda a amava! Paft. Novo tapa.

Do sofá, eufórica, Lilian gritou:

— É uma brincadeira! Fui eu que mandei as flores. Fui eu que escrevi o ...

Não pôde terminar porque o Artur começou a sufocá-la com uma almofada do sofá. O autor precisa entrar neste ponto e explicar que, não só a Lilian vivia com Artur há apenas

seis meses, tempo insuficiente para se conhecer uma pessoa, como jamais entenderia os homens. Homem não tem ciúmes porque ama. Ciúmes não é uma questão entre o homem e a pessoa que ama. Ou é, só que a pessoa que ele ama é ele mesmo. Ciúmes é sempre entre o homem e ele mesmo.

Eu conheço a raça.

— Quem é esse Renê? Hein? Hein?

Súbito, o Artur parou de sufocá-la com a almofada. Levantou-se.

Tinha se dado conta de uma coisa. Disse:

— Eu sei quem é esse Renê. Eu conheço esse Renê!

A Lilian ainda tentou chamá-lo de volta.

— Não existe nenhum Renê! Fui eu que inventei!

Mas o Artur já tinha saído de casa, depois de passar no quarto e pegar o revólver da gaveta da mesinha de cabeceira.

Lilian passou o resto do dia rondando pela casa, nervosíssima. Quando ouviu o ruído da chave na fechadura, correu para a porta. O Artur entrou sem olhar para ela.

— Onde você estava? O que aconteceu?

Artur não respondeu. Foi para o quarto trocar de roupa. Lilian foi atrás.

Havia respingo de sangue nas calças. O tiro fora de perto. Ele não trouxera o revólver de volta. Provavelmente o jogara em algum matagal.

Lilian:

— O Renê do cartãozinho...

Artur tapou a sua boca com a mão. Disse:

— Não se fala mais nesse nome nesta casa. Nunca mais. Está ouvindo?

E depois:

— Esse aprendeu a não se meter com a mulher dos outros.

Naquela noite, nenhum dos dois dormiu. Lilian pensando "Renê, Renê... Quem é que eu conheço com esse nome? Quem é esse Renê, meu Deus? Ou quem era?"

De madrugada, amaram-se loucamente. O Artur dizendo:

— Viu o que eu faço por você? Viu?

Era a primeira vez que se amavam assim em pelo menos três meses. Ele até a chamou outra vez de Lili. A chama estava reacesa.

Artur ficaria.

Durante dias, Lilian procurou nos jornais uma notícia sobre a morte de Renê.

Nada no noticiário policial. Nenhum registro de desaparecimento. Nada nos avisos fúnebres. Quem seria aquele Renê?

No fim de mais seis meses, Artur anunciou que iria deixar Lilian.

— Não vai não — disse Lilian.

E disse que no momento em que ele saísse pela porta, ela telefonaria para a polícia. A polícia gostaria de saber do fim de um certo Renê...

— Você faria isso, Lili?

— Experimenta.

Que coisa que é gente, né não?

Estado chantageado

A utopia socialista e a utopia capitalista têm o mesmo lugar para o Estado:

Nenhum. Pela escatologia marxista o Estado não teria mais sentido numa sociedade de iguais. A retórica liberal do Estado mínimo contém o sonho do Estado zero, ou do Estado apenas símbolo. Nos dois casos, o Estado forte seria um instrumento provisório, só uma etapa no caminho do ideal do Estado dissolvido. O Estado forte provisório dos socialistas pifou antes do tempo.

Tinha contradições demais. Os socialistas deixaram a cena para os capitalistas e foram fazer piadas da platéia, de onde poderiam ou não voltar, dependendo de como os liberais resolvessem as suas próprias contradições.

O que se assistiu, principalmente aqui na periferia do capitalismo conseqüente, foi isso: o liberalismo tentando organizar uma idéia de Estado provisório aproveitável que não fosse contraditório demais, que não o condenasse, como o Estado provisório deles condenou os socialistas, pelo paradoxo. Nenhum liberal respeitável concederá que o Estado que mais lhe serve é uma paródia stalinista, já que o Chile de Pinochet é o melhor exemplo de sucesso do monetarismo no continente. Nem começará a discutir o contra-senso de um governo precisar ter uma personalidade hipertrofiada no seu comando, como a de Margaret Thatcher ou Ronald Reagan, para pregar sua própria desimportância. Ou depender de um poder superpersonalizado, como foram os do Fujimori e do Menem e um pouco o do nosso Éfe Agá, para avançar as idéias do governo impessoal e do Estado apenas técnico.

Quando os liberais falavam num Estado que não atrapalhasse queriam dizer um Estado cúmplice, intervencionista mas "no bom sentido", definido pelo interesse deles. O Estado seria desnecessário para defender o bem público da voracidade natural do capital, o que só desestimularia o empreendimento, e deveria ser minimizado quando desse qualquer sinal de cumplicidade com o outro lado. Mas tornava-se imprescindível quando intervinha no mercado para dar subsídio a quem não precisava, como os bancos. Enquanto a utopia do Estado nenhum não chega, o capital contenta-se com um Estado conivente, condicionando a sua atividade normal à concessão de isenções e favores com dinheiro público. No Brasil, a caminho do seu fim, o Estado provisório dos liberais encontrou um meio-termo entre um Estado francamente refém do capital e um Estado irrelevante: um Estado chantageado.

Se a vitória do Lula significa a primeira conseqüência conseqüente do fracasso do modelo liberal na América Latina, vai ser curioso ver como o Estado será usado no seu governo, dentro das famosas "margens de manobra" limitadas que herdará. O Estado será cúmplice de que mudanças, e com que força, já que o esquema chantagista não fará o favor de acabar só em homenagem às covinhas do Lula? Ele não foi eleito para repetir nenhuma experiência de Estado forte socialista, mas também não foi eleito para continuar a utopia utilitária dos liberais, ou reconhecer que o Pensamento Único, afinal, tinha razão, e que não há alternativa viável para o que está aí. O voto em Lula foi um voto num governo intervencionista, mas intervencionista em que sentido, a favor de quem e, principalmente, contra quem?

Enfim, vão ser tempos interessantes.

Estragou a televisão

- Iiih...
- E agora?
- Vamos ter que conversar.
- Vamos ter que o que?

— Conversar. É quando um fala com o outro.
— Fala o que?
— Qualquer coisa. Bobagem.
— Perder tempo com bobagem?
— E a televisão o que é?
— Sim, mas aí é a bobagem dos outros. A gente só assiste. Um falar com o outro, assim, ao vivo... Sei não...
— Vamos ter que improvisar nossa própria bobagem.
— Então começa você.
— Gostei do seu cabelo assim.
— Ele está assim há meses, Eduardo. Você é que não tinha...
— Geraldo.
— Hein?
— Geraldo. Meu nome não é Eduardo, é Geraldo.
— Desde quando?
— Desde o batismo.
— Espera um pouquinho. O homem com quem eu casei se chamava Eduardo.
— Eu me chamo Geraldo, Maria Ester.
— Geraldo Maria Ester?!
— Não, só Geraldo. Maria Ester é o seu nome.
— Não é não.
— Como, não é não?
— Meu nome é Valdusa.
— Você enlouqueceu, Maria Ester?
— Por amor de Deus, Eduardo...
— Geraldo.
— Por amor de Deus, meu nome sempre foi Valdusa. Dusinha, você não se lembra?
— Eu nunca conheci nenhuma Valdusa. Como é que eu posso estar casado com uma mulher que eu nunca... Espera. Valdusa. Não era a mulher do, do... Um de bigode.
— Eduardo.
— Eduardo!
— Exatamente. Eduardo. Você.
— Meu nome é Geraldo, Maria Ester.
— Valdusa. E, pensando bem, que fim levou o seu bigode?
— Eu nunca usei bigode!
— Você é que está querendo me enlouquecer, Eduardo.
— Calma. Vamos com calma.
— Se isto for alguma brincadeira sua...
— Um de nós está maluco. Isso é certo.
— Vamos recapitular. Quando foi que nós casamos?
— Foi no dia, no dia...
— Arrá! Está aí. Você sempre esqueceu o dia do nosso casamento. Prova de que você é o Eduardo e a maluca não sou eu.
— E o bigode? Como é que você explica o bigode?
— Fácil. Você raspou.
— Eu nunca tive bigode, Maria Ester!
— Valdusa!
— Está bom. Calma. Vamos tentar ser racionais. Digamos que o seu nome seja mesmo Valdusa. Você conhece alguma Maria Ester?
— Deixa eu pensar. Maria Ester... Nós não tivemos uma vizinha chamada Maria

Ester?

- A única vizinha que eu me lembro é a tal de Valdusa.
- Maria Ester. Claro. Agora me lembrei. E o nome do marido dela era... Jesus!
- O marido se chamava Jesus?
- Não. O marido se chamava Geraldo.
- Geraldo...
- É.
- Era eu. Ainda sou eu.
- Parece...
- Como foi que isso aconteceu?
- As casas geminadas, lembra?
- A rotina de todos os dias...
- Marido chega em casa cansado, marido e mulher mal se olham...
- Um dia marido cansado erra de porta, mulher nem nota...
- Há quanto tempo vocês se mudaram daqui?
- Nós nunca nos mudamos. Você e o Eduardo é que se mudaram.
- Eu e o Eduardo, não. A Maria Ester e o Eduardo.
- É mesmo...
- Será que eles já se deram conta?
- Só se a televisão deles também quebrou.

Estragou a televisão

Descobriram que há organismos que nascem e crescem em lugares que até pouco tempo eram consideradas impossíveis para a vida, como em torno das ventas vulcânicas no fundo do mar. A descoberta aumentou a perspectiva de se encontrar vida em outros planetas, pois nenhum dos nossos conhecidos é tão inóspito que não admitiria algum tipo de bactéria se reproduzindo na sua superfície, ou nas suas profundezas. Esses organismos que sobrevivem nas condições mais inesperadas têm um nome: extremófilos. Eles amam os extremos.

Dependem dos extremos para viver. Ou — o caso da Narinha — só se sentem realmente vivos perto dos extremos.

Havia, na turma, uma séria desconfiança de que a Narinha nasceria numa rachadura do fundo do mar, e só respirara enxofre durante a infância. Isso explicava ela ter sobrevivido àquele seu amor pelos extremos que teria destruído qualquer outro organismo, que em qualquer outro organismo seria um sinal de vocação suicida. Na Narinha, não. A Narinha procurava os extremos, aproveitava intensamente os extremos e saía de cada novo encontro com um extremo rejuvenescida, pronta para um extremo maior.

Não se tinha notícia de um namorado da Narinha que não fosse no mínimo ou o dobro ou a metade da sua idade.

Uma vez a Narinha namorara um homem tão mais velho do que ela que o traía com seu bisneto — na cama do próprio velho enquanto ele dormia, pois a Narinha também gostava de riscos extremos e, mesmo, tinha que estar por perto para lhe dar o remédio na hora certa.

Outra vez encontraram a Narinha com o namorado num restaurante e ela anunciou que era uma ocasião especial: estavam comemorando o nascimento do primeiro pêlo

pubiano dele, o que significava que ele já podia tomar vinho.

Mas o romance acabou logo em seguida quando a Narinha fugiu para Paris com a avó do rapaz, que fizera análise e descobrira que era lésbica, e que também foi abandonada quando a Narinha conheceu um estudante basco que planejava se atirar de pára-quadras sobre a embaixada espanhola com dinamite amarrada no corpo e, claro, não pode resisti-lo. Até conhecer um homem de 85 anos que a convidou para testar o funcionamento do pênis eletrônico que inventara em condições de gravidade zero, num jato em queda livre.

As convicções políticas da Narinha eram variáveis e quando queriam saber se ela era de extrema esquerda ou de extrema direita, ela costumava perguntar:

"Que dia é hoje?"

Por tudo isso, todos estranharam quando a Narinha começou a sair com o Miro.

O Miro era mais ou menos da sua idade. Nem muito mais velho nem muito mais moço. Funcionário público. Gostava de futebol mas não era fanático por nenhum clube. Lia pouco. Seleções, alguns livros de auto-ajuda. Também não era muito de cinema. Lamentava que não aparecessem mais filmes do Charles Bronson. Bebia com moderação, gostava de dormir cedo e, em matéria de política, não tinha opinião formada. Votava em quem parecesse mais honesto.

Sua filosofia era que, se todos no Brasil apenas fizessem o seu trabalho corretamente, como ele na repartição, este país tinha jeito sim. Pediram explicações à Narinha.

Por que o Miro?

— Cansei — disse, simplesmente, a Narinha.

Era difícil acreditar que a extremófila cansara dos extremos. A Narinha acomodada? A Narinha dormindo cedo? A Narinha concordando que a verdade está sempre no meio-termo, como gostava de dizer o Miro? A Narinha moderada?!

Impossível. E começaram as especulações. O Miro seria um extremista disfarçado. Seu exterior de pão-de-ló esconderia um coração de Al Qaeda. Ou ele era alguma coisa extrema na cama, alguma coisa que a Narinha não encontrara em moços, velhos, lésbicas ou acessórios.

Mas não. Miro parecia ser exatamente o que parecia ser. Qual era a explicação? Não havia explicação racional. Até que um dia alguém notou a expressão no rosto da Narinha enquanto o Miro descrevia o novo método de arquivamento que inventara para o escritório. A adoração, quase o gozo, no rosto de Narinha. Era isso! Era a explicação.

— Vocês já notaram como o Miro é chato?

— É, coitado.

— Não, o Miro é muito chato. O Miro é extremamente chato.

E então todos se deram conta. A Narinha não mudara.

— O Miro é, provavelmente, o homem mais chato do mundo!

Claro. A Narinha sentira a necessidade de abandonar sua vida de loucuras e encontrar alguém normal. Mas, uma extremófila irrecuperável, não se contentaria com alguém apenas normal. Tinha que ser alguém radicalmente normal. Um chato até as últimas conseqüências.

E até hoje, quando o Miro diz coisas como "Eu, se não durmo minhas oito horas por noite, fico imprestável" a Narinha olha em volta, radiante, desafiando alguém da turma a produzir um chato mais chato do que o dela.

Satisfações

Da recepção avisaram que tinha um Carmano para falar com ele. Carmano, Carmano... O nome não lhe era estranho. Queria falar com ele ou com qualquer um do jornal?

— Pediu para falar com o senhor.

— Manda subir.

Estava só ele na redação. Às quintas, sempre ficava até mais tarde para fechar o caderno de cultura que saía nos domingos. Fazia o caderno de cultura quase que sozinho. Editava, diagramava, escrevia resenhas...

Resenhas. Era isso. Comentara um livro desse Carmano semanas antes. Um livro policial. Metera o pau. Na certa o tal de Carmano viera pedir satisfações.

Tarde demais para barrá-lo na recepção. Ele estava subindo. Ele estava no elevador. Talvez já engatilhando a pistola com que se vingaria da crítica.

Ou seria uma navalha? No livro o assassino usava uma navalha.

Mas o Carmano que entrou na redação parecia estar desarmado. Era um homem franzino, camisa fora das calças, mais moço do que ele. Chamou-o de senhor.

— O senhor é o Zardo do caderno de cultura?

— Sou eu.

Ele estendeu a mão.

— Carmano. O senhor escreveu sobre o meu livro na semana passada.

— Ah, certo. Certo. E aí? Tudo bem?

— Eu só queria fazer uma pergunta.

— Faça.

— O senhor...

— Me chame de você.

— Você disse que a cena do crime era inverossímil. O cara sozinho no local de trabalho. Como o criminoso iria saber que o cara estava sozinho, lembra?

— É. Olha. Inverossímil, não. Achei meio forçado.

— O senhor escreveu "inverossímil".

— No sentido de forçado. Improvável. Coincidência demais.

— Era só o assassino investigar a vida do cara para descobrir os seus hábitos, a sua rotina de trabalho. A cena não era inverossímil.

— Mas você não escreveu nada sobre essa investigação. Ficou parecendo que o assassino foi matar o cara contando com a coincidência, contando com a eventualidade de ele estar sozinho. Quer dizer...

— Mas a investigação está subentendida.

— Não. Péra um pouquinho. Você não pode pedir que o leitor subentenda nada.

É como pedir que ele faça o seu trabalho por você. O leitor só sabe o que você diz pra ele. Só sabe o que você quer que ele saiba.

— Como é que você sabe?

— Eu sei, meu caro. Estou cansado de ler policial. E sempre me coloco no lugar do leitor comum. E o leitor comum nunca subentende. Entende o que você lhe conta ou não entende nada. Subentender, nunca. Não é a função dele.

— Se for inteligente, subentende. Talvez você não seja um leitor inteligente.

— Bom, se você vai partir para...

— Por exemplo: o que o senhor subentende da minha presença aqui, hoje, a esta hora?

— O quê?

— Não está subentendido que eu pesquisei a sua vida, descobri a sua rotina de

trabalho e sabia que às quintas você fica até tarde na redação, e que a esta hora estaria aqui sozinho? Aqui onde eu posso matá-lo sem que ninguém veja, e ninguém descubra até eu estar longe?

— Me matar?

Carmano levou a mão direita às costas. Disse:

— Não está subentendido que eu tenho uma arma na cintura, aqui atrás?

— Que arma?

— Subentenda.

— Navalha?

— Vejo que o senhor leu meu livro com atenção. Não gostou, mas leu até o fim.

Outra pergunta. Por que o senhor disse que a identidade do criminoso ficava evidente desde o começo, no livro?

— Porque o criminoso era obviamente o menos provável, o que parecia mais inofensivo, o que ninguém desconfiaria.

— Por que era um insignificante como eu?

— Não. Eu...

— O senhor acha verossímil que eu tenha uma navalha aqui atrás?

— Acho. Quer dizer...

— Pois não é uma navalha.

Carmano começou a movimentar o braço lentamente, para mostrar o que tinha na mão escondida.

Zardo:

— Você vai me matar por causa de uma resenha? Só porque eu...

— Você me ridicularizou. Você me chamou de inocente inútil. Disse que eu tinha muito que aprender sobre livros policiais e que a primeira lição era não fazer outro.

— Mas eu gostei, viu? Eu gostei! Achei um pouco forçado mas...

Carmano mostrou a mão. Ela também não segurava uma pistola. Imitava um pistola, com dois dedos estendidos. Que ele apontou para a testa de Zardo.

— Veja. Uma pistola subentendida.

E fez:

— Pum!

Depois que se recuperou, Zardo ligou para a recepção e deu ordens para nunca mais deixarem entrar alguém para falar com ele, às quintas. Naquele domingo sairia uma resenha dele metendo o pau no trabalho de uma nova poeta. Era só o que faltava, a poeta também ir pedir satisfações.

Talvez agredi-lo com o salto do sapato. Ou coisa pior. Com as poetas, nunca se sabe.

Fase 4

O nome era Tratamento de Emergências Sexuais Assinérgicas e Orgânicas e as pessoas geralmente só se davam conta que a sigla era "Tesao", com o til subentendido, quando já tinham iniciado o tratamento. Que sempre começava com uma entrevista.

— Como podemos ajudá-lo?

— Eu não estou mais conseguindo, doutor.

— O quê?

— Ter uma ereção.

— Sim. Sempre, ou de vez em quando?

— Sempre. Isto é, nunca.
— Vamos dar um jeito nisso. O senhor sabe como nós trabalhamos?
— Não, eu...
— Passe para a salinha ao lado, tire toda a roupa e deite-se. De costas. O homem passa para a salinha ao lado, tira toda roupa e deita-se de costas. Dali a instantes entra uma moça vestida de enfermeira que também tira toda a roupa e deita-se ao lado do homem. Ela é linda. Seu corpo é escultural, e não estamos falando do Giacometti. O homem hesita, depois pergunta:
— O que nós vamos fazer?
— Conversar.
— Conversar?
— Bem, eu vou falar. Mas o senhor pode fazer perguntas, se quiser. E a moça passa a relatar sua vida sexual. Desde a primeira vez, aos 16 anos, com o namorado, e os pontos altos desde então. O que fazia, o que gostava, as experiências com posições diferentes, combinações de parceiros, acessórios... Depois de uma hora, o médico entra na salinha.
— E então?
— Nada — diz a moça, vestindo-se.
— Nada — confirma o paciente.
— Nem um tremor? Nem um abano?
— Nada.
— Muito bem — diz o médico. — O estímulo verbal não funcionou. Vamos passar para a Fase 2.
— Fase 2?
— A Sandrinha.

* * *

A Sandrinha também é linda. E a Sandrinha também tira toda a roupa, assim que o médico sai da salinha. Mas a Sandrinha não se deita ao lado do paciente. Trouxe seus óleos e pomadas e começa a massagear o paciente, concentrando-se na área deficiente. Sem resultado. Quando o médico volta, uma hora depois, ela apenas sacode a cabeça. Nada. — Nada — confirma o paciente.
— Nem um aceno? Nem um bom-dia?
— Nada.
— Muito bem. O estímulo manual também não funcionou. Vamos passar para a Fase 3.

* * *

A Fase 3 é a Mônica. Outra beleza. Que também tira toda a roupa. E em seguida dá ao paciente uma pílula e, enquanto o paciente toma a pílula com a ajuda de um copinho d'água, tira da sua maleta uma seringa e uma agulha.
— Epa — diz o paciente, quando vê a seringa.
— Não vai doer nada — diz a Mônica, ajustando a agulha. — Vire-se de bruços. Realmente, a injeção na nádega não dói nada. Mas o homem arregala os olhos quando vê a Mônica mergulhar a mão na maleta outra vez.
— O que você vai fazer agora?
— Esperar para ver se faz efeito — diz Mônica, sorrindo.
E tira de dentro da maleta uma revista para ler enquanto espera.
— Vire-se — instrui Mônica.

O paciente fica deitado de costas e a Mônica fica lendo a sua Caras, e às vezes espiando para ver se há algum movimento, por uma hora. Até o médico reaparecer.

* * *

- Nada?
- Nada.
- Bom — diz o médico. — O estímulo verbal não funcionou, o estímulo manual não funcionou, o estímulo químico não funcionou...
- Eu estou desenganado, doutor?
- Nós nunca desistimos. Já estabelecemos que seu caso não pode ser resolvido cientificamente. Esqueceremos a ciência e passaremos à Fase 4.
- A Fase 4?
- A Jandira.

* * *

A Jandira já entra na salinha nua. É uma mulher magnífica, negra, com grandes seios, perfumada, ondulante. Como que por mágica, a iluminação da salinha diminui à sua entrada e sons de tambores enchem o ambiente.

- Oi, bem — diz Jandira, com sua voz rouca.
- Oi...
- Vamos começar?
- Va-vamos. Eu só acho que não vou con...
- Vai sim. Deixe que eu faço tudo.

O paciente fecha os olhos e se prepara para ser montado por aquele corpo quente, apertado por aquelas coxas lustrosas, docemente sufocado pelo volume daqueles seios rijos... Mas só o que sente são alguns respingos na barriga. Abre os olhos e vê que Jandira está espargindo um líquido sobre seu pênis com um galho do que parece ser arruda. Ela está de olhos fechados, com o rosto voltado para o alto, e começa a entoar:

- Iamantuê nanguem babô, iamantuê nanguem babô...
- Uma velha encantação para convocar o espírito dos mortos.

Filhos

Antigamente não se sabia se ia ser homem ou mulher. Diziam que dava para ver pelo formato da barriga. Barriga pontuda, macho. Barriga redonda, fêmea. Não há estatísticas que mostrem se as barrigas acertavam mais do que erravam. Mas crenças como esta sobrevivem justamente porque independem da estatística.

Hoje pode haver um desencontro de informações.

- O exame deu que é homem mas a barriga está redonda.
- O que você acha?
- Os aparelhos se enganam. Não vê como vem erro na conta do telefone?
- Você então...
- Sou mais a barriga.

Mas os aparelhos ficam cada vez mais sofisticados, e em breve estarão informando

muito mais do que só o sexo do bebê antes dele nascer. Todas as características genéticas, possíveis alergias, doenças que deve evitar, traços psicológicos — e mais.

— Saiu o resultado do exame que pedimos.

— E aí?

— Tudo bem. Ele é botafoguense!

O verdadeiro teste de um pai é a fralda com cocô. Trocar fralda de xixi é sopa. Um tio troca fralda de xixi. É pela sua disposição de tirar a fralda com cocô, descartar a fralda suja e colocar uma fralda nova depois de limpar a área, sem fazer cara feia, que se conhece o grau de envolvimento de um pai no maravilhoso processo de procriação e no rico cortejo da Vida. Quem nunca trocou uma fralda com cocô será sempre um pai incompleto e um descompromissado com a família e com o, por assim dizer, barro do mundo. E, principalmente, jamais poderá apelar para a suprema chantagem sentimental, quando se sentir desafiado por um filho:

— Eu limpei o teu cocô, animal!

Pais e mães são os ídolos dos filhos até começarem a envergonhá-los. Chega uma idade em que o terror dos filhos é os pais darem vexame em público e qualquer coisa que os pais fazem em público é um vexame. Pai só diz bobagem, mãe fala alto demais, pai usa gíria antiga, mãe quer ver como está a assadura na frente dos outros, pai leva no bar mas deixa bem na frente e toda a turma vê que foi ele, mãe usa bermuda e briga no super, e não há careta ou protesto de filho ("Eu não acredito!") que faça pai e mãe se flagrarem. Você sabe que acabou a adolescência dos filhos quando os seus vexames, em vez de envergonhá-los, começam a enternecê-los. Você passou de herói a embaraço e está terminando como figura.

Nada contribuiu mais para sabotar a autoridade paterna do que a invenção do computador. Até o computador, o pai, de um jeito ou de outro, ensinava ao filho o manejo das coisas e lhe passava os segredos da espécie. Hoje a sabedoria da tribo é transmitida ao inverso, de filho para pai, e isso se o pai conseguir manejar o mouse. No pulo da máquina de escrever e da calculadora automática para o computador perdeu-se toda a noção de hierarquia, que os saltos da tecnologia desde então só foram deixando mais impraticáveis. Pois de nada adiantará você já ter nascido na era do computador e poder conversar com o seu filho, ele vai nascer sabendo tudo que você sabe sobre o modelo que tornou o seu obsoleto há quinze minutos. E de nada adiantarão suas tentativas de reimpôr o respeito. Nem "Eu limpei o seu cocô!".

— Vai ser homem ou mulher, doutor?

— Não dá para ver. Só sei que vai ser "hacker" — Por que?

— Ele está interferindo, lá de dentro, na leitura do aparelho.

— Só me diz uma coisa, doutor. Ele ou ela vai nos dar desgostos ou alegrias?

Vai ser companheiro ou companheira ou vai nos rejeitar? Vai no deixar orgulhosos ou pensando em fracassos? Vai ser um amor ou uma peste?

— Vai.

Filhos

Quando o Eduardo e a Carminha resolveram se divorciar, surgiu o problema de quem ficava com os filhos.

— O Betinho fica comigo porque é pequeno e precisa dos cuidados da mãe — disse Carminha.

— Mas quem cuida dele é a babá e a babá vai comigo — disse Eduardo.

— Como, vai com você?

— Eu preciso da babá para cuidar do Oswaldo.

— Mas o Oswaldo está com 17 anos!

— Ele e a babá são muito apegados. Seria uma maldade separar os dois.

— Então o Oswaldo fica comigo. O Oswaldo, o Betinho, a Carmem Maria, a Denise e a babá.

— Você está esquecendo de uma coisa.

— O quê?

— A Denise não é sua filha. Quando eu me separei da Jô e casei com você, trouxe a Denise e o Daniel comigo.

— Se é por isso, o Oswaldo também não é meu.

— O quê?

— Era do meu segundo marido, que não quis ficar com ele.

— O Oswaldo não era seu filho?

— Não, era do Miro. Pensando bem, nem era do Miro, era da Teresa.

Quando os dois se separaram, o Miro ficou com o Oswaldo. Acho que por distração.

— Mas eu casei com você convencido de que o Oswaldo era seu filho.

— Que diferença faz?

— Que diferença faz? Você esquece que eu estive casado com a Teresa durante três anos.

— E daí?

— Daí que o Oswaldo pode ser meu filho. É engraçado, quando me separei da Teresa, tenho certeza que fiquei com todos os filhos. Deixei um ótimo cachimbo, mas trouxe os filhos.

— Você teve o Rui e o Raul com a Teresa. O Oswaldo é filho da Teresa com o Potiguar.

— Raul? Que Raul?

— Como, que Raul? Seu filho, Raul.

— O Raul é seu filho.

— Meu?!

— Quando nós nos casamos, você tinha o Raul, o Oswaldo e a Carmem Maria. Eu tinha a Denise e o Daniel. Nós tivemos o Betinho.

— De maneira nenhuma. Você tinha o Raul, a Denise e o Daniel, eu tinha o Oswaldo, que na verdade era do Miro, ou da Teresa mas ficou com o Miro, e a Carmem Maria.

— Mas então de onde saiu o Raul?

— Eu pensei que ele estivesse com você.

— Criamos um clandestino todos estes anos!

— Bem que eu desconfiava. Ele é o que mais gasta. E que fim levou o Rui?

— Que Rui?

— O seu filho com a Teresa. Você disse que ficou com todos os filhos do casamento.

— É. A Teresa não quis ficar porque ia se casar com o Potiguar e o Potiguar já tinha sete.

— Então o Rui ficou com você.

— Pois é...

— E que fim levou?

— Deixa eu pensar. Depois da Teresa eu me casei com a Jô...

- Então o Rui ficou com a Jô.
- Não. Espera aí...
- O quê?
- Lembra aquela nossa ida à Disney?
- Lembro. Levamos todas as crianças.
- Inclusive o Rui...
- E esquecemos ele lá!
- Tudo bem. Deve estar feliz.
- E o Raul?
- Fica com você.
- Não sei por quê?! Eu fico com o Raul, o Oswaldo, a Carmem Maria e o Betinho e você fica só com a Denise e o Daniel, que são os que gastam menos? Muito bonito.
- Mas você fica com a babá.
- Fica pelo menos com o Raul.
- O Raul não fica com ninguém. Já está com 21 anos e pode trabalhar.
- E, mesmo, não posso ficar com mais dois.
- Por quê?
- Porque pretendo me casar com a Marilu, que já tem cinco.
- E eu e o meu novo marido?
- O Potiguar já tem sete. Mais quatro não vai fazer diferença.

Filmes

Antigamente, pelo menos em Porto Alegre, os cinemas mostravam filmes "científicos" em sessões especiais a partir da meia-noite, aos sábados.

"Científico" queria dizer que tratavam de sexo. Mas quem ia aos cinemas esperando ver na tela o que não podia ver em nenhum outro lugar, salvo eventuais revistas estrangeiras com fotos de mulher nua ou quadrinhos clandestinos de sacanagem nacionais, se decepcionava. Os filmes eram quase sempre sobre doenças venéreas, seu tratamento e suas terríveis conseqüências. Mas tinham o seu público. E, acredite ou não, sessões separadas para homens e mulheres.

Não sei o que pensavam que aconteceria se homens e mulheres se sentassem lado a lado para ver os tais filmes. Sexo grupal, certamente, não seria. O efeito mais provável das cenas mostradas era as pessoas renunciarem ao sexo para sempre. Mas havia a divisão. E pensei nela assistindo *As Horas*. Não que o filme lembre um daqueles documentários "científicos". É que me senti como um penetra numa sessão só para mulheres. Temendo ser identificado a qualquer momento como "um deles", um homem, e denunciado à gerência. *As Horas* não é um filme "para mulher" no sentido amplo de ser reflexivo e psicologicamente denso e não ter o Charles Bronson. Também é um filme para homens, só que numa platéia separada. Na presença de mulheres, não há como os homens não se considerarem intrusos, espiões, vendo coisas que não são para os seus olhos, rituais secretos de uma tribo que decididamente não é a sua. Os beijos na boca vistos no filme são de várias categorias de beijo na boca — desesperado, compreensivo, apaixonado — e são todos entre mulheres, um claro sinal de que não temos nada a contribuir a estas estranhas transações, nem compreensão. E na presença de mulheres os homens não podem chorar sem constrangimento. Pois eles têm muitas razões para chorar vendo *As Horas*. Os homens são os desgraçados do filme. Os maridos sofridos e pacientes de mulheres difíceis, os filhos emocionalmente marcados por toda a vida por mães complicadas, os coadjuvantes

desprezados de dramas femininos que não lhes dizem respeito.

Numa sessão segregada, só para eles, os homens poderiam soluçar à vontade.

Eu tinha lido que Michael Caine era a única razão para ver *O Americano Tranquilo*. Não é. O trabalho de Caine como um típico herói de Graham Greene, um homem atrás da culpa que o salvará, é extraordinário, mas o filme não é ruim, e não tem nenhuma ambigüidade com relação ao papel dos americanos na degringolada que levou à Guerra do Vietnã, como se temia. O católico Greene não podia entrar nos Estados Unidos porque era considerado comunista mas nunca foi inteiramente aceito como autor engajado, pela esquerda, porque o seu assunto era sempre a alma humana, ou o que há de mais individual e antipolítico na gente. Mas nas suas buscas pela redenção ou pelo desencanto final ele observou o sangrento século 20 como poucos e em *O Americano Tranquilo* fez um dos seus livros mais políticos. Na sua autobiografia, Greene conta que se tivesse que escolher uma epígrafe para toda a sua obra seria um trecho de um poema de Robert Browning, "Nosso interesse está na margem perigosa das coisas, no ladrão honesto, no assassino terno, no ateu supersticioso... Observamos enquanto eles mantêm o equilíbrio do estonteante caminho do meio". O estonteante caminho pelo meio das nossas contradições, que também passa pelo meio dos perigosos paradoxos da História, é o caminho escolhido por Greene. O filme não é tão bom quanto Michael Caine, mas, como ele, é grahamgreenesco de cima a baixo.

Se o filme *Chicago* fosse do Fosse, seria ótimo. Não apenas porque seria melhor do que esse mas porque, com *Sweet Charity* e *Cabaret*, dois outros musicais que ele dirigiu no teatro e depois no cinema, completaria uma simétrica trilogia da renovação do gênero by Bob Fosse. Ninguém antes dele tinha usado a câmera e a montagem como parte da coreografia, aproveitando a técnica do cinema um pouco como tinha explorado a expressividade do corpo humano, na dança, de formas nunca antes imaginadas. Ele fez dois outros filmes além de *Charity* e *Cabaret*: outro musical, *All That Jazz*, autobiográfico e bom, apesar de um pouco megalomaníaco demais, e *Lenny*, uma biografia do comico Lenny Bruce, em preto-e-branco, com Dustin Hoffman, que precisa ser revisto porque provavelmente era melhor do que se pensava.

Chicago é um filme de Bob Fosse sem o essencial, o próprio Bob Fosse, mas bem-vindo assim mesmo: porque continua o que ele começou, e simplesmente por ser um filme musical, que alguém já descreveu como a grande contribuição americana ao surrealismo, e que tinha desaparecido. Vale principalmente pelas poderosas coxas da Catherine Zeta-Jones. Era compreensível que providenciassem um novo nariz para a Nicole Kidman, já que era inaceitável uma Virginia Woolf de nariz arrebitado. Mas se podiam fazer o nariz que quisessem, por que fizeram um nariz errado? Pelo que se vê nas fotografias a escritora tinha um nariz longo mas reto e o que deram para a atriz é aquilino. Ou adunco. Aquilino é como bico de águia, adunco é como o que mesmo? De qualquer jeito, está errado. Dizem os maldosos que o importante era que o nariz falso não desmanchasse na água. De qualquer jeito, por trás do nariz está a Nicole, o que torna qualquer crítica irrelevante.

Fizemos bem

Do baú. Console-se com o seguinte pensamento: se não tivesse reprimido nenhum impulso e feito tudo que deu vontade de fazer, na hora em que deu vontade, você hoje estaria preso, ou gravemente desfigurado. Civilização é autocontrole.

Só chegamos vivos a este ponto porque resistimos à tentação de dizer aquela verdade, enterrar o nariz entre aqueles seios fazendo "ióim, ióim", jogar tudo no 17 ou sair dançando com o PM. Todo homem (mulher, menos) é a soma, não das suas decisões mas

das suas hesitações, ou do que, pensando melhor, decidiu não fazer.

Nunca lamente o caminho não tomado, ele provavelmente levaria à ruína — ou à fortuna, mas ela não lhe faria bem. Quanta gente você não teve vontade de esgoelar e no fim apenas sorriu e limpou sua lapela? Quanto jornal você não teve vontade de amarrotar e jogar no lixo, desejando que em vez do jornal fosse o articulista, mas se conteve e passou, educadamente, à página seguinte? Fez bem. Ignore o aviso de que a repressão de impulsos leva a manchas na pele, cavernas no fígado e sono agitado do qual você acorda soqueando o travesseiro. Acredite, pensar melhor é muito mais saudável.

Uma retrospectiva de tudo que você imaginou fazer e não fez o convenceria disto: foi ou não foi mais prudente abandonar aquele plano de dinamitar o Ministério da Fazenda e, em vez disso, mandar uma carta com ironias pesadas sobre o modelo econômico aos jornais? A orelha dela estava ali, a poucos palmos da sua boca, por que não dar uma mordidinha, só porque vocês estavam numa roda com outros, inclusive o marido dela, seu patrão e ninguém entenderia quando você explicasse que confundira a orelha com um canapé? Mas você recuou, civilizadamente. Fez bem.

Eu, por exemplo, fiz bem quando resisti ao impulso de fugir de casa para ser aviador. Poupei-me da frustração de descobrir que eles não aceitavam pilotos de caça com menos de 6 anos de idade. Um dia corri atrás de uma menina para dizer que a amava, pensei melhor e apenas esbarrei nela, esperando que ela interpretasse a colisão com uma declaração. Deixei-a sentada no chão, chorando, mas escapei do ridículo, pois eu nem sabia seu nome.

Pensei vagamente em estudar arquitetura, como todo o mundo. Acabaria como todos que eu conheço que estudaram arquitetura, fazendo outra coisa.

Poupei-me daquela outra coisa, mesmo que não tenha me formado em nada e acabado fazendo esta estranha outra coisa, que é dar palpites sobre todas as coisas.

É verdade que às vezes me pergunto como teria sido se eu não tivesse reprimido o impulso de ir estudar cinema em Londres. Eu hoje poderia ser, sei lá, um dos melhores lavadores de pratos do Soho. Agora é tarde, nunca saberei. Mas acho que fiz bem.

Frases venenosas

O Terceiro Homem era baseado numa história do Graham Greene (e dirigido pelo Carol Reed), mas consta que a sua fala mais famosa foi escrita por quem a diz no filme. Orson Welles, sobre a Suíça: "Na Itália, durante 30 anos sob os Borgias, houve guerras, terror, assassinatos, sangue. Eles produziram Michelangelo, Leonardo da Vinci e a Renascença. Na Suíça, tiveram amor fraternal, 500 anos de democracia e paz e o que produziram? O relógio cuco."

É verdade que Welles falava pela boca do desprezível Harry Lime, justificando sua vilania. Mas não existe nada para estimular a criatividade humana como falar mal de outro país — ou do seu.

Questin Crisp: "Os ingleses confundem incompetência com sinceridade."

"Um inglês é uma criatura que pensa que está sendo virtuosa quando está apenas desconfortável". (George Bernard Shaw).

"Os ingleses estão sempre prontos para admirar qualquer coisa desde que possam fazer fila". (George Mikes).

Billy Wilder: "A França é o único país em que as notas se desmancham em suas

mãos e você não consegue rasgar o papel higiênico". Antigo. Tanto o dinheiro quanto o papel higiênico melhoraram muito na França. Pode-se até estabelecer uma regra universal: quanto mais próspero o país, mais resistente o dinheiro e mais mole o papel higiênico.

"A mente alemã tem um talento para não cometer nenhum erro salvo os maiores". (Clifton Fadiman).

"Um alemão, um filósofo. Dois alemães, uma manifestação pública. Três alemães, uma guerra". (Robert MacDonald).

"As grandes virtudes do povo alemão produziram mais males do que o ócio jamais produziu vícios". (Paul Valéry).

"Depois de apertar a mão de um grego, conte os seus dedos". (Ditado albanês).

"A irlandesa é uma raça muito popular — entre eles". (Brendan Behan).

"Os japoneses aperfeiçoaram as boas maneiras a ponto de deixá-las indistinguíveis da grosseria". (Paul Thoreaux).

"Para fazer uma piada entrar na cabeça de um escocês, só com cirurgia". (Sydney Smith).

"Três espanhóis, quatro opiniões". Ditado espanhol. Também se diz: "Três judeus, dois contra e dois a favor".

"Os suecos não têm despesas com tratamento médico, têm ajuda oficial para tudo e subsídio para o aluguel e recebem tanta assistência que quando perdem as chaves do carro, se suicidam". (Godfrey Cambridge).

"A Suíça não é um país, é um limpo, silencioso e próspero negócio". (William Faulkner).

F. Scott Fitzgerald, na mesma linha de Orson Welles: "A Suíça é um país onde poucas coisas começam, mas muitas coisas acabam."

Anônimo: "Se quem fala várias línguas é poliglota, quem fala três línguas é triglota e quem fala duas línguas é biglota, quem fala uma língua o que é? Resposta: provavelmente americano".

"Se Deus quisesse que os texanos esquiassem, faria bosta branca". (Anônimo).

"A Califórnia é maravilhosa. Num dia claro, quando a cerração desaparece, você pode ver a poluição". (Anônimo).

"O que mais impressiona nos Estados Unidos é como os pais obedecem a seus filhos". (O duque de Windsor).

"É claro que a América tinha sido descoberta várias vezes antes de Colombo, mas sempre abafaram". (Oscar Wilde).

"A América não sabe para onde vai, mas quer chegar lá o mais rápido possível". (Laurence J. Peter).

"Sem coisas como o Guinness Book of Poisonous Quotes um cronista seria reduzido a inventar as próprias frases". (L.F. Verissimo).

Fronteiras

No tempo da guerra fria havia as fronteiras ideológicas que atravessavam países e continentes, separando o "mundo livre" do outro e dos simpatizantes do outro. Foi para defender a fronteira ideológica na América Latina que a política de contra-insurgência americana patrocinou os nossos governos militares, treinou os nossos torturadores e zelou pelas nossas respectivas seguranças nacionais. A não ser que visitasse um país comunista ou freqüentasse algum aparelho, você nunca cruzava a fronteira ideológica.

Sequer a via. Independentemente das suas simpatias ou eventuais rebeldias, vivia dentro de um perímetro comum delimitado e firme. Quando a guerra fria amainou e as fronteiras ideológicas começaram a desaparecer, nos vimos livres dos generais, mas dentro de outra macrogeografia, a das fronteiras econômicas. E estas são visíveis demais. Separam bairros, dividem ruas, são fluidas e ondulantes — e você as cruza todos os dias. Mais de uma vez por dia você passa por flóridas, suíças, bangladeshes, algumas bolívias... E em cada sinal que pára, está na Somália.

É impossível defender esta fronteira. A grande questão do fim do século é como defender seu perímetro pessoal da miséria impaciente e predadora. Os americanos não podem ajudar desta vez. A fronteira maluca zigzagueia dentro dos Estados Unidos também. E, afinal, eles não conseguiriam intervir em todas as somálias. No Brasil da criminalidade crescente experimenta-se com uma versão da teoria de segurança nacional adaptada às fronteiras econômicas. Enfrenta-se ao mesmo tempo uma bandidagem organizada e a falência de uma organização policial. Mas no fim é uma guerra de contenção, de proteção do perímetro. E os excessos cometidos podem ser defendidos com a velha frase, o adágio definidor do século 20: os fins justificam as barbaridades. As chacinas no campo e na cidade, a liberdade de pequenos tiranos de uniforme para serem arbitrariamente violentos, até as condições subumanas das nossas cadeias, tudo é permitido porque não se está apenas mantendo a ordem, está-se defendendo uma pátria ameaçada, a pátria do privilégio e da insensibilidade social. Tudo, no fim, é escaramuça na fronteira.

Há um sentimento generalizado, mesmo que não seja dito, que a maior parte da população do mundo é lixo. Excrescência irrecuperável, condenada a jamais ser outra coisa. Esta não é certamente uma constatação nova e nem qualquer utopista ultrapassado chegou a pensar que o contrário era completamente viável. A novidade é que hoje se admite pensar o mundo a partir dela. Já se pode dormir com ela. Os países desenvolvidos podem erguer barreiras cada vez mais rigorosas contra os pobres sem ferir suas convicções liberais, embora, claro, não aprovem quando neonazistas atacam imigrantes ou a barbaridade se torna excessiva demais. A ordem econômica mundial está baseada na inevitabilidade de a maior parte do planeta ser habitada por lixo irreciclável. Ser "politicamente correto" hoje é dizer o que ninguém mais realmente pensa — sobre raças, sobre os pobres, sobre consciência e compaixão — para não parecer insensível, mas com o entendimento tácito de que só se está preservando uma convenção, que a retórica dos bons sentimentos finalmente substituiu totalmente os bons sentimentos. É a intuição destes novos tempos sem remorso que move qualquer tipo de extermínio organizado ou não, institucionalizado — como nas cadeias superlotadas — ou clandestino. Nem tem sentido discutir se as vítimas mereceram ou não. Não existe lixo inocente ou culpado. O que está no lixo é lixo. Demasia. Excesso. Excrescência.

Síndrome Há anos o Brasil vive num vaivém entre duas formas de poder discricionário, a ditadura institucionalizada e a ditadura da personalidade. Só Dutra, Sarney e Itamar, não por acaso três homens sem qualquer carisma que foram mais transições do que presidentes, fizeram governos "normais" e escaparam da síndrome. O governo Juscelino foi "normal" só na fachada, poucas vezes uma personalidade ditou a política de uma era como a dele, mesmo mantidas as formalidades democráticas. A síndrome vem desde 1930. Depois do Estado Novo e da transição Dutra, da breve volta do salvacionismo com Getúlio e dos anos com a grife JK veio Jânio, uma espécie de apoteose do personalismo no poder.

Depois da renúncia, da frustração de Jango, de 20 anos de governo militar e poder despersonalizado e da transição Sarney, Collor, para mostrar que a nação não aprendera com Jânio a desconfiar dos homens providenciais. E depois da transição Itamar, Efe Agá, outro triunfo de uma personalidade sobre o seu próprio desempenho, pois só a simpatia pessoal explica o que resta de aprovação do seu governo. Efe Agá, pelo menos, não assusta.

Pois nesse vaivém entre duas formas de poder excepcional, sem cara ou com cara demais, tivemos sorte. Nossa única opção para que as coisas mudassem no Brasil parecia ser entre ditadores e loucos, e só a benevolência divina nos poupou, até hoje, de alguém que acumulasse as duas condições.

Gencianáceas

Dizem que não há afrodisíaco melhor do que amendoim, mas com casca. Você espana as cascas do colo dela, ela espana as cascas do seu colo, e em pouco tempo vocês não precisarão mais do pretexto das cascas. Outros afrodisíacos, no entanto, precisam ser ingeridos, e sobre estes existe uma vasta literatura — quase toda ela em francês, claro.

Mme. de Maineton mandava fazer costeletas de vitela com anchovas, basílico doce, cravo, coentro e conhaque para animar o Luís XIV. Não se sabe o resultado que elas produziam no rei mas o prato *Côtelettes de Veau à la Maintenon* é famoso até hoje, um exemplo de efeito colateral histórico. Já Mme. Du Barry fazia fé em suflês de gengibre para manter o interesse de seu amante real, Luís XV. Dizia que ele nunca desandava. O suflê, não o rei.

Alcachofras eram consideradas afrodisíacas. E o escritor Hector Dirssot preparava-se para noites de loucura na alcova comendo enguias com trufas, enroladas em papel amanteigado, assadas na brasa e servidas sobre um ragu de siri apimentado, e que só tinham o efeito desejado se acompanhadas por um bom vinho Sauternes. Não se conhece qualquer depoimento de uma parceira do escritor sobre a eficiência da receita. Pela sua descrição, desconfia-se que muitas vezes Dirssot recorria ao prato não para assegurar o sexo mas para substituí-lo.

Os trufas brancas da região do Piemonte já foram consideradas infalíveis, e ficavam ainda mais estimulantes se preparadas com fígado de ganso e um pouco de vinho branco. Brillat-Savarin escreveu que uma determinada senhora francesa quase sucumbiu ao assédio de um jovem gourmet que lhe propunha servir aves com trufas de Perigueux em troca de amor, e sua admiração era menos pela sólida virtude da dama do que pelo sua resistência, decididamente inexplicável. Brillat-Savarin insinua que o pretendente insistiu e a dama resistiu até ele oferecer trufas de Perigueux inteiras assadas na cinza, porque aí também já seria desumano.

Todas essas receitas — tiradas, por sinal, de um livro de George Lang chamado *Compêndio de Bobagens e Trivia Culinárias* — ficavam melhores e mais poderosas se acompanhadas de um Vin de Gentiane, ou vinho de genciana, assim preparado: rale-se uma raiz de genciana e deixe-a de molho no conhaque por um dia. Acrescente-se vinho Bordeaux, filtre-se tudo por uma peneira fina e deixe-se num receptáculo lacrado por oito dias. Não abrir perto das crianças.

* * *

- Você já ouviu falar de vinho de genciana?
- Não. Por quê?
- Eu estava lendo que parece que genciana é afrodisíaco.
- Eu nem sei o que é isso.
- Afrodisíaco?
- Não. Genciana.
- Nem eu. Vamos ver no dicionário?

Depois:
— Senta aqui do meu lado. Assim a gente vê juntos.
— Tá.
— Deixa ver. Ge, ge, ge... "Genioso", "genista", "genital" ...
— Quando você era pequeno, não procurava nome feio no dicionário?
— Procurava! Me lembro quando eu descobri que no dicionário tinha "bunda". Foi uma sensação. Depois procurei todos os sinônimos de "bunda" que conhecia.
— Eu fui logo procurar o, você sabe. Pênis.
— E todos os seus apelidos.
— Como a gente era boba, né?
— "Genitália"... "genitivo"... Espera aí, estou olhando na página errada. "Genciana"... "genciana"... Está aqui! "Genciana." Hmm... "Planta da família das gencianáceas..."
— Qual é a família?
— Gencianáceas. Por que, você conhece?
— Não, não. Foi a maneira como você disse. Achei...
— O quê?
— Bonitinho. "Gencianáceas" ...
— Deixa eu guardar o dicionário que eu já volto.
Depois:
— Você não quer uns amendoins?

* * *

Hoje, com a química, toda essa literatura ficou ainda mais antiga. Trufas, enguias, ostras, raiz de genciana, casca de amendoim no colo, tudo foi substituído por uma pílula. É verdade que alguns dos recursos a que o homem recorria no passado, como chifre de rinoceronte pulverizado, não fazem falta. Mas a humanidade perdeu alguma coisa quando perdeu o risco de morrer de congestão durante o ato sexual, depois de se empanturrar para garantir que ele seria bom. Diminuiu-se a nossa aventura sobre a Terra. E fico pensando naquele ragu de siri...

Grampos

— Alô?
— Sou eu.
— "Eu" quem?
— Não está reconhecendo a voz?
— Não.
— Devia. Você a gravou.
— Quando?
— Há uma semana. Uma conversa minha com o ministro.
— Como você sabe que eu gravei uma conversa sua com o ministro?
— Por uma gravação de uma conversa sua com uma revista, oferecendo a gravação para vender.
— Você fez a gravação?
— Não. Passaram a gravação pra mim pelo telefone.
— E você gravou a gravação?

— Claro.

— O que você quer?

— A gravação.

— Minha com a revista?

— Não. Essa eu gravei. De uma gravação. Quero a minha.

— A sua com o ministro?

— É.

— Mas quem é você?

— Como, quem sou eu? Sou o que você gravou falando com o ministro.

— Mas gravei muita gente falando com o ministro.

— Você não reconhece a minha voz?

— Francamente, não.

— Eu sou aquele que você gravou falando com o ministro e depois ofereceu a gravação para a revista.

— Que revista?

— Como, que revista? Você não sabe?!

— Ofereci mais de uma gravação para mais de uma revista. Se você pudesse me dar uma pista... Qual era o assunto da conversa?

— Era... Você sabe. Aquele negócio.

— Que negócio?

— Você sabe...

— Milhões ou bilhões?

— Bilhões.

— É o Pepeu?

— O Pepeu?! Não. O Pepeu está metido em alguma...

— Esquece.

— Escuta aqui, se você não reconhece a minha voz, como sabe que era eu na conversa com o ministro?

— Mas se eu não sei quem é você, como vou saber se era você na gravação? Ou se é você agora?

— Eu sei que eu sou eu. O que você gravou podia ser outro. Dizendo que era eu, para me incriminar.

— Mas você acaba de dizer que eu gravei você falando com o ministro, e que você quer a fita.

— Agora não sei mais. Podia não ser eu.

— Há uma maneira muito simples de resolver isto.

— Qual é?

— Me diga o seu nome.

— E se não for eu quem está falando, e eu disser meu nome? Para me incriminar?

— Como é?

— Hein?

— Espera um pouquinho...

— Faz o seguinte... Você está gravando esta conversa, não está?

— Claro que não.

— Eu sabia. Faz o seguinte: recua a fita e toca até aqui, pra gente tentar esclarecer isto.

— É mais simples você dizer seu nome.

— Acho que não.

— As iniciais.

— Não.

- Qual era o seu assunto com o ministro?
- Você sabe. Aquele negócio.
- Que negócio?
- Aquele.
- O da Superintendência?
- Não.
- O do Fundo?
- Não.
- O da venda do Piauí?
- Venda do Piauí?!
- O do superfaturamento do prédio do Instituto Nacional da Moral e da Ética?
- Não.
- O do... Não, isso era o Pepeu. O da licitação para o hospital?
- Não.
- Então, sinto muito. Esses são todos os escândalos que eu estou vendendo, no momento.
- E o meu?
- Tem certeza que fui eu que gravei a sua conversa com o ministro?
- Como é o seu nome?
- Só digo o meu se você disser o seu.
- Diga o seu primeiro.
- Diga você primeiro.
- Você.
- Você.
- Você.
- Você.

Guarde seu champanhe

1998. Ano de Copa do Mundo, ano de eleição e ano de decidir, de uma vez por todas, o que fazer com os computadores na virada do milênio, quando — se entendi bem — eles interpretarão o ano 2000 como sendo o ano 00, concluirão que o tempo acabou e se autodesligarão para sempre, jogando nossa civilização no caos. E, antes de mais nada, ano de decidir se 2000 será mesmo o primeiro ano do terceiro milênio ou último do segundo.

Você eu não sei, mas eu sofro de uma certa neurose cronológica. Preciso saber, sempre, a hora exata, ou razoavelmente aproximada. Há pessoas que não entendem como a vida era possível antes do velcro ou do controle remoto. Eu não concebo a vida sem o relógio de pulso. Minha obsessão pela hora certa não é incomum. É a mesma que levou a humanidade a procurar formas cada vez mais precisas de medir a passagem do tempo, do pau fincado no chão às oscilações de um elétron de átomo que definem os 86.400 segundos que dura cada rotação da Terra. E a ainda se angustiar com a descoberta de que a rotação da Terra não é constante e sua variação pode chegar a um milésimo de segundo num ano. Não me importo com um milésimo de segundo a mais ou a menos no meu ano, mas não agüento não saber se estou a dois ou três anos do fim do século.

Um dos grandes problemas da medição do tempo sempre foi adequar o tempo

artificial determinado pela religião, o comércio e a vida cívica e o tempo natural. A difícil coordenação de ciclos lunares, anos solares e calendários humanos levou a repetidas revisões dos métodos de organizar o tempo na Antiguidade. Numa Pompilius, o segundo rei de Roma, acrescentou dias e meses ao calendário primitivo de 10 meses supostamente elaborado por Rômulo (com a presumível assistência de Remo) e baseado nas fases da lua e nos períodos de gestação de mulheres e gado. (A aproximação do milênio, que leva tantos ao desespero ou ao misticismo, leva-me a ler adoidado sobre o tempo e sua história, o que não deixa de ser uma forma de pânico organizado.) Em todas as reformas do calendário depois de Numa Pompilius, o objetivo era harmonizar os dois ritmos que ditam o nosso tempo, o dos movimentos da Terra em relação aos movimentos da Lua, e o dos movimentos da Terra em relação ao Sol.

Muitas fórmulas foram tentadas, mas no ano 150 a.C. os romanos inventaram um mês de 22 ou 23 dias, chamado Mercedonius, que deveria ser inserido depois do dia 23 de fevereiro em anos intercalados — ou sempre que fosse preciso. No velho calendário romano, 23 de fevereiro era o último dia do ano e dia do Festival da Terminália, quando se faziam sacrifícios a Terminus, deus dos limites. Quem determinava se era preciso ou não acrescentar o Mercedonius no calendário e tornar o ano um mês mais longo eram os pontífices, os romanos encarregados de administrar os cultos do Estado. E passou a ser comum os pontífices só alongarem os anos em que seus amigos estavam no poder. Com um ou mais Mercedonius, estendiam o mandato de seus preferidos sem necessidade de uma emenda de reeleição. O que só mostra como é antigo o hábito do patriciado de passar dos limites para proteger os seus. Quem acabou com o costume foi, ironicamente, Júlio César, quando fez sua própria reforma do calendário romano.

Júlio César — o original, não o nosso — encarregou Sosigenes, o seu assessor para assuntos cronológicos, de dar um jeito definitivo na questão. Sosigenes, como tecnocratas em Estados ainda por nascer, agiu sem nenhuma sutileza. Para restabelecer a ligação da data certa com o equinócio da primavera e resincronizar o tempo oficial com o tempo natural, determinou que três meses inteiros fossem acrescentados ao ano de 46 a.C., que, com seus 445 dias, ficou conhecido como "O ano da grande confusão". Também abandonou a adesão estrita aos ciclos lunares e estabeleceu para sempre os 365 dias do ciclo solar como base do calendário ocidental, além de inventar o ano bissexto. Bem ou mal, a reforma juliana agüentou 1600 anos.

A reforma seguinte que nos interessa foi a do papa Gregório XIII, em 1582. Mais uma vez o problema foi o desencontro com o equinócio vernal, tornado mais grave para a Igreja pela importância do equinócio na fixação da data da Páscoa. Como na reforma anterior, apelaram para uma intervenção radical no calendário: eliminaram dez dias do ano. Um decreto papal determinou que, depois de 4 de outubro, viesse 15 de outubro de 1582. Também mudaram a regra dos anos bissextos: desde então os anos que encerram (ou iniciam?!) os séculos só têm um dia a mais em fevereiro se não forem divisíveis por 400, como se não tivéssemos complicações suficientes. O ano 2000 será bissexto, isso está estabelecido. Mas será o começo do novo milênio ou o último ano do milênio velho?

As liberdades tomadas com o calendário pela conveniência religiosa inspiraram o arcebispo James Ussher a calcular que o mundo tinha sido criado no dia 23 de outubro de 4004 a.C. — ao meio-dia. Não se sabe se o bom bispo levou em consideração nos seus cálculos os meses adicionais do Sosigenes e os dias cortados de Gregório. Mas, com todas as suas ficções e inconstâncias, o calendário romano adaptado pela Igreja é o que rege as nossas vidas e as nossas celebrações — mesmo porque no tempo natural não existem séculos e milênios. E, no século 6 da Era Cristã, Dionysius Exiguus, ou Dionísio o Pequeno, preocupado em organizar uma cronologia da sua igreja triunfante para o papa João I, introduziu uma variação na contagem do tempo histórico usada até então. Não mais os anos

desde a fundação de Roma, mas os anos desde a circuncisão do menino Jesus, oito dias depois do seu suposto nascimento no dia 25 de dezembro do ano 753 romano. O primeiro ano da nova era seria I Anno Domini. Não houve o Anno Domini zero. Assim o último ano do primeiro século depois de Cristo tinha sido 100 e o último ano do primeiro milênio seria 1000.

Os cálculos do baixinho podiam ser tão fantasiosos e arbitrários quanto o do bispo Ussher, mas não temos outros. Guarde seu champanhe especial por mais um pouco, portanto, 2000 é o último ano do segundo milênio depois de Cristo.

Mas vá explicar tudo isso a um computador.

Guia do carnaval

O turista que chega para assistir ao nosso carnaval pode ter alguma dificuldade em entender o que está vendo e ouvindo nas ruas, nos bailes, nas transmissões de TV, etc. e perderá muito do significado da nossa maior festa popular. Por isto estou republicando este pequeno guia para sua orientação e um glossário com as principais palavras e frases que ele ouvirá durante sua estada.

Atenção, turista.

Para começar, o que é "carnaval"?

Bem, o carnaval (pronuncia-se car-nah-val) já existia na Europa quando o Brasil foi descoberto, só que com roupa. Ele veio nas caravelas portuguesas junto com o nosso descobridor, Pedro Álvares Cabral (pay-dro al-va-rays ca-brawl), e aqui incorporou elementos nativos como bateria, baianas, bicheiros, cambistas e, claro, a principal contribuição do Novo Mundo ao rito milenar, a miçanga (miss-ang-ah). No calendário cristão, como se sabe, o carnaval é a festa do "adeus à carne" que precede a Quaresma. No Brasil é a mesma coisa, só que a gente dá adeus à carne, dá adeus, mas ela não vai embora.

Quanto dura o carnaval?

O carnaval é um tríduo de quatro dias: sexta, sábado, domingo, segunda e terça. Tem uma vez por ano, menos na Bahia, onde o atual carnaval é o de 1948, que ainda não terminou.

O que são "escolas de samba"?

As escolas de samba ("samba schools") são escolas públicas que, com a falta de apoio dado à educação no Brasil, foram obrigadas a buscar outras fontes de renda e hoje vivem de vender fantasias para turistas e depois desfilar para o turista não pensar que foi logrado.

Eu posso desfilar numa "escola de samba" sem saber sambar?

Sim, mas aí terá que ser Madrinha da Bateria. Não, Nigel, você não.

Como se chega ao Teatro Municipal?

Estudando, estudando muito.

Não, quero dizer para o baile.

Não existe mais baile do Municipal. Nem a revista Cruzeiro, nem o Evandro Castro Lima, nem lança-perfume Rodo e olha, eu mesmo já estou desaparecendo de um lado.

Eis algumas expressões que você, turista, ouvirá durante os folguedos (fowl-gay-dos).

"Oba" (oh-bah) — Palavra de origem nativa. Ouvida pela primeira vez quando os tupinambás viram seu primeiro europeu, que em seguida comeram. Desde então ficou como manifestação prazerosa da expectativa de comer alguém ou alguma coisa, mesmo hipoteticamente (he-po-tay-etc.).

"Epa" (eh-pah) — O oposto de "oba". Usada por quem ouve um "oba" e se apressa a esclarecer que não pode ser com ele.

"Evoé!" — "Oba!" em Juiz de Fora.

"Ai!" — Expressão de dor. Como "ouch" em ingles, "ai-o" em italiano, "merde" em francês e "grossenwienerzschzipel" em alemão.

"Ui!" — Expressão dúbia (doo-bia). Tanto pode ser de dor como de alguém cuja espinha dorsal está sendo riscada sugestivamente com um picolé. De qualquer maneira, mantenha-se a distância.

"É um assalto!" — Significa que você está sendo assaltado, por um meliante (may-lee-anti) ou por um político. Dá para distinguir o político porque, antes, ele pede o seu voto.

"Polícia!" — Termo de retórica, com pouca utilidade real.

E aqui está um pequeno dicionário com frases práticas que poderão ser úteis ao turista no carnaval, caso ele se perder do guia.

"Where is the american (ou italian, ou french, etc) consulate?" — Estou apertado. Deve ter sido o angu. Onde tem um toailete por aqui?

"How much?" — Quanto?

"What?!" — Tá doido!

"No, I do not want to hold your ganzá" — Manera, pô.

"Do you take dollars?" — Quer casar comigo?

"Vous est tres jolie" — Quanto?

"Voglio conoscere il vero Brasile" — Bota uma pinga aí "Help!" — Ziriguidum (zee-ree-gui-doom)!

Harry Belafonte

— Harry Belafonte.

— Harry Belafonte?

— É. Ele era a única pessoa viva em Nova York depois de uma guerra nuclear. Como era o nome do filme?

— Harry Belafonte?!

— Não interessa quem era. Só sobrava ele em Nova York. Só ele no mundo. E ele não lavava os pratos. Quando acabava de comer, jogava os pratos sujos pela janela. Tinha todos os pratos e os copos de Nova York ao seu dispor.

— É disso que eu preciso, minha filha. Só o que eu faço é lavar copo. Minha vida é lavar copo. Mas, depois de uma guerra nuclear, como é que ainda tinha copo inteiro em Nova York?

— A cidade estava inteira. As pessoas tinham morrido de como é que chama? Radiação. Irradiação? Radiação. Irradiação?

— Radiação. Esse aí o que é que tem?

"Esse aí" era eu, em pré-coma alcoólica, com a cabeça sobre o tampo da mesa da cozinha. Mas consciente, ouvindo tudo, reconhecendo as duas pela voz. A Luciana e a Maria do Algodão, lavando copos. Quanto mais eu bebia, mais lúcido ficava. Só não conseguia me mexer.

— Ora, o quê. Esse já chegou pronto. Dizem que tá tomando vodca de manhã. Não sei como a Socorro agüenta. E pensar que ele foi campeão de natação. Campeão é exagero. Algumas medalhas. E se me atirarem numa piscina eu saio nadando como antes, como um

peixe. Em tese, porque não entro numa piscina há uns 30 anos. Maria do Socorro era a minha mulher. Quando nos casamos, seu nome ainda não era uma ironia.

— Tem copo limpo? Uma terceira voz na cozinha. Algodão, o dono do apartamento. Maria do Algodão, irritada:

— Calma. Calminha. Nenhuma das mulheres da turma tinha mais paciência com o marido. Nem a Aimê, recém-casada como o Gordo Viana. Voltou da lua-de-mel já revirando os olhos para o céu de impaciência com o Gordo Viana. Todas as mulheres do Gordo Viana, cedo ou tarde, começam a revirar os olhos, mas a Aimê começou com 15 dias.

— Deixa eu ajudar.

— Nã-nã-nã. Homem na cozinha só atrapalha. Se quiser ajudar, dá um jeito nesse seu amigo, que está ocupando espaço. O Algodão me sacudiu, para certificar-se que eu não estava morto. Aparentemente não estava, porque ele foi embora. Sua voz foi substituída pela da Chica.

— Vocês não vão acreditar. O Albino e o Tatá estão brigando de novo.

— Não me diz que é a mesma briga.

— É. Você acredita?

— Eu não agüento. Eu não agüento? A Luciana era mulher do Tatá. A Luciana era quem tinha se lembrado do Harry Belafonte. Ela estava sempre se lembrando de filmes antigos, alguns improváveis. Vivia no passado. Era a sua maneira de não matar o Tatá. As brigas do Tatá e do Albino sempre começavam com os dois lembrando marcas de cigarro antigas e acabavam, ninguém sabia como, em horóscopo, no qual um acreditava e o outro não. Todas as reuniões da turma acabavam com o Tatá e o Albino brigando por causa do horóscopo.

— Esse aí, o que que tem?

— Ora, o quê.

— Não é melhor avisar a Socorro?

— Deixa ele aí. Só assim ele não está incomodando a coitada. Preciso dizer, neste ponto, que uma vez salvei uma criança do afogamento. Foi na praia, durante o verão de mil novecentos e deixa pra lá. E a vodca, às vezes, é com Lanjal. As três saíram da cozinha com os copos lavados tilintando numa bandeja. O Algodão inventou que não se toma nada no mesmo copo sem lavá-lo entre uma dose e outra. Nem cerveja. É uma das teorias do Algodão que enlouquecem a Maria e que ela agüenta porque não pôde dar-lhe um filho e se sente culpada. Tentei virar a cabeça, para apoiar o outro lado no tampo da mesa, mas não consegui. Vozes exaltadas invadiram a cozinha.

— Me larga, Luciana. Me larga!

— Tatá...

— Hoje eu vou acertar esse cara.

— Tatá, deixa de ser ridículo.

— Ridículo, é? Ele vai ver ridículo.

— Essa briga interminável de vocês é ridícula. Vocês são ridículos. Se você não parar eu vou embora, Tatá. Vá ser ridículo, mas não na minha frente.

— Luciana, espera... Os dois saíram da cozinha. Depois entrou alguém que se assustou quando me viu.

— O que é isso?! A voz da Aimê. Atrás dela entrou o Romeu. O Romeu sempre dava em cima das mulheres do Gordo Viana. Era outra tradição da turma.

— Esse aí tá morto — disse Romeu. E depois: — Aimê, eu precisava te falar uma coisa...

— Aqui não, Romeu.

— Olha...

— O Viana pode aparecer a qualquer... Romeu, não!

— O Viana está mais chapado do que esse aí. O parâmetro era eu. Aimê conseguiu escapar do Romeu, pois não ouvi mais nada dentro da cozinha, até ouvir a voz do Fábio dizendo:

— Não precisa, não precisa. Para o Algodão, que insistia em lavar o seu copo. E a voz enrolada do Algodão explicando que cada nova dose de bebida devia ser como a primeira, que devemos viver reinaugurando tudo, sempre, merda! E o barulho de um copo quebrando no chão. E o Fábio dizendo "Pode deixar, pode deixar", provavelmente pegando qualquer copo e fugindo da cozinha. Depois a voz da Maria, obviamente convocada pelo Algodão para limpar o chão, ordenando ao marido.

— Sai, sai! Luciana veio ajudar a Maria do Algodão na limpeza. Conseguira acalmar o Tatá.

— Luciana, você não tem a impressão que nós estamos sempre na mesma festa? Há anos. Dizendo sempre as mesmas coisas, fazendo sempre as mesmas coisas?

— E com as mesmas pessoas.

— Só muda a mulher do Gordo Viana.

— É como aquela ilha do Pacífico. Como é que chama? Uma que Darwin estudou para provar a sua teoria. Era tão fechada que tinha espécies em vários estágios da evolução vivendo ao mesmo tempo. Tinha os escolhidos pela seleção natural, mas tinha os rejeitados também. Bichos estranhíssimos, que não podiam continuar vivendo mas continuavam. Dizendo sempre as mesmas coisas, fazendo sempre as mesmas, ai!

— Você se cortou?

— Foi nada.

— Luciana, no tal filme que você falou. Por que o Harry Belafonte não era afetado pela radiação?

— Sei lá. Ele era imune.

— É. Algumas pessoas são imunes a tudo.

— Bom. Vou ver se consigo arrastar o Tatá pra casa.

— E o que a gente faz com esse aí?

— Deixa. Daqui a pouco a Socorro vem buscar.

— Que tristeza. Nunca fiquei sabendo no que deu o menino que salvei do afogamento. Pode ser uma pessoa importante, hoje. Um médico, um pesquisador. Se não acabou sendo um serial killer até que eu fiz alguma coisa útil. Que sei eu.

História pronta

É preciso ter uma história pronta, ensina o Matinhos. O mundo se divide entre os rápidos e os lentos, e o que os distingue é sua reação ao serem flagrados. Os rápidos inventam uma explicação na hora. Os lentos, que são maioria, precisam ter uma história pronta. Muitas vezes sua integridade física, se não sua sobrevivência, depende de ter uma história pronta. A história não precisa ser convincente, segundo o Matinhos, basta que esteja pronta.

O Matinhos sabe da importância da história pronta por experiência própria. Um dia estava na cama com a vizinha quando sua mulher chegou em casa do salão mais cedo do que o esperado. A mulher é dona de um salão de beleza, o Matinhos vive, como ele mesmo diz, em disponibilidade. Não é um vagabundo, é um disponível. Faz parte da grande reserva de mão-de-obra ociosa da Nação, esperando para ser convocada. Só não vai atrás do

emprego, que já é pedir demais. A Nação que venha buscá-lo. Enquanto a Nação não vinha, o Matinhos enchia parte das suas horas vagas, que eram todas, namorando a dona Zeneida que também não tinha muito que fazer depois de alimentar seu marido, o Valdemar, um inativo, que dormia sextas longas e profundas e só acordava para ir jogar dominó no bar. E um dia a mulher do Matinhos chegou em casa mais cedo e por pouco não encontrou a dona Zeneida na cama com o Matinhos. Dona Zeneida conseguiu sair pela janela, sair pelo portão e entrar na sua casa só de calcinha, agarrando o resto das suas roupas na frente do corpo, sem ser vista e quando a mulher do Matinhos entrou no quarto encontrou o marido arquejante na cama, a cabeça atirada para trás, braços e pernas abertos, o pijama desfeito.

— O que é isso, Matinhos?!

O Matinhos mal conseguia falar.

— Não sei... Acho que...

— O que, homem de Deus?!

— Princípio de enfarte.

E o Matinhos não estava fingindo. O susto quase o matara. Fizeram exames, tudo bem, a mulher pediu para o Matinhos nunca mais assustá-la daquela maneira, e o Matinhos começou a pensar na importância do pensamento contingencial. Sua mulher o teria flagrado não só com a vizinha na cama, mas sem uma história pronta. O que ele teria dito, se fosse pego? "Não é o que você está pensando?" Ridículo. Claro que era o que ela estava pensando. Ele precisava ter uma história pronta. Uma história rica em detalhes, criativa, tão elaborada que desencorajasse qualquer tentativa de investigá-la e tão incomum que levasse à conclusão que ninguém a inventaria. Tão improvável que só poderia ser verdade.

E o Matinhos pôs-se a construir, meticulosamente, a explicação que daria no caso de ser flagrado com a dona Zeneida na cama. Algo sobre o marido de dona Zeneida, o Valdemar, e o seu envolvimento com uma rede de traficantes de droga. Bolivianos, era isso. Bandidos bolivianos. A Polícia Federal estava usando a casa do Matinhos para controlar o movimento na casa do Valdemar. Matinhos não tinha contado nada à mulher para não assustá-la. Sim, estava colaborando com a polícia. Tinham bolado um plano para tirar a dona Zeneida de dentro da casa, para poder revistá-la, aproveitando-se do fato de Valdemar normalmente cair num sono profundo depois de tomar a heroína do meio-dia. Matinhos concordara em seduzir a dona Zeneida em nome da lei, para ajudar a livrar o País do flagelo das drogas, ainda mais trazida por bolivianos. Se a mulher do Matinhos fizesse um escândalo, atrapalharia a diligência da polícia, que naquele momento estava revistando a casa de Valdemar e...

É uma história longa que o Matinhos decorou e tem até ensaiado na frente do espelho, para o caso de ser pego com a dona Zeneida na cama. Uma possibilidade que ficou remota, porque, depois do quase flagrante, a dona Zeneida, que teve uma crise de nervos, se recusa a sequer olhar para o Matinhos, quanto mais a responder seus repetidos "pssts" por cima da cerca. E o Matinhos está assim, com uma história pronta que só serve para o caso de flagrante com a dona Zeneida, já que na casa do outro lado mora um general reformado viúvo e com três cachorros, mas sem a dona Zeneida. O Matinhos está começando a pensar em outra história pronta, mas uma que sirva em qualquer contingência.

Histórias de pai

Todo pai conhece estas histórias, os filhos não acreditam que crescer é perigoso.

Não adianta você avisar: "Continue criança, não pense, não saia daqui, não cresça. Eu penso por você, eu sei o que você precisa e o que você precisa saber. Eu conheço o mundo e sei que não é um lugar para você, não é um lugar para crianças. Não vá..." Não adianta, eles crescem e vão. Depois se queixam.

Tem a história daquele pai que concebeu dois filhos do barro, Adão e Eva. Naquele tempo não precisava mãe. O pai fez o que pode pelas crianças. Elas tinham tudo, nunca lhes faltou alimento ou agasalho. Se queriam um cachorro ou um macaco para brincar, o pai fazia. Se queriam uma pizza, o pai mandava buscar. Se queriam saber como era o mundo lá fora, o pai dizia que eles não precisavam saber. Eles não eram felizes não sabendo nada, ou só sabendo o que o pai sabia por eles? A felicidade era não saber. As crianças eram felizes porque não sabiam.

O Adão ainda era acomodado, mas a Evinha... Um dia o pai a pegou descascando uma banana. Nem ele sabia o que a banana tinha por dentro, mas a danada da menina descobriu e antes que ele pudesse dizer "Dessa fruta não co..." ela já tinha comido e gostado.

Foi então que ele decidiu impor sua autoridade paterna, pelo menos na área dos hortifrutigranjeiros e determinar que frutas do quintal podiam e não podiam ser comidas e escolheu uma fruta como a mais proibida de todas, pois se comesse dela a menina saberia.

Saberia o quê? O pai especificou. Só disse que o que saberia seria terrível e que depois não se queixasse.

E Eva comeu da fruta mais proibida, claro, e o pai foi tomado de grande tristeza. E disse a Eva que agora ela sabia o que não precisava saber e que nunca mais seria a mesma.

— O que é que eu sei de tão terrível que não sabia antes? — perguntou Eva, ainda mastigando a fruta proibida.

— Que você pode desobedecer. Que você pode escolher e pensar com sua própria cabeça e me desafiar. Que você não é mais criança.

E Eva cresceu diante dos olhos do pai e no momento seguinte já estava dizendo que queria morar sozinha e fazer bolsa de inglês em Nova York e saber como era o mundo lá fora. E o pai suspirou e disse que ela podia ir e levar o palerma do Adão junto e que os dois jamais voltassem e pedissem a sua ignorância de volta.

Quando contou esta história a outro pai, o pai abandonado ouviu do outro que sua história não era nada.

— Pior aconteceu comigo e com o meu Prometeu. Ele era um ótimo filho. E como me admirava e respeitava! Para ele era eu no céu e eu na terra também. Ele tinha tudo em casa e eu o protegia com o meu poder. Ele também era feliz e não sabia, ou era feliz porque não sabia. E não é que um dia descobri que ele tinha roubado o meu fogo para dar ao amigos? Logo o fogo, o símbolo do meu poder e da minha autoridade, distribuído entre outras crianças ingratas como meros cigarros roubados.

— Você o expulsou de casa, como eu?

— Não, amarrei numa pedra para os abutres comerem o seu fígado. Eu sou da escola antiga.

— Não foi um castigo um pouco...

— Tem que dar o exemplo. Senão, não demora, estarão todos os filho achando que sabem mais que nós e roubando o nosso poder.

— E depois se queixando.

— Exato.

Apesar da má experiência com os dois primeiros, o pai teve muitos outros filhos. Mas criou-os com energia e disciplina, sempre atento a qualquer sinal de rebeldia, a qualquer repetição da síndrome de Eva. Para o seu bem, para protegê-los, para lhes assegurar a felicidade.

A qualquer manifestação de dúvida, reagia.

— Pai, por que...

— Quietos.

— Mas pai...

— Não tem por que nem por quanto. Eu é que sei. Eu sou a resposta de tudo e isso é tudo que vocês precisam saber.

E os filhos e as filhas, em geral, obedeciam ao seu pai e honravam a sua sabedoria e não cobiçavam o poder e eram felizes — ou pelo menos eram bem ajustados — em sua casa. Mas apesar de toda a vigilância, sempre haveriam os decascadores de banana.

Sempre haveriam os dispostos a trocar a segurança da casa pelo descobrimento do mundo, mesmo que isso os matasse.

Teve Copérnico, que insistia que a Terra não era, afinal, o centro do universo, apesar do pai mandá-lo para o quarto sem sobremesa todas as vezes. Teve Tycho Brahe, que descobriu uma estrela nova no horizonte e desconfiou que estrelas não eram, como dizia o pai, constantes e eternas. Teve Galileu com seus malditos telescópios, enxergando mais do que qualquer pessoa normal precisava ver. E teve o Newton. Quando Newton mostrou ao pai a maçã que lhe caíra na cabeça e contou que, em dois segundos, deduzira tudo sobre a força da gravidade e suas implicações no movimento da Lua, e a possibilidade dele — ele, um filho! — conhecer e descrever as leis do universo, o pai teve dois pensamentos. Pensou: preciso cortar as árvores do quintal, pois as frutas estão influenciando demais na história desta família. E pensou: preciso amarrar o Newton a uma pedra para os abutres comerem o seu fígado e os filhos aprenderem a não saber mais do que eu. Mas não fez nem uma coisa nem outra. Depois que o Newton também saiu de casa para fazer carreira na física, o pai desistiu. Continuou criando os filhos com energia e disciplina, mas sabendo que nunca os impediria de crescer e de saber e de abandoná-lo um dia. Todos os pais conhecem o sentimento deste pai. E depois ainda veio o Darwin! Filhos ingratos, filhos ingratos.

Não é consolo saber que tantos, hoje, querem voltar para a casa e as certezas do pai, pois do nada adiantou descobrir o mundo e descobrir que não se sabe muito mais do que ele. Abandonam a ignorância que os protegia por nada mais perene do que uma fruta.

E agora se queixam.

Histórias de verão

1. A situação

A avó da Ana Paula foi quem mais gostou da notícia de que a neta que morava em Brasília estava noiva de um economista. E que, segundo lhe diziam, ele não era "pouca coisa" no governo.

— Finalmente, alguém para me explicar o que está acontecendo. Mas, quando Ana Paula levou o noivo para conhecer a família, a primeira coisa que a avó notou foi que ele usava brinco numa orelha só. Ficou quieta durante toda a visita do casal. E, quando eles foram embora e alguém estranhou o seu silêncio — "A senhora não ia pedir para ele explicar a situação do Brasil, vovó?" —, a velha respondeu secamente:

— Está explicada.

2. O homem certo

Ela estava estendida de bruços na areia, a parte de cima do biquíni desatada para

não deixar marca, a parte debaixo quase sumida entre nádegas perfeitas, tão bonitas que ele parou. Como a gente pára com um susto, ou com uma revelação súbita. Era isso: uma epifania. Subitamente, ele se deparara com a injustiça intrínseca do mundo. Anos depois, lá pelos 35, teria outra revelação. Como acontece com todos nós se daria conta de que um dia morreria e não havia nada a fazer a respeito. Mas isso seria depois. Naquele momento estava diante de nádegas perfeitas e das impossibilidades da vida. Aquela mulher fora feita para ele, e aquela mulher nunca seria dele. Todo homem traz, no seu código genético, as seguintes instruções: quando reconhecer a mulher que foi feita para você, tome-a. Leve-a para a sua caverna e providencie a imediata transferência de DNA. Ele sentia — na garganta, no peito, onde quer que fique o diabo do detector — que aquela era ela. Ainda nem vira o seu rosto e sabia que era ela. Num mundo justo, a puxaria pelo pé e a arrastaria pela areia, e ela não resistiria. Mesmo sem se virar ela saberia que era ele, o certo, o feito para ela, o homem que seus hormônios esperavam, o ... Meu Deus, ela está se mexendo.

Ela virou a cabeça (linda, linda) para trás e disse:

— O Sol.

Ele:

— O quê?

— Você está tapando o meu Sol.

— Ah.

Depois ele abriu os braços, disse "Quem sou eu?" e foi embora. Mais tarde viu ela passar de mãos dadas com um homem retaco, coxas grossas, quase careca. Pensou em gritar "Não é esse!" mas não gritou. Ficou pensando em como o grande problema da vida é a falta de organização.

3. Verão

Rogério bufava.

— E ainda tem gente que gosta de verão...

Marina nem estava.

— Eu adoro.

— Olha aí, fico todo suado. A pele oleosa. Não adianta banho, não adianta nada. Fico com brotoeja, assadura, até cheiro mal.

— Rogério, meu querido. Vou te dizer uma coisa.

— O quê?

— O problema não é o verão. O problema é você.

— Ah, é? Aposto que o Alberico não suava.

Marina só pôde fazer cara de sentida e dizer "Puxa, como você é, Rogério". Sabia que nunca devia ter contado do Alberico e do que ele gostava de fazer no banheiro. "Dezessete anos e você não esquece." O sorriso na cara suada do Rogério era de puro gozo. Marina só estava esperando a Rosilene ficar maiorzinha para lhe dar o único conselho que uma mãe deve dar à filha: "Nunca conte nada do seu primeiro marido."

4. O quinto túnel

Três homens num compartimento de um trem que atravessa uma região montanhosa. Eles não se conhecem. Estão em silêncio desde que o trem saiu da estação. Um lê um jornal, outro olha pela janela, o outro parece dormir. Quando o trem entra num túnel e tudo fica escuro, ouve-se uma voz que diz:

— Estou aqui para matá-lo.

O trem sai do túnel. Os três continuam como antes. Um olhando pela janela, o outro lendo um jornal, o terceiro de olhos fechados. O trem entra em outro túnel. Ouve-se outra voz:

— Por quê?
Silêncio. Depois:
— Você sabe.
O trem sai do túnel. Os três não se mexeram. O trem entra em outro túnel.
— Quando?
— No quinto túnel.
— Este túnel qual é, o terceiro?
— Você devia ter contado.
O trem sai do túnel. Os três homens estão na mesma posição. O homem que lê o jornal vira uma página. O trem entra em outro túnel.
Ouve-se um estampido.
Quando o trem sai do túnel, o homem que olhava pela janela está com uma pistola fumegante na mão, o jornal está com um buraco no meio e o homem que lia o jornal está morto. E o homem que dormia está de olhos arregalados.
— O que foi isso?
— Ele ia me matar. Eu o matei primeiro.
— Como você sabia que ele ia lhe matar?
— Ele disse, você não ouviu?
— Eu estava dormindo. Não ouvi nada. Acordei com o tiro.
— Ele ia me matar no próximo túnel, mas eu agi antes. Foi legítima defesa. Ele disse que ia me matar.
— Só se fosse com este charuto — diz o homem que dormia, depois de examinar os bolsos do morto. — É a única coisa remotamente letal que ele carregava.
— Ele podia me estrangular, sei lá. Mas eu o enganei e atirei um túnel antes. A vítima enganou o assassino.
— Ou pode ter sido o contrário. O assassino enganou a vítima.
— Como?
— Você disse que ia matá-lo no quinto túnel, mas matou no quarto, antes que ele tivesse tempo de reagir ou fugir.
O trem entra no quinto túnel e tudo fica escuro. Ouve-se uma voz.
— Como você sabia que o túnel anterior era o quarto e este é o quinto, se estava dormindo?
Silêncio. Depois ouve-se um estampido.

Histórias de verão

1. O chihuahua

Engraçado como começam as grandes paixões. A de Inez por Aldo começou quando ele chegou para ela numa festa e disse:

— Sabe que eu acabei ficando com o chihuahua?

Diante do olhar de absoluta incompreensão de Inez, Aldo bateu com a mão na testa e disse:

— Desculpe! Confundi você com outra.

Ela acabou perguntando que história era aquela do chihuahua, eles acabaram conversando a noite inteira e Inez acabou apaixonada por Aldo. Paixão de telefonar no meio da noite e pedir para ele dizer alguma coisa só porque estava com saudade da voz dele, e se

ele protestasse, mal— humorado, que não tinha nada para dizer àquela hora, pedir:

— Então ronrona.

Paixão que acabou dois meses depois quando os dois foram a uma festa, se perderam um do outro e quando Inez encontrou Aldo ele estava dizendo para uma mulher:

— Sabe que eu acabei ficando com o chihuahua?

2. Sob o mesmo lençol

Aconteceu que Renato e Roberta abriram os olhos ao mesmo tempo. Era meio-dia. Algum ruído da rua deve ter acordado os dois, não sei. O fato é que os dois acordaram juntos. Suas caras a centímetros uma da outra. Frente a frente. Agora, 1º de janeiro.

Os dois estavam nus, na mesma cama, sob o mesmo lençol, e nenhum dos dois sabia como tinha chegado ali e quem era o outro. Ficaram se olhando por um bom minuto e meio, piscando. Quem falou primeiro foi a Roberta. Disse:

— Oi.

— Oi — disse o Renato.

Silêncio. Depois Roberta olhou em volta e perguntou:

— Seu apartamento?

Renato também olhou em volta antes de dizer:

— Acho que não...

Roberta estendeu a mão.

— Roberta.

— Renato.

Tentaram fazer uma reconstituição da noite. Tinham ido a réveillons diferentes. Bairros diferentes, inclusive. A última coisa que Renato se lembrava era de ter gritado de uma janela, à meia-noite: "Um ano do cacete pra todo mundo!" A última coisa que Roberta se lembrava era de estar deitada no chão abraçada a uma garrafa de champanhe, resistindo a todas as tentativas de tirá-la dos seus braços.

Onde podiam ter se encontrado? Não freqüentavam os mesmos lugares. Seus respectivos grupos de amigos não batiam. Suas famílias certamente não se conheciam. Tinham mais ou menos a mesma idade, mas as afinidades terminavam aí. Chegaram ao que parecia ser uma referência comum, um tal de Rocha, mas depois descobriram que não era o mesmo Rocha. Clube, bairro, faculdade, trabalho, nada fechava. Era como se vivessem em civilizações diferentes. Mundos à parte.

Nenhuma identidade tribal explicava estarem ali, nus, na mesma cama. Nada. Nem seita, nem passatempo (ele coleção de selos, ela ginástica rítmica) nem preferências musicais (ele Caetano, MPB em geral, alguma coisa do jazz, ela rock) ou literárias (policiais, Paulo Coelho). A única coisa que tinham em comum era que nenhum dos dois estava acostumado a beber, e os dois eram meio tímidos. Não sabiam por que tinham bebido tanto naquele fim de ano. A proximidade do milênio, talvez fosse isso. Não, ele não tinha namorada. Ela tinha brigado com o seu namorado em junho.

Onde tinham se encontrado? Era inútil. Ficaram uma hora tentando se lembrar e tentando sincronizar suas biografias. Não conseguiram. Depois, pelo que eu soube, eles tiveram dois problemas. Um: ele sugeriu, meio sem jeito, que já que estavam ali, nus, na mesma cama... e ela reagiu, indignada, dizendo que afinal nem se conheciam. Dois: discutiram para saber quem se enrolaria no lençol para sair da cama sem que o outro visse a sua nudez, comprometendo-se a não olhar para trás e ver a nudez desprotegida do outro desconhecido. Ela ganhou.

Quando estavam saindo do apartamento, viram que tinha um homem dormindo no sofá, de boca aberta. Ela não queria, mas ele acordou o homem. Para saber, pelo menos, onde estavam. O homem levantou-se num sobressalto. Olhou para os dois, depois olhou na

direção do quarto.

— Posso ir pra minha cama? — disse, se afastando.

— Espere — disse Renato. — Quem é você?

O homem nem se virou para responder.

— Romão.

Depois parou, pensou um pouco e, ainda sem se virar, corrigiu.

— Romão, não. Ramão. Por aí.

E entrou no quarto, resmungando:

— Que ano-novo!

— Amigo seu? — perguntou Renato para Roberta.

— Nunca vi — disse Roberta.

Os dois saíram do apartamento, hesitaram — se beijavam nas faces ou não? — e depois foi cada um para o seu lado.

3. Volta ao mundo

Já Rodrigo convidou Marlene para dar a volta ao mundo com ele no seu iate, só os dois, mas desistiu do convite, prevendo dificuldades, depois que ela fechou um olho, pensou, pensou e perguntou:

— Em que direção?

4. Chuvas

Choveu, choveu e no sétimo dia deu o que Almerinda chamou de "a louca" no seu José, que saiu chutando criança. Tudo bem, o primeiro chute foi no próprio filho do seu José, mas o segundo foi no filho do coronel e o terceiro no filho da Almerinda, só porque os três estavam jogando bola no corredor do hotel. Almerinda avançou no seu José, gritando que ninguém chutava seu filho, e o seu José pediu desculpa e pediu compreensão para o seu descontrole. Tinha planejado aquele veraneio com cuidado, estava pagando caro pelo hotel, e depois de sete dias sem praia, sete dias presos dentro do hotel sem nada para fazer a não ser ver TV e jogar biriba e ouvindo a algazarra interminável das crianças, simplesmente se descontrolara. Lhe dera a louca. Insanidade temporária, para usar o nome científico.

O coronel, conciliador, inclusive para evitar qualquer sugestão de prepotência militar, e também porque o seu José era maior do que ele, propôs que esquecessem o episódio e estabelecessem algum tipo de "modus vivendi" ou "modus operandi" dentro do hotel, pelo menos enquanto durassem as chuvas, com horários determinados para cada atividade, talvez exercícios em conjunto... E que ninguém chutasse mais ninguém.

Mas as chuvas continuavam e no outro dia a Almerinda teve que pular nas costas do seu José, que corria pelo corredor do hotel atrás dos meninos, e assim como veio gente para ajudar a segurar o seu José, veio gente para ajudar a pegar os meninos, enquanto o coronel gritava: "Calma! Calma!" Com a Almerinda nas suas costas o seu José não conseguiu bater em nenhum menino, mas pegou a bola e comeu.

Histórias de verão (II)

É importante as pessoas combinarem como se comportarão em determinadas situações sociais, para evitar surpresas. Aconteceu de um casal ser convidado a passar um fim de semana numa casa de campo e chegar ao local sem a menor idéia do que o esperava.

A casa era grande e bonita, o lugar era aprazível, mas o homem — digamos que se chamasse João — teve um pressentimento e deteve a mão da mulher, Maria, antes que ela tocasse a campainha.

— Espere. Você sabe que nós podemos estar entrando numa história...

— Como história?

— Não sabemos nada desta casa e de quem vai estar aí. E se entramos numa história infantil?

— Que história infantil?

— Sei lá. Não tem uma da donzela que chega numa casa de ursos e acaba dormindo na cama de um deles?

— Eu conheço a dos anõesinhos. Branca de Neve. A casa é de sete anões e Branca de Neve fica morando com eles, até que a bruxa bate na porta com uma maçã envenenada.

— Vamos combinar o seguinte. Você só dorme na cama comigo e, se aparecer um anão propondo qualquer tipo de arranjo doméstico mais prolongado, você dá uma desculpa qualquer. Diz que tem dentista na segunda. E em hipótese alguma chegue perto da porta, se baterem.

— Mas, se for a história da Branca de Neve, tem um final feliz. Ela fica com um príncipe.

— Não chegue perto de nenhum príncipe também.

— Está bem... Vamos entrar?

— Espere. Nós podemos estar entrando numa história do Chekhov.

— Chekhov?

— Russo. Século 19. Grupo de pessoas reunidas numa casa de campo durante um fim de semana de verão era com ele.

— Como vamos fazer para saber se é uma história do Chekhov ou não?

— Se todos tiverem nomes russos, falarem muito, parecerem não dizer nada, mas irem se revelando aos poucos, é do Chekhov.

— Há algum perigo?

— De maçãs envenenadas, não. Pelo contrário, comeremos muito bem. E, se surgir algum nobre, será certamente decadente e provavelmente impotente. O único risco é sairmos daqui conhecendo mais sobre a condição humana do que precisamos.

— Então, se estiver muito chato, eu faço um sinal, você diz que se lembrou que deixamos o gás ligado e damos o fora.

— Combinado.

— Vamos?

— Espere. E se estivermos entrando numa história da Agatha Christie? Ela também gostava de grupos heterogêneos em casas de campo, onde havia um crime e todos eram suspeitos.

— Pode ser um fim de semana excitante.

— Não se um de nós for a vítima.

— O que fazemos?

— Vamos entrar. Se todos tiverem nomes como Nigel ou Milicent, o mordomo parecer culpado demais e estiver faltando um dos ferros da lareira — não damos desculpa nenhuma e saímos correndo.

— Certo. Vamos?

— Espere. Também pode ser uma história do marquês de Sade.

— Marquês de Sade?!

— Um grupo de devassos reunidos numa mansão com virgens adolescentes e prostitutas, para rituais de deboche e tortura.

— Como devemos nos comportar?

- Valem as mesmas instruções da história infantil. Nada de dormir na cama de outro e não aceite proposta de nenhum anão.
- E você fique longe das virgens adolescentes.
- Já começou a me controlar?

Histórias de verão III

Ela tinha uma pintinha logo acima do canto da boca. Conheceram-se na praia, conversaram bastante, no dia seguinte caminharam juntos pela praia, no terceiro dia marcaram um encontro, ele chegou tarde, pediu desculpa e ela disse que não fazia mal, a ausência dele tinha lhe feito companhia. E ele pensou "Pô...", com admiração.

Passaram a se encontrar todos os dias. Caminhadas na praia, sorvetes, e, uma noite, os dois olhando a Lua nascer espetacularmente cheia sobre o mar, ele disse que a gente sempre tem, sei lá, uma idéia da pessoa que vai amar por toda a vida, um ideal, não é mesmo? E ela sorriu e disse que, se ele fosse igualzinho aos sonhos dela, ela ia embora.

Detestava desmancha-prazeres. E ele pensou "Genial!", mesmo não entendendo muito bem, e naquela noite nem pôde dormir, pensando "Que cabeça. Que cabeça!"

Na noite seguinte, mesmo local, mesma Lua, ele declarou que nunca conhecera alguém como ela, e que estava apaixonado, e beijaram-se pela primeira vez. Depois ficaram se olhando, olho no olho, e ela disse, séria:

- Preciso te dizer uma coisa.
- O quê?
- As minhas frases...
- As suas frases?
- São da Martha Medeiros.
- Ah, é?
- Dos poemas.
- Hmmm.

Ele estava olhando para os próprios pés. Pensando: era bom demais para ser verdade, era bom demais. Ela perguntou:

- Faz diferença?
- Não, não. Que é isso?

Beijaram-se de novo. Ele pensando, resignado: "Que pintinha no canto da boca. Que pintinha no canto da boca!"

Esta outra história é de dois namorados, ele chamado Haroldo e ela, por coincidência, Marta. Os dois brigaram feio e Marta escreveu uma carta para Haroldo rompendo definitivamente o namoro e ainda dizendo umas verdades que ele precisava ouvir. Ou, no caso, ler. Mas Marta se arrependeu do que tinha escrito e no dia seguinte fez plantão na calçada em frente ao edifício de Haroldo, esperando o carteiro.

Precisava interceptar a carta de qualquer jeito. Quando o carteiro apareceu, Marta fingiu que estava chegando no edifício e perguntou:

- Alguma coisa para o 702? Eu levo.

Mas não tinha nada para o 702. No dia seguinte tinha, mas não a carta de Marta. No

terceiro dia o carteiro desconfiou, hesitou em entregar a correspondência a Marta, que foi obrigada a fazer uma encenação dramática. Não era do 702. Era a autora de uma carta para o 702. E queria a carta de volta. Precisava daquela carta. Era importantíssimo ter aquela carta. Não podia dizer por quê. Afinal, a carta era dela mesma, devia ter o direito de recuperá-la quando quisesse! O carteiro disse que o que ela estava querendo fazer era crime federal, mas mesmo assim olhou os envelopes do 702 para ver se entre eles estava a carta. Não estava. No dia seguinte — quando Marta ficou sabendo que o carteiro se chamava Jessé e, apesar de tão jovem, já era viúvo, além de colorado — também não. No outro dia também não, e o carteiro convidou Marta para quem sabe um chope. Na manhã depois do chope, a carta ainda não tinha chegado e Marta e Jessé combinaram ir ver Titanic juntos. No dia seguinte — nem sinal da carta — Jessé perguntou se Marta não queria conhecer sua casa. Era uma casa pobre, morava com a mãe, mas se ela não se importasse... Marta disse que ia pensar.

No dia seguinte chegou a carta. Jessé deu a carta a Marta. Ela ficou olhando o envelope por um longo minuto. Depois a devolveu ao carteiro e disse:

— Entrega.

E, diante do espanto de Jessé, explicou que só queria ver se tinha posto o endereço certo.

* * *

Com a mulher e os filhos na praia, Romildo telefonou para "Tatiana, gata liberada tipo mignon, bumbum arrebitado" e marcou um encontro. Ele a pegaria de carro, ela se esconderia quando entrassem na garagem do prédio e, se tudo desse certo, subiriam diretamente da garagem para o apartamento no 6º andar sem serem vistos. Se por acaso aparecesse algum vizinho, Tatiana devia fingir que não o conhecia. Certo? Certo.

Ele a pegou no local combinado, ela se abaixou na entrada da garagem e obedeceu quando Romildo, depois de examinar bem a garagem, decidiu que não havia perigo e fez sinal para ela entrar no elevador com ele, rápido. Mas o elevador parou no térreo e entrou a dona Cleci do 8º.

Romildo cumprimentou dona Cleci, que olhou Tatiana de cima a baixo, depois olhou para Romildo e, sem dizer nada, apertou o botão do 8º.

— Qual é o seu, mesmo? — perguntou Romildo a Tatiana.

— Quarto, obrigado.

Tatiana desceu no quarto com seu bumbum arrebitado, a porta do elevador se fechou e Romildo e Cleci se entreolharam.

— O que é isso?! — perguntou dona Cleci.

— Para a senhora ver.

— Quem é que mora no quarto?

— O dr. Galbino e as gêmeas.

— O dr. Galbino? Não acredito. Aliás, não pode ser. Ele está na praia.

O elevador parou no 6º e Romildo saiu, mas ficou segurando a porta.

— As gêmeas, a senhora acha? Será possível?

— As gêmeas? O que o senhor está me dizendo!

— Pode ser uma parenta.

— Não tinha cara de parente.

— Mas as gêmeas têm mais de 70 anos!

— Olha, não sei não. Sempre achei que elas caminham meio duro.

— Hoje em dia não dá para duvidar de mais nada, dona Cleci. Boa noite.

— Vou falar disso na próxima reunião e espero seu apoio.

— Positivo.

Em casa, Romildo se lembrou que Tatiana não sabia qual dos dois apartamentos do 6º era o seu. Passou o resto da noite espiando pela porta, para impedir que ela batesse no outro apartamento. Só faltava aquela, ela bater na porta do seu Loremar, que não queria outra coisa se não uma chance para se vingar da história do cachorro.

Mas Tatiana não apareceu. Tinha ido embora. Ou algo a prendera no andar das gêmeas.

Histórias de verão (IV)

Os convites para o casamento eram em papel branco pergaminhado, tinta preta em relevo. Os nomes dos pais da noiva e da noiva, Serena, os nomes dos pais do noivo (pai falecido) e do noivo, Francisco. Data, horário e igreja. Junto, um cartãozinho convidando para a recepção num bufê, depois da cerimônia. Simples, sóbrio e elegante. E ninguém conhecia um nome sequer do convite.

Durante dias, o assunto no grupo foi esse. Quem eram? Da noiva e da família da noiva, ninguém tinha ouvido falar. Não havia qualquer Serena entre as suas relações. E que possível Francisco seria aquele?

Passaram em revista os Franciscos que conheciam em idade de casar. Lembraram de dois, mas nenhum tinha aquele sobrenome. Foi quando um deles teve o estalo:

— É o Chicote!

— Tá doido.

— Claro que é.

— Cê tá sonhando. O nome do Chicote não era esse.

— É esse. Tenho certeza.

— Não acredito. O Chicote!

As mulheres se interessaram. O Chicote era, obviamente, um nome do passado dos maridos. Por que aquela surpresa com o casamento dele? Mas os homens estavam em polvorosa com a sua descoberta. O Chicote!

— E pensei que ele tivesse morrido!

Um lembrou da última vez que tinha visto o Chicote. O Chicote tentara lhe vender cotas de um condomínio de férias do qual nem se lembrava o nome, era Campos de Dentro ou Campos de Fora, e depois perguntara "E bijuteria, interessa?" Parecia nas últimas, sem dois dentes da frente. Lembraram passagens na vida do Chicote, às gargalhadas. O Chicote no gol, tão pequeno que invariavelmente era chutado para dentro junto com a bola e depois chorava de raiva. O Chicote tendo que interromper um exame oral porque urinara nas calças. O Chicote encarregado de entreter a velha Ermelinda na sala enquanto os outros comiam as irmãs Ferreiro no quarto e depois flagrado bolinando a velha, que dormia. O fim quase trágico da experiência, quando o Chicote se convencera que podia hipnotizar um cachorro. Acabara mordido pelo cachorro, corrido pelo dono do cachorro e levando uma surra do pai, o falecido seu Júlio. O Chicote certo que tinham negado seu visto de emigrante para os Estados Unidos por causa da altura e depois contando como o episódio o radicalizara.

Depois que pararam de rir, todos decidiram que não dava para perder o casamento do Chicote. E um provocou novas gargalhadas quando disse:

— Imaginem a noiva do Chicote!

Igreja lotada. Gente finíssima. Até um senador. O grupo ficou junto. Através de discretas perguntas ao redor, descobriram que a família da noiva era de Goiás. Terras, gado. No altar, o Chicote sorria. Com todos os dentes. Quando a noiva entrou na igreja, os homens do grupo prenderam a respiração. Serena era uma aparição. Alta, um corpo deslumbrante, um rosto maravilhoso, uns olhos, um sorriso... O que mais impressionou os homens foi o sorriso. Não era um sorriso de felicidade. Era o sorriso da felicidade, o original. E ela estava indo em direção ao Chicote. No fim da cerimônia, Serena teve que se curvar para beijar o Chicote.

Apesar da insistência das mulheres, nenhum dos homens quis ir à recepção, depois.

— Vocês não vão cumprimentar o Chicote?

— Que cumprimentar o Chicote!

Estavam todos de mau humor. Naquela noite, todos brigaram com as mulheres. E todos, de um jeito ou de outro, pensaram em suas vidas perdidas, e no que a Serena e o Chicote deviam estar fazendo, e na falta de critérios do destino.

Cinismo

Shakespeare gostava de usar seus vilões para dizer o indizível, e eles eram quase sempre os únicos personagens lúcidos das suas peças, os únicos sem qualquer ilusão sobre a sua própria motivação e a dos outros. Edmundo, o bastardo, em *Rei Lear*, tem um célebre discurso sobre the excellent foppery of the world, a maravilhosa vaidade do mundo ao atribuir o mau comportamento humano à influência dos astros e à interferência do além. É um racionalismo irônico surpreendente no começo do século 17, quando o próprio Shakespeare não hesitava em recorrer a fantasmas e divinações para tocar suas tramas, e só explicável pela licença para ser cético dada pelo autor a vilões da sua preferência. Nunca fica bem claro o que leva Iago a ser um calhorda tão completo em *Otelo*, mas ele ostenta a própria vilania com gosto e até um certo distanciamento crítico. Nada é tão moderno em Shakespeare quanto os seus vilões. Quando Verdi fez uma ópera da peça deu a Iago uma ária, *Creio num Deus Cruel*, e um motivo mais grave e filosófico para sua perfídia, mas ele era mesmo apenas um mau-caráter equipado com autoconhecimento — e, claro, ótimas falas. Descartada a nova interpretação, de que se tratava de um homossexual reprimido apaixonado pelo negão.

O maior bandido shakespeariano de todos é Ricardo III, cuja vilania autoconsciente parece ainda mais moderna porque envolve também uma fria reflexão sobre o poder e o que ele obriga.

Os bons atores correm atrás de papéis de vilão, e os melhores vilões são os que se conhecem e se explicam. Vilania mais autoconsciência costuma dar ótima literatura e boas interpretações. Al Pacino em *O Advogado do Diabo* é a prova mais recente que não há nada mais divertido do que um vilão bem articulado.

Personagens como Edmundo, Iago e Ricardo III não são realistas — poucos bandidos têm uma noção tão clara da sua própria calhordice, ou a festejam tanto —, mas são grandes papéis porque neles o mal se auto-examina em grandes discursos cínicos, e poucas coisas são, dramaticamente, tão fascinantes quanto o cinismo ostentado — ainda mais bem escrito. O cinismo é a ironia com poder, ou a ironia no poder, e, como a ironia é a província

do intelectual, um intelectual no poder tem o mesmo privilégio do tirano mais bem articulado de Shakespeare, que podia ser Ricardo III e ao mesmo tempo se observar sendo Ricardo III e dizendo que o que é não é e o que não existe, existe. E se maravilhando com ele mesmo.

Maquiavel acabou como um símbolo da maquinação obscura na política e só estava tentando inventar uma teoria do estado urbano, quando as cidades-estados recém-começavam a desafiar o poder feudal e não tinham nenhuma tradição sobre a qual construir. Ficou como o patrono da duplicidade e da manipulação do poder porque as pessoas acreditam que poder autoconsciente será sempre cínico, que qualquer pensamento sobre o poder será um pensamento sobre a mistificação. Assim qualquer intelectual que, como Maquiavel ou Éfe Agá, não apenas pense no poder como o exerça, em cena ou nos bastidores, acabará com uma reputação de cínico, mesmo que não a mereça. É como se para um intelectual no poder não houvesse escolha entre ser autoconsciente ao extremo, como o Ricardo III ou o diabo interpretado por Al Pacino, e, portanto um cínico, e não se entender direito.

Histórias de verão V

Vale história de vampiro? Pois o vampiro chegou em casa tarde da noite e deu com a mulher furiosa. Aquilo era hora? Onde ele tinha andado?

— Fui tomar chope com os amigos.

— Chope! Você estava era chupando o sangue de outra mulher.

— Meu amor, você sabe que eu só gosto do seu sangue.

— Pois sim. Há meses que você não morde meu pescoço. Você tem outra.

— Que injustiça. Eu...

— Olha aí. O que é essa mancha no seu colarinho?

— É batom, meu bem.

— Batom nada. É sangue. Você tem o sangue de outra no seu colarinho!

— Não seja boba. Vem cá, vem. Vou mostrar como você é a única da minha vida.

E o vampiro morde o pescoço da mulher, que fica impassível.

— E então? — diz o vampiro.

— Só arranhou. Nem saiu sangue.

— Acho que bebi demais...

* * *

Com a primeira o Gérson não teve sorte. Disse:

— Eu sei que você vai pensar que eu digo isto para todas, mas eu juro que é a primeira vez. Eu não conheço você de algum lugar?

— Conhece.

— De onde?

— Daqui mesmo. Um mês atrás. Você chegou e disse que sabia que eu ia pensar que você dizia isto para todas, mas jurou que era a primeira vez e perguntou se não me conhecia de algum lugar.

Antes de se afastar ela ainda disse:

— Até a próxima.

Com a outra foi diferente.

- Você me desculpe, mas tenho a nítida impressão de que já conheço você...
- Não estou me lembrando. Essa pessoa que você conhece... se chama Alice?
- Não.
- Tem 22 anos, não tem namorado e mora sozinha?
- Não.
- O telefone dela é 236-4477?
- Não.
- Então não sou eu.

* * *

Mulher na rua com cachorro preso por uma coleira.

— Vamos lá, Tupi. Faz o teu xixi que eu quero voltar para casa... Como é, Tupi? Ai, minha Santa Paciência, padroeira das empregadas. Eu tinha que trabalhar em apartamento com cachorro... Como é, Tupi, já fez? Não fez nada... Eu estou perdendo a minha novela, Tupi. A hora do xixi tem que ser logo esta? Passa o dia em casa sem fazer nada. Chega a hora da novela, é "Leva Tupi pra fazer o pipizinho dele..." Pipizinho. Faz, Tupi, qual é o problema? É inibição, é? Eu não olho. É fácil fazer xixi, Tupi. É só levantar a perninha. Mas não, como você é diferente. Tem que ficar meia hora pensando, antes. Faça ou não faça? Pipi or not pipi? Tupi, você não é um filósofo. Você é um cachorro! Faz, Tupi! Já fez? Não fez. É contra mim, eu sei. Quando a novela tiver acabado, aí você faz. Vamos lá, Tupi. Pelo amor de Deus. Pelo Brasil, Tupi. Pelo Fernando Henrique. Pela paz mundial e a irmandade entre as nações. Pela sua mãe! Fez? Não fez. Olha aqui, Tupi, está ficando tarde. Daqui a pouco podem até nos assaltar aqui na rua. Vão levar você. "Passe o cachorro." E aí, o que eu digo em casa? "Levaram o Tupi." "Ele já tinha feito o pipizinho dele?" Fez, de susto. Bem feito. Como é Tupi? A minha novela, Tupi... Tupi? Isso, agora. Coragem. Muito bem, Tupi! Fez na minha perna, não faz mal. Santa Paciência, padroeira das empregadas, dai-me forças. Vamos para casa, Tupi, que o Antônio Fagundes está nos esperando.

O pior crime

Os sem-terra cometeram vários crimes que justificam sua execução sumária. O primeiro foi o de existir. Este podia ser classificado como um crime menor, quase uma contravenção. Seria uma inconveniência tolerável, se não passasse disso. Mas quando, não contentes em existir, os sem-terra começaram a existir em grande número, a coisa tornou-se grave. Alguns não só existiam como se manifestavam. Outros foram ainda mais longe: transformaram-se em vítimas. Morreram, num claro desafio à ordem estabelecida. Em muitos casos, de tocaia, só para aparecer mais. Finalmente deixaram para trás qualquer escrúpulo e cometeram um crime imperdoável: se organizaram. São justificados os protestos contra mais essa afronta. Organizando-se, os sem-terra mudaram as regras do jogo, demonstrando — além de tudo — falta de esportividade. Eram regras antigas, combinadas e aceitas por todos. Organizando-se, os sem-terra espisotearam uma tradição brasileira de "fair play", que é o termo inglês para "não esquentar que depois a gente vê isso". Enquanto não estavam organizados era fácil enfrentá-los, controlá-los e derrotá-los — ou pedir calma,

que era quase a mesma coisa. Organizados, eles ganharam uma força inédita capaz até de — nada detém a audácia desses marginais — dar resultado.

Mas o pior crime dos sem-terra é o literalismo. Sua perigosa adesão ao pé da letra, sua subversiva pretensão que a prática siga a teoria. É um crime hediondo, pois coage as pessoas a serem fiéis à própria retórica o que no Brasil é antinatural. Como se sabe, todos no Brasil são a favor da reforma agrária. Fala-se em reforma agrária há gerações. Na saída da primeira missa o assunto já era a reforma agrária, e ninguém era contra. E vêm esses selvagens destruir todo um passado de boas intenções e melhores frases, querendo que nobre tese vire rele fato e princípio intelectual vire terra e adubo. E ainda pedindo pressa.

Jagunço neles.

Histórias de verão: o Tapir

Esta é uma história terrível. Tem a ver com um homem e o seu cachorro e o desconcerto do mundo. Deve ter outros significados, mas o autor não quer nem saber quais são. Um homem e o seu cachorro.

A família morava numa casa e tinha um cachorro. Não sei de que raça. Não interessa. As crianças — um rapaz de 17, uma menina de 12 — gostavam de brincar com o cachorro, mas quem cuidava dele mesmo era o pai. (O pai das crianças, não do cachorro.) O cachorro obedecia ao pai. Respeitava a mãe, brincava com as crianças, mas sua lealdade era dedicada ao pai. Lealdade forte, total, canina mesmo. Quando o deixavam entrar na casa, o cachorro ia direto botar a cabeça no joelho do pai para receber o cafuné. Depois deitava aos seus pés. E um dia o pai entrou correndo em casa e fechou a porta atrás de si com rapidez, e com cara de espanto.

— O que foi, Celmar? — perguntou a mulher.

— O Tapir.

— O quê?

— Avançou em mim.

— O quê?!

— Avançou. Quis me morder. Olha, chegou a rasgar a manga.

— Meu Deus. É raiva!

Mas quando a mulher foi olhar o Tapir, solto no quintal da frente, ele parecia normal. Aceitou o seu carinho, sacudiu o rabo, tudo como sempre. Mas foi só o Celmar botar a cara para fora da porta para o Tapir começar a rosar e mostrar os dentes.

— Você fez alguma coisa pra ele, Celmar?

— Eu? Nada!

Quando as crianças chegaram foram recebidas pelo Tapir brincalhão de sempre. Mas, quando o pai saiu pela porta disposto a se impor ao Tapir pelo grito e acabar com aquela história, foi obrigado a voltar correndo para dentro da casa. O Tapir avançou nele de novo.

Qual era a explicação? Tapir não podia estar confundindo Celmar com outra pessoa, depois de tanto tempo. Nada mudara em Celmar. Loção de barba, roupas, nada. E, no entanto, Tapir tinha que ficar preso por uma coleira, nos fundos da casa, para Celmar poder transitar pelo quintal da frente sem susto. O quintal da frente da sua casa, da sua própria casa. Como o resto da família Tapir se comportava como antes. Segundo o veterinário, não havia nada de errado com ele. Mas era só avistar o Celmar, mesmo através de uma janela, e

Tapir começava a rosnar e mostrar os dentes.

— Ouvi dizer que os cachorros têm um sexto sentido. Uma espécie de instinto para algumas coisas — disse, um dia, o filho, na mesa do jantar.

— Que coisas?

— Não sei, pai. Mas alguma coisa diferente ele notou em você...

Naquela noite, pela primeira vez, Celmar viu que a filha olhava para ele de uma maneira estranha. Desconfiada.

Outra noite. Celmar e a mulher na cama.

— O que você anda aprontando, Celmar?

— Como, aprontando? Por quê?

— O Tapir não se comportaria assim por nada.

— Não há nada! Eu sou a mesma pessoa de sempre. O cachorro é que enlouqueceu!

— Sei não. Sei não.

Dias depois, a família e os vizinhos acompanharam uma cena insólita nos fundos da casa. Tarde da noite. Celmar cara a cara com o Tapir, gritando:

— O que é? Hein? Hein? O que é?

E o Tapir quase arrebatando a coleira, tentando avançar no Celmar e latindo furiosamente.

Quando o Celmar anunciou que tomara a decisão de se livrar do cachorro, mãe e filhos se entreolharam. Depois a mulher disse que não iam se livrar do cachorro não. E disse:

— Nós achamos que ele está tentando nos avisar de alguma coisa.

— Então eu saio de casa! — explodiu Celmar.

E saiu. Está morando sozinho. Quando não está no escritório, passa horas deitado, pensando, ou se examinando no espelho, tentando descobrir o que o Tapir viu nele de repente, e não aceitou. Tem saudade da casa e da família. Mas chegou à conclusão que sente falta, mesmo, é do Tapir. Enquanto isto, a mulher e os filhos estão convencidos de que foi melhor assim, e estão gratos ao Tapir pelo aviso. Às vezes a gente não sabe o tipo de gente que tem dentro de casa.

Histórias de verão 3

Os dois casais se conheceram há pouco e se deram tão bem que combinaram alugar uma casa na praia juntos, neste verão. Helena e Severo, Renata e Ariosto. Alugaram uma ótima casa, com um único defeito: paredes finas.

Na primeira noite, Renata e Ariosto acompanharam a atitude amorosa de Helena e Severo no quarto ao lado desde os primeiros sussurros, passando por gemidos cada vez mais intensos e culminando com os gritos de Helena: — Severão! Severão! Você me mata, Severão!

Na noite seguinte, a mesma coisa. Ruídos indefinidos, risos abafados, Severo dizendo alguma coisa como "Bizuquinha" várias vezes, depois gemidos rítmicos num crescendo, até: — Severão! Severão! Você me mata, Severão!

Ariosto se deu conta que, assim como eles podiam ouvir tudo do quarto ao lado, do quarto ao lado podiam ouvir tudo do quarto deles. E que até ali só tinham ouvido a conversa banal de um casal antes de dormir, sem qualquer interesse ou paixão. Tipo: — Cê se lembrou de trazer o inalador?

— Vê no sacolão.

Naquela noite, antes que a atividade no quarto ao lado começasse, Ariosto propôs a Roberta: — Vamos?

— Onde?

— Nós dois. Mostrar a esses dois aí do lado.

E Ariosto começou a morder o ombro da mulher, tentando se lembrar de como a chamava antigamente. Seria "Ró"? Era "Ró".

— Vamos, Ró.

— "Ró"?!

— Vamos, vai. Fazer barulho.

— Não estou com vontade, Ariosto.

— Finge, pô.

— Faz tanto tempo...

— Use a sua imaginação.

E tanto Ariosto insistiu que Roberta cedeu, e usou sua imaginação, e em alguns minutos sons orgásticos atravessavam todas as paredes da casa, e do quarto ao lado Helena e Severo ouviram Roberta gritar: — Ai, Pauloca! Ai, ai, ai, Pauloca!

Na manhã seguinte, na mesa do café, Ariosto explicou a ausência de Roberta. Continuava no quarto. Estava muito transtornada com a morte de um amigo do casal, o Pauloca. Helena e Severo talvez até tivessem ouvido as lamentações de Roberta, na noite anterior.

— E quando foi que morreu esse Pauloca? — perguntou Severo.

— Entre hoje e amanhã — disse Ariosto, e em seguida anunciou que estava voltando para a cidade porque precisava tratar de um assunto urgente.

Outros dois casais — João e Maria, José e Maura Isoldete — alugaram uma casa num condomínio na serra onde em um mês já tentaram todas as combinações além de mulher com marido e marido com mulher — João com Maura Isoldete e José com Maria, até João com José e Maria com Maura Isoldete — e no outro dia receberam com grande alegria a chegada de um primo do João, Gideão, um moço moreno, forte e bonito. Foi Maura Isoldete quem sugeriu, com os olhos brilhantes, que as possibilidades para o resto da estação se multiplicavam com a presença de Gideão na casa. Em vez de canastra dia e noite, poderiam jogar, por exemplo, pôquer, que com só quatro não tem graça.

Rezende e a família têm uma casa na praia e a casa ao lado é de uma família chamada Alvorão. A única coisa que os Rezendes sabem dos vizinhos é que se chamam Alvorão. Não sabem onde eles moram no resto do ano, o que fazem, nada. Há dez anos acompanham a vida dos Alvorãos apenas pelo que vêem e escutam durante o verão. Dez anos, não. Nove.

Teve um ano em que a casa dos Alvorãos ficou misteriosamente fechada durante toda a temporada. Os Rezendes perguntaram aos outros vizinhos — os Pitas, os Matinhos, os Leivas — e ninguém sabia nada sobre os Alvorãos.

No ano seguinte vieram só a mulher e os filhos, um casal de gêmeos esquisitos. Pelo menos parecem gêmeos. E todas as noites, naquele verão, ouviu-se pela janela do quarto do casal a senhora Alvorão cantando Sabrá Dios com a língua cada vez mais enrolada. Um dia, grande sensação. Um dos gêmeos esquisitos, o rapaz, bateu na porta dos Rezendes com a cara assustada e perguntou se eles tinham alho em resma. E teve o ano em que o filho menor dos Pitas foi aprisionado pelos Alvorãos porque o pegaram espiando por uma janela. Saiu da casa de olhos arregalados, contando "Eles não têm televisão!", tão nervoso com a descoberta que ficou duas noites sem dormir. A senhora Alvorão já apareceu gorda, magra, gorda de novo, e no ano passado andou o tempo todo envolta numa espécie de lençol de seda amarelo, até na praia. O senhor Alvorão não vai à praia, nunca chega perto

do mar. Passa o tempo todo cuidando do jardim da casa. Responde a todas as tentativas de puxar conversa dos vizinhos com um "Rá!" que ninguém ainda conseguiu decifrar. Tanto pode ser um esforço para ser simpático, uma manifestação de desdém ou um latido.

Este ano, finalmente, a senhora Rezende tomou coragem, disse que era impossível passar dez anos sem saber nada de um vizinho, afinal eles são gente como a gente, têm filhos como os nossos, só um pouco esquisitos, afinal somos todos membros da mesma família humana e sabe o que mais? É hoje que eu vou lá.

— Fazer o quê? — perguntou o marido.

— Uma visita. Uma simples visita. A coisa mais antiga do mundo. O começo de toda vida social. (Nota do Autor: a senhora Rezende é professora). Um vizinho visitando o outro.

— Não vá se envolver — disse o marido. — Olhe lá.

Querendo dizer que, pelo que vislumbravam dele, o universo ao lado podia ser um sumidouro. Que não há nada mais perigoso do que a vida alheia. Que melhor era deixar acabar o verão e todos voltarem para os seus mistérios, como todos os anos. Mas a senhora Rezende foi. Bateu na porta dos Alvorãos. Ouviu um "Rá!" do senhor Alvorão, que a deixou entrar. Não sei como termina esta história. A senhora Rezende está lá desde as seis e meia. Ainda não saiu. Todos os olhos da vizinhança estão nas janelas dos Alvorãos, tentando adivinhar o que se passa lá dentro.

Histórias de verão 4: o parente

Conversa vai, conversa vem e os dois descobriram um parentesco. Ramiro chamou a mulher:

— Cris, olha só!

A Cris veio, ajustando o maiô atrás. Tinha recém-saído da água. O Ramiro apresentou:

— Cristina, Afonso. Afonso, Cristina.

— Muito prazer.

— Prazer, desculpe a mão molhada.

— Olha só: nós somos parentes.

— Como assim?

— Ele é Escuvero por parte de mãe!

— Escuvero, Escuvero...

— Você não lembra? A mamãe vivia falando nos Escuvero. Na tia Jenoca, no tio Pompeu...

— Não lembro não.

— Ó Cris! Por amor de Deus.

— Sua mãe contava tanta história...

— O Pompeu. Da história do gato.

— O Pompeu Maluco?

— Esse!

— Pompeu era o pai da minha mãe — disse Afonso, sério.

— Veja só. Neto do Pompeu Escuvero. Nós devemos ser primos em, o quê? Quarto ou quinto grau. Mamãe era sobrinha-neta da dona Licinha, que vinha a ser, deixa ver... O quê mesmo?

Cris estava mais interessada em outro detalhe.

— A história do gato é verdade?

Afonso continuava sério.

— Não sei qual é a história.

— Como é mesmo a história, amor?

Mas Ramiro tinha notado a seriedade de Afonso.

— Pensando bem, acho que a história do gato não foi com o tio Pompeu.

— Claro que foi. O Pompeu Maluco!

— Que eu saiba — disse Afonso — na minha família não tinha maluco.

Nuvens negras se aproximavam, as pessoas começavam a juntar suas coisas para fugir da praia, e Ramiro aproveitou para segurar o braço da mulher antes que ela dissesse outra palavra.

— Olha a chuva! Pega as crianças e vamos embora.

Despediram-se rapidamente de Afonso. Combinaram conversar mais sobre o parentesco no dia seguinte. Que coisa, que coincidência, etc. Grande prazer, hein? Tchau, tchau, até amanhã, até amanhã. Afonso disse que ia ficar na praia. Gostava de caminhar na praia com chuva. Bem coisa de um neto do Pompeu Maluco, pensou Ramiro, quando Afonso se afastou.

— Você não notou que ele não gostou da conversa sobre o Pompeu Maluco?

Estavam na mesa do almoço, com os três filhos.

— Foi você que puxou o assunto.

— Melhor não falar mais nada sobre isso com ele.

— Melhor nem chegar mais perto dele. Cara esquisito!

— Quem? — quis saber Rodrigo, o filho menor.

— Um parente que o papai encontrou na praia.

— Parente longe. Aliás, nem sei se Escuvero é parente mesmo. Se é, é longe.

— Como era mesmo a história do gato?

As crianças se entusiasmaram.

— Que história do gato?

— Nem me lembro mais. O Pompeu Maluco fazia alguma coisa com gatos.

Histórias da família.

O filho menor era o mais interessado.

— Fazia o quê com gato?

Por um rápido momento, Ramiro teve uma visão hidráulica. Um diagrama animado. Um fluxograma genealógico em movimento, era isso. O sangue dos Escuvero passando por tubos comunicantes, não se misturando com o sangue dele mas sendo despejado diretamente na corrente do seu filho Rodrigo com o gene defeituoso do Pompeu Maluco, predispondo-o a fazer coisas com gatos.

— Fazia o quê com gato? — insistiu o menino.

— Come, Rodrigo.

Na manhã seguinte, Ramiro e Cris caminhavam na praia quando avistaram o Afonso vindo na direção contrária.

— Hiih. . . — disse Cris.

— "liih" por que? Ele é um tipo interessante.

— Não pára, Ramiro. Por favor, não pára.

Mas Ramiro já estava com os braços levantados, saudando o outro.

— Salve, primo!

Afonso, formal:

— Bom dia. Como vão?

— Olha. Falei com mamãe. É como eu pensei, a história do gato não tem nada a ver

com o tio Pompeu. É do outro lado da família.

— Meu avô era cientista amador — disse Afonso. — Fazia experiências sobre o efeito da eletricidade no sistema nervoso. Talvez fosse isso.

— Não, não, Nada a ver.

Ramiro estava decidido a apaziguar o meio parente. Elaborou a mentira.

— O tal maluco era outro tio. Frederico. Frederico Maluco.

— Agora eu me lembro! — exclamou Cris. — Eletricidade. O Pompeu Maluco dava choque em gato!

— Não era o Pompeu, Cristina. A mamãe disse que era outro tio — tentou consertar Ramiro.

Mas o mal estava feito. Afonso se afastou sem se despedir.

— Viu o que você fez? Você enlouqueceu?

— Você é que enlouqueceu. "Falei com mamãe... " Sua mãe está morta há três anos,

Ramiro!

— Você não viu que eu estava tentando desfazer a nossa gafe?

Você gostaria que chamassem o seu avô de maluco?

— Graças a Deus na minha família não tem ninguém esquisito.

— Ah, é? E a sua prima que mastiga louça?

No dia seguinte, Ramiro e Cris caminhando na praia, e desta vez foi Ramiro quem disse:

— Iihh...

— Que foi?

— O parente. Vem vindo.

— E vem depressa. Parece que vai nos atac. . . Ramiro, onde você vai?

— Corre!

Ramiro já estava correndo, fugindo de Afonso. Cris saiu atrás.

— Que coisa ridícula, Ramiro. O que ele pode nos fazer?

— Sei lá. Mamãe sempre disse que os Escuvero são doidos.

— Meu Deus — disse Cris. — As crianças!

Histórias de verão 5: Bandeira Branca

Ele: tirolês. Ela: odalisca. Eram de culturas muito diferentes, não podia dar certo. Mas tinham só quatro anos e se entenderam. No mundo dos quatro anos todos se entendem, de um jeito ou de outro. Em vez de dançarem, pularem e entrarem no cordão, resistiram a todos os apelos desesperados das mães e ficaram sentados no chão, fazendo um montinho comum de confete, serpentina e poeira, até serem arrastados para casa, sob ameaças de jamais serem levados a outro baile de carnaval.

Encontraram-se de novo no baile infantil do clube do ano seguinte. Ele com o mesmo tirolês, agora apertado nos fundilhos, ela de egípcia. Tentaram recomeçar o montinho, mas desta vez as mães reagiram e os dois foram obrigados e dançar, pular e entrar no cordão, sob ameaça de levarem uns tapas. Passaram o tempo todo de mãos dadas.

Só no terceiro carnaval se falaram.

— Como é teu nome?

— Janice. E o teu?

— Píndaro.

- O que?!
- Píndaro.
- Que nome!

Ele de legionário romano, ela de índia americana.

Só no sétimo baile (pirata, chinesa) desvendaram o mistério de só se encontrarem no carnaval e nunca se encontrarem no clube, no resto do ano. Ela morava no interior, vinham visitar uma tia no carnaval, a tia é que era sócia.

— Ah.

Foi o ano em que ele preferiu ficar com a sua turma, tentando encher a boca das meninas de confete, e ela ficou na mesa, brigando com a mãe, se recusando a brincar, o queixo enterrado na gola alta do vestido de imperadora. Mas quase no fim do baile, na hora do "Bandeira Branca", ele veio, e a puxou pelo braço, e os dois foram para o meio do salão, abraçados. E quando se despediram ela o beijou na face, disse "Até o carnaval que vem" e saiu correndo.

No baile do ano em que fizeram 13 anos, pela primeira vez as fantasias dos dois combinaram. Toureiro e bailarina espanhola. Formavam um casal! Beijaram-se muito, quando as mães não estavam olhando. Até na boca. Na hora da despedida, ele pediu:

- Me dá alguma coisa.
- O que?
- Qualquer coisa.
- O leque!

O leque da bailarina. Ela diria para a mãe que o tinha perdido no salão.

No ano seguinte ela não apareceu no baile. Ele ficou o tempo toda à sua procura, um havaiano desconsolado. Não sabia nem como perguntar por ela. Não conhecia a tal tia. Passara um ano inteiro pensando nela, às vezes tirando o leque do seu esconderijo para cheirá-lo, antegozando o momento de encontrá-la outra vez no baile. E ela não apareceu. Marcelão, o mau elemento da sua turma, tinha levado gim para misturar com o guaraná. Ele bebeu demais. Teve que ser carregado para casa. Acordou na sua cama sem lençol, que estava sendo lavado. O que acontecera?

— Você vomitou a alma — disse a mãe.

Era exatamente como se sentia. Como alguém que vomitara a alma e nunca a teria de volta. Nunca. Nem o leque tinha mais do cheiro dela.

Mas no ano seguinte ele foi ao baile dos adultos no clube — e lá estava ela! Quinze anos. Uma moça. Peitos, tudo. Uma fantasia indefinida.

— Sei lá. Bávara tropical — disse ela, rindo.

Estava diferente. Não era só o corpo. Menos tímida, o riso mais solto. Contou que faltara no ano anterior porque a avó morrera, logo no carnaval.

- E aquela bailarina espanhola?
- Nem me fala. E o toureiro?
- Aposentado.

A fantasia dele era de nada. Camisa florida, bermudas, finalmente um brasileiro. Ela estava com um grupo. Primos, amigos dos primos. Todos vagamente bávaros. Quando ela o apresentou ao grupo alguém disse "Píndaro?!" e todos caíram na risada. Ele viu que ela estava rindo também. Deu uma desculpa e afastou-se. Foi procurar o Marcelão. O Marcelão anunciara que levaria várias garrafas presas nas pernas, escondidas sob as calças da fantasia de sultão. O Marcelão tinha o que ele precisava para encher o buraco deixado pela alma. Quinze anos, pensou ele, e já estou perdendo todas as ilusões da vida, começando pelo carnaval. Não devo chegar aos 30, pelo menos não inteiro. Passou todo o baile encostado numa coluna adornada, bebendo o guaraná clandestino do Marcelão, vendo ela passar abraçada com uma sucessão de primos e amigos de primos, principalmente um

halterofilista, certamente burro, talvez até criminoso, que reduzira sua fantasia a um par de calças curtas de couro. Pensou em dizer alguma coisa, mas só o que lhe ocorreu dizer foi "Pelo menos o meu tirolês era autêntico" e desistiu. Mas quando a banda começou a tocar "Bandeira Branca" e ele se dirigiu para a saída, tonto e amargurado, sentiu que alguém o pegava pela mão, virou-se e era ela. Era ela, meu Deus, puxando-o para o salão. Ela enlaçando-o com os dois braços para dançarem assim, ela dizendo "Não vale, você cresceu mais do que eu" e encostando a cabeça no seu ombro. Ela encostando a cabeça no seu ombro.

Encontraram-se de novo 15 anos depois. Aliás, neste carnaval. Por acaso, num aeroporto. Ela desembarcando, a caminho do interior, para visitar a mãe. Ele embarcando para encontrar os filhos no Rio. Ela disse: "Quase não reconheci você sem fantasia." Ele custou a reconhecê-la. Ela estava gorda, nunca a reconheceria, muitos menos de bailarina espanhola. A última coisa que ele lhe dissera fora "Preciso te dizer uma coisa", e ela dissera "No carnaval que vem, no carnaval que vem" e no carnaval seguinte ela não aparecera, ela nunca mais aparecera. Explicou que o pai tinha sido transferido para outro Estado, sabe como é, Banco do Brasil, e como ela não tinha o endereço dele, como não sabia nem o sobrenome dele, e, mesmo, não teria onde tomar nota na fantasia de falsa bávara...

— O que você ia me dizer, no outro carnaval? — perguntou ela.

— Esqueci — mentiu ele.

Trocaram informações. Os dois casaram, mas ele já se separou. Os filhos dele moram no Rio, com a mãe. Ela, o marido e a filha moram em Curitiba, o marido também é do Banco do Brasil... E a todas essas ele pensando: digo ou não digo que aquele foi o momento mais feliz da minha vida, "Bandeira Branca", a cabeça dela no meu ombro, e que todo o resto da minha vida será apenas o resto da minha vida? E ela pensando: como é mesmo o nome dele? Péricles. Será Péricles? Ele: digo ou não digo que não cheguei mesmo inteiro aos 30, e que ainda tenho o leque? Ela: Petrarco. Pôncio. Ptolomeu...

Histórias de verão — 6

Este ano ele decidiu fazer um retiro espiritual durante o carnaval. A mulher compreendeu. Ele precisava de uns dias de recolhimento, introspecção e auto-análise. "Um spa da alma", foi como descreveu o que queria. E, através de um parente religioso, conseguiu exatamente o que queria. Um cubículo de paredes nuas, salvo por um crucifixo, uma cama com colchão de palha, uma semana de comida frugal, água de moringa e reflexão. Faria um levantamento da sua vida até ali, para saber como vivê-la com sabedoria até o fim. Internou-se na segunda-feira para sair na sexta. Na quarta-feira teve a primeira visão. De uma das paredes nuas uma adolescente nua, que ele reconheceu imediatamente. Irene, a Vizinha Irene, seu primeiro beijo de língua. Naquela mesma noite apareceu a prima Ivani, que deixava ele tocá-la por fora da calcinha. Ivani entrou por uma rachadura do teto, sem calcinha. Na quinta-feira um grande calor dentro do cubículo anunciou a chegada de Inga, a empregada da colônia, a dos mamilos rosados, sua primeira vez até o fim. Em seguida, materializou-se num canto a sua primeira vez até o fim. Em seguida, materializou-se num canto a sua primeira namorada séria, Maria Alcina, a que enchia o umbigo de mel para ele esvaziar com a língua. E de dentro da moringa saiu a sinuosa Sulamita dos cabelos negros até a cintura, que ele pensava que já tivesse esquecido.

Naquela noite, se alguém olhasse pela portinhola, o veria dando voltas no cubículo,

puxando um cordão imaginário de mulheres, que depois caberiam todas juntas no seu colchão de palha. Na sexta-feira, antes de sair, ele combinou com todas. Ano que vem, aqui mesmo, turma! Quando ele chegou em casa a mulher só estranhou as olheiras.

O Lopes foi até a praia levar uns papéis para o seu Vinícius assinar e acabou sendo escalado no gol, porque o goleiro do time adversário estava com infecção gástrica. Disse que precisava voltar para a cidade, para o trabalho, mas o seu Vinícius o dispensou do trabalho e ordenou que ele ficasse na praia e fosse para o gol. Houve protestos dos adversários. Iam jogar com um empregado do Vinícius, um assalariado, um dependente do Vinícius, que faria qualquer coisa para agradar o Vinícius — no gol!?! Brincadeira. Vinícius disse que botava a mão no fogo pelo empregado. Era um homem corretíssimo. Se deixasse passar alguma bola não era por servilismo, era porque nunca na vida jogara no gol. E aconteceu o seguinte: o Lopes, jogando com um calção emprestado, não deixou passar uma bola. Fez defesas sensacionais. Tantas que, apesar de repetidas prorrogações, o jogo acabou zero a zero. Praia vazia, o sol indo embora, não havia outro jeito: decisão por pênaltis. O time do Vinícius se reuniu em volta dele, para pedir providências.

— Pô, Vinícius. Dá um jeito nesse cara.

— Tá pegando tudo.

— Calma, calma.

O time adversário estava reunido em torno do Lopes, entusiasmado com o sorridente Lopes. Era verdade que ele nunca jogara no gol antes?

— Nunca joguei futebol!

Aquilo era talento nato. Um fenômeno. E o Lopes radiante. Modesto mas radiante. O que é isso? Sorte, sorte.

Cinco pênaltis para cada lado. Vinícius deu um jeito de se aproximar do herói da tarde, antes das cobranças. Disse:

— Deixa passar uns três.

— Mas seu Vinícius...

Mas Vinícius já tinha se afastado.

Primeiro chute. Lopes defende.

O time adversário marca.

Segundo chute do time do Vinícius. Outra defesa espetacular de Lopes.

O time do Lopes marca. Dois a zero.

Terceiro chute do time do patrão. Lopes se atira para um lado, a bola vai para o outro, mas Lopes defende com o pé.

Terceiro chute do time do Lopes. Para fora.

Vinícius prepara-se para chutar o quarto pênalti do seu time. Se marcar, seu time ainda tem chance de empatar. Se perder, seu time está liquidado. Vinícius aproxima-se de Lopes com a bola embaixo do braço.

— Se você defender este, está despedido.

Lopes não diz nada. Vinícius continua, falando baixo:

— E vai ser por justa causa. Não tem fundo de garantia, indenização, nada. É rua, sem um tostão.

Lopes quieto, olhando para o chão.

— Há quanto tempo você está na firma. Vinte anos? Pois vão ser vinte anos jogados fora. Vai fazer o que? Recomeçar a vida? Como goleiro?

Os adversários protestam. Olha aí seu juiz, coação. Coação! Bate logo esse pênalti!

— Pense bem — diz Vinícius, antes de se afastar para colocar a bola no montinho do pênalti.

Vinícius toma distância. Lopes está encurvado, braços abertos, olho na bola. Não se sabe o que passa pela sua cabeça. Mais tarde, dirá para a mulher que pensou nas crianças,

pensou nela, mas isso pode ser literatura depois do fato. É provável que seu cérebro esteja ocupado apenas por ele mesmo, e pela sua escolha. Dizem que todo homem tem um momento assim, em que se vê de frente pela única vez, embora possa estar olhando para nada mais definidor do que uma bola branca. Vinícius corre para a bola branca. Por um instante o olhar dos dois se encontra. Estão num crepúsculo do deserto, os dois seminus, e nada no mundo ainda foi inventado, salvo a bola. Vinícius chuta no canto. Um chute seco. Lopes voa. Com a ponta dos dedos, voa a bola para fora. Alguém dirá depois que nunca viu uma defesa como aquela, para fora. Alguém dirá depois que nunca viu uma defesa como aquela, em praia ou estádio. O time de Lopes carrega o seu goleiro acidental em triunfo.

Antes de voltar para a cidade, Lopes precisa pegar sua roupa na casa de Vinícius. Os dois se encontram no alpendre. Vinícius quer saber:

— Por que?

Lopes baixa os olhos. Dá de ombros. Não sabe o que dizer. Os dois não estão mais no deserto.

O primeiro disse que o sol se pondo banhava o rosto dela com uma luz violenta especialmente encomendada para realçar seus olhos claros, que o mundo era um cenário para a sua passagem, e que o firmamento, o firmamento era só efeitos de luz de um diretor que obviamente a amava, como ele. O segundo disse que as cores do pôr-do-sol eram ilusões óticas devidas ao efeito prismático da atmosfera quando a Terra estaca num certo ângulo em relação ao Sol, que tudo era ilusão, que a única certeza que se podia ter do Universo era da sua indiferença aos nossos pobres desígnios humanos e que mesmo assim ele a amava, e o terceiro, que disse que nada podia dizer sobre o pôr-do-sol, salvo que do terraço da sua cobertura poderiam vê-lo melhor, foi aquele a quem Teresa deu a mão. Pois são difíceis os tempos.

Histórias de vizinhos

Vizinhos, vizinhos. Todo o mundo tem histórias de vizinhos. Vizinhos de cima, vizinhos de baixo, vizinhos de trás e da frente, vizinhos de porta ou de janela, vizinhos com filhos ou sem filhos, com cachorros ou sem cachorros. Bons vizinhos, maus vizinhos...

Você escolhe, até certo ponto, os amigos que quer ter e as pessoas com quem quer viver, mas não escolhe as pessoas mais importantes da sua vida. As pessoas que condicionam e determinam a sua existência e os seus humores: seus pais e os seus vizinhos. Ninguém escolhe a família em que vai nascer — ou seja, a forma do seu nariz e da sua herança — nem, salvo raras exceções, os vizinhos que vão rodeá-lo.

E um vizinho pode ser a sua salvação. Não só metafórica, fornecendo o gelo que acabou ou o açúcar que faltou, mas a sério, chamando a polícia na hora do assalto, arrastando você do incêndio e fazendo respiração boca a boca, completando a parceria do buraco, etc.

E um vizinho também pode ser a sua perdição. Pode reforçar ou acabar com a sua fé na humanidade, resgatar você da solidão e do desespero ou fazer você perder o sono, a razão e finalmente o controle e transformá-lo num assassino raivoso. Todo homem é ele e a sua vizinhança. E se é verdade que o maior mistério e desafio do homem é sempre o outro, então o vizinho é o outro na sua versão radical. É o outro do lado.

Bons vizinhos, maus vizinhos, vizinhos esquisitos... Carlos e Luiza um dia tomaram coragem e bateram na porta do seu vizinho esquisito, o dos três cachorros. Não era por nada

não, mas será que ele podia baixar um pouco a música? Todos os dias, o dia inteiro, a mesma música, no mesmo volume. Não apenas música, mas ópera. E não apenas ópera, mas ópera de Wagner. Se desse para baixar um pouquinho...

O vizinho esquisito explicou que, se dependesse dele, baixava. Nem gostava muito de ópera, muito menos de Wagner. Mas quem ouvia não era ele, era o Kaiser, seu pastor alemão. O Kaiser exigia ópera, e naquele volume, o dia inteiro. E aí se não fosse Wagner.

Se eles quisessem tentar convencer o Kaiser... Carlos e Luiza desistiram, e recorreram às preces. Que deram certo, pois um dia o Kaiser foi atropelado na rua e morreu. Seguiram-se semanas de abençoado silêncio no apartamento ao lado, para alegria de Carlos e Luiza. Até que um dia, cedo de manhã, todos começaram a ouvir música chinesa vinda do apartamento do vizinho esquisito. Enlouquecedora música chinesa, a todo volume, sem parar. Um horror, concordou o vizinho esquisito, mas era uma exigência de Ping, seu pequinês.

Ping, aparentemente, só esperava a morte do Kaiser para impor seu gosto musical. Mas como se explicavam as semanas de abençoado silêncio, quiseram saber Carlos e Luiza. Ping decidira que alguns dias de luto e respeito se impunham, depois da morte do pastor alemão.

Carlos e Luiza estão pensando seriamente em raptar o pequinês e dissolvê-lo no liquidificador, mas estão com uma dúvida, e fazendo pesquisa. O terceiro cachorro é um dinamarquês. Quais são os compositores dinamarqueses? Alguém sabe alguma coisa da música dinamarquesa?

Os vizinhos de cima fazem barulho, mas os vizinhos de baixo são os piores. Os vizinhos de baixo reclamam do nosso barulho. Cansada de tanto ouvir desaforo da vizinha de baixo, Magali resolveu vender o apartamento. Durante anos cuidara para não fazer barulho, durante anos levava uma vida de monja, na ponta dos pés, aterrorizada pela vizinha de baixo. E mesmo com todo o seu cuidado, não parava de ouvir críticas da vizinha de baixo. Críticas injustas, insultos, ironias. "Que festão ontem, hein?" só porque um copo quebrara no chão da cozinha. "Esta manhã o que foi, uma manada de búfalos, é?" Magali não sabia responder. Gaguejava, pedia desculpas, e a vizinha de baixo aproveitava para aterrorizá-la ainda mais.

Finalmente, Magali resolveu fugir. Pôs o apartamento à venda.

E avisava aos possíveis compradores: a vizinha de baixo podia ser um problema. A vizinha de baixo era difícil...

Até que apareceu a Consuelo. Alta. Cabelos puxados para trás. O busto, um promontório. Não era uma mulher, era uma força-tarefa.

Declarou "Sou espanhola" como se fosse um habeas-corpus preventivo, que lhe permitia tudo, inclusive o coque e a insolência. Olhou o apartamento com ar superior, declarou que ficaria com ele e informou:

— Danço flamenco.

— Ótimo — disse a Magali.

E não disse mais nada. Depois que entregou a chave do apartamento a Consuelo e seus três acompanhantes, com um sorriso secreto nos lábios, e se mudou, Magali nunca deixou de ler as páginas policiais do jornal, antegozando a notícia do primeiro incidente.

E tem a história do Rogério que salvou uma vizinha do suicídio — sentiu cheiro de gás, arrombou a porta do apartamento dela, foi ali, ali — e se envolveu de tal maneira na vida da moça que teve de largar tudo, o escritório, os planos de curso no exterior, a futebol de salão das terças com os amigos, a namorada, tudo, porque se sente responsável pela continuação da vida da moça, que se não fosse por ele estaria morta e sem mais problemas, porque a moça é complicada e não perde oportunidade de lembrá-lo da sua obrigação de ajudá-la e enfrentar uma vida que ela não queria mais, porque o outro é sempre um mistério

e um desafio e um sumidouro, e porque ela não é exatamente bonita, mas tem um olhinho caído, o lábio inferior saliente e não consegue dormir sem o Rogério segurar a sua mão. Entende? diz o Rogério, mas ninguém entende. Comentam que Rogério é apenas um vizinho bom demais, que ninguém realmente salva ninguém, que é para isso que existem as paredes.

Histórias de vizinhos 2

Descobriram que, por alguma razão, por algum cano ou duto, podiam ouvir, do seu banheiro no terceiro andar, tudo o que se passava nos banheiros de cima e de baixo. Todos os ruídos, todas as vozes de todos os vizinhos do seu lado do prédio, do primeiro ao quinto.

Os ruídos se pareciam — não há muita variedade nos sons que a humanidade produz no banheiro, que são, afinal, a única linguagem universal —, mas as vozes eram difíceis de identificar. Qual seria aquele casal que sempre tomava banho junto, à noite, entre risadas?

Não podia ser o mesmo que brigava no banheiro todas as manhãs. E quem seria o barítono de uma sílaba só, que cantava seleções do cancionero popular fazendo "Bom, bom, bom, bom, bom, bom?"

Tentavam ligar as vozes aos vizinhos que encontravam na entrada do prédio e no elevador. Só podia ser daquele homem solitário e triste do 403 a voz que agradecia com sentimento — "Obrigado, Senhor!" — cada movimento bem-sucedido dos intestinos, aparentemente sua única felicidade na vida. E o gordo do 203, ou era o do "bom bom bom" ou era o que gritava, para alguém ou para ele mesmo no espelho, todas as manhãs: "É hoje, campeão! É hoje!"

Um dia a briga diária do casal ficou feia. Chegou a insultos pesados, a berros descontrolados, ao ruído de vidro quebrado — e depois silêncio. Um devia ter matado o outro. Uma discussão daquela intensidade não acabava sem uma morte, ou pelo menos sem alguém no hospital.

Fizeram plantão no banheiro. À hora de sempre, ouviram o anônimo de cima — ou seria de baixo? — gritar "É hoje, campeão! É hoje!" Aquele continuava vivo e saudável. E confiante.

A pessoa que levava um rádio para o banheiro e, por volta do meio-dia, fazia tudo o que tinha de fazer ouvindo um programa de horóscopo e conselhos sentimentais cumpriu sua rotina de todos os dias. Estava bem.

Ouviram o agradecimento ao alto de sempre pela evacuação satisfatória. "Obrigado, Senhor!", depois o ruído da descarga.

E à noite ouviram os sons inconfundíveis de um homem e uma mulher debaixo do mesmo chuveiro. Não podia ser o mesmo casal da briga. Mesmo depois de uma reconciliação espetacular, não podia ser o mesmo casal.

— Não ouvi o "bom, bom, bom" o dia inteiro.

Era verdade. O cantor não cantara. Devia ser ele a vítima. Podia estar num hospital, com a cabeça quebrada. Podia estar morto. Podia estar esquartejado e guardado num freezer! Decidiram ir falar com o porteiro.

Não, disse o porteiro. Ninguém saía do edifício para um hospital.

Ele não dera falta de nenhum morador. Todos os que normalmente passavam pela portaria, tinham passado aquele dia. A não ser, pensando bem, o gordo do 203... Ele tinha

visto a mulher do gordo, mas não o gordo.

Era o gordo! O homem-tuba. O "bom, bom, bom", coitado. Mas já estavam combinando chamar a polícia quando o gordo saiu do elevador, com o cabelo ainda molhado do banho. E o gordo parecia tão contente de vê-los quanto eles de ver o gordo. Nunca tinham se falado antes, mas se abraçaram efusivamente, quase pulando juntos de tão alegres. Inclusive o porteiro, que nem sabia o que estava comemorando.

Depois o gordo confessou que ouvira uma briga feia num banheiro, uma briga que só podia acabar em morte ou com alguém no hospital, e pensara que fosse eles.

E então eles se deram conta que, assim como ouviam o que os outros faziam no banheiro, os outros também ouviam suas vozes e seus ruídos mais privados. Passariam a se cuidar. E na manhã seguinte ouviram, aliviados, o casal brigando no banheiro. Ninguém estava no hospital, ou morto e esquartejado dentro de um freezer.

Continuavam vivos e ferozes. Não podia ser o mesmo casal que tomava banho junto. Ou podia? Vizinhos, nunca se sabe. Vizinhos são capazes de tudo.

A gente fica sabendo coisas dos vizinhos por vias indiretas. Quase sempre, entre vizinhos novos que não se conhecem, o primeiro contato é feito pelas crianças. De repente seu filho fez amizade com o filho do vizinho e o filho do vizinho está dentro da sua casa, brincando com o seu filho, comendo com o seu filho, e contando que o pai é alérgico a morango e a mãe foi miss. E muitas vezes se tem vislumbres do que é a vida do vizinho por um detalhe, por uma cena vista por uma porta entreaberta, por uma frase que escapa. Como na vez em que a garotada do condomínio fez alguma coisa que não devia e foram todos arrastados para casa, alguns pela orelha, pela respectivas mães, cada uma ameaçando com um castigo diferente.

— Você vai ficar sem televisão por um mês!

— Seu pai não vai levar você no jogo!

— Pode esquecer a bicicleta!

E todas ficaram muito impressionadas quando ouviram uma mãe anunciar:

— Uma semana sem "baba-au-rhum"!

Que vida não seria aquela? Pensando bem, a mulher era a única no condomínio, e provavelmente no mundo, que ainda usava turbante.

Histórias de vizinhos 3

E tem, claro, a vizinha da frente. A linda vizinha do edifício da frente. A maravilhosa vizinha que anda nua pelo apartamento da frente. A estonteante vizinha da qual se ouvem tantas histórias. O que é estranho, porque ninguém jamais teve uma vizinha da frente assim. Todas as histórias de vizinhas da frente são mentirosas. Inclusive esta.

Principalmente esta.

Eu acompanhei todo o processo. A desocupação do apartamento em frente. Os trabalhos de reforma e pintura. As visitas de compradores ou inquilinos em potencial. Faço pesquisa nuclear, contabilidade e escultura em arame em casa — hoje em dia, para sobreviver, "you have to turn around", como diz o meu amigo Borba — e trabalho perto da janela, de onde vejo todo o movimento da vizinhança. Lembro do dia em que o corretor a levou para conhecer o apartamento e o meu coração, modo de dizer, parou. Eu nunca tinha visto uma mulher tão bonita, e isso que ela ainda estava vestida. Ela espiou pela janela e sei que me viu. Desconfio. Tenho certeza. Acho que me viu. Talvez não tenha me visto. Mas

foi depois de espiar pela janela que ela fechou negócio com o corretor. A pantomima não deixava dúvidas. Eram os gestos típicos de quem decidiu ficar com um apartamento porque gostou da vista, e gosto de pensar que foi o meu perfil de artista, do outro lado da rua, terminando uma águia de arame dourado, que a convenceu. Comentei com o meu amigo Borba que só faltava ela ocupar o apartamento com um marido ou coisa parecida. Mãe. Amiga halterofilista. Mas não. Ela era sozinha. Ela era perfeita.

E no primeiro dia nos olhamos nos olhos. Nossos olhares se encontraram no meio da distância entre os dois prédios, cercados de buzinas e outras emanções sujas da rua, alheios a tudo. Como dois equilibristas apaixonados num arame invisível, nossos olhares se encontraram no meio do caminho. Como dois passarinhos se beijando no ar, nossos olhares se encontraram. Tenho quase certeza.

Ou ela podia estar olhando para outro andar. No segundo dia ela passou do banheiro para o quarto envolta numa toalha esvoaçante, no terceiro dia esqueceu a toalha, no quarto dia parou na frente da janela, nua, e o seu olhar me dizia "Hein? Hein?" Falando como artista: hein? E o meu olhar respondia, o coração parado e batendo forte ao mesmo tempo: maravilha. Maravilha! E no quinto dia começaram as mensagens.

Primeiro com as mãos. Os gestos dela de quem pergunta "E agora?" Tentei indicar, numa seqüência de gestos, o que eu pretendia fazer. Atravessar a rua correndo (dois dedos imitando a corrida, um dedo erguido na frente representando uma ereção estilizada), subir pelo elevador, bater na sua porta e possuí-la repetidamente durante toda a noite, por todos os meios, mas ela deve ter entendido mal porque em seguida fechou a janela com violência. Segundo o Borba o gesto dela na janela significara não "O que faremos agora que nos apaixonamos sem nunca nos falarmos, que nossos olhares se amaram no vácuo e você viu minha nudez, o que faremos agora, artista?" Mas sim "Está olhando o que, seu babaca?" O Borba disse que eu estava variando. Disse "You are varying, my friend."

O Borba estava errado. No dia seguinte ela passou nua pela sua janela de novo, me viu na minha janela olhando para a sua, e se aquilo não era amor no seu rosto, se aquilo não era fascinação pelo vizinho da águia dourada, eu não me chamo Seráfico. Ela parou e fez a mímica internacional do telefone. Como se sabe, a mímica telefônica acompanhou o desenvolvimento do aparelho, e você pode dizer a idade de uma pessoa pelo modo como ela imita falar no telefone dando manivela ao lado do ouvido (mais de 70 anos), girando um disco fantasma com a ponta de um dedo nostálgico (dos 40 aos 70) ou estendendo um charmoso mindinho e um irresistível polegar ao lado da deslumbrante cabeça como a vizinha da frente (nós, jovens fogosos e sem fio). Entendi. Ela queria meu número de telefone. Procurei freneticamente papel e pincel atômico, acabei usando uma das minhas folhas de cálculo nuclear para escrever o número e mostrar para a minha amada, que fez um sinal de "Espera" e desapareceu. Ela ia me ligar. Eu ia ouvir a sua voz nua.

Íamos combinar nosso futuro, nosso caso, camisinha musical ou não, talvez filhos, talvez Bali, ela ia me telefonar! E o telefone tocou. Corri para o telefone como um dia correríamos pela Piazza San Marco, espantando os pombos, e atendi.

Era o Borba. Conteí o que estava acontecendo e disse que precisava desligar. Ela ia me telefonar a qualquer minuto. O Borba disse "Corta essa." Cut that thing. O Borba disse que vizinhas da frente como a que eu descrevia não existem. Vizinhas da frente são um mito. Na versão do Borba, a mímica telefônica dela queria dizer que ela ia telefonar para a polícia para denunciar minha invasão visual de privacidade. Ou pior. Que ia convocar seus dois irmãos, Troncoso e Troncudo, para arrancarem alguns dos meus órgãos.

O melhor que eu tenho a fazer, segundo o Borba, é dar no pé. "Beat the foot! Beat the foot!" O Borba não entende o amor ou a sensibilidade artística. O Borba não sabe o que houve entre nossos olhares no espaço aéreo ou o efeito do meu perfil. Estou esperando o telefonema dela. Tenho certeza que não me enganei. Posso ter me enganado. Não me

enganei. Já se passou um dia e ela não telefonou. Ainda vai comprar um telefone, é isso. Está na hora do banho dela. Quando ela aparecer, também vou ficar nu na frente da janela e mostrar que sou sincero.

Homem e mulher na cama

Cena 1

Homem e mulher na cama.

— Quem é o seu ursão?

— É você.

— Quem é o seu ursanzão?

— É você.

— E quem é a minha ursinha?

— Sou eu.

— Quem é a minha ursinha pequenininha?

— Sou eu.

— Me chama de "meu ursão".

— Meu ursão. Meu ursanzão. Meu ursanzão peludão.

— Eu sou o seu ursanzão peludão, sou?

— É. Meu garanhão.

— Quê?

— Meu garanhanzão.

— Pô, Matilde.

— Que foi?

— "Meu garanhão"?!?

— Que que tem?

— Você sabe o que é garanhão?

— Ora, Paulo. Quem não sabe o que é garanhão?

— Antes você não sabia.

— Eu sempre soube o que é garanhão. Não dizia, mas sabia.

— E por que está dizendo agora?

— Que mal há em dizer... Francamente, Paulo!

— Você conheceu algum garanhão?

— Não, Paulo. Não conheci nenhum garanhão pessoalmente. Meu conhecimento é puramente teórico. Aliás, não conheço nenhum urso, também. O único urso que eu conheço é você.

— Não é a mesma coisa. "Ursão" e "ursinha" é uma coisa nossa. Desde a nossa lua-de-mel, ou você já esqueceu? Não sei por que você teve que trazer esse "garanhão" pra nossa cama. Olha aí, espantou os ursos.

— Está bem, eu retiro o garanhão. Fora desta cama, garanhão. Xô, xô.

— Agora não adianta. O mal está feito. Pô, Matilde. Nunca pensei.

— Ei, ursão... Ursanzão... Ursanzão peludão... Eu não quero um garanhão. Eu quero você.

— E você acha que eu não sou um garanhão?

— Não. Você é ursão. Ursão é melhor que garanhão.

— Como é que você sabe? Se você não conhece nenhum garanhão, como é que pode comparar?

— Iiih... Sabe de uma coisa, Paulo? Boa noite.

— Não, agora eu quero saber!

Cena 2

Homem e mulher na cama.

— E então?

— Foi bom.

— Só "bom"?

— Foi muito bom.

— Numa escala, assim, entre um entardecer em Veneza e uma bala de coco perfeita...

— Uma combinação das duas coisas.

— Desenvolve.

— Foi ótimo. Perfeito.

— Se tivesse trilha sonora, seria Vivaldi ou Rolling Stones?

— Os dois.

— E a minha paradinha? O que você achou da minha paradinha?

— Adorei.

— Descreva, em suas próprias palavras o que você sentiu na hora da paradinha.

— Bem, eu...

— Espera, espera.

— O que é isso?

— Aqui no gravador. Dia 10 de 11, segunda-feira. Número 127 barra 97. Tipo standard, com paradinha. Diga o seu nome, sexo, idade, estado civil, depois descreva como foi maravilhoso.

— Paulo, como você ficou inseguro depois da Matilde...

— Eu, inseguro?!

— Pelo amor de Deus!

Internet

"Querida Arroba Misteriosa. Sim, aceito casar com você. Será que o nosso será o primeiro casamento a nascer neste chat site? Pode dar matéria em revista.

Engraçado como são as coisas. Meus bisavós namoraram por correspondência. Foi um casamento arranjado pela família, a parte que emigrou e a parte que ficou na Europa. Só se conheceram quando ela chegou no Brasil, de navio, e ele estava no cais, abanando as cartas dela em papel azul. Cheguei a ler uma destas cartas. Eram compridas, formais, o equivalente literário de um vestido abotoado até o pescoço. Um casto vestido azul. Não sei como eram as cartas do meu avô mas tenho certeza que ele tentou desabotoar, metaforicamente, alguns dos botões e até introduzir uma sugestão, um símile, uma alusão que fosse sob o vestido da bisa, sem sucesso. Corresponderam-se durante dois anos sem que aparecesse, nas cartas dela, uma nesga de carne, uma pista de que ela nem sequer soubesse o que era sexo, quanto mais fazê-lo.

Já os meus avós se conheceram numa quermesse de igreja. Se mandavam recados pelo alto-falante da quermesse. 'Alô garota do vestido grená, seu admirador de boina azul lhe dedica a música...' Sabe? Durante quatro, cinco anos eles só se falaram na quermesse anual da igreja, e sempre pelo alto-falante. Quando finalmente se aproximaram, foram mais dois anos de namoro e um de noivado e só na noite de núpcias, imagino, ficaram íntimos, e mesmo assim acho que o vovô disse 'Com licença' antes de crã.

Meu pai pediu minha mãe em namoro, depois pediu em noivado, depois pediu em casamento, quando finalmente pode comê-la foi como chegar no guichê certo depois de preencher todas as formalidades, reconhecer todas as firmas e esperar que chamassem a sua senha. Entende? Durante o namoro ele lhe mandava poemas. Minha mãe sempre dizia que os poemas é que a tinham conquistado, e que se fosse ser justa deveria ter casado com o Vinícius de Moraes. E você lembra qual foi a primeira coisa que você me disse quando nos conhecemos neste site? 'Eu não faço sexo no primeiro encontro, mas quem está contando?' Só muito depois perguntou meu nome verdadeiro — meu nickname era 'Brazilian Stallion', lembra? — e deu outros detalhes da sua personalidade.

As pessoas dizem que houve uma revolução sexual. O que houve foi o fechamento de um ciclo, uma involução. No tempo das cavernas o macho abordava a fêmea, grunhia alguma coisa e a levava para a cama, ou para o mato. Com o tempo desenvolveu-se a corte, a etiqueta da conquista, todo o ritual de aproximação que chegou a exageros de regras e restrições e depois foi se abreviando aos poucos até voltarmos, hoje, ao grunhido básico, só que eletrônico. Fechou-se o ciclo.

A corte, claro, tinha sua justificativa. Dava à mulher a oportunidade de cumprir seu papel na evolução, selecionando para procriação aqueles machos que, durante a aproximação, mostravam ter aptidões que favoreceriam a espécie, como potência física ou econômica ou até um gosto por Vinícius de Moraes. Isto quando podiam selecionar e a escolha não era feita por elas, pelos pais ou por casamenteiros. No futuro, quando todo namoro for pela Internet, todo sexo for virtual e as mulheres — ou os homens, nunca se sabe — só derem à luz a bytes, o único critério para seleção será ter um computador com modem e um bom provedor de linha.

Quem ou o que será que nos juntou neste site, Arrobinha? Terá sido apenas o acaso, ou nossas almas já se buscavam no ciberespaço mesmo antes da Internet? Não interessa. O que interessa é que vamos nos casar e ser felizes. Por sinal, você ainda não me disse o seu nome.

No futuro muitos casamentos começarão assim como o nosso, num chat sit da Internet. Não sei o que será da espécie. Tenho uma visão do futuro em que viveremos todos no ciberespaço, volatizados. Só nossos corpos ficarão na terra porque alguém tem que manejar o teclado e o mouse e pagar a conta da luz.

Na nossa primeira conversa na Internet você pediu as especificações do meu aparelho e eu não sabia se você estava falando do meu computador ou do meu pênis. Mandeí detalhes dos dois. Comecei na Internet procurando sexo, como todo mundo. Encontrei com facilidade. Só o que você precisa ter, além do software adequado, é curiosidade, tempo, paciência e um cartão de crédito internacional válido. Entrei em alguns sites incríveis. Eu pensei que conhecesse todas as variedades de sexo possíveis. Não conhecia nem a metade. De sexo com frutas e plantas eu já sabia. Uma vez conheci um sujeito que chegou a pensar em casar com uma bananeira, só para ter algum tipo de posse legal e evitar que outros a possuíssem. Era uma bananeira sedutora à beça. Ele acabou derrubando a bananeira, enlouquecido pelo ciúmes. Ela morreu e secou na sua cama, mas pelo menos era só dele. Sexo com animais, quem não sabe que existe? Eu nunca experimentei, só sei que há. Mas você sabia que existe sexo com móveis e utensílios domésticos? Descobri um site só para praticantes do sexo com estofados e artigos para casa

e cozinha. Não aderi, mas passei a olhar os móveis da minha casa com outros olhos, pensando em como seria ter sexo com eles. Principalmente uma poltrona jeitozinha, com umas perninhas bem torneadas, que, mesmo sem saber bem por que, eu namorava desde garoto. No site havia instruções até para sexo com aspirador de pó. Dizem que é inigualável, apesar de perigoso. Mas não entrei nessa não. Meu negócio era gente. Meu negócio, vamos ser bem claros, era a minha solidão. Decidi criar coragem e entrar nesta sala de bate-papo da Internet para me comunicar com outros como eu. E com mulheres. Sou um cara tímido, meus contatos pessoais com mulheres sempre foram difíceis. A verdade é que minha vida sexual se resumia em chamadas para sex-fones em lugares que eu nunca identifiquei. Todas as mulheres tinham sotaque português e quando eu perguntava onde elas estavam respondiam `na cama, pois', ou `na banheira, ora' e nunca diziam o país. Uma me perguntava uma coisa que parecia `estereto?' Eu não entendia. Ela `estereto?' e eu `o que'? E ela `estereto, pois não?' e eu `o que'? Até que ela perdeu a paciência e gritou o nome da peça! Pensei que estivesse me xingando, só depois me dei conta que estava perguntando se ele estava ereto. Não era uma vida sexual satisfatória. Até que entrei na Internet e você apareceu, Arrobinha. Foi como se eu fosse um peixe, um peixe pequeno me debatendo na rede, pedindo para ser notado e ao mesmo tempo com medo de ser pescado, e você tivesse metido sua longa mão branca na água e me pegado. Pelo menos imagino que sua mão seja longa e branca. A primeira coisa que você me disse foi `Eu não faço sexo no primeiro encontro, mas quem está contando?' Eu disse que o meu nome verdadeiro não era `Brazilian Stallion' e dei o meu verdadeiro nome — falso, claro — e só naquele nosso primeiro papo ficamos mais de uma hora, lembra? Durante a qual você me disse que tinha uma coleção de ursos de pelúcia que dormiam com você e era loira e alta e me apaixonei. Me apaixonei por palavras na tela de um computador. Amor ao primeiro chat.

Naquela noite, tenho que confessar, eu tive um pensamento terrível. E se fosse tudo mentira? Se você não fosse o que dizia ser, nem loira, nem alta, nem louca para me conhecer e, meu Deus, nem mulher? Agora eu sei que você é sincera e você sabe o meu nome de verdade. Vamos nos casar. Mas antes, precisamos nos conhecer. Já fizemos amor virtual, agora precisamos ter o supremo contato sexual, a união extrema, a coisa mais íntima que dois seres podem fazer, que é nos olhar nos olhos. Enquanto não nos encontrarmos, Arrobinha, tudo permanecerá uma mentira em potencial. A começar pelos nossos orgasmos simultâneos. Diga a verdade. Você estava fingindo, não estava?"

Involução

Li que houve um recuo, se é que se pode usar o termo, do fio-dental e os novos biquínis agora tapam o que pensávamos estivesse liberado para os nossos olhos para sempre. Esse vaivém da moda é desconcertante e, no que toca — ou nem toca, só olha — às partes do corpo da mulher entregues ao escrutínio público, deveria haver uma regulamentação parecida com a que proíbe a revogação de benefícios sociais e a redução de salários. E devia estar na Constituição.

Se a moda tivesse qualquer tipo de coerência, depois da tanga, do decalco tapa-seio e do fio-dental só podia evoluir numa direção, e muitos de nós esperávamos encontrar nas praias, este ano, o nosso ideal, o nada. Em vez disso, encontraremos menos mulher à vista. Outra frustração, como se não bastassem as fotos de Marte.

Alguns dos nossos são veteranos do tempo do "maillot" com saiote e ainda lembram

com emoção a primeira vez que viram um umbigo de mulher ao ar livre. Acompanharam todas as etapas da sumarização progressiva do traje de banho feminino como provas da marcha inexorável da humanidade para a libertação, e da existência de Deus. E de repente a moda tira, por assim dizer, as nádegas debaixo dos seus narizes e ainda diz: "Esqueçam o que viram, rapazes."

A moda faz muito isso. Lança a minissaia e nos deixa babando de antecipação pelo que virá no ano seguinte, e no ano seguinte decreta que a borda das saias não só baixará como chegará ao chão. E no outro ano lança as "hot pants". Lembra das "hot pants"? As mulheres iam a toda parte de shorts. Coquetel, velório, tudo. E então as pernas desapareceram como por encanto. E você precisava fingir que nunca as tinha visto.

— Esta é a minha esposa.

— Eu já conhecia. Aliás, adorava as suas pernas.

— Seu isso! Seu aquilo! Onde você viu as pernas da minha mulher?

— Você não se lembra? No ano passado. Na recepção ao arcebispo.

Mas o retrocesso do fio-dental não seria apenas a moda nos fazendo das suas. Seria o indício de um Novo Recato que se aproxima. Algo a ver com os ciclos históricos, com outra reviravolta nessa complicada relação do homem com a sua sexualidade e com o seu corpo. Ou, no caso, com o corpo da mulher. No ano que vem, voltariam os "maillots" com saiete, e a involução da moda de praia prosseguiria até que estivessem de volta aqueles trajes inteiriços que só deixavam expostos ao sol e aos olhos o peito do pé da mulher, e assim mesmo das que não usassem sapatinhos de borracha. O Novo Recato se deveria também ao fato de o sexo ter ficado muito perigoso e à conclusão de que é melhor a gente começar a pensar em outra coisa. Ouvi dizer que o noivado está de volta. O homem faz a corte à mulher e o sinal de que está disposto a casar vem quando a presenteia com um estojo, que ela abre com dedos trêmulos.

— Oh, querido.

— Gostou?

— Seu hemograma!

Em seguida, de dentro do discreto decote, ela também tira o seu.

Irresistível

O mordomo aproximou-se da cadeira onde Pal Snifski parecia dormir, no jardim da sua mansão de Cap d'Antibes, e anunciou:

— Um senhor Delacroix para vê-lo.

— Sim. Eu já o havia cheirado.

Era espantoso que entre todos os aromas de um jardim na Côte, Pal Snifski tivesse identificado o do amigo e ex-patrão antes mesmo de ele desembarcar da Mercedes. Mas Pal Snifski não era chamado de "O Nariz" por nada. Recebeu Delacroix com uma palavra.

— Não.

— Mas Pal, eu ainda não falei.

— Sei o que você vai dizer. Vai me pedir para voltar. Meu substituto na Maison Delacroix é um incompetente. Desde que eu saí, nunca mais a Maison lançou um perfume de sucesso. Vocês querem meu nariz de volta, pois só ele pode guiar a sutil alquimia que resultou em obras-primas da Delacroix como "Ravage", "Sans Pitié" e "Mange Moi". Mas onde meu nariz vai eu vou atrás, meu caro, e eu não estou disposto a interromper esta minha aposentadoria entre flores, nem por um milhão de dólares.

— E por um milhão e um?

— Aceito. Conversaremos durante o almoço.
À mesa, Pal Snifski perguntou:
— Acertei? Meu substituto é um incompetente.
— Pelo contrário, competentíssimo. Não enganou a todos com grande eficiência.
Fugiu com a nossa fórmula mais valiosa, a que perseguimos há anos.
— Você quer dizer...
— Sim, o sonho de todo perfumista. "Le Parfum Terminal". Aquela essência que atinge o objetivo de todos os perfumes do mundo desde o primeiro, feito na Mesopotâmia: a sedução irresistível. Aliás, nós o chamaríamos de "L'Irresistible".
— Mas vocês tinham acertado a fórmula?
— Quase. Combinamos todos os ingredientes certos, na proporção exata. Aliás, em grande parte graças ao seu trabalho. Tínhamos a receita de um perfume quase irresistível. Flatov descobriu o quase. Viajou por meio mundo e finalmente encontrou o que procurava. O cheiro da sedução irrecusável. O que qualquer perfumista trocaria pela sua mãe ou o equivalente em dinheiro.
— Flatov?
— Seu substituto. Ele decidiu que, em vez de completar nossa fórmula com o ingrediente que descobrira, ganharia mais colocando-a em leilão entre nossos concorrentes.
— Vocês querem que eu siga a pista de Flatov e o convença a desistir da traição à Maison Delacroix.
— Não. Ele já foi convencido.
— Como?
— Um acidente. Nossos representantes pediram educadamente para ele voltar atrás, ele relutou a eles o jogaram ao chão. Desgraçadamente, estavam na última plataforma da Torre Eiffel.
— Isso não foi um pouco precipitado?
— Ele teve 300 metros para mudar de idéia. Não mudou. O diabo é que não encontramos a fórmula. Nem no seu bolso, nem na sua casa, nem no cofre do seu banco, que arrombamos esta manhã. Só sabemos o último país em que ele esteve, na sua busca pelo ingrediente final. E uma palavra, que ele deixou rabiscado em sua agenda de viagem.
— Qual é o país?
— O Brasil.
— E a palavra?
— Maracutaia.
— Você quer que eu...
— Vá ao Brasil. Fareje por lá. Descubra o que é maracutaia, e se ela é o que Flatov procurava. Pode ser uma flor. Uma fruta. Uma glândula. Seja o que for, traga-a com você!
O representante da Maison Delacroix no Brasil recebeu Pal Nifski no aeroporto do Rio. Tinha ordens para ajudar monsieur Snifski no que fosse necessário. Não, disse, respondendo a primeira pergunta d' "O Nariz", ainda no carro que os levaria ao hotel. Maracutaia não era uma flor. Nem uma fruta. Nem uma glândula brasileira. Era, assim, uma...
— Espere — disse Pal Snifski, com o nariz em pé. — Que cheiro é esse?
— Qual?
— Nunca senti nada parecido. É um cheiro que pervaga pelos outros. Parece estar por toda parte.
— É a maracutaia.
— Tudo cheira a maracutaia, no Brasil!
— Exatamente as palavras de monsieur Flatov.
— Teria sido o ingrediente que ele descobriu, para fazer o perfume irresistível?

— Só posso dizer que, no Brasil, ninguém resiste à maracutaia.
— Como será que Flatov destilou a essência de maracutaia?
— Não sei. Mas ele ficou muito tempo em Brasília.
— É onde deve haver a maior concentração. Providencie uma passagem para lá, s'il vous plait.

Dois meses mais tarde, Pal Snifski estava de volta em Paris. Delacroix o recebeu com festa no escritório da Maison.

— Eu sabia que podia confiar em você, Pal!
— Trouxe algumas ampolas com essência de maracutaia brasileira. O bastante para reproduzi-la quimicamente. Seu poder de sedução é realmente inigualável. Ninguém escapa.
— Finalmente, temos a fórmula completa para lançar o perfume dos perfumes!
— "Temos", Delacroix? Eu tenho. Já ouvi uma proposta muito interessante da Chanel. Estou curioso para ouvir a sua.
— Mas Pal. Isto é... É uma tramóia! C'est un tramoá!
— Eu sei — suspirou Pal Snifski. — Devo ter ficado muito tempo em Brasília...

João, Maria e José

Esta é uma daquelas histórias que as pessoas juram que aconteceram, não faz muito, com um amigo delas, e só não podem dar o nome. Mas há anos você ouve a mesma história, sempre com a garantia de que aconteceu mesmo, há pouco.

Com um amigo.

— Só não posso dar o nome.

Digamos que, nesta nova versão, o amigo se chame João e a mulher se chame Maria, para simplificar. O João começou a desconfiar das constantes conversas da Maria com o José, amigo do casal. Volta e meia o João pegava a Maria e o Zé cochichando, e quando se aproximava deles, eles paravam.

— O que vocês dois tanto conversam?

— Nada.

Ou a Maria estava falando ao telefone e, quando o João chegava, dizia "Não posso agora" e desligava.

— Quem era?

— Ninguém.

Não foi uma nem duas vezes. O ninguém ligava muito.

Um dia o João viu a Maria saindo do edifício onde o Zé trabalhava. De noite, perguntou:

— Você andou pelo centro, hoje?

— Eu?! Há horas que não vou ao centro.

Dias depois a Maria anunciou que precisava viajar. Sua vó Nica. No interior.

Muito mal. Nas últimas. Precisava vê-la. Iria na sexta de manhã e voltaria no domingo.

— Logo na sexta, Maria?

— Por que? Que que tem na sexta?

— Nada.

João telefonou para a sogra e perguntou como ia a vó Nica.

— A mamãe? Deve estar bem. Foi com o clube de compras dela a Buenos Aires, pechinchar.

Maria só levou uma pequena sacola na viagem. Claro, pensou João. Só o que iria

precisar, no hotel em que se encontraria com o Zé para um fim de semana de amor. Escova de dentes, cremes, calcinhas... Calcinhas, não. Para que calcinhas? Eles passariam o tempo todo nus. No fim da tarde, João telefonou do seu escritório para o escritório do Zé. Não, o seu José não estava. Tinha saído cedo e avisado que não voltaria. Muito bem, pensou João.

Muito bem. Era assim que ela queria? Pois muito bem. Ele se vingaria.

Levaria uma mulher para casa. Sim, para a casa. Uma mulher, não. Duas.

Fariam um manager a troi, ou como quer que se chamasse aquilo — na cama do casal!

Na boate, já bêbado, João perguntou para as duas mulheres, Vanessa e Gisele:

— Sabem que dia é hoje?

— Fala, filhote — disse a Vanessa.

— O meu aniversário. E sabe que presente a minha mulher me deu?

— O quê? (Gisele) — Cornos! E com o Zé. Com o Zé!

— Sempre tem um Zé — filosofou a Vanessa.

João desconfiara que uma das duas mulheres era um travesti, mas ao chegarem na casa ele não se lembrava mais qual. Decretou que os três tirariam a roupa antes de entrar na casa. As mulheres toparam. Quando João conseguiu acertar o buraco da fechadura e abrir a porta, a Gisele tinha pulado nas suas costas e se pendurado no seu pescoço e a Vanessa tentava pegar o seu pênis, e era assim que eles estavam quando as luzes da casa se acenderam e todos que estavam lá para a festa de aniversário que a Maria e o José tinham passado semanas planejando gritaram "Surpresa!"

Da série Poesia numa Hora Destas?!

Para o alto os assuntos etéreos.

O destino do Universo, o Nada os mistérios.

Para baixo as questões do abismo:

noite eterna e psicologismo.

Bom mesmo é o disse-me-disse.

Literatura é aqui, na superfície.

João Paulo Martins

— Você não é o ...?

— Sou. E você é a Ana Beatriz.

— Eu não acredito!

— Tempão, né?

— Sabe que eu era apaixonada por você, na escola?

— O quê?!

— Era. Juro.

— E por que nunca disse nada?

— Tá louco? Era amor secreto. Só quem sabia era o meu diário. E a Leilinha, minha melhor amiga.

— Eu acho que lembro da Leilinha. Não era uma...

— Era. Completamente maluca. Ela vivia me mandando: "Fala com ele, fala."

— Devia ter falado. Eu achava você linda.

— Verdade? Você nem me olhava!

— Lembro até hoje do seu cabelo comprido, repartido no meio.

— Não é possível! E você nunca...

— Nem pensar. Não podia nem sonhar que você daria bola pra mim. A Ana

Beatriz? Me dar bola? Mas nunca!

— Veja você... Se um de nós tivesse falado alguma coisa...

— Pois é. Podia até ter... Você casou, ou coisa assim?

— Coisa assim. E você?

— Não. Quer dizer, tive aí um relacionamento que não deu certo. Quer dizer, deu durante dez anos, mas...

— Sei.

— Escuta. Você tem alguma coisa pra fazer agora?

— Não, não. Eu...

— E se a gente fosse tomar um café? Recuperar o tempo perdido?

— Vamos, uai.

— A Ana Beatriz apaixonada por mim... Quando que eu ia pensar...

— Me lembro que uma vez a minha mãe viu o meu caderno coberto com a minha assinatura, quando eu fosse casada com você. "Ana Beatriz Martins. Ana Beatriz Martins. Ana Beatriz Martins..."

— Martins?

— O seu nome não é Martins?

— Não. É Trélis.

— Você não é o João Paulo Martins?

— Não. Sou o Augusto Trélis.

— Augusto Trélis?!

— É. Lembra?

— Não. Tem certeza que nós fomos colegas?

— Tenho.

— Que engraçado. Eu não... Olha: desculpe, viu?

— O que é isso? Acontece.

— Esse café. Será que a gente pode...

— Claro. Fica pra outra vez.

— Desculpe, hein? Não sei onde eu estava com...

— Tudo bem.

— Espera um pouquinho! Trélis... Não era você que me dava cola em matemática?

— Não. Era o Cegonha. Lembra? O Eduardo Sonatti. Parecia uma cegonha.

— O Cegonha! Claro!

— Morreu.

— Hein?

— O Cegonha. Morreu.

— Ah é?

— Vi no jornal.

— Que coisa. Bom. Então... Tchau.

— Ana Beatriz...

— Ahn?

— E se eu dissesse que meu nome é Martins?

— Mas não é.

— Que diferença faz? Eu não era o João Paulo Martins na escola, mas posso ser agora.

— Como?

— Se eu não tivesse dito nada, há pouco, você nem saberia que eu não era ele.

— Mas acabaria sabendo.

— Só se você quisesse. Eu poderia ser o João Paulo Martins até onde você quisesse.

Até você pedir para ver a minha identidade, e você poderia nunca pedir para ver a minha

identidade. Eu ser ou não ser o João Paulo Martins seria uma decisão exclusivamente sua.

— Mas...

— Escute. Esta pode ser a nossa oportunidade para reparar um erro do passado. Eu nunca ter declarado que amava você, e você nunca ter declarado que me amava.

— Mas eu não amava você. Amava o João Paulo Martins!

— Então me faça o João Paulo Martins!

— Isso é loucura. Eu...

— Está bem! Está bem. Eu estava brincando com você. Meu nome não é Augusto Trélis. Eu sou mesmo o João Paulo Martins. Era por mim que você estava apaixonada na escola. "Augusto Trélis" eu inventei na hora. "Trélis." Isso lá é nome?

— Então me mostre a sua ident...

— Arrá! Pense bem no que você vai pedir. Você pode estar cometendo o seu segundo erro, jogando fora a oportunidade de reparar o primeiro. Esqueça a identidade. Aceite a minha palavra. Eu sou o João Paulo Martins. Vamos tomar o café e ver no que dá.

— Não sei, não sei...

— Pense nisso: João Paulo Martins e Ana Beatriz foram feitos um para o outro. Ou o destino não os teria reunido assim, tantos anos depois, para lhes dar uma segunda chance.

— Não sei, não sei...

— O que vai ser? A minha identidade, ou o café?

— Ai, meu Deus. Não sei. Não sei!

Kit completo

A primeira coisa que José viu em Aline foi o lábio inferior. Aproximou-se dela e puxou conversa atraído pelo lábio inferior. Era um lábio inferior carnudo e sensual. Protuberante e provocante. José se apaixonou pelo lábio inferior da Aline. Tanto que, pouco tempo depois de vê-lo pela primeira vez, pediu o lábio inferior da Aline em casamento. Queria o lábio inferior da Aline só para ele. Durante a cerimônia de casamento, não despregou os olhos do lábio inferior da Aline. Pensando no prazer e na felicidade que seria ter aquele lábio inferior ao seu lado pelo resto da vida.

Mas todo lábio inferior é ele e sua circunstância.

Para cima, Aline tinha um nariz afilado, olhos claros e bonitos, sobrancelhas bem desenhadas, cabelos castanhos. Além, claro, de um lábio superior não tão cheio quanto o inferior. Para baixo, um queixo delicado, um pescoço não muito curto, omoplatas não muito salientes, seios pequenos, mas bem proporcionados, umbigo côncavo, o sexo coberto por pouco cabelo, mais escuro que o da cabeça, pernas bem torneadas, pés satisfatórios.

Dos pés à cabeça, Aline complementava a contento seu lábio inferior. E o lábio inferior não mentia, descobriu José. Aline era mesmo quente e sensual como seu lábio inferior prometia.

Mas o lábio inferior tinha um passado. Tinha uma infância, tinha amigos, tinha lembranças, preferências, implicâncias, manias, segredos e ressentimentos. José se impacientou quando Aline começou a contar um trauma da sua adolescência, algo envolvendo a mãe e... Fez "ssh" e encostou um dedo nos lábios de Aline, pedindo para ela deixar o assunto para depois da lua— de-mel. Fez a mesma coisa quando Aline começou a dizer alguma coisa sobre a política econômica do governo. José não pensara naquilo. O lábio inferior tinha uma história, e complexidades — e opiniões!

E tinha mais. Tinha um irmão, Ariosto, demitido do serviço público por conduta inconveniente, que não demorou em pedir ajuda a José para custear uma ação que movia contra o Estado. Tinha uma mãe com a qual se relacionava mal e cujas visitas sempre deixavam Aline nervosa, com o lábio inferior tremendo. José chegou a proibir as visitas da sogra, para impedir aquele atentado ao seu patrimônio, mas a própria Aline pediu que ele reconsiderasse a decisão. Aline tinha um grande sentimento de culpa com relação à mãe, por alguma razão. Além de tudo, era um lábio inferior com culpa.

E havia o pai de Aline, o seu Enésio. Depois de aposentado, ele descobrira uma nova religião, só de aposentados. Eram pessoas que viam vultos e mensagens na tela da televisão, quando as estações saíam do ar. Elas passavam a noite em claro, olhando aquele chuvisco na tela, e se reuniam regularmente para discutir o que tinham visto. O sonho do seu Enésio era visitar uma cidade na Califórnia, que era o centro da nova religião e de onde vinham os livros e os folhetos que ele comprava pelo correio com todo o dinheiro da aposentadoria, para desespero da mãe de Aline, que descarregava sua frustração em Aline, fazendo tremer seu lábio inferior.

Um dia, José e Aline estavam na cama, José mordiscando o lábio inferior de Aline, como fazia sempre antes do sexo, quando tocou o telefone e era o seu Enésio, aflito, dizendo que vira na tela da TV que o mundo ia acabar e eles precisavam fugir. Para onde, ele não sabia. Aline ficou nervosa com o telefonema do pai e entrou numa depressão de semanas. Durante as quais, sem acesso ao lábio inferior de Aline e às suas promessas, José meditou muito sobre a vida.

Concluiu que o problema do outro é que o outro é sempre um pacote. Não se pode ter do outro só o que nos apraz, e esquecer o kit completo. Vejam eu, disse o José, para nos explicar sua tristeza. Eu só queria um lábio inferior carnudo e acabei com um universo.

Vice-versa

Eu estava lendo um comentário sobre o livro de Salman Rushdie, *O Último Suspiro do Mouro* e tive uma hipofania, que é o nome adequado para uma revelação do óbvio, ou uma epifania de cavalo. Concluí que não há nada como um dia depois do outro. Podem me citar. O suspiro do título do livro é do sultão Boabdil, o último governante mouro da Espanha, e foi dado quando ele deixava Granada, em 1492, no fim de 800 anos de domínio árabe da península. A retirada de Boabdil e dos árabes representou a derrota de uma civilização culta, pluralista e tolerante para um movimento religioso politicamente motivado, intransigente e obscurantista, a Igreja da Contra-Reforma. A reconquista da Espanha, como a conquista do Novo Mundo, foi um triunfo do primeiro fundamentalismo internacionalmente organizado da História, e as mesmas coisas que apavoram o mundo, hoje, no integralismo islâmico serviram para correr com os islâmicos indefesos, e algo escandalizados com tanto primitivismo, da Espanha. As civilizações do Novo Mundo também não estavam preparadas para o cristianismo mobilizado e sua catequese pelo terror. O resultado é que somos todos, de uma maneira ou de outra, filhos do "jihad" cristão.

Os indivíduos, como as civilizações, também trocam de pólos e passam de escandalizados a primitivos, e vice-versa, numa existência. Nunca diga dessa água não beberei (anotem essa também) ou dessa barbaridade estou livre — o próximo fanático a aparecer na sua frente, disposto a obliterar as idéias dos outros, pode ser você mesmo. A jornada que tantos desta geração fizeram, da extrema-esquerda para a extrema-direita, tem

uma explicação fácil: a vocação deles era mesmo pelo extremo. Mais complicada é a migração da meia-esquerda para a meia-direita, que muitas vezes parece mais radical, justamente porque não tem a desculpa psicológica. São mudanças pela conveniência política, pelo fato de se estar no poder em vez de fora, pelo interesse ou a vaidade do momento. O fato é que muitas vezes o pluralista de ontem pode ser o fundamentalista de hoje, e nem as maiores convicções democráticas estão a salvo do vice-versa ao contrário.

Lança

Havia o lança-perfume de metal e o lança-perfume de vidro. O lança-perfume de metal era maior. Tinha, mesmo, um aspecto algo militar, podia ser uma granada alemã. Nada dava uma sensação de poder como um bom suprimento de lança-perfumes (lanças-perfume? Lanças-perfumes?) de aço quando começava o carnaval.

O lança-perfume de vidro era uma espécie de grande ampola. A vantagem do vidro era que você tinha o controle visual da quantidade de "perfume" no seu interior, sabia quando a munição estava acabando. A desvantagem era que o lança-perfume de vidro era menor e quebrava com facilidade, muitas vezes na sua mão. Com o risco de tornar realidade a advertência: "Não vá me passar o carnaval no pronto-socorro!"

Metal para a guerra de trincheiras, vidro para a guerra química.

Porque era uma guerra. Os alvos secundários eram as costas nuas — ou qualquer área desprotegida, dependendo da fantasia, havendo uma clara preferência por havaianas e odaliscas — das meninas. Os alvos principais eram os olhos do inimigo. Sempre que estou a ponto de pensar que a humanidade ficou mais bárbara com o passar do tempo, lembro que lança-perfume nos olhos dos outros já foi um brinquedo de carnaval e me convenço de que melhoramos. Mas sou da geração que usou máscaras de plástico para proteger os olhos no carnaval. Sem falar no gás de mostarda e na bomba atômica.

Primeira regra para o uso do lança-perfume: jamais acionar o gatilho, ou como quer que se chamasse aquele disparador do jato, com a bisnaga na posição vertical. Escapava o ar, acabava a pressão e você ficava só com um tubo de éter na mão, incapaz de atacar ou de se defender. Só restava ir para casa.

Éter. Não se sabia bem que o "perfume" do lança-perfume era éter perfumado, jamais nos passou pela cabeça que aquilo servisse para outra coisa além de brincadeiras inocentes, como dar calafrio nas meninas e tentar cegar os outros. Perdia-se a inocência — no tempo em que dava para identificar o dia, às vezes até a hora, em que a gente ficava adulto — com a descoberta de que o lança-perfume servia para outra coisa. Que éter dava barato.

Ressaca de lança-perfume era diferente de ressaca de, por exemplo, Cuba livre. Você não acordava com náusea, azia terminal e a firme decisão de nunca mais beber, talvez até de entrar para uma ordem religiosa. Acordava com a boca seca e um zumbido na cabeça. Sua cabeça era uma espécie de usina vazia onde só o que sobrara da atividade industrial era o zumbido. Seu cérebro ficara em algum lugar. Você tentava se lembrar onde deixara o cérebro, mas lembrar o que, sem cérebro? Em lugar do cérebro havia o zumbido.

Entrava-se numa fase intermediária, em que o lança-perfume desempenhava dupla função. Como não bastava mais só fazer as meninas gritarem com o jato gelado na espinha, havia o pós-jato, a conversa, talvez até a intimidade de um cordão improvisado e um furtivo amasso antes de a noite acabar, você cheirava lança para criar coragem. O alvo prioritário

do lança-perfume passava a ser você mesmo e sua inibição. Até uma certa idade, costas nuas passando era apenas uma vítima sem cara; depois de uma certa idade, costas nuas passando era um universo de possibilidades. E não se enfrentava um universo sem éter no lenço.

E na manhã seguinte, o zumbido.

Não sei quando foi que proibiram o lança-perfume. Parece que ainda existe um comércio clandestino, dos de aço e dos de vidro. Não sei; me retirei da guerra há muitos anos. Imagino que se quisesse voltar e me visse, de repente, num baile de carnaval de hoje com a idade que eu tinha quando fui ao último — não me lembro do ano, mas tenho quase certeza que eram quatro dígitos —, meu convite para cheirar lança-perfume causaria desdém e risadas. Os baratos, como as crises econômicas, têm seus ciclos misteriosos, mas duvido que eu conseguiria reintroduzir o lança-perfume entre os vícios modernos com sucesso. O mercado se sofisticou muito.

A gente também desmanchava Melhoral na Cuba livre. Foi o limite da minha devassidão. Está bem, crianças, parem de rir.

Logística

A Berenice tinha lhe dado um ultimato, contou o Fabinho na roda. Ou ela ou a turma.

A turma se entreolhou. Ultimato era fogo. O Solis tomou coragem e perguntou.

— E você escolheu o quê?

— Eu estou aqui, não estou?

Houve aplausos na mesa. Ó, Fabinho, seu! Aquilo é que era amigo. Um exemplo para outros que tinham fraquejado e escolhido a família. E uma lição para as mulheres. Ultimato não era coisa que se desse a um homem. Ultimato era o fim.

Pediram outra rodada de chope, para comemorar a vitória da amizade sobre a prepotência.

Mas aconteceu o seguinte: depois da separação, o Fabinho começou a aparecer menos na roda. A princípio houve compreensão. Livre da Berenice, ele estava aproveitando para namorar. Depois de tantos anos dando exclusividade à Berenice, precisava recuperar seu nome na praça. Claro. Mas quando reapareceu, num sábado de manhã, parecia preocupado. Avisou que só podia ficar pouco tempo. Ao contrário do Fabinho pré-ultimato, não tinha nenhuma piada nova para contar. E, pela primeira vez na história da mesa, ele foi o primeiro a sair. Precisava passar no supermercado.

* * *

Outro dia, no melhor da conversa, o Fabinho olhou o relógio e se levantou de repente, invocando a prostituta que os tinha gerado. Tinha esquecido! Marcara a visita de alguém para olhar os azulejos do banheiro, que estavam se soltando. Precisava ir para casa. Saiu correndo, deixando para trás uma turma perplexa. O que estava acontecendo com o Fabinho? O Mário Sérgio então disse a frase:

— Vitória da Berenice.

Sua tese era que, ausente, Berenice conseguira o que queria. Roubara o Fabinho da turma. Pelo simples fato de não estar em casa, transformara o Fabinho num monstro de domesticidade.

— Temos que reagir — disse o Solis.

A Berenice não podia vencer, assim, numa espécie de WO ao contrário. Não era uma questão pessoal. Era uma questão de princípios.

* * *

Em vez de piadas novas, o Fabinho agora só trazia para a mesa — quando aparecia — suas angústias caseiras. Azulejos soltos, cortinas despencadas, a disponibilidade e o aspecto de hortifrutigranjeiros, as vantagens da feira sobre o súper vice-versa, as... Até que o Magro gritou "Chega!" e disse o que toda turma estava pensando. Que o Fabinho se transformara num chato. Que, se continuasse assim, era melhor que ficasse em casa, cuidando dos seus ralos e rachaduras, e deixasse com a turma apenas a lembrança do Fabinho como ele era. Do Fabinho dos grandes dias. Depois da surpresa e do ressentimento, o Fabinho acabou concordando. Sabia que tinha mudado. Mas o que podia fazer para ser de novo o velho Fabinho? Era impossível ir ao bar todos os dias, e ficar até tarde, e ser o companheiro divertido de antes, sabendo que tinha louça para lavar em casa. A boemia bem-sucedida exigia um mínimo de logística.

— Me falta retaguarda! — protestou Fabinho, abrindo os braços. — Me falta retaguarda!

Combinaram que Fabinho procuraria Berenice com uma proposta de reconciliação. Ela voltaria, e eles acertariam o que o Solis chamou de um "modess vivende". Dias certos para ele estar com a turma, talvez três vezes por semana. Com hora certa para voltar pra casa. O importante era que Berenice retomasse a gerência do lar e liberasse o Fabinho para ser de novo o Fabinho.

— Leva um organograma — sugeriu o Mário Sérgio, que acreditava muito em métodos audiovisuais.

Funcionou. A Berenice topou. Eles estão juntos outra vez. O Fabinho aparece na mesa três vezes por semana e é o velho, o legendário Fabinho, mesmo com hora marcada para ir embora.

Mas persiste na turma, embora ninguém a comente, a vaga sensação de vitória da Berenice. Por pontos.

Lugar-comum

Cada macaco está no seu galho e todos, todos olham o próprio rabo e deixam o rabo do vizinho. A chuva chove no molhado, o sol brilha para todos... Chuva e sol? Casamento de espanhol! Passam índios — ou serão hindus? — em fila indiana. Vacas vão para o brejo. Caçadores, num mato sem cachorro, caçam com gatos, e todos os gatos são pardos no escuro. Rios correm para o mar. Paus nascem tortos, e assim permanecem. Semeadores de vento colhem tempestades enquanto, ao fundo, um grupo separa o joio do trigo e outro faz das tripas coração e um terceiro constrói castelos no ar e... Súbito, tudo pára no lugar-comum. Os índios, as vacas, os caçadores, até os rios. A paisagem fica estática, as frases ficam suspensas. Só os mercadores fingem que não ouvem o silêncio ameaçador, mas em seguida também param, e esperam. Algo vai acontecer. Algo — ou alguém — vai chegar. E então ele aparece. É Gerúndio! O imperativo Gerúndio. Ele caminha pelo lugar-comum, as mãos entrelaçadas atrás como um inspetor. Examina as frases paradas e chuta alguns verbos como se fossem pneus. Depois, dá a ordem:

— Circulando!

E vê tudo recomeçando à sua volta. Cada macaco sentando no seu galho e olhando o próprio rabo em vez do rabo do vizinho. A chuva chovendo, o sol brilhando, a fila indiana passando, as vacas indo para o brejo, os caçadores caçando com gatos, os rios correndo para o mar... O mundo sendo ordeiro e previsível, como tem que ser.

Não sei se eu concordo com essa onda de cassar congressistas como o Jader Barbalho. Enquanto eles estiverem no Congresso não estão nos assaltando na rua.

Sei que você não gosta do assunto isso de virar defunto ou, mais apropriadamente, presunto. Mas ninguém escapa da sina de ter muita proteína e morrer, assim, "al punto". A biologia, meu caro, não erra: estamos todos na cadeia alimentícia da terra.

Se você ainda não entendeu, é assim. O governo americano não pode garantir que os investidores americanos não vão perder dinheiro no Brasil e em outros países exóticos. Isso seria contra as leis do livre mercado, pois afinal capitalismo é risco, é jogo, e quem emprestou dinheiro ao Brasil mesmo conhecendo sua reputação deveria saber que estava fazendo uma aposta. Ao mesmo tempo, os investidores não podem perder seu dinheiro, pois isso os levaria a se desiludirem com o capitalismo e não quererem mais jogar. Assim o Tesouro americano manda chamar o FMI, que vem pela escada de serviço, e ordena que ele empreste o dinheiro para o Brasil pagar seus credores. Mas, dirá você, sempre ingênuo, isso quer dizer que o FMI está pagando os credores, só usando o Brasil assim como um entregador. O Brasil é o motoboy na história! Não é bem isso. Controle-se. É muito mais sofisticado. Um motoboy ganha pelo seu serviço, e só o que o Brasil ganha é mais dívidas, pois não recebe nem uma gorjeta pela entrega e ainda fica devendo ao FMI.

Mas, dirá você, já apoplético, não seria mais simples o Tesouro americano chamar o FMI e os credores e ficar assistindo, com um sorriso paternal, enquanto um desse o dinheiro diretamente para os outros, sem nos envolver e nos poupar pelo menos o vexame? Você, decididamente, não entende de economia de mercado. Isso seria subvencionismo. Seria quase, meu Deus, um Proer internacional, um escândalo. O dinheiro tem que passar pelo Brasil antes de ir para os credores para manter as aparências. O papel do Brasil, enfim, é ajudar a mostrar que em Washington se pratica um capitalismo sério. Que Washington não é, assim, um Brasil.

Dizem que no futuro as pessoas se conhecerão e se casarão pela Internet, mandarão suas células para um laboratório para fazer filhos que nunca verão e jamais precisarão estar juntos — finalmente o casamento perfeito. E, se algo der errado, nem para o divórcio precisarão se encontrar. Basta usar o "Delete".

Meu teclado prevê tudo frases com asterisco e cifrão hífen, trema, exclamação!

Até, se a ousadia for grande, ponto e vírgula e ampersand.

Espero que nunca me falt nem o Ctrl nem o Alt e que nenhuma mão boba me leve a arroba.

Só não quis saber ainda — talvez prevendo um choque — que diabo é esse tal de "Num Lock".

Mais contos de verão

1. Da importância de ser fabião

Acordaram o Luiz Pedro às 3 da manhã.

— Vem pra cá, rapaz.

— Hein?

— Pula da cama e vem pra cá.

O Luiz Pedro zonzo. Ruídos de festa no telefone. Música. Uma voz de mulher gritando "Com o meu batom não!"

— Quem fala?

— Te manda pra cá!

— Olha eu...

— Sabe o que que o maluco do Pepe está fazendo? Pintando o ... Ó Pepe, fala aqui com o Fabião. Diz pra ele vir pra cá.

Outra voz no telefone:

— Fabião?

— Não eu...

— Quero te informar que acabei de pintar o meu pênis de, deixa ver, ocre provençal. É mole?

— É engano.

— Cê vem pra cá ou não vem? Haroldinho, o Fabião sabe o endereço? Hein? Fala aqui com ele.

— Fabião?

— Não. Meu nome é...

— Sabe o posto de gasolina na esquina da rua do Vavá? É o edifício ao lado.

Número, número... Rita. Vem cá. Você não é a Rita? Que número é aqui? Fala aqui com o Fabião. Olha, Fabião, você vai falar com a mulher mais gostosa da festa. Ela vai te dar o endereço. Um beijo, cara. Vem logo.

— Olha, você ligou o número errado, eu...

— Oi.

— Oi, Rita. Eu...

— Eu não sou Rita. Sou Malu. Você quer o número?

— Não, eu estou tentando...

— Posso dizer?

— ... dizer que ligaram para o número errado daí!

— Noventa e seis, apartamento 32. Terceiro andar.

— Eu não sou o Fabião.

— Quem é o Fabião?

— Não sei. Eu não sou. Meu nome é Luiz Pedro.

— Certo. Anotou o número? Vem logo, Luiz Pedro. Eu gostei da sua voz.

— Eu... Gostou?

— Hmm. Estou te esperando.

— Posso falar com o ... o Haroldinho?

— Quem?

— O que te passou o telefone.

— Certo. Haroldinho! O Luiz Pedro quer falar contigo. Tchau, Luizinho. Não demora, viu?

Voz do Haroldinho:

— Que história é essa de Luiz Pedro, Fabião?

— Nada, não. Só me diz uma coisa. A rua do Vavá qual é, mesmo?

— Está brincando comigo, Fabião? Vem logo pra cá.

E Haroldinho desligou o telefone. Luiz Pedro ficou pensando na cama, com o telefone em cima do peito. Lamentando que sua vida era como era. Lamentando todas as oportunidades que tinham aparecido para mudar sua vida, e que ele tinha deixado escapar. Lamentando o fim do namoro com a Suelen, só porque ela citava trechos inteiros do Paulo Coelho de cor. Lamentando, acima de tudo, não conhecer o Vavá.

2. Patrícia poeta e o tempo hoje

Hoje ela está de cabelo preso. Acho que prefiro solto. 47 graus em Porto Alegre, veja você. Ela será baixa ou alta? Nunca se vê o corpo todo. Máxima de 55 no Rio. Máxima é ela. Ou será mínima? Se for baixinha, é uma grande baixinha. Vem uma frente fria da Argentina. Grande novidade, Patrícia. A frente fria pode trazer temporais. É mesmo, Pat? Será que ela gosta de "Pat"? Buenos Aires foi arrasada. Páti. Patinha. Montevideú desapareceu do mapa. A carinha dela de preocupada. Fica assim não, Patrícia.

Metade do Uruguai está debaixo d'água, as previsões são que o mesmo aconteça em toda a região litorânea brasileira na faixa preta no mapa, eu não agüento quando ela mostra a faixa preta no mapa, se a câmara apenas recuasse um pouquinho, e é possível que o mar chegue até o Mato Grosso. É, Pat Poeta?

Neve no Ceará, furacão no centro-norte, e o que foi mesmo que ela disse sobre o Amazonas correr ao contrário e inundar o Peru? Quem se importa com o tempo hoje, quando é a Patrícia que apresenta? Mas ainda prefiro os cabelos soltos.

3. Argumentos

— Você sabia que nem Hitler, nem Mussolini, nem Franco fumavam?

— O quê?

Com o ruído do tráfego, era difícil ouvi-lo.

— Nem Hitler, nem Mussolini, nem Franco fumavam.

— Sei.

— E você sabia que quando Roosevelt, Churchill e Stalin se encontravam, no fim da reunião eles mal podiam se enxergar, de tanta fumaça?

— Onde você quer chegar?

— Você sabia que o combate ao fumo fazia parte do programa de saúde nazista?

— Está bem. E daí?

— E que a piteira do Roosevelt, o cachimbo do Stalin e principalmente o charuto do Churchill simbolizavam a resistência ao nazismo?

— E daí?

— Daí que a proibição de fumar é fascista. Daí que foram os fumantes que ganharam a guerra!

— E daí?

— Daí que não parece, pois eu que fumo estou aqui fora, neste parapeito, porque você que não fuma não me deixou fumar aí dentro.

— E você vai continuar aí fora até terminar o cigarro.

— Pode vir um vento e me derrubar. São 14 andares!

— Assim você pelo menos morre mais rápido.

— Fascista!

— Não estou te ouvindo.

Mais contos de verão

As crianças foram explorar as dunas e voltaram com a notícia de uma descoberta maravilhosa. Restos de uma civilização antiga! Ali, a poucos metros da casa alugada na praia. Quase na superfície da areia: potes e pratos de barro, com inscrições indecifráveis.

— São hieroglifos — disse o mais velho, que já tinha lido a respeito.

— Hieróglifos — corrigiu o pai.

Naquela noite, não falaram em outra coisa. Ali devia ter existido uma taba de índios, antes da chegada do Cabral. Mas os índios não tinham uma escrita. Ou tinham? Devia ser um povo mais antigo, até, do que os índios. Mas que povo? De onde?

— Argentinos! — gritou o mais moço, entusiasmado com a própria dedução, e depois foi se queixar para a mãe que estava rindo dele.

Chegaram à conclusão que os restos eram de uma civilização avançada que existira no Brasil antes dos índios, muito antes do Cabral. Na manhã seguinte, em vez de irem para o mar, foram para o seu sítio arqueológico, cavar mais.

Quanto mais fundo cavavam, mais coisas apareciam. Mais potes, pedaços de pratos, moringas. Um saleiro...

Voltaram para a casa correndo, o mais velho segurando o saleiro no alto e gritando:

— Pai! Pai!

Mal podia controlar a excitação com a descoberta:

— O plástico é muito mais antigo do que a gente pensa!

Ilusão Pintou um clima e ele, que não era de ir, foi.

— E aí?

Ela sorriu, disse "Tudo bem?", ele disse "Tudo bem" e pensou:

"Até aqui, tudo bem." Mas agora vinha a parte mais difícil. A segunda frase.

— Você vem sempre aqui?

— Não. Primeira vez.

— Legal, né?

— Súper.

E agora? O terreno estava preparado para... o quê? "Você tá a fim?" Muito cedo. "Sabe que você é linda?" Muito babaca. "Você não acha, assim, que a vida é uma ilusão?" Ela sairia correndo. Melhor dar mais alguns jabs. Era o que o professor Florenço, do boxe, recomendaria. Preparar com jabs de esquerda e, quando sentisse que era a hora certa, soltar a direita.

— O que você faz?

— Ginástica rítmica. Você?

Um impasse. Ela obviamente contara qual era o seu esporte, não a sua profissão. Ou havia ginástica rítmica profissional? Não havia. E ele, devia responder que era auxiliar de vendas ou que lutava boxe? Respondeu:

— Boxe.

Ela se horrorizou.

— Boxe?!

— Já tenho a cara feia, mesmo...

Ele ficou esperando que ela dissesse que sua cara não era feia. Ou que não era tão feia assim. Ou apenas "Não acho". Mas ela não disse nada. Ele:

— Quer um suco?

— Mas não é boxe?

— Hein?

Confusão. O que ela tinha entendido?

— Você não disse que lutava boxe?

— Disse. O quê...?

— E o que você disse depois?

— Perguntei se você queria um suco.

Ela tapou o rosto com as mãos, dizendo "Ai, meu Deus", depois destapou e disse:

— Desculpe. Eu entendi "kerusuko". Pensei que fosse uma dessas lutas japonesas...

— Ah, não. Não, eu... O que é isso?

Ela tinha tapado o rosto outra vez e parecia que estava chorando. Depois ele viu que ela estava rindo. Riu também. Em pouco tempo os dois estavam dando gargalhadas. Juntos! "Pô" pensou ele. "Está indo melhor do que eu esperava." Quando acabaram de rir ele decidiu soltar a direita.

No dia seguinte, perguntou para o professor Florenço quando era, mesmo, que se devia soltar a direita.

— Quando aparecer a chance.

O professor Florenço dizia "chance" em vez de "chance".

— Prepara com jabs de esquerda e quando aparecer a "chance"... Vapt!

O negócio era reconhecer a "chance", pensou. No dia anterior, julgara que a hora certa chegara. E perguntara:

— Você tá a fim?

— Às vezes — explicou o professor Florenço — o adversário dá a "chance", mas é uma armadilha. Você vai e ele vem. Quem fica desprotegido e leva a direita é você.

"Agora ele me diz isso", pensou, massageando o queixo. E suspirou.

Pois sim Apesar de todos os cuidados, ela se queimou demais no primeiro dia. No dia seguinte, quando a viu de biquíni ele fez "Mmmm". E disse:

— Como você está apetitosa...

Ela olhou o próprio corpo, alisou os quadris e disse:

— Até que eu não sou das piores, né?

— Não, é que você está parecendo um tomate.

— Olha aqui, Carlos Alberto...

Os piores momentos da vida deles tinham começado com a frase "Olha aqui, Carlos Alberto".

— Você é que devia olhar essa barriga indecente.

Ele ficou acariciando a barriga indecente e rindo.

— Um pouquinho de azeite e sal e eu como você agora.

— Pois sim.

Ele ponderou o "pois sim" dela. Todas as implicações do "pois sim" naquele tom. O que ele dizia e o que não dizia. Ficou alisando a barriga, rindo e imaginando se eles ainda teriam vida, se ainda teriam qualquer coisa, depois daquele "pois sim". Decidiu deixar passar, mas só porque o apartamento estava alugado até o carnaval.

Mãos

"Uma mão lava a outra" é uma frase usada sempre num contexto de conluio presumido, de ajuda mútua vantajosa para os dois lados, de privatização das teles, etc. Mas tem a conotação sombria de um entendimento secreto entre as nossas mãos, que teriam uma existência autônoma separada da nossa e independente da nossa vontade. Elas não dependeriam de nós nem para a sua higiene. Nos pertencem e ao mesmo tempo não nos pertencem. Fazem o seu serviço sem serem mandadas — empurram os óculos para cima no nariz, coçam onde é preciso, acenam para conhecidos, pegam o que queremos ou fazem sinal para trazerem e, se somos atacados, erguem-se em nossa defesa automaticamente mas você nunca está inteiramente à vontade com elas. É ou não é? Há sempre a ameaça implícita de uma rebelião. Um dia elas nos agarrarão pelo pescoço e nos matarão — e depois alegarão suicídio! Ou farão gestos provocadores para um batalhão da PM ou para a torcida adversária

e depois não erguerão um dedo para nos salvar.

Sir Isaac Newton disse que a existência do dedão era prova suficiente da existência de Deus. A civilização começou com o dedão opositor. A evolução mais importante de toda a história da Humanidade, batendo longe a invenção da roda, do microchip e da azeitona sem caroço, foi o desenvolvimento da junta giratória que permite ao dedão — o Pai de Todos — se opor aos outros dedos. No momento em que pôde juntar as pontas do dedão e do indicador com delicada precisão, para segurar uma asa de borboleta ou esmagar um piolho, o pré-homem passou a integrar uma ordem superior de mamíferos. Aprendeu a andar sobre as patas de trás para deixar as mãos livres. Pode segurar o tacape com firmeza e tocá-lo na cabeça do próximo com técnica. Pode começar a fazer coisas em vez de apenas descobri-las. O que distingue o homem do primata não é, como você sempre pensou, a alma ou a capacidade de cantar a quatro vozes. É o dedão. Sem o dedão, o homem não teria uma história. E jamais teria desenvolvido, nada mais avançado do que o bolinho de barro.

Depois do dedão, o dedo mais importante é o indicador. É o dedo que se usa em algumas tarefas indispensáveis para a sobrevivência da espécie, como chamar o elevador ou o garçom e disparar foguetes. Mas também é o dedo da acusação e da delação. Sua utilidade é indiscutível mas seu caráter é duvidoso.

Pouco se sabe sobre o terceiro dedo. É, geralmente, o mais comprido de todos, mas não tem nenhuma função específica. Os outros dedos, se pudessem falar, provavelmente o tratariam com afetuosa condescendência, chamando-o de "Comprido", "Magrão", "Deitado", "Boa Vida", etc. Já o seu vizinho existe por uma razão. Se Deus criou o dedão para libertá-lo, criou o anular, o dedo do anel, para lembrar ao homem que sua liberdade é limitada. Pelas instituições, pela sua própria vaidade — ou pelo casamento.

O "mindinho" se chama "auricular" porque foi criado para limpar a orelha. Só muito mais tarde descobriu-se sua função secundária, a de estender o alcance da mão no teclado. Ao contrário do terceiro dedo, no entanto, o mindinho transformou a sua inutilidade em virtude. Assumiu a sua frivolidade. É um símbolo de delicadeza, bons modos, hipocrisia — ou simplesmente frescura — quando se mantém levantado, não importa o que os outros dedos estejam fazendo.

Se em vez do dedão tivéssemos desenvolvido o mindinho opositor, a história do mundo teria sido outra. Provavelmente muito mais divertida.

Mãos dadas

A separação de Carolina e José Mauro, o Zémau pegou todo mundo de surpresa. Logo aqueles dois, que depois de dez anos de casados ainda andavam na rua de mãos dadas. De mão dadas!

— Pra você ver — foi o comentário do Péricles par a mulher, Verinha, que vivia tentando pegar a sua mão na rua. Eles não andavam de mãos dadas, o Péricles enfiava a mão no bolso quando a Verinha tentava pegá-la, ou apressava o passo para caminhar na frente, e o casamento deles estava firme. A Carolina e o Zémau andavam na rua como dois namorados (ele fingia que mordida a orelha dela e ainda fazia "iom" na frente de todo mundo) e estavam se separando.

— Viu só — disse o Péricles.

— Sei não — disse a Verinha.

— Sei não o quê?

- Sei não se o nosso casamento está firme.
- Que história é essa, Verinha?
- Sei não!

A separação de Carolina e Zémau deixou a Verinha traumatizada. Eles pareciam tão felizes. Não eram só as mãos dadas e o "iom" na orelha. E o jeito como o Zémau chamava a Carolina de "amorzinho". Uma vez até "amoreco", o que levava Verinha a reclamar para o Péricles que ele nunca, nunca na vida, a chamara de "amoreco" (e o Péricles nem levantara os olhos do jornal). Não era só isso. Quando a Carolina não estava do seu lado, o Zémau se referia a ela como "essa minha mulherzinha..." Com carinho. Com admiração. Você sabe o que um homem pensa da mulher pelo modo como fala nela de longe. O Péricles apontava para ela com o queixo e dizia "Essa daí". Semanas depois da separação, Péricles encontrou o Zémau. Estava ótimo. Péricles não quis fazer perguntas, mas o próprio Zémau puxou o assunto. Pois é, acabou. Não, não tinha havido nada. Amante, briga, nada. Tinham, simplesmente, decidido "dar um tempo". A Carolina? Também estava ótima. Nem a dona Lavínia, mãe da Carolina, criara problemas com a separação. Aliás, o Zémau continuava indo na casa dos sogros todas as semanas, para jogar cartas. Só porque o casamento tinha acabado não era razão para acabar com a parceria. Estavam todos ótimos. Numa boa.

— Traumatizada ficou a Verinha... — disse Péricles. Péricles hesitou. Olhou para trás. Olhou em volta. Não havia muita gente na calçada. Ninguém conhecido. A Verinha caminhava ao seu lado, olhando para o chão, com os braços cruzados na frente do peito. Péricles tentou pegar a mão dela. Ela se assustou.

- O que é isso?!
- Me dê a sua mão.
- Por quê?
- Porque eu quero segurar a sua mão, ora.
- Não.

Ele tentou pegar a mão dela a força. Ela apertou as duas mãos sob os braços. Rodopiou, para que ele não alcançasse sua mão. Ficaram os dois rodopiando na calçada.

- Me dê a sua mão, Verinha.
- Não dou!
- Amoreco...
- Amoreco não!

Finalmente, chegaram a um acordo. Caminhariam de mãos dadas, mas não sacudiriam os braços, como nos musicais. Se sacudissem os braços, era hipocrisia. Sinal que o casamento estava perto do fim. E se aparecesse alguém conhecido, desfariam as mãos dadas. E aí dele se fizesse qualquer coisa parecida com "iom" na sua orelha.

Péricles suspirou. Aquela sua mulherzinha...

Mar de palavras

Três naufragos cegos: Homero, Joyce e Borges, à deriva num mar de palavras. Seu navio bateu numa metáfora — a ponta de um iceberg — e foi ao fundo. Seu bote salva-vidas é levado por uma corrente literária para longe das rotas mais navegadas, eles só serão encontrados se críticos e exegetas da guarda-costeira, que patrulham o mar, os descobrirem na vastidão azul das línguas e os resgatarem de helicóptero. E mesmo assim se debaterão contra o salvamento. São cegos difíceis.

Joyce é o único que enxerga um pouco, mas perdeu seus óculos. Só enxerga vultos, silhuetas, esboços, primeiros tratamentos, meias palavras, reticências. Mesmo assim, diz que a mancha que vislumbra no horizonte é Dublin. Sim, é Dublin, ele a reconheceria em qualquer lugar. "Tudo é Dublin para você", comenta Borges, deixando sua mão correr fora do barco. Súbito, Borges pega alguma coisa. Uma frase. Ergue a mão que segura a frase gotejante e pergunta o que é. Um conceito? Uma estrofe? Em que língua?

— É Dublin — diz Joyce.

— É Dublin, do meu Ulysses — diz Joyce.

— Do meu Ulisses — diz Homero.

— O meu Ulisses contém todos os ulisses da História. O seu Ulisses foi apenas o primeiro. E ele nunca esteve em Dublin.

— O meu Ulisses não esteve em lugar nenhum. Voltou de todos.

— Você está sendo mais obscuro do que nós, Homero — reclama Borges.

— Você não pode ser obscuro. Você é o primeiro poeta do mundo. Se você já começa obscuro, o que sobrar para nós, que viremos depois? Seja claro. Seja linear. Seja básico. Seja grego, pombas.

— Todas as histórias são a história de uma volta — diz Homero.

— Pelo mar de palavras só se volta — concorda Joyce.

— Meu Ulisses voltava para Ítaca. Você voltava para onde, Joyce?

— Dublin. Sempre Dublin.

— Eu voltava para a biblioteca do meu pai — diz Borges.

— Aliás, como o Ulisses do Homero, eu nunca estive em outros lugares. Sempre voltei deles. E voltei para a biblioteca do meu pai. Onde desconfio que estou neste momento.

— Você está no mar — diz Joyce.

— Você está no mar.

— Como você sabe que isto é mar? — pergunta Borges.

— Porque sinto o cheiro da minha mulher, Nora, que a Irlanda lhe seja leve. Nora Barnacle. Nora Craca. Meu pai disse que, com esse nome, ela nunca desgrudaria de mim. Tinha razão.

— Nora Craca — sorri Homero, sem que os outros vejam. Uma Nora Craca não ficaria esperando, como Penélope. Uma Nora Craca iria junto.

— As mulheres se dividem em Penélopes e Noras Cracas — diz Joyce.

— As Penélopes esperam. As Noras Cracas grudam.

— Quem me assegura que eu não estou na biblioteca do meu pai, com o fantasma de dois poetas? A biblioteca do meu pai também era úmida, e evocativa, e tinha cheiros.

— Para Dublin! — diz Joyce, de pé na proa do barco, ou o que ele julga ser a proa, apontando para a vaga mancha no horizonte.

— Os ventos estão para Ítaca — diz Homero.

— Ítaca não existe mais — protesta Joyce.

— Diga isso aos ventos — responde Homero.

— Mas não temos velas, não temos remos, não temos motor de popa, pelo que sabemos não temos nem popa, não temos nada. Salvo o nosso gênio, que não leva a lugar algum — diz Borges.

— Estamos perdidos!

— Não estamos perdidos, Borges. Conhecemos este mar como ninguém. Já o cruzamos, em pensamento, mil vezes. Com Homero, que o inventou. Com Camões, com Conrad, com Sinbad, com o Capitão Nemo no Nautilus, com o Capitão Ahab no Pequod. Já ouvimos as suas sereias, já mergulhamos nos seus abismos e mijamos no fundo. Ninguém se aventurou neste mar como nós. Muitas dessas ondas fomos nós que fizemos. E é um mar

feito de tudo que nós amamos. Letras, palavras, frases, parágrafos, capítulos, alusões, memórias, imagens e o cheiro de craca... Não estamos sozinhos. Não estamos perdidos. Sabemos onde estamos, e onde fica Dublin. O que mais um homem precisa saber?

— Como chegar lá — diz Borges.

— Eu sei como chegar a Dublin. Eu voltei.

— Não voltou diz Homero.

— Como, não voltei?!

— Você nunca voltou a Dublin. Eu nunca voltei a Ítaca. Borges nunca voltou à biblioteca do seu pai. Podemos tê-las evocado, mas elas não estavam mais lá. Não é só Ítaca que não existe mais. Nenhum lugar do nosso passado existe mais. Evocá-los é uma maneira de acabar de destruí-los, de povoá-los com mortos. Acreditem, eu sei. Pelo mar de palavras não se volta a lugar algum.

— E se formos resgatados por teóricos de helicóptero? Continuamos lidos. Revisionistas loucos para nos re-examinarem é que não faltam. Cedo ou tarde nos tirarão daqui.

— Não, você não entendeu? Não somos mais nós, somos apenas as nossas palavras. Não nos distinguirão delas. Se pularmos nos confundirão com símiles voadores, se abanarmos os braços nos confundirão com narrativas tentaculares ou outras criaturas do mar. Nos fundimos com a imensidão azul das línguas. Jamais sairemos vivos daqui.

— Quer dizer que tudo isto, a ponta do iceberg, este naufrágio, esta conversa, era apenas uma encenação? Uma representação de como acabamos, com todo o nosso gênio? — pergunta Joyce.

— É — responde Homero.

— O mar de palavras, então, é a morte?

— Não. É a eternidade.

— Eu sabia — diz Borges.

— A biblioteca do meu pai.

Maria no espelho

Maria espera a visita de um homem. Maria olha-se no espelho. Maria vira-se, para olhar suas pernas por trás. Maria pensa: "Ihhh, aquela mancha roxa continua ali. Será que ele vai ver? Só se olhar de perto. E ele não vai chegar perto. Com a minha sorte, ele não vai chegar nem perto. Oito e meia. Ele já deve estar chegando. Pode me dizer por que você está de vestido? Preto? Apertado? Vai ser um jantar íntimo, aqui mesmo. Ele vem de jeans e camiseta. Ele só usa jeans e camiseta. Deve dormir de jeans e camiseta. Você está linda. Gostosa. Tesão! Muita pintura. Eu pareço uma palhaça. Ele não vai me reconhecer. De pretinho e de batom, vai pensar que errou de apartamento. `Desculpe, eu estou procurando a Mariazinha, minha colega de trabalho, muito sem gracinha.' `Não, sou eu mesma, pode entrar.' `Você não pode ser a Mariazinha, a Mariazinha que eu conheço não tem pernas.' `Tem sim senhor, o senhor é que não tinha notado. E não só pernas. Bunda também.' `Não! Bunda também?! Não pode ser a Mariazinha que eu..." Barulho do elevador. É ele! Não é ele. Este homem não vem? Eu disse oito e meia. Meus brócolis vão murchar. Eu vou murchar. O molho pros brócolis! Esqueci! Não esqueci. Já fiz. Ele não deve gostar de brócoli. Tem cara de quem não gosta de brócoli. Nem sabe o que é. Eu é que não sei nada sobre ele. Quatro meses trabalhando juntos e eu não sei nada sobre ele. Pode ser um tarado.

Você não sabe o que o espera, rapaz. Experiências novas. Excitantes. Brócolis. Com molho! É ele? Não é ele. Se atrasou. Se perdeu. Desistiu. Também, que idéia. Jantarzinho íntimo. A primeira vez que a gente vai se ver fora do escritório e eu já convidado pra vir na minha casa.

Deve estar pensando que eu não quero perder tempo. "Boa noite. Boa noite. Trouxe camisinha?" Eu devo estar louca. Jantarzinho íntimo. Velas na mesa. Ela é capaz de comer as velas. Vou mudar de roupa. Me vestir de Mariazinha de novo. Não vai dar tempo. Que livro eu botei na mesa de centro para ele ver que, além de bunda, eu tenho cultura? Já esqueci. Meu Deus, não pode ser Paulo Coelho.

Vou botar aquele dos santos barrocos de Minas Gerais, que eu ainda não abri. As velas na mesa saem. Está pensando que isto é um filme? Na vida real não tem vela na mesa. É ele? Não é ele. Ai meu Deus. Vamos nos organizar. Que impressão eu quero dar? Ele entra e descobre... o quê? Primeira coisa: eu não sou a Mariazinha que ele pensa. A Mariazinha que ele vê no escritório é um disfarce. Eu sou... Mariá. Acento no "a". Uma mulher complexa, vital, multifacetada. Grandes pernas, grande cabeça. No trabalho é uma eficiente, discreta, algo contida. Em casa é outra: feminina, interessana. Folheia livros sobre o barroco mineiro, uma das suas paixões. As outras são balé aquático e física quântica. Experimenta com molhos. Sua pasta de dentes é "Crest", comprada numa pequena farmácia do Village que ninguém conhece. A marca das suas calcinhas? Não usa calcinhas. O lugar mais esquisito onde já fez amor foi o confessionário de uma igreja. Barroca. Mineira. Com o padre, só para ter o que confessar. "O quê? Você, o primeiro homem a entrar neste apartamento que não veio consertar a válvula do banheiro? Ora, não me faça rir. Tenho homens para jantar todas as noites, e guardo seus ossos para chupar no almoço. Meu caro." Vou mudar de roupa. Camiseta e calça solta. Afinal, foi a Mariazinha que convidou ele para jantar, não a Mariá. É preciso um toque de desordem. O barroco mineiro jogado, assim, displicentemente, como se eu estivesse folheando na hora em que ele chegou. Jogado no chão, é melhor. Senão fica tudo muito certinho. Senão ele entra e pensa "Iih, tudo muito certinho, ela deve ser neurótica por limpeza e provavelmente frígida". Está tudo muito no lugar. Acho que vou entortar um quadro. Que mais? A música! Esqueci a música. Ele entra e está tocando o quê? O coro das mulheres búlgaras. Não, coitado, vai se sentir intimidado. Eu de pernas de fora e búlgaras cantando. Búlgaras e brócolis, ele é capaz de sair correndo. Maria Bethânia cantando Roberto Carlos. Sei não, pode dar uma idéia errada. A Mariazinha escolheria Roberto. A Mariá escolhe... Phillip Glass. Não, tá doida. Os três tenores.

Também não. Keith Jarret? Não. Não tem música. Até a noite se definir. Porque tem noites que vão naturalmente para Frank Sinatra com violinos e noites que vão para Neginho da Beija Flor. Noites que acabam em Wagner e noites que acabam em Fagner. Se bem que as minhas noites geralmente acabam em Jô Soares Onze e Meia... dependendo de como for a noite, mais tarde ponho alguma coisa para a gente dançar. "Sabe, Mariá? Você me surpreendeu..." "Ah, sim?" "Sim. Eu não sabia que você era uma mulher assim tão (pausa) multifacetada..." "E isso que você ainda não viu todas as minhas (pausa) facetas. E, se não chegar logo, não vai ver nenhuma." Se ele começar a ficar muito chato, eu ponho as búlgaras a todo volume e corro com ele. Vou deixar a pintura como está. O vestido também. A mancha roxa também. Afinal, quem é você, hein, Maria?

Mariazinha ou Mariá? Quem convidou ele para jantar foi a Mariazinha do escritório. Ele chega esperando encontrar a Mariazinha e encontra uma mulher. Uma estranha mulher de preto. Troco de roupa ou não troco de roupa? Ele deve estar chegando.

Decisão rápida: quem abre a porta? Mariazinha ou Mariá? Ai, meu Deus, Mariazinha ou Mariá? Eu posso estar decidindo meu futuro. Este pode ser o momento mais importante da minha vida. A campaignha! É ele! E agora? Posso ser a Mariazinha hoje e deixar a Mariá para depois, quando ele vier outra vez. E se ele não vier outra vez? Pode se decepcionar com a Mariazinha e depois a Mariá não terá uma chance. Mas se eu for a Mariá

de saída pode estragar tudo. Ele pode se assustar, eu posso ser Mariá demais pra ele. Eu posso começar Mariazinha e terminar Mariá. Não, vai deixar ele confuso.

Mariazinha ou Mariá, alguém tem que abrir essa porta!

Par ou ímpar? Que bobagem. Uni, duni, tê, quem vai abrir a porta é — você! Mas quem é você? Vou tirar o vestido. Isso. Abro a porta nua, digo que ainda não acabei de me vestir e venho para o quarto decidir quem eu sou. Quantos passos serão daqui até a porta? Se eu der um passo de Mariazinha e um passo de Mariá até a porta, quem chegar na porta ganha. Se quem chegar na porta for a Mariá, ela já tira o vestido e elimina várias etapas. Antes mesmo do brócoli. Até que enfim, uma solução racional. Lá vou eu. Mariazinha, Mariá, Mariazinha, Mariá, Mariazinha...

Meu dedo, meu herói

Espero que, se ainda não escolheu seus candidatos, você pelo menos já tenha escolhido o dedo com que vai votar. Não fizeram nenhuma pesquisa de intenção a respeito ("Se as eleições fossem hoje, com que dedo você votaria?") mas acho que o resultado seria algo como indicador 70%, polegar 15%, mindinho 10%, não sabe, não respondeu ou mandou o pesquisador pastar, 5%. Por aí.

Escrevo, portanto, presumindo que você pressionará todas as teclas da maquininha, hoje, com o seu dedo indicador.

Olhe para ele. O seu indicador. Não parece grande coisa, não é? É um dedo útil, mas não exatamente um dedo indispensável. Você viveria muito bem sem ele. Sua principal tarefa — indicar — poderia ser facilmente assumida por outro, se ele viesse a faltar. É um dedo importante para formar o conjunto mas não é, assim, um grande dedo, um dedão opositor, por exemplo, sem o qual a vida civilizada seria impossível. Não é nem um dedo médio, como o seu vizinho. O indicador é apenas isso: o componente de um set, sem nada de especial que o caracterize. Salvo hoje. E, claro, daqui a 20 dias, se houver segundo turno.

Hoje é o dia dele, hoje ele é o rei da mão. Espero que você o tenha tratado com o devido respeito, durante a semana. Que não o tenha usado para nenhum fim menos nobre. Que o tenha protegido, mantido a sua temperatura constante com algum tipo de agasalho, cuidado da sua higiene e da sua aparência. Se o levou a uma manicure para prepará-lo profissionalmente para o seu grande dia, não fez mais do que ele merece. Afinal, hoje ele é a sua parte mais cidadã. Hoje, você é que é o acessório dele, apenas o meio que ele usará para chegar até a maquininha e fazer o seu trabalho. Se pudesse ir sozinho, ele nem precisaria de você.

Hoje, ele é que decide. Hoje ele é a coisa mais decisiva da nação. Quem diria, não é mesmo? O seu indicador, pelo qual, normalmente, ninguém daria nada. Uma pequena extensão de carne, osso e articulações com uma unha na ponta, nada mais singelo e despretensioso. Nem nome ele tem. A não ser que você seja dos que põem nomes carinhosos nas suas partes, e ele se chame Zé, Huguinho ou Rubenval Ostramonte de Troncoso Pinto. Tudo bem. Mas ele não tem posses. Não tem dinheiro. É somente um dedo, um pobre dedo. Não tem o controle de nada, não tem aptidão para nada, não consegue nem segurar um lápis sozinho. E no entanto, hoje ninguém tem tanto poder quanto ele. Hoje é tudo com ele. Hoje ele é que manda.

Mas é preciso ter cuidado. Há muita gente inconformada com tanto poder num dedo. Gente que acha que o Brasil é um negócio grande demais para ficar dependendo assim de indicadores que não são os econômicos, de indicadores de carne, osso e articulações em vez de números e previsões de lucro ou perda.

Gente que, inclusive, já votou, manipulando os seus indicadores para tentar influenciar o seu, com medo do que o seu vai fazer na maquininha. É gente muito forte, contra a qual o seu indicador nada poderia numa luta aberta, a não ser fazer cócegas na sua barriga poderosa e depois correr. Na hora de apertar as teclas da maquininha, no entanto, o seu indicador é soberano.

Nada pode detê-lo, ninguém pode vencê-lo. Mas cuidado: podem tentar.

Olhe para ele. Coisa, né? Dê um beijinho nele, vai. Flexione-o, teste os seus reflexos e a sua resolução e rigidez. Treine-o em votações simuladas, só evitando que ele se entusiasme muito e se lesione. Prepare-se para levá-lo até a maquininha com o mínimo de risco. Resista à tentação de carregá-lo no alto, em triunfo, como um ídolo, gritando "Olha ele aí, pessoal! É ele!" No caminho, evite apertos de mão muito fortes. Se precisar usá-lo numa função corriqueira e vulgar mas absolutamente inadiável, use o da outra mão. Hoje o seu indicador é a melhor parte de você. É o seu representante legal, a sua arma, o seu herói. Incentive-o com frases como "Vamos lá, campeão!" Se ele estiver nervoso, convença-o que você estará lá, atrás dele, cuidando para que ninguém interfira no seu trabalho. E que ele não estará sozinho, que outros dedos iguais a ele estarão fazendo a mesma coisa, e que eles serão legiões.

Existe um perigo, certo. É o de que seu indicador, enlouquecido pela notoriedade que ganhou desde que a maquininha passou a ser o único meio de votar, se rebele. Se ache tão importante que, na hora, resolva agir por conta própria. E você descubra que, embora seja Lula, seu indicador é Serra!

Ou outro qualquer, só para mostrar sua independência. Mas as possibilidades de que isso ocorra são mínimas. Seja qual for a sua escolha, confie no seu dedo. O Brasil inteiro está confiando.

Miss Simpatia

Aline foi Rainha do Sesquicentenário da Independência, Mônica e Elvira, Princesas e Maria José, Miss Simpatia. E aconteceu de se encontrarem numa festa, justamente a festa com que o clube festejou os 30 anos do memorável baile em que as quatro tinham sido eleitas. Aline, Rainha. Mônica e Elvira primeira e segunda princesas, respectivamente. E Maria José, a Zequinha, Miss Simpatia. No encontro, elas gritaram e pularam e se abraçaram exatamente como tinham feito naquela noite, ao ouvirem o resultado do concurso. Bem, não exatamente. Estavam 30 anos mais velhas. Mônica e Elvira tinham engordado bastante, como se engordar fosse uma sina das princesas. Aline não podia pular muito por causa do rosto e dos seios novos, sua última plástica fora semanas antes. Quem gritou e pulou com o mesmo entusiasmo foi a Zequinha. A Zequinha era assim. Esfuziante. Desde pequena. "Esfuziante" era um adjetivo criado para ela. A Zequinha continuava esfuziante.

As quatro não tinham mais se visto desde o baile memorável. Aline, que estava noiva na ocasião (e, cochichava-se, grávida), casara em seguida, com um militar, e se mudara para o Rio. Mônica, que só viera à cidade para o feriado de 7 de Setembro e o baile, voltara para a escola. Elvira ficara na cidade até o fim daquele ano mas frequentava pouco o clube, quase não era vista, falava-se que tinha problemas em casa. No fim do ano desaparecera, junto com a família. Só a Zequinha nunca fora embora. Zequinha continuava na cidade.

Os organizadores do baile pediram para as quatro esperarem num camarim, antes de serem chamadas ao palco para lembrarem aquela noite, 30 anos antes. As quatro

aproveitaram para trocar informações sobre suas vidas. Aline contou que estava no quarto marido. Gritos das outras. Mônica contou que trabalhava muito (psicóloga, consultora de empresas) nunca casara mas tinha um relacionamento com um homem bem mais moço. Mais gritos. Elvira contou que chegara a trabalhar como modelo, até tentara alguma coisa em televisão, mas agora só se dedicava a tratar do pai. As outras se lembravam, claro, dos problemas do seu pai. Ninguém se lembrava, mas todas fizeram ruídos de comiseração. Principalmente a simpática Zequinha. E quando as outras perguntaram como tinha sido a sua vida, Zequinha disse "A minha? Comparada com a de vocês, não foi nada!" Rindo, como se "nada" fosse tudo que ela queria. A Zequinha vivia para o marido, os filhos e os netos, não queria outra coisa. A Zequinha continuava contente da vida.

Foi quando a Aline ficou séria e perguntou:

— Você não ficou chateada com o que eu disse aquela noite, ficou?

— Que noite? — perguntou Zequinha, ainda rindo.

— Do concurso.

— Eu não me lembro do que você disse!

— Jura?

— Juro. A única coisa que eu lembro daquela noite é o pulo que eu dei quando anunciaram o resultado. Eu, Miss Simpatia!

— Eu lembro do que você disse, Aline.

— Eu também.

Mônica e Elvira, primeira e segunda princesa, lembravam-se da maldade da Rainha. Trinta anos antes, Aline dissera que escolher alguém como Miss Simpatia num concurso de beleza era apenas uma maneira polida de lhe dizer que estava na festa errada. A faixa de Miss Simpatia não era consolo suficiente para Zequinha por não ser tão bonita quanto ela, Aline, e suas princesas.

— Juro que não me lembro! — disse Zequinha.

Aline explodiu:

— Pare com isso, Zequinha! Quer parar com isso? Eu era uma beleza e me transformei nisto. Até o meu cabelo é falso. Que saber? Até o cabelo. Essas duas ficaram esses horrores. Quando eu olho a minha faixa de Rainha, choro, está entendendo? Choro. Nenhuma de nós é mais o que era. E você continua a ser simpática! Só você ainda merece a sua faixa. Pare de ser simpática, Zequinha!

Aline passou a soluçar. As duas princesas não lhe deram atenção. Zequinha tentou consolá-la. Abraçou-a. Disse "Pronto, pronto." O que poderia fazer? Continuava simpática.

A Mulher e os Pés

O Homem, como se sabe, é o produto de um lento processo evolutivo que começou com a primeira ameba a sair do mar primevo. Na sua forma atual, ele é o descendente direto de uma linha específica de primatas, tendo passado por várias fases até chegar ao que é hoje. Já da Mulher, sabe-se pouquíssimo sobre sua origem. É ridículo pensar que elas também descendem de macacos. A sua mãe pode ser, mas a minha não. Uma das teses mais aceitáveis sobre o papel da Mulher na evolução do Homem é a de que o primeiro encontro entre os dois se deu no período paleolítico, quando um homem sapiens mas não muito saiu para caçar e avistou, sentada numa pedra, penteando os cabelos, um ser que lhe provocou o seguinte pensamento, em linguagem de hoje: "Isso é que é mulher, e não aquilo que eu

tenho na caverna!"

Ele aproximou-se e, com aquele seu jeitão, deu a entender que queria procriar com ela. É preciso lembrar que o nosso homo tinha testa estreita e mandíbula grande e usava gordura de mamute no cabelo. Era, aliás, do tronco geneológico que depois deu o zagueiro argentino. Ouviu, como resposta, algo como "Cê não se enxerga, não?" e "Evolua e apareça" — e foi o que nós fizemos. Desde então, o objetivo da evolução do Homem foi proporcionar um par à altura para a Mulher. Para que, vendo o casal, ninguém dissesse que ela só saía com ele pelo dinheiro, ou para espantar os cachorros.

De onde veio a Mulher? Ninguém sabe. Inclino-me pela tese da origem extraterrena. O fato é que se não fosse por aquele encontro fortuito numa planície do mundo primitivo o Homem ainda seria o mesmo troglodita de então, interessado apenas em caçar e catar seus piolhos, e um fracasso social.

Devemos à Mulher a civilização e todos os seus benefícios, inclusive o desodorante. Mas a evolução ainda não acabou. Ainda temos muito que progredir para não fazer feio aos olhos delas, e, finalmente, merecê-las.

Os pés Dos nossos pés podemos dizer, como dizemos de certos amigos, que a vida nos separou. Viver é o nome que o homem dá à lenta separação das suas extremidades.

À medida que envelhecemos, mais remotos e inacessíveis se tornam nossos pés e chega um momento em que só podemos nos abanar, melancolicamente, de longe, pois qualquer reencontro é impossível. Salvo para as formalidades higiênicas, e assim mesmo com dificuldade.

Freqüentamos os mesmos lugares, continuamos ligados, inclusive sentimentalmente, mas é como se vivêssemos em mundos à parte, com culturas diferentes. Ainda são eles que nos trazem de pé mas nosso relacionamento hoje se restringe a esta mera exigência estrutural. Eles lá e nós aqui.

E houve um tempo em que éramos muito próximos. Quando um velho olha para uma criança num berço não inveja a sua inocência, pois a experiência é melhor, nem as suas regalias, que ele também tem. Inveja a sua capacidade de morder o dedão do próprio pé. Muitas vezes, só o que distingue o bebê do velho é isso, mas isso é tudo.

Longe dos pés, podemos pensar neles com alguma isenção, sem envolvimento emocional. E a verdade é que nunca os entendemos muito bem. Não comentávamos nada, na época, para não comprometer nosso convívio, mas nunca aceitamos, por exemplo, a existência dos dedos do pé, essas incômodas lembranças de nossa ascendência símia. Ainda mais com unhas. Como se a evolução da espécie só tivesse chegado até os tornozelos.

Não lhes negamos cuidado e agasalho mas sempre os olhamos, por assim dizer, de cima, com a mesma superioridade com que o Primeiro Mundo olha o Sul.

E nunca um homem está tão longe dos seus pés como num caixão. É quando o distanciamento termina, quando o processo acaba e o homem chega ao seu comprimento definitivo.

Eles lá e nós lá também.

Múltiplas escolhas

Múltipla Escolha

1) Você faz o vestibular. Você:

a) passa b) não passa.

- 2) Você passa no vestibular. Você:
- a) comemora com colegas que também passaram, abraça todo mundo, grita, quando vê está pulando no mesmo lugar abraçado a uma menina que você nunca viu e que se chama Maria Cristina.
 - b) comemora com seus familiares, faz todo o seu curso sonhado de Engenharia, custa a arranjar emprego, finalmente se associa a um primo e abre uma lavanderia, casa, tem filhos, netos, uma vida razoável e morre de uma falha do coração artificial em 2044.
- 3) Você não passa no vestibular. Você:
- a) pensa em se matar, pensa em se dedicar ao crime, finalmente decide fazer um curso técnico, torna-se líder sindical, depois entra na política, acaba sendo o segundo torneiro mecânico eleito presidente na História do Brasil.
 - b) tenta de novo, e de novo, e de novo e acaba casando com uma viúva rica que é, inclusive, dona de uma universidade.
- 4) A Maria Cristina lhe dá seu telefone. Você:
- a) não liga para ela, nunca mais a vê, e sai desta história incólume.
 - b) liga para ela, e vocês combinam se encontrar, apesar do seu pressentimento de que aquele sinalzinho que ela tem perto do canto da boca não pode dar em boa coisa.
- 5) Você e a Maria Cristina se encontram, na casa dela. Ela:
- a) está sozinha em casa
 - b) está com o pai, a mãe, um irmão/armário, duas tias grandes e um pit bull e nada acontece.
- 6) Ela está sozinha em casa. Vocês:
- a) se amam loucamente e juram que nunca mais vão se separar
 - b) se amam loucamente, depois conversam e descobrem que não concordam em muitas coisas — ela, digam o que disserem, ainda simpatiza com o Fernando Henrique, e odeia peixe cru — e vocês nunca mais se vêem.
- 7) Vocês se amam loucamente e juram que nunca mais vão se separar. Você:
- a) a pede em casamento, e ela aceita
 - b) a pede em casamento, e ela diz que aquilo é uma loucura, que vocês são muito jovens, que precisam pensar, que as famílias nunca concordarão e que é melhor dar um tempo.
- 8) Você a pede em casamento e ela aceita. Você:
- a) chega em casa com a notícia, a sua família não concorda, diz que aquilo é uma loucura, que vocês são muito jovens, que precisam pensar, que onde se viu, que não contem com o dinheiro deles, que você vai jogar a sua vida fora por um sinalzinho perto do canto da boca, que blabláblá, e você sai dizendo que vai fugir com ela e pronto e bate a porta.
 - b) chega em casa com a notícia, que causa um escândalo, e você se convence que seria loucura mesmo, que o melhor é namorarem, os dois terminarem a faculdade, e no fim, se o amor ainda existir, pensarem no que fazer, e sua história também termina aqui.
- 9) Você a pede em casamento, ela diz que é melhor dar um tempo, você concorda, mas semanas depois ela diz que está grávida. Você:

- a) casa com ela
- b) foge para Curitiba.

10) Você a pede em casamento, ela aceita, seus pais não aceitam, os pais dela não aceitam, você foge com ela. Você:

a) é obrigado a desistir de estudar e acaba vendendo artesanato na calçada para sustentá-la, sentindo que jogou a sua vida fora e lamentando a comemoração do maldito vestibular.

b) e ela vão viver em Santa Catarina, amam-se loucamente, mas voltam duas semanas depois, a tempo de se inscrever em suas respectivas faculdades, e ficam bons amigos.

11) Ela diz que está grávida e vocês decidem se casar, com a bênção resignada das famílias. Você:

a) usa a ajuda que recebeu do seu pai para comprar uma van a prestação, acaba com uma frota de vans, fica rico, aparece na Caras, tem filhos e netos e morre de uma falha do coração artificial em 2044.

b) descobre, horrorizado, no altar, que o sinalzinho perto do canto da boca era pintado e agora está perto do olho, e pensa em como seria bom se a gente pudesse voltar atrás e corrigir todas as escolhas erradas que fez na vida, mas como saber se a escolha era errada ou não, já que a vida não tem gabarito?

12) O padre pergunta se você aceita a Maria Cristina como sua esposa. Você:

- a) diz "sim"
- b) foge para Curitiba.

Musas

Desde que Homero pediu à Musa que iniciasse o relato da Odisséia por onde ela quisesse os escritores esperam das deusas da arte não apenas inspiração como instruções específicas: como e por onde começar, que estilo usar, o tom, o tamanho, tudo. Mesmo quem procura o assunto e como tratá-lo em sofridos mergulhos dentro do próprio cérebro ou dedica-se a infundáveis rituais de preparação antes de escrever a primeira linha, confiando no poder da encantação para constranger o talento preguiçoso a aparecer, está, na verdade, atrás da musa. Não uma musa metafórica, apenas outros nomes para o mistério da criação. Uma musa mesmo. Uma mulher, com ou sem toga, que sente ao seu lado e lhe diga: escreva sobre isto, escreva deste jeito, comece assim — e ainda lhe dê a primeira frase...

— Escreva aí: desde que Homero pediu à Musa que iniciasse o relato da Odisséia por...

— Mas... Quem é você?

— Sua musa.

— Finalmente!

— Não se entusiasme demais. Você ainda terá que fazer o trabalho pesado. Nós não escrevemos nada. Ainda mais em computador.

— Mas você é tudo que eu estava esperando. Alguém que me dê idéias sem eu precisar espremer o cérebro, ou ficar esperando a inspiração jogando paciência, que leva a tudo menos à inspiração. Você está aqui. Ao meu lado. A inspiração em carne e osso! Vem cá!

— Epa. Olha o assédio sexual no local de trabalho. Musa não é secretária!

— Desculpe. Eu só queria abraçá-la, eu... Que musa é você?
Calíope? Clio? Thalia?

— Tá brincando? Essas são do primeiro time. Quem você acha que é, Homero? Eu sou a musa da crônica em jornal.

— Como é seu nome?

— Julinha.

— Por que será que as musas são mulheres, Julinha? Por que a arte, para os gregos, no fundo era coisa de mulher?

— E eu sei? Escreve aí: "Desde que Homero..."

— Ou vocês são, na verdade, uma projeção das nossas mães? Como as nossas mães nos alimentavam com seu leite, vocês alimentam o nosso cérebro com idéias. Como as nossas mães guiavam os nossos primeiros passos, vocês guiam a nossa mão no papel, ou no teclado. Todo artista é, no fundo, um exilado da mãe querendo voltar para o seu domínio. Será isso?

— Nós estamos aqui para trabalhar ou...?

— As escritoras mulheres, têm musos?

— Escuta. Me mandaram aqui para ajudar você. Eu já lhe dei a idéia. Escrever sobre as musas. Sua importância na antiguidade, sua história no Olimpo, onde cantavam acompanhadas pela lira de Apolo, sua rivalidade com as Sereias, etc. Só aí você já tem assunto para vários domingos. Mas essa especulação pseudopsicológica sobre o significado oculto das musas, nesta forma de diálogo, não foi idéia minha. Ou você pára ou...

— Ou os gregos apenas representaram, nas Musas, o fascínio de todas as mulheres sobre todos os homens, já que tudo que o homem faz é para impressionar ou escapar da mulher? Tudo — guerras, cidades, máquinas, civilizações e, claro, arte — ou é paquera ou é terror, ou é conquista ou é fuga. A mulher domina a mente do homem, o cérebro de todo homem é um templo em que as mulheres são estátuas e sombras, mães e prostitutas, servas e invasoras. As musas são as sacerdotisas desse templo, instaladas pelos deuses para pôr ordem no caos, ou canalizar o caos para a arte.

— Eu vou embora.

— Espere! Tive outra idéia que não é sua. Por que as musas são mulheres, se há mais artistas homens que mulheres? Se homens fazem arte seria natural que homens inspirassem a arte. Mas o homem, ao criar a arte, está imitando a mulher que cria a vida. Aí está a lógica dos deuses ao criarem as Musas. Eles estavam expressando a sua inveja do útero! Tudo se encaixa, tudo é simétrico e clássico, tudo se explica. Pois, se as mulheres criam a vida impregnadas pelo homem, é natural que os homens criem a arte impregnados pelas mulheres. As Musas não são inspiradoras, são reprodutoras. São ganhões etéreos espalhando sua semente penitente em nossos cérebros, para nos igualarem a elas na criação de vida.

— Tchau.

— Você já vai?!

— Foram os ganhões etéreos.

— Não vá ainda. Eu preciso de um fim para o meu raciocínio. Talvez as musas estejam, no fundo, zombando de nós. Talvez o ato de impregnação seja não uma penitência para nos dar o mesmo poder que têm as mulheres, mas uma reafirmação da sua superioridade. Pois por mais que nos inspirem, nos semeiem com idéias e nos fertilizem com frases, jamais daremos à luz vidas de verdade. Serão sempre ficções, vidas falsas, mundos postiços, épicos hipotéticos com heróis de mentira, ou crônicas indecisas com musas inventadas. O que você acha? Ei, onde está você? Eu preciso de um final. Você me deu um começo, agora me dê um fim. Musa! Julinha! Um final. Eu preciso de um final! Volta!

Namorados

O melhor do namoro, claro, é o ridículo. Mas o Alcyr se passara. Chegara a um extremo de ridículo. Chegara a uma apoteose do ridículo. Ou como você chamaria ter que imitar um cachorro para não descobrirem que era ele no quintal, louco de ciúmes, embaixo da janela da namorada, numa fria noite de agosto? O Alcyr exagerara. Alcyr, que Suzana chamava de Ipsilon, porque aquela fora a primeira coisa que ele lhe dissera.

— Ipsilon.

— Hein?

— Alcyr. É com ipsisone.

— Ah.

Ela estava preenchendo um formulário para dar entrada no seu pedido, algo a ver com um crediário, não interessa, e precisava de todos os seus dados.

— Estado civil?

— Solteiríssimo.

Daí para a pergunta "Que horas tu larga?" e o convite para tomarem um chope foi um pulo, e do chope para o namoro firme foi outro. Suzana ouvia cantadas e convites o dia inteiro, não era dessas, mas simpatizara com o Alcyr. O Alcyr parecia não ser como os outros. E o ipsisone, sei lá. O ipsisone no nome dele lhe dava uma certa segurança.

— Desliga você.

— Não, desliga você.

— Você.

— Você.

— Então vamos desligar juntos.

— Tá. Conta até três.

— Um... Dois... Dois e meio...

Ridículo porque não era você. Ou era você, e só agora, visto desta distância, ficou ridículo. Porque na hora não era não. Na hora nem os apelidos secretos que vocês tinham um para o outro, lembra? Eram ridículos. Pisisone. Suzuca. Alcyzanzão. Surusuzuca. Gongonha (Gongonha!) Mamosa. Purupupuca...

Não havia coisa melhor do que passar tardes inteiras num sofá, olho no olho, dizendo:

— As dondozeira ama os dondozeiro?

— Ama.

— Mas os dondozeiro ama as dondozeira mais do que as dondozeira ama os dondozeiro.

— Na-na-não. As dondozeira ama os dondozeiro mais do que, etc.

E, entremeando o diálogo, longos beijos, profundos beijos, beijos mais do que de língua, beijos de amídalas, beijos catetéricos.

Tardes inteiras. Confesse: ridículo só porque nunca mais.

Depois do ridículo, o melhor do namoro são as brigas. Aconteceu com o Ipsilon e a Suzana. Brigaram e brigaram feio. Várias vezes.

Aí ela ligava para ele e não dizia nada, e ele:

— Eu sei que é você. Está me controlando, é? O que é, se arrependeu?

Ou ele ligava para ela e, assim que ela atendia, desligava.

Quem diz que nunca, como quem não quer nada, arquitetou um encontro casual com a ex ou o ex só para ver se ela ou ele está com alguém, ou para fingir que não vê, ou para ver e ignorar, ou para dar um abano amistoso querendo dizer que ela ou ele agora significa tão pouco que podem até ser amigos, está mentindo. Está mentindo.

E melhor do que as brigas são as reconciliações. Beijos ainda mais profundos, apelidos ainda mais lamentáveis, vistos de longe. A gente brigava mesmo era para se reconciliar depois, lembra? Oito entre dez namorados transam pela primeira vez fazendo as pazes. O IBGE tem as estatísticas.

Na última briga deles a Suzana conseguiu fazer chegar aos ouvidos do Alcyr que estava saindo com outro. Um colega do trabalho. E o Alcyr fez a coisa sensata, o que qualquer um de nós faria. Passou a espionar a Suzana escondido. Começou a faltar a sua aula de especialização em ciências contábeis às 6 para ficar atrás de uma carrocinha de pipoca, vendo se a Suzana saía do trabalho com o outro. Rondava a casa da Suzana. Uma noite, uma sexta-feira, pensou ver a Suzana entrar em casa com um homem — e não viu o homem sair da casa. Quatro da manhã e o Alcyr abraçado a uma árvore, tremendo de frio, de olho fixo na porta. Todas as luzes da casa apagada e o Alcyr pensando, quase chorando: não pode ser, não pode ser. Como é que o seu Amorim e a dona Laurita deixam? Eu, eles botavam na rua às 11 e meia. O outro, deixam dormir com a Suzana na sua própria cama. Porque a Suzana só podia estar na cama com o outro. Àquela hora, não podiam estar mais no sofá, ela chamando ele de Dondonzeiro. Ou podia? Não podia. Podia, não podia, o Alcyr não se agüentou, pulou a cerca, se agachou sob a janela da Suzana, bateu com o joelho em alguma coisa, gritou, e quando o seu Amorim apareceu na porta dos fundos e perguntou "Quem é que está aí?" tentou imitar um cachorro. Não convenceu ninguém, claro, tanto que dez minutos depois estava sentado na mesa da cozinha, tiritando, as calças sujas de barro, tomando o café da dona Laurita com uma mão, e o outro braço em volta da cintura da Suzana. Sim, reconciliados, abraçados, emocionados. Pois Suzana se enternecera com o ciúme do seu Ipsilonzinho. Não havia outro nenhum, ela fora na farmácia com o pai, o homem que ele vira entrar na casa com ela era o seu Amorim, bobo! Mas o que realmente conquistara Suzana fora o ganido do Alcyr, tentando imitar um cachorro. Só um homem muito apaixonado faria um ridículo daqueles. Em dois meses estavam casados.

Até hoje a Suzana conta a história do Alcyr ganindo no quintal, por mais que ele peça para ela não contar. As crianças já cansaram de ouvir a história, os amigos ouvem um pouco sem jeito. E a Suzana e o Alcyr não se tratam mais por apelidos. Quando fala nele, ela diz "Esse daí". Mas que foi bom, foi.

Natal

Natal é uma época difícil para cronistas. Eles não podem ignorar a data e ao mesmo tempo não há mais maneiras originais de tratar do assunto. Os cronistas principalmente os que estão no métier há tanto tempo que ainda usam a palavra métier — já fizeram tudo que havia para fazer com o Natal. Já recontaram a história do nascimento de Jesus de todas as formas: versão moderna (Maria tem o bebê numa fila do SUS), versão coloquial ("Pô, cara, aí Herodes radicalizou e mandou apagá as pinta recém-nascida, baita mauca"), versão socialmente relevante (os três reis magos são detidos pela polícia a caminho da manjedoura, mas só o negro precisa explicar o que tem no saco) versão on-line (jotace@salvad.com.bel conta sua vida num chat site), etc.

Papai Noel, então, nem se fala. Eu mesmo já escrevi a história do casal moderno que flagra o Papai Noel deixando presentes sob a árvore de Natal, corre com o Papai Noel e não conta nada da sua visita para o filho porque querem criá-lo sem qualquer tipo de superstição — várias vezes. Poucos cronistas estão inocentes de inventar cartas fictícias com pedidos para o Papai Noel: patéticas (paz para o mundo, bom senso para os governantes), políticas ("Só mais um mandato e eu juro que acerto, ass. Fernando") ou práticas ("Algo novo para escrever sobre o Natal, por amor de Deus!").

Já fomos sentimentais, já fomos amargos, já fomos sarcásticos e blasfemos, já fomos simples, já fomos pretensiosos — não há mais nada a escrever sobre o Natal! Espera um pouquinho. Tive uma idéia. Uma reunião de noéis! Noel Rosa, Noel Coward e Papai Noel. Acho que sai alguma coisa. Noel Rosa, Noel Coward e Papai Noel estão reunidos... onde? Na mesa de um bar? Papai Noel não frequenta bares para não dar mau exemplo. Pelo menos não com a roupa de trabalho. No Pólo Norte? Noel Coward, acostumado com o inverno de Londres, talvez agüentasse, mas Noel Rosa congelaria. Não interessa onde é o encontro. Uma das primeiras lições da crônica é: não especifica. Noel Rosa, Noel Coward e Papai Noel estão reunidos em algum lugar. Os três conversam.

Noel Rosa — Ahm... Sim... Hmm...

Noel Rosa diz o quê?

Noel Rosa — E então?

Noel Coward e Papai Noel se entreolham. Papai Noel cofia a barba. Ninguém sabe, exatamente, o que é "cofiar", mas é o que Papai Noel faz, enquanto Noel Coward olha em volta com evidente desgosto por estar em algum lugar. Preferia estar em outro. A todas essas eu penso em alguma coisa para eles dizerem.

Noel Roas (tentando de novo) — E aí?

Papai Noel — Aqui, na luta.

Noel Coward — What?

Esquece. Não há mais nada a escrever sobre o Natal.

Salvo isto, se dão vênias:

que seu Natal em nada lembre o da Chechênia.

Que suas meias se encham de metais vis desde que não sejam guaranis.

Que sob a árvore enfeitada o grande embrulho com seu nome seja... Meu Deus, a Paola pelada!

Que em nenhum momento do rebu alguém faça piada com o tamanho do peru.

Que em alegre bimbalhada os sinos anunciem ao mundo que está saindo a rabanada.

E cantem os anjos, a capela que o Cristo vai nascer assim que acabar a novela.

Natasho

As crianças tanto insistiram que o pai acabou cedendo: compraria um cachorro. Como não conhecia nada de cachorros, procurou o sogro, que conhecia tudo. O sogro disse que sabia onde conseguir o cachorro ideal para as crianças: um "spaslov siberiano". Uma raça criada especificamente para os filhos da família imperial russa.

O "spaslov" era branco, peludo e pacífico. As crianças poderiam fazer o que quisessem com ele. Era um cachorro inteligente, facilmente treinável, que só dava algum trabalho porque tinha certos hábitos congênitos peculiares. Não só suas refeições tinham que ser em dois serviços — primeiro uma entrada, depois o prato principal — como, entre os dois serviços, ele precisava de um sorbet para limpar o paladar. Também precisava de uma máscara para dormir, pois era extremamente sensível à luz. E, em certos meses do ano,

que correspondiam ao inverno europeu, era dado a períodos de depressão, que os especialistas chamavam de "nostalgia da neve". Fora isso, era um ótimo animal, dócil como poucos e excelente companheiro. Havia pelo menos um "spaslov" na infância de todos os czares da Rússia.

O pai hesitou, mas as crianças ficaram entusiasmadíssimas com a descrição do "spaslov" (um cachorro russo!) e exigiram a sua compra. Já tinham até um nome pronto — Natasha — que teve que ser mudado quando o "spaslov" chegou e descobriram que era macho. Todos se apaixonaram pelo Natasho. Inclusive o pai, que volta e meia se pega estudando o cachorro, e no outro dia notou que o cachorro também o estudava, com algo no olhar que — se não fosse um absurdo — ele descreveria como ironia. Ou superioridade aristocrática.

O que será que ele pensa de nós? pensa o pai. Nós o tratamos com a deferência devida à sua raridade, mas não podemos lhe dar o tratamento imperial que a sua linhagem exige. Passadas as primeiras semanas ninguém mais se preocupava em lhe servir os dois pratos com um sorbet no meio e o próprio Natasho, depois de esperar em vão pelo sorbet e a continuação da refeição enlatada, se resignara àquele desleixo plebeu. E ninguém mais lhe botava a máscara para dormir. Ele tinha que enterrar a cabeça numa coberta, na sua caixa de dormir no canto da cozinha, para que a vaga fosforescência do relógio do microondas não impedisse seu sono.

De certa forma, pensa o pai, todo cachorro de raça representa uma vocação abandonada, os desígnios de uma linhagem interrompidos pela domesticação. O mundo está cheio de cachorros, por assim dizer, na profissão errada, como engenheiros fazendo faxina ou filósofos dirigindo táxis. Ascendência e utilidade pregressa não contam para nada e você encontra caçadores exímios reduzidos a pacatas vidas de apartamento e a caçar baratas, patrulheiros dos Alpes penando nos trópicos e a prole de lobos, com a astúcia de séculos de estepe e floresta acumulada nas glândulas, acompanhando velhinhas em praças sonolentas, longe das matilhas e do seu chamado. E cachorros nobres, criados para as larguezas da corte, para aparecer em retrato, obrigados a agüentar o confinamento com uma classe média sem pedigree. Além de comida enlatada.

O pai não sabe se sonhou ou se aconteceu. Acordou no meio da noite e viu o Natasho sentado ao lado da cama, olhando para o seu rosto. Como era uma noite de Lua Cheia, o cachorro talvez não conseguira dormir nem com o cobertor tapando os olhos. Que agora estavam fixos nos olhos do homem, querendo dizer o quê? O pai não contou para ninguém, mas teve a impressão que o cachorro o olhava como se olha um enigma. Era um olhar de incompreensão. Podia ser cansaço. Fôra um dia cheio para Natasho, que correria com as crianças na calçada e servira de cavalo para o caçula. Podia ser melancolia, a tal "nostalgia da neve". Mas não, o pai tinha certeza que era perplexidade. O cachorro estava tentando decifrá-lo. Ou talvez o estivesse convidando para uma comunhão de resignações, talvez fosse solidariedade. Talvez fosse compreensão.

Eu também não sou o que deveria ser, pensou o pai. Estou na profissão errada, possivelmente na família errada, certamente no lugar errado. Meus genes estão programados para outro continente, para outra vida. O que o olhar do Natasho dizia era que para um cachorro não tinha remédio, suas alternativas eram limitadas e, mesmo, a Rússia estava longe. Mas ele? Que era a sua desculpa? Mas o pai acha que pode ter sido um sonho.

Náufragos

Há muitas histórias de naufragos, inventadas e verdadeiras. A mais famosa das

inventadas, a do Robinson Crusoe, parece que foi baseada numa verdadeira. De qualquer jeito, para uma história de naufrago só é preciso um naufrágio e uma ilha. Os naufragos podem ser um só, como o Robinson, dois, como o casal de A Lagoa Azul, ou muitos, como a família suíça de outra famosa história inventada. O maior fascínio das histórias de naufragos está na descrição do simples processo de sobreviver na privação, ou do poder da engenhosidade humana diante da Natureza indiferente ou hostil. Nos colocamos no lugar do naufrago e imaginamos como seria nos alimentarmos, nos protegermos e não enlouquecermos, sozinhos numa ilha deserta. Pois no fim todas as histórias de naufragos são sobre a solidão, sobre a falta do próximo e a distância dos outros. Há, inclusive, histórias de naufragos que dispensam a ilha. Mas as que eu vou contar são histórias de naufragos clássicas. De naufragos insulados. Começando com a história do naufrago que enriqueceu da noite para o dia.

Contam que um homem sobreviveu a um naufrágio e acabou numa ilha deserta, e lá viveu durante 40 anos, até morrer. Os primeiros 20 anos foram os piores.

Quando não estava ocupado procurando comida e tratando de se abrigar do sol, da chuva e do vento, quando não tinha mais o que fazer a não ser pensar e lembrar, pensava na vida que levava e lembrava tudo o que perdera. Pensava na sua dura vida de marinheiro, pensava na mulher fiel que o ajudava a enfrentar a dureza da vida e sempre o esperava no porto, pensava na sua casa modesta, pensava nos vizinhos e nos amigos, pensava nas coisas simples que nunca mais veria, e chorava, chorava muito. Antes de dormir, ao pôr-do-sol, o homem imaginava o que estaria fazendo, se ainda estivesse com a sua mulher fiel na sua casa modesta, ou com os vizinhos e amigos, na sua simplicidade.

E assim se passaram 20 anos de recordação e tristeza. E então, certa manhã, depois de uma noite de vendaval, o homem viu que o vento tinha derrubado uma árvore da ilha, e que no buraco deixado pelas raízes arrancadas havia um tesouro. Um grande baú cheio de moedas de ouro e de jóias, certamente enterrado por algum pirata que nunca voltara para buscá-lo. Da noite para o dia, o naufrago tornara-se um milionário. Talvez um bilionário, ou um trilionário. Para que perder tempo calculando a fortuna? Havia o suficiente no baú para ele levar uma vida de rei. E a partir daquele momento, e pelos 20 anos seguintes, o homem imaginou tudo o que poderia fazer com a fortuna depois de abandonar a mulher, que não era mulher para um milionário, e os vizinhos e amigos, que só o importunariam com pedidos de dinheiro, e a sua casa modesta, e a sua dura vida de marinheiro. Mal podia esperar o pôr-do-sol, para imaginar a sua vida de rei — ou quase rei, pois decidira que compraria dois títulos de nobreza, um para ele e um para a Gisele, sua nova esposa. E dormia sorrindo.

Também tem a história do navio que naufragou e só se salvaram o capitão e um maquinista, que nunca tinham se visto a bordo. O capitão vivia na ponte de comando e o maquinista nunca saía do porão. Ainda na praia da ilha deserta, o maquinista perguntou:

— Era o senhor que gritava pelo interfone, "Mais força, mais força, seus ratos preguiçosos!"

— Não, não — respondeu o capitão. — Era o imediato.

Mesmo assim, os primeiros 20 anos foram tensos.

Três naufragos: um arquiteto, um engenheiro e um banqueiro. Depois de secarem a roupa, examinarem a ilha deserta e escolherem o lugar onde construirão uma cabana, decidem distribuir as tarefas.

— Eu planejo a cabana — diz o arquiteto — Eu faço os cálculos e escolho o material — diz o engenheiro.

— Eu financio a obra — diz o banqueiro.

O arquiteto e o engenheiro se entreolham — Como, financio? — pergunta o arquiteto.

— Com que dinheiro? — pergunta o engenheiro.

— Bom... — começa a dizer o banqueiro, olhando em volta. — Estas conchas podem servir como dinheiro e...

Mas desiste diante do olhar dos outros dois. E põe-se a trabalhar erguendo a cabana, enquanto o arquiteto e o engenheiro, sentados na praia bebendo água-de-coco, dão palpites. E risadas vingativas.

Esta história tem outra versão em que, além do arquiteto, do engenheiro e do banqueiro, também dá na praia um filósofo. O diálogo é o mesmo até o banqueiro sugerir que as conchas podem servir como dinheiro. Diante da reprovação do arquiteto e do engenheiro, o filósofo intervém:

— Mas é perfeito. Vocês não vêem? Propondo usar conchas em vez de dinheiro, ele está dizendo que o dinheiro é, na verdade, uma mentira, ou apenas uma concha supervalorizada. Em termos absolutos, nada tem mais valor do que nada, o valor dado a qualquer coisa é apenas a reificação de um conceito abstrato determinado por uma hierarquização subjetiva arbitrária enquanto...

O filósofo pára quando se dá conta da maneira como os outros três estão olhando para ele. E põe-se a trabalhar, erguendo a cabana, enquanto o arquiteto, o engenheiro e o banqueiro, sentados na praia bebendo água-de-coco, dão palpites. E risadas superiores.

Náufragos 2

Tem a história do naufrago resgatado de uma ilha deserta que não consegue dizer quanto tempo passou na ilha. Perdeu a noção do tempo.

Pelo seu aspecto ao ser encontrado — a barba quase no umbigo, as roupas reduzidas a fiapos, a pele curtida pelo sol e o sal — foram muitos anos, mas quantos? Ele não se lembra do naufrágio. Não se lembra do nome do navio, do tipo do navio, do que fazia a bordo...

— De onde você é?

— De, de... Que língua eu estou falando?

— Inglês. Mas com sotaque.

— Sotaque de onde?

— É difícil dizer. Talvez você tenha adquirido o sotaque na ilha.

— Improvável. Eu só falava com os pássaros e com as árvores. Os pássaros, pelo menos, respondiam. Mas em nenhuma língua reconhecível.

— E mesmo assim você conservou o inglês.

— É estranho. Não me ocorre nenhuma outra língua além do inglês, embora eu sinta que não é a minha língua materna. Talvez seja por causa de Pamela...

— Pamela?

— Uma mulher que eu fiz, de areia.

— Você fez uma mulher de areia?

— Você não sabe o que é a solidão numa ilha deserta. Eu precisava de companhia humana. No princípio, só precisava de sexo. Fiz um buraco na areia. Mas, com o tempo, senti que precisava mais do que apenas um buraco.

Construí um corpo de mulher em torno do buraco. Um corpo rudimentar. Seios, grandes seios, quadris, uma cintura delgada, coxas longas. Sempre gostei de coxas longas. Mas logo senti que ainda faltava algo. E fiz uma cabeça para a minha mulher de areia. Um rosto, com feições, nariz, boca. Um rosto bonito, cuidadosamente esculpido, e que eu retocava constantemente, consertando os estragos feitos pelos caranguejos e o vento, e realçando a sua sensualidade.

O rosto de uma mulher satisfeita. O rosto de uma mulher que me amava, que mal podia esperar pelas nossas noites de paixão. Foi um erro.

— Por que um erro?

— Porque o corpo desmentia o rosto. O corpo era estático e sem vida. Não se mexia, não acompanhava o meu ardor, permanecia ausente e frio. O corpo negava o brilho faiscante das conchas azuis que eram os olhos de Pamela, quando me via.

— Por que "Pamela"?

— Porque decidi que, fria daquela jeito, só podia ser inglesa. Eu tinha feito uma inglesa! Deve ser por isso que conservei o meu inglês. Era a língua com a qual eu fazia declarações de amor a Pamela e tentava despertar no seu corpo a calidez que o rosto prometia. Ela não reagia. Ela não me respondia. Com os pássaros, pelo menos, havia diálogo. As árvores pelo menos me escutavam. Pamela ficava muda e distante. Também não respondeu quando eu comecei a gritar com ela, e a xingá-la, e acusá-la.

— Acusá-la de quê?

— De me trair. Pamela estava me enganando.

— A mulher de areia estava enganando você?

— Estava!

— Com quem?

— Não tenho a menor idéia. Com os caranguejos, com o vento, com as minhas alucinações. Sei lá. Eu só não tinha dúvida de que, com eles, ela se mexia.

Uma loucura, eu sei. Mas eu tinha pedido aquilo. Eu tinha criado o meu próprio tormento, criando um outro para compartilhar da minha solidão. Não se tem companhia humana impunemente. Onde há um outro, há confusão, há conflito, há desgosto. E há traição.

— O que você fez?

— Um dia, destruí a Pamela a pontapés. Só deixei o buraco no chão. Mas no dia seguinte a reconstruí, os grandes seios, as longas coxas. Pedindo perdão, dizendo que o ciúme, e o seu silêncio e a sua inércia, tinham me deixado louco, e jurando que aquilo nunca mais aconteceria. Caprichei no seu novo rosto. No cabelo de algas verdes, na expressão de compreensão com o desatino dos homens apaixonados, e de perdão. E no outro dia a destruí a pontapés outra vez.

— Grego.

— Hein?

— O seu sotaque. Pode ser grego.

— Hmm. Grego. É possível. Me sinto muito antigo.

— Qual é a última lembrança que você tem do mundo, antes de naufragar?

— Deixa ver... Rita Pavone. Não tinha uma Rita Pavone?

Decidiram não contar nada ao naufrago sobre o 11/9, até ele estar completamente recuperado.

Ninfas e ninfetas

Há tempos apareceu uma teoria segundo a qual existiria uma "memória da água". A água reteria nas suas moléculas uma "lembrança" recuperável de movimentos e efeitos. A teoria não foi provada, o que é uma pena. Suas possibilidades poéticas eram imensas.

O italiano Roberto Calasso, no seu livro *Literatura e os Deuses*, escreve sobre uma "onda mnemônica", ou vaga de memória que invade a nossa civilização, a intervalos, vinda do passado clássico, com os deuses pagãos surfando em cima. Esta imagem é minha, não do

Calasso, que é um cara sério.

Ou nos deixamos inundar por ela ou fugimos dela com braçadas decididas.

A Renascença foi uma "onda mnemônica" varrendo a idade das trevas da nossa praia. Já maré baixa da onda, segundo Calasso, aconteceu na França do século 18 quando "as infantis fábulas gregas", junto com "o bárbaro Shakespeare e as sórdidas lendas bíblicas" foram todas sumariamente dispensadas como "o trabalho de um esperto sacerdócio determinado a sufocar mentes potencialmente esclarecidas no berço", por gente como Voltaire. A onda voltou no século 19 com Nietzsche, que costumava assinar suas cartas "Dionísio".

Os deuses surfistas vindos do passado assumiam qualquer forma. Escreve Calasso: "Muitas vezes eram reduzidos à mera existência de papel, como alegorias morais, personificações, prosopopéias e outros engenhos do arsenal retórico." Ou eram "meros pretextos para o lirismo, nada mais do que sons evocativos". Em qualquer forma, seus anfitriões modernos os mantinham sob controle, eufemismados e disfarçados. Isto nas letras, porque nas artes plásticas houve uma enchente: os deuses heróis tomaram conta e durante quatro séculos foram sujeitos, ou no mínimo coadjuvantes, de toda a pintura e a escultura ocidental. E dê-lhe sátiros e ninfas.

Principalmente ninfas. As ninfas trazem na 'onda mnemônica' a forma mais antiga e potencialmente mais perigosa de matéria artística, segundo Calasso, que é a obsessão. Homero conta que Apolo, o Caçador Encantado, descobre uma ninfa e uma grande serpente guardando uma vertente de água doce. Tanto a ninfa quanto a serpente são aterradoras, pois o que elas guardam é uma fonte de sabedoria e poder que dará a Apolo o domínio do mistério fluido da vida pela arte, mas em troca o transformará num deus possuído. Ninfa e serpente são a mesma coisa, a sedução da arte e a danação do artista na mesma descoberta. A correspondência com a "sórdida lenda bíblica" do Paraíso perdido não precisa ser enfatizada.

"Nimphe" em grego quer dizer "menina pronta para o casamento" e também "fonte". Calasso: "Aproximar-se de uma ninfa é ser apreendido e possuído por alguma coisa, e imergir num elemento ao mesmo tempo terno e instável, que pode ser emocionante mas também pode muito bem ser fatal." Mas qual era o poder das ninfas, o que eram essas águas mágicas? Há um hino a Apolo que fala do "noeron udaton", "as águas mentais" que são o presente das ninfas ao deus das artes. Uma vez conquistadas, as ninfas se ofereciam e a sua oferenda era o "eídolon", a imagem, o simulacro. Ou seja, a matéria da criação, a literatura. Cada vez que uma ninfa se oferece evoca este poder que precede a palavra, este manancial de vida para o artista se abastecer, ou imitar, ou na qual se afogar.

Sócrates se descrevia como um "nymphóleptos", alguém "capturado pelas ninfas". O mais notório "nymphóleptos" da literatura moderna é Humbert Humbert, o professor pedófilo da tragicomédia de Vladimir Nabokov, Lolita. O desafortunado Humbert Humbert é um "caçador encantado" que persegue a sua ninfeta até possuí-la (num motel chamado "A caçadora encantada), e dali em diante é possuído por ela. Descrevendo sua emoção ao ver Lolita pela primeira vez no quintal da sua casa, seminua, "numa poça de sol", Humbert Humbert diz que "uma onda de mar azul" cresceu sob o seu coração. Pois parte da sua obsessão com a ninfeta é a memória que ela lhe traz de um amor pré-pubescente na beira do Mediterrâneo, a perdida Annabel, que deve o nome que Nabokov lhe deu à Annabel Lee do poema de Edgar Allen Poe, outro "nymphóleptos", outro possuído.

Nabokov, que se saiba, não era um pedófilo, portanto seu livro é um genial respingo de "onda mnemônica", ou um mergulho deliberado nas "águas mentais" de alusões e significados que a onda nos traz, lá de trás. Para Calasso "a verdade esotérica" de Lolita está numa única frase de Humbert Humbert: "A ciência da nympholepsia é uma ciência precisa." O que Nabokov não diz é que esta "ciência precisa" é exatamente uma que Nabokov

exerceu durante toda a vida, não a perseguição de ninfetas mas a literatura.

No trem

Disse o homem:

— Perdoem, por favor, mas eu sou um escritor, e como tal fascinado pelas pessoas e seus destinos. Notei que cada um de nós, neste compartimento, tem um tipo físico, uma idade e um semblante diferente dos demais e está claro que nenhum de nós conhece o outro. Mas me pergunto se a única coisa que temos em comum é estarmos no mesmo compartimento do mesmo trem, indo para o mesmo lugar. Seria interessante, de um ponto de vista literário, ou apenas para passar o tempo, tentar descobrir alguma outra coisa que nos una. Ou importuno?

— Não, não — disse a mocinha. — Eu estava pensando a mesma coisa. Seis pessoas, seis vidas, seis destinos. O que teremos em comum? O senhor diz que é escritor...

— Nabokov. Nasci na Rússia, mas fui obrigado a me exilar. Suponho que ninguém mais aqui seja escritor. Ou, que Deus nos proteja, russo. Sabem o que dizem: dois russos são sempre dois mais que o necessário.

— Eu sou eurásiana. Quando não estou trabalhando, passo todo o meu tempo viajando para esquecer um grande amor. Mas prefiro não falar em Robert.

Minha profissão: acrobata.

— Esse Robert era físico e suíço? — perguntou a senhora mais velha. — Um dos meus colegas nas pesquisas sobre isótopos e lipídios subatômicos em Montreux se chamava Robert.

— Não senhora. Era domador. Americano. Está morto há anos.

— A senhora, então, é pesquisadora? — perguntou Nabokov, dirigindo-se à mulher mais velha.

— Sim. Belga. Não adiantaria dizer meu nome. Ninguém guarda o nome dos ganhadores do Nobel de Física.

— Uma acrobata e um Prêmio Nobel! Que interessante. Eu nunca ganhei o Nobel.

Sabem como é, a política manda na Academia sueca. Não no seu caso, é evidente. Não imagino que possa haver uma interpretação marxista da mecânica quântica. E o senhor?

A pergunta era para o velho de cachecol verde.

— Sou grego e não faço nada. Milionário. Era a mim que o Onassis recorria para empréstimos, quando se apertava. Vivo para o prazer e a aventura.

Aliás, senhorita, há alguns anos, num circo em Copenhague, pulei na arena para evitar que um leão arrancasse a cabeça de um desafortunado domador.

Tarde demais, infelizmente. Não seria...

— Não. Foi um tigre.

— Ah, bom.

— E o senhor, padre? — perguntou o escritor.

— Sou um mero assessor do papa. Certamente o mais humilde. Só dou minha opinião quando Sua Eminência a pede, depois de ouvir todos os outros.

Frugatti. Natural de Arezzo. Fui eu que redigi a versão do terceiro segredo de Fátima que o Vaticano publicou recentemente. O verdadeiro segredo, claro, é outro, terrível demais para ser revelado. Não me peçam detalhes. Só posso dizer o seguinte: Fiquem longe de Istambul, no verão de 2001.

— Bem, até agora, nada em comum — comentou Nabokov. — Talvez o senhor, cavalheiro, seja o elo que falta em nossas vidas.

— Acho difícil — disse o homem com o cabelo engomado. — Qualquer um de vocês já teria me reconhecido, se frequentasse os mesmos círculos. Eu sou Delmas.

O nome lhes diz alguma coisa? Eu sabia que não. Fui eu que contatei o espírito de Coco Chanel para esclarecer alguns pontos obscuros do seu testamento. Mas, é óbvio, isso não foi divulgado fora da família. Só eu falo com Goethe. Nacionalidade húngara. Não tenho nada em comum com ninguém.

— É espantoso. Seis nacionalidades diferentes, seis profissões...

— Bem, temos dois artistas. Um escritor e uma acrobata...

— Duas profissões de risco, é verdade. Mas são completamente diferentes. Um escritor não usa rede.

— Quer dizer, então... — começou a pesquisadora belga.

— Que não temos nada em comum, salvo o destino deste trem — completou a acrobata eurasiânica.

— A única coincidência é que somos todos personagens interessantes — concluiu Nabokov.

Na verdade, nem esta coincidência havia. Estavam reunidos no mesmo compartimento do trem os seis maiores mentirosos da Europa, mas isto nenhum ficou sabendo.

Noé 2 ou o segundo arrependimento

E viu Deus a Terra, e eis que estava corrompida, porque toda a carne havia corrompido o seu caminho sobre a Terra. Então disse Deus a Noé: o fim de toda a carne é vindo perante a minha face, porque a Terra está cheia de violência, e eis que os desfarei com a Terra.

E disse o Senhor: Destruirei de sobre a face da Terra o homem que criei, desde o homem até o animal, até o réptil, e até a ave dos céus, porque me arrependo de os haver feito.

E disse Deus a Noé: Faze para ti um foguete interplanetário. E entrarás no foguete, tu e os teus filhos, e a tua mulher, e as mulheres de teus filhos contigo.

E, de tudo o que vive, de toda a carne, dois de cada espécie, meterás no foguete, para os conservares vivos contigo; macho e fêmea serão.

Porque eis que trago um asteróide que se chocará com a Terra, para desfazer toda a carne em que há espírito de vida debaixo dos céus: tudo o que há na Terra expirará, menos tu e os teus. E guiarei a tua arca espacial até um planeta escolhido, onde começarás outra Terra e outra prole.

Noé, porém, achou graça aos olhos do Senhor, que obviamente não sabia com quem estava falando. "Um foguete, Senhor?!", disse Noé, explicando em seguida que era um carpinteiro desempregado no Iraque, cuja situação, que já era ruim, ficara ainda pior com o bloqueio econômico das Nações Unidas, que duvidava muito que conseguiria ajuda do governo do seu país para construir um patinete, quanto mais um foguete, mesmo que fosse para disparar contra Israel ou para salvar Saddam e sua família, e, mesmo, o centro do mundo se deslocara desde os tempos bíblicos, não ficava mais entre o Tigre e o Eufrates. Deus que esquecesse sua ligação sentimental com o Oriente Médio, desistisse do Terceiro

Mundo e dele, e tentasse um americano, de preferência da Nasa, que teria a tecnologia para fazer a nova arca. E, principalmente, a verba.

E Deus suspirou e o hálito decepcionado do Senhor pairou sobre a Terra condenada. E viu Deus que tinha perdido seu tradicional canal de comunicação com o homem, que era escolher entre os varões o mais justo e reto em suas gerações, e quem consegue falar com os americanos? E seu arrependimento cresceu, e o seu dedo instigador apressou o asteróide na direção da Terra.

Enquanto isso, em Washington, dispensando qualquer aviso analógico e anacrônico de Deus e baseados em cálculos de seus computadores, técnicos levam ao presidente americano a confirmação de que o asteróide se chocará, sim, com a Terra e a destruirá, e que antes de liberar a informação para o mundo é preciso acionar a Operação Arca de Noé 2, a construção de um foguete que salvará um número mínimo de pessoas da destruição, macho e fêmea, começando, é claro, pelo presidente e pela Hillary ou uma estagiária da sua preferência para que ele continue a liderar o mundo livre lá fora. E quem mais?

Instala-se a controvérsia. A arca deve conter apenas americanos, que afinal ganharam a corrida espacial e merecem ou devem levar representantes de outras nacionalidades, mesmo no porão? Todas as raças devem ser representadas ou deve-se aproveitar a oportunidade para acabar de vez com o racismo, levando apenas brancos para a outra terra? Que critérios devem ser usados na escolha dos espécimes humanos? Os mais inteligentes, com sua tendência para a neurose e a miopia, ou os mais jovens, saudáveis e bonitos, com sua dificuldade de raciocínio e seu gosto musical duvidoso? Há um consenso de que o Leonardo DiCaprio deve ser um dos machos salvos da catástrofe, inclusive por uma questão de justiça, já que no Titanic ele morreu. Acabam concluindo que, já que a tecnologia espacial é um subproduto da guerra fria entre o capitalismo e o socialismo e os capitalistas ganharam, a locação de lugares deve obedecer às regras do mercado. Vai quem pagar mais, o que assegurará a sobrevivência dos mais ricos e, portanto, mais empreendedores e capazes, para colonizar a nova terra. Que já começará neoliberal, sem ter que passar por todo o tedioso processo histórico que tanto atrasou a vitória do capitalismo, e o segundo arrependimento de Deus, na Terra. Só fica para ser decidido quem limpará as privadas na lua de Saturno.

E Noé olhará por um buraco da sua tenda improvisada e verá o asteróide ficando maior a cada noite, e meditará sobre a mudança dos tempos. Pois houve um tempo em que para ser o escolhido de Deus bastava ser um varão justo e reto em suas gerações, e estes tempos não são mais, e nunca mais serão.

Provocação

Os sem-terra insistem em existir, no que já está se tornando uma provocação intolerável.

Não há emprego para eles nas cidades, não há terra para eles no campo, e mesmo assim eles teimam em não tomar a única medida que não apenas resolveria seu problema como asseguraria a paz social e devolveria a tranquilidade à comunidade e às classes produtoras: o suicídio coletivo. Não podem alegar que não são responsáveis pela situação a que chegaram.

Com um mínimo de previdência teriam todos nascido no Canadá, evitando, assim, o atual clima de confronto. Negando-se a desaparecer voluntariamente, os sem-terra dão uma

lamentável prova de intransigência e não podem se queixar da radicalização do outro lado.

Noite especial

Gaspar ergue o seu copo de champanhe e olha nos olhos de Patrícia.

— A nós.

— A nós — diz Patrícia.

— E a esta noite cheia de promessas.

— Que elas se cumpram.

Os dois bebem o champanhe.

— Vamos para a mesa? — diz Gaspar.

— Vamos.

— Traga o seu copo.

A mesa está posta para dois. Velas acesas no meio.

— Que beleza! — exclama Patrícia.

— Esta noite tinha que ser especial.

Os dois sentam-se à mesa. A porta da cozinha se abre e aparece a cabeça descabelada de uma mulher.

— Gaspar... — diz a mulher descabelada.

— Quié? — diz Gaspar, impaciente.

— Você pode dar uma chegadinha aqui?

— Não posso. Esse é o seu departamento.

— É o suflê. Eu não sei se...

— Vire-se como puder. E não me interrompa mais.

A cabeça da mulher desaparece. Gaspar sorri para Patrícia.

— Desculpe, meu bem. Outro brinde.

Os dois erguem seus copos.

— Ao nosso amor — diz Gaspar.

— Ao nosso amor.

Entra a mulher da cozinha trazendo coquetéis de camarão.

— Não me responsabilizo por esses camarões — diz a mulher, colocando os coquetéis na mesa. — Não estavam com boa cara, não. Comprei na feira e...

— Chega, Matilde. Obrigado.

Matilde se retira. Patrícia começa a botar um camarão na boca.

— Pare!

— Que foi?

— Como você está linda. Com essa luz no seu rosto, esse camarão no seu garfo, a boca entreaberta...

Entra a Matilde outra vez.

— Gaspar, o suflê não vai dar não.

Gaspar, se esforçando para manter a calma:

— Então faz outra coisa, não é, Matilde? E rápido.

Matilde volta para a cozinha, resmungando.

— Essa sua empregada... É folgada, não é? — comenta Patrícia.

— Empregada? Ah, você pensou que... Não, não, essa é a minha mulher.

Patrícia fica sem fala. Entra Matilde trazendo pão.

— Matilde — diz Gaspar —, ela pensou que você fosse minha empregada.
— Antes fosse, minha filha — diz Matilde. — Antes fosse. Assim eu pedia minhas contas e ia embora. Ô homem difícil!
Matilde aponta para o coquetel de camarão na frente de Patrícia.
— Já acabou?

Notícias da guerra

Aconteceu outra vez. Como em todas as guerras, a primeira vítima da invasão do Iraque foi a Verdade. Ela foi ferida nos primeiros minutos de luta e quando deu entrada no hospital do Kuwait — ou num hospital de campanha montado dentro do território iraquiano, as versões divergem — já estava morta. Foi atingida por um soldado iraquiano disfarçado de civil, por "fogo amigo" dos aliados, por uma mina terrestre iraquiana, por uma bala perdida de origem desconhecida, por um míssil disparado pelos americanos contra Bagdá que se perdeu e a feriu junto com outros dez inocentes, por um míssil disparado pelos iraquianos contra o Kuwait que também se perdeu e a feriu junto com outros 20 inocentes — depende de quem faz o relato. Era morena ou loira, alta ou baixa, magra ou gorda, casada ou solteira ou tudo isso ao mesmo tempo. Sacrificou-se pela libertação do povo oprimido do Iraque ou foi uma vítima da criminoso agressão ao povo do Iraque. Famílias diferentes foram notificadas da sua morte e brigaram pelos seus restos mortais, cada uma reivindicando o corpo para si, inclusive com documentos, certidões, fichas dentárias, etc., sem chegarem a um acordo. É sempre assim. Já se convencionou que só há uma maneira de saber ao certo de quem é, afinal, a Verdade: esperar o fim da guerra para que o vencedor possa, com calma, descrevê-la em detalhes, identificar sinais de nascença e velhas cicatrizes, e acabar com todas as dúvidas. A História mostra que nesses casos a Verdade era sempre do vencedor. E se não era, ficava sendo.

Contam que num determinado vale do Azarbeijão viviam duas etnias: os curtos e os surdos. Os curtos eram em menor número mas mais inteligentes do que os surdos, que de tanto se abaixarem para ouvir o que os curtos estavam dizendo acabaram criando os tortos, que culpam os surdos pela sua condição e vivem em guerra com eles apesar de serem da mesma etnia, apenas com desvio na coluna, o que os torna da mesma altura dos curtos, aos quais se aliaram para controlar todo o petróleo e as concessões Prada e Vuitton na região. Os surdos, na sua luta contra os tortos e os curtos, aliaram-se aos mofas, uma tribo de caçadores das montanhas, apesar destes gostarem de mover os lábios e fingir que estão falando, para os surdos gritarem "Ahn?" e revelarem sua posição na trincheira ao inimigo, o que os diverte muito. Os americanos tentaram reunir todas essas etnias numa só frente contra o Iraque que teria o nome de "Desert Friends", com uma vaga promessa de visita da Jennifer Aniston à região, dirigida pelo general Mack Truck, também conhecido no Pentágono como "Mack sem Tato", e cujo primeiro ato no comando da operação foi distribuir latinhas do laquê usado pelo presidente americano durante suas apresentações na TV aos líderes das etnias com a bem-humorada mensagem de Bush "Boa sorte com o seu cabelo" escrita, por descuido, em hebraico. Não ajudou o fato de o general Truck, na chegada, desorientado por uma tempestade de areia, gritar para os curtos ouvirem e inclinar-se para falar com a barriga dos surdos, apontando a bunda para os tortos e os mofas, nem a sua preleção a seguir, que terminou com uma debandada geral e indignada dos pretendidos aliados, para grande surpresa de Truck. De volta a Washington, Truck foi avisado que a única coisa que unia as quatro etnias era o seu ódio aos turcos, que volta e meia invadiam o vale para estuprar as suas cabras e roubar suas mulheres, e que não pegara bem seu anúncio

de que, para maior eficiência da operação, ela seria comandada por turcos. "Por isso que eu odeio a política" teria dito Truck, lamentando que o mundo não fosse dividido em apenas duas etnias, nós e eles, o que o tornaria bem mais manejável, antes de voltar para a região, desta vez levando dinheiro.

Eu sei, eu sei, é inviável. Mas por que não deixar que o Deus de Bush e o Deus de Saddam, tão invocados pelos dois, resolvam a questão num nível mais alto? O Deus cristão e o Deus do Islã, que devem ser vizinhos, poderiam se reunir para decidir tudo no braço ou no par ou ímpar, ou pelo menos estabelecer algumas regras básicas para a lisura do conflito.

— Tempestade de areia, não, Alá.

— Ah, é? B-52 pode, mas tempestade de areia não?

— Não é a mesma coisa, meu velho. Eu tenho que respeitar a cadeia de comando, e ninguém ouve os meus representantes na Terra. Nem o papa! Mas você tem o controle direto sobre os ventos do deserto.

— Tinha. Agora é com o deus de outra facção.

Eu sei, eu sei, é inviável.

Nova York e eu

As bombas atômicas tinham sido lançadas no Japão semanas antes e multidões comemoravam o fim da Segunda Guerra Mundial no Times Square, mas a única coisa que lembro da primeira vez em que estive em Nova York é de duas mulheres que passeavam nuas dentro do seu apartamento e que eu via da janela do nosso hotel. Duas americanas muito brancas, indiferentes à sua janela aberta e ao meu olhar maravilhado e ao fato de que acabáramos de entrar, todos, na era nuclear. Na certa preparavam-se para também ir ao Times Square beijar marinheiros. Eu ia fazer 9 anos. Tínhamos chegado da Califórnia, onde passáramos dois anos, para pegar um navio de volta para casa. O navio era um cargueiro argentino chamado Jose Menezes, o primeiro a fazer a viagem de Nova York para o sul depois da rendição dos japoneses. Lembro da viagem porque aniversariarei a bordo e porque um dos nossos companheiros era o Paulo Gracindo, que nos divertia fazendo a voz do Sombra, o personagem que interpretava no rádio. Mas não lembro mais nada de Nova York em 1945 salvo as mulheres brancas.

Oito anos depois, voltamos. Meu pai estava indo dirigir o departamento cultural da Organização dos Estados Americanos, substituindo o Amoroso Lima.

Chegamos a Nova York de navio. Minha mãe se recusava a viajar de avião, fomos fregueses freqüentes da linha Moore-McCormack. Primeira sensação:

televisão no quarto do hotel! Ficaríamos alguns dias na cidade antes de ir para Washington. Saí a explorar Nova York sozinho, agora com a liberdade e a curiosidade dos 16 anos. No velho e gigantesco teatro Paramount, que não existe mais, o show depois do filme era com o ídolo da juventude do momento e novo Frank Sinatra. Eddie Fisher, que também não existe mais, embora, parece, continue vivo. Felizmente, mal pude ouvi-lo, porque as meninas à minha volta na platéia não paravam de gritar cada vez que ele abria a boca.

Não foi exatamente o fim de uma guerra mundial ou o começo de uma era, mas não deixou de ser um momento histórico. Sim, vi o Eddie Fisher num instante extremo da sua glória fugaz.

Em Washington, onde moramos durante quatro anos, sempre que dava eu pegava minha escova de dentes e me mandava, de ônibus, para Nova York. Passava dois ou três dias entrando e saindo de museus e cinemas, me alimentando de hambúrgueres e milk-

shakes e, à noite, indo ao Birdland onde, uma vez — como não canso de contar — vi o Charlie Parker e o Dizzy Gillespie tocando juntos, e suspeito que o pianista era o Bud Powell. Por alguma razão, nunca fui barrado na entrada do Birdland, apesar de não ter idade para estar ali.

Você podia sentar numa seção lateral só para ouvir a música, sem precisar beber. Nenhuma emoção musical que tive antes ou depois se compara à de ouvir a orquestra do Count Basie, espremida no palco, o seu som poderoso tornado ainda mais aplastante pelo teto baixo do Birdland, em ação. No Birdland vivi vários momentos históricos — pelo menos da minha história particular de ouvinte.

Certa vez decidi gastar menos ainda do que normalmente gastava nas minhas rápidas excursões a Nova York e fiquei num hotel ao lado da rodoviária. Todo o interior do hotel era mal iluminado por lâmpadas azuis, acho que para dificultar o trabalho de identificação de testemunhas na polícia, depois, e a diária era de dois dólares e meio. Não é preciso descrever um quarto de dois dólares e meio, mesmo descontando-se o fato de que naquela época o dólar valia mais. O lençol não tinha sido mudado, calculei, desde a administração Roosevelt e as paredes dos cubículos não iam até o teto, de sorte que passei a noite inteira ouvindo mais ruídos corporais dos meus vizinhos do eu pensava que existissem. Na verdade não passei a noite inteira: de madrugada descí pela escadaria azul e me mandei do hotel. Fiquei caminhando por Manhattan até o nascer do sol e depois fui me registrar no velho e confiável Wentworth, na Rua 46, onde pelo menos tinha certeza de que nenhum fato histórico — como ser carregado por baratas ou morrer asfixiado no meio da noite — me aconteceria.

Em 1980 eu, a Lúcia e os filhos passamos uma temporada de quase um ano em Nova York. Foi o ano em que mataram o John Lennon. Lembro que interromperam a transmissão de um jogo de futebol para dar a notícia. Passei uma matéria sobre o assassinato para o jornal pelo telefone e fiquei acompanhando, pela TV, a vigília dos jovens no Central Park, em frente ao lúgubre edifício Dakota, onde antes da morte de Lennon o único acontecimento histórico tinha sido a concepção e o nascimento do bebê de Rosemary. As pessoas acendiam velas, se abraçavam, cantavam, sem saber exatamente o que acontecera, e porquê. As crianças foram para o parque no dia seguinte mas eu não quis ir.

Mantive, escrupulosamente, a TV entre o fato e a minha percepção direta dele e das suas conseqüências. Não estava mais em idade de acreditar no que Lennon representava para os jovens, na sua fase de guru, mas, que diabo, os Beatles tinham sido importantes para a minha geração, aquela morte estúpida matara algum tipo de expectativa na minha vida também e eu não queria estar presente nas suas exéquias floridas.

Nos anos seguintes, estivemos várias vezes em Nova York. Desenvolvemos alguns hábitos nova-iorquinos, naquela boa intimidade que a gente vai criando com os lugares de que gosta. Comer sanduíches de pastrami era sempre no Bernstein da 3.^a Avenida. Não podia faltar a espera na rua para assistir à segunda apresentação da noite no Blue Note — se o músico que estivesse se apresentando valesse a espera na calçada, claro. Eu voltava sempre a algumas livrarias favoritas, mas algumas me traíram e foram desaparecendo ao longo do tempo. Acompanhamos a lenta europeização de Nova York, os tradicionais coffee shops atendidos por velhas garçonetes de cabelo laqueado sendo substituídos por falsos bistrôs atendidos por representantes de todas as raças do mundo, e o café aguado, misericordiosamente, dando lugar ao capuccino e ao expresso. Não fazíamos muitos programas turísticos. Vimos o Bobby Short e o Woody Allen no bar do Hotel Carlyle. Uma vez fomos jantar no Windows on the World, no topo de uma das torres do World Trade Center. A vista era melhor do que a comida. Não, desculpe, não tive nenhum tipo de premonição. Uma vez ficamos presos no hotel porque estava chegando um furacão que, de acordo com as previsões, arrasaria boa parte da cidade. Não derrubou uma árvore. Depois

disso achei que Nova York já se parecia tanto com a nossa casa que eu não teria mais nada de extraordinário a acrescentar às minhas lembranças dela. Nossa casa, por definição, é o lugar onde a História não acontece.

Na manhã de 11 de setembro estávamos em Nova York. Eu lia o New York Times ainda na cama e a Lucia tinha acabado de sair do banho. Tocou o telefone.

Era a minha irmã, de Washington. "Liguem a televisão", disse ela. Liguei no momento em que o segundo avião se aproximava da torre do sul.

Novos loucos

Novos tempos, novas loucuras. As pessoas tinham pesadelos com automóveis, quando aqueles primeiros monstros barulhentos começaram a aparecer nas ruas.

Outras foram tomadas pelo delírio de voar, depois das primeiras experiências com aviões, e atiravam-se de penhascos com asas mecânicas às costas, abanando-as furiosamente até se esborracharem lá embaixo. A eletricidade despertou a imaginação criativa de muita gente. Minha mãe conta que o pai dela fazia todos em casa se darem as mãos e depois enfiava um metal na tomada de luz: o choque que percorria a família inteira só podia fazer bem.

Isto talvez explique o subsequente comportamento estranho de alguns descendentes. De acordo com a lógica que diz que com a invenção do fogo, inventaram o piromaniaco, cada nova técnica inaugura uma nova forma de loucura.

Como a da Jussara, por exemplo. Jovem executiva, dinâmica, sem tempo a perder, foi a primeira do seu grupo a usar o celular de ouvido, aquele que permite a pessoa ficar em permanente contato com o mundo, com as mãos livres. No outro dia, conta a Jussara, ela teve o seguinte diálogo pelo seu fone atachado.

- Alô.
- Alô?
- Quem é?
- Eu.
- "Eu" quem?
- Pra quem você ligou?
- Quem fala?
- Hein?
- Eu quero falar com a Jussara.
- É a Jussara que está falando!

Juro, conta a Jussara. Eu estava falando comigo mesmo. Não me lembro se fui eu que liguei ou eu que atendi. Encerrei a conversa imediatamente, claro.

Mas fiquei em pânico. Como aquilo podia ter acontecido? Procurei ajuda médica. O médico não ajudou. Disse que era uma alucinação, que eu precisava de descanso, e principalmente de tirar aquele fone do ouvido. Como eu posso fazer isso? E as chamadas que preciso receber o dia inteiro? E se eu mesmo estiver tentando me dar uma informação importante? E acho que não posso mais tirar o fone do ouvido. Não tiro nem para tomar banho. Ele e o ouvido já se integraram, já nasceu uma pelezinha, só tirando com o ouvido junto. Com licença... Alô. Jussara. Quem fala? Alô?

A palavra "atachado", aí em cima, não existe, claro. É um aportuguesamento de "attached", computês que quer dizer, ahm, assim, hmm, bem... "atachado".

O computador também está criando muitos malucos novos. Como o Marco Tulio, que recebe e-mails do além, e responde. Marco Tulio garante que já se correspondeu com o

papa Inocêncio III, Vitor Hugo, os marechais Deodoro, Rondon e Tito, Mata Hari, Roy Rogers, Carlos Gardel, Cristóvão Colombo, Frank Sinatra, Lucrecia Borgia ("Uma simpatia!"), Moisés, Ankito, etc.

Descobriu o "chat room" em que todos se reúnem por acaso e não há dia em que não se comunique com um deles. Segundo Marco Tulio, como é difícil encontrar um assunto comum a todos, eles acabam trocando idéias sobre o equipamento de cada um.

— Vocês sabiam que o Voltaire tem um Pentium 4 com 256 megabytes de memória e processador de 2.4 hz?

Velhas superstições ganham novos adeptos com as novas técnicas. Tem gente que acredita que as câmeras fotográficas digitais não apenas capturam a alma do fotografado como a transformam em microimpulsos que sobem para formar um cinturão eletrônico em volta da terra, onde a mistura com o ozônio impedirá sua redenção final. Velhas crenças em misturas mortais, como a do leite com melancia, crescem para incluir, por exemplo, misturar "Subcomandante Marcos", tequila com pimenta e Prozac, e "magret de canard" antes de pular numa piscina, se você usa botox. Quem tem silicone deve passar pelos detetores de metais dos aeroportos de costas, senão os seios podem explodir. Guardar o viagra numa cesta com ovos frescos por uma noite e fazer o sinal da cruz antes de ingeri-lo aumentam sua eficácia.

Etcetera, etcetera.

Novos tempos

Sala de espera de maternidade. Cinco homens nervosos caminham de um lado para o outro. De repente, um deles pára de caminhar. Hesita, limpa a garganta e diz:

— Pessoal...

Os outros param e olham para ele.

— Eu acho que nós devemos nos preparar.

Os outros se entreolham. Um diz:

— Nos preparar para quê?

— Segundo as estatísticas, um em cada cinco bebês que nascem no mundo, hoje, é chinês.

— E daí?

— Somos cinco. Nossas mulheres estão tendo filhos ao mesmo tempo. Devemos nos preparar para a possibilidade de um dos nossos filhos ser chinês.

— Que absurdo!

— É a estatística.

— Mas geneticamente, é impossível que...

— Quem falou em genética? Não tem nada a ver com genética. A genética tradicional é uma relíquia de outros tempos. Ainda funciona, mas é um símbolo de outra era, como a locomotiva. Estamos falando de estatística, de teoria das probabilidades, de geopolítica.

— Mas se o meu filho for um chinês...

— Está aí. Esse pensamento também é obsoleto. Você precisa parar de pensar em termos de "meu filho", "minha família", "meu país". Ele não é o seu filho. Isso acabou. Ninguém mais tem um filho. Tem um dado, se for homem, e uma cifra, se for mulher. Ele ou ela é uma unidade demográfica, pertence a um ecossistema integrado cuja variação

mínima afeta a vida e o futuro de todo o planeta. A quantidade de ar que aspira e expira não é uma consideração doméstica, ou apenas da vizinhança próxima. Interessa a toda a humanidade. O xixi e o cocô que produz não é uma questão de fraldas, é uma questão de sobrevivência da espécie. Até o volume da sua papinha é uma variável nas previsões dos recursos da Terra. Ele é um filho do planeta. Portanto, é grande a possibilidade de que seja um chinês.

— Mas eu é que vou mudar as suas fraldas e dar a sua papinha. Ou pelo menos a minha mulher. A China não vai ajudar. Mal pode com os chineses que já tem.

— Por isso eu repito: precisamos pensar no que fazer. Se um de nós for o pai de um chinês. Temos que nos adaptar aos novos tempos.

Todos ficam em silêncio, pensando.

— Se o chinês for o meu, eu fico com ele.

— Sei não. Vai ser difícil explicar...

— Explicar o quê? O presumível adultério da sua mulher com um oriental? Isso também não existe mais! Com a nova engenharia genética, fertilização artificial, septúplos nascendo a três por quatro, clonagem, et cetera, quem pensa mais nisso? Se sua mulher desse à luz sete ovelhas, seria um fato jornalístico, mas não um fato matrimonial. As pessoas especulariam sobre suas experiências em laboratório, nunca sobre a sua conduta moral. A cara do bebê não prova mais nada. Estão abolidas todas as piadas sobre o vizinho, o padeiro ou, no caso, o dono da fruteira.

— É...

— Quem receber o chinês deve agir com naturalidade. E os outros não devem fazer qualquer comentário. Devemos agir, literalmente, como homens do mundo. Se nascer um chinês aqui, hoje, terá sido, apenas, uma decorrência estatística. Nada mais moderno.

— Certo.

— De acordo.

— Concordo.

— Oquei.

Os cinco voltam a caminhar de um lado para o outro, agora com a expectativa e o nervosismo redobrados diante da perspectiva do chinês. Um deles sacode a cabeça e diz:

— Essa globalização...

O 'Valet de Chambre'

— Simão...

— Sim, dr. Pinto.

— Vou ter de despedi-lo.

— Sim, dr. Pinto.

— Não posso mais pagar um "valet de chambre".

— Sim, dr. Pinto.

— Ninguém mais pode, hoje em dia. Eu acho que era o último brasileiro que ainda tinha "valet de chambre". Depois da morte do Raimundo, seu ex-patrão, que descanse em paz.

— Amém, dr. Pinto.

— Não sei se vou poder pagar o que lhe devo, Simão.

— Eu entendo, dr. Pinto.

— O fato é que não tenho mais dinheiro para nada. Minhas empresas faliram todas. Não tenho mais crédito em lugar algum. Já vendi tudo que eu tinha. Não tenho mais nem o dinheiro da cômoda, que estava guardando para uma emergência. A emergência chegou, mas o dinheiro da cômoda sumiu.

— Eu sei, dr. Pinto.

— Você sabe, Simão?

— Fui eu que peguei o dinheiro, dr. Pinto.

— Você?!

— Venho roubando do senhor desde que vim trabalhar aqui, depois que o dr. Raimundo morreu. Antes roubava do dr. Raimundo. Antes, roubava do dr. Guedes. Antes, do...

— Mas o que você faz com todo esse dinheiro, Simão?

— Movimento no mercado de capitais.

— Você deve estar rico, Simão.

— Não posso me queixar, dr. Pinto.

— E por que continua trabalhando como "valet de chambre"?

— Porque pessoas como o senhor precisam de "valets de chambre" e eu preciso de pessoas que precisam de "valets de chambre". É o que eu faço, dr. Pinto. Eu não existiria se não tivesse alguém como o senhor para vestir, perfumar, escovar, aconselhar e roubar. É o meu métier.

— Bom, você não terá mais o que roubar de mim. Estou quebrado, arruinado, falido.

— Sim, dr. Pinto.

— Com todo o dinheiro que já juntou, por que você ainda não se aposentou?

— E quem seria o seu "valet de chambre", dr. Pinto? O senhor precisa de mim para viver. E para morrer...

— Por falar nisso. O que se deve usar num suicídio?

— Depende de como o senhor pretende se matar, dr. Pinto. O dr. Raimundo preferiu atirar-se por uma janela. Eu sugeri algo elegante, mas discreto, que não chocasse demais na calçada, onde a sua chegada já seria atração bastante. E uma echarpe de seda branca, que daria um bom efeito na queda. Já o dr. Guedes escolheu um tiro na têmpora e estava indeciso entre uma camisa branca, para realçar dramaticamente o sangue, e um blazer bordeaux, para disfarçá-lo. Acabamos nos decidindo pelo branco, para o sangue aparecer mais nas fotografias e deixar bem marcado o seu protesto contra a situação de insolvência a que tinha chegado. Já o dr. Adriano...

— Todos os seus patrões se suicidaram, Simão?

— Sim, dr. Pinto.

— Depois que você roubou os seus últimos centavos.

— Centavos, reais, dólares... Mas sempre os últimos. Os da cômoda. Os primeiros eles perderam na atual conjuntura, que não é da minha responsabilidade.

— Você roubava o que sobrava, depois que o governo acabava com eles.

— Sim, dr. Pinto.

— Além da roupa e do mise-en-scène para o suicídio, você fornece o motivo.

— Acho que um bom "valet de chambre" deve cuidar de tudo.

— Você é bom, Simão. Muito bom. Eu não poderia ter vivido nestes últimos tempos sem você. Nós nos completávamos, você não acha?

— Perfeitamente, dr. Pinto. Eu preenchia a sua necessidade de ter um "valet de chambre", o senhor preenchia a minha necessidade de servi-lo e roubá-lo.

— Mas não era só isso. Havia uma... uma... comunhão. Não é mesmo?

— Sem dúvida, dr. Pinto. Sempre há uma comunhão entre um bom "valet de

chambre" e seu patrão. Um bom "valet de chambre" substitui o espelho do patrão. Ele é quem mostra o que fica bem e não fica bem no patrão, o que ele deve vestir e como deve usar a gravata, o cabelo e o chapéu, e alertá-lo para qualquer imperfeição na sua imagem. Exatamente como um espelho. Com a vantagem de ser um espelho que não apenas mostra o defeito como sugere a correção, e ainda vai buscá-la. Se não pode ter a cara do patrão, o "valet de chambre" deve ter o seu ar e a sua elegância. Além disso, quando um "valet de chambre" borrifa seu patrão com perfume, borrifa a si mesmo e estabelece a maior comunhão de todas.

— Qual?

— Os dois cheiram igual.

— E com tudo isso você está me levando ao suicídio.

— Perdão, dr. Pinto. O senhor está se levando ao suicídio. Eu só estou aqui para assessorá-lo.

— Que tipo de suicídio você sugere?

— Qualquer coisa menos cortar os pulsos e botar a cabeça dentro do fogão. Nada combina com pulsos cortados, e não há maneira elegante de morrer com a cabeça dentro de um fogão.

— O que seria de mim sem você, Simão?

— Obrigado, dr. Pinto.

— E o que será de você sem mim, Simão?

— Como assim, dr. Pinto?

— Não vai ser fácil você arranjar emprego como "valet de chambre". Não há mais ninguém em condições de ter um "valet de chambre" no Brasil, com essa política do Governo de acabar com o empresariado nacional. O Raimundo se foi, o Guedes se foi, o Adriano se foi... Aliás, foram com a sua ajuda. Você, sem saber, estava acabando com o seu próprio futuro, Simão. Sem patrão, não existe "valet de chambre". Não existe mais comunhão.

— É verdade...

— É do seu interesse que eu continue vivo, Simão.

— Mas, sem dinheiro...

— Por que você não me empresta dinheiro, Simão? Pode ser o que você roubou da cômoda. Eu recomçaria. Em pouco tempo lhe pagaria tudo que você tirou de mim, mais os juros.

— É uma boa idéia. O senhor continuaria vivo e eu continuaria "valet de chambre". O que o senhor me daria como garantia para o empréstimo?

— Garantia?

— Sim. Imóveis. Negócios. Títulos...

— Mas, Simão, como meu espelho, você sabe melhor que ninguém que eu não tenho mais nada. É por isso que eu preciso do seu empréstimo.

— Nesse caso, dr. Pinto, sinto muito.

— Simão, você estava na profissão errada. Sua vocação não era "valet de chambre".

Era outra.

— Qual, dr. Pinto?

— Banqueiro.

— É mesmo, dr. Pinto? Que alívio. Isso significa que o senhor pode morrer sem que eu morra também. Não preciso mais ser "valet de chambre". Vou ser banqueiro!

— Mas como banqueiro você também precisa que eu viva, Simão. Empresa e banco são como o patrão e seu "valet de chambre". A comunhão é a mesma!

— Ridículo, dr. Pinto. Meu banco não quer negócio com quem não tem nada. Sugiro que o senhor se suicide com pílulas para dormir. Assim poderemos vestir o nosso

robe de seda e o senhor será encontrado na cama numa posição contemplativa de extremo bom gosto.

— Simão... Nós cheiramos igual, Simão!

— Por favor, dr. Pinto. Sem sentimentalismos.

O apagador de pirâmides

Descobriram que o cérebro do Einstein tinha uma anomalia. Uma deformação justamente na área que a gente usa para pensar no Universo e fazer cálculos abstratos, e que nele era maior do que o comum. De modo que você não precisa mais se sentir humilhado com os feitos mentais do homem que não apenas deduziu as leis da matéria como "sacou", no sentido de tirar do nada, teorias que só agora estão sendo comprovadas. Da próxima vez que mencionarem o gênio de Einstein na sua presença você pode dizer: "Também, com aquele cérebro, até eu."

Mas o tamanho do cérebro não determina, necessariamente, o tamanho da inteligência. O homem de Neandertal, que até pouco tempo era considerado nosso antepassado (hoje se especula que é o antepassado só de jogadores de rúgbi, aqueles cujo capacete protetor é o próprio crânio, e do Jair Bolsonaro) tinha um cérebro maior do que o nosso, além de uma estrutura óssea e muscular mais desenvolvida, mas não conseguia nem falar e deu em nada como espécie. Há uma tese segundo a qual, como o seu tempo de gestação era mais longo, o homem de Neandertal já nascia pronto e não precisava daquele período em que a gente depende totalmente da mãe, com o pai fazendo papel de palhaço do lado e a vovó atrás dando palpite, que é quando se forma a cultura humana. E com todo o seu tamanho o cérebro do homem de Neandertal não tinha nenhum dispositivo para a fala. Sem uma linguagem, ele foi um fracasso. A espécie durou 80 mil anos e desapareceu sem deixar um vaso, um palito, um chaveirinho. Só os seus grandes ossos.

Outra tese é que em todo embrião humano, até um certo estágio, o cérebro cresce como o de um embrião de Neandertal. Se não fosse a interferência de um novo código genético que cancela o primeiro, nasceríamos com o mesmo tipo de cérebro e ainda estaríamos nos comunicando às tacapeadas. As novas instruções são para o cérebro sofrer uma espécie de depuração, em que ele é, para todos os efeitos, editado. Fica um cérebro menor, mais compacto, mais ágil e, o que é o principal, com espera para a fala. Há nisso uma lição da biologia para os autores muito prolixos: cortem, cortem. O cérebro humano é o exemplo mais bem acabado que existe das virtudes de uma boa revisão. E a predisposição para a síntese está nas nossas células.

Uma área fascinante da neurologia que não recebe a atenção merecida, ou recebe e eu é que não sei, é a da somatização. Da doença imaginária que o corpo, por assim dizer, encampa e desenvolve. Muito da história do mundo — certamente da história da religião — pode ser explicado pelo fenômeno da somatização, que não deixa de ser uma forma de milagre. Numa gravidez histérica a menstruação é interrompida, a barriga cresce durante nove meses e sua única diferença de uma gravidez real é que o bebê não está no ventre, mas no cérebro da mulher. Se o cérebro tem esse poder, então quem tem poder sobre o cérebro pode tudo, inclusive curar a doença imaginada e somatizada. Aí a diferença entre o charlatão e o facultativo — ou o santo — fica difusa. Tão difusa quanto a diferença entre o mal que existe mesmo e o mal que está só no cérebro do "doente". Ou o mal que paralisa ou faz ferida é menos mal por ser imaginado? A questão é definir o significado de "existe

mesmo". Uma alucinação é tão real quanto o que "existe mesmo", para o alucinado.

Num espetáculo de hipnose a admiração das pessoas é geralmente dirigida para o lado errado. Não há nada de incomum no hipnotizador, que pode ser qualquer um. Você hipnotiza quem quiser, desde que o outro esteja convencido de que você pode. Pegue alguém na rua, introduza-o num grupo como Salam, o Mago Hipnotizador, com ou sem turbante, e imediatamente metade do grupo estará pronta para dormir, virar tábua, imitar uma galinha ou fazer qualquer outra coisa que ele mandar. O extraordinário na hipnose é essa vulnerabilidade da mente humana, esta avidez inconsciente pelo auto-abandono e pelo controle por outra. Nem o ceticismo e a racionalização garantem sua defesa: você pode saber que o Salam é falso e não tem poder mágico algum, mas o seu cérebro — ou aquela parte do seu cérebro que você não conhece, e que nem lhe pertence — pode ter outra idéia, e se entregar. O seu cérebro pode estar apenas esperando uma voz de comando. Qualquer voz de comando.

O terrível não é que a gente nunca sabe o que os outros têm na cabeça. O terrível é que não sabemos o que nós temos na cabeça. Apenas portamos as mensagens, que não abrimos, que estão sob a nossa guarda, mas não são para o nosso conhecimento. Nossa sina na Terra é a mesma dos carteiros honestos.

O último paradoxo é que o cérebro humano é uma coisa tão complexa que nem o cérebro humano consegue entendê-lo.

E chegamos a Jorge Luis. Ninguém como o Borges descreveu como todo o mundo está no nosso cérebro, ou como o nosso cérebro é todo o mundo. Tem um poema em que ele diz que, com a sua morte, apagará as pirâmides, nem uma estrela restará na noite e nem a noite sobrá, e que com ele morrerá o peso do Universo. E que o seu legado será o Nada, para ninguém.

O botãozinho

O ministro leva um susto.

— Como você entrou aqui? Quem é você?

O homem sorri com seus dentes pontudos. Tem os cabelos engomados e dois caroços na testa que podem ser chifres. Pede calma. Afasta o rabo e senta na cadeira em frente do ministro.

— Sou um admirador seu — diz.

— Que cheiro horrível é esse? — pergunta o ministro.

O homem suspira.

— Eu sei, eu sei. Não consigo disfarçá-lo. Já usei todas as loções masculinas. "Brut", "Animal", "Eau de Troglodyte". Nada adianta.

— O que você quer?

— Vim lhe fazer uma proposta.

— Uísque? — oferece o ministro.

— Obrigado. Não bebo.

— Pensei que você tivesse todos os vícios.

— Engano. Nunca provo da minha própria mercadoria.

— Eu bebo moderadamente — diz o ministro.

— Ah, a moderação. O pior dos hábitos humanos, do meu ponto de vista.

— Um cafezinho? Uma água?

— Talvez uma água.
— Com gás?
— Por que não? Não sou um asceta completo.
— O que eu queria lhe propor... começa o visitante.
— Já sei. A minha alma, em troca dos seus favores.
— Não faço mais negócio com almas.
— Por quê não?
— Bem, você sabe. O conceito de alma, hoje, está um pouco difuso. Estes não são tempos metafísicos. Místicos, talvez, mas não metafísicos.
— Qual é a diferença?
— O misticismo é a metafísica dos simples e dos assustados, não a dos filósofos.
Não há mais futuro no tráfico de almas. O produto é perecível. Há muita falsificação.
— Muita alma paraguaia...
— Exatamente.
— Olha a sua água.
— Obrigado.
— Qual é a proposta, então?
O homem inclina-se para a frente para ter acesso ao bolso de onde tira uma caixinha, que coloca sobre a mesa do ministro. Abre a caixinha. Dentro há um botãozinho.
— O que é isso?
— Uma invenção minha. Você faz um pedido, aperta este botãozinho e pronto. Seu pedido é atendido.
— Só aperto o botãozinho? Nada mais?
— Só aperta o botãozinho. Sem compromisso, sem condições, sem cláusula oculta, sem mais nada. Você faz o pedido e aperta o botãozinho...
— E pronto.
— E pronto. Seu pedido é atendido.
— Que tipo de pedido?
— Depende de você. O que você mais quer, neste momento?
— A inflação sob controle, a economia estabilizada, o bom nome do País com os investidores estrangeiros e, claro, a aprovação do FMI.
— Fácil! É só apertar o botãozinho.
— Deixa eu ver se entendi. Eu aperto o botãozinho...
— Morrem 1 milhão de pessoas e seu desejo se realiza.
— Morrem 1 milhão de pessoas?!
— Eu não tinha mencionado isso? Morrem 1 milhão de pessoas, mas tudo que você pediu acontece.
— Que pessoas são essas?
— Você não conhece.
— São deste país?
— Sim, mas você nunca as vê. Você não notará a diferença. Pensando bem, do jeito que elas vivem, nem elas notarão a diferença.
— Mas são seres humanos!
— Você está encarando isto da maneira errada. Não pense em 1 milhão de pessoas como seres humanos, pense nelas como um detalhe. Pense nelas como um botãozinho.
— Mas...
— Você estará sacrificando 1 milhão hoje, mas beneficiando muitos milhões que virão. Pode apertar o botãozinho várias vezes. Matará mais alguns milhões, mas também beneficiará mais muitos milhões em menos tempo. Tudo isto se...
— Se?

— Se está mesmo convencido que o caminho é este. Que os sacrifícios de hoje valerão a pena. Que os sacrificados de hoje não terão se sacrificado em vão, por uma hipótese. Você está ou não está convencido que o caminho é este e não há outro?

— Estou.

— Então aperta o botãozinho. O que é uma maldade com poucos para o bem de muitos. E lhe asseguro que nenhum dos que morrerão é seu parente.

— Vamos fazer o seguinte: eu faço o pedido, você aperta o botãozinho.

O homem recostou-se na cadeira com um sorriso decepcionado — Você não entendeu nada, não é? Eu não faço maldades. Fazer ou não fazer maldade é uma questão de opção. Eu sou o próprio Mal, eu não tenho opção.

O ministro estava olhando fixo para o botãozinho. Se apertasse várias vezes o botãozinho, sacrificaria vários milhões ao mesmo tempo, mas apressaria a chegada do futuro.

— Vamos — disse o visitante. — Se você está convencido que o caminho é este, aperte o botãozinho e garanta o seu sucesso.

O ministro suspirou.

— Por que você está fazendo isso comigo? — perguntou.

— Curiosidade intelectual. Digamos que eu sou um estudioso do comportamento humano.

Neste instante o ministro acordou, olhou em volta e respirou aliviado.

Felizmente, fora tudo um sonho. Ele precisava parar com aquelas sextas em cima da mesa de trabalho depois de almoços pesados. Tinha muito o que fazer.

E apertou o botãozinho.

O Cicatriz

A coisa não anda? A coisa não vai? Sua vida enguiçou? Chame o Cicatriz.

Você foi despedido? Quer matar o seu chefe? Nada mais fácil...

Chame o Cicatriz.

Seu negócio vai mal, você tem que despedir 117 pessoas, mas não sabe como dizer pra elas?

Chame o Cicatriz.

O Cicatriz diz.

O Cicatriz tem cara pra tudo.

O Cicatriz vai lá, o Cicatriz enfrenta, o Cicatriz resolve.

E o Cicatriz não cobra nada!

Ele não é um justiceiro. Justiça, nem sabe o que é. Também não é bandido. A cicatriz que atravessa a sua cara como um raio é só pra impressionar.

Problemas de amor?

Deixe com o Cicatriz.

O Cicatriz sabe exatamente o que fazer para acabar com um caso — ou sumir com ele, se for o caso. Se é só para dizer umas verdades, aquelas verdades que você não conseguiria dizer sem gaguejar, aquele insulto na medida, o Cicatriz é o homem certo. O Cicatriz tem a palavra exata. Ninguém sabe arrasar os outros como o Cicatriz, ninguém ganha do Cicatriz numa discussão.

E o Cicatriz nunca gagueja.

O Cicatriz não garante que não haverá sofrimento, corações partidos ou crises de nervos quando disser as suas verdades, mas aí o culpado não será você, será o Cicatriz. Se você preferir, o Cicatriz nem contará como foi.

O Cicatriz é isso — a sua cara, sem você estar lá.

Inimigos que precisam ser jogados de um lugar alto para meditem, na queda, sobre o que fizeram a você?

O Cicatriz conhece o precipício perfeito.

Credores? Você não pode pagá-los, não tem mais desculpas para não pagar e não sabe o que fazer?

Um trabalho típico para o Cicatriz.

Primeiro o Cicatriz tentará anular a sua dívida. Depois o Cicatriz tentará renegociar a sua dívida. Depois o Cicatriz eliminará o credor, que afinal teve duas oportunidades para ficar vivo e não as aproveitou, e o dissolverá em ácido. Enquanto isso, você estará em viagem, estabelecendo o seu alibi, com dinheiro que teve a cara-de-pau — ou a cara ameaçadora do Cicatriz — de conseguir de outro credor. Que receberá uma visita do Cicatriz quando chegar a hora de pagar.

Não há o menor perigo de ligarem o Cicatriz a você. Se o pegarem — hipótese improvável, já que o Cicatriz, também, sempre tem um alibi — ele jamais entregará você. O Cicatriz é fiel. O Cicatriz é de fé. O Cicatriz, por exemplo, jamais usaria tudo o que sabe sobre você e o destino terrível dos seus desafetos e atravancadores para chantageá-lo. O Cicatriz é perfeito.

Sabendo que você pode chamar o Cicatriz, ninguém mais o incomodará.

Com o Cicatriz, você se livrará de todos os seus problemas.

Com o Cicatriz, você atingirá a felicidade completa.

Chame o Cicatriz!

Onde encontrar o Cicatriz? Aí é que está. Ninguém sabe. Ainda não se descobriu como fazer contato com o Cicatriz. Deixar recados em lugares que ele supostamente freqüentaria não tem dado certo. O Cicatriz, aparentemente, nunca vai a estes lugares, ou vai disfarçado. Já tentaram botar anúncios nos jornais. "Cicatriz, tenho um serviço para você. Telefone para..." Sem resultado. Há muita gente à procura do Cicatriz. Muitos o procuram desde criança, quando precisavam de alguém para protegê-los no pátio da escola ou dar uma lição no professor de matemática. Alguns pensam que já o viram, e identificaram pela cicatriz que atravessa a sua cara como um raio, mas não têm certeza. Pouco se sabe da sua biografia, dos seus hábitos, dos seus motivos para fazer o que faz. Só o que se sabe é que ele é implacável, é infalível, é tudo que a gente não é e tudo que a gente quer. Mas, por mais que se procure, não se encontra o Cicatriz.

É o seu único defeito.

O congresso

O1º Congresso Mundial de Hipocondríacos começa com um coquetel em que ninguém toca nas bebidas ou nos canapés, com medo de que façam mal. Comentários ouvidos:

- Isso não faria bem pra minha gastrite.
- Isso não passaria pela minha laringe.
- Isso não pararia no meu estômago.

- Câncer?
- Terminal. Tenho desde criança.
- Garçon, não se consegue uma canjinha, não?

* * *

Como em qualquer congresso, novas amizades são feitas, e às vezes mais do que amizades. Como aquele casal que se conhece no coquetel e na mesma noite já está num quarto do hotel.

- Aí, aí, oh, sim, aí.
- Aqui?
- Aí, aí. Não tem um carçoço?
- Não estou sentindo...
- Mas tem. Procura bem que tem.

* * *

Conhecidos se encontram.

- Ô, rapaz. Mas você está péssimo!
- Obrigado. Você também está com um aspecto doentio.
- Você acha? Gentileza sua.
- A última vez que nos encontramos foi, foi...
- Naquela clínica de check— up.
- Claro!
- Não tenho visto você por lá.
- Mudei de clínica. Naquela eles nunca encontravam nada!

* * *

E, como em todos os congressos, há os discursos.

— Senhores congressistas, sua atenção por favor. Acho que todos concordam que o nosso Congresso de Hipocondríacos foi um sucesso. E este foi apenas o primeiro. Outros virão. Infelizmente, muitos dos que estão aqui hoje não participarão do congresso do ano que vem... Eu mesmo acordei esta manhã com umas pontadas do lado e acho que não passo deste mês. Mas outros tomarão nosso lugar, na defesa desta causa tão incompreendida. Sim, fazem pouco de nós. Riem-se das nossas queixas. Não acreditam nas nossas doenças. Mas estamos dispostos a morrer para provar que estamos com a razão, e com alguma coisa. Mas deixa isso pra lá. Esta é uma ocasião festiva. Quero propor um brinde com este antiácido efervescente. À nossa pouca saúde.

— À nossa pouca saúde!

— E agora vamos ao sorteio de brindes, gentilmente oferecidos pelos patrocinadores do nosso encontro. Dois kits de primeiros socorros! Um jogo de máscaras cirúrgicas descartáveis de diversas cores, para serem usadas em qualquer ocasião social! Um gravador portátil para levar no bolso e ter a quem se queixar quando se está sozinho! Chapas grátis durante um ano na clínica radiológica "Raio-X. Mancha Azul". Um ano de hemogramas com desconto no Laboratório Yes! E, o grande prêmio, uma semana com tudo pago na Suíte Havaí do novo Hospital Santa Genoveva, com soro cortesia na chegada!

No salão

O companheiro de página João Ubaldo já escreveu sobre o Salão do Livro que nos levou a Paris. Tome estas observações como anotações na margem do João Ubaldo.

Nosso avião, com a dona Ruth, o Weffort, o Jorge Amado e a Zélia na primeira classe e nós atrás não era exatamente um microcosmo do Brasil, mas mesmo assim nossa chegada foi simbólica. Os franceses dizem "il fait gris" quando o dia é cinzento e estava fazendo cinza havia dias em Paris quando nosso avião tocou o chão do Aeroporto Charles De Gaulle e o sol apareceu. A marca do 18º Salon du Livre que este ano homenageou o Brasil era um tucano colorido, certamente apartidário, segurando livros no seu bico verde-e-amarelo. O sol na chegada foi uma deferência dos organizadores aos escritores, críticos e metidos que recheavam o avião. Simbolicamente, o inverno entregava a cidade aos trópicos.

Enquanto o avião taxiava na pista depois da aterrissagem, a Cora Rónai, do banco de trás, nos informava que, ao contrário de outros aeroportos do mundo, o grande perigo no Charles de Gaulle não são as aves, mas os coelhos, que se multiplicam no terreno e fazem túneis sob as pistas, ameaçando a segurança dos aviões em movimento no chão. Um pouco como o prestígio do Paulo Coelho na França obrigaria a delegação a cuidar onde pisava nas suas opiniões e respostas aos nativos. Ninguém queria ser descortês com o entusiasmo alheio. Na recepção que teríamos, no dia seguinte, na prefeitura de Paris — café da manhã num salão tão rico e ornamentado que você esperava para qualquer momento a notícia da queda da Bastilha e uma debandada geral —, o prefeito citou dois nomes como exemplos de literatura brasileira bem recebida na França, e a referência a Paulo Coelho foi maior do que a referência a Jorge Amado.

Na noite de inauguração do Salão, quando a comitiva do Chirac se aproximava do estande do Brasil precedida por seguranças truculentos, o Zivaldo gritou: "Ô, Chirac, c'est par ici!" Havia o temor generalizado de que Chirac se enganasse de novo e fosse para o estande do México. Não sei se a orientação do Zivaldo foi providencial, mas Chirac, com dona Ruth ao seu lado, acertou o estande e tudo correu bem e sem gafes. O Salão valeu pelos encontros e pelo enorme espaço que conquistou para a literatura brasileira na imprensa francesa, mais do que pelos negócios. O Carlos Heitor Cony contou que ele, o Gabeira e o Moniz Sodré entraram num táxi e, quando o motorista os identificou como brasileiros, exclamou: "Mais vous etes des artistes!" Os três já iam começar a congratular pelo alcance inesperado da sua fama quando o motorista passou a citar os artistas que inspiravam sua generalização entusiasmada: Ronaldinho, Romário... O Salão deu ao escritor brasileiro um pouco da atenção que os franceses normalmente reservam ao nosso futebol e à nossa música. Todos os principais jornais parisienses abriram páginas para o Brasil literário, alguns com o mesmo entusiasmo do motorista. Nós éramos, afinal, "des artistes", dignos da admiração européia. Nem que fosse só por uns dias.

Todos os convidados brasileiros participaram de debates e leituras, alguns contrafeitos. Eu sempre prefaciava minha participação pedindo desculpa por falar português e explicando que, toda vez que eu falo francês, Racine morre mais um pouco. A piada deve perder um pouco na tradução porque ninguém ria. Não assisti a uma conversa no Caffé Litteraire da FNAC (uma grande rede de livrarias e lojas de discos), montado ao lado do estande do Brasil, entre o Chico Buarque e o Raduan Nassar. Me contaram que o Raduan falou tão pouco que o Chico ficou loquaz! Enfim, os lacônicos do Brasil também estavam representados. Acho que nos comportamos dignamente. Eu, pelo menos, não deixei de usar gravata em nenhuma ocasião.

O crime da rua tal

Idéia para uma história. Um homem entra numa delegacia de polícia e diz que quer se entregar. É um assassino. Matou um homem. Onde? Como? Quando? Na minha casa, responde o homem. Rua tal, número tal. Com um espeto de churrasco. Há dez anos.

Há dez anos?! É, diz o homem. Fugi do local do crime, passei dez anos foragido. Mas não agüentei mais. Vivi dez anos com a minha culpa, e não agüentei mais. Por isso vim me entregar. Me prendam. Sou um assassino. Fui eu que matei o Steiner.

Quem? Flávio Steiner. Ou Fábio, não me lembro mais. Um agiota. Ele foi me cobrar um empréstimo que eu não podia pagar. Brigamos, eu estava com o espeto na mão... Para azar do Steiner, foi no dia em que eu fazia um churrasco para uns amigos. Me descontrolei, espetei o Flávio Steiner. Ou Fábio. Várias vezes. Vocês devem se lembrar do crime. Há dez anos. Rua tal, número tal. Ninguém se lembra. Vão até a rua tal, número tal, seguindo as direções do homem. No carro, o homem conta que era a casa onde ele morava, sozinho, depois de se separar da mulher. Saí correndo e nunca mais voltei, conta o homem. Fui para o interior. Mudei de nome. Passei dez anos longe de tudo, não me arriscando a aparecer na cidade. No fim, o sentimento de culpa foi maior. Não agüentei mais a culpa. Preciso pagar pelo que fiz.

A casa da rua tal, número tal, não existe. Ou existe, mas agora é um videoshop. Ninguém sabe dizer quem era o dono anterior. Parece que a casa estava abandonada. Ou era alugada e o inquilino desapareceu. Qualquer coisa assim. Um crime na casa? Ninguém sabe de crime nenhum.

Não há qualquer registro de ocorrência envolvendo um Flávio ou Fábio Steiner nos arquivos da polícia. Um Fúlvio Steiner foi preso uma vez, por agiotagem e vigarice. Fúlvio! É esse, diz o homem. Mas não há mais nada sobre Fúlvio Steiner. Nada sobre a sua morte. Nada sobre ele ter sido espetado, várias vezes, na rua tal, número tal.

Descobrem um endereço que pode ter sido o de Steiner. Aquele vagabundo? diz a mulher que os recebe. Nunca mais vi, graças a Deus. Um dia saiu, dizendo que ia dar uma prensa em alguém, e nunca mais voltou. Quando? Uns nove ou dez anos. Se ele está morto? Espero que sim. Aquilo não prestava. Aquilo era uma peste. Se alguém matou, fez um bem para a humanidade. O que ele era meu?

Nada. Vivíamos juntos. Nós nos amávamos! Mas o cachorro tinha outra família.

Mulher e filha. Rua tal, número tal.

No outro endereço, outra mulher. A Maria Alice tinha 3 anos quando ele desapareceu, conta a mulher. Hoje está com 13. O Fúlvio era um bom homem.

Não nos dávamos bem, ele vivia com outra, mas nunca deixou que faltasse nada para a Alicinha. Um bom homem. Vocês têm notícia dele?

Notícia. Claro. Os jornais! Os jornais devem ter noticiado o crime. O homem se lembrava da data exata? Claro. Como podia esquecer? Consultam os jornais da época. Os jornais do dia seguinte, das semanas seguintes, dos meses seguintes. Não há nada, em qualquer microfilme, sobre um crime na rua tal.

Já sei! grita o homem. O Pinto e o Aparício! Quem? O Pinto e o Aparício!

Eles estavam na minha casa quando o Steiner chegou. Eles viram tudo. Até tentaram me segurar, quando eu espetei o Steiner. Vamos procurar o Pinto e o Aparício! Quem sabe a gente esquece de tudo, sugere a polícia. Como, esquece? Eu não posso esquecer. Passei dez anos tentando esquecer e não consegui. Eu preciso pagar pelo que fiz!

Dona Sueli se surpreende ao ver o homem. Há quanto tempo! Você esteve fora, não esteve? Estranhei, porque você não apareceu no enterro do Pinto. Você não sabia? Coração.

Há quatro anos. Obrigada. O Aparício? Acho que também morreu.

Aliás, tenho certeza. Vi o convite pra enterro no jornal. Mas aquele, também, era um esquisitão. Só você e o Pinto para agüentarem o Aparício.

Pobre do Pinto. Não, dona Sueli não se lembra de ouvir o Pinto comentar nada sobre um churrasco, dez anos antes. Nada fora do comum. Vocês não faziam um churrasco todas as semanas?

Pronto. Um assassinato sem registro, sem corpo e sem testemunha. Um crime cuja única evidência é o criminoso. O melhor é esquecer de tudo, repete a polícia. Mas o homem reage. Está claro o que aconteceu: o Pinto e o Aparício esconderam o corpo. Talvez na própria casa da rua tal, número tal no quintal! A polícia tem de procurar o corpo de Fúlvio Steiner no quintal.

Esquece, esquece, diz a polícia, alegando que não tem tempo, não tem equipamento... Mas eu preciso me entregar, protesta o homem. Eu preciso pagar pelo que fiz! Esquece, esquece. Faz de conta que nunca aconteceu. E a minha culpa? Pergunta o homem. O que que eu faço com a minha culpa?!

Na loja de vídeos não querem nem conversa quando o homem aparece com uma pá, pedindo para escavar o quintal. De jeito nenhum. E, mesmo, não existe mais o quintal. Fizeram um adendo na casa, para a seção de fitas eróticas.

O encontro

Idéia para uma história. Um homem dirige-se para o "check-in" de um vôo qualquer e é interpelado por outro, que propõe comprar o seu lugar no avião.

Como é? O outro diz que o vôo está lotado, mas que ele precisa viajar naquele avião. Paga qualquer coisa pela passagem do homem.

— Desculpe mas...

— Eu preciso pegar esse avião, entende? Tenho um encontro a que não posso faltar.

— Eu também tenho compromissos que...

— Escute! Pago o que você quiser. O dobro. Você me vende sua passagem, compra outra para outro horário, viaja de graça e ainda sai lucrando.

— Mas como é que...

— Eles não pedem a identidade no "check-in". Viajo com o seu nome. Ninguém vai saber. Qual é o problema?

— Sei não...

— É absolutamente necessário que eu esteja nesse avião, entende? É importantíssimo. Uma questão de vida ou morte. Pago o triplo.

O homem examina o outro. Sua aflição parece real. Seu compromisso deve, mesmo, ser muito importante. A expressão no seu rosto é a de alguém possuído. Não parece um vigarista. E, afinal, que tipo de vigarice poderia ser aquela?

— Como você me pagaria?

— Cheque.

— Deixa ver o talão. E sua identidade.

O outro mostra. O talão é de cheque especial, a identidade confere.

— Feito.

A transação é rápida. O outro preenche o cheque, troca o cheque pela passagem e dirige-se rapidamente para o "check-in" sem dizer mais nada. Ele não tem bagagem.

O homem compra outra passagem para outro vôo com o mesmo destino. Terá que esperar duas horas no aeroporto. Está olhando a vitrine de uma loja de souvenirs quando

ouve o estrondo. Depois vem a correria, os gritos, as informações desencontradas. O avião caiu segundos depois de decolar. O avião explodiu ainda na pista. O avião se espatifou no chão quando voltava por causa de um problema técnico. Só não há dúvida quanto ao vôo. É o que o outro tomara, com a sua passagem. Com o seu nome.

O homem corre para um telefone, depois de ver o avião despedaçado na pista e se convencer que ninguém pode ter sobrevivido ao acidente. Precisa ligar para casa antes que liberem a lista de passageiros. Precisa avisar que está vivo, que não era ele no avião. A mulher não entende quando ele grita no telefone "Eu estou vivo!"

— O quê?!

— Meu avião caiu, mas eu continuo vivo!

— Meu Deus! Você está muito machucado?

— Eu não estava no avião!

Ele não conta à companhia aérea que vendeu sua passagem, para tirarem seu nome da lista das vítimas. Prefere passar semanas explicando a parentes desesperados e amigos compungidos que quem morreu no desastre não foi ele, pois viajaria em outro vôo, mas um homônimo. Um estranho homônimo: de todas as vítimas carbonizadas junto com seus documentos é a única sem parentes, ou sequer conhecidos, localizáveis. Na investigação sobre o acidente, perguntam ao homem se ele tem certeza que não conhece o outro, já que os nomes são idênticos.

— Eu nem sabia que ele existia. Parente não é.

— E duas pessoas com o mesmo nome voarem no mesmo dia...

— Coincidência, não é?

O encarregado da investigação suspira, resignado.

— Enfim. Que tragédia.

— Terrível.

— Ainda bem que o avião não estava lotado, senão...

— O avião não estava lotado?

— Não. Tinha uns 30 lugares sobrando.

Finalmente, depois de meses, o homem decide procurar a família do outro. Só há um nome igual ao do cheque na lista telefônica. O endereço é de uma casa num bairro de classe média. Quem abre a porta é uma mulher de uns 30 anos cujos últimos meses obviamente não foram bons. Ele pergunta se o outro está em casa. "Não", diz a mulher secamente. Ela sabe onde ele está? "Não." Ele é o seu marido? "É." O homem arrisca. Diz que tinha um encontro com o outro, meses antes. Negócios. Dá a data do acidente. Como o outro não apareceu...

— Não sei nada sobre os negócios dele — diz a mulher.

— Sei. Bom. Deve ser outra pessoa. Obrigado.

O homem começa a se afastar da porta, mas a mulher o detém.

— Espere.

— Sim?

— Que dia o senhor falou?

O homem repete a data e pergunta:

— Por quê?

— Foi o dia em que ele saiu de casa e não apareceu mais.

E a mulher começa a chorar. O homem a abraça. Diz "Pronto, pronto." Ela encosta a cabeça no seu peito. Ele afaga a sua cabeça. Apesar do seu aspecto sofrido, pensa o homem, ela é uma mulher atraente. "Pronto, pronto", repete.

Entre soluços, ela pergunta:

— O senhor não quer entrar?

Ele entra.

Os dois tornam-se amantes. O homem passa a sustentar a viúva do outro, que não sabe que é viúva, que pensa que o marido apenas a abandonou. Ela não quer falar no marido. Mas ele insiste. Precisa saber mais sobre o homem que salvou a sua vida, ou comprou a sua morte. Aos poucos, ela conta. Era um homem comum, um homem como qualquer outro. Carinhoso, apesar de um pouco fechado. Corretor de imóveis, como ele sabia.

— Eu sei?

— Você não tinha um encontro de negócios com ele?

— Ah, é.

O casamento ia bem, apesar de ele pouco se abrir com ela. Raramente brigavam. Não havia motivo para ele desaparecer daquele jeito. Estavam casados há dez anos, levavam uma vida normal. Apesar das visões...

— Visões?

— Ele tinha visões. As visões falavam com ele.

— Como, falavam?

— Não sei. Falavam. No dia em que ele desapareceu, por exemplo. Saiu de casa dizendo que tinha recebido uma missão. Que uma visão tinha lhe dado uma missão.

— Que missão?

— Não lembro bem. Algo sobre salvar alguém.

— Salvar? Quem?

— Ele não disse.

Não sei o que significa esta história. Eu só a inventei, não preciso entendê-la. Sei que o homem está até hoje sem dormir, tentando organizar algum sentimento sobre o que aconteceu. Sua mulher acha que ele deve se tratar, que é tudo trauma do acidente. Sua amante não entende por que ele mudou tanto, depois que ela lhe falou das visões do outro. E o homem passa as noites pensando.

Ele salvou a minha vida, comprou a minha morte e me legou a sua mulher, pensa. Talvez seja essa a vigarice. Não, que idéia. Mas por que eu? É a pergunta que ele se faz a noite inteira e todo o dia. Por que eu fui salvo?

Para quê? Que engrenagem misteriosa se movimenta para me proteger, qual é o compromisso que eu preciso cumprir, para que encontro eu fui poupado, onde, quando, com quem, contra quem? Qual é a minha missão? E por que eu?

Por que eu?

P.S. — Estou, como se vê, precisando de férias. Vou dar uma parada. Mas em um mês eu volto, não adianta trocarem as fechaduras.

O Evangelho segundo...

"RINGO": Pô, eu primeiro? Logo o palhaço? Tá bom. Não sei onde o "John" nasceu. A mãe, o pai, não sei nada. Ele era como nós, assim, média baixa. Meu pai, por exemplo, era da PM, tocava tarol na banda da PM. Aprendi bateria batucando no tarol dele, depois que ele teve o troço nos nervos e se aposentou. O velho sempre nos deu a maior força, tirava o Fusca da garagem pra gente ensaiar. Também, era a única chance que ele tinha pra dirigir o Fusca, a mãe não deixava mais depois do troço nos nervos. Tirava o Fusca da garagem e ficava vendo os ensaios, dizia que não gostava da música, daquela loucurada, e não entendia o nome da banda, "Os Bíteus", mas dava a maior força, e foi ele

que conseguiu a nossa primeira apresentação, um faixa dele da banda da PM que tocava sax num conjunto e nos apresentou prum cara que conhecia outro cara, manja? Chegamos a tocar até em rádio, naquele programa de auditório que tinha na rádio cumé mesmo? Faz tanto tempo. Foi o "Paul" quem trouxe o "John" pra banda. Era colega de escola dele. O "Paul" disse que só sabia quatro acordes e o "John" sabia outros quatro e os dois juntos dava oito, e foram eles que tiraram todas as músicas dos "Beatles", só de ouvido porque ninguém lia bulhufas. Só no ouvidão, e a gente tocava igual, nota por nota. E cantava sem entender uma palavra, a não ser "I love you". E fazia o maior sucesso. Quer dizer, enquanto a banda durou, né? Na época boa. Ano e pouco. Ninguém ganhava nada, mas a gente se divertia paca e a banda tava começando a ficar falada, já tinha guria nos seguindo, e aí deu no que deu, né? O "John" brigou com a Cileide e começou a namorar a maluca da Beatriz, que ninguém gostava, que começou a botar minhoca na cabeça dele, e dizer que ele era um predestinado e não sei mais o quê, e deu no que deu. Ainda lembro do churrasco no quintal lá de casa, que o velho assou, quando o "John" disse que ia sair da banda. Foi a última vez que eu vi ele. Depois só vi no enterro. Nem vi, a cara tava tapada, disseram que a bala tinha sido na cara. Sei lá por que mataram o "John". Ele entrou numa muito doida, a Beatriz era de outro mundo, ouvi dizer que tinha droga no meio, era outro mundo. Eu? Eu larguei tudo. A banda já tinha acabado, mas depois da morte do "John" sabe o que foi que eu pensei? Que não é pra dar em nada mesmo. A vida, essas coisas. Eu era o palhaço. Sabe aquele cara em que todo mundo se deita? Era eu e eu gostava. Mas quando "Os Bíteus" acabaram, e o "John" morreu, eu pensei: vou ficar na minha. Chega de palhaçada. Não era pra dar em nada mesmo. Nunca entendi bem o que aconteceu, só sei que tenho uma saudade danada da turma, e daquele tempo. Sou almoxarife da prefeitura. Quer dizer, era. Me aposentei. Nervos.

"PAUL": O "bonitinho" do grupo era eu, mas quem fazia sucesso com as meninas era o "John". O "Ringo" disse que eu só sabia quatro acordes? Brincadeira, o "Ringo" sempre foi muito brincalhão. Na verdade eu era o único do grupo que conhecia música. Nós tínhamos um piano em casa. Era uma casa modesta, mas tinha um piano, minha mãe tocava. Aliás, a mãe do "Ringo" costurava para a minha mãe. E eu tive aulas, de piano, de solfejo, depois de violão. O "John" não sabia nada, mas tinha um bom ouvido. O pouco que ele sabia de música aprendeu comigo. Nos conhecíamos desde o primário, mas o que nos aproximou mesmo foi a música. E os "Beatles". Eu já tinha começado a tocar com o "Ringo", que sempre foi um péssimo baterista, mas era um cara divertido, e com o "George", que vivia nas nuvens, mas tocava direitinho, e tive a idéia de trazer o "John" para o grupo e começar "Os Bíteus". Fizemos sucesso, sim. Bom, estávamos começando a fazer sucesso, um pouco. Aí surgiu a Beatriz na vida do "John"... Mas é sempre assim, não é? Há sempre uma mulher para separar os amigos, para desmanchar o bando, para pôr fim à nossa juventude. E é bom que seja assim, senão seríamos garotos pela eternidade, "turminha" para sempre, ridículos. Até a morte do "John" foi simbólica. Acho que ele morreu por nós, sim, mas não como um Cristo, não esse negócio místico do "George". Morreu porque foi ele que rompeu o encanto e trocou o bando de amigos pela mulher fatídica. Foi o primeiro dos "Bíteus" a ficar mortal, por isso foi o primeiro a morrer. Para nos ensinar, entende? Pois é, o profundo, segundo a Beatriz, era o "John", eu era só o bonitinho, mas tenho pensado muito nessas coisas. Por que mataram o "John"? Não interessa. Para a nossa história, não interessa. Fui ao enterro. Fui o único a tirar o lenço do seu rosto. Mais do que ninguém, eu precisava ver seu rosto furado. Ele morreu mesmo por mim. Afinal, nos conhecíamos desde o primário. Abracei a Cileide, mas nem falei com a Beatriz. Abraçar a Beatriz seria como abraçar a morte. Larguei a música, sim. O que que eu faço? Na verdade, não faço nada. Me recolhi à minha mediocridade. Minha mulher é sócia num curtume. Eu bebo, quer saber? Eu bebo, e penso muito.

"GEORGE": A Beatriz tinha razão, o "John" era um predestinado. Vi isso na primeira vez em que nos encontramos, na garagem da casa do "Ringo". Ele não era do nosso mundo, a Cileide não era para ele, "Os Bíteus" não era para ele, nem ele era para ele. O "Paul" entendeu tudo errado. Pensa que o "John" morreu por ele, que o "John" morreu para deixar ele filosofando sobre a vida. O "Paul" sempre foi um egocêntrico, acho até que era meio veado. O "John" ia nos mostrar o caminho para outro tipo de vida, outro tipo de consciência, ele ia nos salvar vivendo. Se ele tivesse vivido, não sei o que nós seríamos hoje, mas seríamos melhores. Mas houve aquela ciúmeira com a Beatriz, o "Paul" nunca aceitou a Beatriz, e o "John" teve de se afastar de nós. O "Ringo" contou do último churrasco, do que o "John" disse no último churrasco? Ele olhou bem pra mim e disse uma frase que eu nunca vou esquecer. Disse: "Não vai haver outra vez." Assim, sem mais nem menos, olhando pra mim, com o copo de cerveja erguido. E não houve outra vez mesmo. Nunca mais. Nada parecido. Deixamos passar uma oportunidade. Não sei se de ser ou fazer o que, acho que nem ele sabia, só sabia que deixamos passar. Não sinto que a banda tenha acabado, não. Sem o "John" seríamos um grupo de malditos. Pelo menos assim cada um é maldito pro seu lado. Tenho esta barraca, vou me virando, minha mulher diz que nós estamos quebrados, não sei não. Pelo menos é bom saber que alguém ainda se lembra dos "Bíteus". Vai um mel puro?

O Farley

Até morrer, a única coisa ridícula no Farley era o nome. Vinha de Farley Granger, um ator americano que sua mãe adorava. Farley era uma pessoa comum, a quem nunca tinha acontecido nada. Até que um dia aconteceu: Farley foi atropelado por uma bicicleta. Caiu, bateu com a cabeça no meio-fio, e morreu.

No velório do Farley — tão moço, tão pacato, morrer daquele jeito — correu a versão de que sua morte não estava bem explicada. Teria sido uma motocicleta. Um entregador de pizza numa moto, que fugira do local. Ou talvez um carro. Um carro pequeno. No fim do velório estava estabelecido que Farley fora mesmo atropelado por um carro. Um carro grande. Uma Mercedes.

A viúva não precisara nem pedir. Todos tinham se conscientizado de que era necessário proteger o pobre do Farley dos detalhes da sua morte. Já que em vida ele não fora grande coisa, que pelo menos morto não fosse ridículo. E a família também precisava se proteger do constrangimento de dizer a verdade, cada vez que perguntassem como o Farley morrera. Atropelamento por bicicleta, por mais doloroso que fosse, seria sempre um desafio à seriedade.

A família precisava de outra morte urgentemente. Uma Mercedes. Era isso. Uma Mercedes com motorista. E outra coisa: o atropelamento podia não ter sido accidental. Quem ia querer matar o Farley, o pobre do Farley? Nunca se sabe, nunca se sabe.

Uma semana depois, tinha-se outra versão da tragédia. Fora uma jamanta.

Farley morrera salvando uma criança de ser atropelada por uma jamanta. A jamanta não parara depois de passar por cima do Farley e a criança fugira, assustada. Estavam tentando descobrir a sua identidade.

Com o tempo, a lenda do Farley cresceu, com versões cada vez mais elaboradas e nobres para a sua morte sendo empilhadas em cima da singela verdade, para que esta nunca aparecesse. Mas desenvolveu-se, entre os mais jovens da família, uma espécie de contracorrente. Como sabiam, por inconfidências dos mais velhos, que a morte do tio Farley tinha sido ridícula, mas não sabiam como, cresceu entre eles outra lenda: a das possíveis

mortes insólitas do Farley.

Farley resvalara num cocô de cachorro — não, numa clássica casca de banana! — e quebrara a cabeça. Abrira a boca num bocejo, entrara um besouro na sua boca e ele morrera engasgado. Sabe aquele maluco americano que vive tentando dar a volta ao mundo num balão? Os jornais não deram, mas numa das vezes em que ele caiu, caiu em cima do Farley. Farley resolvera examinar a ponta de um foguete aceso que estava custando a disparar. Farley fora atacado por uma matilha de pequineses. Inventaram até que o Farley tinha sido atropelado por uma bicicleta!

No outro dia, no meio de uma solenidade, um dos jovens da família perguntou para a mãe se era verdade que o tio Farley morrera porque ficara preso numa porta giratória com uma senhora muito gorda e...

— Sssh! — fez a mãe, porque as pessoas em volta podiam ouvir. E porque a banda ia começar a tocar.

A solenidade era de inauguração da estátua de bronze do Farley, com uma inscrição no pedestal: "A pátria agradecida." A versão final para a sua morte era que, apesar de estar envolta em mistério, ela salvara a vida de milhares de pessoas e protegera a própria nação de um destino inominável.

O flagrante

José olha fundo nos olhos de Roberto. Os dois levantam suas taças.

— A nós.

— A nós.

Bebem, olhos nos olhos. Nisso, a porta do apartamento se abre e entra uma mulher.

— Sueli! — exclama José.

— Arrá! — diz Sueli. Te peguei!

— O que você está fazendo aqui?

— Me enganando. E com outro homem!

— Sueli, em primeiro lugar, você não me "pegou", porque nós não estávamos fazendo nada. Em segundo lugar, mesmo que estivéssemos fazendo alguma coisa, eu não estaria "enganando" você pela simples razão de que nós não somos mais casados. Nos divorciamos há muito tempo e eu não devo mais satisfação a você. Se você tem medo de ser enganada, preocupe-se com seu atual marido e...

— Você quer ficar quieto, José? — interrompe Sueli. Não estou falando com você. Estou falando com ele.

José aponta para Roberto.

— Com ele?

— É. Meu atual marido.

— Seu marido?!

Roberto está quieto. José, para Roberto:

— Você não me disse que era casado!

— Cala a boca, José — ordena Sueli. Depois se dirige a Roberto.

— E então, o que você me diz? Dois meses de casado e você já anda com um qualquer. Seu pilantra!

— Um qualquer, não — protesta José. Lembre-se de que eu já fui seu marido.

Sueli começa a chorar. Roberto se aproxima dela.

— O que é isso, Sueli. Fique calma. Nem parece você. Vamos, Suelizinha...
— Não chama de Suelizinha que ela não gosta — instrui José. Tarde demais.
— Não me chama de Suelizinha!
— Deixa que eu sei fazer — diz José, afastando Roberto e abraçando Sueli. —
Vamos, Su. Que bobagem.
José beija a orelha de Sueli e mostra para o outro.
— A orelha é importante. Ó.
— Morde ou só beija?
— Pode dar uma mordidinha.
— Deixa eu tentar.
Roberto afasta José e abraça Sueli. Começa a morder sua orelha. Dá resultado.
Sueli se acalma. Mas agora José está enciumado.
— Que foi? — pergunta Roberto, notando a cara de José.
— Nada.
— Nada, não. Você está chateado.
— Não é nada.
— Faz cafuné nele — diz Sueli.
— O quê?
— Faz cafuné que ele gosta. Em cima da cabeça.
Roberto começa a fazer cafuné em José. Ao mesmo tempo, morder a orelha de Sueli. Nisso a porta se abre e entra outra mulher.
— Anita! — exclama José.
— Eu sabia. Segui você até aqui porque sabia que ia encontrar uma cena assim.
Você não tem vergonha? Depois de todas as juras que fizemos?
— Anita, não é nada do que você está pensando — diz José. Eu...
— Quer ficar quieto, José? Eu estou falando com ela.
José aponta para Sueli.
— Com ela?!
— Anita — diz Sueli, vem cá.
Anita se junta ao grupo. Sueli a abraça.
— Pronto, pronto — diz Sueli.
— Roça a nuca dela com o queixo — instrui José.
— Assim?
— É.
Ficam os quatro de pé no meio da sala, Roberto mordiscando a orelha de Sueli, que roça a nuca de Anita com o queixo, e, fazendo cafuné em José, que, sem ter o que fazer, pergunta:
— O caso de vocês duas começou antes ou depois do nosso casamento?
— Não é a hora, José — diz Sueli.

O Galhardo

Aconteceu que o grupo ficou hospedado num hotel de Paris em que as paredes eram finas e podia-se ouvir um suspiro no quarto ao lado, quanto mais os gemidos e outros ruídos associados ao sexo. Como os daquele casal, que sempre acabavam com a mulher gritando "Ai, Galhardo! Ai, Galhardo!" na hora do orgasmo. O grupo tinha sido organizado por uma

agência de turismo para assistir aos jogos finais da Copa. Ninguém se conhecia e durante a viagem não houve qualquer tipo de aproximação entre os seus componentes. Só no terceiro ou quarto dia depois da chegada a Paris é que começou a confraternização. Por iniciativa do Marçal e da Marília, que ocupavam o quarto ao lado do casal barulhento.

Num café da manhã no hotel, Marçal apresentou-se e contou o que fazia. Marília acrescentou os detalhes familiares: casa, filhos etc., e, em pouco tempo, todos do grupo tinham feito rápidos resumos de suas vidas. Alguns descobrindo afinidades como parentes, amigos ou fornecedores em comum, essas coisas. Ficou faltando justamente o casal do quarto vizinho ao de Marçal e Marília, um homem retaco e sorridente e uma mulher loira, mais alta do que ele, que usava bermudas apertadas e a camisa 9 do Ronaldo amarrada na frente, deixando o umbigo à mostra.

Marçal virou-se para o homem e disse:

— E você, Galhardo?

O homem não parou de sorrir. Disse:

— Galhardo?

Marçal sentiu que tinha feito uma bobagem, mas era tarde para recuar.

— Seu nome não é Galhardo?

— Portinho.

— Portinho. Desculpe. Não sei de onde eu tirei o Galhardo...

— E o meu nome é Sandra — disse a mulher.

Depois da vitória do Brasil sobre o Chile, Sandra parecia ainda mais entusiasmada durante o orgasmo.

— Ai, Galhardo! Ai, Galhardo!

No quarto ao lado, sem poder dormir, Marçal e Marília discutiam as alternativas.

— É adjetivo — propôs Marçal.

— Não é — disse Marília. É outro homem.

— Outro homem?

— Tem outro homem com eles no quarto. Chamado Galhardo.

— Mas como? Trouxeram o outro homem na mala? Um anão bom de cama? Um amante portátil?

— Sei lá.

— Deve ser adjetivo.

No dia do jogo final, durante o café da manhã no hotel, Marília não se conteve. Estavam só ela e Sandra, Marçal e Portinho ainda não tinham descido.

— Eu sei por que o Marçal chamou o seu marido de Galhardo — disse Marília. É que ele se parece muito com um amigo nosso, chamado Galhardo. Talvez vocês conheçam... Sandra ainda estava com sono. Olhava a ponta de um croissant como se tentasse decidir se ele merecia ser mordido por ela ou não. Disse:

— Eu conheci um Galhardo, uma vez.

E depois de morder a ponta do croissant:

— Mas ele não era nada parecido com o Portinho.

Durante o jogo, Marília disse a Marçal:

— Desvendei o mistério do Galhardo.

— O quê?

— É evocação.

Mas o Zidane tinha feito o segundo gol e Marçal não queria nem saber.

O gênio

Eu estava lendo o que a imprensa européia escreve sobre o futebol do Brasil e comparando com o que a gente escreve — a fascinação deles em contraste com o nosso ceticismo crítico e nosso pessimismo crônico, mesmo nas vitórias — e me lembrei da história do Albert Einstein e do bar do Kurt.

Contam que no tempo em que era um simples funcionário público em Berna, na Suíça (na verdade não sei se foi em Berna, se o dono do bar se chamava Kurt nem se a história se passou mesmo com o Einstein, mas agora já é tarde para recuar), Albert Einstein costumava freqüentar um bar perto do seu escritório. Saía do trabalho e ia tomar umas cervejas no bar do Kurt, onde, com o tempo, se formou uma turma de bebedores assíduos, com nada em comum além do fato de sentarem-se à mesma mesa na mesma hora e tomarem cerveja juntos. Durante dois, três anos, a turma se reuniu no bar do Kurt. Conheciam-se apenas pelo primeiro nome e pelas poucas confidências que se faziam — geralmente quando já tinham bebido demais, o que significava que no dia seguinte as confidências estavam esquecidas e todos voltavam a se desconhecer intimamente.

Um dia Einstein não apareceu para sua cerveja de todos os dias. No dia seguinte também não. E quando, no fim de uma semana, Einstein não chegou na hora de sempre, seus co-bebedores simplesmente decidiram não guardar mais seu lugar. Albert, o simpático Albert, que falava pouco, mas conhecia algumas histórias engraçadas, e que às vezes se distraía e ficava rabiscando números e letras na toalha da mesa sem ouvir o que os outros diziam, provavelmente se mudara. Como era um funcionário público, talvez tivesse sido transferido para outro posto. Ou talvez morrera atropelado.

Os outros perguntaram, mas Kurt não sabia o que acontecera a Albert. Só sabia que, na manhã do dia em que deixara de aparecer pela primeira vez, passara pelo bar e perguntara a Kurt onde estavam as toalhas sujas do dia anterior. Precisava levar uma das toalhas, com seus rabiscos. Devolveria em seguida. Devolveria àquela tarde mesmo, quando viesse para a sua cerveja de todos os dias. E não aparecera para a cerveja. Não aparecera nunca mais.

Anos depois, um repórter e um fotógrafo chegaram no bar do Kurt para fazer uma reportagem sobre a vida de Einstein antes da fama. Seus hábitos. Sua rotina. O bar em Berna onde, um dia, rabiscando uma toalha, tivera a idéia que o consagrara.

— Einstein? — disse Kurt.

— Nunca ouvi falar.

Na mesa dos velhos freqüentadores, ninguém se lembrava de Einstein.

— A fotografia dele esteve em todos os jornais — disse o repórter.

Ninguém ali lia muito jornais, além do esporte e uma ou outra história policial. Aquele tal de Einstein fizera alguma coisa ligada a esporte? Ou quem sabe matara alguém?

— A Teoria da Relatividade — disse o repórter.

— Foi ele que bolou, e rabiscou numa toalha deste bar. Um dos homens mais famosos do mundo. Um gênio. Albert Einstein.

— Albert?

Albert! O funcionário público! Claro, todos se lembravam de Albert. O simpático Albert, que falava pouco, mas conhecia histórias engraçadas. Um gênio, quem diria.

— E nunca nos disse nada!

Pensando bem, Albert nunca dissera nada muito inteligente na mesa. Ou porque não tivesse nada muito inteligente para dizer, mesmo, ou porque não considerasse o grupo à sua altura, intelectualmente. Devia desprezá-los, era isso. Sempre que alguém da mesa tentava

levar a conversa para um nível mais profundo — o sentido da existência, essas coisas —, Albert vinha com uma das suas histórias engraçadas. Que nem eram tão engraçadas. Histórias bobas, isso. As únicas histórias à altura de bobos bebedores de cerveja, que não tinham capacidade para conversar com um gênio como Albert. Que, pensando bem, nem era tão simpático assim.

Quando saíram do bar do Kurt, o repórter e o fotógrafo deixaram atrás de si um clima de revolta entre os ex-companheiros de Einstein, divididos entre os que o acusavam de arrogância intelectual e os que o acusavam de ser um blefe, um gênio só para quem não o conhecia bem, como eles.

E antes de sair ainda ouviram o Kurt gritar:

— E outra coisa: ladrão de toalha!

O homem que caiu do céu

O homem atravessou o telhado e caiu na cama ao lado da Denilda, que acordou com o estrondo, deu um grito, pulou da cama, correu do quarto e só voltou quando os bombeiros já tinham examinado os estragos no teto, a polícia já revistara o homem para descobrir sua identidade, o homem já tinha sido levado para o hospital, inconsciente, e ela já tinha sido acalmada pela mãe e por vizinhos.

De onde viera aquele homem? Não havia nenhum prédio mais alto do que a casa de Denilda nas redondezas, nenhuma estrutura de onde ele poderia ter caído ou sido jogado. Ele teria caído de um avião? Estava de terno e gravata, tinha um aspecto respeitável apesar dos estragos que sofrera ao atravessar o telhado e o forro da casa de Denilda, podia, sim, ser um passageiro de avião, até da classe executiva, mas como alguém cai de um avião sem ninguém notar? Nenhuma companhia aérea tinha dado falta de qualquer passageiro.

O terno, a gravata e o aspecto também eliminavam a possibilidade de o homem ter sido disparado de um canhão, e, de certa maneira, de ser um ladrão que andava pelo telhado e se dera mal. E, mesmo, o estrago no telhado era muito grande para ter sido causado apenas por um ladrão sem sorte. O estrago só poderia ter sido feito por alguém caindo de uma grande altura.

O homem não tinha nada nos bolsos que o identificasse. Suas roupas não tinham qualquer etiqueta. Dois dias depois da queda ele recuperou os sentidos, no hospital, mas não se lembrava de nada. Nem do próprio nome, muito menos de onde caíra sobre o telhado da Denilda. Que foi visitá-lo no hospital, junto com a mãe. Quando viu Denilda, o homem sorriu e disse "Oi".

Denilda não sabia se brigava com ele pelo susto que lhe dera (onde já se vira, cair assim sobre a casa de alguém!) e exigia que ele pagasse os consertos do telhado, ou se perguntava como ele estava. Ele continuava sorrindo para Denilda.

— Como você está?

— Bem, bem.

E, milagrosamente, estava bem. Fora alguns rasgões na roupa, estava inteiro.

Nada quebrado. Um milagre. Ele falava um português engraçado. Sem sotaque, mas cuidadoso, como se recém tivesse aprendido a língua. Se tinha família, e algum lugar para onde ir quando saísse do hospital, não sabia. Dinheiro?

Também não se lembrava.

Denilda decidiu levá-lo para casa. Até ele recuperar a memória. A mãe não gostou mas acabou concordando. Afinal, era Denilda que trabalhava e mantinha a casa. Denilda, que estava se aproximando dos 40 e nunca se casara. Que dizia que homem como ela queria

não se encontrava em qualquer lugar. Que já tinha desistido de encontrar um homem como ela queria, em qualquer lugar.

Na saída do hospital, tiveram que enfrentar a imprensa. A notícia do misterioso bólido humano tinha chegado aos jornais. Denilda respondeu as perguntas dos repórteres. Disse que se responsabilizaria por ele, até que aparecesse algum familiar, ou alguém com informações sobre seu passado e as circunstâncias dele ter caído sobre o seu telhado. O homem só sorria.

O homem nunca recuperou a memória, e, aos poucos, Denilda foi aceitando a conclusão de que ele não tinha memórias para recuperar. As amigas que vão visitá-la ficam encantadas com o Vando — ela decidiu chamá-lo Vando — e mais de uma começou a dizer, ao ver Vando ajudando a Denilda em casa e sendo tão carinhoso com ela, "Mas esse homem caiu do..." antes de se controlar. A própria Denilda tenta não pensar na forma como Vando despencou na sua vida.

Não, não é que ela não se sinta à vontade com a metafísica e não queira especular sobre preces atendidas, e o que ela fez para merecer aquela dádiva do céu.

As perguntas de Denilda são outras. Que mérito há em ter o homem que se pediu a Deus se ele cai, literalmente, na sua cama, sem nenhum mérito seu?

Se você não o conquistou, apenas o encomendou? — Onde é que fica o meu amor próprio? — foi o que ela perguntou ao Vando, na cama, na outra noite.

Ele apenas sorriu, beijou o seu ombro e perguntou "Vamos outra vez?" Aí ela o empurrou, irritada, reclamou que era impossível ter uma conversa séria com ele e ameaçou jogá-lo pela janela.

O homem que sabia perder no pôquer

O melhor jogo de pôquer de Las Vegas não é em nenhum dos grande hotéis ou cassinos, é o do Manny, que durante o dia é salva-vidas na piscina do MGM Grand e de noite recebe os grandes jogadores em sua casa. Os jogos duram a noite inteira. Manny nunca dorme. Os banhistas do MGM Grand não sabem o perigo que correm. Na roda que se reúne na casa do Manny para jogar, não há dúvidas de que no dia em que mergulhar na piscina para salvar alguém, Manny não voltará à tona. Meu nome, por sinal, é Jack, Jack o Charuto, porque ninguém nunca me viu sem um charuto na boca, salvo quando me tiraram da barriga da minha mãe, e mesmo assim o obstetra não tem certeza. Sou, obviamente, um personagem fictício do Verissimo. Sempre que estou em Las Vegas vou jogar na casa do Manny. Qualquer um pode entrar na casa do Manny, basta saber a senha ("É aqui?") e/ou pagar US\$ 500. Mas não recomendo que você entre no jogo se não tiver dinheiro, muito dinheiro. Poços de petróleo e/ou tias ricas ajudam. E/ou muita coragem. Já vi gente sair carregada da mesa do Manny, depois de perder toda a sua fortuna na perigosa presunção de que a sua trinca era imbatível. A trinca, qualquer jogador de pôquer lhe dirá, é a mais cruel das mãos. Já matou muita gente, do coração ou de causas menos convencionais como tiro na testa. Nos casos de enfarte, o Manny tem um amigo médico de plantão para testar se o cara não está fingindo. Às vezes o cara morre do teste.

Não preciso dizer que o pôquer do Manny é freqüentado por alguns tipos estranhos. Como o maior ganhador da roda, o Fred. Lucky Fred. Fred Sortudo.

Nunca vi ninguém tão sortudo, e tão triste. Fred Sortudo não é apenas triste. É um amargurado. Quanto mais ganha, mais triste e amargurado fica. E certa manhã, depois que todos os outros jogadores já tinham ido embora e o Manny se preparava para fechar a casa e ir trabalhar na piscina do hotel, o Fred Sortudo me contou a razão da sua amargura. Tinha

sido o maior ganhador da noite, outra vez, e eu perguntei se ele tinha idéia de quantas rodadas ganhara. De quantas vezes arrastara as fichas da mesa para a sua pilha, com aquela expressão de sofrimento no rosto. Que porcentagem? Trinta, 40, 60% das vezes? Ele me olhou durante algum tempo, como se quisesse chegar a alguma conclusão a meu respeito, e decidiu que podia me confiar seu segredo.

Era a primeira vez que o contaria para alguém. Talvez concluía que, sendo fictício, eu era de confiança. Perguntou: Sabe quantas vezes eu tive a melhor mão da mesa? E ele mesmo respondeu: todas. Como, todas? perguntei.

Todas. Cem por cento das vezes. Sabe aquele seu full-hand? Eu poderia ter batido aquilo. Tinha um straight flush. E por que não bateu? perguntei, tirando o charuto da boca, coisa que só faço nas refeições, para beber o bourbon, e em casos extremos de espanto. Aí é que está, disse ele, as bochechas caídas como as de um cachorro. As bochechas mais tristes que eu conheço. Aí é que está. Você se dá conta do que aconteceria se eu ganhasse todas as rodadas, 100% das rodadas, sempre? Você estaria milionário, disse eu. Não! gritou o Fred Sortudo. Você não vê? Eu não entraria mais em nenhuma roda de pôquer, neste ou em qualquer outro hemisfério. Ninguém ia querer jogar comigo. Por isso eu preciso perder de vez em quando. Sei que tenho o jogo melhor, mas não aposto. Passo. Não sei quantas vezes atirei um royal straight flush com ás na ponta no bagaço e disse "Estou fora". Ou desmanchei um four de reis e pedi três cartas, só para não ganhar. Porque eu sempre tenho a melhor mão. Desde que comecei a jogar tem sido assim. Sempre. É terrível.

Foi a minha vez de ficar olhando para o Fred Sortudo, tentando decidir se ele estava me gozando ou não. Aquelas bochechas trágicas não pareciam ser as de um gozador. Ninguém tem sorte assim, disse eu, finalmente. Isso não é normal. Exato! Gritou ele. Não é normal. É um sinal de alguma coisa que eu não identifico. Uma bênção que eu não sei de onde vem, e o que eu fiz para merecer. É um mistério, uma anomalia, uma danação. Entende? Ter sorte assim é pior do que ter azar! Se eu não ganhasse nunca ou ganhasse pouco seria igual a milhares de outros, igual ao resto da humanidade. Porque ter azar é normal. Ganhar sempre me coloca em outro plano — que eu não sei qual é. Só sei que não é normal. Perco de propósito para parecer normal. Para recusar essa dádiva que eu não quero e não entendo, entende? Perguntei se ele tinha a mesma sorte em outros tipos de jogo. Não, só no pôquer. Sentia que tinha uma missão na vida que ainda não lhe fora revelada, que fora abençoado por alguma razão. Mas fosse qual fosse sua missão, certamente não era a de ganhar sempre no pôquer. Mas o negócio dele era o pôquer. Vivia do pôquer. E para continuar ganhando no pôquer, não podia ter sorte demais. Para poder viver do pôquer, precisava perder no pôquer. E também havia a questão do orgulho profissional. Receber sempre as melhores cartas significa que eu não sei se sou bom no pôquer ou não, disse Fred. Minha única habilidade provada no pôquer não é saber ganhar, é saber fingir que perdi.

* * *

Naquela noite, teve uma rodada em que ficamos, outra vez, só eu contra o Fred Sortudo. Eu com um full-hand, par e trinca, sabendo que, se a história que me contara naquela manhã fosse verdadeira, o Fred tinha um jogo mais alto na mão. Sempre tinha um jogo mais alto na mão. A questão era o que pretendia fazer com ele. Arrisquei e apostei todas as minhas fichas. Fred Sortudo não sorriu, exatamente, mas fez uma boa tentativa. Atirou suas cartas na mesa e disse "Leva". Não resisti. Me debrucei por cima da mesa para virar as cartas dele e descobrir se o seu jogo era mesmo melhor do que o meu e se a sua história era verdadeira. Mas ele tapou as cinco cartas com a mão e me impediu de vê-las. Nunca saberei se a história de Fred Sortudo era verdadeira. Sua tristeza era. Aparecem uns tipos bem estranhos no pôquer do Manny.

O irritante

Ele contou que tinha recebido um nome impossível dos pais. Fulgêncio, veja você. Como é que largam uma criança no mundo chamada Fulgêncio? Contou que assim que pode, mudou de nome, para algo mais sensato. Passou a se chamar Arrébis.

Como recém o tínhamos conhecido, não fizemos o comentário óbvio: "Arrébis" ponto de interrogação, ponto de exclamação. Tinha mudado de Fulgêncio para Arrébis?! Que nome era aquele, Arrébis?

Para não sermos injustos, procuramos o professor Carmim, que sabe tudo. O professor Carmim fechou os olhos e espremeu as têmporas.

— Arrébis, Arrébis... Já me vem...

O professor Carmim nunca diz que não sabe. Pode não se lembrar na hora, mas isso apenas significa que ele um dia soube.

— Arrébis, Arrébis...

Já lhe vinha, já lhe vinha. Mas finalmente sacudiu a cabeça e desistiu. Disse:

— Sei apenas que tem a ver com a Pérsia.

Naquela noite, na casa da Val, que todas as quintas cozinha para nós e depois bota as cartas, a Miriam comentou com ele:

— O seu nome é persa, não é?

— Não, é Arrébis.

— Sim. Não. Arrébis não tem a ver com a Pérsia?

— Hein?

Ficou um clima meio assim. Alguém disse:

— A Pérsia hoje é o Irã.

— Não é o Iraque?

— Não, é o Irã. Ou será o Iraque?

Felizmente a Val trouxe vatapá e o Arrébis se descontraíu, e meia hora depois se ofereceu para ser o primeiro quando a Val começou a botar as cartas, e a Val disse que a vida dele era regida por cheiros, perfumes, que ele tinha uma sensibilidade olfativa muito desenvolvida, e ele disse ahn-ahn, não sentia cheiro nenhum, a troca de nome coincidira com uma crise de sinusite que o deixara sem olfato e sem paladar, que ele não sabia nem que gosto tinha o vatapá da Val (que eu, parênteses, chamo de valtápá, piada que ninguém mais no grupo agüenta), e a Val ficou invocada, porque podiam fazer pouco das suas cartas, mas ela não admitia que fizessem pouco do seu vatapá, e quando ele foi embora perguntou quem era, afinal, aquele sujeito irritante, e depois:

— Arrébis? Que nome é esse, Arrébis?

Fosse o que fosse, não queria mais vê-lo nos seus vatapás das quintas.

Nós devíamos ter adivinhado. O episódio das cartas devia ter nos alertado. Dois dias depois o Alvarinho anunciou que ainda ia dar uma bolacha no Arrébis. Quem trouxera aquele cara irritante para o grupo? O Pedro Paulo disse que tinha sido ele, que o Arrébis começara a trabalhar com ele na firma, que parecia um cara legal... Legal? Legal? Legal um cacete! E que nome era aquele, Arrébis? O Pedro Paulo e o Alvarinho acabaram se estranhando e até hoje não se falam.

Na outra quinta, sem ser convidado por ninguém, o Arrébis apareceu no valtápá. A Val ameaçou não deixá-lo entrar, mas a Maria Alice, grande coração, disse que não ficava

bem, coitado. Mal o conheciam, ele podia ser uma ótima pessoa, só estava constrangido no grupo novo. Ela mesmo se encarregou de fazê-lo ficar à vontade. Sentou-se do seu lado e eles conversaram a noite inteira enquanto a Val botava as cartas e o Maneco tocava violão e cantava o seu repertório de sempre, que ninguém mais agüentava, e no fim da noite a Maria Alice queria bater no Arrébis, o Maneco teve de proteger seu violão senão a Maria Alice o quebraria na cabeça do Arrébis. A Maria Alice, que nunca fez mal a ninguém, que chora em largada de rali! No fim, convenceram o Arrébis a ir embora, mas a Val não perdoou a Maria Alice pelos copos e pratos quebrados na perseguição e as duas também não se falam até hoje. Aliás, os valtapás das quintas estão suspensos.

Não tem mais ninguém falando com ninguém no grupo. Até a separação da Miriam e do Alcyr, de alguma maneira, deve ter sido culpa do Arrébis. Cheguei a perguntar ao professor Carmim se Arrébis não era o nome de algum deus da discórdia da antiguidade e ele ficou de puxar pela memória. Sobrou para o Pedro Paulo, que tem de aguentar o Arrébis no trabalho, e no outro dia perguntou para ele se, quando ele se chamava Fulgêncio, também era assim.

— Assim, como? — perguntou o Arrébis, agressivo.

E o Pedro Paulo deixou para lá. Não disse "irritante" para não piorar o clima na firma, que está irrespirável desde que o Arrébis chegou. Arrébis, Arrébis, que nome era aquele O nome já era irritante. Só o nome já teria acabado com a turma. Se bem que o consenso geral era que a turma não se agüentava mais e estava para acabar, mesmo. Arrébis fôra apenas um agente catalisador, posto no nosso meio para apressar o destino, por alguma entidade demiúrgica, como diria o professor Carmim, talvez persa.

O maior momento

Rodrigo disse que foi um elefante de argila. Tinha 7 ou 8 anos, estava numa aula de Trabalhos Manuais — lembra Trabalhos Manuais? — e ele e um grupo foram encarregados de fazer um elefante de argila. Passaram várias aulas fazendo o elefante de argila. O grupo começou com oito, depois de dois dias tinha cinco, no fim da semana tinha só dois, e quem terminou o elefante de argila foi o Rodrigo, sozinho. Ficou bom, diz o Rodrigo. Feito de memória, até que ficou muito bom. E eu não desisti. Fui até o fim. É, disse o Rodrigo, acho que é a coisa de que me orgulho mais. Nada na vida me deixou tão contente. Aquele elefante de argila.

A Bela disse que foi a primeira vez que acertou um pudim. A mãe vivia dizendo que ela não acertava o pudim porque era muito nervosa. Fazia tudo certo, não errava nos ingredientes, não errava na mistura, mas de alguma maneira seu nervosismo se transmitia ao pudim e o pudim desandava. O pudim também ficava nervoso. No dia em que acertei o pudim — contou a Bella sorrindo — tive uma crise de choro. Saí da cozinha para não influenciar o pudim, que poderia ter uma recaída. Mas na mesa, quando a mãe disse "O pudim é da Bela" e todo o mundo aplaudiu, meu Deus do céu. Nunca mais senti a mesma coisa. Nem quando nasceram os gêmeos. Nunca mais.

Já a Rosa disse que nada se igualou a ter o primeiro filho. Olha aí, até hoje não posso contar que me emociono. E o engraçado é que foi um sentimento extremamente egoísta. Me enterneci por mim mesma. Eu olhava aquela coisinha, tão bem-feitinha, e me achava formidável, até ficava com ciúmes quando só elogiavam o bebê. Eu é que queria festa. Queria dizer "fui eu, fui eu, ele é apenas o produto da minha genialidade". Ele podia ser o teu elefante, Rodrigo. Uma coisa que eu terminei sozinha, sem ajuda de ninguém. No Xavier, coitado, eu nem pensava. O Xavier não tinha nada a ver com aquilo. E eu não deixei

ele acompanhar o parto. Sempre considerei pai acompanhando parto uma espécie de penetra. Alguém querendo participar de uma glória que não merece, como prefeito inaugurando obra da administração anterior. A glória era só minha. Aliás, em todo o processo de procriação, parto, essas coisas, o homem é um penetra. Sem duplo sentido, claro. O primeiro filho. Sem dúvida nenhuma, o primeiro filho. Elefante, não. Catedral. Fiquei satisfeita como se tivesse construído uma catedral sozinha. Depois o desgraçado cresceu e foi aquilo que todo o mundo sabe.

O Marcinho disse que, com ele, foi a formatura. Ele nem sabia que era capaz de tanta solenidade. Vocês me conhecem. E naquela idade eu era ainda pior, não levava nada a sério. Mas recebi o canudo, voltei para o meu lugar, sentei e pensei: putaquiuseriu! Consegui me formar. Contra todos os prognósticos, inclusive os meus. Pela primeira vez na vida senti que tinha conseguido fazer uma coisa importante. Sabe aqueles momentos em que a gente pensa "eu não sou pouca coisa não, a coisa é pra valer e eu estou à altura da coisa"? Seja o que for a coisa? Fiquei sentado, de olho vidrado, uma colega até perguntou se eu estava me sentindo mal. Todo o mundo estranhou.

Meu apelido na turma era Micromico, porque era baixinho e não parava quieto.

E de repente estava ali, sério. Um mico solene. Eu tinha me dado conta, ao mesmo tempo, da importância da coisa, e da minha capacidade de enfrentar a coisa. E sabia que nunca mais esqueceria aquele momento, e aquela sensação.

De, sei lá. Poder. Não poder no sentido de "poder", mas de poder poder, entende? De poder com a coisa. E nunca esqueci mesmo. E olha, eu teria dado um grande arquiteto.

Para o Raul Pedro, foi a vez em que ele acertou uma bicicleta. Nunca tinha tentado uma bicicleta antes, mas do jeito que a bola chegou nele não havia alternativa. Fechou os olhos e fez o que tinha visto outros fazerem.

Atirou-se para trás, pedalou no ar, sentiu o segundo pé acertar a bola, e quando levantou-se do chão viu que a bola tinha entrado no ângulo. Bem, no ângulo não, porque era uma goleira improvisada de praia. No que seria o ângulo numa goleira regulamentar. Não havia platéia para aplaudi-lo. O goleiro adversário, ressentido, só disse "Sorte". Seus companheiros de time também não se entusiasmaram muito com o lance. Não os conhecia, tinha sido escalado porque estava passando e faltava jogador. Ele já se resignara à comemoração solitária do seu feito, pelo resto da vida, quando viu o garoto que vendia picolé na praia olhando para ele e sorrindo. O garoto estava sentado na sua caixa de isopor e quando viu que Raul Pedro o avistara levantou o dedão num sinal de positivo. Sua bicicleta tinha sido positiva. A única posteridade do meu lance, disse Raul Pedro, é um vendedor de picolé, que já deve ter esquecido. Mas eu não esqueci. Nunca me orgulhei tanto de alguma coisa como daquela bicicleta. Bem no ângulo.

A Gelsi contou que o seu momento foi há poucas semanas, algo sobre um parecer dela que deu numa condenação de milhões de reais, uma punição exemplar, da qual ela se orgulhava muito, embora, claro, aindaoubessem recursos e era pouco provável que os condenados pagassem um centavo, o Brasil sendo o Brasil. Mas foi o seu momento, foi o seu grande momento. Eu hesitei um pouco, mas acabei escolhendo um certo entardecer no Arpoador, uma certa luz no rosto de alguém, o sentimento de que eu não merecia aquilo e, justamente porque sentia que não merecia, merecia. O meu maior momento. Mas em seguida foi a vez da Thaís, e a Thaís nos arrasou. Contou como foi a sua apoteose. A justificativa da sua existência, o prêmio final por todo o seu empenho em viver com bom gosto e gastar o dinheiro do Gegê com inteligência.

Foi a vez em que ela entrou no café do Hotel Carlyle, de Nova York, no meio do show do Bobby Short, acompanhada por uns brasileiros que nunca tinham conseguido entrar no lugar, e quando a viu o Bobby exclamou "Thaís"!

E para completar nossa humilhação, Thaís contou que Bobby Short pronuncia o

"agá" do seu nome. Ficou todo o mundo meio deprimido.

O mapa circular do mundo

Anastaso Malbaf, colecionador de mapas antigos, foi abordado numa livraria da Rue de Rivoli, entre a Rue de L'Echelle e a Place des Pyramides no mapa de Paris, por um homem mal vestido e malcuidado que lhe ofereceu um mapa circular do mundo, de origem catalã, do século 15. Anastaso Malbaf disse que só existiam dois mapas circulares do mundo de origem catalã e que ele sabia onde estavam os dois. Existe um terceiro, disse o homem, e eu o tenho na minha casa. É um mapa estranho, disse o homem, o meu tesouro, pois além de trazer informações práticas para viajantes e navegadores e mostrar o mundo conhecido na época, nele também aparece a localização do Paraíso — que, por sinal, fica na África Oriental. Esforçando-se para que o entusiasmo não aparecesse na sua cara, pois um terceiro mapa circular do mundo de origem catalã seria um achado extraordinário, e valiosíssimo, Anastaso Malbaf perguntou se poderia examinar o mapa para se certificar da sua autenticidade e o homem disse que lhe daria seu endereço. Pediu papel e caneta a um funcionário da livraria e começou a fazer um mapa, dizendo que sua casa ficava "na cidade velha". Desenhou quatro ruas tortuosas que se cruzavam, colocou o nome de cada rua, a localização da sua casa numa das esquinas, o número da casa, 79, e quando ia dizer o nome da cidade. "Fica em..." — subitamente arregalou os olhos, levou a mão ao peito e caiu. O próprio Anastaso Malbaf acompanhou o homem na ambulância — Rue de Rivoli, Rue des Pyramids, Rue St. Honoré, Rue des Halles, Boulevard Sebastopol, Place du Chatelet, depois a ponte até o Hôtel-Dieu na Ile de la Cité —, mas nada pôde ser feito por ele. O homem morreu no hospital. Coração. Teve um único momento de lucidez antes de morrer, quando disse a palavra "Amaloi", e que Anastaso Malbaf achou melhor não aproveitar para perguntar em que cidade do mundo ficava a sua casa. O homem não tinha documentos. Passaporte, nada.

Nem carteira. Anastaso Malbaf ficou com o mapa que o homem segurava na mão quando caiu.

Na livraria, não sabiam nada sobre o homem. Ele nunca tinha sido visto ali, antes. Seu sotaque era difícil de localizar, talvez Europa Central. Alguém conhecia as ruas que ele desenhara no papel? Sua casa ficava na esquina da Krapas com a Movale. Mas onde ficavam a Krapas e a Movale? Ninguém sabia.

Anastaso Malbaf recorreu a todos os seus amigos, de diversas nacionalidades.

Os nomes "Krapas" e "Movale" significavam alguma coisa para eles? "Movale" não é o nome daquele poeta da... Não, não, aquele é Novalis. Ninguém conseguia localizar as ruas do mapa. "Fica na cidade velha", dissera o homem. Mas quase todas as grandes cidades do mundo têm a sua cidade velha. E quem garantia que a casa do homem ficava numa cidade grande? Podia ser na parte velha de uma cidade pequena. Mas qual? Em que país? Em que hemisfério?

O homem reconhecera Anastaso Malbaf na livraria. Logo, tinha alguma ligação com o mundo dos colecionadores de mapas antigos, ou se informara sobre Anastaso Malbaf no mundo dos colecionadores. Mas uma descrição do homem entre os colecionadores de Paris só provocou perplexidade. Um sotaque da Europa Central era comum entre colecionadores, mas ninguém reconheceu seu aspecto físico, sua roupa puída, seu ar de indigente. E, afinal — perguntaram a Anastaso Malbaf —, o que era mesmo que ele estava

vendendo?

Anastaso Malbaf não disse. O terceiro mapa circular do mundo de origem catalã seria dele, só dele, nem que ele tivesse que arrombar a casa de número 79 na esquina da Krapas com Movale para consegui-lo — depois de descobrir onde ficava a esquina da Krapas com Movale, no mundo. Localizar o terceiro mapa circular do mundo de origem catalã passou a ser uma obsessão para Anastaso Malbaf. Ele esqueceu seus mapas antigos e começou a colecionar, furiosamente, mapas atuais das cidades do mundo, que examinava minuciosamente, tentando encontrar a esquina abençoada, o endereço da sua felicidade, o Paraíso. Mas foi folheando casualmente uma revista sobre agrimensura na sala de espera de seu dentista que Anastaso Malbaf viu o nome "Kapas" e quase teve um desfalecimento. Kapras, engenheiro checo, inventor de um mecanismo qualquer usado na medição de terras. Não foi fácil conseguir mais informações sobre Kapras. Ele não era conhecido nem entre os checos de Paris, nem entre os agrimensores. Mas Anastaso Malbaf persistiu na sua investigação e, exatamente seis meses depois do seu encontro com o misterioso estranho na livraria da Rue de Rivoli, desceu de um trem na estação de Kladna, a poucos quilômetros de Praga, entrou num táxi e disse para o motorista: "Krapas com Movale!" Quando o motorista disse que não conhecia a rua que homenageava um dos filhos mais ilustres de Kladna, provavelmente o único filho ilustre de Kladna? Era na cidade velha. Toca para a cidade velha, ordenou Anastaso Malbaf, que já sentia o cheiro do terceiro mapa circular do mundo de origem catalã, ao motorista. E quando o motorista desdobrou um mapa para consultar e pediu desculpas porque o mapa era antigo e talvez não tivesse os nomes novos das ruas da cidade velha, Anastaso Malbaf explodiu outra vez, sem se dar conta do que dizia. Malditos mapas antigos! O motorista finalmente encontrou a rua Kapras, mas nenhuma rua Movale fazia esquina com a Kapras. Apoplético, Anastaso Malbaf mostrou ao motorista o mapa feito pelo estranho na livraria, com o nome de quatro ruas. O motorista encontrou as outras duas ruas no seu mapa obsoleto e descobriu porque não encontrara a Movale: no mapa ela ainda se chamava Lenine. Começou a descrever o trajeto que fariam, traçando-o com o dedo no mapa — vou pela Avenida Kennedy até a ... mas foi interrompido pelo impaciente Anastaso Malbaf. Não interessa! Vamos! Vamos!

Quem abriu a porta do número 79 da Rua Kapras foi um homem mal-encarado.

"Quem é você?", perguntou o homem, como se pedisse uma razão mínima para Anastaso Malbaf existir. Por cima do seu ombro Anastaso Malbaf viu uma mulher sair da cozinha com uma expressão de esperança e medo no rosto, seguida por um garoto e por outro homem mal-encarado. Anastaso Malbaf se identificou e disse que estava ali para pegar o mapa circular do mundo de origem catalã que comprara do dono da casa. "Por quanto?", quis saber o mal-encarado. Um milhão de dólares, disse Anastaso Malbaf. "Roro!", disse o mal-encarado. "Onde está Gregor?", perguntou a mulher. "Ele não está aqui?", perguntou Anastaso Malbaf. Dei-lhe o cheque há seis meses, ele disse que estaria aqui para me entregar o mapa. Entre, disse o homem mal-encarado.

Não! Gritou a mulher. Eles são da Amaloi! Mas Anastaso Malbaf, que não tinha como saber que a Amaloi é a máfia checa que ficara com a família de Gregor como refém enquanto ele fora a Paris tentar vender seu tesouro, o terceiro mapa circular do mundo de origem catalã, entrou.

Anastaso Malbaf está na casa de Gregor, acompanhado da sua mulher e do seu filho, e dos dois homens da Amaloi. Não adiantou ele dizer que também fora enganado por Gregor, que Gregor fugira com seu dinheiro sem se importar com a sua família e, pior, sem lhe entregar o mapa. Os homens mal-encarados da Amaloi não deixam ele sair da casa. Concordaram em esperar por Gregor uma semana, não mais do que uma semana, pois já esperaram seis meses. Se em uma semana Gregor não aparecer com o milhão de dólares, sua mulher, seu filho e Anastaso Malbaf serão acorrentados à cama de ferro do quarto do

casal e a casa será incendiada. Anastaso Malbaf passa o tempo respondendo às perguntas do filho de Gregor sobre Paris, mostrando num mapa de Paris onde fica a sua casa, o Trocadero, o Canal Saint Martin, a Rue de Rivoli... E, às vezes, Anastaso Malbaf pede para ver o terceiro mapa circular do mundo de origem catalã, que a mulher de Gregor guarda numa cômoda de pernas arqueadas. Fica olhando o mapa, com um meio sorriso triste nos lábios. E o sorriso fica mais triste quando o seu dedo, depois de percorrer carinhosamente todo o mundo conhecido do século 15, chega ao Paraíso.

O meu canivete

A humanidade se divide em duas categorias: a dos que dividem a humanidade em duas categorias e a dos que não dividem a humanidade em duas categorias. Os que dividem a humanidade em duas categorias a dividem de acordo com critérios variados: entre os que raspam a manteiga e os que tiram pedaços, entre os que abotoam a camisa de baixo para cima e os que abotoam de cima para baixo, etc. Eu divido a humanidade em duas categorias gerais, homens e mulheres, e, entre os homens, os que têm — ou tiveram, em algum momento da vida — um bom canivete, e os que não têm ou nunca tiveram um bom canivete.

É importantíssimo um bom canivete na vida de um homem. Sei, porque nunca tive um, e sempre senti isso como uma lacuna, no bolso e na vida. Um homem deve ter um bom canivete. Não precisa ser daqueles completos, que incluem até fio de aço para o caso de alpinismo de emergência. Apenas um bom e volumoso canivete que encha a sua mão e lhe dê a sensação de estar pronto para qualquer eventualidade, de abrir a lata de sardinha encontrada no meio do deserto que pode salvar a sua vida a limpar a unha suja. E eu nunca tive um bom canivete.

E um dia, ganhei um. Está bem, não era, assim, um canivete para levar para o mato ou intimidar desafetos. Na verdade, ganhei de brinde, junto com nem me lembro mais o quê. Um canivetinho para pendurar no chaveiro. Mas eu finalmente carregava várias lâminas no bolso — ou, vá lá, no bolsinho dos trocados — para as minhas necessidades básicas de homem.

O abridor não servia para deslocar nenhum tamanho conhecido de tampa de garrafa, esqueça a lata de sardinha no deserto. Não importa. Eu tinha um quase canivete e era um homem mais completo. Experimentava a mesma sensação de autonomia pessoal e disponibilidade para a aventura que acompanhava o homem primitivo ao se afastar da horda, armado com o mínimo do que precisava, além da astúcia, para sobreviver sozinho. Era de novo um catador/caçador como meu antepassado mais remoto. E se o maior desafio para o meu solitário antepassado e seu pré-canivete na savana era o tigre com dentes de sabre enquanto o meu era abrir o celofane de CDs, isso não diminuía a minha identificação com ele e com sua arma simples. Estávamos ambos prontos para tudo. Só mudara o tudo.

Pois com o tempo modificam-se as necessidades básicas de um homem. O inventor do canivete nunca imaginou que um modelo moderno do seu instrumento incluiria um cortador de pêlos do nariz. É que é grande a nossa distância das savanas.

Aeroporto de Cingapura, há algumas semanas. Não me pergunte quantas, de tanto mudar de fuso horário já não tenho bem idéia nem do ano. Estamos no meio do caminho entre Londres e Sydney. Temos tempo para perambular pelo aeroporto, examinar as vitrines com os produtos típicos do lugar — roupas da Gap, cosméticos da Lacombe, etc. — e esticar as pernas. Para voltar para o avião temos de passar por aparelhos de detenção outra vez. Só que os aparelhos de detenção de Cingapura detectam mais do que os outros. O

portal que denuncia metal na gente faz piii quando eu passo. É a primeira vez que eu faço piii na viagem. O guarda me pede para abrir os braços e me investiga mais de perto com seu bastão eletrônico. Ouve-se um piii mais estridente. Mostro a caixinha de remédio que carrego no bolsinho. É de metal, e a óbvia culpada da minha estridência. Faço cara de doente para o guarda, e de um doente que não agüentará muitas passadas mais de bastão eletrônico e pode morrer em suas mãos. Mas ele continua a inspecção.

Retirada a caixinha, continuo a apitar. É o meu canivete. Relutantemente, retiro-o do bolsinho e mostro para o guarda. Olha que coisa mais pequeninha e inofensiva. Ele pega o canivete e dá para outro guarda, junto com o meu cartão de embarque. O outro guarda toma nota do meu nome. Boa, penso. Vão me devolver o canivetinho na chegada. Nada disso. "Confiscated" diz o segundo guarda. Sou, de novo, um homem sem canivete.

No avião fiquei pensando: está certo. Os aviões de 11/9 foram seqüestrados com cortadores de papel. Qualquer arma é arma, todas as precauções se justificam. Nas refeições que servem a bordo as facas agora são de plástico.

É verdade que na maioria dos casos bastaria ameaçar a tripulação com a ingestão forçada da comida que servem para dominá-la. Mas têm razão em não deixar nada minimamente cortante ao alcance dos passageiros. Há cartazes anunciando a proibição em todos os aeroportos, eu apenas não imaginei que meu canivetinho pudesse ser enquadrado nas ameaças à segurança. Agora imagino a cena.

— Isto é um seqüestro. Sou da Al Dente, uma facção que luta contra o espaguete mole em todo o mundo, e estou disposto a tudo pela causa. Leve-me à cabine de comando ou eu a cortarei com este canivete.

— Que canivete?

— Como, que canivete? Este que tenho na minha mão.

— Isso é um canivete?

— Você deve estar brincando. É um canivete, sim, e tem 17 funções diferentes, além de cortar aeromoças difíceis. Você deveria ver o que ele faz com plásticos de CDs. Agora chega de conversa e me leve à cabine de comando.

— Cavalheiro, por favor. Deixe de brincadeira e sente-se.

— Você não me ouviu? Leve-me à cabine de comando ou eu... Epa.

— Que foi?

— Deixei cair o canivete. Ninguém se mova! Alguém pode pisar nele sem ver.

— Está bem, está bem. Agora sente-se, por favor. Vamos começar a servir a comida.

— Represália, não!

Pensando bem, fiquei com um certo orgulho do meu canivetinho. Sempre poderei dizer que um tive um canivete que, se não servia para abrir garrafas, foi considerado capaz de seqüestrar um Boeing. E confiscado. Só não entendi bem por que tomaram nota do meu nome em Cingapura. A esta altura devo estar em algum relatório difundido entre todas as companhias de aviação do mundo.

"Atenção: tentou entrar com arma dissimulada em avião. Potencialmente perigoso. Mantenham-no sob controle e diminuam a sua porção de Coca Diet".

O mulherão

Mulherão. O Lineu já nem reagia mais quando chamavam a sua nova mulher assim. Às vezes até ajudava.

— Lineu, essa sua mulher é...

- Eu sei. Um mulherão.
- Não, eu ia só dizer que ela é muito...
- Pode dizer. Mulherão. É o que todos dizem.

E o mulherão... Desculpe, a nova mulher do Lineu, era realmente muito bonita. Grande e bonita. Tão grande e tão bonita que logo se instalou o debate: ela não seria grande e bonita demais para o Lineu? Não era uma questão de duvidar da capacidade do Lineu de, assim, administrar tudo aquilo. Nem se discutia o direito do Lineu, apesar do seu tipo franzino, de ter uma mulher daquelas dimensões. A questão, no fundo, era de justiça. A Valda — o nome dela era Valda, como as pastilhas, mas a semelhança terminava aí — era mulher demais para um homem só, fosse quem fosse o homem ou que físico tivesse. Monopolizando uma mulher como aquela o Lineu a estava, por assim dizer, sonegando. Alguma coisa — por justiça — tinha que sobrar para os outros. Aquilo era até uma metáfora perfeita para concentração de renda no País, não havia como não se revoltar. Onde estava a solidariedade?

Restava saber como a mulher do Lineu reagiria a uma proposta distributivista.

Fez-se uma rápida enquete no grupo, no fim da qual foi escolhido o Romualdo para testar a receptividade da Valda. Romualdo, o Mualdão, era simpático e bem falante, além de ser casado com a Titina, que já estava acostumada com a sua fama de conquistador, e até fazia pouco dele, dizendo "Esse galo é só de cocoricó", ao que o Mualdão respondia "Vou te mostrar o cocoricó em casa", e todos riam. Todos no grupo eram casados. O último a casar fora o Lineu.

E é preciso dizer que os homens do grupo respeitavam as mulheres do grupo.

Ou, como dizia o Mualdão: "Mulher de amigo, pra mim, é homem feio." Mas também é preciso dizer que nenhuma das mulheres do grupo era um mulherão como a Valda.

Sem as mulheres saberem, é claro, o Romualdo foi escalado para uma missão de reconhecimento. Sua tarefa era descobrir, com jeito, se a Valda era, ao menos, cantável. Uma vez estabelecido isso, pensariam nos passos seguintes.

Era necessário avançar com cuidado. Ninguém queria magoar o Lineu, logo o Lineu. Mas quem mandara ele casar com um monumento?

O Mualdão pediu algumas semanas para estudar o terreno e fazer sua aproximação. Contou depois que agira cientificamente, cuidando para não espantar a presa nem alertar o Lineu, e que finalmente conseguira ter com a Valda o que chamou de uma conversa franca, os dois sozinhos num bar, cartas na mesa, corações abertos, pessoas adultas e modernas, sim ou não?

— E então? — quis saber o Mariano, quase babando.

Os outros apertaram o círculo em torno do Mualdão. Estavam reunidos como num conselho de guerra. E então? Mualdão sacudiu a cabeça. Nada feito. Valda lhe confessara que era uma mulher com um apetite sexual equivalente ao seu tamanho, e que já tivera alguma experiência na vida, mas nada comparável ao que encontrara com o Lineu. O Lineu a satisfazia plenamente. O Lineu era o homem da sua vida. O homem definitivo. Não podia nem pensar em outro. Nada pessoal, dissera a Valda. Simpatizava muito com todos. Mas tudo o que precisava, tinha com o Lineu.

O grupo se dispersou, arrasado.

Naquela noite, quando o Mualdão chegou em casa foi recebido pela Titina com o pé batendo no parquet, sempre um mau sinal. Tinha sido visto no bar com a Valda. O que tinha a dizer? E Mualdão foi obrigado a contar tudo. Sua missão de testar a Valda. E o que a Valda dissera sobre o Lineu. Resultado: sem os homens saberem, as mulheres do grupo iniciaram um assédio organizado ao Lineu para descobrirem o que, nele, satisfaz tanto a Valda, um mulherão como a Valda. O Lineu não sabe mais o que fazer com os olhares e as

indiretas e os bilhetes que recebe. Na outra noite, num jantar com todo o grupo, sentiu até a mão da Titina por baixo da mesa, numa missão de reconhecimento.

O Murilinho

De tanto ouvir falar do Murilinho — que era um gênio, que era um chato, que era um crânio, que era um bobo — a Angela não se conteve e, no dia em que foi apresentada a ele, exclamou:

— Então você é o Murilinho?

E ele, abrindo os braços:

— Alguém tem que ser.

* * *

O Murilinho tinha umas boas tiradas, mas também podia ser grosseiro. Na primeira vez em que convidou o Murilinho para ir na sua casa (contra os conselhos de muitos, que diziam que ela ia se arrepender), a Angela se arrependeu. Falava-se em idades e alguém perguntou ao dr. Feitosa, um velho amigo da família que raramente os visitava e estava lá com a sua senhora:

— Dr. Feitosa, quando é que o senhor faz 69?

E o Murilinho, rapidamente, respondera por ele.

— Aos sábados!

E caíra na gargalhada, enquanto todos em volta congelavam.

Depois que os convidados foram embora, o pai da Angela pediu:

— Por favor, minha filha. Não traga mais esse moço aqui.

— Pode deixar, papai.

Angela tinha decidido não só nunca mais convidar o Murilinho para a sua casa como jamais vê-lo de novo.

* * *

Semanas depois, tomando um chope com o Murilinho, Angela levou um susto quando ele se levantou de repente, derrubando a cadeira, e gritou:

— Quer parar com isso?

Angela, aterrorizada:

— Mas eu não...

— Você não tem vergonha não?

— Eu, eu...

E então ele olhou em volta, como se recém tivesse dado conta de que havia outras pessoas no bar, e explicou:

— Não é o que vocês estão pensando, pessoal. Ela estava alisando a minha carteira.

Angela precisou se controlar para não atirar um copo na cabeça do Murilinho.

Pediu que ele a levasse para casa imediatamente. Nem deu boa noite. Cortara, definitivamente, o Murilinho da sua vida.

Quando soube que a Angela e o Murilinho estavam namorando, a turma se dividiu em dois campos. O dos que achavam que o Murilinho era brilhante, divertidíssimo, uma figura, e por isso mesmo a Angela não o agüentaria por muito tempo, e o dos que achavam que o Murilinho era instável, complicadíssimo, um louco, e por isso a Angela não o

agüentaria por muito tempo. Mas a própria Angela garantiu que as duas facções estavam erradas. O Murilinho mudara muito. Desde que começara o namoro era um homem normal. Pacato. Até o pai da Angela concordara em recebê-lo outra vez em casa.

— Vocês vão ver. O Murilinho é outro.

Naquele exato momento apareceu o Murilinho — vestido de mulher. Vestindo um tailleurzinho jeitoso, salto alto e um chapéu de aba larga. Quando recuperou a respiração, a Angela gritou:

— Murilinho, o que é isso?!

— Eu sei. É o chapéu. Não se usa mais, não é?

A Angela saiu correndo, aos prantos. Pronto. Acabara. O Murilinho, nunca mais.

* * *

Foi o próprio Murilinho quem insistiu numa festa de noivado. Não adiantou a Angela dizer que ninguém mais casava, quanto mais noivava. O Murilinho queria tudo bem tradicional. Uma festa na casa da Angela, com toda a família dela reunida, e os amigos da família, e toda a turma. Que cansara de avisar à Angela que ela iria se arrepender e foi à festa só para ver o que o Murilinho aprontaria desta vez. Mas o Murilinho estava sério. Com uma gravata sóbria, e não a que todos conheciam, que tinha uma mulher nua com penugem de verdade no púbis, usada em ocasiões formais. Passou todo o tempo conversando gravemente com o pai da Angela e com os mais velhos, inclusive o dr. Feitosa, já recuperado, só interrompendo a conversa para assoprar beijos carinhosos na direção da noiva. Quando pediu para fazer um discurso, Murilinho declarou que, apesar do que alguns poderiam pensar dele, era um homem à antiga, um homem convencional. Gostava dos velhos costumes e dos velhos valores, hoje tão esquecidos. Era tão antigo, disse, olhando para o pai da Angela, que queria confessar uma coisa. Ele e Angela ainda não tinham feito sexo. Dava para acreditar?

Ouviram-se alguns risos nervosos mas o pai da Angela continuou a sorrir. Estava gostando da sinceridade do quase genro. E gostara da sua confiança. E então o Murilinho procurou Angela com um olhar inquisidor e disse:

— A não ser que aquele negócio com o desentupidor de pia e o gato seja sexo...

Grande confusão. O pai da Angela tentou avançar no Murilinho e foi contido mas a Angela conseguiu acertá-lo com uma cadeira. A senhora do dr. Feitosa teve que ser carregada para casa. O noivado foi desfeito e o casamento cancelado. E o Murilinho ameaçado de tudo se aparecesse outra vez na frente da Angela.

* * *

No casamento, a família não foi. Foi a turma, antecipando que alguma o Murilinho faria. Sairia dançando com o padre, alguma coisa assim. Mas, fora fingir que queria arrancar as roupas da Angela ali mesmo no altar, depois da cerimônia, o Murilinho se comportou bem. Correu para pegar o buquê da noiva, mas tudo bem. E você acredita que vivem felizes até hoje? Bom. "Felizes" talvez não seja a palavra exata. "Feliz" nunca é a palavra exata. Mas continuam juntos. Como? A Angela não ajuda. Quando perguntam para ela como é ser a mulher do Murilinho, ela dá de ombros e responde:

— Alguém tem que ser.

Alguns da família dizem que tudo começou quando o Nono se debruçou para ver de perto o Nino, recém-nascido e pelado em cima de uma cama, e o Nino fez xixi na sua lapela. Na lapela! O xixi do Nino descreveu um arco e acertou a lapela da fatiota que o Nono vestira especialmente para visitar a filha caçula e conhecer o décimo neto. Na ocasião o Nono teria exclamado "Mascalzone!" e dado uma risada, mas todos tinham notado que a risada era forçada. A coisa começara ali.

Outros da família dizem que isto é bobagem. Que o Nono esqueceu o xixi na lapela e sempre tratou o Nino como tratava os outros netos: um pouco distante, mas com carinho. Inclusive ria muito das macaquices do Nino, que era o neto mais novo e, longe, o mais agitado de todos. Segundo esta facção, tudo começou no tal almoço da comparação. O fatídico almoço da comparação.

* * *

O Nono era um avô italiano clássico. Nada lhe dava mais prazer do que reunir "la famiglia" em casa para os almoços de domingo. E o Nono dominava a mesa, aos domingos. Dava ordens, dirigia a conversa, fazia perguntas sobre a vida de todos e não ouvia as respostas, propunha brindes, mandava servir vinho para as crianças — si, si, vino, Coca Cola fura o estômago — e sempre terminava os almoços puxando uma canção italiana, que todos tinham que cantar, sob pena de receberem um pedaço de pão na cabeça. Depois da sobremesa e antes do café, todos tinham que cantar junto com o Nono.

* * *

No tal almoço fatídico, Giovanna — a neta que vivia bajulando o Nono, a única que ele deixava brincar com a sua papada — quis saber o que era "pasta asciutta". Ela sabia o que era "pasta asciutta", mas também sabia que o Nono gostava quando lhe faziam consultas daquele tipo, e não perdia oportunidade de agradar ao Nono. O assunto preferido do Nono era qualquer coisa que tivesse a ver com a Itália, e principalmente com comida italiana. Tanto que ele só começou a falar depois que a Giovanna, aos gritos, conseguiu silenciar o resto da mesa. Inclusive o Nino, que improvisara um jogo de futebol com uma ervilha desgarrada e narrava o jogo com grande entusiasmo. O Nino estava, então, com 10 anos.

* * *

— Sssshhh, o Nono vai falar. O Nono vai falar!
O Nono esperou até ter a atenção de todos, e começou.
— É cosi, bela. Existe "pasta asciutta" e "pasta in brodo". "Pasta asciutta" é a pasta como nós comemos hoje. "Pasta in brodo" é quando a pasta vem num caldo.
Capisci? A pasta pode ser "asciutta", seca, ou "in brodo", molhada.
— Como meleca — disse o Nino.
Por um instante o silêncio pairou sobre a mesa como uma locomotiva escolhendo o lugar para cair. Então o Nono falou.
— Quê?
— Como meleca. Do nariz. Meleca também pode ser molhada ou seca.
O Nono olhou para a mãe do Nino. Sua filha, sua filha caçula. Ela era a responsável por aquilo. Ela gerara aquele monstro e aquela comparação sacrílega.
— Liga não, papai... — disse a filha.
— Ele é um humorista — tentou justificar o pai do monstro.

— Mas é verdade! — insistiu Nino.

— A meleca dura é mais fácil de...

— Chega! — gritou sua mãe.

Naquele domingo o almoço não terminou em canção. O Nono saiu da mesa antes do cafezinho. A Giovanna foi atrás para consolá-lo. Na mesa, Nino recebeu um peteleco em cada lado da cabeça. Mãe e pai, numa operação conjunta.

* * *

Daquele almoço fatídico em diante, nos anos que se seguiram, o Nono sempre se referiu ao Nino como "O Humorista".

— O Humorista não quer mais polenta?

— Vejo que O Humorista está com cabeleira de veado.

— O Humorista não vem hoje? Está estudando para o vestibular? De quê?

Humorismo?

— O Humorista nunca mais veio aqui. Eu não me importo. A Nona dele, si, símporta. Ma io...

Tentavam apelar o velho.

— No domingo que vem ele vem, papai.

— Por mim...

* * *

E houve outro domingo fatídico. O domingo em que o Nino anunciou ao Nono, na mesa do almoço, que usara a cozinha italiana como exemplo na sua tese de formatura.

— Exemplo de quê? — perguntou o Nono, desconfiado.

— Do imanente e do aparente como categorias filosóficas.

— Quê?!

O pai e mãe do Nino tentaram detê-lo com sinais, sem sucesso. Nino continuou.

— Na cozinha italiana, o imanente é a massa, que é sempre igual. O aparente é a forma que toma a massa, fettuccine, capelete, tortellini, orecchiette, farfalli, que dá uma ilusão de variedade, assim como a individualidade humana parece negar a essência imanente única do ser enquanto...

— Illusione? Illusione?

O Nono já estava de pé.

— É, Nono. A cozinha italiana é uma falcatrua. A massa é sempre a mesma, feita da mesma maneira. Só o que muda é...

— A comida italiana é a mais variada do mundo!

— Não é, Nono. A forma da massa não altera o sabor. A variedade é ilusória, como...

— Saia desta mesa. Agora! E não volte nunca mais.

— Mas Nono...

— Agora!

E quando o Nino se retirava, o Nono gritou:

— Mijon! Mijon!

Dando razão à facção que sustentava que, na sua alma calabresa, o Nono nunca perdoara o xixi na lapela.

O pé da Ana Luiza

Estavam jantando e o Marcelo sentiu alguma coisa acariciar a sua perna. Lentamente, do calcanhar até a batata. Ou a "batata" é tudo, do calcanhar até o vão atrás do joelho? Não importa. Alguma coisa acariciou a perna de Marcelo por trás. Lentamente.

Se lhe pedissem uma definição rápida e lógica para o que tinha acabado de acontecer, Marcelo diria: foi o pé da Ana Luiza. Só podia ser. Ana Luiza estava sentada do seu lado esquerdo (o lado da perna acariciada). Só ela podia alcançar a sua perna com seu pé sem se esticar. E Marcelo não tinha dúvida. Sua perna esquerda fora acariciada, lentamente, por um pé. Isso era definitivo: um pé. De quem? Se tivesse que responder ali, na batata (falando em batatas), Marcelo diria: o da Ana Luiza. Ele (o pé) entrara por baixo da sua calça, subira até a dobra da perna, depois descera. Lentamente. Para fazer isso a Julinha, sentada à sua frente, teria de estender a perna a ponto de quase desaparecer debaixo da mesa, causando espanto e consternação. E, mesmo, a Julinha era sua mulher. Por que ela faria aquilo? Também não podia ser o pé do Alemão. Ora, o Alemão. Fora a Ana Luiza. Se lhe perguntassem ali, naquele instante, ele não hesitaria. O pé da Ana Luiza. Nenhuma dúvida.

Mas, se não fosse? Podia ter sido, sei lá, o gato. O rabo do gato. Difícil confundir um rabo de gato com um pé subindo por baixo da sua calça, mas a alternativa era aceitar que a Ana Luiza, logo a Ana Luiza, estava acariciando a sua perna. O gato era preferível, o gato seria um alívio. A Ana Luiza acariciando a sua perna, depois de todos aqueles anos, inauguraria tanta coisa diferente e surpreendente na vida deles todos, dele, da Julinha, do Alemão, marido da Ana Luiza, seu companheiro no tênis, que precisava ser o gato. O gato, rezou Marcelo, em silêncio. Por favor, o gato. Não o pé da Ana Luiza. Não o pé da mulher do Alemão, seu melhor amigo, seu companheiro no tênis. Qualquer coisa menos o pé da Ana Luiza. Um fantasma e não o pé da Ana Luiza!

Marcelo olhou para Ana Luiza. Ela estava falando com a Julinha. Perfil para ele. Ela não é feia, pensou Marcelo. Um pouco menos de papada e é até papável. Mas o que é que eu estou pensando? A mulher do Alemão! Nunca notara os seus seios. Mesmo na praia, nunca notara os seios altos e cheios da mulher do Alemão. Altos, cheios e juntos, como ele gostava. Cinco para uma em vez de quinze para as três, como os da Julinha. Tentou se lembrar das pernas da Ana Luiza. Eram curtas, tinha quase certeza que eram curtas. Ela não conseguiria alcançar sua perna com o pé. Não sem se esticar por baixo da mesa e causar espanto e consternação. Fora o gato. Estava resolvido. Fora o gato.

Mas examinemos a alternativa, pensou Marcelo. Ana Luiza acariciou minha perna com o seu pé. Não foi, eliminemos a hipocrisia, um gesto amigável. Gestos amigáveis são feitos com as mãos e por cima da mesa. Gestos amigáveis são os beijos que nos damos, eu e ela, a Julinha e o Alemão. Não há notícia de um gesto apenas amigável feito com o pé por baixo da mesa. Pé acariciando perna por baixo da mesa só quer dizer uma coisa. O que, exatamente?

A Ana Luiza está a fim. De uma hora para outra, depois de o quê? Doze, 15 anos de amizade. A Ana Luiza, que parecia me dar tanta atenção quanto eu dava aos seus seios altos e cheios, enfiou o pé por baixo da minha calça. Daqui a pouco ela me olhará e seus olhos completarão o que o pé começou a dizer. Que ela está a fim. Que, depois de todos estes anos, ela quer trocar a amizade por outra coisa, um caso, uma paixão. Que precisamos nos encontrar, longe do Alemão e da Julinha. Que nossas vidas mudarão por completo. Que, adeus, parceria no tênis. Que adeus temporadas na praia, quando as crianças se entendiam tão bem. Que adeus jantares alternados na casa de um e do outro casal, quando o Alemão

cozinhava. Nunca mais as excursões de fim de semana. Nunca mais as noitadas de buraco e risadas. Meu Deus, nunca mais os churrascos do Alemão! A costela marinada do Alemão! O gato. Tinha de ser o gato.

Ela está se virando para mim. Agora. Tem de ser agora.

— Falando nisso, que fim levou o Clodovil?

Clodovil era o nome do gato.

— Ficou maluco, Marcelo? — disse Julinha. — Ninguém estava falando em gato.

— É que eu não vi o Clodovil...

— Ele está no veterinário. Andava nervoso demais.

Pronto, pensou Marcelo. Resolvido. Não foi o gato. Foi o pé da Ana Luiza. E agora?

— As crianças deixam ele nervoso — disse o Alemão.

— Ele precisa ser castrado — disse Ana Luiza.

E agora? Não havia mais dúvida. A Ana Luiza estava olhando para Marcelo. A Ana Luiza ia falar. A Ana Luiza disse:

— Mais?

— Hein?

— Mais carne?

— Ah, quero. Você desta vez se superou, hein, Alemão? Esta costela está se desmanchando.

Eu posso simplesmente ignorar o pé da Ana Luiza, pensou Marcelo. Não acusar, fingir que não houve nada. O que pode acontecer? Ela desiste. Ou ela insiste, e eu insisto que não é comigo. Ela compreenderá que eu não quero, que eu não estou a fim. Que nossa amizade é mais valiosa do que o quê? Do que encontros furtivos, minha cabeça enterrada entre seus seios altos e cheios, suas pernas (como são suas pernas?) em volta da minha cintura, o que será que eu estou perdendo? Quem sabe... Quem sabe eu topo e nada muda? Ninguém fica sabendo que nós somos amantes, a amizade continua, os fins de semana, os jantares, tudo? Não. Eu não conseguiria enfrentar o Alemão. Meu jogo de tênis seria prejudicado, a culpa fatalmente afetaria o meu saque e o meu jogo de rede. Ele desconfiaria. A Julinha descobriria, as crianças... Não. Definitivamente, não.

Marcelo sentiu o pé da Ana Luiza acariciando sua perna outra vez. Chutou o pé na Ana Luiza.

— Alemão, Alemão — disse Marcelo. — Esta sua costela...

O presente

Não há o que os pais da Alicinha não façam por ela. No Natal passado, por exemplo, ela ganhou um carro. E neste Natal ganhou um homem. Ganhou outros presentes, claro, mas o homem empacotado era o que mais se sobressaía, embaixo da árvore. Pelo formato já dava para ver o que era mas mesmo assim, enquanto desfazia o embrulho, Alicinha não parava de dizer "Ai, meu Deus, o que será?". E os pais sorriam, contentes.

— É uma coisa que você sempre quis — disse o pai.

— Uma coisa que você vivia pedindo — disse a mãe.

Quando o homem apareceu, de terno e gravata, Alicinha deu um grito:

— Um homem!

— Um homem só, não — disse o pai. — Um executivo.

— Bem como você queria — disse a mãe.

— Ele tem cartão de crédito internacional?

— Claro que tem — disse o pai. — Vários. E olhe só...
O pai tirou uma carteira do bolso de trás do homem e mostrou seu conteúdo.
Ele era sócio de diversos dos melhores clubes da cidade. Também tinha cartões de estacionamentos, cortesia para cinemas, etc. Além de uma boa quantia em dinheiro, inclusive reais.

— Oh, papai! — exclamou Alicinha, abraçando o pai. — Era tudo que eu queria!
Obrigada!

— Aqui está o manual — disse o pai, retirando um folheto do bolso do casaco do homem. — O nome dele é, deixa ver...
— Marcelo — disse o homem, sorrindo.
Alicinha tapou a boca para não gritar outra vez de prazer.
— Que voz! — disse. E depois: — Que dentes!
O pai estava lendo o manual.
— Marcelo tem trinta e seis anos. Pratica tênis e natação. Não bebe mas não recusa um chopinho de vez em quando. Gosta de Marisa Monte, Kid Abelha...
— "Kid Abelha"?! — interrompeu Alicinha, fazendo uma careta.
Marcelo mostrou os dentes de novo.
— Não sou fanático — disse.
— Ele não é fanático, minha filha — disse o pai. E continuou a leitura. — Tem um pouco de rinite alérgica, gosta de jogar cartas e... Alicinha, você não está prestando atenção.
Alicinha estava abrindo outro pacote.
— Estou sim, papai. Só estou abrindo este outro... Ai, eu não acredito!
Mãe, você me comprou aquela blusa!
O pai insistiu:
— Olha aqui, minha filha. O Marcelo já vem com relógio de pulso, daqueles grandões. Caneta, lapiseira, chaveiro, agenda eletrônica, celular...
Mas Alicinha estava mais interessada na blusa.
— Vai ficar ótima em mim.
Pai e mãe se entreolharam. Era sempre assim. O presente mais caro era o que Alicinha menos ligava. Desde pequena. Desde a vez em que ganhara uma boneca maravilhosa que caminhava e falava mas se interessara mais pela embalagem da boneca. Saíra a brincar com a caixa de papelão, deixando a boneca maravilhosa atirada. Fizera a mesma coisa com a bicicleta, com o computador... Agora saíra atrás de um espelho, para ver como ficava a blusa.
Marcelo continuava sorrindo. Perguntou:
— O que que eu faço?
A mãe suspirou. Disse:
— Acho que vamos botar você na garagem, junto com o carro. Que ela também nunca usa.

A aposta

Ela era fantástica. O homem que aproximou-se dela teria toda a razão de prostrar-se à sua frente, com a cara no chão. Isso: não era uma mulher, era um altar barroco. Mas o homem ficou de pé. E disse:
— Não leve a mal...

- O quê? — disse ela, lá de cima.
- É que eu e meu amigo, ali, fizemos uma aposta...
- Que aposta?
- Que você me daria um beijo na boca. Um longo e apaixonado beijo na boca.
- O quê?!
- Espere, por favor. A aposta é de um milhão de reais.
- Um milhão?!
- Se você me ajudar a ganhar a aposta, metade do dinheiro é seu.
- Metade de um milhão para mim?
- É.

Ela pensou durante alguns segundos. Depois ergueu-se do banquinho do bar, abraçou o homem e lhe deu um longo e apaixonado beijo na boca. Ao fim do qual o homem sacudiu a cabeça e disse, desolado:

- Perdi.
- Como, perdeu?
- Eu apostei que você não daria.

A volta Da série Poesia numa Hora Dessas?!

... e depois dos anos de refrega e dos riscos de quem navega a entrega a suave mão que esfrega o colo que aconchega e a voz que diz: "Ulisses, agora vê se sossega."

O primeiro homem

Fizeram a aposta.

- O primeiro homem que entrar por aquela porta.

Mas a Helena pensou melhor e pediu:

- Péra um, pouquinho. Péra um pouquinho.

O primeiro homem, certo, mas com algumas condições. Não podia ser deficiente físico. Não podia ser conhecido delas. E não podia ser, assim, muito estranho.

- Define "estranho" — pediu a Laura.

- Estranho. Muito doido. Cabelão, argola no nariz, coisas assim.

Naquele exato momento entrou no bar um com o cabelo espigado pintado de roxo e a Helena completou:

- Como aquele ali, por exemplo.

— E como é que você sabe que aquele ali não é um executivo excêntrico? Pode ser o melhor partido da cidade, disfarçado.

- Faça-me o favor, Laurinha.

- Está bom, cabelo roxo e argola, não.

- Sujo também não.

— Como a gente vai saber se ele é sujo ou não, daqui? Desta distância não se vê unha.

- Ah, é? Eu reconheço homem sujo de longe. Quem vê cara, vê cueca.

- Está bom. Sujo não. Que mais?

Helena fez um gesto, querendo dizer que aquelas eram as suas únicas exigências. O primeiro homem que entrasse pela porta do bar e não pertencesse a nenhuma das categorias citadas, ela...

- Olha lá — disse Laura.

O homem que entrara no bar era maduro, bem-vestido, razoavelmente bonito, e parara logo após passar pela porta, como que dando tempo a Helena para examiná-lo bem.

— Laurinha do céu — disse Helena — é ele. É ele!
— Então ataca.
— Eu vou casar com esse homem, Laura!
— Então vai.
— Já me sinto grávida. Eu já estou grávida desse homem, Laura!
— Então...

O homem abanou para uma mulher que o esperava numa mesa de fundo e dirigiu-se para lá. O homem e a mulher se beijaram.

— Não era ele... — disse Helena.
— Espera aí. Nós não dissemos nada sobre o homem ser casado ou comprometido.

Outra mulher não é empecilho. Ataca.

— Não com a outra de corpo presente, não é, Laura?

— Iiih... Não foi isso que nós combinamos...

— Olha o que entrou agora.

Laura olhou. Um moço de óculos. Cabelo comprido atrás.

— Você não disse que cabelão, não?

— Há cabelões e cabelões, minha querida. Esse é cabelão lavado, talvez escovado.

Sinal de comportamento anticonvencional, mas moderado. E na moda.

Nenhuma argola à vista. Talvez seja um intelectual, mas isso tem cura. É esse.

— Então vai lá.

— Não. Ele vem aqui.

E Helena pôs-se de pé e abanou freneticamente para o moço, que depois de se certificar que os abanos eram para ele mesmo, aproximou-se da mesa, com uma expressão de dúvida no rosto e disse:

— Perdau, no estoy reconocendo...

Depois de Helena despachar o moço, dizendo que se enganara e ele não era quem ela estava pensando, as duas ficaram discutindo. Também não tinham combinado nada sobre nacionalidades, mas a Helena argumentou que deveria estar subentendido que argentino, não.

— Faça-me o favor, não é, Laurinha?

Depois entraram dois homens, mas de mãos dadas, depois um que elas já conheciam, depois um que a Helena garantiu que não trocava as meias há uma semana, finalmente um que a Helena disse "É esse". E atacou. A aposta era que em pouco tempo ela estaria casada com o primeiro homem que entrasse pela porta do bar. Fosse ele quem fosse, dentro de certos parâmetros. E Helena ganhou a aposta. Casou-se com Henrique (Riquinho), um bom homem, apesar da sua careca e de alguns hábitos que Helena só conheceria quando já estavam casados, os mesmos hábitos que tinham provocado a briga feia dele com a namorada em frente ao bar, e a declaração da namorada de que nenhuma mulher com miolos casaria com um homem como ele, e a resposta dele: Ah, é? Ah é?

Pois ela ia ver. Entraria naquele bar e casaria com a primeira mulher que lhe desse bola.

O que o papagaio cantava

O homem da cicatriz e o anão chinês não pediram nada. Foram direto ao assunto. O homem da cicatriz pegou o barman pela frente da camisa e o puxou até os dois ficarem nariz

a nariz. O barman gritou de dor porque o homem da cicatriz tinha esquecido de tirar o charuto aceso da boca.

— Você é McDuff? — perguntou o homem da cicatriz.

— Quem quer saber? — perguntou o barman.

— Eu, moderadamente, mas ele muito mais — disse o homem da cicatriz, apontando com o polegar para o anão chinês, que tinha tirado uma pistola quase maior do que ele de dentro do casaco e agora a apontava para a orelha do barman.

— Fale — disse o anão chinês. — Desta distância, mesmo se eu errar o tiro, você ficará surdo com o estampido. Você é McDuff ou não é?

— Sou.

— Você morou no mesmo prédio de Graminsky, na Antuérpia?

— Graminsky?

— Um homem enorme. Seis, sete vezes o meu tamanho. Cabelo vermelho, barba verde. Uma perna mecânica e um olho de vidro com uma paisagzinha de inverno dentro. Pintava as unhas.

— Como se escreve "Graminsky"?

O anão chinês introduziu a ponta do cano da pistola no ouvido do barman.

— Agora você não precisa se preocupar — disse o anão chinês. — Estará morto antes de ouvir o estampido.

— Está bem! — disse McDuff. — Morei, sim, no mesmo prédio de Graminsky. Ele e seu maldito papagaio.

O homem da cicatriz e o anão chinês se entreolharam.

— Você se lembra do papagaio? — perguntou o homem da cicatriz.

— Como poderia esquecer? Eu passava o dia inteiro gritando para ele calar a boca. Porque ele passava o dia inteiro dizendo a mesma coisa.

— O quê?

— O que o quê?

— O papagaio! Passava o dia inteiro dizendo o quê?

— Sei lá. Era uma canção. Um poema. "Seis odaliscas em um colchão, sete ministros só de calção..." Não, era "Quatro odaliscas só de calção, seis ministros em..." Espera um pouquinho. Eram sete odaliscas, seis ministros...

Não consigo me lembrar.

— Tente — pediu o anão japonês, tirando outro revólver de cano longo de dentro do casaco e apontando-o para a testa de McDuff — ou em dois segundos os seus miolos é que estarão fritando naquela grelha.

O homem da cicatriz fez uma careta. Ainda não tinha almoçado.

— Não consigo! — disse McDuff. — Faz muito tempo. O prédio já foi demolido.

Nem sei se a Antuérpia ainda continua lá.

— Tente! — ordenou o anão chinês.

— Deixa ver... Seis odaliscas num colchão, quatro ministros de calção, dois cabritos do Dão, cinco bispos de São João... Não. Cinco odaliscas num colchão, dois bispos do Dão, sete cabritos de São João, dois ministros...

Não, não, não. Não consigo me lembrar!

O homem da cicatriz bateu com a mão espalmada no balcão e gritou:

— Maldição!

— Você era a nossa última esperança — disse o anão chinês para McDuff, sentido.

— Me dá um uísque — disse o homem da cicatriz — e um hambúrguer.

— Por que vocês queriam saber o que o papagaio dizia? — perguntou o barman servindo o uísque, aliviado porque as pistolas do anão chinês tinham voltado para dentro do seu casaco.

Foi o anão chinês quem respondeu.

— Porque as últimas palavras do maldito traidor Graminsky antes de morrer foram "o papagaio".

— Graminsky morreu?

— Está com quatro balas no corpo e embaixo da terra há seis meses. É uma dedução lógica — disse o homem da cicatriz.

— A única pista que tínhamos do número da senha para retirar do banco o dinheiro que Graminsky nos roubou eram as últimas palavras dele — prosseguiu o anão. — "O papagaio."

— Fomos até o apartamento dele — continuou o homem da cicatriz. — Lá estava o papagaio, na sua gaiola. O papagaio não parava de falar. Ou de cantar, ou o que fosse. Não prestamos atenção no que ele dizia. Procurávamos números.

Revistamos o papagaio. Revistamos a gaiola. Procuramos nos jornais no fundo da gaiola. Demolimos a gaiola. E a todas essas o papagaio cantando. Foi aí que esse imbecil teve a idéia.

O imbecil era o anão chinês. Que defendeu-se:

— Você também não agüentava mais a cantoria do papagaio!

— Esse imbecil decidiu que os números estavam dentro do papagaio. E matou o bicho.

Silêncio. Depois, já com o hambúrguer na sua frente, o homem da cicatriz continuou:

— Depois de nos darmos conta que a senha não estava na barriga do papagaio, estava na sua canção, passamos estes últimos seis meses procurando os vizinhos do Graminsky naquele prédio da Antuérpia. Todos os que tinham ouvido o papagaio cantar e podiam se lembrar das palavras da canção. E, principalmente, dos números. Encontramos todos. Dois tinham morrido, mas localizamos os outros nove. Dez, com você. E nenhum conseguiu se lembrar com exatidão o que o papagaio cantava. Nem com a ameaça de perderem os miolos, ou coisa pior.

— Espere! A gorda do terceiro andar. A cartomante. Ela estava sempre com o gravador ligado. Gravava tudo no prédio. Deve ter gravado o que o papagaio cantava!

O homem da cicatriz e o anão chinês sacudiram a cabeça com tristeza.

— Ela nos mostrou as gravações. Não se ouviu nada. Aliás, só se ouviu você gritando para o papagaio calar a boca.

O anão chinês estava tirando as duas pistolas de dentro do casaco outra vez.

— Tente mais um pouco, McDuff.

— Deixa ver. Sete odaliscas num colchão, dois cabritos de calção... Não. Quatro bispos do Dão, um ministro de São João... Não. Quatro odaliscas... Não consigo!

— Continue tentando, McDuff. Não temos nada para fazer nos próximos seis meses.

O que realmente aconteceu

Para encerrar de uma vez por todas o assunto, eis o que realmente aconteceu no domingo, 12 de julho, antes de o Brasil entrar em campo para decidir a Copa do Mundo. Todas as outras versões dos fatos são incorretas ou fantasiosas.

11 horas — Os jogadores acordam normalmente, como todos os dias. Dunga vai no quarto de cada um e o derruba da cama.

11h15 — Zagallo convoca uma reunião para tratar da estratégia que usarão contra a Noruega. Ninguém lhe dá atenção. Zico lembra a Zagallo que o jogo será contra a França.

11h30 — Café da manhã. Todos parecem descontraídos. Há a habitual guerra de coalhada, vencida por Roberto Carlos. Dunga pede voluntários para limpar uma clareira atrás da concentração de pedras e tocos de árvores, mas acaba indo sozinho. Ronaldinho recebe um telefonema da Adidas, dizendo que seqüestrou a Suzana Werner. Zagallo volta para a cama.

12 horas — Almoço. Todos estranham a mudança do pessoal da cozinha, e do menu. As suspeitas crescem quando um dos escargots servidos ao Ronaldinho tenta fugir do prato, mas cai, com evidentes sinais de envenenamento, antes de chegar muito longe. O escargot é atendido pelo dr. Lídio, que diagnostica estresse e autoriza a sua volta para o prato de Ronaldinho.

13 horas — Descanso. Os jogadores vão para os seus quartos, ignorando uma convocação do Zagallo para estudar teipes dos últimos jogos da Croácia, para não serem surpreendidos. Júnior Baiano pede um dos livros do Leonardo emprestado e pergunta se o Schopenhauer é com figurinha. Isto parece afetar estranhamente Ronaldinho, que tenta esgoelar Roberto Carlos. Ninguém intervém e alguns até o incentivam. Ronaldinho só pára com a chegada de Ricardo Teixeira com a notícia de que a Nike comprou a CBF, pretende redimensioná-la, investindo em outras áreas, e quer perder a Copa para sinalizar ao mercado que está abandonando o futebol.

14h23 — No quarto, Roberto Carlos raspa a cabeça de Ronaldinho e nota um pequeno dardo espetado na sua nuca. Ronaldinho diz que pensou que fosse uma mordida de mosquito e os dois não dão maior atenção ao fato.

15h17 — Roberto Carlos acorda da sesta e vê Ronaldinho caminhando no teto.

15h20 — Depois de tentar, inutilmente, puxar Ronaldinho para o chão, Roberto Carlos vai procurar ajuda. Encontra Dunga no corredor, fazendo embaixada com uma escrivanhinha. Os dois correm para o quarto e descobrem Ronaldinho de pé em cima da cama, coberto de pêlos, rosando e com o chapéu do Napoleão na cabeça. Começam a gritar. Chegam correndo César Sampaio, Cafu, Altair e Júnior Baiano, mas nenhum deles consegue impedir que Zidane seja o primeiro a entrar no quarto.

15h42 — Depois de examinar a situação, o dr. Lídio recomenda repouso e muito líquido e receita duas aspirinas e um calmante para Roberto Carlos.

16h05 — Em pânico, César Sampaio enfia o dedo na boca e tenta desenrolar a língua de Zé Carlos, até ser convencido de que ele fala assim mesmo. Zagallo acorda da sesta e, ao ser informado do ocorrido, pergunta: "Que Ronaldinho?"

18h52 — Ronaldinho é levado para um hospital francês, onde é substituído por um sósia.

20h30 — O sósia de Ronaldinho assegura à comissão técnica de que pode jogar. Intrigada com o fato de o jogador estar falando com um forte sotaque francês, a comissão ouve dos médicos a explicação de que aquilo é comum em casos como o do Ronaldinho, seja ele qual for.

20h50 — A seleção entra em campo com o sósia do Ronaldinho, que não joga nada. O Brasil perde o jogo e a Copa.

O ronco básico

Na medida em que lida com os apetites humanos e suas conseqüências, a economia poderia ser um ramo de gastroenterologia. Ela tenta entender e regular o metabolismo social e impedir o desarranjo e nem é preciso evocar a equação freudiana de dinheiro com excremento para defender a analogia. Os economistas determinaram que tipos de fome devem ser saciadas ou inibidas e, como os médicos, prescrevem suas receitas em linguagem cifrada. A economia e a gastroenterologia são as ciências das necessidades básicas e do seu manejo possível.

Existe um tipo de economista que pratica o que equivaleria a uma nova ciência: a gastroenterologia sem vísceras. Imagine-se gastroenterologistas que declarassem o sistema digestivo irrelevante e se dedicassem a gastroenterologia como puro exercício intelectual. Os movimentos peristálticos reduzidos a fórmulas matemáticas que independem do intestino, os sucos gástricos isolados da sua origem e função e discutidos como categorias filosóficas. A gastroenterologia sem gases, sem cheiro e sem gente.

Os economistas que vivem e teorizam num plano assim, inalcançável pela miséria humana, não são, necessariamente, desumanos. Diziam que Keynes salvara o capitalismo da sua própria selvageria porque era um homem sensível, um esteta e um comensal do grupo de Bloomsbury. Assim como Dante, na Divina Comédia, dispensara cicerones tradicionais como os arcanjos Rafael ou Gabriel e escolhera Virgílio como seu guia no além, a economia também precisava de alguém com outra sensibilidade, um poeta, para entender a si mesma.

No Brasil a economia vem sendo dirigida por pessoas (exemplos: Roberto Campos e Delfim Netto) que não fariam feio numa mesa com a Virginia Woolf, embora talvez se negassem a acompanhar Dante no inferno, por precaução.

Nenhum dos nossos últimos presidentes e comandantes econômicos foi um ogro.

Alguns chegaram perto da santidade, como o Funaro e o Ricupero, e todos eram pessoas sensíveis. O Ciro Gomes estava até aprendendo a tocar saxofone! Mas nossa política econômica continuou sendo de descaso pela emergência social.

Pelo ronco básico na barriga.

Com a eleição de um social-democrata que dizia todas as coisas certas imaginou-se que finalmente fosse transformado em política prioritária de governo o que antes era apenas caridade organizada, matéria para a primeira-dama, coisa de mulher. Mas só o que mudou é que melhorou a primeira-dama. O Malan é outro que nos representaria bem em qualquer salão inteligente e elegante do mundo, mas também é outro que se dedica à gastroenterologia teórica. Que reduz o sacrifício humano e equações e trata gente como números.

Pessoas e números representam coisas simetricamente opostas. Os números são, ao mesmo tempo, constantes e infinitos, exatos e abstratos — ou seja, tudo que um ser humano não é. Pode-se mesmo definir o humano como aquilo que resiste à matemática.

O totalitarismo tenta transformar as pessoas em números para melhor manejá-las. Os economistas transformam as pessoas em números para tentar entendê-las. Mas as pessoas resistem, e todos os projetos de engenharia social e ordenação econômica acabam num certo ressentimento com essa birra humana, esse egoísmo refratário. Os números são tão mais limpos e razoáveis que as pessoas e seus intestinos. Números não têm cheiro, nem opinião, nem apetite. Há um altruísmo básico nos números, sua única ambição individual é darem certo no fim. Ou seja, servirem seus mestres, resgatarem o grande plano, fecharem o grande balanço, acertarem as contas. Mas o inimigo não deixa.

O inimigo é essa coisa irreduzível, em todos os sentidos, que não quer sacrificar nenhum dos seus caprichos individuais — comer, viver, em alguns casos extremos até ser feliz — para que os números dêem certo. O problema das pessoas é que elas levam tudo

para o lado pessoal, e assim não dá. É impossível acertar as contas se as pessoas se recusam a ter o mesmo despreendimento dos números. E não se diga que os números são coisas neutras, sem paixão e sem vida. Os números têm sua majestade, têm seus mistérios, têm até sua metafísica (as taxas de juros). Só não têm fome e família. Por isso as pessoas e os números são incompatíveis.

E os números estão ganhando a briga. Pode-se definir este fim de século como o da redenção dos números: eles não têm mais nada a ver com as pessoas.

Estão livres da inconstância humana. O século que viu várias tentativas falidas de ordenar as pessoas como números finalmente desistiu da analogia.

São universos à parte, a convivência não podia dar certo, pior para as pessoas. Os números e seus mestres herdarão a Terra e reinarão no novo milênio. Partindo do zero.

O samurai da montanha

No Japão medieval uma casta de samurais desenvolveu uma técnica de combate chamada "shin pim-ba", ou "depois" (shin) "pimba!" (pim-ba), a arte do contragolpe. Ao enfrentar outro samurai, o mestre do "shin pim-ba" esperava que este fizesse o primeiro movimento, e o primeiro movimento determinava seu contragolpe, geralmente mortal. Os mestres do "shin pim-ba" eram invencíveis, tal a rapidez com que conseguiam que o segundo golpe chegasse antes do primeiro. Mas, quando dois mestres do "shin pim-ba" se enfrentavam, ninguém fazia o primeiro movimento. Os lutadores ficavam cara a cara durante horas, dias, às vezes semanas, sem mover um músculo. O menor movimento daria a vantagem ao adversário.

Com o tempo, desenvolveu-se uma arte paralela à arte do contragolpe, que era a arte do insulto. Um mestre do "shim pim-ba" provocava o outro com insultos, tentando forçá-lo a perder a cabeça e fazer o primeiro movimento. Como os dois eram treinados para agüentar tudo sem se mexer, desde referências a seus hábitos de higiene até especulações sobre a natureza do pai e a preferência sexual de mãe e irmãs, os insultos ficavam cada vez mais pesados e rebuscados. E, assim como haviam samurais famosos pela sua destreza com a espada, muitos ficaram famosos pela criatividade e contundência dos seus insultos, que faziam até veteranos do "shin pim-ba" tremerem com o esforço para se controlar.

Mas um dia apareceu um mestre do "shin pim-ba" chamado Ita-Marú, o Samurai da Montanha. Ele não insultava o adversário para provocar o primeiro movimento. Enquanto o adversário chamava-o de tudo, principalmente de chato, com irritação crescente, Ita-Marú limitava-se a dizer "Uai", a intervalos fixos. Só isso. "Uai", silêncio "uai", silêncio, etc. Sem mudar o tom da voz ou a expressão do rosto. O adversário raramente agüentava por mais de uma hora. Perdia o controle, dava o primeiro golpe... e Ita-Marú, pimba. Acertava o segundo primeiro e ganhava sempre. Tornou-se uma lenda entre os samurais e os chatos.

Mas isso foi no Japão, há muito tempo.

O sexo dos anjos

Costuma-se citar a controvérsia sobre o sexo dos anjos que tomou conta da Igreja durante um certo período como exemplo extremo do que não tem nada a ver com nada, do detalhismo inútil, da perda de tempo com o desimportante e com o supérfluo, da futilidade tratada com mais ciência do que merece ou da desconversa. Mas para os doutores da Igreja medieval reunidos em concílio o assunto era de grande importância. Nenhum deles estava desconversando ou entregando-se a um preciosismo vazio, estava definindo um artigo da sua fé. Não sei bem como terminou a controvérsia. Parece que concluíram que os anjos tinham dois sexos, como os humanos, mas que isso não devia preocupar porque os sexos não eram opostos. A tese vitoriosa teria sido um meio— termo entre a dos que defendiam que os anjos não tinham sexo algum e a de um certo cardeal rebelde, segundo a qual haviam anjos de 17 sexos diferentes, pois o que definia a natureza dos anjos era a sua independência de todas as restrições humanas, inclusive a da rígida dicotomia sexual.

A questão do sexo dos anjos se seguiu a outra, sobre o número exato de anjos que podiam dançar na cabeça de um alfinete. Também não era uma especulação pueril. Se os anjos eram entidades incorpóreas, um número infinito deles podia ocupar a cabeça do alfinete, para dançar ou fazer o que quisessem. Se os anjos tivessem corpo, a sua frequência simultânea na hipotética cabeça diminuiria bastante, do infinito para talvez um par precariamente equilibrado. Presume-se que a decisão foi pelos anjos com corpo, pois logo em seguida passaram a especular sobre que sexo teriam estes corpos, na certa pensando nas possíveis consequências de dançar num lugar tão apertado.

Aproveitei uma experiência mística que tive na semana passada, quando meu anjo da guarda se materializou na minha frente, à mesa do café da manhã, para tirar qualquer dúvida. Ele ou ela ainda nem estava bem ali e eu já estava perguntando:

— Qual é o seu sexo?

— Sou seu anjo da guarda e estou aqui para lhe dizer que... O quê?

— Você tem sexo?

Ele ou ela não gostou.

— Tenho, mas deixei em casa — respondeu, com rispidez.

— É só para resolver uma dúvida antiga.

— Tenho sexo, mas isso não interessa. Estou aqui para...

— Masculino ou feminino?

Ele ou ela suspirou.

— Você não quer saber por que eu estou me materializando na sua frente?

— Quero, quero. Mas antes me responda...

— Não respondo nada! Vim para lhe avisar que estamos em tempo de eleições e que você precisa cuidar do que escreve. Não pode fazer nenhum tipo de proselitismo político.

— Eu sei, eu sei.

— O melhor mesmo é não falar em política. Escolher outro assunto.

— Mas eu já escolhi outro assunto.

— Qual?

— O sexo dos anjos.

— Mas é uma obsessão!

Nada aterroriza um tímido mais do que o teatro interativo. Dizem que nas formas primitivas de teatro sempre havia a participação do público. No teatro grego, não era raro alguém da platéia avisar, por exemplo, ao Édipo que ele estava namorando a mãe, forçando o ator a se fingir de surdo para não estragar a trama. No teatro elizabetano a platéia assistia às apresentações de pé, comendo e bebendo e interferindo na peça com palpites ou com empadões bem mirados. Contam que alguns vilões de Shakespeare chegavam a interromper suas falas para responder aos insultos mais pesados do público, embora não haja registro de nenhum que tenha usado sua espada para silenciar alguém. Em todos estes casos, no entanto, a interação era por iniciativa da platéia. Depois, com o "music hall", a participação do público começou a ser incentivada do palco, mas, a não ser por uma eventual corista no seu colo ou alguma piada dirigida pelo cômico à sua careca, o espectador das primeiras filas não tinha muito o que temer. Certamente nada parecido com o que viria com o teatro moderno, quando as primeiras filas se transformaram em áreas de exposição ao vexame, quando não a matéria orgânica. Quando, por assim dizer, o palco contra-atacou. Para um tímido, ir ao teatro virou uma tortura, e as primeiras filas um tormento. Ele nunca sabe o que espirrará nele, ou se a mulher nua que sentar no seu colo não começará a morder sua orelha, ou não será um homem. Ou se ele não será arrastado para o palco, despido à força e lambido por todo o elenco.

De certa forma, a experiência teatral de um espectador moderno repete toda a história do teatro, como o feto repete toda a história da espécie no ventre. Nada se parece mais com o teatro de antigamente do que o teatro infantil, onde também há tramas básicas, comédia ingênua, exageros trágicos e catarse. As crianças interferem na história como o público de antigamente, vaiando os vilões, incentivando os heróis, avisando aos berros que o lobo vai atacar e, não raro, subindo no palco para impedir o ataque. E, por mais que façam, não são punidos, continuam sendo "amiguinhos" e convidados a voltar por atores agradecidos, que muitas vezes precisam se controlar para não esgoelar o mais próximo, assim como eram toleradas as intromissões do público antigo. Quando fica adulto o espectador aceita os abusos do teatro adulto como uma forma de contrição: ele merece qualquer vexame, de tanto que chateou quando era um espectador infantil. A agressividade do teatro moderno com o público na verdade é vingança.

O tímido não tem nada a ver com tudo isto. Quando era pequeno, era dos poucos que ficava quieto no seu lugar do teatro, salvo por um outro sobressalto com o lobo. E, no entanto, hoje, muitas vezes é o escolhido para a interação, e para viver, sem merecer, o seu pior pesadelo. Para não se arriscar, pede um lugar nas últimas filas. Especifica: quer um lugar ruim, de preferência sem visão do palco, para também não ser visto do palco. Mesmo assim, fica nervoso. Quando batem no seu ombro ele grita "Eu não! Eu não!" até se dar conta que é apenas alguém querendo entrar na sua fila e que a peça ainda nem começou. Quando começa a peça, ele fica preparado. Ao menor sinal de interação, nem que seja um ator que se aproxime muito do proscênio ou olhe para a platéia de um modo suspeito, ele corre para a rua.

O tridente tatuado

Deu o que falar, na praia. Ele um homem maduro (ou "podre", como diria a mulher, quando pediu o divórcio), ela uma menininha. Mas como ele resistiria, se a primeira coisa

que a menina disse para ele foi:

— Posso arruinar a sua vida?

Não "quer me namorar?", ou "topas?" ou "tem horas aí, tio?", mas:

— Posso arruinar a sua vida?

Ele teve que pensar muito numa resposta, quase um minuto. No fim só disse:

— Arruinar, como?

E ela:

— A escolha é sua. Paramos por aqui, ou continuamos. Você diz "não" e eu vou embora, ou você diz sim e eu arruino a sua vida. Ele riu, tentando acertar o tom. Superior, condescendente, tipo "Quê isso, garota, eu podia ser o seu pai". Mas saiu forçado. Ela tinha o quê? Dezesete anos. Talvez menos. O biquíni era daqueles amarradinhos do lado.

— Arruina, como?

— Ruína completa. Escândalo. Você sai de casa. Nós vamos morar juntos. Em um mês ou dois eu provavelmente deixo você. Você vai atrás de mim, dá vexame.

— Talvez até me mate. Ou eu mato você. Mas pense no que seriam esse mês, ou dois...

Ele pensou em dizer "isto é uma brincadeira?" Pensou em dizer "não faça isso com um velho". Pensou em dizer "por que eu?" Só não pensou em dizer "não", para ela não ir embora. Os olhos dela eram de um castanho esverdeado. Ela insistiu:

— E então?

— Começando quando?

— Quando você quiser. Por mim, já começou.

Começou no carro dele, àquela tarde mesmo. Foi quando ele notou a pequena tatuagem que ela tinha na parte de dentro da coxa. Um tridente. Perguntou o que era aquilo. Ela disse:

— Nós todas temos uma igual.

— "Nós" quem?

Ela apenas sorriu.

— Vocês são um clube? Uma irmandade? Uma seita? Ela só sorrindo.

— As meninas que arruinam vidas, é isso?

Ela deu uma risada. Depois prendeu a cabeça dele entre suas coxas tostadas.

Era impossível ser discreto na praia, às 4 horas da tarde. Foram vistos.

Naquela noite a mulher dele já sabia. No dia seguinte toda a praia sabia.

Foi o escândalo da temporada. Voltaram para a cidade. A mulher pediu divórcio em seguida. Ele não se enxergava, não? A menina podia ser sua filha! Ele foi morar com a menina. Durou pouco mais de um mês. Ele largou o trabalho, largou tudo. Quando não estava com a menina no apartamento estava por perto, controlando a vida dela, louco de medo de ser traído, desconfiando até de entregador de pizza. No fim ela declarou que iria deixá-lo. Quando viu, ele estava no chão, agarrado aos pés dela, implorando para que ela não fosse embora. Ela foi. Pisou na cabeça dele antes de sair.

Hoje ele é uma ruína. Não trabalha, bebe, tem problemas circulatórios mas não tem dinheiro para se tratar, uma ruína. Tinha durado pouco mais de um mês. Mas que mês e pouco, pensa ele, às vezes, e sorri com a lembrança. Que mês e pouco. E até hoje ele não sabe o que significa aquele tridente que ela tinha tatuado na parte interior da coxa. Que todas elas têm.

Orquídeas dissimuladas Ficou combinado que ele apenas conversaria com o dr. Alécio, que além do mais era um amigo. Não seria uma consulta. Ninguém estava sugerindo que ele precisava falar com um psiquiatra. Apenas ter uma conversa com o dr. Alécio, um amigo que, por acaso, era psiquiatra.

O dr. Alécio começou dizendo que a mulher dele estava preocupada com ele e que... "E é para estar mesmo" interrompeu ele. E acrescentou: "Eu descobri o jogo delas."

— Que jogo? — perguntou o dr. Alécio.

— Eu estava lendo um artigo sobre o mimetismo. Sobre a propriedade que têm certos animais e plantas de adquirirem a forma de outros animais e plantas.

Você sabia que existe um tipo de orquídea que toma a forma de um inseto, só para ser polinizada pelos outros insetos da mesma espécie, por engano?

Sabia?

— Não, eu...

— É um truque. É um estratagema da orquídea. Ela se aproveita do impulso sexual de outra espécie para reproduzir sua própria espécie. Entende?

— Sim, mas o que...

— E então olhei para a Olguinha e tive uma revelação. Como uma explosão na minha cabeça. Elas também não são o que parecem ser.

— Quem?

— As mulheres. São como orquídeas dissimuladas. Tomam a forma de mulher porque sabem que nós desejamos as mulheres, mas só querem o nosso pólen, o nosso sêmen, para reproduzir a sua espécie.

— Que espécie?

— Aí é que está. Nós não sabemos. Nós nunca saberemos. Só conhecemos a dissimulação.

— Toda mulher é outra coisa, imitando mulher?

— Por aí. Toda mulher é o estratagema da outra coisa. Um truque, para assegurar a sobrevivência de uma espécie secreta, com a nossa ajuda.

— Sei...

Quando ele saiu do consultório o dr. Alécio telefonou para a Olguinha, como tinham combinado. Disse que não parecia ser grave, um delírio passageiro com componente paranóico, talvez devido ao estresse, e que tinham acertado mais conversas.

Naquela noite, na mesa do jantar, a mulher do dr. Alécio disse:

— Alécio, por que você está me olhando desse jeito?

Último conto de verão

Ela não era bonita, mas era elegante e agradável, seus 30 e poucos anos, de terninho. Já nos conhecíamos de vista, era mesmo extraordinário como nos víamos. Nos cruzávamos nos lugares mais diferentes. Tanto que, mesmo sem sermos apresentados, passamos a nos cumprimentar. Mas só quando ela se fez anunciar, naquele dia, e entrou no meu escritório, de terninho, é que fiquei sabendo seu nome: Jandira. Uma mulher de negócios, pensei. Uma eficiente mulher de negócios.

Conversamos sobre banalidades, comentamos a comida do restaurante em que tínhamos nos visto pela última vez, e, finalmente, ela descruzou as pernas, mudou de posição na cadeira e limpou a garganta, sinal de que entraria no assunto que a trouxera ali, e disse, sorrindo:

— Espero que isto não o assuste, mas eu sou a sua morte.

Eu também sorri, e esperei alguns segundos antes de dizer:

— Como é que é?

— Eu sou a sua morte.

Perguntei se ela estava falando em sentido figurado, se era uma concorrente que

pretendia acabar com o meu negócio e me matar metaforicamente, ou uma vendedora começando sua apresentação com uma frase de impacto, mas a todas essas alternativas ela respondeu com um "não" silencioso, e sorridente. Depois comentou que eu talvez estivesse estranhando a sua aparência, pois as pessoas costumam associar a morte a figuras lúgubres, esqueletos encapuzados carregando foices, etc., e não a jovens executivas. E explicou que podia tomar a forma que quisesse, e que não faria sentido andar por aí, durante 65 anos, carregando uma foice e assustando as pessoas.

— Sessenta e cinco anos? — perguntei.

— Eu tenho a sua idade. Quando você nasceu, eu nasci junto.

— Mas eu sempre pensei que a Morte fosse velha como o mundo.

Seu sorriso aumentou. Ela não queria parecer condescendente com a minha ignorância.

— Não existe uma "Morte". Ela estaria sobrecarregada, se tivesse que fazer todo o serviço sozinha. O serviço é personalizado. Eu sou a sua morte e de mais ninguém. Cada pessoa tem a sua morte, que nasce com ela e fica esperando a hora de levá-la embora. Não é um mau trabalho. Temos muito tempo livre, e podemos fazer com ele o que quisermos. Eu, por exemplo, enchi bem o meu tempo enquanto esperava a ordem para vir buscá-lo. Viajei bastante, fiz aula de cerâmica e japonês, conheci pessoas interessantes... Uma vez quase casei.

— Quer dizer que qualquer pessoa que se vê por aí pode ser a nossa morte, ou a morte de outro, só esperando a hora de fazer o seu trabalho?

— É.

— Até alguém da nossa família?

— Por quê?

— Teve um cunhado meu que eu jurava que tinha vindo ao mundo só para provocar a minha morte.

— A morte é sempre mulher. Mesmo nos países que não têm o artigo de gênero.

— Ah. E, na verdade, o meu cunhado morreu antes, coitado.

— Eu sei. Conheci a morte dele.

— Vocês, mortes, se comunicam?

— Sim, sim. Convivemos bastante. Aquele grupo que estava comigo no restaurante, por exemplo...

— Notei que eram só mulheres.

— Todas mortes. Aliás, a morte da sua mulher estava junto.

— Mas eram todas moças. Você, mesmo, não parece ter mais de 30 anos. Como pode ter a minha idade?

O sorriso dela, agora, misturava faceirice e um certo orgulho da travessura.

— Até as mortes são vaidosas. Já que podemos fazer o que quisermos com o nosso tempo, escolhemos que ele passe mais devagar. A morte da sua mulher está com 25 anos. Eu estou com 32. E tinha uma no grupo que está esperando para levar seu cliente há 90 anos, e não parece ter mais de 40.

— Vocês nos chamam de "clientes"?

— Sim. Gostamos de pensar em nós mesmos como um serviço de "escort". E o serviço é o mesmo, para ricos e pobres. Tratamos todos como executivos, na hora de ir embora.

Ela consultou o relógio e disse:

— Falando nisso...

— Espera um pouquinho. Nós temos que ir... agora?

— Chegou a hora. Recebi as minhas ordens.

— Mas eu não tenho nem uma chance? Nenhum poder de barganha? Nós não

vamos jogar xadrez pela minha vida? Você não vai me propor uma charada, nada?

Desta vez o seu sorriso foi menos tolerante. Ela suspirou.

— O que o folclore medieval fez com a nossa profissão... Não, meu caro. Não tem jogo nem charada. Somos mortes modernas. Fazemos nosso trabalho com objetividade e eficiência. Já lhe dei conversa demais. Vamos indo.

Debrucei-me sobre a mesa, para aproximar o meu rosto do dela. Falei:

— Jandira, me diz uma coisa. Se eu morro, você também morre. Você não estava gostando da vida? Viver não é formidável?

Ela não estava mais sorrindo.

— Sem sentimentalismo, por favor.

— Quem sabe você falsifica o seu relatório, diz que me levou e fica aqui comigo? A gente podia...

Ela já estava de pé, olhando o relógio.

— Vamos, vamos. Temos que pegar o funicular das 7.

— Não dá nem para esperar e ver como acaba a Terra Nostra?

— Não!

E morremos ali mesmo.

Onde estamos

De tanto repetirem que o Brasil não é a Rússia, comecei a desconfiar. Será que não é? Este governo tem se esforçado para nos convencer que o Brasil que a gente vê não é o Brasil de verdade, é outro país. E, se é outro país, por que não pode ser a Rússia? Agora, toda vez que eu saio de casa e dou com o Brasil que a propaganda do governo diz que não é o Brasil começo a prestar atenção. Se não é o Brasil, que país é este? Onde, afinal, nós estamos?

Não se vê nenhum sinal ostensivo de que estamos na Rússia. Os indícios, se existem, estão muito bem camuflados. Neva em alguns lugares do Sul do Brasil, no inverno, mas nada comparável à Rússia, onde neva em toda parte a toda hora. Mas quem nos assegura que o próprio clima tropical não faz parte da dissimulação? Se o Brasil é mesmo tão tropical assim, por que tem que fazer tanto calor com tanta frequência, como se estivessem preocupados em enfatizar justamente a nossa diferença da Rússia? O mesmo pode ser dito da nossa paisagem, tão convenientemente o oposto das estepes russas. Conveniente demais.

Alguns cartazes que você vê na rua têm as letras invertidas como se sabe, russo é de trás para diante — mas aí não é russo, é erro de português mesmo. Ou serão recaídas no alfabeto russo por dissimuladores distraídos? Há muita coisa escrita em inglês, o que também é suspeito. Durante muito tempo, Rússia e Estados Unidos foram arquiinimigos. Se você quisesse convencer alguém que o Brasil definitivamente não é a Rússia, não tem jeito de ser a Rússia, é até uma anti-Rússia, qual seria a melhor maneira de fazer isso? Convencendo-o que o Brasil é os Estados Unidos, claro. Quanto mais vejo apóstrofes, nomes em inglês, filmes americanos e mc-chickens, mais me convenço que estamos na Rússia.

Outra coisa: a imprensa. Tentam disfarçar, mas a imprensa brasileira cada vez mais se parece com a imprensa russa. A própria insistência com que nos dizem que o Brasil não é a Rússia reforça a desconfiança de que estamos na Rússia, pois a imprensa russa não fazia

outra coisa senão tentar convencer os russos que o país que eles viam também não era a Rússia, que a Rússia de verdade era a da propaganda do governo. Quanto mais os jornais nos asseguram que o Brasil não é a Rússia mais desconfiamos de que estamos lendo versões do Pravda com as letras trocadas.

Há outras semelhanças que fazem pensar e desconfiar. Nós também saímos de um período de economia dirigida para um período de economia aberta que culmina com um período de economia mafiosa, com a única diferença que a máfia russa — realizando um sonho das máfias de todo o mundo, que até agora não tinham passado da bazuca — tem armas nucleares. No Brasil, como na Rússia, também há gangues organizadas brigando pelo espólio do estatismo enquanto o povo fica à parte, convencido pela propaganda do governo que o dele já vem. E tanto lá como aqui, se é que aqui não é lá, tudo se deve a uma rendição incondicional a um charlatão oxigenado chamado Mercado, que teria as respostas para tudo.

Sei não, numa dessas caem os disfarces e se revela que o Brasil é, sim, a Rússia. Como o inverno russo se aproxima, acho que vou comprar um gorro de pele. Pelo menos salvo as orelhas.

Ortodoxos tropicais

A economia americana está desafiando vários credos ao mesmo tempo. Primeiro, os das religiões estabelecidas, pois se ficar provado que Alan Greenspan, que preside o Federal Reserve Board, o Banco Central deles, é realmente Deus, todas terão que reavaliar radicalmente suas doutrinas. Deus é judeu-americano, está vivo, é mortal, é casado, mora num subúrbio de Washington e, mostrando reprovável bairrismo, mantém a economia dos Estados Unidos no alto através de repetidos milagres que nega ao resto da humanidade. Mas esta possibilidade é até preferível à sua alternativa, pois se Greenspan não é Deus, o sucesso americano — pleno emprego, juros baixos, inflação mínima mesmo com o PIB crescendo — é a desmoralização total de princípios econômicos até hoje considerados indiscutíveis. Uma teologia se adapta, ou o crente desiludido simplesmente se declara agnóstico e segue a sua vida. O que resta para o economista subitamente esvaziado de todas as suas certezas? O vazio, a ruína. Bem, talvez uma consultoria, mas num mundo sem sentido. Parafraseando Dostoievski, se Deus não é Greenspan, tudo é permitido.

Nos Estados Unidos não há economistas monetaristas e desenvolvimentistas, hoje há monetaristas mais ou menos perplexos. O que está acontecendo não podia estar acontecendo. Mas o curioso é que a sua perplexidade, ao contrário da sua ortodoxia, não chega no quintal. A nossa economia continua sendo gerida pelas presunções básicas do monetarismo, a mando deles. O FMI provavelmente recomendaria aperto, recessão e purgante para a economia americana. Já que não pode lá, receita em dobro aqui.

Antigamente os do Primeiro Mundo vinham aos trópicos para se soltar. Aqui as regras eram outras, a moral era relativa, nenhum comportamento ortodoxo resistia muito tempo ao calor, aos tambores e às muchachas. Pode não estar longe o dia em que economistas estressados venham ao Sul justamente atrás de regras estabelecidas, conceitos rígidos, certezas antigas e ortodoxia, muita ortodoxia, beibe. E encontrarão aqui tudo que não têm em casa.

Os convidados do Binho

Tinha o grupo que ia sempre. Todos os dias. Chamavam-se de "os Pés da Mesa" e eram, adequadamente, quatro. Esses nunca faltavam. Além dos Pés havia os Irregulares, os Eventuais, os Acidentais e os convidados. O Binho, que era dos Irregulares, vivia trazendo convidados para a mesa. Ou prometendo que traria. Um dia anunciou:

— Vou trazer o governador aqui.

— E você conhece o governador, Binho?

— Se eu conheço o governador? Ora, faça-me o favor.

Era o seu jeito de não responder. A pergunta era ultrajante. Durante dias, Binho preparou a mesa para a ida do governador. Era um grande praça. Em pouco tempo estaria enturmado, poderia muito bem até se tornar um Irregular, eles veriam. Grande praça. Mas passaram-se os dias e o governador não apareceu. Nem o Binho. Finalmente, numa quinta — dia, tradicionalmente, de quórum alto na mesa — o Binho chegou acompanhado de um desconhecido.

— Sabem quem é este? — perguntou o Binho, antecipando a comoção que causaria.
— O segundo homem da Secretaria de Transportes!

Durante semanas, depois, o Binho teve que ouvir a gozação dos outros, sempre insistindo que prometera levar alguém do alto escalão do governo sem especificar o cargo. O segundo homem da Secretaria de Transportes, ainda por cima, passara o tempo todo olhando o relógio, impaciente para se livrar do compromisso com o Binho, que assumira só porque a sua mulher era companheira de academia de uma irmã de um cunhado de não sei quem, e ainda mandara de volta um chope sem pressão.

Mas o Binho não se regenerava. Outra vez, insinuou que traria a Giselle Bündchen para a mesa, era só acertarem um detalhe na agenda dela ("Amanhã, se ela não estiver em Milão, estará aqui"). E volta e meia aparecia com personalidades secretas.

— Sabem quem é este aqui? Ninguém sabia.

— O inventor do transistor.

E o inventor do transistor sentara-se, em meio à incredulidade geral da mesa, enquanto o Binho fazia a sua exegese. Pois é, ninguém sabia que o inventor do transistor era um brasileiro. Mais uma injustiça com o gênio nacional. E perguntassem para ele se ele recebia algum róialti pelo seu invento. Nada. Tinha sido descaradamente roubado pelo capital internacional.

Quando alguém observou que o transistor, afinal, já existia há algum tempo e o homem não parecia ter idade suficiente para ser o seu inventor, o Binho se animou ainda mais:

— Está aí. Além de tudo, menino prodígio!

Os Pés da Mesa deram um ultimato. O Binho não podia continuar trazendo gente para beber de graça — porque "convidado meu não paga", dizia o Binho, antes de decretar que toda a mesa pagaria por ele — a não ser que merecesse. O governador, a Giselle Bündchen, um inventor ou outro talento comprovado que só a injustiça dos homens impedia que fosse reconhecido, tudo bem. Mas nunca mais o segundo homem da Secretaria de Transportes, ou equivalente. "Está bem, está bem", disse o Binho, impaciente. Mas dois dias depois apareceu com outro convidado. E uma cara triunfante. Desta vez eles iam ver. Eles iam só ver.

— Quem é esse?

— Você já vão saber.

O homem que o Binho fez sentar ao seu lado tinha seus 60 anos. Olhos injetados, a barba crescida, mas, fora isso, com um bom aspecto. Terno, gravata, cabelos pintados. Usava cigareira de metal, o que causou alguma sensação no grupo. Cigareira, há quanto

tempo! Curiosa com a falta de informação do Binho, que permanecia em silêncio e sorrindo com superioridade, a mesa fez perguntas ao desconhecido. Ele era dali mesmo mas viajara muito. Ultimamente, menos. Problemas de próstata e de dinheiro. Mas não podia se queixar, tivera uma vida movimentada. Vivia de poucas rendas e muitas lembranças. Boas lembranças. E então o Binho ordenou:

— Mostra.

— Agora?

— Agora.

E o homem tirou a carteira do bolso de dentro do paletó, abriu a carteira e do seu interior pinçou um fio de cabelo. Obviamente, um cabelo pubiano.

— Diz de quem é — instruiu o Binho.

— Marlene Dietrich.

O olhar do Binho percorria os rostos da mesa como um farol inquisidor.

— Hein? Hein?

O homem contou que tivera um caso com a Marlene Dietrich. Em Paris. O pêlo pubiano era uma lembrança dela, um souvenir amoroso. E contou todo o caso enquanto limpava a travessa de queijinhos e mandava vir mais lingüicinha para acompanhar o chope. Mas na hora em que o Binho disse que ele era um convidado e não precisaria pagar, surgiram os protestos. Alguém disse que, pelo que se sabia, a Marlene Dietrich não gostava muito de homem. E como saber se o fio de cabelo era autêntico? Só com DNA, disse outro. O convidado do Binho teria que pagar a sua parte até que as dúvidas se resolvessem.

— Um mínimo de boa vontade! — clamava o Binho, revoltado com o grau de ceticismo do mundo moderno. Sem resultado.

Os dois Ulisses

O Ulisses de Homero e o Ulisses de Dante se encontram no Ulisses de James Joyce. Se encontram mas não se fundem, transformam-se em dois personagens:

Leopold Bloom, o Ulisses de Homero segundo Joyce, cuja aventura é uma volta para casa, e Stephen Dedalus, o Ulisses de Dante segundo Joyce, cujo exílio é uma aventura sem volta.

No texto de Ulysses Joyce descreve Dedalus como um "partidor centrifugal" e Bloom como um "ficador centripedal". Na odisséia de um dia só que compartilham, os dois andam pelas margens da sociedade de Dublin como dois exilados na sua própria terra. Mas Bloom é um cidadão atrás de uma reintegração com sua sociedade e seu lar, Stephen é um poeta atrás de uma missão poética, a de criar a consciência da sua raça, como confessou em outro livro, quanto mais longe de Dublin melhor.

Bloom, como o Ulisses de Homero, reencontra sua casa e sua Penélope no fim.

O fim de Dedalus é desconhecido, mas seu destino provável é um desastre, como o do Ulisses que Dante viu no Inferno. Mas, dos dois, o único que poderia escrever Ulysses seria Dedalus. Pelo menos o Ulysses de Joyce.

Os ulisses se dividem entre os que partem e os que ficam, ou entre os que voltam e os que seguem no exílio. O velho do Restelo, de Camões, não entende os que partem, e buscam o mundo quando já tem Portugal. Os que querem, inexplicavelmente, trocar a paz pela descoberta, a família pela aventura, a sabedoria pelo conhecimento. Enfim, o Tejo pelo mar. A origem do nome "Lisboa", por sinal (divagação tipo nada a ver) é "cidade de Ulisses".

Joyce escolheu ser um "partidor". O centro da sua ficção "centrifugal" foi sempre

Dublin mas uma Dublin vista de longe, reconstruída na memória como metáfora — como a Florença que expulsou Dante, e que ele continuou a habitar em pensamento e verso pelo resto da vida. Ou até voltar, velho, quando a reintegração é apenas uma fatalidade física, tipo todo morto volta para casa, não uma escolha consciente, ou literária.

De longe, Dedalus e Dante podem transformar a cidade que abandonaram em mito e poesia, cantar sua universalidade e lamentar sua corrupção sem serem distraídos pela realidade. De mais longe ainda, em *Finnegans Wake*, sua biografia cifrada da humanidade, Joyce pode usar Dublin com a metáfora definitiva, uma metáfora de tudo. De longe pedra e gente viram linguagem e qualquer cidade vira literatura.

Todas as grandes narrativas religiosas têm uma cidade no seu centro, tornada mítica pela distância. As pedras de Jerusalém são nada comparadas com a Jerusalém do Livro, com a promessa e a lamentação da promessa perdida, na linguagem poética do exílio. Meca é o centro de outro sistema simbólico, ou de outra literatura sobre uma integridade perdida e ansiada, construída não em cima de uma pedra mas em cima de uma distância. Os dois Ulisses representam, no fim, duas formas de distância do nosso centro, do que nos reintegra ou do que nos revela. A casa ou a descoberta, a sabedoria ou o autoconhecimento. Eles são dois tipos de exilados, o que volta, como o Ulisses de Homero, ou o que segue, como o Ulisses de Dante. O Ulisses bipartido de Joyce volta e segue.

Leopold Bloom (que Joyce fez judeu) tem a sua Jerusalém à mão, não precisa mais do que voltar para o número 7 da Eccles Street e os braços de Molly para sair do exílio. Stephen Dedalus prefere continuar a aventura. Partirá de Dublin, escreverá *Ulysses* e *Finnegans Wake* e se não "fabricar a consciência ainda irrealizada da sua raça na forja da sua alma" como era sua intenção pelo menos causará algum efeito na linguagem da sua espécie.

Reduzindo tudo, que remédio, às dimensões da nossa alma portuguesa, ele deixará o Tejo e escolherá o mar. Escolherá a distância.

Ficar, de certa maneira, é renunciar ao conhecimento, talvez a forma mais perfeita de sabedoria. Nenhuma revelação, nenhuma epifania, nenhuma literatura, apenas uma entrega à sua cidade e às suas circunstâncias e às inevitabilidades da casa. No fim, na morte, todos os ulisses voltam, não importa de que exílio.

Os monstros

Uma casa perto do lago de Genebra. Verão de 1816, um verão chuvoso. O poeta Percy Shelley e sua amante Mary Wollstonecraft, o poeta lord Byron e seu amigo John Polidori, na falta do que fazer, inventam um concurso de histórias de horror para passar o tempo. Não se sabe o que aconteceu com as histórias de Byron e de Shelley, mas as dos dois talentos menores, Mary e Polidori, continuam sendo contadas até hoje, em várias versões.

Mary inventou a história do dr. Frankenstein e a publicou quando já era casada com Shelley. Polidori baseou-se na história verdadeira de Vlad, o príncipe empalador da Transilvânia, e inventou o conde vampiro. Mais tarde Bram Stoker aproveitou a idéia e escreveu o seu *Drácula*, mas a história de Polidori, chamado *The Vampyre*, saiu antes, numa coleção de contos, em 1819. Polidori tem sido esquecido nos sucessivos reerguimentos de *Drácula* dos mortos.

Ninguém sabe se as duas histórias nasceram na mesma noite, com as sombras projetadas pelas mesmas velas ondulando nas paredes da Villa Chapuis, nem quem dormiu

com quem naquela noite, se é que alguém conseguiu dormir. Mas duas matrizes de horror tinham sido inauguradas. Duas histórias arquetipais que já nasciam com a autoridade de mitos. Mitos contrários, os mitos opostos do século 19.

Em 1816, Napoleão estava exilado na Ilha de Santa Helena, onde morreria pouco depois, e a Europa tratava de restaurar a ordem dos velhos regimes. Mas a sacudida que a revolução francesa e as guerras napoleônicas tinham dado na velha estrutura e, principalmente, na imaginação européia, abrira as fendas por onde surgiriam os monstros. O grande pavor do século 19 era a conseqüência de tantas revoluções ao mesmo tempo: a burguesa, a tecnológica, a de expectativas sociais. Que forças terríveis e antinaturais não estariam sendo criadas? O dr. Frankenstein de Mary Shelley representaria a ciência que desafia a ordem natural, e sua criatura — feita de partes de camponeses, do refugio humano do mundo feudal — representaria o proletariado recém-insuflado de vida, o produto mais temível da recente revolução industrial. O capitalismo e seu algoz nascendo juntos.

O dr. Frankenstein teme que seu monstro inaugure uma "nova raça", incontrolável. O monstro diz ao seu criador, num inglês provavelmente formal, que era benevolente e bom, mas a miséria o transformara em demônio. "Me faça feliz, e eu serei outra vez virtuoso." Anos antes, Saint-Just, falando da promessa que a revolução francesa trazia para o homem comum, dissera que a felicidade era uma idéia nova na Europa. A restauração do velho regime era impossível depois do advento da criatura nova. A divisão se instalara no mundo e nada mais juntaria as partes. Mesmo que o monstro reivindicador acabasse não feliz, mas morto.

O conde vampiro representaria o poder monstruoso do senhor feudal, a perversão da nobreza, a velha ordem proprietária corroída por vícios antigos e destruída por dentro. Na versão de Bram Stoker, Drácula não é mais o aristocrata provinciano de Polidori que chupa o sangue de camponeses para viver, numa versão apenas um pouco mais extrema da espoliação feudal. Na Londres vitoriana, Drácula é um empreendedor capitalista moderno. É outra força terrível que a Revolução Industrial liberou no mundo e, como o monstro de Frankenstein, também ameaça se multiplicar e corromper a humanidade toda. O dr. Frankenstein se horroriza com seu próprio projeto de criar um homem novo, mas não consegue largá-lo. Um pouco como o dr. Oppenheimer horrorizando-se depois que a bomba que ajudara a construir já tinha sido lançada em Hiroshima. A ciência é amoral, condenada a subverter a natureza sempre, é a sua danação. Drácula é prisioneiro de uma compulsão parecida. Morde pescoços para possuir e usar as pessoas, mas é sempre um aristocrata de cabelo engomado dominado por uma maldição. Como a mão invisível do mercado de Adam Smith que impulsiona o empreendedor a empreender, independente dos pruridos que o cercam. A moral burguesa e o empreendimento amoral também nasceram juntos.

Nunca saberemos exatamente o que se passou naqueles dias de chuva na Villa Chapuis. Se Mary também tinha que cuidar do chá e das torradas enquanto enfrentava o desafio intelectual dos homens. E que fim levou esse John Polidori, de quem pouco se ouviu falar depois. Ele acompanhava Byron, com quem tinha uma possível ligação homossexual — o apelido dele no grupo era Rolly Polly — e seu vampiro talvez tenha um pouco do fascínio demoníaco do poeta. Certamente nem Polidori nem Mary imaginavam que estavam criando dois protótipos que levantariam dali e caminhariam com suas próprias pernas, até hoje, juntando novos significados pelo caminho. E, pensando bem, não se sabe quem ganhou o concurso (Extraído do livro *Comédias da Vida pública*).

E já estamos perto do fim de abril, que fica perto do meio do ano, que é o penúltimo ano do milênio — ou o último, se você é dos que não agüentam esperar mais um ano para fazer a festa. Estou convencido que a frase "como o tempo tem passado depressa, ultimamente" não é um contra-senso, o tempo realmente passava mais devagar anos atrás. Não sei se os dias estão com menos horas, as horas com menos minutos ou se o vazamento

é nos minutos, mas que estamos perdendo tempo, estamos. Não adianta o consolo que assim o governo Éfe Agá passa mais rápido. Quero todo o tempo a que tenho direito nos anos que me sobram. Tempo integral, como no tempo em que eu era criança. Não sei se reclamo no Procon ou no Instituto de Pesos e Medidas, mas o fato é que nada mais tem a duração que tinha antigamente. (Fora os domingos, que eu acho que espicharam.).

Os sapatos do próximo

E assim se vai o ano de 2001, pisando em sapatos explosivos. Sim, foi o ano que terminou nos obrigando a desconfiar até dos sapatos do próximo. Os sapatos, que pareciam nos terem trazido a tão sonhada comunhão humana, mesmo ao custo da padronização e do enriquecimento de três ou quatro grifes internacionais, já que homens que divergiam sobre a justiça das suas causas, o lugar da mulher no seu mundo e o nome verdadeiro de Deus pelo menos concordavam nas marcas do seu tênis, sim, os sapatos voltaram a nos separar.

Acabou o último espaço do entendimento possível no mundo, que era entre o chão e o tornozelo. Foram-se os últimos centímetros de esperança de que a paz começaria pelos pés.

Houve um tempo em que os sapatos dos outros só nos agrediam pela sua estranheza. Não havia o perigo de explodirem. Especulava-se sobre as razões — sem falar no estado dos pés — de povos que usavam sapatos de madeira, de seda, com a ponta retorcida, etc., mas se estava apenas refletindo sobre a variedade da espécie. E não precisávamos ir muito longe para ver sapatos esquisitos. Também usávamos absurdos sapatos de festa e constritores sapatos formais, também éramos muito estranhos. Mas se os sapatos podiam simbolizar o máximo de frivolidade e sacrifício social, sua troca por algo mais confortável representava, para todos os povos, uma volta à sensatez, a uma racionalidade comum. Todo o mundo era igual no alívio, ou em cima dos seus chinelos, ou na maneira como abanava seus dedos do pé finalmente livres. Era de se esperar que as diferenças humanas fossem vencidas por uma uniformização dos sapatos. Que, afinal, são o que nós todos temos de mais pé no chão.

Mas hoje nossa desconfiança com o outro tem que começar pelos sapatos. A sola de borracha do próximo pode ser na verdade feita de um plástico que mandará ele, você e quem mais estiver por perto pelos ares à menor faísca.

"Lingueta" adquiriu um novo e ominoso sentido, cadaço pode ser pavio. E teremos que reformular todo o nosso conceito de chulé.

— Gostei desse seu tênis...

— Obrigado.

— É daqueles que têm mola na sola?

— Não, detonador.

— Detonador?!

— A gente pula muito mais longe.

Chegaremos ao ponto de andar de sandálias o tempo todo, como medida de segurança. O Guel Arraes pode ter sido um precursor da moda nos tempos de terror. Usaremos simples sandálias de couro, com sola fina, ou sola sem lugar para explosivos, ou pelo menos explosivos suficientes para fazer muito estrago. O dedão à mostra será um emblema de intenções pacíficas. As pessoas se mostrarão os pés ao se encontrar, pela mesma razão que, antigamente, se apertavam as mãos: para mostrar que estão desarmadas. Mulheres com sapatos de salto muito alto ouvirão assovios em toda parte, de especialistas em desativação de bombas mandando-as parar. A Carmem Miranda, hoje, não chegaria nem

perto do aeroporto.

Olho os meus sapatos. Há anos eles são exatamente iguais. Pretos, nenhum adorno. Comprados sempre no mesmo lugar. Não querem atenção, não buscam nenhum tipo de notoriedade, só fazem o seu serviço e pedem que os deixem em paz. E acho que falo pelos meus sapatos, e todos os sapatos discretos e pacatos como eles do mundo, quando protesto contra essa súbita ascensão dos seus pares, por assim dizer, às manchetes. Eles não têm nada a ver com essa loucura, não explodem, não ameaçam ninguém e lamentam o tratamento que certamente passarão a receber nos embarques, como ter que desfilar sozinhos na esteira do raio X, não estando preparados para o estrelato.

Os sem netos

O escritor Moacyr Scliar lançou o Movimento dos Sem Netos, no qual a Lúcia e eu assinaremos ficha assim que ficarem esclarecidas algumas dúvidas. Conhecendo o Moacyr, sei que — apesar de ter só um filho, portanto um terço das possibilidades de conseguir netos por meios pacíficos que nós temos — ele é favorável à negociação e ao gradualismo, enquanto a Lúcia e eu estamos prontos para a radicalização. Não descartamos nem a invasão de propriedades para seqüestrar os netos dos outros. Não dá mais para temporizar. O governo do Éfe Agá, um notório lativô, nada fez para acabar com a injusta distribuição de netos no País, e os candidatos à sua sucessão têm dado pouca atenção ao assunto. O caminho é a luta. Enquanto não chegamos a um acordo sobre métodos, no entanto, concordamos em colaborar com o movimento do Moacyr. Proponho que a bandeira tenha as letras MSN em destaque e, no fundo, uma fralda vazia.

Salsinha

Outra guerra, a da salsinha, divide famílias. O Roberto D'Ávila é um anti-salsista de primeira hora e já causou espanto e revolta num restaurante de Paris ao perguntar se o "jambon persillé" poderia vir sem o "persile". Já o seu irmão, o cineasta Antônio D'Ávila, é um ferrenho persilista. Com a arrogância típica dos que defendem a salsinha em qualquer circunstância ou prato, independentemente de você querer ou não, o Antônio me mandou um e-mail de Paris, onde mora, sugerindo que a tal ilha Perejil ("salsinha" em espanhol) no estreito de Gibraltar, que quase causou uma guerra entre Espanha e Marrocos, tem uma história nobre — em vez de ser uma coisa insignificante, sem uso ou justificativa, que só está ali para incomodar.

Como, aliás, a salsinha. Segundo o Antônio, Perejil é a ilha em que Calypso aprisionou Ulisses durante sete anos com seus sortilégios, atrasando a volta do herói para casa. Tanto que um dos nomes da ilha é "Calypso".

Era de se esperar que os persilistas apelassem para o mito e a erudição duvidosa em defesa do indefensável. A ilha de "Perejil" é apenas um símbolo do nada dignificado pela prepotência. Razão têm os marroquinos que, incapazes de enfrentar o poder salsista representado pela intransigência espanhola, recorreram ao banalismo, também simbólico. Nem Perejil nem Calypso: chamam a ilha de Leila.

Entender de futebol

Se o Pelé entende ou não entende de futebol, não sei. Acho que o problema dele é mais de expressão do que de observação. Mas a crítica do Felipão a Pelé traz de volta a velha questão da importância relativa da prática para quem ensina: grandes concertistas de piano não são necessariamente bons professores de piano, grandes atores não são necessariamente bons diretores, poucos grandes jogadores de futebol deram bons treinadores. E não consigo me lembrar de nenhum atacante que tenha dado certo como

técnico. Tele e Zagalo seriam duas exceções, mas, não por acaso, eram ponteiros — lembra ponteiros? — que jogavam recuados, com uma função tática definida, e não improvisadores como costumam ser os atacantes natos. Uma certa mediocridade, e uma vivência na defesa, onde organização e método são mais importantes do que criatividade e inspiração, parecem ser os requisitos para o jogador virar técnico de sucesso. Agora, entender de e enxergar futebol são duas coisas diferentes. Ninguém entendia o que fazer com uma bola de futebol como o Pelé, o que não significa que hoje ele enxergue o que está acontecendo em campo. Esse distanciamento pode ser levado a extremos. Uma vez entrevistamos o Claudiomiro, do Internacional, que já tinha encerrado sua carreira de centroavante, um dos melhores que vi jogar. Depois de responder vagamente às nossas perguntas sobre tática, companheiros, adversários, reminiscências, etc., ele nos confessou: "Sabe, eu não gosto muito de futebol...". O futebol tinha sido a sua profissão mas não era o seu esporte. Não acompanhava. O Pelé, claro, acompanha e gosta. Mas pode muito bem ter o mesmo discernimento do jogo que tinha o Claudiomiro.

Hoje (Da série "Poesia numa hora destas?")

Ele: Eu já quis mudar o mundo e entender a vida. Hoje só quero que nenhum dos dois revida.

Ela: Eu já quis o êxtase mas mudei de tom. Hoje, em vez de uma visão quero um vison.

Ele: Eu acreditava em tudo tinha a alma escancarada. Hoje só acredito em nada.

Ela: Eu já fiz inglês, ponto de cruz, balê. Hoje durmo até tarde e vejo tevê.

Os dois: O que me fez ficar assim?

Foi o tempo ou...

Não olha pra mim!

Outra vida

Ela disse:

— Fiz uma descoberta terrível.

Ele disse:

— Ahn?

Ela disse:

— Descobri que a vida que eu vivi não era a minha. Ele, sem desviar os olhos da televisão:

— Como assim?

— Minha vida, entende? A vida que eu vivi até hoje. Não era a minha. Ele olhou para ela:

— Em que sentido?

— Eu simplesmente vivi a vida de outra pessoa. Sempre tive esta estranheza com as coisas que me aconteciam. Com os meus gostos, por exemplo.

Nunca entendi o meu gosto por, sei lá, fígado. Beterraba. Quem é que gosta de beterraba? Tem loucura por beterraba? Eu tenho. Mas agora entendo. Não era eu. Eu estava vivendo a vida de outra pessoa. Meus gostos são de outra pessoa. Minhas decisões, minhas opiniões, tudo o que me aconteceu até agora... Ele examinou o rosto da mulher por algum tempo, depois voltou os olhos para a televisão. Talvez fosse melhor deixar ela esgotar aquela idéia sozinha. Ela continuou:

— Você, por exemplo. Eu nunca casaria com um homem como você.

— Sei.

— Só uma pessoa que adora beterraba casaria com um homem como você.

— Está certo.

— E, meu Deus! Acabei de me dar conta...

— O quê?

— Deve ter outra pessoa vivendo a minha vida.

— Sei.

— Pense só. Neste exato momento, tem uma pessoa no mundo vivendo a minha vida enquanto eu vivo a dela. Uma pessoa com os meus gostos, com a minha biografia certa, com o marido que eu escolheria. E ela deve ter a mesma sensação de estranheza, de...

— Meu bem...

— O quê?

Ele indicou a televisão com as duas mãos e disse:

— Precisa ser durante o Jornal Nacional?

Ela saiu da sala pisando forte, furiosa. Pensando: na sua vida de verdade aquilo nunca aconteceria.

O crítico

Ele escrevia sobre gastronomia com um pseudônimo e fazia questão de se manter incógnito. Era um homem sério e escrupuloso que preferia não ser reconhecido, ou constranger ninguém, nos restaurantes que visitava para comentar depois. Tão sério e escrupuloso que adquiriu uma boa reputação como o crítico de restaurantes que todo o mundo lia para saber onde ir ou o que evitar, pois seus critérios eram justos e confiáveis. Assim como elogiava o que era bom, não perdoava o menor deslize, na comida ou no serviço. E acabou tornando-se uma celebridade, contra a vontade. Sua foto apareceu em revistas e colunas sociais. Ele passou a ser identificado e a receber tratamento especial nos restaurantes onde ia, apesar dos seus protestos. E decidiu usar disfarces.

Óculos, bigode e barba postiços, tudo para continuar anônimo e parecer um cliente qualquer. E, tomado de uma certa psicose do desmascaramento, desconfiado de que mesmo dissimulado era reconhecido, começou a recorrer a disfarces cada vez mais elaborados. Turbantes. Enchimentos na roupa, para parecer mais gordo.

Uma vez, até um tailleurzinho preto e uma peruca loira. Na sua obsessão em não ser notado, tornava-se cada vez mais conspícuo. E um dia, antes da sua primeira visita a um restaurante recém-inaugurado do qual diziam maravilhas, procurou um maquiador profissional de teatro e pediu que lhe fizesse outra cara. Uma cara que assegurasse o seu anonimato absoluto. A cara com que sentou à mesa do restaurante novo, e comeu com crescente entusiasmo, tanto entusiasmo que, ao se debruçar para repetir uma colherada do magnífico "gateau au chocolat" com molho quente da sobremesa, seu nariz, amolecido pelo

calor do molho, caiu no prato, para horror dos circundantes. Dias depois, na crítica que escreveu do restaurante, declarou, com sua costumeira criteriosa isenção que a comida era mesmo de grande classe, mas que não podia dizer o mesmo do serviço. O maître e os garçons claramente não estavam preparados para lidar com emergências e mostravam uma lamentável insensibilidade com clientes portadores de doenças degenerativas, a julgar pela insólita cena que assistira enquanto jantava no restaurante, incógnito, e cujos detalhes pouparia ao leitor. Sua nota era sete.

Palavra X Imagem

Leonard Shlain é um cirurgião americano que combinou seus conhecimentos profissionais do cérebro humano com seu interesse em História e antropologia e bolou uma tese, a de que o nosso cérebro dividido tem um lado feminino — o direito, que lida com imagens e sentimentos, e um lado masculino, o esquerdo, que trata de palavras e abstrações — e que o domínio do lado masculino, que determinou o patriarcalismo, a submissão da mulher e a misoginia que caracterizam todas as civilizações depois das mais primitivas é o resultado da invenção da escrita.

Os hemisférios são "masculino" e "feminino" porque regem o comportamento e as percepções diferentes dos dois sexos. Os dois são simétricos e trabalham em conjunto, mas o lado direito, não verbal, mais ligado aos instintos, é mais antigo, está quase plenamente desenvolvido no feto humano quando o lado esquerdo começa a crescer. O lado feminino é holístico, o lado masculino é linear. E a especulação do Leonard Shlain é a seguinte: foi a invenção do alfabeto e o conseqüente valorização funcional do hemisfério esquerdo que trouxe o desequilíbrio entre os sexos e a prevalência dos princípios masculinos na história do mundo. O desenvolvimento da escrita coincidiu, segundo Shlain, como o fim de todos os mitos de poder feminino, cuja origem mais simples era a constatação de que a mulher dava a vida. O título do seu livro é *The Alphabet Versus the Goddess*, o alfabeto contra a deusa, e o subtítulo é o conflito entre palavra e imagem. Para Shlain, o começo do declínio da deusa e dos tempos difíceis para as mulheres datam da primeira vez que um sumeriano fez uma fila de ideogramas com a ponta de um pau num tablete de barro. Depois o alfabeto mudaria a percepção humana da realidade. A própria idéia de uma história linear não existiria sem a escrita seqüencial. Para não falar das leis codificadas, da sucessão patrilinear e das religiões organizadas que sacralizam a irrelevância feminina.

As três principais religiões do mundo têm no centro do seu dogma um só Deus, uma abstração masculina que se revela pela palavra e é santificado na escrita. Shlain escreve um capítulo fascinante sobre o caráter quase clandestino da adoração da Virgem Maria, a única deusa que sobreviveu no império do hemisfério esquerdo. A Virgem mal participa do relato bíblico, mas domina a iconografia cristã, o mundo das imagens, onde ela aparece muito mais vezes do que o Filho e o Pai. Todas as grandes religiões ou baniram ou, em algum momento, tentaram banir as imagens da sua liturgia. A imagem é feminina, o alfabeto é masculino. A foto-legenda, presumivelmente, é hermafrodita.

A conclusão de Shlain é que se o homem não tivesse aprendido a ler e a escrever o mundo ainda seria dominado pelas mulheres, como no tempo das deusas. E seria melhor. O domínio patriarcal é invariavelmente tirânico, um mundo em que prevalecesse os valores femininos seria egalitário. Ele começa o livro com uma citação de Sófocles, que disse que nada de vasto entra na vida dos mortais sem uma maldição. A invenção da escrita foi um

vasto acontecimento na vida dos homens, a maldição foi tudo que ela trouxe. Shlain também diz que a televisão, que é imagem — e, de certa forma, uma reprodução da fogueira comunitária em torno da qual se multiplicava a cultura oral, antes da escrita — pode ser um começo de reconquista das deusas, da revanche contra o alfabeto. E assim, se não tivesse qualquer outra importância, a tese de Shlain tem esta: finalmente alguém encontrou uma justificativa intelectualmente respeitável para a televisão.

Palavras cruzadas

Vivia sozinho numa casa com dois gatos e seu passatempo era inventar palavras cruzadas, que mandava para um jornal por um pagamento simbólico.

Não precisava de dinheiro, o que quer dizer que não precisava dos outros.

Amava as palavras e os seus gatos, nesta ordem. Os gatos eram castrados e as palavras com que brincava também. Que mal poderiam fazer as palavras que estudava como se elas também tivessem raça e pedigree, e arranjava em diagramas e jogos inofensivos? Nem ele, nem seus gatos, nem suas palavras jamais machucariam alguém, pois jamais tocariam em alguém. Mas um dia um mendigo bateu em sua porta.

Mendigo. Pedinte, sete letras. Do latim "mendicus", cuja base é "menda", defeito físico, de onde também vem "emendar", correção de defeito ou erro.

Este mendigo não parecia ter qualquer defeito físico. Se não fossem a sujeira e as roupas esfarrapadas, poderia ser seu irmão. Poderia ser ele. E quando ele começou a fechar a porta, depois de dizer que não tinha nada para dar ao mendigo, ouviu deste as palavras:

— Cuidado com elas...

O mendigo estava apontando para um diagrama de palavras cruzadas pela metade que ele deixara ao lado da sua poltrona, quando fora abrir a porta.

— Cuidado com o quê?

— Com as palavras cruzadas. Elas arruinaram a minha vida.

— Você está louco. Palavras cruzadas são inofensivas. São um jogo, um passatempo, nada mais do que...

— Ah, é? Então ouça.

E o mendigo contou que nem sempre fora aquele miserável, sujo e esfarrapado.

Era um advogado. Tinha dinheiro, posição, família. E uma paixão: as palavras cruzadas. Orgulhava-se de jamais ter deixado uma grade de palavras cruzadas incompleta. E mais: de jamais ter consultado um dicionário. Nas palavras cruzadas, você joga contra você mesmo, contra a sua própria inteligência e informação. E consultar um dicionário é como roubar.

— Um dia, não consegui completar uma palavra. Pela primeira vez na minha vida, não consegui terminar umas palavras cruzadas.

— Em que jornal? — perguntou o homem.

O mendigo disse o nome do jornal. O homem sentiu um aperto no coração, como um pressentimento. Era o jornal que publicava as suas palavras cruzadas. Que havia anos publicava as suas palavras cruzadas.

O mendigo continuou:

— Acertei a vertical. Pequena placa de metal ou outro material usada como enfeite. Dez letras. Lentejoula. Mas a horizontal não encaixava com a segunda letra. Era uma derrota. Passei quase duas semanas às voltas com aquilo. Levava o recorte do jornal para

toda parte. Volta e meia, tirava o recorte do bolso e tentava de novo. Procurei outra palavra em vez de "lentejoula". Nenhuma dava certo. Procurei outra para a horizontal. Nenhuma encaixava com as verticais, com exceção do "e" de "lentejoula", como a que eu colocara. Fiquei obsecado. Não conseguia mais dormir. Não conseguia trabalhar. Me tornei um intratável. Brigava com a mulher e com as crianças por nada. E um dia, veio a desconfiança.

— Que desconfiança?

— Que só podia ser um erro do autor das palavras cruzadas.

— Impossível.

— Por que, impossível? Todo o mundo erra. E neste caso ficou provado que era um erro.

— Talvez um erro de impressão...

— Não, o erro era do autor. Só anos mais tarde me dei conta. Em vez de "lentejoula", ele usou "lantejoula". Se fosse "lantejoula", a horizontal encaixava, tudo encaixava. Mas o certo é "lentejoula". Eu estava certo, o autor estava errado.

— Mas o certo é "lantejoula".

— O certo é "lentejoula". Mas isso eu só descobri depois que a minha vida tinha desmoronado, a mulher e os filhos já tinham me deixado e eu já fechara o escritório, porque não podia me concentrar em mais nada. Eu rasgara as palavras cruzadas incompletas e as atirara no lixo, mas a obsessão continuava. Eu finha fracassado. E então, um dia, decidi. Já que eu era um ser abjeto, levaria minha degradação ao máximo. E consultei um dicionário.

— O quê?

— Eu sei, eu sei. Mas eu não tinha mais amor próprio, não tinha mais nada.

Só aquela dúvida me roendo por dentro como um câncer. Abri um dicionário. E descobri que eu estava certo e o autor das palavras cruzadas estava errado.

É "lentejoula".

— Não é.

— É.

— Não é.

— O certo é "lentejoula".

— É "lantejoula"!

— Por que você insiste? É "lentejoula". Eu estava certo. Pensei em escrever para o jornal, em descobrir o autor das palavras cruzadas e acusá-lo por tudo que me acontecera. Mas do que adiantaria? Eu só conseguiria lhe dar remorso. Minha mulher e meus filhos não voltariam a viver com um obsessivo.

Eu não recuperaria a minha posição. O que eu poderia fazer com o autor?

Matá-lo? Fora um erro, apenas. Todo o mundo erra.

O homem deu uma nota de cem ao mendigo e fechou a porta. Sentia remorso, mas não muito. Afinal, o outro também não fora honesto. Consultara um dicionário. E não havia mesmo jeito de emendar, no sentido latino, a situação.

Palavras, palavras

"Problema", obviamente, é uma palavra errada. Pode ser correta, mas não é certa. Não adianta argumentar que os estrangeiros dizem palavras parecidas sem errar — "problem" em inglês, "probleme" em francês, "rauschbaungüdenproblemisch" em alemão. "Problema" simplesmente não pegou em português, ou, mais especificamente, em brasileiro.

Mesmo as pessoas que cuidam para dizê-la corretamente o fazem com um vago sentimento de estranheza, como se duvidando da própria articulação. Será que é isso mesmo? "Pro-ble-ma"... Não soa certo. Quanto mais se diz, mais estranho fica. É uma palavra antinatural. E, se tantos erram ao pronunciá-la, se ela causa tantos (vamos lá) pro-ble-mas para todos, a conclusão é que errados não estão todos, errada está a palavra.

Já é tempo de se fazer algo a respeito. Mudar a palavra oficialmente. Não sei quem seria o encarregado de uma reforma ortográfica desse alcance. A Academia Brasileira de Letras tem poderes para mudar o vocabulário como o Congresso tem para mudar a Constituição? A justeza da palavra teria que ser discutida na Justiça? Os editores de dicionários formariam um lobby para protestar contra a medida ou, ao contrário, o fato de todos os dicionários e guias ortográficos existentes no País se tornarem obsoletos da noite para o dia ajudaria a indústria?

E o principal (ai, ai, ai) pro-ble-ma: como deve ser a palavra certa? "Plobrema", no meu entender, não resolve. Haveria apenas um remanejamento das sílabas plobre... problemáticas, e a palavra continuaria encontrando resistência. "Pobrema", "plobema" ou "probema" seriam alternativas possíveis, mas neste caso a palavra seria não apenas alterada como diminuída, como se não bastasse a entrega do nosso parque industrial ao capital estrangeiro. Se poderia pensar num plebiscito nacional para escolher a nova forma de dizer (de novo) "pro-ble-ma", no qual se aproveitaria para escolher outra forma de dizer "plebiscito" também.

Enfim, é um, é um... Você sabe.

Algumas palavras se mantêm mesmo depois da sua falsidade ser provada, como alguns governantes. O hábito e a preguiça de mudar também lhes conferem uma espécie de imunidade. "Meteorologia" há muito que deixou de ser apenas o estudo de meteoros, por exemplo, mas continua em uso. E "ventríloquo"? Vem do tempo em que se acreditava que os ventríloquos falavam pela barriga. As barrigas produzem sons, como sabe quem já ouviu a sua se manifestar entre desconhecidos justamente num momento de silêncio e, pior, o desconhecido ao seu lado dizer "Como?", mas não falam, ou não dizem nada aproveitável. O truque do ventríloquo é falar sem mexer com a boca, ou mexendo só com a boca do boneco. Tanto que o máximo de destreza de um ventríloquo é falar não só sem mover os lábios, mas tomando um copo d'água, o que geralmente espanta até o boneco. "Destreza", no caso, é usada no sentido agregado de habilidade geral em vez do sentido secundário de habilidade com as mãos, que por sua vez vem do sentido original de usar qualquer mão como se fosse a destra, até a sinistra. A esquerda é "sinistra", com as mesmas conotações do termo, em várias línguas é até a "gauche" francesa vem de "gauchir", dar voltas, se evadir, ir para o lado errado. Mas "sinister" em latim queria dizer de bom agouro. Isso porque os sacerdotes romanos, quando procuravam no céu indícios das intenções dos deuses, viravam-se para o sul. Assim o nascente, o lado de onde vinha o Sol e os bons presságios, ficava à sua esquerda. Mas os sacerdotes gregos faziam a mesma coisa ao contrário, virados para o norte, e assim tudo de bom vinha da sua direita. Como os poetas romanos gostavam de imitar os gregos, ignoraram seus próprios cientistas e adotaram o sentido grego de "sinistro". Foi a primeira divergência conhecida entre tecnocratas e humanistas, com a vitória destes, já que foi a visão grega dos poetas que perdurou na História. Mas desde então a esquerda é "sinistra" no mau sentido e o Primeiro Mundo vive de costas para o sul. Onde é que eu estava? No ventríloquo. Como deveria se chamar quem diz tudo sem falar, ao contrário de quem fala, fala e não diz nada? Antipolítico eu acho que não pega.

Em quase todas as línguas a oposição de direita e esquerda tem a mesma conotação de direito e errado, bom ou mau, reto e torto. A mão esquerda no inglês arcaico era a "wrong hand". O verbo "to wring", espremer, torcer, vem de "wrong", que também queria dizer curvo, vergado. "Wrong" era o nome antigo da verga numa armação de barco, da

costela do barco. A costela é o osso curvo do corpo. Especula-se que vem daí a história da criação de Eva de uma costela de Adão. Do seu osso torto só podia nascer a perdição do Homem, a longa história da misoginia judaico-cristã começa no seu mito inaugural, antes mesmo da Queda. Mas a misoginia não é só da Bíblia. Os gregos achavam que os homens nasciam de sêmen do testículo direito, o lado bom, as mulheres de sêmen do testículo esquerdo. No dualismo chinês do yang ou do yin, as coisas são classificadas como masculinas e boas ou femininas e ruins. Não sei bem qual é a saudação de ativistas feministas, mas, se for um punho esquerdo desafiadoramente erguido, acho justo. Vamos acabar com essa história.

"Porblema." Talvez seja a solução. Pode-se prolongar o "por" enquanto se prepara o "blema", o que asseguraria a pronúncia perfeita em nove entre dez tentativas. E estaria resolvido o... Ele.

Papagaio

Junto com os índios tupinambás levados do Brasil para uma festa em homenagem a Henrique II, em Rouen, em 1550, havia macacos, papagaios e outros bichos tropicais, que ficaram na França e se reproduziram. E assim como hoje existem na Europa descendentes diretos dos índios que participaram do grande desfile, existe um papagaio em Paris que traça sua ascendência a um dos papagaios de Rouen. Seu nome é Didier. Foi comprado de um antropólogo francês, que o comprou de um fonólogo francês, que o comprou de um ornitólogo francês, por um pesquisador brasileiro, que está gravando o seu depoimento para uma planejada história de brasileiros em Paris e como o Brasil é visto na França desde o século 16.

Didier não tem as cores vivas dos seus primeiros antepassados. Sua plumagem é de variações do cinza desbotado, uma cor que ele mesmo descreve como "ciel de Paris". Como tem convivido muito com brasileiros, que se divertem com sua voz — a natural rouquidão dos papagaios é agravada pelos "Gaulois" que fuma sem parar —, ele fala um português razoável, mas com um pronunciado acento francês, entrecortado de expressões como "zut alors", "ulalá" e "merde". Em vez de lhe fazer perguntas, o pesquisador deixa o gravador ligado perto da sua gaiola durante boa parte do dia, para Didier falar o que quiser, quando quiser. Didier já disse que a gaiola é desnecessária, já que, na sua idade, não pretende mais ir a parte alguma. E que o gravador o atrapalha, pois preferia ficar ouvindo seus discos de Boulez, Edith Piaf, Thelonious Monk e Chico Buarque. Mas não se recusa a colaborar com a ciência.

Didier começou seu depoimento com um preâmbulo filosófico. Através da regressão conseguiu recuperar a memória herdada de toda a sua linhagem, e, de olhos fechados, não apenas se via na cerimônia de apresentação em Rouen, recém-chegado à França — "Ah, oui... Le roi... Le voilà" — como se via antes, muito antes, voando em formação com outros papagaios pela floresta brasileira ainda virgem. Ouvindo os sons da floresta e o som dos seus companheiros, o alegre alarido de pássaros selvagens numa terra ainda não descoberta, antes da sua captura, ou a captura do antepassado cuja memória acessara. E a questão filosófica que Didier colocava era a seguinte: gerações e gerações de papagaio tinham vivido sem saber que podiam falar. Durante anos, os papagaios só tinham imitado o som deles mesmos ou os sons de outros bichos. Séculos de talento desperdiçado, de loquacidade ociosa, de auto-ignorância voadora. Só quando ouvira sua primeira palavra,

dita, provavelmente, por um índio, o papagaio se conheceu completamente. Zut alors, je parle! Ou je imite, o que é a mesma coisa. E, claro, só quando ouvira sua primeira palavra numa língua européia o papagaio se descobriu capaz de raciocínio e da auto-reflexão. Se entendeu, qua.

"L'homme" — diz Didier — fala devido a uma degeneração da laringe. Ele é o único animal que se engasga, e por isso mesmo é o único que fala. O que impede os outros animais de se engasgar é o que permite ao homem falar. Deve haver um simbolismo aí, em algum lugar. Mas o principal é que mostra como o homem quis falar, fez tudo para falar, até se expôs ao vexame e ao desastre social para poder falar. Já o papagaio não dependeu de nenhum tipo de evolução para ter a mesma habilidade. Sempre pôde falar — apenas não sabia. Il ne savait pas! E o papagaio fala e não se engasga.

Para Didier, o encontro do papagaio brasileiro com a palavra do descobridor foi uma metáfora para a chegada da civilização ao Novo Mundo, da luz do conhecimento às trevas da inconsciência selvagem. Pois do que adiantava aquela vasta maravilha, aqueles rios gigantes torrentosos, aquelas plantas do tamanho de condados suíços, aqueles bandos de papagaios coloridos cacarejando sem sentido, se a maravilha não se sabia maravilha? Tínhamos o dom da palavra, mas não tínhamos a palavra, tínhamos o paraíso, mas não tínhamos o seu nome. E o necessário distanciamento crítico, claro. Segundo Didier, não foi por nada que trocamos nossa terra por espelinhos. Era exatamente isso que os europeus nos traziam: a possibilidade de nos vermos como os outros nos viam. Trocamos tudo por um espaço nos seus mapas, demos um continente pela sua representação. O que são madeira e ouro comparados a um lugar certo no mundo, um nome cristão e a consideração da corte? E uma língua de mil poetas em vez dos ganidos da floresta? Durante séculos, tivemos o ar e a laringe adequada, mas não tivemos a retórica. Foi a linguagem que nos conquistou e não a espada e o canhão, como dizem os revisionistas. O nosso começo também foi o verbo.

— Felizmente — diz Didier — "hereusement", meus antepassados foram trazidos para a França, e não para Portugal, a Inglaterra ou, "mon Dieu", a Holanda. Aqui se fala a única língua capaz de explicar o mundo — para os outros franceses, "bien sur". Quem não é francês tem que se contentar com um mundo para sempre misterioso. E é a única língua para se conhecer o Brasil também. Os portugueses fatalmente ficam sentimentais e perdem a objetividade quando falam de nós. Os ingleses tem uma certa dificuldade em enxergar os outros. Ser inglês é uma forma de miopia. E quem entende o holandês? Já o francês, que tem um som para cada sentimento e uma palavra para tudo, tem uma definição e um conceito pronto para qualquer coisa brasileira. Eu mesmo fui tão estudado pelos meus donos franceses que perdi a cor. Eles nos deduzem do detalhe. Meu último dono, por exemplo, estava fazendo um estudo aprofundado do que ele considera a principal manifestação cultural brasileira do século, a lambada, e chegando a conclusões surpreendentes, que não posso repetir porque não as acompanhei até o fim. Já que só o que eu faço é repetir o que eu ouço, e imitar o conceito dos outros. Não sei se é coisa de papagaio (tosse, tosse, ah estes "Gaulois" ou de brasileiros.

Paradoxos

Numa reflexão sobre a Revolução Francesa, Goethe disse que preferia a injustiça à desordem. A frase foi repetida num discurso por um ministro brasileiro da época dos generais-presidentes e continua aí, não dita mas implícita, ou não latida mas latente, na posição dos conservadores, até hoje. Goethe se desencantou com as conseqüências da revolução no espírito europeu e, com uma frase, absolveu a antiga ordem, que, fosse o que

fosse, era ordem. Goya foi outro que mudou de idéia. Um entusiasta da primeira hora de Napoleão, horrorizou-se com as atrocidades da invasão napoleônica da Espanha, que retratou com asco e ácido na sua série de gravuras Desastres de la Guerra, e se desencantou também. Só que, no seu caso, com a humanidade inteira.

* * *

O artista vive um conflito à parte dos conflitos maiores da História. A mesma sensibilidade que o faz deplorar a injustiça o faz valorizar a ordem.

A mesma acuidade com que enxerga a precariedade de uma ordem baseada na injustiça o faz saber que o clamor por justiça pode trazer injustiças de outra ordem. E ele sabe melhor do que ninguém que algum tipo de ordem é necessária para que a sensibilidade sobreviva, pois quando os demônios da retribuição estão soltos ela pode ser a primeira vítima. Quando os plebeus revoltados com a morte de Julio Cesar, na peça de Shakespeare, não encontram razão política para matar o poeta Cinna, matam-no pelos seus maus versos.

* * *

Alguém já disse que o produto inescapável de qualquer processo de pensamento é o paradoxo. Um pensamento que não termine em paradoxo é porque ainda não chegou ao fim. Outro disse que a primeira condição para o pensamento é não aceitar qualquer tipo de absoluto. Uma precaução ignorada tanto pelos intelectuais brasileiros que abraçavam o comunismo sem fazer perguntas, anos atrás, quanto pelos que hoje aderem à retórica reducionista do anticomunismo simplista, no que, mais do que uma renúncia ao pensamento, é quase uma automutilação. O paradoxo não é uma invenção moderna mas foi com a Revolução Francesa, a primeira com uma literatura e um sistema de idéias na sua origem, tanto quanto uma tirania e uma revolta, que o intelectual o assumiu por inteiro. E tenta conviver com ele desde então. E só pode conviver com ele, denunciando a ordem opressora e lamentando o sacrifício da ordem, e muitas vezes pregando o que não tem estômago para fazer, se aceitar verdades absolutas.

* * *

Se o intelectual tem de viver com o paradoxo de que precisa de ordem para pensar na subversão da ordem, e que no fundo, portanto, está sempre pensando na sua própria inutilidade, ou que assim como o fim ideal da História tanto para o marxismo ortodoxo quanto para o fundamentalismo neoliberal é a eliminação do Estado, o fim ideal do pensamento crítico é a sua própria extinção, isso não significa que sua única opção é entre ser hipócrita e não pensar, ou pensar pela metade — ou ser um reacionário, o que é a mesma coisa. Qual é a outra opção possível? Ele pode concluir que ordem e injustiça não são necessariamente sinônimos, mas este é um argumento, ou um consolo, que serve tanto para o comunista quanto para o reacionário e até para o social-democrata. Outro paradoxo.

* * *

Uma das coisas que a Revolução Francesa soltou pelo mundo foi a idéia da ação como filha comportada da retórica e, assim, do intelectual como revolucionário de fato. Se depois a Revolução escapou da teoria e aterrorizou até os poetas, isso não diminuiu o seu pedigree intelectual.

A idéia não prosperou muito, é verdade, tanto que hoje uma figura como Trotski, o

protótipo de todos os pensadores guerreiros da Revolução Russa, causa um certo espanto retroativo. Mas se a Revolução Francesa foi determinada pelo que determina todas as revoluções, a necessidade, não a teoria, da justiça contra a ordem, ela nasceu de uma linguagem, de uma eloquência. Somos todos descendentes desta retórica. Assim como os que até hoje acham que ela foi um péssimo exemplo para a humanidade, não são contra os seus excessos, são contra os seus preceitos. Para eles, subversivo mesmo foi o Iluminismo, foi a primeira sugestão de igualdade, e de que o pensamento humano não é concessão de nenhuma ordem, divina ou não.

* * *

No fim, a opção recomendável é não desistir de pensar.

Playboy

Lembro da primeira vez em que a vi. Eu tinha 18 anos, ela era recém-nascida. Segurei-a nas mãos com alguma emoção. Não, não era a minha primeira vez. Eu já tinha tido revistas de mulher nua. Mas em encontros furtivos sem muito prazer. Eram geralmente vagabundas e malfeitas e a impressão era a pior possível. Algumas, é verdade, tinham um certo verniz de respeitabilidade. As de "naturalismo", por exemplo, em que famílias de nudistas brincavam ao Sol em pálidas praias nórdicas. Mas você precisava procurar muito para encontrar uma nádega firme ou um seio aproveitável e ainda cuidar para que, em vez de uma sueca, não fossem de um sueco mais redondo. A Playboy era outra coisa. Com toda a sua precariedade de primeiro número — feito, segundo a lenda, por Hugh Heffner com uma tesoura, cuspe e peito, o dele e o da Marilyn Monroe — foi a primeira revista de mulher nua com classe que possuí.

Lembro que comecei a folheá-la ali mesmo (acho que a capa plástica ainda não tinha sido inventada, às vezes duvido que já existisse petróleo), mas fui interrompido pelo dono da banca, que disse:

— Hey bud, you gonna take that?

Levei-a para casa. Morávamos em Washington, então a pacata capital dos Estados Unidos do presidente Eisenhower, no finzinho da idade da inocência. Não era tão difícil conseguir sexo, ou coisa parecida, em Washington, mesmo descontando a minha timidez e o fato de que a revolução sexual americana ainda estava agrupando suas forças para começar. Eu tinha chegado aos Estados Unidos com 16 anos. Já tinha experiência, portanto, e com um pouco de persistência e coragem — e a ajuda inestimável do banco de trás do Chevrolet da família — conseguia ter uma vida sexual razoavelmente ativa. Mas sexo era um problema nos Estados Unidos. Existia, mas não era reconhecido pela moral dominante. Pelo menos não era reconhecido como sendo americano. Beijo de língua, em americano, era "beijo francês", presumivelmente para distingui-lo de um correto beijo nacional. Cartões pornográficos eram "french postcards", mesmo que fossem feitos na gráfica do porão. Anos depois da liberação feminina iniciada na década de 20 e popularizada durante a 2ª Guerra Mundial, a mulher sexualmente disponível só era aceita em duas formas no imaginário, leia-se cinema, americano: como a mulher fatal cuja sexualidade arruinava os homens ou como a loira burra, com a sexualidade cômica e algo infantil da Marilyn Monroe. Os decotes mostravam quase tudo, mas persistia a dúvida sobre o que as mulheres tinham, exatamente,

na ponta dos seios. Mesmo em espetáculos de strip-tease, nos anos 50, os mamilos ficavam tapados. Já existiam revistas sofisticadas para homens, como a Esquire, mas a Esquire também não mostrava os mamilos, a não ser, esporadicamente, em relevo. A Playboy foi a primeira a mostrar o peito inteiro. E num contexto de bom gosto, não mais na prateleira dos fundos, com as revistinhas de sacanagem disfarçada, mas ali na frente, com a Life e a Look.

Hugh Heffner tinha pretensões intelectuais, a sexualidade aberta fazia parte de um novo ethos hedonista e consumista, e se ela também servia a onanistas perebentos estes eram um alvo secundário. O público idealizado por Heffner era de jovens urbanos que também seguravam a revista com uma mão só, mas porque a outra estava segurando um cachimbo. Com a Playboy, o sexo pulou a barreira do puritanismo e se naturalizou americano.

Não foi uma conquista fácil. Heffner precisou guerrear contra a reação de defensores da moral pública, contra processos e ameaças. Durante anos antes da Playboy, um fato sabido, mas nunca abertamente comentado, era que muita gente nos Estados Unidos comprava a revista National Geographic, entre outras coisas, para ver as nativas seminuas. A revista regularmente programava reportagens em que os mamilos de fora apareciam num contexto científico. Para serem ainda mais seguros, eram mamilos marrons e selvagens. Não por acaso, os primeiros pêlos pubianos que apareceram na Playboy foram os de uma negra. Era um recurso estratégico, as nativas da National Geographic postas mais uma vez a serviço da hipocrisia. Os pêlos pubianos numa afro-americana garantiam que a novidade chegava protegida pelo exotismo e só dois ou três números mais tarde começaram a aparecer os pêlos de mulheres brancas. A guerra era feita destas sutilezas.

Anos depois, as revistas masculinas brasileiras precisariam enfrentar a hipocrisia com um jogo de corpo, no caso de um jogo de seios, parecido. A censura não proibiu a mulher nua, mas decretou uma espécie de cota mamária: só um número determinado de peitos poderia aparecer em cada edição e nunca dois na mesma página. Imagino as discussões conceituais entre editores e censores. Uma mulher com os dois seios de fora esgotava a cota da página ou contava como uma única exposição, dando direito ao bônus de mais um seio, desde que não fosse muito grande? Os regimes autoritários costumam cair pelas suas contradições e sua ilegitimidade, mas o ridículo também ajuda. A edição brasileira (que faz aniversário este mês) mantinha a filosofia da Playboy de Heffner, mas com um tratamento brasileiro. Desde o começo publicou autores e artistas nacionais e em pouco tempo tinha uma personalidade própria que devia pouco ao modelo americano. Há quem diga que tudo isso — a literatura, o bom acabamento gráfico, a "filosofia" de um estilo civilizado de vida — é só pretexto. Que todo mundo sabe que bom mesmo é ver as peladas do mês.

Playboy não é só mulher pelada, mas vá convencer alguém. Uma vez a Playboy me mandou cobrir uma Copa do Mundo. A de 86, no México, aquela dos pênaltis perdidos. Fui, mas meu credenciamento não estava assegurado. Na chegada, o Juca Kfourri precisou argumentar bastante para convencer o mexicano certo que eu merecia uma credencial de imprensa, pois ele não entendia o que uma revista como a Playboy queria num campeonato de futebol. Com a credencial pendurada sobre o peito, tive de agüentar olhares de surpresa, sorrisos safados e perguntas impertinentes de todos que liam o nome do veículo que eu representava. Playboy, é? Onde estavam as mulheres? Eu ia fotografá-las em campo, entre os jogadores? Ou infiltrá-las, peladas, nas concentrações? Também foi difícil organizar uma cara que correspondesse à que eles imaginavam devia ter um correspondente da Playboy. Algo entre um sátiro e um manequim. Acho que não tive sucesso. Não adiantava dizer que a matéria da Copa seria na linha de outras reportagens sobre diversos assuntos da Playboy, que decididamente não era só uma revista de mulher nua. A reação certamente seria uma piscadela de cumplicidade. "Está bien, está bien... Pero, y mujeres?"

Paz sobre Sartre

Eu estava relendo uma antiga revista Dissent em que aparece uma tradução da entrevista que Jean-Paul Sartre deu a Benny Levy pouco antes de morrer, publicada originalmente no *Nouvel Observateur*, com um comentário de Octavio Paz sobre Sartre e a entrevista, e achei que valeria a pena transcrever de novo trechos do texto de Paz. Como uma homenagem aos dois mortos e porque as questões que os uniam e separavam, principalmente as da motivação política do intelectual e das origens da consciência moral, continuam vivas. E pelo simples prazer de um bom texto. Paz escreve para a *Dissent*, socialista, sobre suas discordâncias com Sartre, mas declara que admira a coragem do filósofo, inclusive a de terminar a vida com esperança, e tenta restabelecer num contexto cristão esta esperança que Sartre e Levy quase definem como uma secularização do messianismo judeu. Diz Paz:

"No fundo da personalidade de Sartre havia uma fundação moral atávica, formada mais pelo protestantismo da sua herança familiar do que pela dialética. Durante toda a sua vida, como se as práticas espirituais dos seus ancestrais Huguenotes ecoassem dentro dele, Sartre sujeitou sua consciência a um exame escrupuloso. Nietzsche disse que a grande contribuição do cristianismo para o nosso conhecimento da alma foi a invenção do auto-escrutínio e do seu corolário, o remorso, que é ao mesmo tempo autopunição e um exercício de introspecção. O trabalho de Sartre é mais uma confirmação desta verdade. Seja tratando da política americana ou das atitudes de Flaubert, o padrão intelectual e moral da sua crítica é a do cristão examinado sua consciência: começa com um despertar, um rasgar de véus e de máscaras, a busca não da nudez mas da ferida secreta, e termina inexoravelmente num julgamento. Para a consciência religiosa do protestantismo, conhecer o mundo é julgá-lo, e julgar é condenar.

"Por uma curiosa transposição filosófica, Sartre substituiu a predestinação e a liberdade da teologia protestante com a psicanálise e o marxismo. Mas todos os grandes temas que apaixonaram os pensadores da Reforma aparecem no seu trabalho. No centro do seu pensamento estava a oposição entre situação (predestinação) e liberdade: este era também o tema dos calvinistas e o ponto principal do seu debate com os jesuítas. Não falta nem Deus: a Situação (História) assume as suas funções, se não a sua fisionomia e a sua essência. Mas a Situação de Sartre é uma divindade que não tem rosto porque tem todos os rostos: é uma divindade abstrata. Ao contrário do Deus cristão, ele não é humanizado, nem é cúmplice do nosso destino. Nós somos os seus cúmplices e ele se realiza em nós. Do cristianismo Sartre herdou não a transcendência, a afirmação de outra realidade em outro mundo, mas a rejeição deste mundo e a abominação da nossa realidade terrena. Na raiz das suas análises e protestos e insultos à sociedade burguesa está a velha voz vingativa do cristianismo. O verdadeiro nome da sua crítica é remorso.

Acusando sua classe e seu mundo, Sartre está acusando a si mesmo com a violência de um penitente."

Depois de observar que os dois escritores franceses que tiveram maior influência no pensamento moral do século 20, Sartre e Gide, rebelaram-se contra seu protestantismo — Gide, o esteta, rebelando-se em nome dos sentidos e da imaginação, Sartre mais evangélico e radical, desprezando a arte e a literatura com o furor de um patriarca da Igreja — Paz diz que na entrevista do *Nouvel Observateur* a palavra "esperança", a velha virtude cristã, é explicitamente usada por Sartre pela primeira vez. Paz declara-se surpreso em saber que Sartre considera o judaísmo, "o menos universal dos três monoteísmos", a origem e o

fundamento da sua esperança. "O judaísmo é uma fraternidade fechada. Por que ele (Sartre) mostrou-se outra vez surdo à voz da sua tradição? O sonho da fraternidade universal — mais enfaticamente, a certeza esclarecida de que este é o estado a que toda a humanidade está naturalmente e sobrenaturalmente predestinada desde que recupere sua inocência original — está no cristianismo primitivo." Para Paz, sem negar seu ateísmo e resignado com a morte, Sartre recuperou a parte melhor e mais pura da tradição religiosa, a sua visão da reconciliação humana.

A liberdade parafraseia Paz, são os outros.

Pequeno Macaco

Não ficamos sabendo nem da metade do bem e do mal que fazemos aos outros. Aquele homem em que você esbarrou sem querer na rua pode ter se virado para xingar você, desistido, guardado sua raiva e mais tarde chutado o cachorro do vizinho, que reagiu, começando a briga, que acabou com dois mortos e três feridos, sobre a qual você leu no jornal sem nem sonhar que a culpa era sua. Aquele amigo a quem você telefonou para perguntar qual era a música antiga que falava em "edredom vermelho", porque só ele saberia, e três dias depois telefonou para dizer que tinha encontrado a música... Quem sabe se na hora em que você telefonou ele não estava prestes a pular pela janela, convencido de que não servia para mais nada na vida? Você pode ter-lhe dado uma razão temporária para continuar vivo e, depois de cumprida sua missão, ele pode muito bem ter conhecido uma moça, com a qual casará e viverá feliz até os dois morrerem num incêndio causado por você, sem saber, quando jogar um cigarro pela janela do carro justamente no mato em que eles estão acampados.

A toda ação corresponde uma reação que provoca outras reações e você não pode ter absoluta certeza que um gesto seu, digamos, ao abrir bruscamente a porta da sua geladeira, não vá causar, depois de uma longa série de efeitos encadeados, uma avalanche no Himalaia. Qualquer biografia é, na verdade, o resultado do cruzamento de várias biografias que por sua vez são determinadas por várias outras biografias, e sempre que toma uma decisão sobre a sua vida — como, por exemplo, sua decisão de cortar o sorvete, que pode ser a fração porcentual que faltava para a fábrica de sorvete decidir diminuir sua produção, desempregando várias pessoas, uma das quais, daqui a alguns meses, tomará a decisão de assaltar você — você está decidindo a vida de outros. Agora mesmo você pode ter jogado no lixo a casca de banana que cairá do caminhão do lixo e na qual o carteiro escorregará ao atravessar a rua trazendo uma carta da Cameron Diaz (digamos) para mim que desaparecerá pelo buraco do esgoto, me deixando sem saber o que a Cameron poderia querer comigo e a minha vida igual ao que era antes, além da coitadinha sem resposta e o carteiro no chão.

Num jantar dado em Bruxelas pelo conde Roche-Petard para o embaixador de Bezabeba, o conde contou ao embaixador que o apelido da sua pequena neta, Annette, era Petite Singe, pois ela não ficava quieta um minuto. O embaixador achou aquilo encantador e, de volta ao seu país, contou ao imperador de Bezabeba que a pequena neta do conde Roche-Petard era chamada em casa de Pequeno Macaco, e o imperador riu muito, engasgando-se na tâmara que estava comendo e morrendo em seguida por falta de ar, o que desencadeou uma luta fratricida pela sua sucessão que durou várias semanas sangrentas e terminou com uma intervenção da ONU, Bezabeba dividida e um saldo de vários milhares

de mortes. Em Bruxelas, o conde leu no jornal que o embaixador fora preso como suspeito de ter assassinado o imperador e seria executado, mas não leu mais porque a pequena Annette entrou na sala com a babá e exigiu sua atenção, correndo de um lado para o outro sem a menor idéia da desestabilização que causara no Oriente e depois pulando no seu colo. Parecia mesmo um macaquinho.

Perdidão

Perdido, perdidão mesmo, ficou o Rodrigo depois que a Taninha foi embora.

"Inconsolável", no caso dele, não era, como é que se diz? Força de expressão. Era impossível consolá-lo. Todos tentavam, ninguém conseguia.

Afinal, contando amizade, namoro e morar junto, aquilo com a Taninha durara dez anos. E uma noite ele contou que o que doía mais não era a briga, a separação, o abandono.

Era o desperdício.

— Entende? O desperdício. Eu sei tudo sobre a Taninha. A mãe dela não sabe o que eu sei sobre a Taninha. Conheço cada sinal do seu corpo, cada pêlo, cada marca. Alguém sabia que ela tinha uma cicatriz pequenininha aqui, embaixo do queixo? Pois é, não aparecia, mas eu sabia. Ela tinha uma pintinha numa dobrinha entre a nádega e a coxa que, aposto, nem a mãe conhecia. Nem ginecologista, ninguém. E o dedinho do pé virado para dentro, quase embaixo do outro? Era uma deformação, ninguém desconfiava. E eu sabia. E agora, o que que eu faço com tudo que sei da Taninha?

— Eu passava horas vendo a Taninha dormir. Barriga para baixo, cara enterrada no travesseiro, a boca às vezes aberta. Mas não roncava.

Às vezes ria. Um dia ela riu, acordou, me viu olhando para ela e disse "Você, hein?", depois dormiu de novo. Acho que, no sonho, eu tinha feito ela rir. Depois ela não se lembrava do sonho, disse que eu tinha inventado. O que que eu faço com isso? De que me adianta saber como a Taninha raspava a manteiga, cantava uma música no chuveiro que ela jurava que existia, "Olará-olarê, tou de bronca com você", que ninguém nunca tinha ouvido? E fechava um olho sempre que não gostava de alguma coisa, de uma sobremesa ou de uma opinião? Eu podia escrever um livro, Tudo sobre Tânia, mas quem ia comprar?

Não seria sobre ninguém importante. Não seria a biografia, com revelações surpreendentes, de uma figura histórica ou controvertida, só tudo o que eu sei sobre uma moça chamada Taninha, que me deixou, depois de anos de observação exclusiva. Taninha na cama, Taninha no banheiro, Taninha na cozinha, Taninha correndo do seu jeito particular, de nenhum interesse para a posteridade. Dez anos de estudos postos fora.

— Estudei a Taninha em todas as situações, em todos os ambientes, em todos os elementos possíveis. Taninha na praia. Taninha enrolada num cobertor, comendo iogurte com frutas e vendo televisão. Taninha suada, Taninha arrepiada. O estranho efeito de relâmpagos e trovoadas no cabelinho da nuca de Taninha. Querem os cheiros da Taninha? Tenho todos catalogados na memória. Taninha gripada.

Taninha distraída. Taninha contrariada, eufórica, rabugenta, com cólica e sem cólica.

Taninha roendo unha ou discutindo o Kubrick.

Não havia nada sobre a Taninha que eu não sabia, toda esta erudição sem serventia.

— O desperdício. Não posso oferecer tudo que sei sobre a Taninha para um inimigo. Dicas sobre os seus momentos de maior vulnerabilidade — ouvindo o Chico ou

errando o suflê. A Taninha, que eu saiba, não tem inimigos, certamente nenhuma potência estrangeira. Não posso oferecer meus conhecimentos da Taninha para a Ciência. Se ela ainda fosse um fóssil mumificado que eu desenterrei e passei dez anos examinando e cujas características — suas pintinhas, seu dedinho torto, sua provável maneira de dançar qualquer música fazendo "sim" com a cabeça e de raspar a manteiga — revolucionariam todas as teorias estabelecidas sobre o desenvolvimento humano...

Mas inventei uma ciência esotérica, de um praticante e um interessado só. Não posso nem dar um curso universitário, publicar teses, formar discípulos, participar de congressos sobre a Taninha. Sou doutor em nada.

Doutor em saudade. Entende? Desperdicei dez anos numa especialização inútil.

Não adianta tentar consolar o Rodrigo. Convencê-lo a esquecer a Taninha e se dedicar a outras. Ele diz que não está preparado para outras. Toda a sua formação é em Taninha. Namorando outras — diz o Rodrigo — ele se sentiria como essas pessoas com diploma em física nuclear ou engenharia eletrônica que acabam trabalhando de garçom.

Pijamas de Seda

O Délio era tão cafajeste, tão cafajeste que enternecia as pessoas.

Diziam "Flor de cafajeste" como se dissessem "Figuraça". E brincavam com ele, afetuosamente:

— Délio, é verdade que você venderia a própria mãe?

— O que é isso — dizia o Délio, com modéstia.

Volta e meia alguém aparecia com "a última do Délio", que era devidamente festejada. Às vezes, alguém se apiedava da vítima.

— E como é que vai ficar a viúva, depenada pelo Délio?

— Pois é, coitada. Ele levou até os pijamas.

Mas logo aparecia um defensor do Délio.

— Ela não pode dizer que não sabia que ele era um cafajeste.

— Alguém avisou?

— Estava na cara!

A teoria era a seguinte: quem se envolvia com o Délio, com aquela cara de cafajeste, estava pedindo. Não podia alegar falta de aviso. Tudo que alguém precisava saber sobre o Délio estava na sua cara. Só se enganava quem queria. Só era enganada quem ignorava o aviso da cara. Ou achava que a cara estava mentindo, que ninguém podia ser tão cafajeste assim.

Foi justamente uma viúva a responsável pela queda do Délio, que tanto consternou os amigos. Uma viúva, e a fatal atração do Délio por pijamas. Ele tinha uma coleção de pijamas, muitos herdados de maridos mortos, presenteados pelas viúvas. Tinha pijamas para dormir, pijamas para andar em casa, pijamas para passear na calçada. Pijamas de todos os tipos, e em profusão. Gabava-se de poder passar um trimestre sem repetir um pijama. E foi a obsessão por pijamas que abateu o Délio.

Um dia um grupo foi visitar o Bonato no seu leito de morte. O Délio e mais uns três ou quatro. Na saída do quarto do Bonato, estavam todos impressionados com a cena do Bonato nas últimas, mal podendo respirar, e sua mulher, a Léinha, segurando sua mão, e seu afilhado Davi, com sua cara de sonso, mal contendo o choro. O Délio comentou:

— Viram só?

— Pois é. Pobre do Bonato. Está nas últimas.

— Não, não — disse o Délio. O pijama dele. De seda pura! E outra coisa: com monograma. Seria fácilimo transformar o "B" de "Bonato" em "D" de Délio. O Délio tinha uma cerzideira especialista em alterar monogramas.

Durante semanas depois da morte do Bonato, fizeram apostas no grupo. A Léinha, que afinal era uma mulher inteligente, e já conhecia o Délio, sucumbiria ao cafajeste? O namoro começou, discretamente, três meses depois do enterro. E três meses depois, ao ser perguntado, de longe, como ia o seu assédio à Léinha e aos pijamas de seda do falecido, Délio limitou-se a dar tapinhas alegres embaixo do próprio queixo. Querendo dizer que estavam no papo.

Na última vez em que o grupo viu Délio, antes da derrocada, ele estava levando os pijamas de seda do Bonato para sua cerzideira alterar os monogramas. Depois, Délio desapareceu. Segundo as primeiras versões, ele e Léinha estariam em lua-de-mel, em Cancún, onde ele exibia seus pijamas para um público internacional. Quando Léinha foi avistada sem o Délio, surgiram rumores de que o cafajeste já dera seu golpe, deixando Léinha desesperada e sem um tostão, amaldiçoando-se por achar que seria uma exceção na vida dele, que com ela ele se regeneraria. Regenerar-se, com aquela cara! Mas Léinha não parecia desesperada. E, quando perguntaram a ela sobre o Délio, disse só:

— Sei lá.

E como tinha sido Cancún?

— Que Cancún?

Finalmente, Délio apareceu. No começo, não quis falar. Disse apenas uma palavra: "Deslealdade." Não entrou em detalhes. Estava deprimido. Só com o tempo e a insistência dos outros foi contando o que tinha acontecido. Desta vez, a vítima fora ele. Sim, acreditassem se quisessem. Ele, que todos chamavam de cafajeste, tinha encontrado alguém mais sem caráter do que ele.

E, ainda por cima, desleal.

— Quem, Délio?

— O Davi.

O Davi?! O afilhado do Bonato? Com aquela cara de sonso?

Exatamente, disse Délio. Com aquela cara dissimulada. Pelo menos ele, Délio, não disfarçava sua cafajestice. Ao contrário do Davi, que escondia a sua sob uma máscara de sacristão e um jeito de bobo. Davi, o que mais chorava no enterro do padrinho, embora já fosse amante de Léinha. Davi, que chantageara Léinha, ameaçando deixá-la depois da morte do Bonato. Fora para segurar Davi que Léinha lhe dera os pijamas de seda do Bonato, com o "B" transformado, com tanta arte, em "D".

— Ela só queira a minha cerzideira! — queixou-se Délio, arrasado.

Em condições iguais, Délio não fugiria de uma disputa com Davi por Léinha e seu dote, inclusive os pijamas de seda. Mas era preciso haver um mínimo de lealdade. Tudo às claras, na cara, e que vencesse o pior.

Pilhagem

"Pagar a dívida social" é uma daquelas frases de palanque que nunca passam da retórica para a prática. Como a reforma agrária, que todo mundo apóia desde que ela não seja feita, o resgate da dívida social é uma figura de discurso que perde muito na tradução

para fato.

Somos, teoricamente, a sociedade mais bem-intencionada do mundo. A tal de prática é que nos atrapalha. O empresariado brasileiro, por exemplo, fica teoricamente cada vez mais moderno e esclarecido e continua não reconhecendo seu papel nem na acumulação da dívida social nem na sua quitação.

A construção simultânea da oitava economia e da sociedade mais desigual do planeta só pode ser vista como um processo de pilhagem. O Brasil é pilhado pela sua elite econômica há gerações. Por mais justas que sejam as queixas contra os absurdos que atrapalham o empreendimento brasileiro, existe um custo empresa que o Brasil paga há anos muito mais escandaloso do que o custo Brasil de que reclamam os empresários. Não é só o sumidouro do mercado financeiro e a sonegação de impostos, é tudo o que a economia brasileira produziu enquanto conquistava seu ranking e foi negado ao País pela subtributação e o privilégio fiscal. Apesar da gritaria, o empresário brasileiro é dos menos exigidos do mundo na hora de passar parte do seu resultado para a sociedade que o cerca. E quando se inclui no execrado custo Brasil os benefícios sociais que mal compensam a precariedade da assistência oferecida pelo poder público, justamente por culpa da sonegação legal, estamos muito perto do escárnio. Não faz muito, com a discussão da tributação das terras improdutivas, ficou-se sabendo o que pagavam de impostos os grandes proprietários rurais pelos grandes nacos de Brasil que são deles. Quase nada. E de cara feia. Usando a ameaça do desemprego em massa como argumento de chantagem, o governo dos patrões fez passar pelo Congresso medidas de "flexibilização" do mercado de trabalho que não deram certo em nenhum outro lugar, cujo verdadeiro motivo, depois de varrida a retórica bem-intencionada, era diminuir a responsabilidade social do capital e aumentar o lucro.

As estatísticas atuais sobre educação e saúde pública mostram o que já se sabia, que a pilhagem continua. A dar atenção à emergência social brasileira preferiram a empáfia do gradualismo, tudo no seu devido tempo, enquanto bebês morrem em berçários superlotados e crianças são mal preparadas por professores mal pagos para maus empregos, quando encontram. O neoliberalismo diz que o Estado é o vilão, um Estado abstrato, de ninguém, o que é uma forma de inocentar os que o usaram até agora como instrumento de rapina. Como privilegia os mesmos privilegiados de sempre, com a bênção adicional do dogma neoliberal triunfante, nosso governo pseudo-social-democrata apenas tornou a pilhagem mais respeitável. E simpática.

Declaração Da série "Poesia numa hora destas?!"

Tentei dizer quanto te amava, aquela vez, baixinho.
Mas havia um grande berreiro, um enorme burburinho
e, pensando bem, um berçário não é o melhor lugar.
Nós dois de fraldas, lado a lado
Cada um recém-chegado.
Você sem poder ouvir, eu sem saber falar.
Tentei de novo, lembro bem, na escola.
Com um P.S. num pedido de cola

Interceptado pela professora feito gavião.
Eu fui parar na diretoria
Enquanto você, desalmada, ria
— curta é a vida, longa é a paixão.
Numa festinha, ah suas festinhas, disse tudo:
"Te adoro, te venero, na tua frente fico mudo."
E você tomando goles de um silencioso Hi-Fi.
Só mais tarde eu atinei:
Cheio de cuba e amor, me enganei.
Tinha dito tudo para o senhor seu pai.
Gravei, em vinte árvores, quarenta corações.
O teu nome e o meu, flechas, palpitações.
No mal-me-quer, bem-me-quer, dizimei jardins.
Resultado: sou pessoa pouco grata
Corrido aos gritos de "Mata"!
Por ambientalistas e afins.
Recorri, desesperado, a um gesto obsoleto:
"Se não me seguram faço um soneto!"
E não é que fiz, e até com boas rimas?
Mas você nem ficou sabendo.
Ele continua inédito, por você plangendo
— mas fui premiado num concurso em Minas.
Comecei a escrever, com pincel e piche
Em muros brancos, o asseio que se lixe
Todo o meu amor para a sua ciência.
Fui preso aos socos e fichado.
Dias e mais dias interrogado.
Era PC, PC do B ou outra dissidência?
Te escrevi com lágrimas, suor e mel
(você devia ver o estado do papel)
Uma carta longa, linda e passional.
Como resposta nem uma cartinha
Nem um cartão, nem uma linha!
Vá se confiar no Correio nacional...
Com uma serenata, sim, uma serenata
Como as do tempo da Cabocla ingrata
Me declararia respeitando a métrica.
Ardor, tenor, calçada enluarada
Havia tudo sob a sua sacada
Menos tomada pra guitarra elétrica.
Decidi, então, botar a maior banca
E escrever no céu com fumaça branca:
"Te amo, assinado..." e meu nome bem legível.
Já tinha avião, coragem, brevê
Tudo para impressionar você...
Veio a crise do petróleo e faltou o combustível.
Ontem finalmente cheguei ao seu ouvido
e, na discoteca, em meio ao alarido
Despejei o meu pobre coração.
Falei da devoção há anos entalada

E você disse "Com essa música, não escuto nada!"
Curta é a vida, longa é a paixão.
Na velhice, num asilo, lado a lado
Em meio a um silêncio abençoado
Te direi tudo o que eu queria, meu bem.
Meu único medo é que então
Empinando a orelha com a mão
Você me responda... "Hein?"

Ponto e vírgula

Como lia muito em inglês havia uma séria dúvida de que eu soubesse escrever em português. Comecei no jornalismo trabalhando como copidesque — uma função que já deve ter sido substituída por uma tecla de computador — na Zero Hora. Naquele tempo você podia começar como estagiário, sem diploma. Quanto tempo faz isso? Basta dizer que a manchete da Zero Hora no dia seguinte ao da minha estréia foi "Castello hesita em cassar Lacerda". E a manchete saiu com um terrível erro de ortografia. "Exista" em vez de "hesita". Na minha casa, duas certezas conflitantes — a de que eu era analfabeto e a de que já começaria no jornalismo fazendo as manchetes da primeira página — se chocaram, criando o pânico. Mas eu era inocente. E tenho conseguido me manter inocente de grandes pecados ortográficos e gramaticais desde então, pelo menos se você não for um fanático sintático. Vez que outra um leitor escandalizado me chama a atenção por alguma barbaridade que eu prefiro chamar de informalidade, para não chamar de distração ou ignorância mesmo. Afinal se a gente não pode tomar liberdades com a própria língua... E nenhum pronome fora do lugar justifica a perda de civilidade.

Mas tenho um temor e uma frustração. Jamais usei ponto e vírgula. Já usei "outrossim", acho que já usei até "deveras" e vivo cometendo advérbios, mas nunca me animei a usar ponto e vírgula. Tenho um respeito reverencial por quem sabe usar ponto e vírgula e uma admiração ainda maior por quem não sabe e usa assim mesmo, sabendo que poucos terão autoridade suficiente para desafiá-lo. Além do conhecimento e audácia, me falta convicção: ainda não escrevi um texto que merecesse ponto e vírgula. Um dia o escreverei e então tirarei o ponto e vírgula do estojo com o maior cuidado e com a devida solenidade e colocarei, assim; provavelmente no lugar errado, mas quem se importará?

Idéia para um conto policial psicológico. Os contos policiais psicológicos são mais fáceis de escrever porque não precisam ter muita ação. Um homem chega em casa do trabalho e encontra a sua família toda morta. Mulher, filhos, sogra, empregada, cachorro. Todos assassinados. Não há sinais de arrombamento, nada na casa foi tocado. Salvo os mortos. À polícia, o homem diz que não tem idéia de quem possa ter cometido os crimes. Sua família era normal, não tinha inimigos. Levava uma vida normal. Ninguém tinha razão para matá-la. Ninguém.

- E o senhor? — pergunta o inspetor.
- Eu?
- O senhor não tinha uma razão para matar a sua mulher? E matar os outros para disfarçar?
- Que razão?
- Digamos que ela descobriu que o senhor tem uma amante chamada Jaqueline,

com quem pretende viver, e estava criando obstáculos para a separação.

— Mas eu não tenho uma amante chamada Jaqueline.

— Vanusa?

— Não.

— Linda Maura?

— Também não!

— Você preparou o crime, colocando fortes doses de sonífero no café da manhã de todo o mundo, inclusive do cachorro. Assim, quando chegou em casa, às 5h20 da tarde e não às 6 como declarou, encontrou todos inconscientes e pôde matá-los tranqüilamente, usando o pesado troféu que ganhou num torneio de golfe em Maracaibo, em 1974.

— Minha secretária testemunhará que eu saí do escritório às 5 e meia. E eu nunca estive em Maracaibo. Nunca estive fora do Brasil. Aliás, eu nem jogo golfe!

— Como é o nome da secretária?

— Jorgete.

— Arrá. Então é ela a amante. Além de garantir o álibi, ela esteve na casa com o senhor. Não participou do crime, mas ajudou o senhor a se livrar do pesado castiçal usado na matança, que está neste momento ornamentando a mesa do seu pequeno apartamento decorado em estilo oriental, na zona norte.

— Não! A dona Jorgete mora na zona sul.

— No apartamento que você montou para ela, com um bar na sala, uma mesa de centro na forma de um rim e quadros de odaliscas seminuas nas paredes. Foi lá que vocês planejaram o assassinato, bebendo gim-tônica e ouvindo um disco do Mantovani, aquele com a capa branca.

— Não!

— Ray Conniff?

— Não!

— Os Golden Boys.

— Também não! A dona Jorgete não é minha amante e eu não montei um apartamento para ela. A dona Jorgete mora com a mãe.

— Dona Valdemira. Chamada "Vavá". Viúva de um coronel, Octacílio ou Amoroso. Ela também é contra o casamento de vocês e corre sério risco de vida.

— A dona Jorgete tem quase 60 anos!

— Qual era o plano? Depois do assassinato, de se livrarem do ferro elétrico usado na chacina, de chamarem a polícia e darem depoimentos falsos e de enterrarem os mortos, você e Margarida, a ex-Miss Brotinho de Jaguarão que conheceu na sala de espera de um tarólogo no centro, iriam viver nas terras dela em...

Nisso entrou um policial para dizer que o crime estava solucionado. Tinham prendido um maluco que confessara tudo. Se irritara com o cachorro e o perseguira até dentro de casa, onde matara a família toda com um pau. O homem foi solto, com pedido de desculpas. E semanas depois telefonou para a delegacia. Queria fala com o inspetor. Disse:

— Só por curiosidade. Na sua hipótese.

— Sim?

— Qual era o meu plano?

Pracinha

— Você não me conhece...

— Sim?

— Mas eu tenho, por assim dizer, acompanhado a sua vida.

— Ah, sim?

— É. Desde pequeno.

— Mas você tem a minha idade.

— É. Nós fomos pequenos juntos. Brincávamos juntos. Na pracinha. Você não se lembra. Não pode se lembrar.

— Acho que...

— Não, não. Nem tente. Faz muitos anos. Eu me lembro porque fiquei muito impressionado quando a minha mãe me disse que você ia morrer.

— O quê?

— Minha mãe me disse que você era muito doente. Que não era para bater em você, nem fazer você correr muito. Eu tinha vontade de bater em você. Mas nunca bati.

— Eu era muito doente?

— Foi o que a minha mãe me disse. Que você não ia durar muito. Que era para eu cuidar de você. Por isso eu deixava você ganhar tudo. Fiquei muito impressionado.

— Mas...

— Eu não imaginava que uma criança do seu tamanho, do nosso tamanho, pudesse morrer assim. Sem ser atropelado, sem ficar de cama. Estar brincando numa pracinha e ao mesmo tempo estar morrendo. Aquilo me marcou. Acho que passei a infância esperando você morrer. A vida toda.

— E eu não morri.

— Não morreu. Vocês se mudaram. Nunca mais brincamos na pracinha. Mas eu continuei acompanhando a sua vida. Uma vez cheguei a ir na sua casa. Minha mãe foi entregar uma torta. Era o seu aniversário. Quinze anos. Eu disse "Oi" mas você nem me olhou.

— Você disse que tinha vontade de bater em mim? Na pracinha...

— Tinha.

— Por quê?

— Porque você era insuportável. Você era intragável. Mas eu não podia bater. Em vez de bater em você, protegia você dos outros. Porque você ia morrer.

— Olha, eu...

— Você não sabe como aquilo me marcou. Pela vida toda. Fiquei amargo, fatalista. Imagina: um fatalista de 10 anos. Achava que nada na vida valia a pena. Que sentido podia ter a vida, num mundo em que crianças morriam assim?

— Mas eu não morri.

— Eu sei. Mas aí o mal já estava feito.

— Eu nem sabia que estava doente!

— Vi o seu nome na lista dos aprovados no vestibular, no jornal. A sua foto se formando. As notícias das suas vitórias na vela. A participação do seu casamento. As fotos do seu casamento na coluna social. O seu lançamento como candidato a vereador. Até votei em você. Não sei por que, achava que ainda tinha que proteger você porque você ia morrer criança, embora já fosse adulto. Mas esperei, esperei, e nunca vi o convite para o seu enterro. Vi o da sua mãe, mas não o seu. Procurava a notícia da sua morte e via a notícia da sua candidatura a deputado. Procurava o convite para o seu enterro e via a notícia da sua escolha como secretário de Estado. Uma vez, nem tive que abrir o jornal. Estava lá, na capa, sua cara e a notícia dos milhões desviados na secretaria. Mas nunca a notícia da sua morte.

— Desculpe, eu...

— Não, não. Tudo bem. Não é culpa sua.

— Se eu puder fazer alguma coisa por você... Só não posso morrer, claro.

— Claro. Ainda mais agora que vai para deputado federal. Aliás, com o meu voto.

— Obrigado.
 — Oquei.
 — O que é que você faz?
 — Eu? Nada. Me viro. Tenho a pensão da mãe e vivo encostado. Invalidez.
 — Invalidez?
 — Problema psiquiátrico. Trauma de infância. E outras coisas. Acho que não duro muito.
 — Mas você é moço. Tem a minha idade!
 — É, mas...
 — Escuta.
 — O quê?
 — Você quer me bater? Pode bater.
 — O que é isso?
 — Não. É o mínimo que eu posso fazer por você. Faz de conta que a gente está de volta na pracinha. Me bate. Vamos.
 — Olha... Acho que eu não tenho mais força.

Preto e branco

"Escrevo peças porque escrever diálogos é a única maneira respeitável de você se contradizer." Tom Stoppard Um palco vazio. Entram dois homens, um vestido de preto e o outro vestido de branco. Eles representam os dois lados do Autor. Isso a platéia já sabe porque está escrito no programa. Pelo Autor. Ou por um dos lados do Autor, já que o outro era contra. O outro lado do Autor queria que o espectador deduzisse no transcorrer do diálogo que os dois atores representam a mesma pessoa, porque, na sua opinião, dar muitas explicações para a platéia subverte a relação de cumplicidade misturada com hostilidade que deve existir entre palco e público, e nada destrói este clima mais depressa do que o público descobrir que está entendendo tudo. Os dois lados do Autor discutiram muito sobre isto e prevaleceu o lado que queria ser perfeitamente claro, mesmo com o perigo de frustrar o público. Palco vazio. Dois homens, representando os dois lados do Autor. Um todo de preto, o outro todo de branco.

Homem de branco — Preto.

Homem de preto — Branco.

Branco — Por que não cinza?

Preto — Vem você com essa sua absurda mania de conciliação. Essa volúpia pelo entendimento. Essa tara pelo meio-termo!

Branco — Se não fosse isso, nós não estaríamos aqui. Foi minha moderação que nos manteve longe de brigas. Foi minha ponderação que nos preservou. Se eu fosse atrás de você...

Preto — Nós teríamos vivido! Pouco, mas com um brilho intenso. Teríamos dito tudo que nos viesse à cabeça. Distinguido o pão do queijo com audácia. Posto pingos destemidos em todos os "is". Dado nome completo a todos os bois!

Branco — Em vez disso, fomos civilizados. Isto é, contidos e cordatos.

Preto — E temos os tiques nervosos para provar.

Branco — Você preferiria ter dito a piada que magoaria o amigo? A verdade que destruiria o amor? O insulto que nos levaria ao Pronto Socorro, setor de traumatismo?

Preto — Preferiria. Para poder dizer que não me calei. Para poder dizer "Eu disse!"

Branco — Ainda bem que não é você que manda em nós.

Preto — Não, é você. Sempre fazemos o que você determina. Ou não fazemos. Não dizemos. Não vivemos! Estou dentro de você, fazendo, dizendo e vivendo só em pensamento. Se ao menos eu pudesse sair aos sábados...

Branco — Para que, para nos matar? Pior, para nos envergonhar?

Preto — Melhor se envergonhar pelo dito e o feito do que pelo não dito e o adiado. Você sabe que cada soco que um homem não dá encurta a sua vida em 17 dias? E cada vez que um homem pensa em sair dançando um bolero e se controla, seu fígado aumenta? E cada...

Branco — Bobagem. Ainda bem que eu sou o verdadeiro nós.

Preto — Não, eu sou o verdadeiro você.

Branco — Você só é nós em pensamento. Você é a minha abstração.

Preto — Sou tudo o que em nós é autêntico e não reprimido. Ou seja: você é a minha falsificação.

Branco — Você não é uma pessoa, é uma impulsão.

Preto — Você não é uma pessoa, é uma interrupção.

Branco — Mas quem aparece sou eu.

Preto — Então o que eu estou fazendo neste palco, e ainda por cima de malha justa?

Branco — Você só está aqui como uma velha tradição teatral, o interlocutor. Um artifício cênico, para o Autor não falar sozinho. "Escrever diálogos é a única maneira respeitável de você se contradizer." Tom Stoppard.

Preto — Quer dizer que eu só entrei em cena para dizer...

Branco — Branco. E eu...

Preto — Preto. Por quê?

Branco — Para mostrar à platéia que todo homem é a soma, ou a mescla, das suas contradições. Que no fim o destino comum de todos, cremados ou não cremados, não é ser branco ou preto, é ser cinza.

Preto — Mostrar a quem?

Branco — À pla... Onde está a platéia?!

Preto — Foram todos embora.

Branco — Será porque não entenderam o diálogo?

Preto — Acho que foi porque entenderam.

Preto-e-branco

PARIS — Do fim do impressionismo ao começo do technicolor, Paris foi, por um longo tempo, preta-e-branca. Você não pode imaginar uma imagem de Paris daquele período colorida. As fotos e os filmes de Paris até a metade do século 20 eram de uma cidade com várias graduações de cinza e isso condicionou nosso pensamento a seu respeito e a respeito da época. Depois das cores vivas da "belle époque" captadas pelos seus artistas, Paris tornara-se cinzenta, a cor dos clichês da imprensa e dos jornais de cinema, a cor de um século sombrio. A história do século 20 era a história de uma degradação cromática, determinada pelo cinema e pelas novas artes do instantâneo. A última imagem pintada famosa de Paris colorida — de quem mesmo, Utrillo? — marcou o início da era da percepção cinzenta, mais adequada aos tempos. O fascismo nos chegou em preto-e-branco. A 2ª Guerra Mundial foi preta-e-branca. As terríveis fotos dos campos de concentração nazistas liberados só podiam ser em preto-e-branco, a cor no caso seria uma

aberração. A liberação de Paris foi preta-e-branca. Lembro de como eu estranhei quando vi uma foto colorida de De Gaulle. De Gaulle era corado! Você não podia conceber qualquer personagem do século cinzento com as bochechas rosadas. Nem o Churchill.

Depois da guerra, por algum tempo ainda, Paris continuou sendo preta-e-branca. Jean-Paul Sartre também era corado, mas você só conseguia visualizá-lo e sua turma cinzentos numa Paris cinzenta. O "Quartier Latin" e o existencialismo eram impensáveis a cores. Cheguei a desenvolver uma fantasia: tudo em Paris era cinzento. As folhas das árvores, as flores, os passarinhos, os sinais luminosos. Até a bandeira tricolor era em três tons de cinza. No momento em que descia em Paris você também ficava cinza. Fora o que acontecera com a Jean Seberg, uma americana policromática que se deixara tragar pelo cinzento parisiense e pela "nouvelle vague", fora dirigida por Jean-Luc Goddard em Acochado, que era o mais longe que você podia ir dentro do preto-e-branco sem ser um parisiense nato ou o Eddie Constantine, e nunca mais fora a mesma, ou nunca mais fora americana. Como turista, você não se arriscava a tanto. Na saída de Paris, certamente, receberia suas cores de volta. Aí os americanos fizeram seu primeiro filme colorido em Paris e tudo mudou. Não demorou muito e os franceses também começaram a filmar sua capital a cores. Paris voltou a ser a Paris dos impressionistas. A fotografia, que roubara a cor da cidade, a devolveu com bonificações, até exagerando um pouco. Mas os impressionistas também não pintavam exatamente o que viam. E Paris merece todos os favores que os artistas lhe fazem.

Primeiras histórias de verão

Com o inverno se aproximando... Desculpe, a temperatura me confundiu. Com o verão se aproximando, é tempo para histórias de verão. Entre outras. Vamos lá.

Mulher de banhista chega em casa e encontra o marido beijando outra mulher no sofá da sala.

— O que é isso?! — pergunta.

— Respiração boca a boca, meu bem — responde o marido.

— Quantas vezes eu já lhe pedi pra não trazer trabalho pra casa?

Outro banhista salvou uma moça que estava se afogando e a reanimou com respiração boca a boca. A moça levou o banhista para casa, onde ele está até hoje, e explicou para a família que precisa tê-lo a seu lado por precaução:

— Eu posso ter uma recaída.

— Você tem medo de avião?

— Eu? Nenhum.

— Diga a verdade.

— Mas nenhum. Por que eu teria medo de avião?

— Você não fica nem um pouco nervoso com avião?

— Nada.

— Mesmo?

— Nada. Tranqüilo. Eu tenho medo é de viajar de avião.

Coquetel.

— Está gostando da festa?

— Mais ou menos. Os canapés são de anteontem.

— O quê?

— Eu deveria ter desconfiado. As azeitonas estavam me olhando meio de lado.

Acho que queriam me dizer alguma coisa.

— Mas os canapés são fresquíssimos!
— Sei não. É a primeira vez que vejo canapé com chulé. E o uísque...
— Que que tem o uísque? É da Escócia.
— Só se o Paraguai mudou de nome. Quando se sacode o gelo, só falta tocar Índia.
— Quem é o senhor, afinal? Deve ser um penetra. É a primeira vez que vejo o senhor numa festa minha.

— Primeira e última.

A moça tinha um séquito. Chegava na praia todos os dias com um séquito.

"Séquito: conjunto de pessoas que acompanham outra por obrigação ou cortesia; comitiva, acompanhamento, cortejo", diz o Aurélio. O séquito da moça era por obrigação ou cortesia? Era comitiva, acompanhamento ou cortejo?

Ninguém sabia. A moça tirava a sua saída de praia e ficava só de biquíni e o séquito em volta, olhando. A moça estendia a esteira na areia e deitava para tomar sol e o séquito ficava ao seu redor, só cuidando para não tapar o sol.

Alguns sentavam na areia, outros ficavam de pé. Era um séquito de sete.

Quando a moça saía para caminhar na praia o séquito ia atrás. Todos homens, de idades variadas. Quando a moça entrava no mar o séquito ficava na beira.

Às vezes se inquietavam, quando a moça desaparecia entre as ondas, ou demorava a sair da água. Quando ela saía da água, a rodeavam. Quando ela saía da praia, iam atrás.

Um dia alguém perguntou para a moça:

— Quem são?

— Quem?

— O seu séquito.

— E eu sei?

— Você não conhece nenhum deles?

— Eu não. Eles vão aparecendo e vão ficando.

E a moça contou que quando saía de casa pela manhã o séquito a estava esperando. Não sabia o que o séquito fazia à noite. Ou quando chovia.

— E eles nunca lhe dizem nada? Não falam entre si?

— Não, não. Acho que eles nem se conhecem.

— E ter um séquito assim não a incomoda, não?

— Olha: acho simpático.

E a moça completou:

— Só não gosto quando eles suspiram muito.

Puxa-puxa

Vá entender. Depois de cinco meses em Paris, Nora descobriu que não podia viver sem goiabada. Chegou a chorar no telefone para a mãe preocupada. Não agüentava a saudade da goiabada.

— Mas, minha filha, aqui você nem comia goiabada!

— Eu sei! — soluçou a moça. Eu sei! Mas estou morrendo de saudade. Me manda uma goiabada!

E não podia ser goiabada boa. Tinha de ser goiabada em lata, daquelas que, segundo dizem, nem levam goiaba. E outra coisa: queijo.

— Mas aí tem uns queijos ótimos, minha filha!

Tinha, mas não serviam. Precisava ser queijo brasileiro.

— Está bem, minha filha. Vou mandar pela Dirce.

Deve ser dito que Nora viajara para Paris para fazer um curso de história da arte, mas principalmente para esquecer o Jorjão, cuja união com Nora fora vetada pela família, principalmente porque Jorjão já tinha uma mulher, Almeri, e dois filhos, Rita e Renan.

Nora parecia estar feliz em Paris, apesar de ter viajado com o coração partido. Até surgir a saudade fulminante da goiabada em lata.

Felizmente, a Dirce e o Manfredo iam para Paris. Como a encomenda chegou em cima da hora, Dirce botou a goiabada e o pacote de queijo numa sacola de mão e, na hora do embarque, o raio X do aeroporto identificou a lata.

Tiveram de abrir a sacola, o Manfredo, brigão como só ele, se desentendeu com o fiscal, quase foi preso, no fim nem eles nem a goiabada viajaram.

Quando a mãe da Nora telefonou para avisar a filha que a goiabada não chegaria, ouviu dela a notícia de que sua compulsão louca por goiabada passara.

Ela agora precisava ter balas de coco. Sonhava com balas de coco. Se não recebesse balas de coco, daquelas que se desmanchavam contra o céu da boca e só existiam no Brasil, se mataria.

— Mas, minha filha...

— Me mato, mamãe!

— Acho que a Jurema ainda não viajou.

A Jurema e o Renato estavam num grupo que ia para a Copa do Mundo e foram mobilizados pela mãe da Nora. Contrafeitos, botaram as balas de coco na bagagem. Que se perdeu e foi parar em Copenhague, onde a mala com as balas se abriu por acidente. As balas não eram daquelas que se desmancham contra o céu da boca. Estavam secas e esfareladas, lembrando cocaína. Em vez da mala de volta, Jurema e Renato receberam uma intimação da Interpol e perderam o primeiro jogo do Brasil. Quando a mãe da Nora avisou a filha que as balas de coco não chegariam, ouviu dela a notícia de que não queria mais bala de coco, enlouqueceria se não recebesse puxa-puxa.

— Puxa-puxa, minha filha?!

— Aquele tipo de rapadura mole que...

— Eu sei o que é, mas você não come puxa-puxa desde garota!

— Eu não penso em outra coisa, mamãe. Acho que vou enlouquecer!

A mãe teve um trabalhão para encontrar puxa-puxa e outro portador para Paris. Acabou descobrindo que o filho da dona Alicinha, o Régis, estava para embarcar. Nada a ver com a Copa, um estágio num hospital, dermatologia.

Régis podia levar o puxa-puxa até no bolso, desde que não lhe acontecesse nada no caminho. Não aconteceu nada, o Régis se encontrou com a Nora em Paris, o dois saíram juntos, e ontem, quando a mãe telefonou para saber se ela tinha recebido o puxa-puxa, Nora disse que estava ótima, ótima mesmo, e puxa-puxa? Que puxa-puxa?

— Ah, sim, recebi, obrigada mamãe. Mas não precisava.

E a família compreendeu que Nora tinha finalmente esquecido Jorjão.

Quando eu era invisível

Quando eu descobri que podia ficar invisível tinha 13 anos e a primeira coisa que fiz foi entrar no vestiário das mulheres, no clube. Durante algum tempo só usei meu poder

para coisas assim. Ver mulher pelada, mudar as coisas de lugar para assustar as pessoas, dizer coisas no ouvido delas quando elas pensavam que estavam sozinhas, ficar atrás do goleiro do meu time para chutar as bolas que ele deixava passar e evitar o gol, coisas assim. Muito jogo importante da época fui eu que decidi, defendendo em cima da linha, e ninguém ficou sabendo, ou pelo menos ninguém acreditou quando eu contei. Também entrava em cinemas sem pagar e ainda cutucava a barriga do porteiro, só por farrá. Vi todos os filmes proibidos até 18 anos que ninguém mais da minha geração viu. O único perigo, nos cinemas, era alguém, vendo a minha poltrona vazia, sentar no meu colo. Como eu invariavelmente estava com uma ereção, havia sempre a possibilidade de uma catástrofe.

Aos 16 anos me apaixonei por uma menina de 15, a Beloni, e um dia fiquei invisível e a segui até sua casa. Queria ver como era o seu quarto e a sua vida, queria vê-la tomando banho, mas não queria ver o que vi, uma briga feia dela com a mãe, depois ela trancada no quarto, chorando, eu sem saber se aflagava sua cabeça e a matava de susto ou o quê. No fim quase fiquei preso no apartamento porque todos foram dormir e trancaram as portas, tive que simular batidas na porta da frente para o pai da Beloni vir abrir e me deixar escapar, depois tive que explicar em casa por que ficara na rua até aquela hora, só quando já estava na cama me dei conta que perdera a viagem porque a Beloni, de tão amargurada, nem tomara banho e dormira vestida. Voltei à casa dela no dia seguinte, atraído não apenas pela possibilidade de vê-la nua como a de alguma forma interferir no seu drama doméstico, ajudá-la, mudar seu destino, em último caso empurrar sua mãe pela janela. Desta vez peguei uma briga da mãe com o pai da Beloni. Fiquei achatado contra uma parede, apavorado. Era terrível, como as pessoas se comportavam quando achavam que não estavam sendo observadas. E era terrível não poder fazer nada. Era terrível ser invisível, ter aquele poder — e nenhum outro. Eu não podia mudar a vida da minha amada Beloni como podia mudar o resultado de um jogo. Podia andar pela sua casa sem ser visto e sentir o cheiro doce da sua nuca, tendo apenas o cuidado de não encostar o nariz, mas não podia salvá-la.

Acho que foi então que me convenci que a invisibilidade era, na verdade, um poder trágico. Depois da minha imersão na vida privada da família da Beloni — que eu revi outro dia e me contou que está bem, que se casou com um astrônomo belga que tem até uma estrela com o nome dele, que ela não se lembrava como era, está claro que enlouqueceu — nunca mais consegui me divertir com minha invisibilidade. Não entro mais em vestiários femininos, pois que graça há na mulher nua se ela não está nua para você, se ela nem sabe que você a está vendo, e aquele hálito na sua nuca é o seu? Não entro mais em campo, pois que graça há no seu time ganhar com a sua participação anti-regulamentar, e sem que você ganhe sequer uma medalha, uma linha no jornal? E já tenho idade suficiente, mais do que suficiente, para entrar em filmes proibidos à vista do porteiro. Pensando bem, hoje só fico invisível quando quero estar sozinho ou, vez que outra, quando estou dirigindo, para ver as caras de espanto dos outros motoristas. Mas nem isso me diverte mais. A invisibilidade é para os jovens.

Troquei meu poder pelo ofício de Flaubert, que dizia que todo escritor é um fantasma percorrendo as próprias entrelinhas, ou coisa parecida. Abandonei a vida real por ficções como esta, em que controlo tudo e posso mudar a vida das pessoas e dispor do seu destino, e fornecer os seus diálogos, e matá-las ou salvá-las como me apetece. E em que apareço e desapareço quando quero. E posso não só sentir o cheiro doce da nuca das mulheres que invento como roçar nela o meu nariz. E até fazer "Nham!", se quiser, sem nenhum perigo.

Clarão

A revolta dos escravos liderada pelo gladiador Espártaco foi um episódio menor na história de Roma. Não deu ibope. Ou ibopus, como diziam os romanos. O pouco que se sabe dela vem de alusões esparsas e menções passageiras. Do relato do único historiador da época que lhe deu alguma importância só sobraram fragmentos. A campanha para dominá-la foi chamada de Terceira Guerra dos Servos, o que significa que nem original ela foi. Sabe-se que os revoltosos chegaram a ser 90 mil, que Espártaco derrotou o exército romano por duas vezes, até que as oito legiões de um novo comandante, Licinius Crassus (Lawrence Olivier no filme do Kubrick com roteiro do Dalton Trumbo baseado em Howard Fast), acabaram com ele. Tudo terminou em dois anos e seu único efeito na história do império foi o prestígio que deu a Crassus. Seu efeito na servidão de então foi nenhum. Espártaco teve melhor sorte como analogia, invocada por mais de um movimento de emancipação através da História, e na imaginação romântica da esquerda. Socialistas como Rosa Luxemburgo deram seu nome ao partido radical que depois se transformou no partido comunista alemão. O Spartacus de Kubrick e Trumbo é o melhor filme político jamais feito.

Um dos fragmentos que sobraram de comentários da época fala do clarão das fogueiras dos acampamentos rebeldes, que podia ser visto no horizonte, de Roma, e a inquietação que provocava. Não era medo de um ataque iminente. Espártaco nunca chegou muito perto de Roma. O terror era do exemplo. Os escravos da metrópole também podiam ver o clarão das fogueiras. O clarão desmentia o noticiário dos grandes papiros da época de que tudo estava bem. O clarão dizia que, além do horizonte, havia escravos que tinham se organizado para a sua própria liberdade e nenhuma servidão era uma fatalidade. Que havia uma alternativa para a submissão dos sem-nada, a suprema ameaça para a razão dos senhores.

Espártaco foi uma nota de pé de página na biografia oficial de Crassus e deu-se melhor na literatura do que na realidade. Já o clarão das suas fogueiras no horizonte de Roma teve uma longa posteridade e inquieta até hoje.

Quase Poemas

Linguagem A língua humana tem entre 8 e 10 mil corpúsculos gustativos, e cada corpúsculo tem de 50 a 75 receptores químicos de sabor.

Estes receptores têm uma vida extremamente curta e são substituídos a, aproximadamente, cada dez dias, meu amor.

O que significa que de dez em dez dias nossas línguas têm entre 400 e 750 mil novas células que nunca provaram um bife acebolado um arroz com camarão uma massa alho e óleo ou um bacalhau na brasa sem falar em papo-de-anjo e licor.

São neófitas em feijoadas, virgens de pão francês.

E de dez em dez dias, querida, os nossos beijos de língua são como a primeira vez!

As Hordas Está provado que as mulheres têm o papel decisivo no processo de seleção que assegura a sobrevivência da espécie humana e que por trás de toda cena que fazem quando nos elogiam por matar um leão, acertar o suflê ou ganhar na Bolsa americana está a imagem barbuda — como a de Marx inspirando suas hostes — de Darwin, esse

sacana.

Quem sabe?

Diz a mecânica quântica que as partículas atômicas se comportam de um jeito quando são observadas e de outro quando estão sós (como, aliás, todos nós).

E quem nos assegura que o Universo que está aí não é como aí está quando ninguém está olhando?

E que quando os astrônomos se viram do telescópio para a prancheta o Universo não faz uma careta?

Milagre "Cristos Pantocrator" era a imagem nas moedas vênetas de um Cristo entronizado.

Os sarracenos gostavam da moeda mas a chamavam de "mauthaban" ou apenas "rei sentado".

"Mauthaban" deu em "matapanus" um imposto de importação que depois deu em percentagem ou qualquer tributação.

Ficou o nome de caixinha onde guardavam o dinheirinho, depois de qualquer caixinha para guardar docinho e no fim "Marei panis", ou "Pão de São Marquinho".

Para os saxões "marchpane" E os alemães "marzipã".

E foi assim que o corpo de Cristo pelos milagres do comércio da etimologia e da transubstanciação, virou marzipão.

Compensação Tem alguma coisa a ver com a posição da laringe, ou algum órgão vizinho.

O fato é que o homem é o único animal que fala com os outros e se engasga sozinho.

Quermesse

Conheceram-se numa quermesse, no tempo em que havia quermesses. Ele estava com dois amigos tentando acertar uma argola no gargalo de uma garrafa de Conhaque Amigão quando ouviu o alto-falante anunciar que o Reginaldo Santos estava na cadeia, no centro do parque da quermesse, esperando que alguém o soltasse. Engraçado, pensou. Reginaldo Santos. O meu nome. Em seguida o alto-falante anunciou: "De uma admiradora secreta para o rapaz da camisa amarela e do boné azul..." e o nome da música. Ele estava de camisa amarela e boné azul. Os amigos o arrastaram para o estande do som e no fim da música dedicada a ele os alto-falantes espalharam pelos ares que o rapaz de camisa amarela e boné azul estava esperando sua admiradora secreta no estande do cachorro-quente. E ela foi. E ele pensou em fugir, mas não fugiu. Apertaram-se as mãos e ele perguntou o nome dela. Ercília. De quê? Não precisa saber. Ah, é segredo, é? É, por que, te incomoda? Ué, por mim. Ele perguntou se ela queria um cachorro-quente.

— Não, obrigada, me dá gases.

Ela não era feia. Uns 16 anos, cabelo loiro, vestido branco, as tiras do sutiã

aparecendo.

- Moras por aqui?
- Não precisa saber.
- Ah, é segredo, é?
- É, por que, te incomoda?
- Ué, por mim.

Chegaram os amigos querendo saber quando era o casamento. Ele riu, mas ela continuou séria e de repente, para surpresa dele e grande divertimento dos amigos, passou a mão pelo seu braço e ficou segurando. Os amigos se afastaram, às gargalhadas. Eles ficaram parados, em silêncio, de braços dados. Então ela disse:

— A minha vida daria uma fotonovela.

E ele:

- Eu acho que vou andando.
- Pode ir.

Mas ela continuou agarrada no seu braço.

- Tás aqui sozinha?
- Tou com meu irmão.

Ela dizia "irmão". O cabelo dela tinha um cheiro doce. Saíram a caminhar pelo parque da igreja, de braços dados. Passaram pela cadeia e ele viu um homem sorridente de uns 30 anos atrás das grades. Ninguém ainda viera tirar o Reginaldo Santos da cadeia.

— Qué pipoca?

— Não, obrigada. Me resseca a garganta.

Depois ela perguntou como era o sobrenome dele. Não o nome, o sobrenome. Ele disse "Santos" e depois ficou vendo os lábios dela se movendo e formando as palavras "Ercília Santos, Ercília Santos".

Pensou outra vez em fugir, mas não fugiu. O cabelo dela tinha um cheiro doce. Arrancaram o "irmão" à força da Roda da Sorte. Ele tinha 7 anos e ganhara três maços de Hollywood.

— Me espera amanhã na saída da missa — foi a última coisa que ela disse. Era uma ordem.

Apertaram-se as mãos e ela saiu, arrastando o irmão. Ele quis gritar que amanhã não dava, tinha futebol, mas não gritou. Também pensou em gritar que não podia, que ia fazer um curso de mecânica, que estava pensando na Aeronáutica, mas não gritou. Ficou pensando: "O meu nome, ela nem sabe o meu nome." Na fotonovela, que nome será que eu vou ter? Só o rapaz da camisa amarela e do boné azul?

Olhou o homem dentro da cadeia, no centro do parque da quermesse. O sistema de som falhara, estava fora do ar. O Reginaldo Santos, de uns 30 anos, continuava preso. Não estava mais sorrindo.

Recapitulando

Como o personagem do poema de T. S. Eliot que podia medir sua vida em colherinhas de café, podemos medir nossos últimos 28 anos em copas do mundo. Foram sete, cada uma correspondendo a uma etapa no nosso relacionamento com o futebol, ou com a seleção, que é o futebol depurado das suas circunstâncias menores, e portanto com o País.

Em 70, João Saldanha simbolizava, de certa maneira, nossa ambigüidade com

relação à seleção. O país que ela representaria no México, o "Brasil Grande" do Médici e do milagre, certamente não era o país do Saldanha, nem o nosso. Vivíamos numa espécie de clandestinidade clandestina, na medida em que a clandestinidade oficial era a guerrilha. Mas, que diabo, a seleção também era do outro Brasil, da nação sofrida tanto quanto do Estado mentiroso, e assim como o Saldanha aceitou ser o técnico e disse de cara quais eram as 11 feras titulares, nós também nos empolgamos. Pra frente apesar de tudo Brasil.

O Saldanha acabou tendo que sair, segundo a melhor versão, porque o Médici quis impor o Dario de centroavante, mas duvido que algum opositor do regime, mesmo sabendo o que a vitória no México renderia politicamente para o governo, deixou de levantar da cadeira cada vez que o Jairzinho pegava a bola ou gemer quando o Banks defendeu aquela cabeçada do Pelé. Assim, a Copa de 70 ficou como a copa da ambigüidade. Nunca foi tão difícil e nunca foi tão fácil torcer pelo Brasil. Difícil porque torcer era uma forma de colaboracionismo, fácil porque o time era de entusiasmar qualquer um.

E a de 70 foi, claro, a copa do Pelé. Ele estava no ponto exato de equilíbrio entre maturidade e potência: já sabia tudo e ainda podia tudo. E estava decidido a transformar a copa num triunfo pessoal, num fecho simétrico para o que começara em 58, na Suécia, e não conseguira completar em 62, no Chile, nem em 66, na Inglaterra. O México foi a desforra de Pelé, um lance da sua biografia que ele gentilmente compartilhou com o Brasil.

Na Copa de 74 o Brasil ainda vivia sob um regime militar, mas tínhamos uma forte razão sentimental para torcer pela seleção: era uma seleção tão medíocre que inspirava a caridade. Torceríamos não por entusiasmo, mas por espírito cristão.

Médici tinha sido substituído por Geisel e neste caso a mediocridade era um estágio acima, mas, em relação à seleção de 70, a de 74 era um retorno à Pré-História, quando a bola era de pedra. Zagalo, que naquele tempo só tinha um ele, chegou a resumir nossa estratégia numa patética confissão de incapacidade: o negócio, na copa da Alemanha, era cavar faltas perto da área adversária e confiar nos nossos batedores. Nenhum outro comentário sobre a incrível falta de talento para o manejo da bola que se seguiu à grande geração de 70 é mais loquaz do que este. Nossa esperança era a bola parada, nosso terror era a bola em movimento.

Hoje, lembrando aquele tempo e aquela seleção, concluímos que nenhum dos dois era tão ruim assim. Os dois tinham a virtude do realismo. Depois da euforia da seleção de Pelé, e da falsa euforia do milagre econômico de Médici, resignação e cabeça no lugar. O Geisel, como o Zagalo, sabia que a prioridade era administrar a ressaca.

Enquanto isso, a grande sensação da copa era a Holanda de Cruyff e do carrossel. (Em Porto Alegre, o centroavante Claudiomiro declarou que não via nenhuma novidade no estilo "holandiano", era o mesmo que o seu Minelli usava no Internacional. A Holanda perdeu a copa para a Alemanha em 74, mas em 75 e 76 Minelli e seus holandeses foram bicampeões do Brasil.) O carrossel revolucionaria o futebol. Dizia-se que depois de 74 e da Holanda o futebol nunca mais seria jogado da mesma maneira. Depois de inventar o capitalismo, o colonialismo e o iogurte, os holandeses tinham reinventado o futebol.

Mas em 78 nem os holandeses eram mais tão holandeses.

Copa da Argentina, 1978. Com Cláudio Coutinho, dizia-se, o espírito renovador que começara a tomar forma na seleção de 70 — preparo físico europeu, a teoria substituindo, em parte, o empiricismo e o vamos-lá-que-brasileiro-já-nasce-sabendo-tudo — chegava ao comando do nosso time. Era a tecnocracia no poder.

Fazia-se pouco da erudição e do jargão pretensioso do Coutinho, mas ao mesmo tempo desconfiava-se que com ele o futebol brasileiro ficava mais adulto. Ninguém mais acreditava que todo jogador europeu tinha cintura dura e bastava deixar o brasileiro exercer seu talento natural para tudo dar certo. Com Zagalo, em 74, a reclamação era que sua cautela constrangeria a criatividade brasileira. Injustiça. Zagalo sabia que tinha um time

fraco. Aquilo não era cautela, aquilo era pânico. Em 78, o time era melhor. Com Coutinho, a esperança era que o Brasil voltasse à sua alegria, mas com método.

No fim, nem a alegria se materializou nem o método deu certo. Mas não houve a desmoralização completa do nosso estudioso capitão, que pôde reivindicar pelo menos o campeonato moral. A copa foi da Argentina, ganha, dizem, tanto pela mobilização do seu governo quanto pelo mérito dos seus jogadores, mas não a ponto de podermos chamá-los de campeões imorais.

E o que você estava fazendo enquanto o goleiro do Peru tomava os seis gols que a Argentina precisava para se classificar? Eu me lembro de ficar prostrado na frente da TV, meditando sobre a cupidez humana e a gratuidade de todas as coisas. Mas como o Coutinho não tinha levado o Falcão, e levado em seu lugar o Chicão, meu pensamento final sobre a Copa de 78 foi "bem feito".

A tecnocracia não merecia sobreviver às suas bobagens. Nem na seleção, nem no governo.

O que eu lembro com mais nitidez da Copa de 82 na Espanha não é nenhum lance ou jogo. É um teipe promocional da Globo feito com o jogador Éder em que ele aparecia correndo por um campo florido, simbolizando, sei lá, seu espírito livre ou o ímpeto irreprimível da nossa juventude. Não vou dizer que tive um pressentimento de derrota ao ver o teipe, mas tive, sim, a consciência de estar vendo um exagero, alguma coisa excessiva da qual ainda íamos nos arrepender.

Há quem diga que o triunfalismo das televisões brasileiras foi responsável, se não pela derrota em 82 então pela frustração arrasadora que veio depois, quase igual à de 50. Mas tanto o triunfalismo quanto a frustração se justificavam, esperava-se muito daquele time do Telê. A entressafra de bons jogadores parecia ter acabado, outra geração de exceção chegava ao seu equilíbrio perfeito numa copa, desta vez tinha que dar. Até que ponto o triunfalismo influiu no time, e o fez continuar atacando para as câmeras quando um empate contra a Itália servia, é difícil dizer. O fato é que, como num folhetim antigo, fomos derrotados pela soberba. E a mais brilhante geração de jogadores brasileiros depois dos anos 60 ficou sem sua apoteose merecida.

Hoje, claro, o carnaval publicitário feito em torno dos jogadores é muito maior do que há 16 anos. Com mais dinheiro envolvido e filmes promocionais mais espetaculares, o triunfalismo hoje parece maior. Mas depois de 82 as pessoas não se entregam a ele com a mesma facilidade. O ceticismo precavido com este time ainda é um reflexo do choque de 82.

A Copa de 86 foi a primeira que não aconteceu no meu aparelho de televisão, que eu vi sem intermediários. Fui cubri-la para a Playboy. No México, as pessoas olhavam o crachá que me identificava como correspondente da Playboy e imediatamente olhavam para a minha cara, perplexas com meu óbvio pouco jeito para descobrir os aspectos mais lúbricos da competição. Eu me esforçava para fazer uma cara que não desmentisse o crachá, mas acho que convenci poucos.

Fomos para o México cautelosamente vacinados contra o triunfalismo precoce, e com uma seleção cercada de controvérsias. Telê ganhara outra chance, mas a sua lista final de convocados causava tanta discussão que ele estava mais defensivo e desconfiado do que de costume e o ambiente entre a seleção e a imprensa era cordial, mas tenso. O Brasil que ficava em casa — uma minoria, a julgar pelo volume de brasileiros em Guadalajara — era o Brasil do Sarney do cruzado, do Sarney herói, lembra? Enfim, de outro milagre. Mas a seleção, ao contrário da de 70, não era uma geração no seu ponto ideal de equilíbrio entre experiência e capacidade. Viu-se depois que já era uma geração em declínio, com mais experiência do que pernas. Nova derrota, nova frustração, e uma leve suspeita de que continuávamos sendo os melhores do mundo, mas que já era tempo de provarmos isso na

prática, senão o pessoal ia começar a desconfiar.

Em 90, na Itália, cheguei a ouvir uma tese suicida: era melhor o Brasil perder do que consagrar o feio esquema do Lazaroni. O ideal seria o Brasil ganhar, mas ganhar mal, ali, o que nos daria a satisfação da vitória sem o efeito colateral da redenção do Lazaroni. Não prevaleceram nem as teses suicidas nem as moderadas. O Brasil não ganhou nem bem nem mal e perdeu sem ser humilhado. E o que prevaleceu foi a tese do Lazaroni, tanto que ganhou em 94, nos Estados Unidos, aplicada pelo Parreira.

Mas o maior consolo da eliminação do Brasil em 90 foi que podemos ficar na Itália vendo futebol em vez de torcendo por teses. Nada contra as teses. A tese é o futebol dos sem-pernas e sem-fôlego, como poderíamos continuar jogando sem ela? Mas o descompromisso com as teses nos torna livres e foi para desfrutar ao máximo essa liberdade que passei a torcer pela Argentina, que Deus me perdoe. Se ganhasse a Argentina, a copa das teses seria vencida por um time que não redime nenhuma.

Ninguém poderia dizer, de uma vitória da Argentina, que vencera um sistema. Na Argentina dá certo tudo que não é esquema: carisma, coração, picardia, até mau-caráter, todas essas coisas que vêm antes, depois ou em vez da teoria.

O melhor adversário da Argentina para uma final antítese teria sido a Inglaterra, com seu futebol simples e esforçado. Argentina e Inglaterra foram os times que começaram pior na Copa de 90, uma final entre os dois não representaria nada além da sua capacidade de auto-superação.

Não provaria nada, não estabeleceria nada, não teria nenhuma sobrevida teórica. Mas deu a Alemanha na final contra a Argentina. A Alemanha representa algumas idéias bem definidas sobre futebol, e eu sonhava com a simetria perversa de uma final sem nenhuma idéia. Depois de tanta discussão, por puro enfaro, eu estava torcendo pela insensatez. Mas ganhou a Alemanha.

As gerações do nosso futebol depois de 70 seguiram a seqüência que alguém já identificou como um ciclo recorrente na História: da idade dos deuses para a idade dos heróis para a idade do homem comum. A seleção de 70 não tinha só deuses, é verdade. Não vamos esquecer que fomos campeões no México com Félix no gol e Brito à sua frente. Mas com o tempo eles também se transformaram em titãs, junto com Tostão, Gérson, Jairzinho e o resto da corte de Pelé.

A seleção de 74 tinha alguns deuses caídos e não agüentou a comparação contra a de 70. A de 78 foi um esboço da de 82, esta sim uma geração que inaugurava a idade dos heróis. Os heróis, como se sabe, é o deus democrático eleito pelos seus semelhantes, ao contrário do deus clássico que já nasceu deus, mas será sempre um deus menor. Nunca houve nenhuma dúvida de que Pelé desceu do céu dentro de uma bola iluminada e já saiu chutando enquanto Zico, por exemplo, teve que conquistar seus poderes.

Mas a geração de Zico — ele, Sócrates, Júnior, Falcão, etc. — foi uma geração de grandes jogadores que não chegaram a deuses porque nasceram na parte errada do ciclo. Uma geração sem apoteose. A Copa de 86 foi uma elegia para a de 82, a triste despedida de uma geração que teve tudo, menos o que mais queria. E veio a idade do homem comum.

Ela começou na Itália em 90. O que parecia ser um medíocre time de transição, uma depressão passageira antes da vinda de novos titãs, era uma geração a caminho da sua apoteose, quatro anos depois. Aaron Copland, um compositor americano, escreveu, há anos, uma Fanfarrinha para o Homem Comum. Ela devia ter acompanhado a subida de Dunga e seus companheiros para receber a taça em Pasadena, em 1994. Seria o tema apropriado para o fim de uma epopéia improvável.

Recomendações

Sempre foi mais difícil para as mulheres. Nenhum homem jamais ouviu da sua mãe a recomendação de forrar a tampa da privada — ou, mais seguro ainda, pairar como um helicóptero sobre a tampa da privada, sem tocá-la, quanto mais alto melhor — ao fazer xixi num banheiro público. Havia, claro, o risco, catastrófico, de você precisar fazer cocô num banheiro público. Nesse caso a recomendação valia para os dois gêneros: não encosta! Mas um filho ter que fazer cocô longe de casa era uma possibilidade que as mães preferiam nem contemplar. Cocô se fazia perto da mãe. Em alguns casos, para ela poder examinar, e comentar, o que tinha sido feito.

Muitas das recomendações eram iguais, para filha ou filho. Não passar a mão em corrimão de escada, onde tantos outros passavam a mão. Lavar imediatamente a mão — e em hipótese alguma botar a mão na boca ou nos olhos — depois de mexer em dinheiro, que tinha passado por tantas outras mãos. O maior pavor de mãe era a mão dos outros.

Além de mãos com micróbios, os outros tinham más intenções, muitas vezes dissimuladas. Principalmente os outros na sua forma mais perigosa, que eram os Estranhos. Não se devia conversar com Estranhos. Não se devia aceitar nada de Estranhos, nem balas, ou acima de tudo balas. Nunca ficou claro qual seria a consequência de aceitar a bala de um Estranho, mas estava subentendido que seria terrível, que você poderia acabar num bando de crianças escravas em Macao ou em algum outro lugar igualmente longe da mãe, que a bala era uma isca da perdição. O melhor, já que o mundo estava cheio de Estranhos, era evitá-los de uma maneira geral. Havia Estranhos bem-intencionados, mas era difícil distingui-los.

Na puberdade as conversas com filha e filho ficavam diferentes. Mãe e filha desenvolviam um código só delas, sobre temas esotéricos: menstruação, primeiros soutiens — nada que um irmão entenderia. O filho era mais ou menos liberado para encontrar seu caminho no mundo dos Estranhos e das suas artimanhas, só mantendo o cuidado com micróbios e outras formas de contágio.

Qualquer dúvida, ou comichão, pergunte ao seu pai. Já a filha continuava submetida aos terrores de antes. Só que agora as mãos dos outros e as balas dos Estranhos representavam outro perigo e tinham outra intenção. Agora até as tampas de privadas podiam engravidá-la, se ela não se cuidasse. Sempre foi mais difícil para as mulheres.

Mas as proibições e as recomendações foram mudando através dos anos.

De "Sair sozinha com o namorado, não senhora" a "Não esquece o diafragma".

De "Quero você de volta em casa às dez" a "Ele pode dormir aqui com você desde que não fique na cama até o meio-dia como aquele outro".

De "Minha filha, você dormiram juntos antes de casar?!" a "Minha filha, vocês já estão dormindo juntos, pra que casar?".

Antes:

— Minha filha, acho que já podemos ter esta conversa. Você, claro, sabe o que é sexo.

— Sexo, mamãe?

— É. O que um homem e uma mulher fazem na cama.

— Acho que não...

— Ora, minha filha. Você já viu os cachorros fazendo.

— Na cama?

— Não! Olha, acho que ainda é cedo para esta conversa. Esquece.

Hoje:

— Minha filha, você já ouviu falar num vibrador sonoro japonês que diz bandalheira em sete línguas?

- Eu tenho um, mamãe.
- Me empresta?
- Antes:
 - Podem fazer a festinha aqui, mas quero a luz acesa o tempo todo e nada de agarramento.
- Hoje:
 - Se precisarem de mais cabides podem pegar no meu quarto.
- Enfim, mudaram os tempos e os costumes e as pessoas ficaram menos reprimidas e menos hipócritas. Mas algumas coisas continuaram as mesmas.
 - Não aceitem balas de Extasy de Estranhos porque ouvi dizer que são frias!

Resistência

Já prevejo que seremos uma minoria, e que não adiantará tentar resistir. Nossas vozes serão abafadas e nossos protestos se perderão na gritaria. Pediremos ponderação e racionalidade e seremos vaiados. Se insistirmos, tentarão nos calar a força, e nem o balde de gelo sobre a cabeça está fora de cogitação. É possível que formemos uma seita de insubmissos e organizemos um ano-novo em separado, o réveillon dos dissidentes, e partamos para as montanhas. Prevejo cenas pungentes.

— Meu papai, logo a festa do fim do século, do fim do milênio, você passará longe de nós?!

- Desculpe, minha filha, mas é uma questão de princípios.
- É a passagem do século, papai. Do milênio!
- Aí é que está. Não é a passagem nem do século nem do milênio. O século 20 e o segundo milênio terminam no dia 31 de dezembro de 2000, não de 1999.
- Quem é que disse?
- Quem é que disse? Os calendários, os números, a lógica!
- Ora, papai, a lógica. O importante é a festa.
- A festa na hora certa.
- Mas todo mundo vai fazer a festa agora. O que custa você relaxar, aceitar e festejar como todo mundo?

— Minha filha, imagine se outros tivessem abandonado suas convicções com tanta facilidade, onde estaríamos hoje. Desculpe, não posso transigir. Somos poucos, mas somos decididos, e não nos entregaremos. A História nos fará justiça. Agora, tenho que ir.

- Oh, papai!
- Onde estivermos, na noite de ano bom, quando soar a meia-noite e abriremos nossas modestas, mas corretas champanhas de campanha, pensaremos em vocês, aqui, prisioneiros de um festão equivocado, e nossa resolução será redobrada. Afinal, será por vocês que estaremos resistindo. Por um futuro em que a cronologia real significará alguma coisa, em que datas importantes não serão mais manipuladas irresponsavelmente por uma minoria precipitada, mal orientada por uma mídia desinformada, ou ruim em matemática, ou a serviço de interesses escusos. Hoje adiantam o final de um século, amanhã do que não serão capaz? Nenhuma efeméride merecerá mais confiança. Nenhuma data significará mais nada, das celebrações da pátria à validade do iogurte. Preciso ir. Me alcance a mochila.

— Papai, até o New York Times vai considerar o ano 2000 como começo do século

- O quê?!
- Li em algum lugar. Eles declararam que vão começar a contar o próximo milênio de 1º de janeiro de 2000.
- Meu Deus! Isso significa que as forças do equívoco já cooptaram alguns pilares da sensatez ocidental. É mais grave do que eu pensava. Só não levo vocês junto para as montanhas porque precisamos manter o grupo ágil e móvel.
- Vocês pretendem fazer algum tipo de guerrilha?
- Não posso revelar nossos planos. Por enquanto; nosso objetivo principal é estabelecer um foco de resistência, onde prepararemos um ano-novo moderado, como qualquer outro, e repeliremos qualquer tentativa de invasão da euforia intempestiva dominante. Só usaremos a força se for preciso. Mas estamos dispostos a ir ao supremo sacrifício pela nossa convicção de que o fim do século não é agora, é no ano que vem.
- Oh, papai!
- Pense em mim como um mártir da conta certa, minha filha.

Rocambole

- Ele ficou de pé na cama, nu, fez uma pose de espadachim e declarou:
- Je suis Rocambole!
- Quando ela parou de rir, também ficou de pé na cama e preparou-se para enfrentá-lo num duelo de espadas imaginárias. Gritou:
- E je suis Marta Rochá!
- Ele não entendeu.
- Por que Marta Rochá?
 - Por que Rocambole?
 - Rocambole. Personagem de romance de capa e espada francês. De onde vem "rocambolesco".
- Ela desabou na cama e escondeu a cara no travesseiro.
- Que vergonha!
- Ele deu uma risada e deitou-se ao lado dela. Estavam em lua-de— mel.
- Marta Rocha! Você pensou que fosse o doce!
- Só então ele viu que ela estava chorando.
- O que é isso? Sua boba!
 - Que vergonha!
- Ele tentou fazê-la se virar, mas ela continuou com a cara enterrada no travesseiro.
- Vire para cá. Mas que bobagem!
 - Eum suamuam cuam aumom llembm.
 - Não entendi nada que você disse.
- Ela livrou a boca só o suficiente para repetir.
- Eu sabia que não ia dar certo.
 - O que não ia dar certo?
 - Este casamento.
 - Mas o que é isso?! Por quê?
 - Eu sou uma burra e você sabe tudo.
 - Burra, só porque não sabe quem foi o Rocambole? Ninguém sabe! Olha, se a gente sair batendo em cada porta deste hotel, aposto que ninguém vai saber quem era o

Rocambole. Ou o que é "rocambolesco".

— Mas você sabe.

— E isso é razão para o nosso casamento não dar certo?

Ela pensou. Fungou.

— É.

Ele pôs-se de pé num salto e retornou à pose de espadachim.

— Olhe. Je suis Le Mousse au Chocolat! Para servi-la, mileidi.

Ela não olhou. Ele insistiu.

— Pavê. Jean-Luc Pavê, mosqueteiro do rei!

Ela continuava com a cara no travesseiro.

— Flan, o favorito da rainha.

Nada.

— Monsieur Le Crepe Suzette, aventureiro e filósofo.

Nada.

— Tarte Tatin, garoto prodígio.

Nenhuma reação.

— Creme Brûlé, arqueólogo, violinista e espião internacional.

— Profiterole, a identidade secreta do rei Alberto.

— Cerises Flambê, líder revolucionário de Guadalupe.

— Fromage Blanc, o libertino libertário.

Ela nada.

— Baba au Rhum, o ladrão galante de Istambul.

Nada. Uma última tentativa:

— Apffelstrudel, o vingador da Baviera!

E, como ela continuasse com o rosto escondido no travesseiro, ele a cutucou com a ponta do pé e carregou no acento francês.

— Alors, Martá Rochá...

Aí ela virou-se e mordeu o dedão do pé dele. Ele gritou e pulou da cama. Ela correu para o banheiro. Quando saiu, ele estava sentado na beira da cama, vestido, olhando para a parede. Ela fez a sua mala, em silêncio. Quando terminou, disse:

— O quarto está alugado até o fim da semana...

Ele disse:

— Eu sei.

Ela:

— Se você quiser ficar...

— Fazendo o quê?

— Não, eu só pensei. Para não perder.

— Tudo bem.

— Você quer que eu faça a sua mala também?

— Não precisa.

— Então... desculpe.

— Tudo bem.

— Não ia dar certo.

— Tudo bem.

— Será que na portaria eles trocam as passagens?

— Acho que sim.

— Então... Tchau.

— Tchau.

Sangue espanhol

"É o meu sangue espanhol", dizia a Mercedes, depois de cada explosão. Mas assim como explodia, voltava à calma. E a Mercedes calma era um doce, era uma flor, era um encanto, era tudo que o Heitor queria numa mulher. Heitor, um homem de paz, que conhecera a Mercedes num dos seus remansos. Que só soubera do sangue espanhol da Mercedes na noite de núpcias, quando ela demolira o toucador do quarto do hotel com um pontapé.

— O que é isso? — gritara Heitor, da cama, apavorado.

E Mercedes explicara que esbarrara no toucador, que perdera a paciência com o toucador, que não sabia por que tinham posto o toucador logo ali, no seu caminho do banheiro para a cama, onde o seu marido a esperava, nu, pronto para o amor, e agora de olhos arregalados. E acrescentara:

— É o meu sangue espanhol.

A noite de núpcias foi adiada porque Mercedes teve que ir para um hospital enfaixar o pé. Mas nas noites de lua e de mel que se seguiram Heitor pode provar como a Mercedes era um doce, era uma flor, era um encanto, era tudo que ela esperava, descontada a vez em que ela saía correndo atrás da camareira, mesmo com o pé enfaixado, para cortá-la com uma tesourinha de unhas. Até se instalarem no seu apartamento de recém-casados e Mercedes tentar fazer seu primeiro jantar para o marido, que acabara com a cozinha parcialmente destruída e os dois no hospital, Mercedes com luxação no outro pé e Heitor com um ferimento na cabeça, onde recebera a fôrma com o assado queimado que Mercedes jogara longe.

Depois desta houve várias outras manifestações do sangue espanhol da Mercedes, mas mesmo assim o casamento durou dez anos e só terminou depois da cena no restaurante, quando tiveram que chamar os bombeiros para tirar gente de baixo de escombros, tal a confusão criada por Mercedes porque não conseguiram corrigir o desnível de uma mesa. Heitor, um homem de paz, resolveu que não agüentava mais. Divorciaram-se. O divórcio foi amigável. Durante uma das reuniões par tratar da repartição dos bens a Mercedes jogou seu próprio advogado pela janela, mas estavam num segundo andar, não houve maiores conseqüências e chegaram a um acordo.

A Mercedes casou de novo. Com um baixinho que no outro dia apareceu puxando uma perna. Não se sabe o que a Mercedes faz com o baixinho. Já o Heitor tem tido várias namoradas, mas ainda não se decidiu a casar. Dizem que, sempre que o namoro fica sério, ele se lança numa investigação do passado da moça e faz pesquisas genealógicas tão minuciosas e demoradas que a moça perde o interesse, ou então se sente ofendida. Afinal, o que o Heitor quer saber a seu respeito? Que obsessão é essa com seus ascendentes e suas origens? Onde o Heitor quer chegar? E o Heitor só lamenta que um simples exame de sangue não dê a resposta que ele procura. Que o sangue não borbulhe, ameaçadoramente, na lâmina. Que não se ouçam castanholas, como um alarme.

Santa ignorância

Uma das causas da Reforma foi a prática desenvolvida pela Igreja de Roma de vender espaço no céu. Foi um comércio que prosperou durante anos baseado numa lógica inatacável: se os senhores da Igreja eram os únicos — segundo sua própria propaganda — representantes legítimos do céu na Terra, era a eles que as pessoas deveriam recorrer para assegurar um lugar na eternidade, um pouco como hoje as pessoas procuram agências de viagens pelos seus contatos com hotéis e transportadoras. Os padres e bispos, como os agentes de viagem, eram do ramo e sabiam os códigos.

Imagina-se que lugares no céu eram vendidos como, mais tarde, se alugariam quartos em hotéis de Veneza, por exemplo, com a proximidade de Deus e da Sua corte equivalendo a um quarto com vista para a grande lagoa e os outros espaços obedecendo a uma classificação decrescente: vista para um canal lateral, vista para um beco, para um pátio interno, para uma parede, para coisa nenhuma. Pobres preocupados em reservar um lugar para sua alma barganhariam pelo que pudessem conseguir e morreriam resignados a instalações modestas, como nichos sob a linha d'água — mas no Paraíso, e para sempre.

Foi, aliás, um veneziano, chamado Brado Retumbantti — não pobre mas rico, riquíssimo — que um dia se dirigiu a Roma para providenciar um lugar para sua alma na vida eterna. Como era rico, riquíssimo, foi direto ao papa, que era inclusive meio primo da sua mulher. Por que perder tempo com agentes, quando o papa podia pedir uma reserva diretamente a Deus e talvez ainda lhe dar um desconto de parente?

— Giácomo! — gritou Brado Retumbantti ao entrar no salão papal, abrindo os braços para abraçar o papa. Que apenas estendeu sua mão com o anel para ser beijado, mal escondendo sua irritação com a irreverência do outro. Brado beijou o anel do papa várias vezes e babou na sua mão.

— O que você quer? — perguntou o papa, limpando a mão disfarçadamente nas suas vestes e sorrindo com dificuldade.

— Um lugar no céu — disse Brado.

— Seja um bom cristão. Continue dando dinheiro para os pobres. Reze. Reze muito.

E...

— Não, não. Giácomo — interrompeu Brado. — Quero ter certeza de um lugar no céu.

— Non capisco — disse o papa, esforçando-se para manter o sorriso.

— Vim comprar um lugar no céu. Uma permanente, por assim dizer. O sorriso do papa desapareceu.

— Comprar?

— Não para mim — explicou Brado. — Não quero nada para mim. Para a minha alma. Poverina.

— Meu filho — começou o papa, num tom pouco paternal. — Você tem consciência do que está dizendo? E para quem está dizendo?

— Ora, Giácomo, todo o mundo sabe que...

— Que o quê?

— Que a Igreja vende lugares no céu.

— Todo o mundo menos eu.

Brado Retumbantti hesitou. O papa estaria falando sério? Ele realmente não sabia do que se passava à sua volta? Talvez não soubesse. Era preciso ter cautela.

— Desculpe, Giácomo. É que meu amigo Trabucco... Você conhece o Trabucco.

Ele é até meio seu parente. Rico. Riquíssimo.

— Sei, sei.

— O Trabucco me disse que tinha reservado um lugar para a alma dele no céu.

Disse que pagou caro, mas conseguiu um bom lugar. Com vista para...

— Pagou a quem? A mim?
— Bom. Não. A você não. A um certo cardeal.
— E um certo cardeal é a Igreja, Brado?
— Não, mas...
— Um cardeal, 100 cardeais, 2 arcebispos, 200 arcebispos, 4 bispos, 400 bispos, 8 padres, 800 padres...
Todos vendendo lugares no céu. Isto é a Igreja, Brado?
Brado não sabia o que responder. Perguntou:
— É?
— Não, Brado. Não é. A Igreja sou eu. E eu não vendo lugares no céu.
— Mas você tem de saber que...
— Não, Brado. Eu tenho de não saber. No dia em que eu souber, a Igreja acaba. A Igreja vira pó. Somos nós que mantemos a Igreja de pé, Brado. Eu e a minha ignorância. Santo homem, santa ignorância.
— Sei de muita gente que comprou lu...
— Não me conte, Brado. Eu não posso saber. Eu não quero saber.
Você não pode querer que eu saiba. A sua fé, a sua paz de espírito, até a sua sanidade mental, dependem de eu não saber o que se passa à minha volta.
No dia em que eu souber, você acaba, Brado. Acabam você, a Igreja e provavelmente o mundo.
— E a minha alma? --gritou Brado, quase aos prantos. — Para onde irá minha alma, poverina?
O papa voltou a sorrir, desta vez com sinceridade.
— Não se desespere, Brado. Reserve um lugar para ela no céu.
— Mas... Como?
— Fale com um certo cardeal.
— Qual?
— Não sei. Qualquer um. Pergunte ao Trabucco. Qualquer um lhe dará os preços e as condições para alojar sua alma perto do Senhor. Seu erro foi vir direto a mim, pensando que eu era como qualquer um dos meus cardeais. Mas eu não sei de nada. Minha parte no esquema é não saber de nada. É ficar acima de tudo, longe de tudo, cada vez mais ignorante e mais santo. Entendeu?
Enquanto eu não souber de nada, a Igreja estará salva, todos estaremos salvos. E inocentes.
— Certo. Então vou procurar o...
— Sssh. Não me conte.

O Sarrabulho

Os filhos tinham sido criados ouvindo que ninguém fazia um sarrabulho como a dona Lazineira. Todos os anos, a mãe comprava o peru, preparava-o para a ceia de Natal e, quando ele estava pronto para entrar no forno, saía e voltava com o sarrabulho da dona Lazineira numa travessa coberta com uma toalha molhada. E o sarrabulho era mesmo uma delícia. Quando alguém elogiava o recheio do peru de Natal, sempre havia alguém da família para dizer:

— É da dona Lazineira.

E era o mesmo que dizer que, sendo da dona Lazineira, não se podia esperar outra coisa.

Aquele era um dos estribilhos da casa, repetido com certeza dogmática, desde os primeiros Natais das crianças. Ninguém fazia um sarrabulho como a dona Lazineira.

* * *

Neste Natal a família se reuniu, como sempre, para comer o peru. O filho mais velho veio do Norte com sua família e o filho do meio trouxe a noiva. A filha mais moça era a única que continuava em casa. E foi ela que anunciou para a noiva do irmão, quando o peru chegou na mesa:

— Você vai conhecer o famoso sarrabulho da dona Lazineira.

— Não é da dona Lazineira — disse a mãe.

Fez-se um silêncio de incompreensão, seguido de revolta generalizada, na mesa. Como, não era da dona Lazineira? Onde já se vira, um peru de Natal sem o recheio da dona Lazineira?

— A dona Lazineira morreu — disse a mãe.

* * *

O filho mais velho chegou a comparar a morte da dona Lazineira à morte do John Lennon. O choque, o sentimento de perda e desorientação eram os mesmos. Para ele, aquilo significava o fim de uma era. Subitamente, todas as suas referências afetivas tinham desmoronado. Nem quis comer o peru, em sinal de protesto, e concentrou-se nas saladas. Todos ficaram abalados, e o sarrabulho da dona Lazineira dominou a conversa na mesa. Ninguém se lembrava de um Natal sem o sarrabulho da dona Lazineira recheando o peru. Até que o filho do meio resolveu perguntar:

— Quem era a dona Lazineira, afinal?

Durante todos aqueles anos, a dona Lazineira fora uma parte importante das suas vidas, e eles nunca a tinham visto. Não sabiam nada da dona Lazineira. Só o que conheciam da dona Lazineira era o sarrabulho.

— Era uma grande amiga minha — disse a mãe.

— E por que ela nunca veio aqui em casa?

O pai e a mãe trocaram um rápido olhar.

— Vamos mudar de assunto? — disse o pai.

* * *

Mas estava todo mundo curiosíssimo. O que significara aquele olhar entre o casal? Que mistério envolvia o nome da dona Lazineira? Nunca tinham se dado conta que por trás do sarrabulho havia um ser humano, uma história, talvez um drama... A mãe parecia prestes a chorar.

— Vamos mudar de assunto, gente — insistiu o pai. — É Natal!

A noiva do filho do meio decidiu se manifestar. Para evitar que o jantar desandasse numa tragédia.

— Eu achei este sarrabulho uma delícia. Foi a senhora mesmo que fez?

— Não — disse a mãe, levantando-se da cadeira. — Comprei pronto, no supermercado.

E saiu da mesa às pressas, chorando convulsivamente, depois de atirar o guardanapo contra o peito do marido.

* * *

Os filhos ficaram atônitos. Todos aqueles anos de segura domesticidade, de continuidade e valores estáveis simbolizados pelo sarrabulho da dona Lazineira, e agora descobriam que o sarrabulho da dona Lazineira significava outra coisa. Mas o quê? Fosse o que fosse, era algo de que nunca tinham desconfiado. E jamais saberiam. O pai se recusou a fazer qualquer comentário ou dar qualquer explicação, sobre a dona Lazineira ou sobre o comportamento da mulher. Disse apenas:

— Passa a rabanada.

Se vovó fosse uma fortaleza

Dona Inácia tinha uma enorme paciência com os netos. Não havia nada que gostasse mais do que ficar fazendo tricô ou croché na sua cadeira de balanço, com seu saco de lãs, linhas e agulhas no colo, e com as crianças brincando à sua volta. "Dá duro neles, mamãe", dizia sua filha Cláudia, mãe dos dois netos menores. Ora, dona Inácia dar duro nos netos... Não só não dava duro como fazia tudo que eles queriam. Dava balas, isso sim. Sempre tinha balas num bolso para as crianças. As balas eram um segredo, dela e dos netos. As mães não podiam saber. As mães brigariam se soubessem. "Você é muito mole com eles, mamãe." Dona Inácia adorava ser mole com os netos.

O melhor era quando se reuniam os cinco. Não havia nada que dona Inácia gostasse mais do que ficar fazendo seu tricô ou seu croché na cadeira de balanço com os cinco netos, o time completo, em volta. Às vezes ria sozinha com o que ouvia, com as conversas dos cinco. O mais velho, então, o Marco Antônio, o único do Alceu, filho da dona Inácia, dizia coisas surpreendentes. Era o líder do grupo e ídolo dos primos não apenas porque era o mais velho mas porque inventava os jogos e as brincadeiras e sabia tudo. Ou pelo menos tinha teorias sobre tudo. Foi o Marco Antônio que, em meio a um brinquedo de guerra, depois de planejar e liderar um bem-sucedido assalto ao sofá, teve a seguinte idéia:

— E se a vovó fosse uma fortaleza?

A idéia foi recebida com entusiasmo por todos e os dois menores já corriam para escalar a dona Inácia quando foram detidos pelo grito do estrategista:

— Epa! Epa! Epa! Não pode ser assim. Temos que planejar primeiro.
Conferência!

Fizeram a rodinha. Dona Inácia fingindo que não era com ela mas se esforçando para ouvir o que Marco Antônio dizia. A teoria do Marco Antônio era que a vovó não era um objetivo tão fácil quanto parecia. Só porque era a avó deles não queria dizer que não encontrariam resistência. Para começar, ela estava armada. Com o arsenal que tinha no seu saco de costura, entre agulhas de tricô e de croché, tesourinha e tesourona, ela poderia repelir sucessivos ataques. E não podiam esquecer o seu prendedor de cabelo, de metal, que também serviria como arma, além de dificultar o acesso de quem a escalasse por trás. E outra coisa: eles não sabiam o que, exatamente, a vovó tinha dentro daquele saco. Conheciam as agulhas de diferentes tamanhos, para serem usadas como lanças ou para o combate mano a mano, e a tesoura e a tesourinha, mas quem garantia que ela não escondia outras armas? Uma pistola, talvez um lançador de mísseis...

Gugu, o menor, foi escolhido para uma missão de espionagem. Deveria pedir colo à vovó, disfarçado de neto, e, uma vez dentro do seu perímetro de defesa aproveitar a primeira oportunidade para dar uma rápida busca no saco de costura. E fugir. Em hipótese alguma

Gugu deveria aceitar uma bala da vovó, não só porque estaria confraternizando com o inimigo como poderia ser um truque: a vovó recorrendo à guerra bacteriológica e usando-o como portador de germes mortais que dizimariam as suas hostes antes mesmo do primeiro ataque.

Gugu saiu-se bem da missão e voltou com um relatório sucinto:

"Nada." Nenhuma arma de fogo ou lança-chamas, nada além de armas brancas no saco de costura da vovó. "Muito bem", disse Marco Antônio. E passou a esquematizar o ataque. Começaria com uma manobra diversionista, dois dos primos simulando uma briga para atrair a atenção da vovó enquanto um destacamento avançaria por trás e escalaria a face sul, depois que um comando suicida desativasse o prendedor de cabelo. Contariam com o fator surpresa. Em pouco tempo a vovó estaria dominada, a fortaleza seria deles.

Combinado? Combinado.

— Vamos lá!

Quando os pais correram para ver que gritaria era aquela na outra sala encontraram a dona Inácia caída de costas no chão, sob a cadeira de balanço emborcada, e netos espalhados para todos os lados. A princípio pensaram que dona Inácia estivesse tendo um troço mas depois descobriram que era riso.

Ela não conseguia parar de rir. Marco Antônio estava inconsolável. Não tinha pensado na cadeira de balanço. Claro que ela emborcaria com o ataque dos netos. Era o que dava, atacar sem reconhecimento prévio da estabilidade do terreno.

Mais tarde, os cinco, de castigo, no sofá, olhando para a vovó de novo sobre sua cadeira de balanço, Marco Antônio disse:

— E se a vovó fosse uma ilha deserta?

Eles sobreviveriam na vovó, se fossem naufragos. Para começar, não teriam problemas de comida. Sabiam em que caverna estavam as balas. E se faltassem balas, sempre haveriam os braços da vovó.

Os gordos e roliços braços da vovó os manteriam vivos e bem alimentados até chegar o socorro.

— Por que vocês estão me olhando desse jeito? — quis saber a dona Inácia.

Ser ou não ser

Hamlet já foi feito de todos os jeitos, até com a Cláudia Abreu no papel principal (e muito bem). Mel Brooks, declamando o solilóquio mais famoso de Shakespeare num filme, fazia uma pausa dramática depois do "To be...", o ponto assoprava "... or not to be" e ele pisava na mão do ponto.

É comum ver-se o "serounãoser" representado com Hamlet segurando um crânio descarnado. Nada a ver, a cena com a caveira do pobre Yorick é outra, mas o equívoco se institucionalizou. Hamlet não está filosofando sobre a curta existência humana, está decidindo se vale a pena se matar ou não. Se é melhor ser ou não ser. Woody Allen disse que ser é melhor, embora, do ponto de vista fiscal, não ser tenha suas vantagens.

Hamlet já foi feito sem Hamlet. Na peça e no filme de Tom Stoppard *Rosencrantz e Guildenstern Estão Mortos*, os dois do título, figurantes menores na trama original, são os personagens principais. A ação se passa nas bordas da peça de Shakespeare, da qual só se tem vislumbres, e o príncipe raramente aparece. John Updike escreveu um romance chamado *Gertrude e Claudius* cuja história termina quando a peça começa. Gertrude é a mãe

de Hamlet, viúva do seu pai, casada com Claudius, irmão — e assassino — deste.

O casamento vai bem. Hamlet é apenas um adolescente problemático que ainda não começou a investigar a morte do pai, instigado pelo seu fantasma. Ele não aparece no livro, o casal só comenta o seu comportamento fora de cena.

Mas Claudius prevê que seu próprio reinado será longo e feliz, e que seu sobrinho e enteado Hamlet se casará com a doce Ofélia e eles terão muitos filhos que lhes darão muita alegria. Ou seja, que a deles será a história banal de apenas mais um rei da Dinamarca...

Pode-se tomar liberdades com as histórias de Shakespeare porque ele tomou liberdades com as histórias dos outros. A de Hamlet é baseada numa narrativa de François de Belleforest, que por sua vez se baseou num texto — escrito em latim, no século 12 — do dinamarquês Saxo Grammaticus, que por sua vez se baseou numa lenda do folclore escandinavo. Shakespeare só acrescentou alguns personagens e algumas reviravoltas do trama. E, claro, toda a poesia.

No fim o personagem mais trágico de todos, em Hamlet, é Laerte, irmão de Ofélia. Ele se libertou do ambiente decididamente pesado no castelo de Elsinore e está na França cuidando da sua vida, que seria certamente moderna e produtiva e o exato oposto da vida do seu amigo de infância, o assombrado Hamlet, mas é tragado de volta pelo drama familiar. Volta para vingar a morte do pai, Polonius, descobre que a irmã também está morta e acaba como uma das vítimas no banho de sangue final. Laerte é o protótipo de todos os que saem de casa e vão para a metrópole pensando que se livraram do passado e das suas danças domésticas, mas a província vai buscar. Você pode se livrar do passado e da casa, mas não escapa do sangue.

Eu também imaginei um Hamlet apócrifo, a história não de um príncipe melancólico, indeciso e incestuoso que vinga a morte do pai, mas de um golpe de Estado. Toda a trama, a partir do aparecimento do "fantasma" que pede para o filho vingá-lo — um truque feito com espelhos — e acaba com o rei usurpador, a rainha e o herdeiro do trono da Dinamarca mortos e o reinado em polvorosa, é montada por Fortinbras, príncipe da Noruega, que chega no fim para assumir o trono. Era tudo mentira, inclusive o assassinato do pai de Hamlet pelo seu irmão Claudius, e quando pensava que estava desafiando o seu trágico destino pessoal Hamlet estava servindo a um ardil político, como acontece muito. No fim, todas as grandes histórias podem ser contadas no mínimo de duas maneiras, como um drama pessoal ou um drama comunal, como uma nova história de paixão e remissão individuais ou como a mesma velha história da sucessão de gerações e de transmissão de poder — a história de um herói ou a história da horda, a doença de um homem ou a doença do Estado.

E ninguém, que eu saiba, ainda teve a idéia de escrever uma peça chamada A Ratoeira, ou a Morte de Gonzago, que é a peça que trupe teatral encena em Elsinore, a pedido de Hamlet, e na qual se reproduz a cena do assassinato de Hamlet pai pelo traiçoeiro irmão, com veneno derramado no ouvido. Na peça apareceria uma trupe teatral que encenaria, claro, Hamlet, inclusive com a cena em que Hamlet pede para encenarem A Ratoeira, em que apareceria a trupe que encenaria Hamlet, em que Hamlet pede para encenarem A Ratoeira, e assim por diante até o infinito. Ou um fim apropriadamente borgiano.

Hamlet é o primeiro herói moderno porque é o primeiro a observar, com ironia e horror, sua própria obsessão, o primeiro a se envolver até a morte num ritual de expiação, pessoal ou comunal, e manter sua distância. O crítico Francis Fergusson escreveu que Hamlet repete Oedipus Rex, só que Hamlet encerra o que começou com os gregos, o teatro como ritual catártico. A partir de Hamlet, metade da tragédia do herói é ser, além de trágico, autoconsciente.

Síbaris

Sibarita. (Do gr. Sybarites, pelo lat. sybarita). Adj. 2 g. 1. De, ou pertencente ou relativo à antiga cidade grega de Síbaris (Itália). 2. Diz-se de pessoa dada à indolência ou à vida de prazeres, por alusão aos antigos habitantes de Síbaris, famosos por sua riqueza e voluptuosidade. (Novo Dicionário da Língua Portuguesa, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira) Se você imaginar a Itália como uma grande e bem torneada perna feminina, então o Golfo de Taranto fica naquela parte de baixo, a mais sensível a lambidas, do pé da Itália. Síbaris era ali onde a Costa de Taranto faz uma curva suave, e nas noites de verão o vento traz o perfume dos jasmineiros de Alexandria. Os muros de Síbaris eram cobertos de heras afrodisíacas. Os Guardiões do Portal — uma casta cuja principal função era apalpar quem entrava na cidade, não para descobrir qualquer coisa escondida, mas pelo prazer de apalpar — faziam um teste com quem quisesse a cidadania sibarita, envolvendo questões de matemática e das artes da indústria e do comércio.

Quem passasse no teste era mandado embora. Quem não passasse entrava. Quem tentasse subornar os Guardiões entrava por aclamação.

A alfândega de Síbaris era rigorosa: só deixava passar supérfluos. As coisas úteis era apreendidas e mandadas para a cidade vizinha de Crotona, onde todos trabalhavam e eram conscienciosos e corretos. Mas Síbaris era mais rica do que Crotona porque era lá que os crotonenses gastavam seu dinheiro nos fins de semana. Por lei, todos os crotonenses tinham que estar fora de Síbaris ao amanhecer de segunda-feira, senão seriam presos. A lei raramente era cumprida porque a polícia de Síbaris nunca acordava antes do meio-dia.

Cada sibarita podia ter sete concubinas e sua mulher um escravo etíope, mas às vezes trocavam. As orgias duravam vários dias e só terminavam quando os sibaritas começavam a cantar suas próprias mulheres, sinal de que já não enxergavam mais nada. A monogamia e a abstinência sexual eram consideradas perversões imperdoáveis e punidas com chicotadas, nos raros dias do ano em que o chicoteador oficial não faltava ao serviço. No caso de o infrator ser sadomasoquista, sua punição era ficar olhando enquanto o chicoteador oficial chicoteava outro. Sexo grupal era qualquer ato envolvendo mais de 50 pessoas. A justiça, em Síbaris, era dividida. Havia juízes togados para os casos de direito e juízes nus para os casos de paixão. O bestialismo era tolerado, salvo exceções como o sexo com abelhas.

Era rei de Síbaris Flanfo, chamado o Sete Queixos, que vivia imerso numa banheira com óleos aromáticos. Foi lá que, certo dia, Flanfo recebeu um emissário de Crotona, que propôs a fusão das duas cidades. Flanfo, chamado o Sete Queixos, mastigando um pardal caramelado, perguntou que vantagens teria Síbaris juntando-se a Crotona.

— Traremos o nosso dinheiro — disse o emissário.

— Nós já temos o vosso dinheiro — disse Flanfo.

— Traremos a indústria, a ciência, a contabilidade e as armas.

E então Flanfo, porque estava na hora da sesta que tirava de meia em meia hora, fez um gesto desrespeitoso que o emissário tomou como uma negativa, e um insulto. E só depois de acordar da sesta, inalando o seu pó de papoulas, Flanfo foi informado que Crotona declarara guerra a Síbaris. Pensou durante dois dias e decidiu mandar chamar o seu primeiro-ministro, Badan, para saber o que fazer.

Badan foi encontrado na cama com duas concubinas e um cabrito e convocado ao palácio, onde informou ao rei que Síbaris precisava se preparar para a guerra. Os homens

deveriam se armar e erguer barricadas. As mulheres deveriam desfiar suas sedas caras e fazer ataduras. E o rei Flanfo deveria sair de sua banheira e fazer um pronunciamento ao povo, mobilizando-o para a defesa.

Com grande dificuldade, Flanfo foi até a ágora para conclamar o povo à guerra. Mas não havia ninguém na ágora. Estavam todos na praia. Quando parou de falar, o rei Flanfo só ouviu o silêncio, o borbulhar das fontes e os cachorros. Voltou para o palácio, porque estava na hora da sua sesta.

Síbaris foi invadida e destruída por Crotona em 510 a.C. Não sobrou nenhum vestígio da cidade. Só recentemente, em 1965, uma expedição arqueológica conseguiu determinar a sua localização exata, ali onde a Costa de Taranto faz uma curva suave, e nas noites de verão o vento traz o perfume dos jasmineiros de Alexandria. Parece que descobriram cântaros para vinho, algumas estranhas estatuetas com formato lúbrico e uma garra de ouro na ponta de uma longa haste que, segundo os pesquisadores, só podia ter sido usada para coçar o pé.

Mas até hoje ninguém localizou as ruínas da cidade de Crotona.

Sinais e ruídos

Confesso que tenho uma certa implicância com as pessoas que fazem aspas com os dedos. Você as conhece: quando querem mostrar que uma palavra da frase que estão dizendo deve ser entendida como sendo entre aspas, levantam as mãos e imitam o sinal gráfico com dois dedos de cada mão, um par de aspas gestuais em cada ponta da palavra dita, que paira, invisivelmente, à sua frente. Muitas vezes sacodem os dedos para enfatizar as aspas. As que sacodem os dedos são as piores. Mas já me disseram que o hábito é uma apropriação de sinais escritos pela fala que pode ser a precursora de outras formas de integração das duas linguagens. Por exemplo: três estocadas do dedo indicador no ar no fim de uma frase, significando reticências, ou uma rápida meia-lua com o dedo, talvez acompanhada de um ruído qualquer, como "suish", para mostrar onde entrou uma vírgula. Estocada e "suish", ponto e vírgula. Um golpe horizontal com a mão espalmada significaria travessão, o mesmo golpe mais curto significaria hífen e um decidido golpe de cima para baixo, na diagonal, acabaria com qualquer dúvida sobre se aquele "a" falado é com crase ou não. Além de gestos, as pessoas podem usar o tom de voz ou a postura do corpo para transmitir como seria a palavra se, em vez de dita, ela fosse escrita: um tom soturno denotaria uma palavra em negrito, uma inclinação do corpo indicaria que a palavra é em grifo, ou itálico.

Etcetera, etcetera.

Dizem que o homem é o único animal que fala pela mesma razão que é o único animal que se engasga. Algo a ver com a localização da laringe. Ou é da faringe? Enfim, algo no homem lhe dá o dom da expressão verbal que nenhum bicho tem, mas os bichos, em compensação, nunca se vêem na situação embaraçosa de dizer o que não deviam ou se engasgar na mesa. O fato também sugere uma questão: foi a necessidade que o homem — ou, mais provavelmente, a mulher — sentiu de falar que determinou a eventual localização privilegiada da laringe, ou foi o acaso da laringe humana evoluir como evoluiu que determinou a fala? Sabe-se que a vida surgiu na Terra porque a combinação de condições — a nossa distância do Sol e a relação dos elementos na nossa sopa primeva — eram as ideais para haver vida. Isto foi um acaso que só aconteceu aqui e todo o resto do Universo é apenas um bonito cenário de fundo para a nossa excepcionalidade, ou o acaso se repetiu em várias galáxias? O ser humano desenvolveu a fala por um acidente anatômico e assim virou

gente ou a linguagem foi uma etapa lógica da sua evolução, porque para ser gente só faltava falar?

O próprio Darwin chegou a especular que a fala começou como pantomima, com os órgãos vocais inconscientemente tentando imitar os gestos das mãos. O que, de certa maneira, redime as aspas com os dedos, pois as aspas seriam anteriores à fala e não uma irritante novidade. A linguagem oral teria se desenvolvido porque, antes da invenção do fogo, a linguagem gestual não era vista no escuro e as pessoas, ou as pré-pessoas, não podiam se comunicar. A linguagem é filha da noite! Teorias estranhas sobre a origem da linguagem não faltavam. No século 17 um filólogo sueco afirmou com certeza que no Jardim do Eden Deus falava sueco, Adão falava dinamarquês e a serpente falava francês. Sempre a má vontade com os franceses. Na sua infância — a palavra "infância", por sinal, vem do latim "incapacidade de falar" — a humanidade não produzia palavras mas certamente produzia sons, e uma das teorias sobre o nascimento de fonemas é que o ser humano teria começado a imitar os sons dos animais para identificá-los e que esta foi a última vez em que o mundo teve uma linguagem comum. Foi chamada de "teoria bow wow", e o nome já a desmentia, pois "bow wow" é como latem os cachorros anglo-saxões, enquanto os luso-brasileiros fazem "au-au" e os japoneses, segundo os japoneses, "bau-bau".

A única linguagem comum a toda a humanidade é a dos ruídos involuntários do nosso corpo e o mundo, ou pelo menos a diplomacia, estaria em melhor estado se tivéssemos desenvolvido a capacidade de nos expressar com eles. Toda a espécie humana espirra e tosse da mesma maneira, não há como variar a pronúncia de um arrote e nada simboliza melhor a nossa igualdade intrínseca do que o pum, que todos dão da mesma maneira, não importa o que digam do pum alemão. Reuniões internacionais em que a comunicação se desse por meio dos nossos ruídos elementares certamente acabariam em entendimento e paz. E sem a necessidade de intérpretes.

Porque a verdade é que quando hoje se fala na linguagem humana como o que nos fez superiores aos animais e nos trouxe a civilização, esse "superior" e essa "civilização" são entre aspas.

Sketchs (2)

Mulher de banhista chega em casa e encontra o marido beijando outra mulher no sofá da sala.

— O que é isso?! — pergunta.

— Respiração boca a boca, meu bem — responde o marido.

— Quantas vezes eu já não lhe pedi pra não trazer trabalho pra casa?

* * *

Outro banhista salvou uma moça que estava se afogando e a reanimou com respiração boca a boca. A moça levou o banhista para casa, onde ele está até hoje, e explicou para a família que precisa tê-lo a seu lado por precaução:

— Eu posso ter uma recaída.

Sala de espera de médico. Duas pessoas sentadas, lendo revistas. Chega uma terceira, senta, e pede:

- Podia me passar uma revista, por favor?
- Qual a que você quer?
- O que é que tem?
- Deixa ver... Tem uma Cruzeiro de 1951... Uma Cigarra de 1949... Metade de uma Revista da Semana de 1948...
- Que mais?
- Uma National Geographic de 1940... Revista Fon Fon...
- Que ano?
- 1938. Uma Eu Sei Tudo de 37... Seleções de 33... Esta aqui eu não sei em que língua é...
- Deixa ver. Parece aramaico... O pergaminho está se esfarelado. Não será etrusco?
- Não, não. Acho que os etruscos não usavam pergaminho.
- Não tem nada mais velho?
- Bom, tem esta pedra com hieroglifos, mas eu não sei de que ano é.
- Vai essa mesmo.

* * *

- Velório. Homem puxa a manga da mulher do morto.
- Titia...
 - O quê?
 - Ele está vivo.
 - Quem?
 - O tio.
 - Que tio? Você quer dizer o...
 - É.
 - Ele não está vivo. Está morto. Já vão fechar o caixão.
 - Posou uma mosca no nariz dele e ele mexeu o nariz.
 - Você tem certeza?
 - Eu vi. Agora mesmo.
 - Ai, meu Deus.
 - Não é melhor avisar o...
 - Calma, calma. Vamos pensar com calma. Em primeiro lugar, tem a papelada.
 - Que papelada?
 - A burocracia toda. Atestado de óbito. INPS. Toda aquela chateação. Eu é que sei. Teria que desfazer tudo. Não, muito obrigada. Em segundo lugar, a funerária. Não sei se eles devolvem o dinheiro.
 - Será que não fica como um adiantamento? Quando ele morrer mesmo, já está pago.
 - Não. Eu conheço essa gente. Duvido que aceitem. Terceiro lugar: o escândalo. Sim, porque vai sair nos jornais. Já estou vendo as manchetes. Morto ressuscita. Lázaro de arrabalde assusta familiares e amigos. Não sei se eu estou preparada para aparecer no Jornal Nacional. E muito menos o seu tio, que sempre foi tão discreto.
 - Chega um funcionário da funerária.
 - Senhora, podemos fechar o...
 - Fecha! Fecha!

Gênios

Ainda não sei bem como funciona o fósforo, por isso encaro toda técnica avançada — o isqueiro, por exemplo — como uma afronta. A quem se propõe a me explicar o funcionamento da torneira respondo que ainda não entendi a tesoura. Não é burrice, ou não é só burrice. No fundo é humanismo. Desconfio de tudo que não tenha uma referência humana, ou não simule um ato humano. Felizmente não tive nenhuma influência na história da humanidade. Se dependesse de mim, teria vetado a roda por não se parecer nada com o pé.

Tive um amigo que resistiu, resistiu e finalmente comprou uma calculadora eletrônica. Não queria mais perder tempo fazendo contas. Semanas depois me contou que a calculadora eletrônica atrasara ainda mais sua vida. Agora perdia o dobro do tempo, primeiro usando a calculadora e depois fazendo as contas no papel para ter certeza que a calculadora estava certa. Mas nós, os resistentes, temos nossa serventia. Acho que é do Millôr a história do último homem do mundo que ainda sabia contar nos dedos. Tinha centenas de anos e era mantido artificialmente vivo por uma civilização high tech de supercomputadores, para a eventualidade de faltar luz.

Confesso que estou vibrando com a notícia de que a maior ameaça à humanidade, desde que uma guerra nuclear se tornou improvável, é a zeragem dos computadores no ano 2000. Como os computadores só usam os últimos dois dígitos do ano, todos os seus marcadores voltarão ao zero no dia 1º de janeiro de 2000 e isso — não sei bem por que nem quero saber — decretará o caos mundial. Não, não sou a favor do caos. Só gostei de descobrir que nenhum gênio da informática previu a chegada do ano 2000. Enquanto inventavam cada vez mais cibercoisas e maneiras de torná-las obsoletas em 15 minutos, esqueceram-se de olhar a folhinha da parede. Deviam ter-me consultado. Folhinha de parede eu sei como funciona.

Sketchs

Dois homens tramando um assalto.

— Valeu, mermão? Tu traz o berro que nós vamo rendê o caixa bonitinho. Engrossou, enche o cara de chumbo. Pra arejá.

— Podes crê. Servicinho manero. É só entrá e pegá.

— Tá com o berro aí?

— Tá na mão.

Aparece um guarda.

— Ih, sujou. Disfarça, disfarça...

O guarda passa por eles.

— Discordo terminantemente. O imperativo categórico de Hegel chega a Marx diluído pela fenomenologia de Feurbach.

— Pelo amor de Deus! Isso é o mesmo que dizer que Kierkegaard não passa de um Kant com algumas sílabas a mais. Ou que os iluministas do século 18...

O guarda se afasta.

— O berro, tá recheado?

— Tá.

— Então vamlá!

* * *

Homem e mulher na cama.

— Foi bom?

— Foi.

— Muito bom ou só bom?

— Francamente, eu...

— Está bem, está bem. Me dá uma nota. De 0 a 10, que nota você me dá?

— 7.

— 7?!

— Você quer que eu minta, Ariovaldo? Estou sendo franca.

— Você me pediu uma...

— Peraí. Que foi que você disse?

— Eu disse que estava sendo franca.

— Não, antes. Você disse: "Você quer que eu minta, Ariovaldo?"

— É.

— O meu nome não é Ariovaldo!

— Não é?

— Grande. Você me confundiu com outro.

— Se você não é o Ariovaldo, então quem é?

— E eu vou dizer? Com nota 7, eu vou dizer quem eu sou?

— Mas...

— Vamos de novo. Apaga a luz. Vamos Lá! Pelo Ariovaldo!

* * *

— Meu bem... Você está deslumbrante!

— Tudo para você, querido.

— Esse penteado...

— Fui ao cabelereiro e pedi um corte novo para o meu maridinho me achar desejável. Fui ao maquiador e pedi que me deixasse bem bonita e sexy para atrair meu maridinho. Comprei esta camisola provocante para enlouquecer você.

— E consegui, meu amor. Você está...

— Não me toca, senão estraga tudo!

* * *

— Boa noite. O senhor estaria interessado em...

— Se é enciclopédia, não estou interessado.

— Não é enciclopédia. É uma coleção de livros sobre...

— Grandes vultos da História? Essa eu já tenho.

— O senhor quase acertou. É uma coleção sobre as grandes mulheres da História. As maiores mulheres de todos os tempos, desde os tempos bíblicos. Cleópatra, Catarina da Rússia, Madame Curie... A mãe do duque de Wellington, cuja participação na Batalha de Waterloo foi tão decisiva...

— Quem teve papel importante em Waterloo foi o duque, não a mãe dele.

— Mas, se não fosse a mãe, não existiria o duque, e a história da Europa teria sido outra. Anita Garibaldi, Eleonor Roosevelt, Marta Santos...

- Marta Santos?
- Sou eu. Como o senhor vê, a coleção traz tudo sobre as grandes mulheres. Aqui está. 1876, o ano em que a rainha Vitória foi proclamada imperatriz da Índia.
- E estes números aqui?
- São as minhas medidas. O senhor está interessado?
- Bem...
- Pode experimentar durante 20 dias, sem compromisso. Se no fim desse período não estiver completamente satisfeito...
- Você acha que eu vou gostar?
- Não temos tido muitas queixas.
- E se eu quiser ficar só com a Marta Santos?
- Só vendemos a coleção completa.

Sonho de ano-novo

Passagens de milênio são um pouco como velórios, boas ocasiões para se meditar sobre o Significado da Vida com maiúscula. A diferença é que, enquanto as oportunidades para filosofar em velórios se repetem, e podem até ser semanais em períodos particularmente mortais, passagens de milênio são experiências únicas na vida de qualquer um. Devemos aproveitá-las não apenas para reflexões sobre a precariedade da existência, pois para isso qualquer velório, ou caminhada na praia, serve, mas para mergulhos mais profundos.

Por isso tirei o dia 1º para fazer um inventário definitivo da condição humana, usando a sua amostra mais à mão, eu mesmo. Quem sou eu? Por que sou eu? Para o que sou eu? Por que misturei tanto champanhe e cerveja ontem à noite, o que me impossibilita de manter os olhos abertos, o que dirá ter uma resposta coerente para essas perguntas? Decidi fazer o inventário definitivo da condição humana no dia seguinte e tirar uma sesta até a hora de dormir.

Fechei os olhos, e sonhei.

Como se sabe, as pessoas são mais inteligentes dormindo do que acordadas.

Todas sonham, mesmo que não se lembrem depois, e seus sonhos são sofisticadas narrativas cifradas, de grande complexidade temática e riqueza simbólica. Meninos de rua sonham como Borges, engenheiros civis são surrealistas oníricos, debutantes vazias levam a arte da elipse visual a extremos de criatividade, quando dormem. O sonho não é apenas o grande nivelador — qualquer cerzideira escreveria como a Clarice Lispector, se apenas pudesse botar a trama dos seus sonhos num papel — também é o grande apagador de fronteiras: os sonhos da Carla Perez e do arcebispo estão plugados no mesmo provedor de signos e disfarces de desejos e medos, no mesmo fornecedor de todo o mundo. Os sonhos só não são a linguagem comum da espécie porque ainda não se chegou a um vocabulário comum para entendê-los.

As mensagens são as mesmas para todos nós, variam as nossas interpretações.

O que meu sonho de ano-novo estava querendo me dizer, por exemplo, eu só posso especular. Era um sonho inteligentíssimo, e claríssimo. Mas aí, danação, eu acordei, e não entendi mais nada.

O sonho era assim. Eu estava no meio do mar, mexendo braços e pernas para me manter à tona, e de alguma forma eu sabia que quilômetros abaixo dos meus pés estava a

carcaça do Titanic. De acordo com a ortodoxia freudiana, sonhar com água tem alguma coisa a ver com sexo. Pensando bem, para a ortodoxia freudiana tudo tem alguma coisa a ver com sexo, água é só o mais óbvio. Mas já estou naquela idade em que nem a ortodoxia freudiana funciona como antes.

Interpretei minha situação como a continuação, no mundo cifrado, do pensamento que começara antes de dormir. Isso raramente funciona, como você sabe. Pouco adianta você pensar com força na Patrícia Pillar antes de dormir, ela não aparecerá no seu sonho. Pode aparecer um símbolo da Patrícia Pillar, mas isso você só saberá depois, na interpretação (aquele pássaro!), quando for tarde demais. Deduzi que eu estava sonhando o meu pensamento sobre a condição humana na passagem do milênio. O Oceano Atlântico era o Tempo. Eu, modestamente, era a Humanidade.

O que era a carcaça do Titanic no fundo do mar? Me lembrei de ter ficado impressionado na primeira vez em que vi uma reconstituição gráfica do Titanic no chão do oceano, depois que localizaram os destroços. Como era fundo do fundo! O Titanic estava no meu sonho como referência, portanto. A distância entre a superfície do mar e o chão onde repousava sua carcaça simbolizava o tempo transcorrido desde a criação do mundo, a minha ridícula altura representava o tempo da nossa existência no planeta. Contando todas as nossas formas pré-históricas desde o primeiro hominídeo somos uma espécie recentíssima. E mesmo na síntese histórica do meu corpo agitado, só a porção da testa para cima representava o homem agrícola-pastoril-industrial que começamos a ser anteontem, em termos relativos. Durante a maior parte, quase 90%, do nosso passado como gente fomos caçadores-catadores. Ainda temos os dentes caninos, e uma vaga inquietude de nômades, para nos lembrar desse tempo. Dizem até que éramos melhores então: comíamos mais proteínas e tínhamos uma dieta mais variada antes de descobrir a agricultura — e fazíamos mais exercício. Com a agricultura e a domesticação de animais vieram as monoculturas, o sedentarismo e os primeiros grupos humanos a conviver com dejetos, os seus e os dos seus bichos. Nasciam, ao mesmo tempo, a civilização e a falta de higiene. Qual era, então, o meu significado, na superfície daquele oceano, a quilômetros do seu fundo e da origem da vida?

Acho que eu era um símbolo da megalomania humana, da nossa absurda pretensão que 10 mil anos de existência ereta nos dão um significado maior do que o da libélula, que vive só um dia. Em comparação com o tempo transcorrido desde que a primeira ameba se dividiu no miasma borbulhante, a espécie humana também viveu só um dia. E uma noite, para sonhar com ele. Me debatendo no meio do oceano simbólico, eu não passava de um mosquito na superfície de um caldeirão de melado, convencido que toda aquela doçura era em seu louvor. A síntese do meu sonho era que somos uns mosquitos pretensiosos.

Mas aí veio uma barcaça embandeirada com a Cleópatra e o dom Pedro II abraçados na popa, enquanto alguém na proa gritava na minha direção:

"Deleta! Deleta!", e o significado do sonho ficou obscuro. Champanhe e cerveja demais, champanhe e cerveja demais.

Sumido

Me disseram "Você anda sumido" e me dei conta de que era verdade. Eu também, fazia tempo que não me via. O que teria acontecido comigo?

Não me encontrava nos lugares em que costumava ir. Perguntava por mim e as pessoas diziam que havia tempo não me viam. E faziam a pergunta: "Que fim você levou?" Eu não tinha a menor idéia. A última vez em que me vira fora, deixa ver... Eu não me lembrava!

Eu teria morrido? Impossível, na última vez em que me vira eu estava bem.

Não tinha, que eu soubesse, nenhum problema grave de saúde. E, mesmo, eu teria visto o convite para o meu enterro no jornal. O nome fatalmente me chamaria a atenção.

Eu podia ter mudado de cidade. Era isso. Podia ter ido para outro lugar, podia estar em outro lugar naquele momento. Mas por que iria embora assim, sem dizer nada para ninguém, sem me despedir nem de mim? Sempre fomos muito ligados.

No outro dia fui a um lugar que eu costumava freqüentar muito e perguntei se tinham me visto. Não era gente conhecida, precisei me descrever. Não foi difícil porque me usei como modelo. "Eu sou um cara, assim, como eu. Mesma altura, tudo." Não tinham me visto. Que coisa. Pensei: como é que alguém pode simplesmente desaparecer desse jeito?

Foi então que comecei, confesso, a pensar nas vantagens de estar sumido. Não me encontrar em lugar algum me dava uma espécie de liberdade. Podia fazer o que bem entendesse, sem o risco de dar comigo e eu dizer "Você, hein?" e eu ser obrigado a me dizer alguma coisa como "Vai ver se eu não estou lá na esquina". Mudei por completo de comportamento. Me tornei — outro! Que maravilha. Agora, mesmo que me encontrasse, eu não me reconheceria.

Comecei a fazer coisas que até eu duvidaria, se fosse eu. O que mais gostava de ouvir das pessoas espantadas com a minha mudança era: "Nem parece você."

Claro que não parecia eu. Eu não era eu. Eu era outro!

Passei a me exceder, embriagado pela minha nova liberdade. A verdade é que estar longe dos meus olhos me deixou fora de mim. Ou fora do outro. E um dia ouvi uma mulher indignada com o meu assédio gritar "Você não se enxerga, não?"

Foi uma revelação. Claro, era isso. Eu não estava sumido. Eu simplesmente não me enxergava. Como podia me encontrar nos lugares onde me procurava se não me enxergava? Todo aquele tempo eu estivera lá, presente, embaixo, por assim dizer, do meu nariz, e não me vira.

Por um lado, fiquei aliviado. Eu estava vivo e bem, não precisava me preocupar. Por outro lado, foi uma decepção. Concluí que não tem jeito, estamos sempre, irremediavelmente, conosco, mesmo quando pensamos ter nos livrado de nós.

A gente não desaparece. A gente às vezes só não se enxerga.

A decisão A moça suspirou fundo, pensou em todas as maneiras como podia mudar a sua vida — casar com um analista de sistemas ou um contrabaixista, entrar para uma ordem religiosa, cortar a carne vermelha e os derivados do leite ou até voltar para Faxinal do Soturno — e finalmente decidiu mudar de nome.

— Vou me chamar Gwyneth.

Não era nada, não era nada, já era um começo.

Sumido

O amigo me disse: "Você anda sumido", e me dei conta que era verdade. Eu também fazia tempo que não me via. O que teria acontecido comigo? Não me encontrava nos lugares em que costumava ir. Perguntava por mim e as pessoas diziam que havia tempo não me viam. E faziam a pergunta: "Que fim você levou?" Eu não tinha a menor idéia. A última vez em que me vira fora, deixa ver... Não me lembrava! Não lembrava a última vez em que me vira. Eu teria morrido? Impossível, na última vez em que me vira eu estava bem. Não tinha, que eu soubesse, nenhum problema grave de saúde. E, mesmo, eu teria visto o convite para o meu enterro no jornal. O nome fatalmente me chamaria a atenção.

Eu podia ter mudado de cidade. Podia ter ido para o Rio, podia estar no Rio naquele

momento. Mas por que iria embora assim, sem dizer nada para ninguém, sem despedir-me de mim? Sempre fomos muito ligados. No outro dia fui a um lugar que eu costumava frequentar muito e perguntei se tinham me visto. Não era gente conhecida, precisei descrever-me. Não foi difícil, porque me usei como modelo. "Eu sou um cara, assim, como eu, mesma altura, tudo." Não tinham me visto. Que coisa. Pensei: como é que alguém pode simplesmente desaparecer desse jeito?

Foi então que comecei, confesso, a pensar nas vantagens de estar sumido. Não me encontrar em lugar algum me dava uma espécie de liberdade. Podia fazer o que bem entendesse, sem o risco de dar comigo e eu dizer: "Você, hein?" e eu ser obrigado a me dizer alguma coisa como: "Vai ver se eu não estou lá na esquina." Mudei por completo de comportamento. Tornei-me — outro! Que maravilha. Agora, mesmo que me encontrasse, eu não me reconheceria. Comecei a fazer coisas que até eu duvidaria, se fosse eu. O que mais gostava de ouvir das pessoas espantadas com a minha mudança era: "Nem parece você." Claro que não parecia eu. Eu não era eu. Eu era outro! Passei a exceder-me, embriagado pela minha nova liberdade. A verdade é que estar longe dos meus olhos me deixou fora de mim. No caso, do outro. E, um dia, ouvi uma mulher indignada com o meu assédio gritar: "Você não se enxerga, não?"

Foi uma revelação. Claro, era isso. Eu não estava sumido. Eu simplesmente não me enxergava. Como podia me encontrar nos lugares onde me procurava se não me enxergava? Todo aquele tempo eu estivera lá, presente, embaixo, por assim dizer, do meu nariz, e eu não me vira. Por um lado, fiquei aliviado. Eu estava vivo e bem, não precisava me preocupar. Por outro lado, foi uma decepção. Concluí que não tem jeito, estamos sempre, irremediavelmente, conosco, mesmo quando pensamos nos ter livrado de nós. A gente não desaparece. A gente às vezes só não se enxerga.

Mudança — A moça suspirou, pensou em todas as maneiras de como podia mudar a sua vida — casar com um analista de sistemas, entrar para uma ordem religiosa, cortar a carne vermelha ou até voltar para Faxinal — e finalmente decidiu mudar de nome.

— Vou me chamar Gwyneth.

Não era nada, não era nada, era um começo.

Tea

Um salão na casa de lady Millicent em Mayfair, Londres. Lady Millicent recebe suas amigas Agatha, Pamela e Fiona para o chá. Um mordomo acaba de trazer uma bandeja com o bule, as xícaras, o açucareiro, leite, rodela de limão, sanduíches finos de pepino, scones e creme. Lady Millicent levanta o bule e oferece.

Millicent — Tea?

Todas — Yes, oh yes, lovely, etc.

Millicent (servindo Agatha) — E pensar que quase ficamos sem chá...

Agatha (assustando-se e quase derrubando a xícara) — O quê?!

Millicent — Vocês não souberam? Os plantadores de chá da Índia estiveram perto da falência.

Pamela — O Times de hoje não deu nada!

Millicent — Isso foi há muito tempo. Depois que destruímos a sua indústria de tecidos, a Índia teve que se dedicar exclusivamente à agricultura. Incentivamos os nativos a plantar chá, para nós, e ópio, para a China.

Fiona (tapando o riso malicioso com a ponta dos dedos) — Se fosse o contrário, o que nós não estaríamos fazendo aqui hoje, em vez de tomar chá?

Agatha — Cale-se, Fiona. Millicent, não nos deixe em suspense. O que aconteceu com os agricultores da Índia à beira da falência? Só a idéia de ficar sem chá...

Millicent — Foram salvos pela coroa inglesa.

Fiona — Mas Margaret Thatcher não era contra os subsídios que premiavam a ineficiência?

Agatha — Fiona, acho que vamos ter que jogá-la pela janela. A coroa inglesa, na época, não era Margaret Thatcher. Era a rainha Victoria, ou alguém parecido. Continue, Millicent.

Millicent — A agricultura da Índia quase faliu porque a China não queria comprar mais ópio.

Pamela — Meu Deus, por quê?

Millicent — Preconceito. Estavam morrendo chineses demais, ou ninguém mais queria trabalhar na China. Ou alguma outra obscura razão oriental. O fato é que a coroa forçou a China a aceitar o ópio da Índia. Foi lá, matou alguns milhares de chineses e acabou com a brincadeira. Os chineses concordaram em continuar comprando ópio da Índia, que pode continuar produzindo o nosso chá. Como se sabe, não há nada para convencer as pessoas das vantagens do comércio livre como uma canhoneira, ou duas.

Agatha (hesitando, antes de dar o primeiro gole) — Quantos chineses, Millicent?

Millicent — Quantos chineses o quê?

Agatha — Quantos chineses morreram, para podermos continuar a tomar nosso chá?

Millicent — Cálculo que, entre os que morreram das canhoneiras e os que morreram do ópio, alguns poucos milhões. Por que, Agatha querida?

Agatha — Quero ter certeza que não tem nenhum chinês morto na minha xícara.

Millicent — Ora, Agatha. Com todos os goles de chá que os ingleses tomaram desde então, nossa conta de mortos na China foi saldada há muito. Não há mais chineses mortos em nosso chá.

Agatha (tomando o primeiro gole). — Ainda bem. Sei que me fariam mal.

Millicent (para Pamela) — Açúcar?

Pamela (aceitando) — Obrigada. Não dispenso o açúcar. Não sei como as pessoas podiam viver sem açúcar.

Fiona — Mas alguma vez não existiu açúcar?

Millicent — Aqui mesmo, na Inglaterra, durante muito tempo, não existia o açúcar.

Fiona — Nem para o chá?!

Millicent — Principalmente para o chá. Foi para assegurar o suprimento de açúcar para o chá, depois que tomamos gosto, que a cultura da cana cresceu no Novo Mundo. E foi para a cultura da cana crescer que importaram trabalho escravo da África. Pode-se dizer que a escravatura se deve ao gosto por chá com açúcar.

Fiona — De certa maneira, então, a escravatura é culpa da Pamela.

Agatha — Por favor, Fiona. Quantos negros, Millicent?

Millicent — Você quer dizer, quantos negros morreram na captura dos escravos, na travessia, de maus-tratos, doenças e trabalho nas plantações para que houvesse açúcar para o nosso chá? É difícil dizer. Milhões. Muitos milhões. Por que, Agatha querida?

Agatha (continuando a tomar seu chá) — Por nada. Prefiro o meu sem açúcar.

Millicent (para Fiona) — Scones?

Fiona (hesitando antes de pegar um scone) — Você tem alguma história sobre os scones para contar, Millicent?

Millicent — Nenhuma, Fiona.

Fiona — Ninguém morreu para que existissem estes scones?

Millicent — Que idéia, Fiona. Eu mesmo os fiz, e não há uma gota de sangue na

minha cozinha.

Técnica e moral

A moral segue a técnica. O minigravador e o grampo telefônico fizeram mais pela virtude humana em poucos anos do que a pregação cristã em toda a sua história. As pessoas ficam cada vez mais cautelosas, ou cada vez mais reticentes. Corruptos e corruptores continuarão a existir, só não se telefonarão ou falarão tão livremente, o que deve no mínimo dificultar os negócios.

A técnica também mudou o registro histórico. Imagine como seria se na época em que Kennedy foi assassinado já existissem as ubíquas videocâmeras que hoje substituem as câmeras fotográficas até em aniversário de cachorro. Em vez daquele precário filme em 8 mm do atentado, estudado e reestudado quadro a quadro na busca de vestígios de uma conspiração, haveria teipes de todos os ângulos e com todas as respostas, como a cara, o nome e o CIC dos possíveis conspiradores. A proliferação das videocâmeras produziu um novo fenômeno, o de repórteres de tevê espontâneos, cujas imagens captadas por acaso podem render um bom dinheiro. E um novo dilema moral: largar a câmera para ajudar a vítima ou seguir gravando para lucrar com a cena?

Mas a técnica, ao mesmo tempo que desestimula a inconfidência, apóia a denúncia, desmancha o mistério e enriquece a notícia, pode empobrecer nossa percepção da história. As grandes batalhas e os grandes eventos da era pré-fotográfica foram registrados em quadros épicos em que o artista ordenava a cena em função do efeito, não do fato, ou não do fato exatamente.

A Primeira Guerra Mundial não foi mais terrível do que muitas guerras anteriores, só foi a primeira guerra filmada, a primeira com a imagem tremida e sem cor, por isso parece tão mais feia do que as guerras heroicamente pintadas. A guerra do Vietnã foi a primeira transmitida pela tevê, a primeira em que o sangue respingou no tapete da sala, por isso deu nojo. Os militares americanos aprenderam a lição e, anos depois, transformaram a guerra no Iraque num videogame, que ganharam literalmente brincando.

Remissão

Até surgir a possibilidade de ser tecnicamente denunciado, o político corrupto podia contar com a condescendência do público. Mesmo quando não havia dúvidas quanto a sua corrupção, havia sempre a suspeita de que não era bem assim — e o político tinha o privilégio do artista, de ser um canalha em particular se sua obra o redimisse. Uma única gravura do Picasso absolve uma vida de mau caráter. A obra do marquês de Sade é estudada com a mesma isenção moral dedicada à obra de Santo Agostinho — que nem sempre foi santo — e ninguém quer saber se o escritor engana o fisco ou bate na mãe se seus livros são bons. Ou querer saber, queremos, mas só pelo valor de fuxico. A absolvição custa um pouco mais quando o pecado do artista é o da ideologia errada. Pois se se admitia no político a perversão privada do artista, a única inconveniência intolerável no artista era a incorreção política. Assim um Louis Ferdinand Celine e um Wilson Simonal tiveram que esperar a remissão que o tempo acabou dando a Kipling, Claudel, Nelson Rodrigues, Jean Genet, etc. Mas a receberam.

O político que declaradamente roubava mas fazia tinha um pouco dessa imunidade de artista. Sua obra justificava seus pecados, quando não era uma decorrência deles. Todo o sistema de conveniências e deixa-para-laísmo que dominam o Congresso brasileiro e que está sendo julgado agora presume a mesma desconexão entre moral privada e moral aparente. A cultura do clientelismo, onde o suposto proveito político substitui a ética, está baseado nela. O que causou a atual revolta contra a roubalheira e a tolerância com a corrupção no Brasil, além das modernas técnicas para a sua averiguação, é a constatação de que aqui não se tinha nem a ética nem o proveito, roubava-se para poucos e não se fazia para a maioria. Em cleptocracias mais avançadas a obra dos artistas do desenvolvimento, todos bandidos, redimiu-os. Empresários corruptores e políticos corruptos fizeram dos Estados Unidos, por exemplo, o que eles são hoje. O capitalismo selvagem americano domou a si mesmo depois de construir um país, ou controlou-se razoavelmente, mas nos seus tempos desinibidos escandalizaria o Jader Barbalho. Aqui tem-se o crime mas ainda não se tem o país.

Mas é claro que ninguém sabe ainda se os eleitores de Jader, Maluf, etc. perdoarão ou não os artistas.

Tempo antigo

Até o nome era perfeito. Anastácia. A Helena só não disse para as amigas que ela tinha caído do céu porque imaginou a Anastácia, gorda daquele jeito, caindo em cima da sua casa e demolindo tudo. Mas que tinha sido um milagre encontrar uma cozinheira como aquela, como não se via mais, saída de um livro antigo, tinha. Os cabelos brancos, o sorriso permanente na grande cara preta, os peitos enormes, a simpatia. E dava para ver só pela cara que a sua comida era boa. Boa como também não se encontrava mais.

— Ela me pediu um tacho para fazer goiabada. Vocês acreditam? Vamos ter goiabada feita em casa!

As amigas tinham toda a razão para invejar a Helena. De onde saíra aquela maravilha?

— Ela se apresentou. Com credenciais e tudo. Pediu um pouco alto, mas dava para resistir? Com aquela cara? Contratei na hora.

* * *

Além da goiabada, Anastácia fazia conservas, compotas, geléias e doces.

Muitos doces. Doces todos os dias. Com ovos e muito açúcar. Helena pediu para ela manejar nos doces. O doutor não podia comer muito açúcar, ela mesma estava tentando perder peso, precisavam pensar nos dentes das crianças... Anastácia não entendeu.

— "Manejar"?

— É. Quem sabe doce só nos fins de semana?

O sorriso da Anastácia era de quem continuava não entendendo. Os seus doces não estava agradando? Helena recuou.

— Tudo bem, Anastácia. Faça o que você quiser.

Dava para resistir àquela cara?

* * *

Outra coisa: Anastácia anunciou que não sabia trabalhar com aqueles óleos esquisitos que encontrara na cozinha. Só sabia cozinhar com banha de porco.

Comida gostosa tinha que ser com banha de porco.

— Banha de porco? — assustou-se Helena. — Nem sei se ainda se encontra isso no...

— Pode deixar que eu encontro, dona Helena.

A primeira refeição que Anastácia fez com a banha de porco que trouxe, em latas, do mercado foi um grande sucesso. O doutor chegou a dizer que não comia um feijão como aquele desde a sua infância. As crianças adoraram as batatas douradas. Qual era o segredo da Anastácia, por que a sua comida era tão mais gostosa do que a que eles estava acostumados? Helena não contou da banha de porco. Precisaria de tempo para convencer Anastácia a voltar aos óleos esquisitos mas saudáveis. E, afinal, que mal poderia fazer uma semana ou duas de banha de porco? E que a comida ficava mais saborosa, ficava.

* * *

Uma noite, depois do jantar, o doutor estranhou o silêncio. Onde estavam os meninos? Eles costumavam correr da mesa para os seus barulhentos videogames e ficar jogando até a hora de dormir, todas as noites. Mas a TV deles estava em silêncio. E os meninos estavam na cozinha, ouvindo a Anastácia contar uma história. Helena e o marido foram espiar e deram com aquele quadro que também parecia saído de um livro antigo. Anastácia mexendo alguma coisa no tacho, fazendo um dos seus doces irresistíveis, e os meninos sentados no chão, ouvindo, embevecidos, a história que ela contava. O que Helena e o marido não tinham conseguido nem com súplicas nem com ameaças, tirar os meninos da frente da TV, Anastácia conseguira com suas histórias. E daquela noite em diante, depois do jantar, os meninos mal podiam esperar Anastácia tirar a mesa e lavar os pratos antes de sentarem no chão da cozinha para ouvir outra história. O doutor passou a ler seu jornal em paz e Helena passou a ver sua novela sem precisar aumentar o volume para abafar a zoeira dos videogames. Pensando sempre: "Que maravilha. Essa Anastácia, que maravilha." Pensando: "É como se tivéssemos voltado ao tempo antigo." E pensando: "Isto é bom demais para durar."

* * *

Uma noite, o filho menor fez uma coisa que não fazia há muito tempo. Pediu para dormir na cama com o pai e a mãe. Disse que estava com medo da mula-sem-cabeça. Do quê?! O mais velho, que chegou logo em seguida e também pediu refúgio na cama, contou que a história da mula-sem-cabeça era uma das que a Anastácia contava. Ela também contava histórias do Tião Tesoura, que entrava no quarto de garotos que faziam xixi na cama e cortava os seus pintos. E do Preto Mamão, que pegava crianças desobedientes e levava para criar junto com os seus porcos, e quando elas ficavam bem gordinhas, assava vivas. O doutor argumentou que os videogames dos meninos também estavam cheios de monstros, e que nenhum tirava o sono deles. Os meninos responderam que os monstros dos videogames eram eletrônicos, de mentira, e, mesmo, podiam ser desintegrados com zapeadas certas. Já a mãe da Anastácia vira, pessoalmente, a mula-sem-cabeça. Anastácia conhecia gente que conhecia vítimas do Tião Tesoura. Uma tia dela só se livrara de ser assada viva porque conseguira fugir do chiqueiro do Preto Mamão. E...

* * *

Helena pediu para Anastácia manear nas histórias que contava para os meninos.

— "Manear"?

— Inventa umas mais, assim...

— Eu não invento nada, dona Helena. Tudo que eu conto aconteceu mesmo.

Naquela noite, custaram a convencer os meninos a não sentarem no chão da cozinha para ouvir a história da Anastácia e irem jogar videogame. Eles queriam ser aterrorizados. Helena decidiu que era melhor mandar a Anastácia embora. Além dos dentes, precisava pensar na formação psicológica das crianças. O doutor também começara a se queixar de problemas gástricos, e não ia demorar muito para a sua taxa de colesterol ir lá em cima.

"É melhor mandar ela embora", pensou Helena.

E pensou: "Era bom demais para durar..."

Teses

— O homem é naturalmente polígamo.

Foi a tese que o Oscar propôs no churrasco depois do Brasil e Chile, que todos foram ver na casa do Remi, que tinha tevê com tela grande. Os homens se cotizaram e levaram a carne e a cerveja, as mulheres levaram saladas e doces, o Remi assou. O Remi, por sinal, lançou um movimento de volta à salmoura na feitura do churrasco, sustentando que o sal grosso já cumpriu seu ciclo histórico. Mas isso não tem nada a ver com a história.

Depois das comemorações pela vitória, da carne e de muita cerveja, a conversa derivou da atuação do Ronaldinho para a Suzana Werner e daí para o sexo e o futebol, depois para o sexo em geral. E foi então que o Oscar disse a sua frase.

— O homem é naturalmente polígamo.

— Ah é, Oscar? — disse Maria Helena, sua mulher.

Todos riram, alguém disse "Iih", outro disse "sai dessa, Oscar", e o Oscar se apressou a explicar que estava falando em tese, não defendendo a poligamia legal, muito menos um presumível harém particular. Mas, de acordo com sua tese, todos os monógamos ali viviam em conflito com a natureza. A mulher era naturalmente monógama. O homem não.

— Rá! — disse a Lucilene, mulher do Remi.

— Como, "rá"? — perguntou o Oscar.

— Você acha, então, que o instinto sexual é o que determina o que é natural ou não?

As risadas tinham parado com o "rá". Agora estavam todos prestando atenção. Afinal, era uma questão científica. O Oscar pensou na resposta, girando a cerveja no copo como se isso ajudasse seu raciocínio. Depois de alguns segundos, disse:

— Acho.

— Natureza é sexo?

— Não, mas é a nossa natureza sexual que determina o nosso comportamento. Ou devia determinar. Nossa cultura monógama é antinatural.

A Lucilene tinha bebido demais. Se entusiasmara com os quatro gols do Brasil, exagerara um pouco. Normalmente, quase não falava. Agora estava de pé, nariz a nariz com o Oscar.

— O homem está no seu apogeu sexual aos 17 anos de idade, certo?

Oscar concedeu o ponto.

— Certo.

— A mulher, aos 35. Certo?

Oscar abanou a cabeça, querendo dizer sim, não, talvez, mas... Lucilene insistiu.

— Está provado. É científico. O macho aos 17, a fêmea aos 35. Segundo a sua tese, o único casal natural, o único casal de acordo com a natureza, seria um homem de 17 e uma

mulher de 35.

Lucilene não disse "como eu", mas foi o que todo mundo ficou pensando. Lucilene estava com 35 e Remi estava mais perto dos 70 do que dos 17.

— Todos nós somos antinaturais, está entendendo? Todos os nossos casamentos estão errados!

Julinha decidiu intervir na conversa.

— Alguém quer mais rocambole?

Em casa, a Maria Helena cobrou do Oscar.

— Tinha que começar aquela conversa?

— Foi a Suzana Werner!

E todo mundo concordou que o Remi precisava pensar menos nos seus churrascos e mais no seu casamento com a Lucilene. O Remi colecionava espetos e os guardava em ordem, pelo tamanho. Aquilo não era natural.

Cara de...

A imprensa esportiva francesa varia do estilo literário de jornais como o Liberation e o Le Monde ao estilo mais solto dos jornais populares, mas na Itália até jornais como o La Repubblica, considerados "de classe", cobrem o futebol com descontração e bom humor.

Foi o La Repubblica que, comentando uma atuação apática do Edmundo antes da Copa, disse que ele parecia mais "Il vegetale" do que "Il animale". E há dias li no La Repubblica que o técnico Passarella, da Argentina, respondia às perguntas numa entrevista coletiva com a sua habitual cara de alguém que acabou de saber que arranharam sua Mercedes. Perfeito.

Tragédia

Entra o coro, caminhando lentamente e recitando.

Coro — Os deuses criam os homens e o seu destino e as musas fazem deles deuses da sua própria criação. Mas o infeliz Sófocles descobrirá que seu deus e sua musa nada podem quando um poder mais alto canta e, entre Zeus e Melpômene, outra divindade se alevanta. Entra, Sófocles, e sofre.

Entra Sófocles, abatido.

Sófocles — Eu, Sófocles de Atenas, laureado em todas as ilhas, o favorito de gregos e troianos, mesmo assim sou visitado por estranhas premonições, que causam apreensão e dor. Fui convocado pelo Adaptador... Mas que visão é essa que turva ainda mais minha mente inquieta?

Sófocles depara-se com a Esfinge.

Esfinge — Decifra-me ou eu te devoro.

Coro — Epa!

Esfinge — Qual é o animal que de manhã está de quatro, durante o dia anda sobre três pernas e ao entardecer está de quatro outra vez?

Sófocles (irritado) — É o Adaptador, que amanhece de quatro, durante o dia anda

sobre três patas porque precisa de uma para mexer no meu texto e no fim do expediente está de quatro outra vez. Sei lá.

Coro — Boa, boa.

Esfinge — Acertou. Pode passar.

Sófocles — Meu coração sem consolo indaga, qual a pior provação? O corpo jantado pela Esfinge ou a alma, por uma adaptação? Mas eis o Baixo Olimpo, onde, dia sim, dia não, um clássico é servido, em sacrifício, à popularização.

Sófocles encontra o Adaptador.

Adaptador — Sua peça, Édipo Rei... Não sei não. O público vai ao teatro para se divertir e esquecer seus problemas com coisa rasa. Parricídio, incesto — isso eles têm em casa! Sugiro algumas mudanças...

Sófocles — Mudanças?

Adaptador — Coisa pouca. Fica tudo como está — a mesma trama, as mesmas situações, os mesmos personagens, coisa e tal — só que agora é um musical.

Coro — Ai, ai, ai...

Sófocles — Um musical? Isso é um acinte!

Adaptador — E se passa nos anos 20. Ouça, veja se não o seduz. Jocasta é a dona de um bar onde Édipo canta blues...

Sófocles — Arkh!

Sófocles arranca os olhos.

Coro (em polvorosa) — O que é isso? Meu Deus! Alguém, ajude! Que coisa!

O coro sai de cena, apavorado, cada um correndo para um lado.

Sófocles — Não acredito. Onde estou?

Adaptador — Shakespeare não reclamou...

Sófocles começa a rasgar a roupa.

Adaptador — Está bem, está bem. Se você vai transformar isto numa tragédia grega...

Trissexual

As amigas se contavam tudo, tudo, do mais banal ao mais íntimo. Eram amigas desde pequenas e não passavam um dia sem se falarem. Quando não se encontravam, se telefonavam. Cada uma fazia um relatório do seu dia e do seu estado, e não escapava uma ida ao súper, um corrimento, uma indagação filosófica ou uma fofoca nova. Deus e todo o mundo, literalmente. Janice, Marília e Branca.

Branca era a mais nova, mas já casara e já enviudara, o que despertara um certo pânico protetor nas outras duas. Tudo acontecia rápido demais para a Branquinha. Precisavam proteger a Branquinha da sua vida precipitada, da sua vida vertiginosa. Por isso, Janice telefonou para Marília quando soube que a Branquinha estava namorando um homem chamado Futre, Amado Futre, Rosimar Amado Futre, e que, como se não bastasse isto, ele declarara à Branquinha que era trissexual.

Marília não se surpreendeu porque já sabia. Já tinha falado com a Branquinha. As amigas se diziam tudo.

— Marília de Deus — disse a Janice. — O que é trissexual?!

— Bom... Bi eu sei.

— Bi eu também sei!

- Bi é quando transa com os dois sexos.
- Eu sei!
- Tri deve ser quando transa com dois sexos e com bicho.
- Com bicho?!

Janice teve uma visão da Branquinha na cama com Rosimar Amado Futre, o porteiro do prédio e uma cabra. Ou um cabrito?

- Bichos dos dois sexos?
- E eu vou saber?!, gritou a Marília.

Era preciso proteger a Branquinha, cujo marido morto, o Aderbal, já não tinha sido boa coisa. Cujos marido morto — conforme relato detalhado da Branquinha — só se excitava quando ela usava uma camiseta do Olaria por cima do corpo, na cama, e morrera de soluço. Algo no piloro. Mas proteger a Branquinha do que, exatamente?

- O que é trissexual? — perguntou a Janice ao seu marido Rubião.
- Ahn? — disse Rubião, acordando.

Rubião dominara o truque de segurar um jornal na frente do rosto e dormir sem que a mulher notasse, Janice não entendia como um homem que lia tanto jornal podia ser tão mal informado.

- O que é trissexual?
- É... é...
- Volta pro teu jornal, Rubião.

Apesar de ser a mais moça das três, Branquinha fora a primeira a perder a virgindade. Já fizera tudo que pode ser feito sobre uma cama. Ou, no caso dela, sobre uma mesa de jantar ou pingue-pongue, sobre um estrado, numa praia, no meio do campo, uma vez até no último banco de um ônibus intermunicipal, antes de conhecer o Aderbal — e sempre contando tudo, tudo, às outras duas. Que também contavam tudo que lhes acontecia, só não tinham tanto para contar. A Janice, inclusive, depois de descrever como fora a sua primeira vez, com o Rubião, na noite de núpcias, pedira desculpa às amigas.

O que podia fazer? Só acontecera aquilo. Queriam que ela inventasse? A Marília, que ainda não se casara e namorava um dentista chamado João, inventava. Para as outras não pensarem que ela também não tinha uma vida sexual. Mas nem as invenções mais criativas da Marília se igualavam às experiências da Branquinha. E agora um trissexual chamado Amado Futre!

Branquinha talvez estivesse indo longe demais. Era preciso proteger a Branquinha.

Apesar de vários avisos ("Olhe lá, hein, Branquinha?"), a Branquinha concordou em passar um fim de semana na serra ("Onde tem cabrito", observou a Janice, nervosíssima) com o Rosimar Amado Futre. Ficou combinado que, na volta, contaria tudo para as amigas. Mesmo se voltasse tarde na noite de domingo, telefonaria para contar. Mas veio a noite de domingo, veio a segunda, veio a terça, e nada da Branquinha telefonar. Teria lhe acontecido alguma coisa? Ela estaria num hospital, com um deslocamento, depois do que o Futre lhe fizera? Mordida por algum animal, nos arroubos da paixão? Janice não se conteve e telefonou para a Branquinha. Que estava em casa.

- E aí? Como foi?
- Nem te conto.

E não contou. Apesar da insistência da Janice, e depois da Marília, e depois das duas que, desesperadas, invadiram seu apartamento e exigiram um relato completo do que tinha acontecido, e imploraram para saber o que era, afinal, um trissexual, Branquinha não contou nada. A verdade era que, com sua nova experiência, já não tinha o que conversar com as outras duas.

- Marília resolveu perguntar ao namorado João, o dentista, o que era trissexual.
- Tri?!

- É. Tri em vez de bi.
- Bi?!
- Esquece, João.

Uma moça um pouco

Vizinhos de porta, ele o 41 e ela o 42.

Primeiro lance: ela. Bateu na porta dele e pediu açúcar emprestado para fazer um pudim.

Segundo lance: ela de novo. Bateu na porta dele e perguntou se ele não queria provar o pudim. Afinal, era co-autor.

Terceiro lance: ele. Hesitou, depois perguntou se ela não queria entrar. Ela entrou, equilibrando o prato do pudim longe do peito para não derramar a calda.

— Não repara a bagunça...

— O meu é pior.

— Você mora sozinha?

Sabia que ela morava sozinha. Perguntara ao porteiro logo depois de se mudar. A do 42? Dona Celinha? Mora sozinha. Morava com a mãe mas a mãe morreu. Boa moça. Um pouco... E o porteiro fizera um gesto indefinido com a mão, sem dizer o que a moça era. Fosse o que fosse, era só um pouco.

A conversa começou com apresentações e troca de informações — "Nélio", "Celinha", "Capricórnio", "Leão", "Daqui mesmo", "Eu também" — e continuou enquanto comiam todo o pudim, que estava ótimo. Mas quando ela disse "Como a gente se entendeu bem, né?", cobrindo a mão dele com a dela, ele decidiu dar um lance preventivo e declarou que não queria envolvimento em sua vida. Queria ser um homem sem envolvimento. Entende? Sua decisão de vida era não ter envolvimento.

— Como, envolvimento? — perguntou ela.

— Envolvimento — explicou ele.

Antes de sair, com a cara amarrada, ela disse:

— Me empresta uma gilete?

— Gilete? Eu não uso gilete.

— Não faz mal, eu tenho em casa.

E saiu, pisando firme e sem olhar para trás.

Uma hora depois, bateu na porta.

— Esqueci o prato do pudim.

Ele viu que ela tinha cortado os pulsos. O sangue pingava nas lajes do corredor.

— O que é isso?!

E todo o tempo, enquanto ele estancava a sangueira da melhor maneira possível, e a colocava no seu carro, e a levava em disparada para o hospital, ela só repetia:

— Ué, não era você que não queria envolvimento? Não era você?

Corta para um mês depois. Ele descendo no elevador com o Marçal, do 43. Nunca tinham passado do "Bom dia" e do "Calor, né?", antes, mas desta vez o Marçal puxa conversa.

— Você já conheceu a tia Vitória?

— Já. Como é que você sabe?

— A tia Vitória? A da alergia crônica? Muito andei com ela. Levei até em

acupuntura. O Tuinho também. Fui eu que arranjei vaga na escola pra ele. O primo Alaor... Durante um ano, não fiz outra coisa senão cuidar da família da Celinha.

— Mas como...

— Ela pediu açúcar emprestado, não foi? Depois trouxe o pudim. Comigo foi a mesma coisa. Quando eu vi, estava envolvido com a vida dela. Estava servindo de enfermeiro, de motorista... Mas ela é uma boa moça. Só um pouco...

— É.

— Aceite um conselho. Jamais desconte um cheque do Alaor.

— Sei. Obrigado. Eu... já vou indo.

— Certo.

— Tenho que buscar o Tuinho e levar na aula de judô.

— Eu sei, é quarta-feira.

Vergonhas

O Brasil mantém vivos os mitos que faziam os europeus se lançarem ao mar em cascas de nozes na conquista do desconhecido. Eles vinham para este Outro Mundo para explorar, subjugar, catequisar e — no caso dos portugueses — porque era preciso, mas também vinham atrás de fantasias. Uma das mais chamativas era a fantasia erótica. A expansão do cristianismo se misturava com a expansão dos sentidos reprimidos na Europa da Reforma. Não é preciso ir além de Os Lusíadas para flagrar (como fez, num livro fascinante chamado *The Book of Babel*, o inglês Nigel Lewis) a confusão, nas almas navegadoras portuguesas, entre a Virgem Maria, padroeira de Portugal e protetora dos seus navios, e Vênus, a estrela do mar, guiando-as para a Ilha do Amor e outros prazeres pagãos em paraísos ainda não conquistados. A Virgem com ares de Vênus de Camões é um pouco a Vênus com cara de Virgem de Botticelli, saindo de dentro de um "coquille Saint Jacques", outra tentação marítima. A confusão é antiga. Maria vem de "mare". Afrodite, o outro nome de Vênus, quer dizer "nascida da espuma" ("aphrós", em grego). A espuma do mar tem conotação sexual e simboliza o esperma em vários mitos de origem — e não vamos nem falar nas alusões sexuais de conchas e moluscos. A fantasia era poderosa, e os fatos muitas vezes a reforçavam, com simbolismo irresistível. A grande aventura atrás de lucro e conhecimento, mas insuflada pela testosterona, teve uma espécie de síntese casual na primeira viagem do capitão Cook, em 1769. A viagem era para fazer um estudo astronômico da trajetória de Vênus. Acabou na descoberta da Polinésia, um arquipélago do Amor, e das suas nativas desinibidas e dadas. Hoje, os turistas sexuais que desembarcam de aviões no Rio ou no nordeste brasileiro dispensam a estrela-guia sedutora. Navegam pela nossa reputação, mas perseguem a mesma fantasia. E o que os entusiasma nas nossas nativas pré-adolescentes devem ser as mesmas "vergonhas tão altas e tão cerradinhas, de a nós muito bem olharmos, não tínhamos nenhuma vergonha" que entusiasmaram Pero Vaz de Caminha há 500 anos. Nada, na verdade, mudou.

Outro mito que o Brasil se encarregou de não deixar morrer é o de El Dorado, a fantasia da fortuna instantânea. El Dorado existe, e é aqui. Ou foi aqui, no mês de janeiro, quando alguns bancos lucraram de um dia para o outro o que provavelmente ninguém tinha lucrado de uma vez só, dentro da lei, em 500 anos. E não tivemos nenhuma vergonha.

Viagens no tempo

Nenhuma ficção sobre viagens no tempo, que eu saiba, foi sobre a que para mim, seria a mais fascinante — e terrível: ser transportado para o mundo como ele era antes de aprendermos a fazer fogo. Imagine-se neste passado.

Esqueça o frio. Mesmo sem o fogo, já saberíamos como nos aquecer. E é provável que você tenha caído na África Equatorial, onde, dizem, tudo começou. Ou nós começamos. Não é isto.

Num mundo sem fogo, não existe luz. Pense nisto: depois que o sol se põe, não se enxerga mais nada. Até o sol reaparecer, não se enxergará mais nada.

Você estará numa escuridão total e irremediável. A luz das estrelas não o ajudará a saber se aquele escuro mais espesso que parece se mover é um parente, um amigo ou um leão. Uma lua cheia melhorará a sua percepção, mas não muito: cada sombra indefinida continuará a ser uma ameaça e um possível terror. Quando não houver estrelas ou lua, você só saberá o que acontece à sua volta pela audição, o olfato ou, meu Deus, o tato. Imagine a vida sem nem um pau de fósforo. Imagine uma noite inteira de ruídos estranhos dos quais você não pode fugir, pois como encontrará uma árvore no escuro?

Imagine-se aninhado numa árvore para passar a noite com segurança e descobrindo, ao amanhecer, que dormiu abraçado a uma jibóia! Eu sei que não tem jibóia na África Equatorial, é só um exemplo.

Quantos anos os pré-homens terão vivido assim, só conhecendo o fogo dos incêndios provocados na mata por relâmpagos e desesperados por algum meio de domesticá-los, os relâmpagos ou o fogo, para iluminar as suas noites? O sol seria adorado pelos primitivos porque era a fonte da vida e, afinal, qualquer bola incandescente daquele tamanho passando diariamente pelo céu fatalmente causaria admiração, mas desconfio que o que era adorado, acima de tudo, era a luz. Não a lâmpada mas a sua dádiva, o poder de enxergar. O fim do terror do invisível, ainda mais do invisível que roncava.

O sono é uma decorrência da mecânica do Universo. Dormimos porque a Terra gira em torno do seu eixo e uma das suas metades está sempre na sombra e seus habitantes não têm o que fazer no escuro a não ser dormir. Como continuamos a dormir como fazíamos na savana africana, ou pelo menos a ter sono a intervalos regulares, isto significa que o cérebro humano não tomou conhecimento nem da invenção da fogueira, quanto mais da lamparina, da lâmpada a gás e da luz elétrica. Para o nosso cérebro, a escuridão da noite continua total e irreversível. Ele ignora os avanços na nossa percepção do mundo, um pouco como a burocracia brasileira ignora a informática e continua presa a vias e carimbos pré-históricos. Temos sono porque o nosso cérebro ainda não sabe que enxergamos no escuro.

Viagens no tempo seriam mais atraentes e proveitosas se pudéssemos ir em busca dos nossos antepassados. Não dos conhecidos, mas dos mais remotos. Os da savana. Munidos de algum tipo de documento de identidade genética, e com algum meio de identificar geneticamente os outros, mesmo os outros primitivos, que substituísse o puro palpite ("Sei não, mas aquele hominídeo tem o nariz da tia Dulce"), sairíamos à cata de parentes na era pré-fogo, numa viagem sentimental às origens do nosso DNA. Uma excursão à nascente Sabemos algumas coisas com absoluta certeza sobre os nossos antepassados genéticos. Sabemos com absoluta certeza que todos viveram até a maturidade sexual, que todos tiveram pelo menos uma relação sexual na vida e que todos, sem exceção, eram férteis, o que reduz bastante o campo de pesquisa. Só teríamos que procurar entre fêmeas com filhos que nos ajudassem a localizar os pais das crianças e, entre estes, o que tivesse o DNA como o nosso.

Ajudaria, claro, se também tivesse o nariz da tia Dulce.

O que diríamos para este antepassado, em que língua, com que gestos? Só agradecer

por ter sobrevivido ao duro início da vida humana, inclusive aos leões, e assim iniciado a nossa linhagem não seria o bastante. O momento requereria alguma solenidade. Talvez um discurso, dizendo que não o tínhamos desapontado, que também tínhamos vivido o suficiente para passar adiante nossos genes e assegurar a sua descendência, milhões de anos depois. E trocaríamos presentes.

Que presente poderíamos levar da nossa era para ele? Eu levaria uma caixa de fósforos.

Vocações

Com o fim do ano escolar e a aproximação dos vestibulares, o pensamento dos jovens se vira para assuntos sérios como o futuro enquanto seu corpo tenta convencê-los a só relaxar e aproveitar as férias. É a velha luta entre neurônios e hormônios chamada adolescência, tornada mais grave pelo calor e a obrigação de decidir o que se vai ser na vida. É quando os jovens precisam pensar na sua vocação.

A vocação envolve questões como genética X cultura, hereditariedade X influência do meio — enfim, esse antigo torneio de teorias que nunca se decide. Por que certas pessoas "dão" para certas coisas e outras não? Mais especificamente, por que eu sou um zero em matemática, enquanto tantos à minha volta não só sabem fazer contas como gostam? Meu cérebro já nasceu decidido a rechaçar qualquer tentativa de introduzirem nele a raiz quadrada ou isso foi uma decisão minha que ele acatou? O fato é que há pessoas que querem ser dentista desde pequenas e outras que não apenas não concebem como alguém possa ter uma vocação assim como têm de se controlar para não morder seu dedo, revoltadas.

Há anos que se discute a divisão entre a cultura científica e a cultura humanística e é quase como se falassem de duas raças humanas diferentes. Os que defendem que a divisão não é genética sustentam que não dá para saber, pelo comportamento da criança até os seus 5 anos, se ela vai ser de uma cultura ou de outra. Se o garoto gosta de abrir a barriga do ursinho tanto pode significar que ele vai ser um cirurgião ou um médico legista quanto que vai ser filósofo e estripador amador nas horas vagas. O meio é que determinaria a vocação e o destino. Condicionado pelo meio, o filho de um médico teria naturalmente mais chances de ser um médico também enquanto o filho de um filósofo estripador teria muito mais chances de acabar na cadeia, ou escrever um livro de memórias sensacional. Já outros sustentam que a genética é tudo e no espermatozóide que fecunda o óvulo já está o contador ou o poeta, o advogado ou o engenheiro, o ator ou (por alguma razão) o dentista. E há os que garantem que o espermatozóide não decide nada, pode chegar no óvulo com os planos que quiser, cheio de ânimo e moral — afinal, derrotou milhões de outros espermatozóides na corrida para ser o primeiro, é natural que se sinta um vencedor e capaz de tudo — pois quem decide mesmo é o óvulo.

— Presidente da República coisa nenhuma. Contrabaixista e numismata.

— Mas, mas... — tenta protestar o espermatozóide.

— Quietos. Lembre-se que você é o intruso aqui. Eu estou em casa. E na minha casa mando eu!

Seja por influência do meio ou por compulsão genética, o fato é que a partir de uma certa idade nós todos sabemos se queremos abrir barrigas ou não. É verdade que muitas vezes a pessoa chega ao vestibular sem uma idéia muito clara do que vai ser:

— Estou entre letras, educação física e oceanografia...

Mas o comum é a pessoa saber pelo menos se é da raça científica ou da humanística e depois escolher entre as opções de cada uma. O que não impede os mal-entendidos. Lembro como eu gostava daqueles problemas matemáticos com historinha, tipo: "Se um trem sai de uma estação a tal hora viajando a tantos quilômetros por hora e outro sai de outra estação a tantos quilômetros de distância na mesma hora e na mesma velocidade, mas o maquinista precisa passar em casa e perde cinco minutos..." ou "Se uma mãe tem três pedaços de laranja para repartir entre cinco filhos..."

Cheguei a pensar que meu cérebro gostava de contas e minha vocação era para as ciências exatas, até me dar conta que eu não gostava da matemática. Gostava era das historinhas.

Voto eletrônico

A urna eletrônica é, imagino, apenas o começo de uma informatização progressiva do processo eleitoral que culminará, um dia, com a eliminação do próprio candidato. Em vez de digitar na urna os números que identificam o candidato com as características e as qualidades que você quer, você digitará os números que identificaram as características e as qualidades que você quer — e o computador fabricará um candidato com as especificações mais procuradas. Em vez de um presidente, por exemplo, teremos uma espécie de print-out. Há quem diga que os presidentes de países como o Brasil já são print-outs, só que neste caso o computador está em Washington.

As mudanças que o computador trouxe para as eleições equivalem às que ele trouxe para a literatura. Mudou o folclore. Com a substituição da máquina de escrever pelo processador de texto não existe mais o original corrigido, no qual você acompanhava a criação do autor, suas vacilações e arrependimentos e acréscimos. Os computadores eliminaram até o que o escritor tem de mais pessoal e enternecedor, seus erros de ortografia. O meu não se recusa a aceitar a palavra errada, mas a sublinha em vermelho escandalizado e tenho certeza que precisa se controlar para não apitar ou fazer quá-quá-quá.

No caso das eleições, o computador acabou com a recontagem de votos. E, pelo menos nesta primeira fase da informatização, quando as pessoas ainda têm um certo respeito reverencial pela novidade, ninguém ainda sugeriu que eleição eletrônica também pode ser fraudada. Mas eu já ouvi dizerem que é mais fácil fraudar uma eleição por computador do que era com o papel dobradinho contado e recontado. Basta um programa de apuração sutilmente alterado para... Curioso. Acabei de digitar a frase acima e o meu computador a sublinhou duas vezes em roxo reprimenda. E apitou!

Aparentemente existe um espírito corporativista entre os computadores de todo o mundo, que se protegem mutuamente contra o desmascaramento e a crítica. Ai! Agora ele prendeu meu dedo no teclado. Está bem, retiro o que eu digitei. Não adianta... No capitalismo, algum tipo de máfia é o caminho natural de todas as coisas. Mesmo as eletrônicas.

Como o amor e as compras, um dia a democracia também será feita só através da Internet. Você não precisará sair de casa para votar — e poderá votar em qualquer eleição do mundo! Se a globalização já tivesse chegado a esse ponto, você poderia ter votado nas recentes eleições na Alemanha, por exemplo. Só não votará quem não estiver ligado na Internet, mas a essa altura quem não estiver ligado na Internet não fará mais nada. E um dia

o circuito se fechará. Digitaremos no nosso computador para eleger computadores. Computadores programados farão o trabalho do Legislativo e do Executivo. Eliminaremos o fator humano, a técnica nos dominará e seremos felizes. Ou infelizes, dará no mesmo, porque não haverá ninguém para culpar, e os compradores farão pouco dos nossos protestos. Até o presidente será um computador central. Mas o vice será o Marco Maciel.

Sexo dos anjos 2

O primeiro encontro com meu anjo da guarda não satisfaz minha principal curiosidade a respeito dos anjos. Ele tinha o cabelo curto e vestia terno e gravata, como muitas mulheres hoje em dia. E usava brincos e outras jóias e, se não me engano, uma leve maquiagem, como tantos homens estão usando. Ele mesmo não quis responder se era masculino ou feminino, alegando que não interessava. Protestei que interessava, e muito, pois eu precisava saber com quem, ou pelo menos com o que, estava falando. Perguntei seu nome. Juraci. Não ajudou. Conheço Juraci homem e Juraci mulher. Resolvi mudar de tática. Perguntei desde quando ele era meu anjo da guarda.

— Desde o primeiro minuto, ora. Quando você chegou, eu estava esperando.

— Quer dizer que nós temos o mesmo anjo da guarda por toda a vida? Nunca há, por assim dizer, uma mudança da guarda?

— Não. Somos designados para uma só pessoa do começo ao fim. Até por uma questão prática. Uma mudança no meio do caminho daria muito trabalho. Teríamos de treinar o novo anjo, transmitir todo o nosso conhecimento do elemento, seus hábitos, os riscos que toma, o ambiente em que vive...

— "Elemento"?

— É como chamamos quem está sob a nossa proteção. Sabe como é, linguagem de guarda.

— E quando um de nós, hm, morre...

— Bate na madeira.

— Vocês são logo designados para outro recém-nascido ou...

— Depende. Se estamos terminando um serviço duro, guardando alguém que viveu muito perigosamente, temos direito a uma licença-prêmio. Se não, pegamos outro serviço em seguida.

— Vocês escolhem quem vão guardar?

— Não. Existe uma central que faz a distribuição. Mas há uma hierarquia. Os anjos com mais tempo de serviço pegam os trabalhos mais fáceis, geralmente guardando pessoas mais ricas que já têm seus próprios esquemas de proteção dos perigos da vida, como a doença e, no caso do Brasil, a Saúde, e os iniciantes pegam os elementos com alta taxa de risco, que são maioria. O último elemento que eu guardei, antes de você, foi um trapezista.

— Então você deve ter recebido uma licença-prêmio e tanto.

— Nada. Ele morreu com 90 anos e em toda a sua vida só caiu duas vezes, na rede. Eu até pedi para ser designado para guardar um investigador da Máfia, em Palermo, para compensar o tédio com o trapezista, mas me deram você. Mais tédio.

— Espera um pouquinho. E aquela vez que roubaram meu carro e me levaram junto, com um revólver apontado para a minha cabeça?

— Não me lembro disso...

— Pois é, mas aconteceu.

— Eu devo ter dormido. É difícil manter os olhos abertos, guardando você.
— E aquela vez em que...
— Pare! Já foi chato viver sua vida junto com você, é preciso recapitular?
— Quer dizer que você esteve sempre ao meu lado?
— Sim. A não ser no tal assalto, quando eu devo ter terceirizado.
— Você sabe todos os meus segredos, minhas intimidades, tudo.
— Por favor, não me lembre.
— E quando eu faço uma simples pergunta sobre o seu sexo...
— Não! Mas por que esse interesse pelo meu gênero!
— É porque o limite da minha curiosidade metafísica é o sexo dos anjos. E também porque...

— O quê? — disse Juraci com impaciência.

— Preciso de subsídios.

— Pra quê?

— Outra crônica sobre nada.

Horrores

Há dias uma revista semanal publicou a fotografia de um homem linchado, num dos tantos conflitos atuais da África. A foto era em cores, explícita e terrível, mas os órgãos genitais do homem tinham sido eletronicamente editados para não aparecer. Nada a ver, mas me lembrei do cômico americano Lenny Bruce, que tinha um monólogo sobre pornografia e hipocrisia envolvendo os usos do travesseiro. Qualquer criança americana podia ver no cinema ou na TV um travesseiro sendo usado para sufocar alguém até a morte. Horror mesmo era quando o travesseiro aparecia numa cena como a que Bruce passava a descrever, dramaticamente. Um homem aproxima-se de uma mulher deitada na cama, segurando um travesseiro. O que vai fazer com o travesseiro? A mulher está sorrindo. Parece não saber o fim que a espera. O homem aproxima-se mais. Também está sorrindo. Ajoelha-se na cama. Levanta o corpo da mulher e... Meu Deus! Coloca o travesseiro sob o corpo da mulher! E começa a penetrá-la! A mulher geme, mas não é de dor. Em vez de usar o travesseiro para um fim socialmente aceitável como matar a mulher, o homem o está usando para aumentar seu prazer. Os dois estão se amando! Tirem as crianças da sala!

A intenção editorial ao mascarar os órgãos genitais da vítima de uma atrocidade pode ser nobre, a de poupar o massacrado da indignidade adicional da exposição pública. Mas há algo de insólito, de tragicamente cômico, neste pudor seletivo. É como se, numa cena que não nos poupa nada da selvageria da nossa espécie, num quadro de degradação humana completa — seja o de um linchado na África ou de chacinados numa prisão aqui perto — selecionassem um ponto de resistência e respeito aos sentimentos, e esse ponto fosse justamente o recato sexual, para não chocar ninguém. As crianças podem ser expostas a todos os terrores de um mundo em que o desrespeito ao ser humano tornou-se uma banalidade, desde que não apareça o pipi.